

UNIVERSIDADE DE LISBOA – UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA –
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



**Normas, estratégias e técnicas na tradução literária direta
do polaco para o português europeu (1990-2010)**

Maria Teresa Faria Aguilar Bação Fernandes Swiatkiewicz

Orientadoras: Prof.^ª Doutora Teresa Maria Menano Seruya (UL)

Prof.^ª Doutora Hanna Krystyna Jakubowicz Batoréo (UAb)

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Estudos de Tradução

UNIVERSIDADE DE LISBOA – UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA –
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



**Normas, estratégias e técnicas na tradução literária direta
do polaco para o português europeu (1990-2010)**

Maria Teresa Faria Aguilar Bação Fernandes Swiatkiewicz

Orientadoras: Prof.^ª Doutora Teresa Maria Menano Seruya (UL)

Prof.^ª Doutora Hanna Krystyna Jakubowicz Batoréo (UAb)

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em Estudos de Tradução

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

2017

Resumo

O estudo das normas, estratégias e técnicas na tradução literária direta do polaco para o português europeu (1990-2010) insere-se no âmbito da investigação dedicada à história externa e interna da tradução literária numa perspetiva descritiva. A abordagem segue o modelo dos Estudos Descritivos de Tradução, concebido por Gideon Toury (1995/2012), tendo carácter empírico, comparativo, descritivo e explicativo.

O estudo pretende refletir sobre a prática tradutória no par de línguas polaco-português europeu, com base num *corpus* de dez obras literárias escritas originalmente em língua polaca e das respetivas dez traduções, executadas diretamente do polaco para o português europeu, num período compreendido entre 1990-2010, ou seja, durante vinte anos.

Conjugando conhecimentos de Estudos de Tradução, de Teoria da Literatura e de Linguística, a investigação, sustentada no modelo tripartido de Toury (1995/2012), começa por fazer uma breve incursão na história externa da tradução para investigar o contexto que, em Portugal, favoreceu a tradução das referidas dez obras com vista a reconstruir (i) as normas preliminares que ditaram as políticas de tradução, bem como os motivos que levaram os editores a optar pela tradução direta.

No cumprimento do modelo escolhido, a investigação prossegue com a análise comparativa dos textos de partida e de chegada com o objetivo de averiguar (ii) as normas iniciais (estratégias) que dão origem às estratégias macrotextuais de tradução, escolhidas previamente pelos tradutores, a saber: adequação, quando o tradutor preserva normas do texto de partida, ou aceitabilidade, quando o tradutor adere às normas de escrita da cultura de chegada. Neste passo, o estudo investe ainda na aferição de algumas marcas distintivas dos tradutores a nível lexical, sintático e estilístico.

Por último, a investigação debruça-se sobre (iii) as normas operacionais (técnicas) que determinam as decisões tomadas pelos tradutores a nível microtextual, especialmente no que respeita a questões lexicais, sintáticas e estilísticas.

Palavras-chave: Tradução Direta Polaco-Português Europeu; Literatura Polaca Traduzida; Normas; Estratégias; Técnicas.

Abstract

The investigation of norms, strategies and techniques in direct Polish-European Portuguese literary translation (1990-2010) falls within the scope of research dedicated to internal and external history of literary translation in a descriptive framework. The approach follows the model of the Descriptive Translation Studies, designed by Gideon Toury (1995/2012), and thus has an empirical, comparative, descriptive and explanatory character.

The purpose of the study is to examine the translation practice in the language pair Polish-European Portuguese by means of a close comparative analysis of a corpus consisting of ten literary works originally written in Polish and the respective ten direct translations to European Portuguese. The study covers a period of twenty years from 1990 to 2010.

As Translation Studies are an interdisciplinary academic field, the study resorts to Translation Theory, Literature Theory and Linguistics in order to explore the Portuguese context that allowed the translation of Polish literature, and to compare source and target texts.

The study follows Toury's tripartite (1995/2012) model, and begins with a brief insight to the external history of translation in order to investigate the Portuguese context, which favoured the translation of ten works of Polish literature. The aim is to reconstruct (i) the preliminary norms of translation regarding the nature of translation policy, and the directness of translation in the Polish-Portuguese case.

In compliance with Toury's model, the research continues with a thorough comparative analysis of source and target texts in order to scrutinize (ii) the initial norm (strategies), which gives birth to strategies previously chosen by translators. The first and basic choice is made between adequacy, the preservation of source text norms, and acceptability, the adherence to norms active in the target culture. At this point, the study still aims at assessing the distinctive marks of individual translators as far as lexical, syntactic and stylistic issues are concerned.

Finally, the research focuses on the reconstruction of (iii) operational norms (techniques) which govern the decisions made by translators during the act of translation itself, affecting the matrix of the text, as well as the textual make-up and verbal formulation, especially with regard to lexical, syntactic and stylistic issues.

Key-words: Direct Polish-European Portuguese Translation; Translated Polish Literature; Norms; Strategies; Techniques.

WILK (2006)

Estrela da manhã (Libera)

Comprimido calmante (Szymborska)

Companheiro de viagem (Grabiński)

Agradecimentos

(por ordem cronológica)

A minha Mãe, Maria Paulina, e a meu Pai, Manuel Leonardo, tudo (*in memoriam*).

Ao Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP) pela nomeação para o exercício de funções como leitora de língua e cultura portuguesa na Universidade de Varsóvia, entre 1982-1986.

À República Popular da Polónia (PRL) pela aceitação gratuita no curso de Filologia Polaca na Universidade de Varsóvia, contra as expectativas e as circunstâncias políticas da época.

À Prof.^ª Dra. Hanna Batoréo, pelo entusiasmado incentivo desde sempre, pela impagável coorientação e revisão da tese, paciente, minuciosa e crítica, sempre muito estimulante.

À Dra. Hanna Pięta Cândido por me ter apresentado à sua/minha orientadora, a Professora Teresa Seruya.

À Prof.^ª Dra. Teresa Seruya pela disponibilidade imediata para orientar esta tese, pelo imenso saber partilhado, pelas apreciações construtivas, pela compreensão profundamente humana e pronta reação em momentos de angústia.

À Prof.^ª Dra. Alexandra Assis Rosa pela coorientação inicial e apresentação, em primeira mão, de Gideon Toury e do seu modelo de investigação.

Ao Prof. Dr. José Justo, a quem devo o primeiro contacto com a Teoria da Tradução.

À Prof.^ª Dra. Clotilde Almeida, pela iniciação aos arcanos da Linguística Cognitiva.

À Prof.^ª Dra. Guilhermina Jorge, pelo empenho na divulgação da *tradução da letra* de Berman.

À Prof.^ª Dra. Zulmira Castanheira, pelo conhecimento transmitido de viva voz e em suporte papel, generosamente oferecido.

À Prof.^ª Dra. Alexandra Lopes, pela inteligência e sabedoria partilhadas, pela abertura de novos horizontes e pela gentileza de ter lido a versão final da tese.

À diretora da Escola Básica Barbosa du Bocage, Dra. Anabela Gonçalves, pela concessão do estatuto de trabalhador-estudante e aos colegas, Helena Duarte, Dulce Gouveia e Valter Rolo, pelo esforço na elaboração de um horário de trabalho compatível com a frequência dos seminários e com um estudo regular.

A Ágata Swiatkiewicz, por ter fotografado a novela polaca *Tommaso del Cavaliere* de Strykowski.

A Paula Alveirinho, pela incansável aquisição das quatro traduções de Kapuściński.

A Urszula Łęgawiec, pela fotocópia de *Dziennik Rutki* de Laskier.

A Zusanna Machowska, pela fotocópia de *Demon Ruchu* de Grabiński.

Ao Dr. João Duarte Rodrigues, diretor literário da editora Sextante, pela entrevista concedida de imediato e pelo material facultado.

Ao Dr. Diogo Madre Deus, diretor literário da editora Cavalo de Ferro, pela resposta ao questionário e pela posterior prestação de informações.

Ao Prof. Dr. Zbigniew Wódkowski, em substituição da editora Livros Cotovia, pelas respostas às perguntas colocadas, bem como pela posterior troca de impressões.

Ao Prof. Dr. Włodzimierz Szymaniak, em substituição da editora Campo das Letras, pelas respostas às perguntas colocadas, bem como pela posterior troca de correspondência e prestação de informações.

Ao Prof. Dr. Wojciech Charchalis, por ter facultado os seus dados biográficos e os de Maria José Charchalis.

A Sandra Boa Vida e Rafaela Conceição do Instituto Camões (IC), pelas informações prestadas sobre os leitorados e os leitores de português na Polónia.

Ao Prof. Dr. Włodzimierz Gruszczyński, por ter facultado a versão digital de *Słownik Gramatyki Języka Polskiego* [Dicionário da Gramática da Língua Polaca] da sua autoria.

Ao Prof. Dr. Michał Rusinek, pela biografia de Wisława Szymborska da sua autoria, aqui citada.

Ao Prof. Dr. Krzysztof Hejwowski, pela ajuda na identificação das páginas das citações extraídas do seu livro.

A Anna Sęczek, Elżbieta Machowska e Olgierd Swiatkiewicz, na qualidade de informantes do polaco.

Aos colegas, Paula Abreu, Carla Rocha e Francisco Padilha, na qualidade de informantes do português europeu.

À colega, Margarida Ruivo, pelo apoio numa hora difícil.

À Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) pela concessão de uma bolsa de três meses que permitiu concluir a tese, em dedicação exclusiva.

A Sofia Swiatkiewicz pela preciosa ajuda na formatação e paginação da tese.

Epígrafe

WISŁAWA SZYMBORSKA: Urodziny

Tyle naraz świata ze wszystkich stron świata:
moreny, mureny i morza, i zorze,
i ogień, i ogon, i orzeł, i orzech -
jak ja to ustawię, gdzie ja to położę?
Te chaszce i paszcze, i leszcze, i deszcze,
bodziszki, modliszki - gdzie ja to pomieszczę?
Motyle, goryle, beryle i trele -
dziękuję, to chyba o wiele za wiele,
Do dzbanka jakiego tam łopian i łopot,
i tubin, i popłoch, i przepych, i kłopot?
Gdzie zabrać kolibra, gdzie ukryć to srebro,
co zrobić na serio z tym żubrem i zebra?
Już taki dwutlenek rzecz ważna i droga,
a tu ośmiornica i jeszcze stonoga!
Domyślam się ceny, choć cena z gwiazd zdarta -
dziękuję, doprawdy nie czuję się warta.
Nie szkoda to dla mnie zachodu i stońca?
Jak ma się w to bawić osoba żyjąca?
Na chwilę tu jestem i tylko na chwilę:
co dalsze, przeoczę, a resztę pomylę.
Nie zdążę wszystkiego odróżnić od próżni.
Pogubię te bratki w pośpiechu podróży.
Już choćby najmniejszy - szalony wydatek:
fatyga todygi i listek, i płatek
raz jeden w przestrzeni, od nigdy, na oślep,
wzgardliwie dokładny i kruchy wyniośle.

WISŁAWA SZYMBORSKA: Aniversário

Tanto mundo de uma só vez de todas as partes do mundo:
morenas, moreias e mares e auroras,
e fogo, e cauda, e águia, e noz -
como é que arrumo isto, onde é que ponho isto?
Estas matas e mandíbulas, e sargos e chuvas,
o gerânio e a louva-deus - onde vou colocar isto?
Borboletas, gorilas, berilos e trinados -
obrigada, mas parece ser demais, demasiado.
Para que jarra vão a bardana e a ventania,
e os tremoços, e o alvoroço, e o luxo, e os problemas ?
Para onde levar o colibri, onde esconder esta prata?
o que fazer a sério com este bisonte e a zebra?
Já o dióxido em si é coisa importante e cara,
que dizer do polvo e da centopeia!
Imagino o preço, embora preço de cinco estrelas -
obrigada, na verdade não me sinto digna.
Não é pena gastar comigo esse esforço, esse sol?
Como há de uma pessoa viva desfrutar disso?
Por um instante aqui estou e apenas por um instante:
o que está longe, não diviso e o resto confundo.
Não vou conseguir distinguir o tudo do nada.
Vou perder os amores-perfeitos na pressa da viagem.
Mesmo o mais pequeno - uma louca despesa:
caneira do caule e da folhinha, e da pétala
uma só vez no espaço, desde nunca, às cegas,
desdenhosamente preciso e sublimemente frágil.

(Tradução literal de Teresa Fernandes Swiatkiewicz)

WISŁAWA SZYMBORSKA: Aniversário

Tanto mundo de uma só vez de todas as partes do mundo:
moreias e morenas, mares e muares,
e fogo, e jogo, e tojo, e pojo.
Como é que arrumo isto, onde é que ponho tudo?
Este mato e este pato, o fato e o feldspato,
os camafeus e a louva-deus - onde os vou colocar?
A borboleta, a violeta, a camiseta e a caneta -
obrigada, mas parece ser demais, demasiado.
Onde está a jarra p'ra rosa e p'ra polvorosa,
p'ros tremoços, destroços e almoços?
P'ra onde levar a suricata, onde esconder a prata?
A sério, o que fazer com o leão e o camaleão?
Se o dióxido, em si, já é uma coisa valiosa,
que dizer então da mariposa e da pedra preciosa ?
Imagino o preço de tudo isto, deve ser exorbitante -
agradeço mas não mereço, não sou assim tão importante.
Não é pena gastar comigo dinheiro do mealheiro?
Como hei de eu desfrutar de tudo isso?
Estou aqui de passagem numa curta viagem:
ao longe, não diviso e, de perto, não analiso.
Não vou distinguir o tudo do nada, antes confundir.
Vou perder os amores-perfeitos nesta apressada viagem:
Até mesmo o mais pequenino é despesa sem tino;
Mal-empregado caule, mal-empregadas folhas e pétalas
para uma só representação sem direito a ficção,
mas em pé de igualdade e sublimemente fragilidade.

(Tradução literária de Teresa Fernandes Swiatkiewicz)

Índice

ÍNDICE DE TABELAS.....	xviii
Lista de siglas e abreviaturas	xx
Referências aos textos de partida e de chegada	xxi
Convenções tipográficas utilizadas.....	xxii
INTRODUÇÃO.....	1
I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	5
1. Tradição no discurso sobre tradução no Ocidente – entre a palavra e a frase.....	5
2. Inovação no discurso sobre tradução – entre a descrição e a explicação.....	15
2.1. Estudos de Tradução	15
2.2. Teoria do Polissistema.....	17
2.3. Estudos Descritivos de Tradução (EDT)	22
3. Metodologia de investigação.....	32
4. Definição de conceitos operacionais	42
5. Constituição e descrição do <i>corpus</i>	52
5.1. Construção do <i>corpus</i>	52
5.2. Os autores.....	56
5.3. As obras	58
5.4. As editoras	60
5.5. Os tradutores.....	62
6. Breve comparação tipológica entre o polaco e o português na perspetiva da tradução.....	66
II PARTE – NORMAS PRELIMINARES NA TRADUÇÃO LITERÁRIA DIRETA DO POLACO PARA O PORTUGUÊS EUROPEU (1990-2010).....	75
1. Introdução.....	75
2. Questões a investigar.....	76
3. Análise dos dados sobre políticas de tradução.....	83
4. Análise dos dados sobre a preferência pela tradução direta	89

5. Análise dos dados sobre a promoção e a receção das traduções	95
6. As traduções de literatura polaca na cultura de chegada	98
7. Proposta de reconstrução das normas preliminares.....	101
III PARTE – NORMAS INICIAIS (ESTRATÉGIAS) NA TRADUÇÃO LITERÁRIA DIRETA DO POLACO PARA O PORTUGUÊS EUROPEU (1990-2010).....	103
1. Introdução.....	103
2. Norma inicial e estratégias de tradução – entre adequação e aceitabilidade	104
3. Normas iniciais e a tradução de poesia	107
3.1. Os títulos.....	109
3.2. Aspectos lexicais.....	115
3.3. Aspectos sintáticos.....	117
3.4. Problematização e notas finais.....	121
4. Normas iniciais e a tradução de prosa.....	124
4.1. Os títulos.....	127
4.2. Aspectos lexicais.....	129
4.3. Aspectos sintáticos.....	138
4.4. Problematização e notas finais.....	145
5. Normas iniciais e marcas <i>tradutorais</i> - entre a invisibilidade e a singularidade do tradutor.....	146
5.1. Marcas <i>tradutorais</i> de Gomes e Milewska e Neves.....	149
5.2. Marcas <i>tradutorais</i> de Wódkowski, Charchalis e Charchalis, Szymaniak e Leão e Rodrigues	160
5.3. Problematização e notas finais.....	182
IV PARTE – NORMAS OPERACIONAIS (TÉCNICAS) NA TRADUÇÃO LITERÁRIA DIRETA DO POLACO PARA O PORTUGUÊS EUROPEU (1990-2010).....	191
CAPÍTULO I – A PALAVRA EM CONTEXTO	193
1. Introdução.....	193
2. Quando o <i>bosque é bosque</i> : correspondência e equivalência	195
3. Quando a <i>jovem, juvenzinha é menina e moça</i> : intertextualidade.....	205

3.1. Ecos intertextuais <i>tradautorais</i>	206
3.2. Ecos intertextuais autorais	211
4. Quando o <i>marulho</i> é <i>barulho</i> : tradução por hiperonímia	215
5. Quando as expressões idiomáticas são fraseologias	221
5.1. Quando o <i>cão</i> é <i>cão</i> : equivalência formal e semântica	224
5.2. Quando o <i>spermophilus suslicus</i> é <i>pedra</i> : equivalência semântica	226
5.3. Quando as <i>nuvens pesadas se complicam</i> : paráfrase	229
5.4. Quando a <i>lei draconiana</i> é mesmo <i>draconiana</i> : tradução literal	233
5.5. Quando <i>raios e coriscos levam sumiço</i> : omissão	235
5.6. Quando <i>falar é gastar saliva</i> : idiomatização.....	240
5.7. Quando ser <i>cabeça-dura</i> é uma <i>arte pesada</i> : tradução palavra-a-palavra ..	243
5.8. Problematização e notas finais.....	247
6. <i>Só com os males os polacos aprendem</i> : tradução da letra.....	252
7. Quando erros são lapsos e associações.....	261
7.1. Quando o <i>Tibre</i> é <i>Tigre</i> : parónimas.....	265
7.2. Quando as <i>lendas</i> são <i>legendas</i> : falsos amigos.....	269
7.3. Quando <i>seis</i> é <i>sete</i> : episódios de discalculia.....	273
7.4. Quando a <i>cave</i> é <i>sótão</i> : associações no seio do mesmo domínio concetual	277
7.5. Quando o <i>dinossauro</i> é <i>salamandra</i> : cena e guião	281
7.6. Problematização e notas finais.....	286
8. Conclusões	289
CAPÍTULO II – DA PALAVRA PARA A FRASE.....	293
1. Introdução.....	293
2. A tradução do particípio polaco <i>imiestów przymiotnikowy czynny</i> com mudança de estrutura sintática.....	295
2.1. O particípio polaco IPC como oração relativa em PE	295
2.2. O particípio polaco IPC como oração reduzida de gerúndio em PE.....	296
2.3. O particípio polaco IPC como oração reduzida de particípio em PE	298
2.4. O particípio polaco IPC como oração reduzida de infinitivo em PE	301

3. A tradução do particípio polaco <i>imiestów przymiotnikowy czynny</i> por meio de transposição.....	303
3.1. O particípio polaco IPC como nome em PE: nominalização.....	303
3.2. O particípio polaco IPC como adjetivo em PE: adjetivação.....	305
4. A omissão do particípio polaco <i>imiestów przymiotnikowy czynny</i> em PE.....	308
5. Problematização e notas finais	310
CAPÍTULO III – A ORDEM DAS PALAVRAS NA FRASE	
1. Introdução.....	313
2. A ordem dos constituintes da frase em polaco e em português.....	315
2.1. Os padrões da ordem dos constituintes da frase em polaco.....	317
2.2. Os padrões da ordem dos constituintes da frase em português	319
2.3. Problematização e perguntas de investigação.....	322
3. Ordem dos constituintes da frase em polaco e a ordem SVO em português	323
3.1. Tradução literal.....	323
3.2. Tradução normalizada	325
3.3. Problematização: normalização e perdas em tradução.....	332
4. As ordens marcadas em polaco e as técnicas de tradução alternativas à ordem SVO	336
4.1. Inversão	336
4.1.1. Problematização: inversão de natureza estilística e gramatical	340
4.2. Topicalização	341
4.2.1. A topicalização do complemento direto	343
4.2.2. A topicalização do complemento indireto	345
4.2.3. Problematização: interferência e normalização	348
4.3. Modulação.....	351
4.3.1. Mudança de voz	352
4.3.2. Mudança de perspectiva.....	356
4.3.3. Problematização: interferência e normalização	358
4.4. Construções de clivagem	359
4.4.1. Problematização: equivalência textual	361
5. Problematização e notas finais	363

CONCLUSÃO.....	373
NOTA FINAL	390
GLOSSÁRIO	391
BIBLIOGRAFIA	399

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Apresentação da tabela de análise lexical.....	36
Tabela 2 - Apresentação da tabela de análise lexical e sintática	37
Tabela 3 - Obras constituintes do <i>corpus</i>	55
Tabela 4 - Periodização do número de traduções diretas, indiretas e sem dados.	92
Tabela 5 - Títulos publicados pelas editoras em estudo, desde a sua criação, em correlação com o número de traduções diretas do polaco (1990-2010)	99
Tabela 6 - Indicadores (técnicas) das normas iniciais (estratégias) em amostras de tradução de poesia	122
Tabela 7 - Resultados quantitativos dos procedimentos tradutórios aplicados em nomes comuns em amostras de prosa	130
Tabela 8 – Resultados quantitativos dos procedimentos tradutórios sintáticos aplicados em amostras de prosa	140
Tabela 9 - Ocorrências da palavra <i>las</i> nos TP (poesia) e respetiva tradução	199
Tabela 10 - O domínio SOM nos TP e TC	219
Tabela 11 – Procedimentos tradutórios de UF observados nos TC	249
Tabela 12 - Falsos amigos observados nos TC.....	273
Tabela 13 - Associações no mesmo domínio concetual observadas nos TC.....	280
Tabela 14 - Tipos de erros, lapsos e associações observados nos TC	288
Tabela 15 – O <i>imiestów przymiotnikowy czynny</i> (IPC) em PL e sua tradução para PE.	293
Tabela 16 – Procedimentos de tradução do particípio polaco IPC para PE	310
Tabela 17 - Frequência absoluta do particípio polaco IPC no TP <i>Ten Inny</i> e frequências relativas dos procedimentos de tradução observados no TC <i>O outro</i>	311
Tabela 18 – Padrões da ordem dos constituintes da frase em PL observados nos TP	318
Tabela 19 - Padrões da ordem dos constituintes da frase observados nos TP e TC....	332
Tabela 20 - A ordem dos constituintes básicos nas CT com DEC do O	345
Tabela 21 - A ordem dos constituintes básicos nas CT com DEC do OI	347
Tabela 22 - Padrões de ordenação dos constituintes da frase nos TP e respetivas estruturas sintáticas nos TC.....	366

Tabela 23 - Técnicas de tradução observadas a nível da ordem das palavras no <i>corpus</i> e respetiva descrição	367
Tabela 24 - Exemplificação das técnicas de tradução observadas a nível da ordem das palavras no <i>corpus</i>	368

Lista de siglas e abreviaturas

Adj. – adjetivo	loc. – locativo
ac. – acusativo	m. – masculino
Adv. – advérbio	M – modificador
ADJU – adjunto adverbial	N – nome
<i>cf.</i> – <i>confer</i> ‘confronte’	nom. – nominativo
CF – comparação(ções) fixa(s)	O – complemento direto
CdC – construção de clivagem	OI – complemento indireto
CObl – complemento oblíquo	Prep. – preposição
CC – cultura de chegada	p. – pessoa
CP – cultura de partida	p. ex. – por exemplo
CT – construção de topicalização	perf. – perfetivo
dat. – dativo	pl. – plural
DEC – deslocação à esquerda clítica	PE – português europeu
EDT – Estudos Descritivos de Tradução	PL – polaco
ET – Estudos de Tradução	PT – português
<i>et al.</i> – <i>et alii</i> ‘e outros’	s. d. – sem data
ex. / exs. – exemplo(s)	s/d – sem dados
f. – feminino	sg. – singular
gen. – genitivo	SN – sintagma nominal
GN – grupo nominal	SP – sintagma preposicional
GV – grupo verbal	S – sujeito
<i>i. e.</i> – <i>id est</i> ‘isto é’	TC – texto(s) de chegada
imp. – imperfetivo	T. n. – tradução nossa
instr. – instrumental	TP – texto(s) de partida
IPC – <i>imięstów przymiotnikowy czynny</i> [Partícipio adjetival ativo]	UF – unidade(s) fraseológica(s)
LC – língua de chegada	UT – unidade(s) de tradução
LP – língua de partida	V – verbo
	voc. – vocativo

Referências aos textos de partida e de chegada

C&C – Maria José Charchalis e Wojciech Charchalis (referência ao TC *O demônio do movimento*)

G – Stefan Grabiński (referência ao TP *Demon ruchu*)

JG – Júlio Sousa Gomes (referência ao TC *Paisagem com grão de areia*)

JS – Strykowski (referência ao TP *Tommaso del Cavaliere*)

K1 – Ryszard Kapuściński (referência ao TP *Cesarz*)

K2 – Ryszard Kapuściński (referência ao TP *Imperium*)

K3 – Ryszard Kapuściński (referência ao TP *Podróże z Herodotem*)

K4 – Ryszard Kapuściński (referência ao TP *Ten inny*)

L – Rutka Laskier (referência ao TP *Pamiętnik Rutki*)

M – Czesław Miłosz (referência ao TP *Niektórzy lubią poezję*)

M&N1 – Elżbieta Milewska e Sérgio das Neves (referência ao TC *Alguns gostam de poesia*)

M&N2 – Elżbieta Milewska e Sérgio Neves (referência ao TC *Instante*)

R – Rodrigues (referência ao TC *O diário de Rutka*)

S&L1 – Szymaniak e Leão (referência ao TC *O imperador*)

S&L2 – Szymaniak e Leão (referência ao TC *O império*)

S&L3 – Szymaniak e Leão (referência ao TC *Andanças com Heródoto*)

S&L4 – Szymaniak e Leão (referência ao TC *O outro*)

W – Wódkowski (referência ao TC *Tommaso del Cavaliere*)

WS1 – Wisława Szymborska (referência ao TP *Widok z ziarnkiem piasku*)

WS2 – Wisława Szymborska (referência ao TP *Niektórzy lubią poezję*)

WS3 – Wisława Szymborska (referência ao TP *Chwila*)

Convenções tipográficas utilizadas

Ao longo da tese são utilizadas convenções tipográficas oriundas das áreas do saber que subsidiam a análise dos textos em apreço:

- no âmbito da Linguística Cognitiva, as categorias cognitivas e os domínios conceituais escrevem-se com letras maiúsculas pequenas, p. ex., FLORESTA;
- os membros das categorias cognitivas, grafam-se com setas e letras maiúsculas pequenas, p. ex., >PINHEIRO<, >SOBREIRO<;
- as cenas redigem-se com letras maiúsculas pequenas entre parêntesis retos, p. ex., [MUSEU];
- no âmbito da Gramática, na descrição de construções sintagmáticas, utilizam-se letras maiúsculas e minúsculas pequenas entre parêntesis reto, p. ex., [NIEKTÓRZY + V + O], [Adj. (grau normal) + Adj. (grau diminutivo)];
- as citações de segmentos dos TP são transcritas em itálico e a respetiva tradução da nossa autoria é apresentada entre plicas, p. ex., *przed śmiercią* ‘antes de morrer’;
- as citações de segmentos dos TP e respetivos segmentos nos TC são transcritas em itálico, separados por barra, p. ex., *przed śmiercią / antes da morte*;
- os exemplos integrados em texto são assinalados em itálico, p. ex., «Uma frase como *Jan kocha Marię* ilustra uma frase SVO»;
- palavras, noções e expressões mencionadas são destacadas com itálico, p. ex., «As unidades de tradução *palavra* e *frase* são os pilares da presente investigação»;
- os dicionários citados são referidos através das letras iniciais dos seus títulos e não dos seus autores, p. ex.: DHLP (2519) remete para *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, indicando que o fragmento transcrito se encontra na página 2519 (na bibliografia, dicionários e enciclopédias encontram-se numa secção à parte, acompanhados das respetivas siglas usadas na tese).

INTRODUÇÃO

O presente estudo sobre normas, estratégias e técnicas na tradução literária direta do polaco para o português europeu tem a sua origem numa série de acontecimentos que, ao longo dos anos, têm vindo a proporcionar as condições para a sua realização.

O primeiro desses acontecimentos foi a abertura do leitorado de polaco na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano letivo de 1979-80, que permitiu à autora do presente estudo iniciar a aprendizagem da língua polaca. Pouco depois, a sua nomeação pelo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa para leitora de português na Cátedra de Estudos Ibéricos, em Varsóvia, abriu-lhe as portas para estudar no Centro de Língua Polaca e Cultura Polaca para Estrangeiros e aprender polaco *in loco*. Findo o contrato de leitora (1982-86), a autora da tese foi aceite no curso de Filologia Polaca na Universidade de Varsóvia, onde se licenciou com defesa de tese, na área da literatura, em 1989.

De regresso a Portugal, em 1989, a par da carreira como docente de inglês numa escola pública, iniciou a sua atividade como tradutora de polaco-português europeu na área da tradução técnica e literária. Em 2000, concluiu o mestrado em Teoria da Literatura, defendendo uma tese sobre a ironia na poesia de Wisława Szymborska. Prosseguiu estudos, frequentando seminários sobre tradução, enquanto aguardava pela abertura do curso de doutoramento interuniversitário em Estudos de Tradução, no seio do qual complementou a sua formação académica e deu início à investigação, sob orientação de duas professoras, especialistas nas áreas subjacentes à investigação: tradução e linguística.

O presente estudo interlinguístico e intercultural reflete tanto a experiência tradutória da autora na área da tradução literária como a sua formação académica em tradução. Conciliando formação académica, experiência tradutória e desejo de contribuir para a consolidação da disciplina dos Estudos de Tradução nos contextos português e polaco, a autora do presente estudo, parece, à partida, corresponder aos requisitos exigidos por Williams e Chesterman (2002/2007) aos investigadores de tradução:

It is difficult, if not impossible, to appreciate the thought processes, choices, constraints and mechanisms involved in translation if you have never engaged in the process yourself.

Theory and practice are as inseparable in Translation Studies as they are in all other fields of human endeavour (Williams e Chesterman, 2002/2007: 2).

Fatores externos motivaram ainda o presente estudo: a crescente procura de tradutores de polaco-português na área da tradução literária, técnica e audiovisual; a tese de Cândido (2013) dedicada à história externa da tradução de literatura polaca em Portugal e a escassez de estudos interlinguísticos sobre tradução literária direta polaco-português.

Numa perspetiva mais geral, a presente tese corresponde ao crescente interesse pelo estudo da língua polaca em Portugal, patente na existência de leitorados na Universidade de Lisboa e na Universidade Nova de Lisboa e enquadra-se na nova área de investigação em tradução desenvolvida pelas faculdades que ministram cursos de Estudos Portugueses em Varsóvia, Cracóvia, Poznań, Wrocław e Lublin. Motivada por fatores tão diversos, a tese dirige-se principalmente a estudantes, tradutores, teóricos e professores de Portugal e da Polónia, bem como dos países em que o português é língua oficial.

O estudo começou com a constituição de um *corpus* literário paralelo e bilingue, que culminou na seleção de dez obras originalmente escritas em língua polaca e das respetivas traduções, executadas diretamente do polaco para o português europeu. O intervalo de tempo das traduções situa-se entre os anos de 1990-2010. O passo seguinte foi procurar um paradigma de investigação que permitisse explorar o contexto português que favoreceu a tradução destas dez obras literárias polacas (história externa) e fornecesse um modelo apropriado à análise interlinguística dos textos de partida e de chegada (história interna). O modelo descritivo-explicativo de Toury (1995/2012) afigurou-se como a melhor forma de dar resposta aos referidos objetivos.

Espera-se dar a conhecer as razões que levaram os editores portugueses a publicar traduções de literatura polaca, contribuir para a consciencialização de processos tradutórios que envolvem regularidades, interferências e singularidades, acrescentar conhecimento à área da tradução direta polaco-português europeu e contribuir com novas descobertas tradutórias para os Estudos de Tradução.

A presente tese encontra-se estruturada em quatro partes. A primeira parte é dedicada à exposição do enquadramento teórico-metodológico e as restantes três partes focam os diferentes tipos de normas de tradução, que se subdividem, segundo Toury (1995/2012),

em (i) normas preliminares, (ii) iniciais (analisadas em termos de estratégias de tradução) e (iii) operacionais (com enfoque nas técnicas de tradução). No estudo são empregues siglas para as noções mais recorrentes em Estudos de Tradução e em Linguística (*cf.* Lista de siglas e abreviaturas), bem como tabelas para a análise interlinguística.

I PARTE – Enquadramento teórico-metodológico

Na primeira parte, expõe-se uma breve história do discurso tradutológico no ocidente sob o prisma da dicotomia, *tradução da palavra – tradução do sentido*, estabelecida com base nas unidades de tradução *palavra e frase*, os grandes pilares da presente investigação. Discute-se o paradigma descritivo-explicativo da tradução de Toury (1995/2012) que permite estudar os textos em si e o contexto em que as traduções surgiram. Descreve-se a metodologia da investigação e definem-se os principais conceitos operacionais *normas, estratégias e técnicas de tradução*. Explica-se como se procedeu à seleção do *corpus*, apresentam-se os agentes da tradução e as obras. Por último, partindo de uma perspetiva tradutória, faz-se uma breve comparação entre o polaco e o português.

II PARTE – Normas preliminares na tradução literária direta do polaco para o português europeu (1990-2010)

Na segunda parte, reconstroem-se as normas preliminares determinadas pelas políticas de tradução e pelo contexto histórico que permitiu a importação e a tradução direta de dez obras de literatura polaca, em Portugal. O estudo tem início com a formulação de perguntas de investigação sobre políticas de tradução e prossegue com a realização de uma entrevista ou a aplicação de um questionário. Com base nos dados obtidos nas entrevistas e nos questionários, avalia-se a posição das traduções no subsistema da literatura traduzida em Portugal e oferece-se uma proposta de reconstrução das normas preliminares.

III PARTE – Normas iniciais (estratégias) na tradução literária direta do polaco para o português europeu (1990-2010)

Na terceira parte, com vista a objetivar a aferição das normas iniciais dos textos traduzidos, comparam-se traduções paralelas (poesia) e aplica-se um modelo de análise quantitativa (prosa) que implica quantificar as técnicas ao serviço das estratégias que balizam as duas tendências em tradução a nível macrotectual: *adequação e aceitabilidade*.

À margem do modelo de investigação de Toury (1995/2012), problematizam-se e discutem-se os conceitos de *norma* e *idiosincrasia*, a fim de justificar a apresentação de regularidades comportamentais idiosincráticas dos tradutores, designadas como marcas *tradautorais* (cf. Lopes, 2010).

IV PARTE – Normas operacionais (técnicas) na tradução literária direta do polaco para o português europeu (1990-2010)

Na quarta parte, são apresentadas as normas operacionais a nível microtextual com enfoque nas normas linguístico-textuais (técnicas) observadas, a partir das unidades de tradução *palavra e frase*.

O CAPÍTULO I descreve e explica as técnicas de tradução da palavra (lexias simples, compostas e complexas) em contexto, tais como: *correspondência, equivalência, decalque, paráfrase, idiomatização*, etc. Distingue-se nele *tradução literal* e *tradução da letra* e dedica-se uma secção a erros de tradução.

O CAPÍTULO II constrói uma ponte entre a tradução da palavra e a tradução da frase, porquanto aborda uma forma nominal polaca, *imięstów przymiotnikowy czynny* [particípio adjetival ativo], cuja tradução para português europeu é maioritariamente efetuada por meio de estruturas sintáticas.

O CAPÍTULO III, dedicado ao estudo da tradução da ordem das palavras na frase, concentra-se na análise das técnicas aplicadas pelos tradutores, quando se deparam com frases que, em polaco, são construídas com ordens alternativas à ordem canónica SVO (*i. e.*, Sujeito – Verbo – Objeto): *inversão, topicalização, clivagem, mudança de voz e de perspetiva*.

CONCLUSÕES

Nas conclusões, reflete-se sobre os resultados alcançados, tecem-se considerações sobre questões que deixam espaços em aberto para estudos futuros e retoma-se a epígrafe que visou ilustrar a diferença entre *tradução literal* e *literária*, bem como a ideia de que área da tradução se assemelha, em dádivas, ao mundo descrito por Wisława Szymborska.

I PARTE – ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

1. Tradição no discurso sobre tradução no Ocidente – entre a palavra e a frase.

O presente capítulo tem como objetivo rever o referencial histórico que sustenta o enquadramento teórico de um estudo sobre tradução, cujos alicerces são a palavra e a frase, um binómio que remonta à Antiguidade Clássica.

O início da história do pensamento sobre tradução é atribuído a Cícero (Robinson, 2002: 1 e 7) que se pronunciou sobre a sua prática tradutória, na obra *De optimo genere oratorum*, a fim de esclarecer a estratégia que aplicou ao traduzir os oradores atenienses:

I did not translate them as an interpreter, but as an orator, keeping the same ideas and the forms, or as one might say, the “figures” of thought, but in language which conforms to our usage. And in so doing, I did not hold it necessary to render word for word, but I preserved the general style and force of the language (Cícero *apud* Robinson, 2002: 9).

Cícero apresenta a distinção entre *intérprete* e *orador*, sendo o primeiro entendido como *tradutor-intérprete*, aquele que traduz palavra por palavra e o segundo como *tradutor-orador*, aquele que, tendo em atenção o contexto de receção e honrando a arte da oratória, transmite as ideias contidas nas frases, em conformidade com o uso da língua de chegada (LC). No depoimento citado, a expressão *palavra-a-palavra*, empregue para designar *tradução literal* por oposição à *tradução do sentido* das frases, torna-se um tópico de referência na história da tradução. Cícero estreia, assim, no discurso tradutológico duas dicotomias que marcarão presença, sofrendo modificações ao longo de dois milénios de escrita sobre tradução no Ocidente.

Por volta do ano 20 AC, Horácio expôs a sua posição relativamente à escrita literária, ao defender a redação de textos criativos e esteticamente agradáveis (Munday, 2001: 20). Por estabelecerem uma comparação com a tradução, os versos 133-134 da *Ars poetica* de Horácio integram a história do discurso tradutológico: «Nem cuidarás de reproduzir palavra por palavra, qual fiel / tradutor» (Horácio *apud* Furlan, 2003: 23). Robinson (2002: 14) considera desproporcionado o crédito atribuído a Horácio face à observação marginal, a título de contraste, entre *escritor* e *fiel tradutor*; mas certo é que a noção de *fidelidade* passou a ser outro dos tópicos do discurso tradutológico, tal como a oposição *autor-*

–*tradutor* que conota o primeiro com originalidade e criatividade e o segundo com a sua falta.

O tema regressará no século I DC, nas *Epístolas* de Plínio, o Jovem, escritas entre os anos de 97 e 109, a Fusco e a Arrio Antonino (Furlan, 2014). Nelas, Plínio, assumindo uma postura de modéstia, reconhece a inferioridade do tradutor (imitador/emulador) face ao autor, bem como a sua incapacidade de igualar a obra original:

Quando emulo teus versos, experimento ao máximo o quanto são bons. Assim como os pintores raramente reproduzem uma face bela e perfeita em si senão de um modo inferior, também eu me afasto do modelo e o arruíno (Plínio *apud* Furlan, 2014: 177).

Na epístola a Antonino, Plínio expõe as razões que determinam a inferioridade da obra traduzida face à obra original, *i. e.*, a falta de perícia do tradutor e os carecimentos da LC:

De que modo posso melhor te mostrar o quanto admiro de fato teus epigramas gregos senão por ter tentado emular e traduzir alguns ao latim? – muito inferiormente, por certo. O que deveu-se primeiro pela incompetência de meu engenho, depois pela penúria, ou melhor, como dizia Lucrécio, pela indigência da língua pátria (Plínio *apud* Furlan, 2014: 176).

Cerca do ano de 96 DC, em *Institutio Oratoria*, Quintiliano pronuncia-se sobre tradução para distinguir *metáfrase* de *paráfrase* (Robinson, 2002: 19) com base no que hoje se designa como unidade de tradução (UT): a *metáfrase* é uma tradução que opera com a palavra como UT, enquanto a *paráfrase* toma a frase como UT. Quintiliano concebe a tradução como *aemulatio*, reescrita ou recriação, admitindo que a mesma pode aproximar-se do original através da *paráfrase* – tipo de tradução executada a partir do sentido das frases, que viabiliza ao tradutor a possibilidade de rivalizar com o autor: «(...) não gostaria que a nossa *paráfrase* fosse uma mera tradução, mas sim um esforço para competir e rivalizar com o original na expressão dos mesmos pensamentos» (I,V,5) (Quintiliano *apud* Duarte, 2005: 23).

No ano de 395, surge o primeiro grande texto que teoriza a prática da tradução, *Carta a Pamáquio*, escrita por São Jerónimo (395/1995: 11) que, acusado de incorreções tradutórias, recorre à autoridade de Cícero e de Horácio para legitimar a sua prática:

(...) proclamo a plenos pulmões que quando traduzo os textos gregos – que não sejam as Sagradas Escrituras (onde até a estrutura da frase é mistério) – não é palavra a palavra, mas o sentido que eu exprimo (Jerónimo, 395/1995: 61).

O Santo tradutor reforça a dicotomia da tradução da palavra e do sentido contido nas frases, advogando que a primeira se arrisca a produzir um texto absurdo, enquanto a segunda apreende e transporta o conteúdo do texto original para a LC, tornando o assunto compreensível (Jerónimo 395/1995: 63; 65; 72). Ainda que São Jerónimo seja defensor da tradução que dá primazia ao sentido, a fim de promover fatores facilitadores da comunicação e da receção dos textos, não deixa de reconhecer que, na tradução dos textos sagrados, a palavra requer especial atenção.¹

Na transição para a Idade Média, destaca-se o filósofo romano, Boécio (séculos V e VI), que representa um ponto de viragem na tendência que dava preferência à tradução do sentido das frases. Segundo Baker e Malmkjær (1998: 497), a tradução passou da pena de oradores e retóricos para a lavra de filósofos e teólogos, o que teve como consequência a valorização da tradução da palavra e da tradução literal, vista como caminho para a verdade. Boécio retoma a expressão horaciana *fidel tradutor* para validar a sua prática tradutória:

I fear I shall commit the fault of the faithful interpreter when I render each word by a word corresponding to it. The reason for this approach is that, in the writings in which knowledge of the subject matter is sought, it is not the charm of limpid speech but the unsullied truth that has to be expressed. Therefore I have been most useful if, in composing books of philosophy in the Latin language, not a single letter of the Greek is to be found missing (Boécio *apud* Robinson, 2002: 35).

A defesa da tradução palavra-a-palavra levada ao extremo por Boécio com a contabilização das palavras do texto de partida (TP) e do texto de chegada (TC) parece ter sido motivada pelo enfoque da atividade tradutória em textos de carácter científico e filosófico que, contrariamente aos textos literários, davam primazia à «verdade imaculada», dispensando o «encanto do discurso transparente».

Com a argumentação de Boécio, começa a esboçar-se a perceção de que o tipo de texto a traduzir pode determinar a estratégia de tradução. Aliás, conforme atrás referido, já São Jerónimo, defensor da estratégia da tradução do sentido das frases, admitia que a tradução das Sagradas Escrituras pudesse exigir uma maior fidelidade à palavra. Assim, a tradução de textos religiosos, filosóficos e científicos surge aliada à estratégia da tradução da

¹ A importância de São Jerónimo para a tradução reflete-se no Dia Internacional da Tradução, uma efeméride profissional, comemorada a 30 de setembro, data da morte do Santo, padroeiro dos tradutores.

palavra, enquanto a tradução de textos literários aparece cedo ligada à estratégia da tradução do sentido. Esta distinção emergente é reforçada no século XII com a Escola de Toledo que, na época medieval, ocupa lugar de destaque devido à tradução do Corão e à tradução de textos científicos árabes para latim, efetuadas com base na estratégia da tradução literal, vantajosa tanto para quem encomendava as traduções como para quem as executava:

The church believed in literalism because of the sacred status of its own authoritative texts. The translators also found literalism convenient because it meant they could not be held directly responsible for what was said in the texts (Pym, 1998: 131).

No Renascimento, o discurso tradutológico regressa à valorização da tradução do sentido contido nas frases. Nesta época, a Bíblia latina, a *Vulgata*, começa a ser traduzida para as línguas vernáculas² e o debate em torno das estratégias de tradução é retomado. No prefácio à segunda edição da Bíblia de Wycliff de 1395/97, alegadamente atribuído a John Purvey (Robinson, 2002: 53), o autor manifesta-se a favor de uma estratégia de tradução que tome como UT a frase e não a palavra:

(...) the best way translating out of Latin into English is to translate after the sentence, and not only after the words (...) (Purvey *apud* Robinson, 2002: 54).

Ecos do debate sobre tradução fazem-se ouvir em Portugal, em 1430, na obra de D. Duarte *O Leal Conselheiro*, um tratado que, entre outros, dá conselhos no âmbito da tradução. Nele defende-se que se traduza o mais fielmente possível o pensamento do autor original, fazendo uso da pureza do vernáculo como instrumento de comunicação (Pinilla e Sánchez, 1998: 157). A obra do rei de Portugal constitui um ponto de viragem no discurso tradutológico, porquanto inaugura no século XV um novo tipo de discurso em Portugal e na Europa, cuja preocupação é prescrever regras para uma boa tradução.

A história do discurso tradutológico prossegue com *Epístola sobre a Tradução* (1530) de Lutero, defensor da prática tradutória assente no primado do sentido e na adaptação das características da língua de partida (LP) à LC, tendo em vista o público-alvo:

Não temos de perguntar à letra do texto latim como é que devemos falar alemão, como fazem estes asnos. A quem temos de fazer a pergunta, pelo contrário, é à mãe no lar, às

² Muito embora a tradução da Bíblia para inglês e alemão só tenha ocorrido no Renascimento, os irmãos São Cirilo e São Metódio já a tinham traduzido, no século IX, para o Antigo Esloveno Eclesiástico. A tradução da Bíblia teve grande impacto nas línguas vernáculas e literaturas nacionais (Daniell, 2003).

crianças na rua, ou ao homem comum no mercado. Temos de nos deixar guiar pela linguagem que eles empregam – e traduzir em conformidade. Só assim a hão-de compreender, reconhecendo que com eles estamos a falar em alemão (Lutero, 1530/2013: 978).

Conforme se depreende, o pensamento tradutológico favoreceu, consoante as épocas, duas normas de tradução opostas: traduzir palavra-a-palavra ou traduzir o sentido das frases. Como normatividade e prescrição costumam andar de mãos dadas, não tardaram a surgir alguns tratados sobre a arte de traduzir. Um dos mais influentes foi *La manière de bien traduire d'une langue en autre* da pena de Étienne Dolet (1540). Segundo Munday (2001: 26), o pensador francês desaconselha a tradução palavra-a-palavra para que não se deturpe o sentido da frase e recomenda a escolha das palavras de acordo com o uso natural e eloquente da língua francesa. Dolet viria a tornar-se mártir da tradução porque, tendo acrescentado a uma frase de Platão a expressão *rien du tout*, foi acusado de negar a vida para além da morte, o que, na altura, constituía uma heresia: «après la mort tu ne serais plus rien du tout» (Dolet *apud* Christie, 1969: 443). O trágico episódio mostra a importância que a tradução da palavra em si tem na transmissão da mensagem original e na sua receção por parte da cultura de chegada (CC).

O discurso tradutológico marca a sua passagem pelo século XVII com a comparação da tradução a uma mulher bela mas infiel, *les belles infidèles*, o que remete para a estratégia de tradução do sentido das frases, levada ao extremo, como tradução livre. Para Baker e Malmkjær (1998: 414), esta é uma prática, influenciada pelo glorioso Classicismo francês, que visava adaptar os TP ao cânone literário da época. *Les belles infidèles* são, pois, traduções feitas em conformidade com o gosto literário, a moralidade da época e a finalidade de agradar ao público-alvo; eram *belas* do ponto de vista da forma, mas *infiéis* do ponto de vista do conteúdo, porque o tradutor tomava liberdades, omitindo cenas, consideradas indecorosas ou sangrentas, e introduzindo comentários. Nicolas Perrot d'Ablancourt, linguista e tradutor, representa o expoente máximo na aplicação desta estratégia, que se adentra pelo século XVIII e ainda hoje tem os seus epígonos:

I do not always bind myself either to the words or to the reasoning of this author; and I adjust things to our manner and style with his goal in mind. Different times demand different reasoning as well as different words (...) (d'Ablancourt *apud* Robinson, 2002: 158).

Por seu turno, o escocês Alexander Tytler retoma a posição prescritiva num texto intitulado *Essay on the principles of translation*, datado de 1791. Munday (2001: 26-27) resume, assim, os deveres do tradutor, enunciados por Tytler: (i) dar integralmente conta das ideias do texto original; (ii) preservar o estilo e a forma do original e (iii) manter a naturalidade do texto original na tradução. Ao considerar que as regras podem ajudar o tradutor a tomar decisões face aos sacrifícios que têm de ser feitos, Tytler abriu caminho para a discussão das perdas e dos ganhos em tradução.

No século seguinte, Friedrich Schleiermacher (1813) profere uma conferência *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, um texto influente na história do discurso sobre tradução, no qual o tradutor surge como intermediário entre dois agentes: o autor e o leitor.

Mas então que caminhos pode afinal tomar o verdadeiro tradutor que quer realmente reunir estas duas pessoas completamente separadas, o seu escritor e o seu leitor (...)? A meu ver existem apenas dois. Ou o tradutor deixa o mais possível o escritor em repouso e move o leitor em direcção a ele; ou deixa o leitor o mais possível em repouso e move o escritor em direcção a ele (Schleiermacher, 1913/2003: 61).

O dilema do tradutor remete para a milenar dicotomia. Por um lado, *deixar o autor em repouso* significa que o tradutor se aproxima do autor e, sendo mais fiel à letra do TP, obriga o leitor a descentrar-se de si próprio para perceber o autor estrangeiro e a sua maneira de se expressar, assumindo assim uma atitude ativa e construtiva durante o processo de leitura da obra traduzida. Por seu turno, *deixar o leitor em repouso* significa que o tradutor despoja o autor da sua estranheza para o tornar familiar ao leitor por meio de uma tradução mais livre, feita de acordo com os modelos de escrita da CC e os hábitos de leitura do recetor, o que pode eventualmente levar este último a assumir uma postura mais passiva enquanto leitor.

Schleiermacher prefere a aproximação do leitor ao autor: o autor estrangeiro permanece em repouso para que a LC e o leitor possam ir ao seu encontro e tirar proveito dessa experiência, enriquecendo as formas e os conteúdos da CC. Só perante a estranheza, o leitor pode ter acesso à experiência do Outro, o Estrangeiro. A preferência de Schleiermacher é partilhada por ilustres pensadores do início do século XX: Benjamin (1923/2004) e Ortega y Gasset (1937/2013). O primeiro filósofo defende que o maior mérito de uma tradução não é ser lida como se fosse um texto original e, sim, ser recebida

como tradução marcada tanto pela fidelidade como pela literalidade. O segundo filósofo defende que, somente quando afastamos o leitor das convenções da sua língua materna e o forçamos a entrar na mundividência do autor original, podemos falar de «tradução propriamente dita». Esta não será uma bela tradução, mas, ainda assim, Ortega y Gasset prefere uma tradução feia mas fiel a uma tradução *belle infidèle*.

Sintetizando a história do pensamento tradutológico até ao início do século XX, Francis Stoor (*apud* Nida, 1964/2004: 132) reparte os tradutores entre duas escolas: *the literalist school* e *the spiritualist school*, designações que apontam para a dicotomia da tradução da letra (palavra) e do espírito (sentido). Se até aí dominaram depoimentos, tratados e ensaios, no século XX surgem grandes obras teóricas totalmente dedicadas à tradução.

Em meados do século XX, foi publicada no Canadá a obra pioneira *Stylistique comparée du français et de l'anglais* de Vinay e Darbelnet, defensores de que a tradução deve orientar-se pelo princípio de *equivalência*, enquanto estratégia global, porque «ce procédé permet de rendre compte d'une même situation en mettant un oeuvre des moyens stylistiques et structuraux entièrement différents» (1958/1977: 242). A equivalência será, portanto, um procedimento tradutório que contempla os aspetos interlinguísticos, juntamente com as suas cargas semânticas, pragmáticas e estilísticas. Apesar de a equivalência acabar por fazer parte dos procedimentos da *tradução oblíqua* (não literal), por oposição à *tradução direta* (literal), os linguistas canadianos tiveram o grande mérito de abrir caminho para a identificação, denominação e descrição das técnicas de tradução, contornando, assim, a discussão polarizada e prescritiva da tradução da palavra e do sentido.

Na mesma altura, o linguista russo, Roman Jakobson (1959/2004), retoma a noção de equivalência entre as línguas para concluir que a mesma não existe de modo absoluto: «on the level of interlingual translation, there is ordinarily no full equivalence between code-units, while messages may serve as adequate interpretations of alien code-units or messages» (Jakobson, 1959/2004: 114). A constatação baseia-se nas seguintes premissas: (i) os significantes pertencem a dois sistemas de signos diferentes; (ii) os seus significados correspondem a concetualizações diferentes do mundo e (iii) as línguas são estruturadas de maneiras diferentes. Não havendo equivalência entre as línguas a nível da palavra e da frase, o tradutor deve procurar «equivalência na diferença», conforme sugere Jakobson

(1959/2004: 114); logo, a tradução passa a ser vista como processo através do qual o TP estabelece uma relação de equivalência com o TC.

Por seu turno, o americano Eugene Nida (1964/2004) reformula as estratégias de tradução da palavra e do sentido com as designações *equivalência formal* e *dinâmica*.

A primeira é definida do seguinte modo: «(...) formal equivalence translation is basically source oriented; that is designed to reveal as much as possible of the form and the content of the original message» (Nida, 1964/2004: 134). A tradução por meio da equivalência formal, operando sobretudo com a tradução literal, reproduz elementos formais característicos do TP, dando origem a decalques lexicais e sintáticos, o que se afigura como uma realização prática da ideia de *deixar o autor em repouso e levar o leitor até ele*.

Já na tradução efetuada por meio da equivalência dinâmica: «the focus of attention is directed, not so much toward the source message, as toward the recetor response. (...) One way of defining a D-E Translation is to describe it as the closest natural equivalent to the source-language message» (Nida, 1964/2004: 136). A aplicação da equivalência dinâmica visa produzir um texto que tenha no leitor-alvo um efeito equivalente ao efeito que o TP teve no seu leitor original. O tradutor adapta a língua e a cultura do TP à língua e à cultura do leitor de chegada a fim de alcançar naturalidade de expressão na LC. O tradutor adapta o léxico, a gramática, a sintaxe e o estilo do TP aos modelos de escrita da CC, *deixando o leitor em repouso*. Nida manifesta-se a favor da equivalência dinâmica porque esta permite alcançar um texto equivalente ao TP em termos de significado, de estilo e de receção estética na CC.

O conceito de equivalência é importante no discurso tradutológico porque permite distinguir diferentes graus e tipos de equivalência entre o TP e o TC. Todavia, as teorias da equivalência foram consensualmente criticadas e desvalorizadas devido ao seu carácter normativo-avaliativo (Venuti, 2004: 136) e ao facto de a produção de um texto equivalente numa LC ser apenas um dos propósitos possíveis em tradução (Nord, 1991: 201). A noção de equivalência, porém, não foi erradicada do discurso tradutológico: Baker (1992: 5-6) emprega o termo *equivalência* «for the sake of convenience — because most translators

are used to it rather than because it has any theoretical status»; Toury (1995/2012) retoma a noção de equivalência para a reformular e integrar no seu modelo de investigação.

Entretanto, as ideias de Schleiermacher ressurgem nas obras de Berman (1985) e Venuti (1995), defensores da tradução que permite ao leitor sair da sua área de conforto para compreender e experimentar o universo linguístico e cultural do autor. Ao reavivar o método de *deixar o autor em repouso*, os referidos teóricos atribuem-lhe novas denominações, *estrangeirização* e *tradução da letra* (cf. *tradução da palavra*), com a finalidade de se desmarcarem da equivalência dinâmica que naturaliza o Outro, o Estrangeiro. Tal como Schleiermacher, estes teóricos não pretendem apenas discutir estratégias de tradução, mas implementar um programa de tradução que passa por uma política de língua e de cultura.

As dicotomias da tradução ressurgem com novos termos, permitindo estabelecer dois eixos paradigmáticos, um sob a égide da tradução da palavra e outro, da tradução do sentido: *tradução ética e etnocêntrica* (Berman, 1985/2007); *tradução exotizante e naturalizante* (Holmes, 1988); *tradução semântica e comunicacional* (Newmark, 1988); *tradução direta e indireta* (Gutt, 1991); *estrangeirização e domesticação* (Venuti, 1995).

Na breve história do discurso tradutológico, acima exposta à luz da dicotomia *tradução da palavra* e *do sentido*, destaca-se a alternância cíclica do enfoque ora numa das opções ora noutra. O pensamento dicotómico, restritivo e simplista, não encontra paralelo na prática tradutória porque não é viável traduzir um texto com recurso exclusivo à tradução da palavra ou do sentido. Inclusivamente aqueles que favorecem um dos polos da dicotomia acabam por testemunhar o meio-termo manifesto nas suas traduções:

Em todas as circunstâncias, pensei dever manter-me entre os dois extremos da paráfrase e da tradução literal (Dryden *apud* Steiner, 1975/2002: 294).

No translation that attempts to bridge a wide cultural gap can hope to eliminate all traces of the foreign setting (Nida, 1964/2004: 137).

De igual modo, Nord (1991: 30) admite que, entre os extremos das estratégias da tradução da palavra e do sentido, «we find several forms of translation, which are characterized by different percentages of adaptation, depending on the translation skopos». Sintetizando com Steiner (1975/2002: 300), «foram de facto muito poucos os literalistas absolutos (...)

poucos, por outro lado, foram também os que levaram a teoria da liberdade mimética completa tão longe como Pound». Entre a prescrição da tradução da palavra ou do sentido da frase, por um lado, e a prática tradutória, por outro, parece afinal predominar um compromisso entre as duas estratégias que resultará em traduções mistas. Se, apesar da preferência dos tradutores por uma ou por outra estratégia, eles próprios aplicam ambas numa mesma tradução, prescrever estratégias deixa de ser pertinente. Por conseguinte, a dicotomia aqui discutida surge antes como «a continuum or cline, along a single dimension between two poles (...). Such a continuum might be punctuated by various intermediate stages» (Williams e Chesterman, 2002/2007: 95).

Ainda que a dicotomia acima descrita, abstraída do questionamento dos termos e das práticas tradutórias, tenha conduzido a posições normativo-prescritivas em tradução, a disputa dos contrários no pensamento tradutológico acabou por constituir uma fonte interna de desenvolvimento. A visão que concebe a investigação da realidade tradutória com base em duas estratégias opostas assume um carácter dialético na medida em que a dicotomia será ultrapassada por uma terceira visão tradutológica que desvaloriza a oposição.

Se, ao longo de dois milénios de pensamento teórico sobre tradução, dificilmente se pode falar de evolução ou de progresso, já, na segunda metade do século XX, há a registar a emergência de alternativas ao discurso dicotómico, tais como a descrição dos procedimentos tradutórios proposta por Vinay e Darbelnet (1958/1977) ou a descrição dos fenómenos tradutórios, concebida por Holmes (1972/2004) e por Toury (1995/2012).

Após dois milénios de disputas em redor da tradução da palavra (letra) ou do sentido (espírito), a abordagem descritivo-explicativa da tradução, preconizada por Holmes (1972/2004) e Toury (1995/2012), constitui tanto uma saída deste círculo vicioso como uma certa superação das dicotomias que imperaram no discurso tradutológico e na investigação sobre tradução ao longo dos séculos.

2. Inovação no discurso sobre tradução – entre a descrição e a explicação

2.1. Estudos de Tradução

Em 1972, Holmes (1972/2004) apresentou no 3.º Congresso Internacional de Linguística Aplicada em Copenhaga uma comunicação intitulada “The Name and Nature of Translation Studies”, na qual propôs para a área científica da tradução o nome de Estudos de Tradução (ET), um termo consensual e suficientemente lato para uma (inter)disciplina denominada até então como *Science of Translating* (Nida, 1964/2004) e *Translatology* (Roger Goffin *apud* Holmes, 1972/2004: 174). ET, o termo cunhado por Holmes em 1972, pretendia cobrir os vários campos de interesse, trabalho e investigação em tradução, incluindo estudos teóricos, descritivos e aplicados. A presente investigação enquadra-se nos princípios teóricos dos ET, para os quais Holmes (1972/2004), inspirado na abordagem das ciências empíricas, traçou dois grandes objetivos:

(1) to describe the phenomena of translating and translation(s) as they manifest themselves in the world of our experience, and (2) to establish general principles by means of which these phenomena can be explained and predicted (Holmes, 1972/2004: 176).

Holmes indica aqui duas vertentes para a investigação em tradução: a dos Estudos Descritivos de Tradução (EDT) e a dos Estudos Teóricos de Tradução. Na sua conceção hierarquizada, os EDT subdividem-se ainda em estudos orientados para o processo, produto e função. Pym (2010/2013: 125) considera que a consolidação do nome da disciplina foi decididamente alcançada com a publicação da obra de Toury (1995/2012) *Descriptive Translation Studies and Beyond*. A abordagem proposta por Holmes (1972/2004) para os ET já não opera com as noções de tradução da palavra e do sentido, nem com as de fidelidade e liberdade, nem com o conceito de equivalência. O autor propõe procedimentos descritivos como modo de trabalho no estudo das traduções, conducentes a explicações (probabilísticas) e a princípios de carácter geral que *a posteriori* poderão constituir descobertas tradutológicas e leis de tradução.

A partir dos anos 70, com o desenvolvimento das teorias da ação (Parsons e Shils, 1951) e da receção (Jauss, 1978), a tradução deixa de ser vista apenas e sobretudo como a relação de equivalência entre um TP e um TC para passar também a ser abordada em termos das convenções textuais em que se insere, do contexto em que surge e da função que

desempenha na CC. Os novos objetos de interesse no âmbito da investigação em tradução conduziram os estudiosos a traçar novos paradigmas de estudo.

Surgem, então, duas correntes, a dos funcionalistas (Vermeer, Reiss e Nord) e a dos descritivistas (Lefevere, Lambert, Toury), que, embora movidos por objetivos e concepções diferentes, constroem os seus paradigmas em resposta às teorias da tradução predominantemente linguísticas e baseadas na equivalência, para as quais o TP constituía o ponto de partida e o principal elemento de referência na tradução. Funcionalistas e descritivistas apostam num conceito de tradução orientado não tanto para o TP, mas para o contexto sociocultural de chegada, onde a tradução é vista como ato de comunicação intercultural.

A teoria funcionalista surgiu numa época, em que a procura de traduções de textos não-literários (artigos científicos, guias turísticos, bulas, contratos, legislação europeia, etc.) aumentou significativamente e obrigou a repensar o conceito de tradução, valorizando mais o TC, bem como o contexto da tradução que inclui o cliente, o tradutor, o público-alvo e a função da tradução na CC. Por se tratar de uma abordagem mais pertinente para a tradução técnica, contrariamente à abordagem descritiva, cujo enfoque é a tradução literária, não será aqui expandida a fundamentação teórica do paradigma funcionalista.

O enfoque do presente estudo na tradução literária direta do polaco (PL) para o português europeu (PE) leva-nos a valorizar tanto o contexto que favoreceu a tradução como os textos traduzidos, sem perder de vista o TP. À presente investigação interessa a descrição do fenómeno tradutório tanto na sua existência textual (história interna da tradução) como contextual (história externa da tradução). Tal inscreve-se nos objetivos traçados por Holmes (1972/2004) para a investigação em tradução, que não se cinge mais e apenas à descrição dos TP e dos TC, mas integra a descrição das circunstâncias históricas, espaciotemporais e socioculturais que envolvem e determinam o fenómeno da tradução. Na prossecução deste objetivo, a presente investigação subsidia-se na Teoria do Polissistema e nos princípios dos EDT, recorrendo ainda a outras e outras áreas do saber como a Linguística e a Linguística Cognitiva, a Teoria da Literatura e a Psicanálise.

2.2. Teoria do Polissistema

A rutura com o pensamento dicotómico sobre tradução e com as teorias linguísticas de carácter prescritivo, preponderantes nas décadas anteriores, deu origem a novas abordagens nos anos 70. O repto lançado por Holmes (1972/2004) para que os ET se pautassem pela objetividade científica avulta em propostas teóricas mais orientadas para o TC e para a CC do que para o TP e a cultura de partida (CP). A Conferência sobre Literatura e Tradução, organizada em Lovaina na Bélgica, em 1976, foi palco da profusão das novas tendências. Nela foram proferidas duas comunicações fundamentais para a consolidação dos EDT e, por conseguinte, para a presente investigação, a saber: “The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem” de Even-Zohar (1976/2004) e “The Nature and Role of Norms in Literary Translation” de Toury (1976/2004). Even-Zohar (1976/2004) revisitou a ideia de sistema literário e apresentou uma proposta teórica, conhecida como Teoria do Polissistema, enquanto Toury (1976/2004) formulou a noção de norma em termos teóricos e metodológicos com vista à sua aplicação ao estudo da tradução.

Em busca da genealogia dos EDT, Pym (2010/2013: 123) identifica duas filiações: a primeira, nos formalistas russos do início do século XX, que lançaram a ideia de que os métodos científicos podiam ser aplicados a produtos culturais, e a segunda, nas propostas dos estruturalistas checos, que concebiam o estudo da literatura como fenómeno linguístico, pertencente a uma estrutura temporal, espacial e social. Estas ideias, subjacentes à Teoria do Polissistema e ao paradigma de Toury (1995/2012), perfilham o pressuposto de Holmes (1972/2004: 176) de que os ET são uma disciplina empírica.

O presente subcapítulo é, assim, dedicado à exposição da Teoria do Polissistema com enfoque nos aspetos pertinentes para a investigação em curso. Even-Zohar deu início a uma série de ensaios sobre a obra literária, não tanto como objeto de análise em si, *i. e.*, como texto literário, mas como fenómeno pertencente a um sistema literário. Delineou um projeto de investigação centrado no estudo dos sistemas literários em correlação com outros sistemas culturais. A literatura passa a ser estudada como produto de uma cultura, enquanto os instrumentos de investigação do sistema literário, para além de operarem com os conceitos da Linguística, da Retórica e da Estilística, passaram também a levar em

consideração instrumentos de análise de outras disciplinas, tais como a Antropologia e os Estudos de Cultura (Even-Zohar, 1990: 1-2). Esta abordagem abrangente da literatura foi muito importante na formação dos ET, enquanto disciplina e interdisciplina.

A Teoria do Polissistema, elaborada por Even-Zohar (1990: 9-27), preconiza que a língua, a literatura e a sociedade sejam estudadas como sistemas de um conjunto mais lato, o polissistema. O polissistema designa o conjunto dos sistemas de uma determinada cultura. O prefixo *poli-* exprime a ideia de multiplicidade e, no caso do conceito de polissistema, refere-se aos diversos sistemas que se relacionam e interagem entre si no seio de uma cultura. Pym (2010/2013: 135) refere que estes sistemas culturais em permanente ligação vão desde os sistemas linguístico e literário até aos sistemas económico e político. Logo, a literatura deve ser estudada não somente como fenómeno estático e isolado, mas também ativo e dinâmico (Even-Zohar, 1990: 11) no seio do polissistema por meio de uma investigação interdisciplinar.

A Teoria do Polissistema opera com alguns conceitos-chave de natureza dicotómica, que seguidamente se caracterizam: *repertório canonizado e não-canonizado, repertório conservador e inovador, centro e periferia*.

Repertório é descrito como «the aggregate of rules and materials which govern both the making and use of any given product (...) a combination of ‘grammar’ and ‘lexicon’ of a given language» (Even-Zohar, 1990: 29). O repertório de um polissistema cultural é constituído por obras *canonizadas* e *não canonizadas*³ e estas ocupam respetivamente o centro e a periferia no sistema literário. Examinando as histórias das literaturas nacionais, Even-Zohar (1990: 9-11 e 45-51) observa que estas prestam apenas atenção a produtos culturais oficiais, *i. e.*, às obras canonizadas, desconsiderando outros produtos da cultura literária, tais como a literatura popular e a literatura infantojuvenil, bem como a literatura traduzida. Esta atitude valorativa exclui da investigação produtos legítimos de uma cultura, esquecendo que a perceção de determinadas obras como canonizadas só é possível com base num termo de comparação constituído por obras não canonizadas. Daí que Even-

³ O emprego do adjetivo *canonizado*, por oposição a *canónico*, realça o facto de se tratar de uma atribuição sociocultural e não de uma característica inerente à literatura canonizada, o cânone. Veja-se, p. ex., o uso do adjetivo *canónico* na gramática na expressão *ordem canónica* na aceção de ‘ordem básica’, a ordem predominante em PT, SVO.

-Zohar (1990) introduza a chamada literatura menor e a literatura traduzida no âmbito dos estudos literários e as reabilite enquanto objeto de investigação, dado que o polissistema literário é composto por obras canonizadas, obras marginais e traduções.

De acordo com Even-Zohar (1990: 14), os sistemas culturais não só se hierarquizam no seio do polissistema como também lutam entre si por uma posição no interior do mesmo, originando mudanças no eixo diacrónico e, por vezes, alternando posições que o estudioso israelita denomina como *central* e *periférica*. Estes últimos são termos-chave para descrever as relações entre a literatura *canonizada* e *não canonizada* e entre a literatura nacional e a literatura traduzida, em diferentes culturas.

Quanto à literatura traduzida, Even-Zohar (1990: 45-51) afirma que os investigadores não têm a percepção de que a literatura traduzida seja um sistema literário particular, uma vez que as traduções são estudadas individualmente. Segundo o autor, é possível considerar as traduções como sistema no âmbito de uma rede verbal e cultural de relações já que as obras traduzidas se relacionam com o polissistema de duas maneiras:

(...) (a) in the way their source texts are selected by the target literature, the principles of selection never being uncorrelatable with the home co-systems of the target literature; (b) in the way they adopt specific norms, behaviors, and policies – in their use of the literary repertoire, which results from their relations with the other home co-systems. These are not confined to the linguistic level only, but are manifest on any selection level as well (Even-Zohar, 1990: 46).

Para além de justificar a necessidade de estudar a tradução no âmbito das relações e das dependências que esta estabelece com o polissistema recetor, Even-Zohar (1990: 45-51) concebe a literatura traduzida como um sistema integrante e, por vezes, muito ativo de qualquer polissistema cultural. A importância desta visão integradora está patente na definição das normas preliminares do paradigma descritivo de Toury (1995/2012) e no presente estudo. Quanto à posição da literatura traduzida no polissistema e à sua relação com o repertório literário em geral, o referido investigador reconhece que a posição da literatura traduzida tende a ser periférica, mas alerta contra ideias preconcebidas e esclarece que a posição periférica ou central da literatura traduzida, bem como o seu papel inovador ou conservador, depende da constelação específica do polissistema em apreço e, conseqüentemente, do seu espaço e tempo históricos. Para ilustrar a sua argumentação, Even-Zohar (1990: 46-47) apresenta três situações-tipo, nas quais a tradução pode ocupar

uma posição central no polissistema literário, tendo um papel ativo e constituindo uma força inovadora capaz de contribuir para criação de um novo repertório literário. A tradução pode ocupar uma posição mais central quando um determinado polissistema literário (i) é jovem e não está consolidado, (ii) é periférico e/ou fraco em relação a outros e (iii) experimenta pontos de viragem, crises ou vazios culturais. Nestes casos, é necessário importar modelos, (re)afirmar a língua literária e preencher as lacunas com traduções.

Aplicando os pressupostos *supra* ao contexto português, encontramos uma das situações-tipo descritas por Even-Zohar na investigação empreendida por Seruya (2005: 32-33), na qual se apurou que, durante os anos do Estado Novo, os editores conscientes das lacunas existentes no sistema literário português deram início à importação e tradução de obras no âmbito dos mais variados subgéneros, o que teve como consequência a introdução de uma nova terminologia literária conducente à reorganização e valorização do subsistema da literatura traduzida em Portugal. Num estudo posterior, Seruya (2009: 74) especifica que «[a]s convenções da língua portuguesa já prevêm que se fale em “literatura policial” ou “literatura de ficção científica”, “romance de capa e espada”, “romance de aventuras”, “literatura de cordel”, etc.». A tradução pode ocupar um lugar mais central no sistema literário, quando, portadora de um novo repertório (subgéneros, temática, estilo, etc.), introduz elementos inovadores na literatura da CC. Os fenómenos descritos por Seruya (2005 e 2009) exemplificam um momento histórico durante o qual a literatura traduzida constituiu uma força inovadora e criadora de um novo repertório literário em Portugal.

Se bem que a tradução tenda a ser modelada de acordo com as normas literárias dominantes na CC, convencionalmente estabelecidas pelo repertório canonizado e possa não assumir um papel visivelmente influente na literatura da CC, há casos que contrariam a tendência generalizada, como a importação e a tradução do soneto, bem como a do romance histórico, que contribuíram para o desenvolvimento de novas normas e modelos. No que toca à tradução, a dicotomia entre *repertório conservador/secundário* e *repertório inovador/primário* é pertinente, porque, em certas épocas, a evolução das histórias das literaturas nacionais encontra-se intimamente ligada à tradução, como por exemplo, no caso das traduções dos romances de Walter Scott que impulsionaram a narrativa histórica, no século XIX, em Portugal (cf. Lopes, 2010).

Em resumo, a Teoria do Polissistema abriu caminho a uma abordagem inovadora que estuda a tradução como fenómeno inserido num contexto literário, cultural, social e histórico, realçando o seu impacto na história das literaturas nacionais. Nesta sequência, importa averiguar se a literatura polaca traduzida para PE teve um papel secundário/conservador ou inovador/primário no polissistema cultural português. Por intermédio da Teoria do Polissistema, os ET emancipam-se parcial e gradualmente da Linguística e da Literatura para se tornarem uma disciplina autónoma.

Não obstante, a Teoria do Polissistema tem limitações e fraquezas. Estando intimamente ligada à literatura e à tradução literária, levanta-se a questão da sua aplicabilidade à tradução técnica e científica. Apresentando-se como proposta descritivo-explicativa, esta teoria não se liberta do pensamento dicotómico em relação aos instrumentos de estudo da tradução no seio do polissistema e emprega uma adjectivação avaliativa que denota juízos de valor: *periférico, jovem, fraco*. As propostas de Even-Zohar são igualmente alvo de crítica por parte de diversos pensadores: Genzler (1993/2001: 120-123) considera que os estudos de Even-Zohar propõem generalizações com base em poucas evidências; Hermans (1999: 117-119) critica a Teoria do Polissistema por esta prestar pouca atenção às relações de poder político e social, bem como a entidades concretas, tais como instituições, grupos de interesse e de influência, e tradutores; Pym (1998: 122-123) considera a Teoria do Polissistema uma “prosa sem sujeito”, na medida em que o seu discurso elimina a presença do ser humano que é afinal o motor da evolução.

Apesar das limitações da Teoria do Polissistema, principalmente face ao crescimento recente de abordagens focadas em aspetos políticos, culturais e éticos, que dão conta de outras complexidades dos fenómenos da tradução, algumas das propostas de Even-Zohar (1990) inspiraram o paradigma de Toury (1995/2012), no que toca a normas preliminares e iniciais e, conseqüentemente, parecem revelar-se vantajosas na aferição de políticas de tradução de literatura polaca no polissistema português, bem como na aferição das normas iniciais.

2.3. Estudos Descritivos de Tradução (EDT)

Na senda da proposta de Holmes (1972/2004: 176) de conceber os ET como disciplina empírica com objetivos e métodos científicos, surgiu um novo paradigma de investigação em tradução, os Estudos Descritivos de Tradução. Os EDT afiguram-se como modo de ultrapassar o impasse da dicotomia da tradução da palavra ou do sentido, bem como de superar a posição normativa e prescritiva das teorias da equivalência, em prol da implementação de uma atitude descritiva e explicativa. Hermans (1999: 49) valoriza assim o seu contributo: «It was against the background of (...) prescriptive and ahistorical approaches to translation that Gideon Toury's proposals acquired their revolutionary hue». Os EDT surgiram na sequência de uma viragem na investigação em tradução, na medida em que as traduções deixaram de ser vistas como meras transposições de palavras, frases e textos de uma língua para outra para passarem a ser entendidas como fenómenos que nascem e vivem de acordo com as condições existentes numa determinada CC:

Translations are facts of target cultures; on occasion facts of a peculiar status, sometimes constituting identifiable (sub)systems of their own, but of the target culture in any way (Toury, 1995/2012: 23).

O enfoque no TC e na CC, ao diminuir a relevância das teorias linguísticas orientadas para o TP, permite que as diferenças entre o TP e o TC possam também ser explicadas como resultados de comportamentos tradutórios ditados por normas de tradução existentes na CC. Se a tradução é um tipo de comportamento regido por normas, a desentronização do TP surge como uma consequência natural do postulado da primazia do contexto de chegada. Daí a necessidade de construir uma nova metodologia de investigação capaz de descrever as traduções a partir da perspetiva da CC.

Toury (1995/2012) concebe a literatura traduzida como um subsistema, do qual derivam normas que regem e constroem tanto a seleção das traduções por parte dos editores como a atividade do tradutor. Por conseguinte, a tradução passa a ser estudada não só como um fenómeno linguístico e literário, mas também como fenómeno cultural com um papel a desempenhar: «translation activities and their products not only can, but very often do cause changes in the *target* culture» (Toury, 1995/2012: 21) [Destaque do autor].

Ao contemplar o papel e a posição da tradução no polissistema cultural, os pressupostos subjacentes aos EDT são os seguintes: (i) a tradução é um facto da CC; (ii) as normas existentes na CC regem a tradução; (iii) o TC é privilegiado em relação ao TP e (iv) a investigação dos fenómenos tradutórios é feita por meio da descrição e da explicação.

Os três primeiros pressupostos enquadram-se num movimento que Bassnett e Lefevere (1990) designaram como *viragem cultural* e que implicou o alargamento da investigação em tradução, até à data concentrada na (in)correção linguística das traduções, a abordagens que contemplassem os fenómenos tradutórios no seio da CC.

O quarto pressuposto prende-se com a definição dos ET enquanto disciplina empírica, cujo objetivo é descrever e explicar o que são e como se apresentam as traduções em si e em comparação com os TP. Na descrição comparativa dos TP e TC, a equivalência ressurge como instrumento de análise útil e funcional. A tradicional noção de equivalência, focada na avaliação dicotómica do certo-errado, é revista por Toury (1995/2012), para quem a tradução estabelece, por definição, relações de equivalência com a sua fonte, independentemente da estratégia em que se baseia e da sua qualidade linguística e estética:

What this approach clearly entails is a wish to retain the notion of equivalence, (...) while introducing one essential change: a move from an ahistorical, largely prescriptive concept to a historically-oriented notion with a descriptive potential. Rather than being a single type of relationship, anchored in a recurring invariant, it now refers to **any relations which is found to have characterized translation under a specified set of circumstances** (Toury, 1995/2012: 85) [Destaques do autor].

Face ao exposto, a tarefa do investigador será, entre outras, descrever e explicar como a equivalência, agora um conceito descritivo, se materializa nos textos traduzidos, abstendo-se de afirmações avaliativas e atitudes normativas e prescritivas (Toury, 1995/2012: 88).

No que diz respeito ao segundo pressuposto dos EDT, a visão da tradução como atividade regida por normas (Toury, 1995/2012: 61-77), este implica estabelecer um modelo de investigação, cujo objetivo seja averiguar as normas que regulam as traduções em determinados tempos e espaços culturais. Assim, Toury (1995/2012) começa por definir o que entende por normas e explica como se articula o estudo das normas e a investigação na história, externa e interna, da tradução. Tendo como ponto de partida uma perspetiva

sociológica, as normas são apresentadas como ideias ou valores negociados e partilhados por uma comunidade:

(...) the translation of general values or ideas shared by a community – as to what would count as right or wrong, adequate or inadequate – into performance ‘instructions’ appropriate for and applicable to concrete situations. These ‘instructions’ specify what is prescribed and forbidden, as well as what is tolerated and permitted in a certain behavioural dimension (Toury, 1995/2012: 63).

As normas são adquiridas pelo indivíduo durante o processo de socialização e representam não só instruções comportamentais como também constrangimentos; podem ser seguidas, desafiadas, contrariadas, negociadas e alteradas. Não são universais, variam consoante os tempos e os espaços e não se encontram escritas, pelo que precisam de ser investigadas a partir de regularidades observáveis nos comportamentos humanos: «The norms themselves will still need to be recovered from instances of behaviour, using the observed regularities as a clue» (Toury, 1995/2012: 65).

Se as normas podem ser reconstruídas com base em regularidades dos comportamentos dos tradutores em situações recorrentes do mesmo tipo, então as regularidades constituem a fonte principal para o estudo das normas. O investigador depara-se com uma hierarquia de investigação que, em sentido ascendente, *i. e.*, da camada inferior para a superior, se apresenta de modo seguinte: comportamento dos tradutores (social e individual) – regularidades observáveis nas traduções – normas. Dito em sentido inverso, as normas (instruções e constrangimentos) são interiorizadas pelos tradutores, manifestam-se em regularidades tradutórias no produto da tradução e podem ser observadas e reconstruídas pelos investigadores. Na perspetiva descritiva, as normas são hipóteses explicativas para as escolhas e decisões dos tradutores: «Norms do not appear as entities at all, but rather as explanatory hypotheses for actual behaviour and its perceptible manifestations» (Toury, 1995/2012: 65).

A tradução encontra-se, assim, sujeita a normas quer sob a forma de instruções quer de constrangimentos. Como exemplo de norma de tradução, que funciona como instrução, pode referir-se a prática que consistia em traduzir poesia sob a forma de prosa, na França do século XIX (Pym, 2010/2013: 139). Não havia uma regra escrita que a impusesse, embora existisse um acordo coletivo informal e fosse tanto uma prática comum entre os tradutores

como uma prática aceita pelos leitores. Contudo, a norma não era seguida por todos os tradutores, dado que as normas, contrariamente à leis, não são vinculativas. Pym (2010/2013: 140) lembra que um tradutor que não adere às normas pode ser considerado mau tradutor ou, em casos mais felizes, ser visto como impulsionador de novas normas. Uma norma pode, assim, ser entendida como uma prática-padrão em relação à qual os comportamentos se referenciam.

Os constrangimentos tradutórios acima referidos prendem-se com o TP, com as diferenças sistémicas e estruturais entre as línguas, com as diferentes tradições textuais e convenções literárias da CP e da CC e, inclusivamente, com as capacidades e as limitações cognitivas do tradutor. Existem, pois, constrangimentos linguísticos, socioculturais e individuais. As tensões e os problemas tradutórios resultantes das fontes de constrangimentos são solucionados com base em normas intersubjetivas que regulam os comportamentos dos tradutores. Sendo intersubjetivas essas mesmas normas permitem também aos leitores aferir se o tradutor observou ou não as normas.

Com base nos pressupostos acima expostos, no capítulo intitulado “Studying translational norms”, Toury (1995/2012: 79-92) propõe um modelo teórico-metodológico, aplicável a estudos isolados e a conjuntos de traduções. O seu paradigma de investigação descritivo-explicativo contempla três tipos de normas: *preliminares*, *iniciais* e *operacionais*, sendo as últimas subdivididas em *matriciais* e *linguístico-textuais*.

Em primeiro lugar, **as normas preliminares** (Toury, 1995/2012: 82) permitem situar as traduções no sistema da CC e aferir o seu significado, papel e posição no polissistema. Remetem para duas linhas de investigação: (i) as normas respeitantes à existência e à natureza de uma política de tradução e (ii) as normas relacionadas com a escolha da tradução direta ou indireta. As normas denominam-se preliminares porque precedem e preparam o processo da tradução propriamente dita. Antes de o tradutor dar início ao ato de tradução, existe alguém (no caso da tradução literária é o diretor / coordenador editorial ou literário / conselho editorial) que estuda e seleciona as obras a traduzir para a sua língua e decide se a tradução será feita diretamente a partir da LP (tradução direta) ou se através de uma terceira língua de mediação (tradução indireta). Esta fase preliminar da tradução obedece a normas que Toury 1995/2012: 82) designa como *política de tradução*.

Em segundo lugar, **a norma inicial** consiste na escolha da estratégia básica de tradução por parte do tradutor, antes de dar início ao ato tradutório:

(...) any translator is called upon to make an overall choice between two extreme orientations: heavy leaning on the assumed original (**adequacy**, in our terminology), and sweeping adherence to norms which originate and act in the target culture itself, thus determining the translation's **acceptability**, whether as a TL text in general, or, more narrowly, as a translation into that language (Toury, 1995/2012: 79) [Destaque do autor].

No fundo, a discussão da tradução da palavra e do sentido é reformulada, contornando o seu pendor prescritivo, através dos termos *adequação* e *aceitabilidade*, adaptados ao propósito das normas para distinguir as duas orientações básicas em tradução, ao mesmo tempo que se reconhece que qualquer tradução é uma mescla de ambas as estratégias.

Adequar significa submeter a tradução às normas que regem o TP, o que, em última instância, avulta numa tradução mais literal, porquanto a *tradução adequada* tende a subscrever as normas da LP, do TP e da CP. Esta tendência pode envolver algumas tensões com as normas e as práticas da CC, originando decalques e interferências linguísticas. Pelo contrário, numa *tradução aceitável*, o tradutor submete o TP às normas vigentes na LC e na CC. Neste caso, o sistema das normas da CC entra em ação, originando «shifts from the source text» (Toury, 1995/2012: 80), mudanças tradutórias em relação ao TP, que redundam na tendência para uma tradução mais livre. A adesão às normas da CC gera a aceitabilidade da tradução.

A norma inicial oscila entre a aproximação do TC à LP e à CP (*adequação*) ou a sua aproximação à LC e à CC (*aceitabilidade*). Porém, Toury (1995/2012: 80) reconhece que nenhuma tradução é totalmente adequada ou aceitável, pois até a tradução mais adequada ao TP implica modificações, sob a pena de se tornar incompreensível. Logo, estas mudanças são um verdadeiro universal da tradução, uma vez que, não sendo idiossincráticas, são regidas por normas linguísticas e culturais.

À adoção da norma inicial subjaz o debate tradicional sobre o conceito de *equivalência* que Toury (1995/2012: 32) contorna, afirmando que são as normas que determinam o tipo e o grau de equivalência manifestos nas traduções. A análise da norma inicial pode, no entanto, revelar que não há uma tendência clara a nível macrotextual, o que não impede que não se dê conta de decisões a nível microtextual em termos de adequação ou

aceitabilidade. Por outro lado, se o tradutor escolheu claramente uma estratégia, tal não implica que todas as decisões microtextuais estejam de acordo com a estratégia global. No que respeita à dicotomia proposta por Toury (1995/2012), Hermans (1999) aponta problemas conceituais e terminológicos, considerando a reconstrução das relações textuais uma utopia e os termos da dicotomia infelizes:

[The]reconstruction of the 'textual relationships' of a text is a utopian enterprise. (...) Another objection to the terms 'adequate' e 'acceptable' is simply that they are unfortunate (...). Not only are both terms frequently used in their standard sense, but even writers following Toury's lead have been led astray (Hermans, 1999: 76-77).

Efetivamente, a reconstrução das relações textuais – quer tendam para a adequação quer para a aceitabilidade – não é fácil, porque, conforme Toury alerta (1995/2012: 70), «100% regularity is hardly ever to be expected». Do ponto de vista teórico e metodológico é, porém, importante reter a oposição – adequação e aceitabilidade - e tratar os dois polos como distintos com vista a aferir os diferentes graus de equivalência e os compromissos tradutórios envolvidos. Toury (1995/2012: 80) defende a oposição entre adequação e aceitabilidade e a sua aplicação no estudo da tradução na medida em que as normas iniciais constituem ferramentas auxiliares na formulação de hipóteses explicativas.

Quanto ao argumento de que os termos da dicotomia são infelizes, reconhece-se razão a Hermans, pois os mesmos não se associam facilmente ao conteúdo para que remetem. Hermans (1999: 77) sugere reformular a designação das normas da *adequação* e da *aceitabilidade* para *estratégia de tradução mais orientada para o TP* (interferência) ou *mais orientada para o TC* (normalização), mas o facto de as distinções constituírem paráfrases também não parece ser uma solução prática e económica. Os respetivos termos propostos por Venuti (1998) – *estrangeirização* e *domesticação* – são mais sugestivos e pictóricos, mas pertencem a outro paradigma de investigação. Assim, por razões de coerência com o modelo de investigação escolhido, serão empregues os termos *adequação* e *aceitabilidade*, sem esquecer que a escolha da norma inicial não depende só do tradutor, mas envolve outros agentes e múltiplos fatores como as características do TP, o propósito da tradução, o repertório de traduções existentes e o público-alvo.

As normas operam na tradução de todos os tipos de textos, em todas as sociedades, épocas e a cada passo da atividade tradutória, refletindo-se em cada um dos níveis do seu produto.

Daqui resultam as restantes normas tradutórias que se apresentam em terceiro lugar: as *normas operacionais* que se subdividem em *matriciais* e *linguístico-textuais*.

As normas operacionais (Toury, 1995/2012: 82) são as normas que guiam as decisões tomadas pelo tradutor durante o ato de tradução. Afetam a matriz do texto, *i. e.*, os modos de distribuição do material linguístico, a configuração textual e as formulações verbais. Regem também as relações entre o TP e o TC, determinando o que será preservado e o que será modificado. Toury divide as normas operacionais em dois tipos mais específicos: *normas matriciais* e *normas linguístico-textuais*.

As normas matriciais (Toury, 1995/2012) prendem-se com a relação entre a estrutura e a configuração do TC com o TP:

[M]atrical norms govern the very existence of TL material intended as a replacement of corresponding SL material (and hence the degree of fullness of translation), its location in the text (or the way linguistic material is actually distributed throughout it), as well as the text's segmentation into chapters, stanzas, passages and suchlike (Toury, 1995/2012: 82-83) [Destaques do autor].

As normas matriciais determinam a macroestrutura do texto traduzido e ditam decisões que se prendem com a sua divisão em capítulos e parágrafos, com a omissão ou o acréscimo de fragmentos textuais, com alterações de partes do texto e com a manipulação de segmentos textuais em relação ao TP. Quando a macroestrutura do TC apresenta notórias diferenças face ao TP, as normas matriciais podem orientar o investigador na descrição da tradução e na formulação de hipóteses explicativas para os procedimentos tradutórios em foco, p. ex., averiguar se as diferenças são apenas imputáveis ao tradutor ou ainda a outros agentes envolvidos no processo de tradução, tais como os editores.

Já **as normas linguístico-textuais** são definidas por Toury (1995/2012) como aquelas que afetam a microestrutura do texto traduzido e abrangem as escolhas tradutórias a nível lexical, gramatical, sintático ou estilístico:

Finally, *textual-linguistic norms* govern the selection of linguistic material for the formulation of the target text, or the replacement of the original material. Norms of this kind may be more or less general, e.g. apply to translation as such, or to one text-type and/or mode of translation only. Some of the textual-linguistic norms may be similar to norms governing non-translational text-production in the same culture (...), but such a similarity cannot be taken for granted (Toury, 1995/2012: 83) [Destaques do autor].

O estudo destas normas implica a comparação interlinguística do TC com o TP a fim de apurar mudanças tradutórias regulares, a partir das quais se descrevem e explicam os procedimentos adotados pelos tradutores conducentes à identificação da conceção de tradução subjacente. A identificação de fenómenos tradutórios, partindo do cotejo do TC e do TP, conduz à observação de regularidades, que se manifestam na recorrência de vocábulos, construções sintáticas, marcas estilísticas, etc. Toury (1995/2012: 65) aborda a questão das regularidades em termos de regularidades observáveis no comportamento do tradutor, ditadas pelas normas. Todavia, Chesterman (2006) questiona esta relação causal, apontando para outras hipóteses explicativas:

(...) the cause of an observed regularity *may* be the existence of a norm, but it does not have to be. Other possible causes include cognitive constraints, time and task constraints, or factors concerning the translator's background knowledge and proficiency – and of course chance (Chesterman, 2006: 16).

Verificar se toda a regularidade se apresenta como fruto de uma norma ou não é uma questão pertinente para a qual se buscará dar resposta fundamentada, na presente investigação, com base nas ocorrências tradutórias observadas.

O estudo das normas da tradução é para Toury (1995/2012) o fundamento que permite formular as leis da tradução. A existência de leis de tradução baseia-se no pressuposto de que os textos traduzidos apresentam características universais, diferentes dos textos não traduzidos e dos textos originais. Assim, Toury (1995/2012) propõe duas leis que seguidamente se apresentam.

A primeira, denominada «law of growing standardization» [lei da normalização, padronização, naturalização ou uniformização crescente], refere-se à perda de características da LP quando a tradução é feita em conformidade com os padrões da LC. A lei da normalização é formulada com seis variantes, das quais se destaca a primeira para efeitos do presente estudo: «in translation, source-text textemes tend to be converted into target language (or target-culture) repertoremes» (Toury, 1995/2012: 303). O facto de o tradutor tender a substituir relações textuais típicas ou únicas da língua do TP, chamadas *textemas*, por opções institucionalizadas ou estereotipadas da língua do TC, denominadas *repertoremas*, conduz ao argumento de que a tradução recorre a modelos da escrita da CC e tende a ser estilisticamente mais padronizada do que o TP.

A segunda lei da tradução, designada por «law of interference» [lei da interferência], indica que existem normas do TP que são traduzidas como tal para o TC. A lei é assim enunciada: «in translation, phenomena pertaining to the make-up of the source text tend to force themselves on the translators and be transferred to the target text» (Toury, 1995/2012: 310). A lei da interferência refere-se principalmente a aspetos lexicais e sintáticos que parecem ser decalcados da LP e deixam no leitor a sensação de estar a ler uma tradução. Trata-se da transferência de características, sobretudo, linguísticas do TP para o TC, ou seja, por vezes, os tradutores tendem a empregar palavras, expressões ou frases que manifestam decalques e interferências linguísticas do TP. Toury distingue ainda dois tipos de interferência, uma negativa que define como «deviations from normal, codified practises of the target system» (Toury, 1995/2012: 311) e outra positiva que descreve como «an increase in frequency of features which do exist in the target system and can be used anyway» (Toury, 1995/2012: 311).

Em suma, o paradigma de investigação de Toury (1995/2012) constitui, no âmbito dos EDT, um contributo inestimável para a consolidação da disciplina a nível teórico e prático. Comprovam-no inúmeros artigos científicos (Brownlie, 2003; Schäffner, 2010), capítulos em livros (Hermans, 1999; Pym, 2008), bem como estudos que aplicaram parcialmente o modelo do investigador israelita (Leuven-Zwart *apud* Pym, 2010/2013).

Todavia, o paradigma descritivista tem as suas limitações. Pym (2010/2013: 156) critica os EDT pela sua pretensa objetividade científica. Efetivamente sendo a descrição e a explicação dos fenómenos tradutórios da responsabilidade de um ser humano, parece razoável conceber que estarão naturalmente sujeitas à subjetividade do investigador e que provavelmente o mesmo fenómeno não será descrito e explicado da mesma maneira por diferentes estudiosos:

(...) empirical facts do not exist independently of the scholar's viewpoint; indeed, it is the scholar who creates the empirical facts of the analysis by making observable (raw) data relevant to his/her perspective (Crisafulli *apud* Saldanha e O'Brien, 2013:11).

A existência de fatores subjetivos, sobretudo, na explicação de fenómenos tradutórios, respeitantes aos agentes literários (tradutores, autores e editores), parece, portanto, indicar que qualquer que seja o estudo será sempre resultante de percepções e

interpretações individuais. Por maior que seja a atitude crítica e autocrítica de um investigador de tradução é provável que os dados tradutórios por ele observados e recolhidos sejam filtrados quer pelas suas conceções e interesses quer pelos conceitos de tradução vigentes no seio da comunidade académica a que pertence.

Por seu turno, Hermans (1999: 90) manifesta ceticismo quanto à aferição de todas as variáveis e leis aplicáveis à tradução. É óbvio que muito dificilmente se esgotam todas as descrições e explicações possíveis para uma tradução; por isso, qualquer investigador que se dedique a um estudo comparativo entre um TP e respetivo TC terá de fazer opções (*cf.* William e Chesterman, 2002/2007: 6) que inevitavelmente implicam exclusões.

Pym (2010/2013: 156-160) critica ainda a impessoalidade dos EDT, porque o modelo descritivo coloca a tónica nas normas, nos textos, no sistema e na cultura, relegando o tradutor para segundo plano. O argumento faz parte do programa de Pym (1988: vii) que batalha para que a história da tradução seja também escrita em termos da identidade e da biografia dos tradutores. Por se considerar pertinente a posição de Pym, a presente investigação levará em consideração a pessoa do tradutor a nível biográfico e idiossincrático com vista a personalizar os EDT e o seu discurso científico.

No âmbito dos EDT, existem outros modelos de investigação alternativos ao paradigma de Toury, tais como o modelo de Andrew Chesterman (1993 e 1997), que também se baseia no estudo de normas de tradução, mas com maior enfoque em fatores extratextuais, assim como o modelo de José Lambert e Hendrik van Gorp (1985), um esquema de comparação entre o TP e o TC que contempla as relações entre o autor, o texto e o leitor, privilegiando assim fatores extratextuais.

Para orientar a presente investigação foi escolhido o paradigma de Toury por se tratar de uma proposta metodológica norteada pela descrição e explicação dos fenómenos tradutórios com grande enfoque nos textos, o que se afigura como adequado ao *corpus* selecionado e aos objetivos da pesquisa que pretende empreender um estudo interlinguístico e intercultural sobre a literatura polaca traduzida diretamente para português europeu, nas suas vertentes contextuais e textuais (lexical, sintática e estilística).

3. Metodologia de investigação

Toda a investigação recorre a um paradigma ou modelo teórico apropriado ao objeto a investigar porque tal oferece vantagens conforme abaixo se descreve:

Theoretical models represent their objects in more abstract ways; they are often based on assumptions about how something is structured, or how it might be related to other phenomena. These models are attempts to construct images of the object of study, images that hopefully make it easier to visualize, understand and analyse (Williams e Chesterman, 2002/2007: 48) [Destaques dos autores].

O paradigma proposto por Toury (1995/2012) foi o escolhido por se entender que se trata de um modelo prático e exequível, que indica os passos a percorrer, permite ao investigador adaptá-los ao propósito específico da investigação e não impede o recurso a outras disciplinas científicas para descrever e explicar os fenómenos tradutórios observados. Os tópicos de investigação em tradução são incontáveis, pelo que se impõe delimitar o objeto, os objetivos e os métodos.

No presente estudo, o **objeto** é constituído por um *corpus* paralelo e bilingue, composto por dez obras literárias originais, em poesia e prosa, e pelas respetivas dez traduções. De acordo com o modelo de Toury (1995/2012), os **objetivos** são (i) reconstruir as normas preliminares que ditaram as políticas de tradução, (ii) averiguar as normas iniciais escolhidas pelos tradutores, (iii) identificar regularidades no seio das normas operacionais a nível macro e microtextual. À margem do modelo de Toury, pretende-se, ainda, (iv) aferir marcas distintivas dos tradutores. No que diz respeito aos **métodos** a seguir, estes são essencialmente dois e foram escolhidos em função dos objetivos acima apresentados. Na prossecução do primeiro objetivo, que se insere no âmbito da história externa da tradução, recorre-se a fontes extratextuais e o método a aplicar são entrevistas ou questionários. Para alcançar os restantes objetivos do foro da história interna da tradução recorre-se a fontes textuais (TP e TC), sendo o método a aplicar a análise textual, interlinguística e comparativa, designada em tradução como *cotejo* ou *cotejamento* dos textos.

No que concerne à reconstrução das normas preliminares, a investigação, que recorre aos depoimentos dos agentes da tradução, assume-se como interativa. O recurso a meios interativos justifica-se pelo papel primordial que os editores têm na seleção das obras que

as suas editoras traduzem e publicam. Quanto à aceitação dos seus depoimentos, Toury (1995/2012) recomende prudência porque estes são produtos colaterais da existência e da atividade das normas, provêm de partes interessadas e podem pautar-se por alguma falta de isenção: «all the more so since – emanating as they do from interested parties – they are likely to lean toward propaganda and persuasion» (Toury, 1995/2012: 88).

No âmbito do estudo das normas iniciais e operacionais, a presente investigação assume-se como não-interativa, porquanto o objeto em estudo (os textos) não desempenha um papel ativo durante a recolha, a análise e a explicação dos dados apurados. Neste passo, não se recorre a entrevistas com os tradutores, porque o estudo descritivo e explicativo das traduções, sendo possível em si e por si, dispensa o depoimento do tradutor. Aliás, Toury (1995/2012: 88-89) também não é apologista da investigação em tradução baseada em testemunhos de tradutores, advertindo que os mesmos podem ser tendenciosos. Por conseguinte, o estudo das normas iniciais e operacionais cinge-se às fontes textuais.

Na perspetiva dos EDT, estudar traduções significa descrever como são e como se apresentam as traduções em si e comparativamente. A análise textual, interlinguística e comparativa a aplicar no presente estudo baseia-se no cotejo dos TP e dos TC, seguindo o exemplo de Vinay e Darbelnet (1958/1995), Newmark (1988), Baker (1992) e Toury (1995/2012). É impossível investigar todos os aspetos de um romance, ou até mesmo, de um conto, pelo que Williams e Chesterman (2002/2007: 6) aconselham o investigador a selecionar um ou mais tópicos como objeto de estudo. Dada a extensão do *corpus* por nós reunido, é no âmbito do estudo das normas operacionais que essa seleção mais se impôs, recaindo os tópicos escolhidos sobre técnicas de tradução a nível lexical, sintático e estilístico. O estudo, de natureza qualitativa, descritiva e explicativa, tem como objetivo apurar regularidades entre os fenómenos tradutórios e explicá-las sem, todavia, as contabilizar com vista a um tratamento estatístico de dados, ressaltando alguns estudos de caso (p. ex., as secções 4.2 e 4.3 da III Parte, o capítulo II da IV Parte), em que o número de ocorrências será quantificado. Assim, entende-se que quaisquer que sejam os aspetos a investigar nos textos destinados à análise comparativa, o objetivo do investigador será descobrir padrões de correspondência/equivalência entre os textos:

In other words, you would be interested in possible regularities of the translator's behaviour, and maybe also in the general principles that seem to determine how certain things get translated under certain conditions (Williams e Chesterman, 2002/2007: 7).

No presente estudo, recorre-se ainda à comparação de traduções com não-traduções na LC, um tipo de análise que compara textos traduzidos para uma determinada língua com textos semelhantes escritos originalmente nessa mesma língua. O objetivo deste tipo de comparação, designada como *corpus comparável* é, segundo Williams e Chesterman (2002/2007: 7), verificar de que modo as traduções tendem a diferir dos textos escritos na LC e tendem a ser menos naturais, *i. e.*, refletem interferências da LP. Este tipo de análise procura aferir diferenças textuais em traduções e não-traduções.

Pelas razões acima expostas, no decurso do cotejo dos TP e TC do presente estudo, são selecionadas, comparadas, descritas e explicadas unidades tradutórias correspondentes ou equivalentes no TP e no TC. Sustentada na distinção entre sistema e uso, a teoria da tradução costuma distinguir as noções de *correspondência* e de *equivalência*:

Correspondence is a relation of (approximate) formal and/or functional equality between elements of two language systems (grammars) (...). Equivalence, on the other hand, is a relation between two instances of language use, for instance two actual utterances or texts, such as a source text and a target text (Williams e Chesterman, 2002/2007: 50).

O que acima se expôs significa que dicionários e gramáticas bilingues sugerem correspondências, ao passo que os TC propõem equivalências para os TP. Tal é também a convicção de Ortega y Gasset (1937/2013: 12) quando afirma que «es utópico creer que dos vocablos pertenecientes a dos idiomas y que el diccionario nos da como traducción el uno del otro, se refieren exactamente a los mismos objetos». Ainda que controversas, considera-se que as noções de correspondência e equivalência continuam a revelar-se úteis e funcionais na análise comparativa interlinguística e, como tal, serão aqui empregues nas aceções que Williams e Chesterman (2002/2007: 50) lhes conferem.

Na tentativa de evitar o discutido termo *equivalência*, Catford (1965/2004) propôs a noção neutra de *translation shifts* [mudanças tradutórias] para as diferenças entre o TP e TC resultantes da aplicação de técnicas de tradução:

By "SHIFTS" we mean departures from formal correspondence in the process of going from the SL (source language) to the TL (target language). Two major types of "shifts" occur: level

shifts [from *grammar* to *lexis* and vice-versa] and category shifts [*departures from formal correspondence* in translation] (Catford, 1965/2004) [Destaques do autor].

Assim, em busca de mudanças tradutórias, analisam-se as diferenças entre os TP e TC, sendo o investigador guiado por um conjunto de perguntas às quais tenta dar resposta:

What kind of differences do we find, in what contexts? Do they seem random or systematic? If they seem systematic between two particular languages, can we formulate an equivalence rule? If they seem to occur regardless of language pair, might this kind of difference be universal? (Williams e Chesterman, 2002/2007: 51).

O objetivo de uma investigação baseada num modelo comparativo, descritivo e explicativo será, portanto, descrever o produto da tradução e as suas relações com o TP, *i. e.*, descobrir correlações entre as duas partes da relação, bem como as mudanças operadas durante o processo de transferência de uma cultura para outra. Observando-se que o cotejo dos textos deu origem a um sem-número de ocorrências ilustrativas das mesmas mudanças tradutórias e que a sua transcrição exaustiva não só tornaria o estudo fastidioso como seria desnecessária para a exemplificação dos fenómenos tradutórios e das regularidades em foco, estipularam-se algumas restrições: no estudo das normas iniciais (estratégias tradutórias) e das normas operacionais (técnicas tradutórias), cada regularidade é ilustrada com três exemplos; nas secções, em que se analisam fenómenos tradutórios que constituem estudos de caso quantitativos (p. ex., a ocorrência das palavras *las* 'floresta' nos TP e *barulho* nos TC) ou regularidades mais diversificadas (p. ex. a intertextualidade, as expressões idiomáticas e os lapsos) serão apresentados mais do que três exemplos.

Outro aspeto importante do ponto de vista metodológico para o estudo da tradução na presente tese é a apresentação de *glosas* (também designadas como *tradução interlinear*) para cada um dos exemplos. A glosa é uma tradução palavra-a-palavra que amiúde não serve propósitos comunicativos e não é aceite como tradução no mundo editorial.

The type of translation which most completely typifies this structural [formal] equivalence might be called a "gloss translation", in which the translator attempts to reproduce as literally and meaningfully as possible the form and content of the original (Nida, 1964/2004: 159).

A finalidade da glosa é dar a conhecer a estrutura lexical e sintática do TP sem a intervenção (ou a intervenção mínima) das técnicas de tradução, pelo que Nida (1964/2004) lhe atribui

importância enquanto valor pedagógico e didático, bem como meio de experimentar o modo de expressão do Outro, fomentando um contacto mais direto entre os povos:

A gloss translation of this type is designed to permit the reader to identify himself as fully as possible with a person in the source-language context, and to understand as much as he can of the customs, manner of thought, and means of expression (Nida, 1964/2004: 159).

Para além das vantagens mencionadas por Nida, as glosas são importantes na investigação sobre tradução porque permitem aferir melhor e descrever o tipo de mudanças efetuadas pelos tradutores e, assim, identificar as técnicas de tradução utilizadas. Na presente investigação, a utilização das glosas obedece a dois objetivos: o primeiro é linguístico, porque pretende facultar ao leitor, sobretudo àquele que não fala polaco, a versão palavra-a-palavra do TP, para melhor compreender as mudanças efetuadas pelos tradutores; o segundo é cultural, porque deseja aproximar o leitor de língua portuguesa ao falante de língua polaca, na medida em que as glosas tanto mostram as dissemelhanças no modo de expressão entre o polaco e o português, fazendo emergir o carácter específico da língua polaca, como convidam o leitor português a apreciar a conceptualização do mundo dos polacos e o modo como ordenam as palavras e organizam o pensamento.

Para efeitos de exposição das glosas, foram concebidas tabelas consoante os fenómenos tradutórios a descrever e explicar. Os segmentos comparados do TP e do TC, que ilustram ocorrências no âmbito das normas iniciais e linguístico-textuais, na sua vertente lexical, são apresentados em tabelas numeradas (*cf.* Tabela 1 e 2, em baixo) que, na primeira linha, transcrevem o TP dividido por palavras em colunas, de modo a que a segunda linha possa apresentar a respetiva glosa. A terceira linha reproduz o TC. A coluna da direita destina-se a identificar as fontes. A apresentação dos segmentos comparados do TP e do TC, intercalados pelas glosas, desvenda um pouco do que se passa na mente do tradutor durante o processo de tradução, permitindo perceber melhor as mudanças tradutórias ocorridas e classificá-las.

Tabela 1 - Apresentação da tabela de análise lexical

(1)A

TEXTO DE PARTIDA	FONTE
GLOSA EM PORTUGUÊS	
TEXTO DE CHEGADA	FONTE

(1)B

Ktoś	wołał	coś.	WS 1: 8
Alguém	chamava	algo	
Alguém gritou algo.			JG: 9

A fim de evitar excesso de informação e economizar espaço, o TP é identificado com o nome do autor e o TC através do nome do tradutor, por meio de iniciais e do número de página. Na exemplificação *supra*, entende-se que o enunciado em PL *Ktoś wołał coś* provém da obra de Wisława Szymborska (WS), *Widok z ziarnkiem piasku* (1), e encontra-se na página 8 e que a sua tradução para PE *Alguém gritou algo* é da autoria de Júlio Gomes (JG) e encontra-se na página 9 de *Paisagem com grão de areia*.⁴

No caso de os segmentos comparados do TP e do TC servirem para ilustrar fenómenos sintáticos, as tabelas incluem uma linha com a informação gramatical (*cf.* Tabela 2).

Tabela 2 - Apresentação da tabela de análise lexical e sintática

(2)A

TEXTO DE PARTIDA	FONTE
GLOSA EM PORTUGUÊS	
INFORMAÇÃO SINTÁTICA E MORFOLÓGICA	
TEXTO DE CHEGADA	FONTE

(2)B

Ktoś	wołał	coś.	WS 1: 8
Alguém	chamava	algo	
S (nom.)	V (imp. 3p. sg. m.)	O (ac.)	
Alguém gritou algo.			JG: 9

Alguns dos enunciados selecionados para ilustrar os fenómenos tradutórios distribuem-se por duas ou três tabelas, atendendo à sua extensão, o que é indicado por meio de setas entre as tabelas.

No capítulo 5.2. da II Parte, em que os trechos comparados são longos e o objetivo é evidenciar características de marcas *tradautorais* e efeitos estilísticos, são propostas traduções da nossa autoria, em vez de glosas, nos exemplos (79) e (89).

⁴ A lista das abreviaturas usadas para referir TP e TC encontra-se antes da Introdução à presente tese. Para as quatro obras de Kapuściński, a referência ao TP é feita através da inicial maiúscula K seguida de um número de 1 a 4, consoante a ordem cronológica da publicação das traduções em Portugal, p. ex., (K1: 10) e (K4: 12).

Retomando o acima exposto e com base nas tipologias de Williams e Chesterman (2002/2007) e Gile (1998), a investigação apresenta-se como *empírica, observacional, exploratória, qualitativa* e, pontualmente, *quantitativa*, o que se passa a explicar.

A investigação é considerada **empírica** porquanto se baseia na recolha e no tratamento de dados analisados, pela primeira vez, com vista a fornecer novos conhecimentos a partir da observação de fenómenos tradutórios, sem que tal signifique a inexistência de uma teoria subjacente, teoria, que, neste caso, é a tradutológica. Embora o enfoque recaia sobre o processamento de dados tradutórios e sua interpretação (Williams e Chesterman 2002/2007: 58), a investigação não prescinde de teorização, tanto mais que se enquadra num contexto teórico, orientado por um conjunto de conceitos operacionais. Uma investigação empírica pode ser guiada por quatro princípios-chave (Williams e Chesterman, 2002/2007: 61-62), a saber: *relação entre o particular e o geral; descrição e explicação; previsão e formulação de hipóteses*.

O primeiro dos princípios supracitados prende-se com a *relação entre o particular e o geral*. Qualquer ciência, que almeje descrever as particularidades de um fenómeno, visa também, a partir daí, generalizar, abstraindo do particular, a fim de traçar uma imagem geral do objeto em estudo. A observação de regularidades tradutórias pode conduzir à formulação de leis, hipóteses gerais (Toury, 1995/2012) ou universais da tradução (Baker, 1996) que se apresentam como asserções que procuram ir além da explicação dos fenómenos tradutórios particulares e das suas regularidades:

In the long run, the cumulative findings of descriptive studies should make it possible to formulate a series of coherent *laws* which would state the inherent relations between all the variables that will have been found relevant for translation (Toury, 1995/2012: 9) [Destaque do autor].

Neste sentido, o presente estudo pretende tão-somente descobrir regularidades particulares que possam contribuir para uma reflexão mais geral no âmbito dos ET.

O segundo princípio proposto refere-se ao duplo procedimento, considerado o cerne da investigação em tradução: *descrever e explicar* (Holmes, 1972/2004: 176; Toury, 1995/2012: 6). A ciência propõe-se não só a descrever fenómenos, mas também a explicá-los. Há muitas maneiras de explicar os fenómenos: pode explicar-se o porquê, o como ou

o para quê, *i. e.*, as suas causas, o seu modo de funcionamento ou a sua função: «All these forms of explanatory knowledge can increase our understanding of it [the phenomenon in question] in some way» (Williams e Chesterman, 2002/2007: 61). A presente investigação recorre, assim, a diferentes explicações consoante os fenómenos tradutórios em apreço.

O terceiro princípio-chave da investigação científica prende-se com a *previsão*. Nas ciências naturais, conhecendo-se as causas de algo, é possível prever-se a sua ocorrência mediante a existência de certas condições: trata-se das chamadas previsões deterministas com 100% de certeza. Nas ciências humanas, as previsões são de carácter probabilístico (com menos de 100%) de certeza, o que significa que as leis enunciadas em ET têm carácter de probabilidade (Toury, 1995/2012: 92).

Por fim, o quarto princípio diz respeito à *formulação de hipóteses*, a suposição de algo verosímil e passível de ser verificado – confirmado ou refutado – *i. e.*, «a tentative claim, an attempt at a generalization, an attempt to capture an observed pattern or regularity» (Williams e Chesterman, 2002/2007: 62). Somente através da realização de estudos sobre o comportamento dos tradutores e o produto do seu trabalho, as hipóteses podem ser formuladas e testadas (*cf.* Toury, 1995/2012: 10).

Seguindo a tipologia de Williams e Chesterman (2002/2007: 62), a presente investigação também se classifica como **observacional**, uma vez que estuda os fenómenos tal como eles ocorrem na realidade, no seu contexto natural. A pesquisa consiste na observação de dados pré-existentes, não produzidos artificialmente como na investigação experimental, que são recolhidos e processados de acordo com a finalidade previamente determinada. O investigador procura não interferir subjetivamente no processo de observação, tentando apenas observar e anotar os fenómenos apurados. O recurso a este tipo de investigação é ditado pela natureza do objeto de estudo que, neste caso, é constituído por textos literários, factos previamente existentes e anteriores à investigação.

Observe-se que, apesar de norteadas por categorias gerais como léxico, sintaxe e estilo, a investigação das normas operacionais se apresenta como **exploratória**, porquanto não tem um foco inicial muito restrito, encontrando-se aberta à identificação de regularidades entre os fenómenos tradutórios. Tal não significa que a pesquisa seja aleatória, mas que investiga

aspectos sobre os quais ainda não se sabe o suficiente para tecer distinções conceituais, apesar da existência de expectativas preliminares:

The field of Translation is wide and leaves much room for exploration of different types. I find that young scholars interested in starting research into Translation should not be told they need a hypothesis to start empirical research, and telling them that without such a hypothesis, their work will be 'less scientific' does not make sense. Rather, they should be encouraged to seek a field, theme or phenomenon in Translation which needs further exploration and to think about how they could contribute while following the standard conceptual norms of empirical science (Gile, s. d.).

Ainda que uma investigação exploratória possa não partir de hipóteses, pode conduzir à formulação das mesmas, sendo esta uma das finalidades do presente estudo.

Além de apresentar as características acima referidas, a pesquisa configura-se ainda como **qualitativa e quantitativa**. A investigação *qualitativa* estuda os fenómenos observados e descreve o seu significado através de narrativas verbais e não de números, conforme explicam Strauss e Corbin (1998: 10): «any type of research that produces findings not arrived at by statistical procedures or other means of quantification». O presente estudo assume-se essencialmente como qualitativo porque descreve fenómenos tradutórios, interessantes do ponto de vista da tradução direta no par de línguas PL-PE, apurados em material empírico (TP e TC) e resultantes da observação e interpretação da investigadora. O seu objetivo é contribuir para o conhecimento do modo como os tradutores vertem os textos, como as traduções se apresentam e como tudo isso reflete ou não a ação das normas.

Não obstante, no estudo são observadas algumas regularidades que, contabilizadas, assumem carácter *quantitativo*. Segundo Williams e Chesterman (2002/2007: 64), a pesquisa quantitativa, que busca o apuramento de dados numéricos, visa aferir regularidades: «The aim is to be able to say something about the generality of a given phenomenon or feature, about how typical or widespread it is, how much of it there is; about regularities, tendencies, frequencies, distributions». Os mesmos autores salientam que muitos projetos de investigação contêm elementos qualitativos e quantitativos, surgindo a análise qualitativa geralmente em primeiro lugar quando o investigador começa a selecionar e definir os conceitos necessários ao prosseguimento da pesquisa (Williams e

Chesterman, 2002/2007: 65). Toury (1995/2012), porém, lembra que o estudo das normas tradutórias em termos quantitativos é uma tarefa difícil e restrita:

As is so well known, we are in no position to point to strict statistical methods for dealing with translation norms, or even to supply sampling rules for actual research (which, because of human limitations, will always be applied to samples only (Toury, 1995/2012: 91).

Terminando os aspetos relativos à metodologia da investigação, refere-se o **sistema lógico** subjacente à pesquisa, que recorre a raciocínios dedutivos, indutivos e abdutivos. Em termos gerais e simplificados, a *dedução* é uma forma de raciocínio científico que parte do geral para o particular, p. ex., o estudo da tradução das unidades fraseológicas parte de princípios gerais para seguidamente observar casos particulares e confirmar a justeza dos mesmos. Por sua vez, a *indução* opera com um raciocínio que parte da observação das partes para a generalização do todo, p. ex., o estudo da ordem das palavras na frase recorre a este tipo de raciocínio. Por fim, a *abdução* é o tipo de raciocínio que busca a melhor explicação possível para os fenómenos observados; no presente estudo, as hipóteses explicativas constituíram a forma considerada mais adequada para justificar erros e lapsos de tradução. Os três sistemas lógicos encontram-se ao serviço dos ET conforme Saldanha e O'Brien (2013) sublinham:

(...) **abduction** (...) proposes to isolate the most convincing reasons (hypotheses) from a research result and to research these hypotheses further. Johnson and Onwuegbuzie (2004: 17) helpfully characterize the three as discovery of patterns (induction), testing of hypotheses (deduction) and seeking understanding by uncovering and relying on “the best of a set of explanations for understanding one’s results” (Saldanha e O'Brien, 2013: 14-15) [Destaque das autoras].

Resumindo, o presente estudo inscreve-se no paradigma dos EDT e no modelo de reconstrução das normas proposto por Toury (1995/2012). Segue uma metodologia empírica e observacional, que parte de procedimentos exploratórios e de expectativas, recorre a métodos qualitativos e quantitativos, fazendo uso de um instrumento externo (questionário) e operando com três tipos de lógica, consoante os fenómenos em apreço.

4. Definição de conceitos operacionais

O objetivo do capítulo 4 é apresentar e discutir os principais conceitos tradutológicos subjacentes à presente investigação, a saber: *tradução* e adjetivos daí derivados; *normas*, *estratégias* e *técnicas*; *unidade de tradução*; *problemas* e *dificuldades de tradução*. Sendo os ET interdisciplinares, a investigação subsidia-se ainda em conceitos oriundos da Linguística Cognitiva, tais como *domínio concetual*, *representações mentais*, *protótipos*, *cenos* e *guiões* e recorre ainda a conceitos aplicados pela Psicanálise como *lapso*, *ponte verbal* e *ponte associativa*. Estes e outros conceitos foram reunidos no Glossário.

No que diz respeito ao conceito de *tradução*, os teóricos não estão de acordo quanto à sua definição, pelo que a mesma tem sofrido alterações ao longo dos tempos. Para ilustrar a diversidade citam-se seguidamente algumas definições que fazem parte da história da tradução e implicam diferentes abordagens do fenómeno.

Assim, partindo de uma perspetiva linguística e realçando a natureza textual da tradução, Catford (1965) define-a como substituição equivalente de palavras, frases e textos de uma língua para outra: «Translation [is] the replacement of textual material in one language (SL) by equivalent material in another language. (...) Translation is an operation performed on languages» (Catford, 1965: 20).⁵ Trata-se, portanto, de uma abordagem retrospectiva da tradução com enfoque no TP.

No âmbito da teoria da equivalência, a tradução, concebida como a reprodução mais natural e equivalente da mensagem e do estilo do texto original, coloca a tónica no TC e remete para uma visão prospetiva da tradução: «Translating consists in reproducing in the receptor language the closest natural equivalent of the source language message, first in terms of meaning and secondly in terms of style» (Nida e Taber, 1969/2003: 12).

Por seu turno, a corrente funcionalista, sob proposta de Vermeer (1987), avança com uma definição de tradução de tal modo orientada para o contexto de chegada que a palavra TP desaparece da mesma: «For to translate means to produce a target text in a target setting for a target purpose and target addressees in target circumstances» (Vermeer, 1987: 29).

⁵ A Catford se deve a introdução das primeiras siglas SL (Source Text) e TL (Target Text), no discurso tradutológico (House, 2016: 9).

Já Steiner propõe uma visão hermenêutica com enfoque em fatores subjetivos (interpretação/transformação) e objetivos (linguísticos): «O esquema-modelo da tradução é o de uma mensagem, emitida numa língua de partida, que reaparece numa língua de chegada depois de ter sofrido um processo de transformação» (Steiner, 1975/2002: 55).

Por seu lado, Toury (1995/2012: 26-27) duvida das definições de tradução restritivas e formuladas em termos essencialistas porque as mesmas, ao especificar o que é inerente à tradução e ao fixar as suas fronteiras, cerceiam a investigação em vez de a estimular. Por isso, propõe uma definição alargada de tradução a que chama “hipótese de trabalho”:

(...) all utterances in a [target] culture which are presented or regarded as translations, on any grounds whatever, as well as all phenomena within them and the processes that gave rise to them. Under such observation, there is no pretence that the nature of translation is given, or fixed in any way (Toury, 1995/2012: 27).

Sendo a tradução por natureza variável, já que muda consoante os tempos e as culturas, Toury propõe uma definição aberta, que Hermans (1999: 49) critica por não ser uma definição propriamente dita, pois o termo a definir aparece em ambos os lados da proposição: *a translation is what is regarded as a translation*. Ciente da abrangência da definição proposta, Toury (1995/2012: 28) acaba por impor três condições aos textos considerados traduções: «1. the Source-Text Postulate; 2. the Transfer Postulate; 3. the Relationship Postulate». Assim, um texto será uma tradução, se satisfizer três condições: (i) o TP, que assegura a existência de um texto, primeira e cronologicamente escrito noutra língua e cultura; (ii) a transferência, que aponta para o processo através do qual a tradução se concretizou e que redundava na partilha de características entre o TP e o TC e (iii) a relação que permite estabelecer o tipo e o grau de relação intertextual entre o TP e o TC e caracterizar a tradução como mais ou menos literal, adequada ou aceitável. Recuperando os postulados de Toury, Hatim e Munday (2004) reformulam a definição de tradução, contemplando os três postulados e integrando ainda o agente da tradução, bem como os contextos sociais e ideológicos de ambas as culturas, uma definição que melhor se coaduna com a presente investigação:

1. The process of transferring a written text from SL to TL, conducted by a translator, or translators, in a specific socio-cultural context.
2. The written product, or TT, which results from that process and which functions in the socio-cultural context of the TL.

3. The cognitive, linguistic, visual, cultural and ideological phenomena which are an integral part of 1 and 2 (Hatim e Munday, 2004: 6).

No que toca aos adjetivos derivados do nome *tradução*, deparámo-nos com um conjunto de seis, *traduzível*, *tradutório*, *tradutivo*, *translatório*, *traducional* e *tradutológico*, o que talvez reflita a instabilidade terminológica característica de uma disciplina que, em Portugal, se encontra *in statu crescendi*.

Quanto ao adjetivo *traduzível*, atestado no GDLP (XX: 127), este não abarca o sentido que se busca *relativo à tradução/da tradução*. Já o DHLP (3555) atesta o adjetivo *traducional* na aceção de «diz-se de fenómeno que ocorre durante a etapa de tradução». Todavia, nas leituras efetuadas não nos deparámos com o adjetivo *traducional*. Em contrapartida, verificou-se o uso dos adjetivos *tradutivo* e *tradutório* que, não se encontrando dicionarizados, são usados em investigação e no meio académico, na aceção de *relativo à tradução/da tradução*. Uma pesquisa sobre títulos e resumos de teses de mestrado e de doutoramento, efetuada nos repositórios em linha das universidades portuguesas, parece indicar que, nas Universidades do Porto, Aveiro e Coimbra, predomina o adjetivo *tradutivo*, enquanto na Universidade de Lisboa, na Universidade Católica de Lisboa e na Universidade Nova de Lisboa prevalece o adjetivo *tradutório*. Perante esta observação e considerando que a presente investigação está registada no programa interuniversitário de Estudos de Tradução, com sede em Lisboa, optar-se-á aqui pelo adjetivo *tradutório*.⁶

Por último, surge o adjetivo *tradutológico* que ocorre em trabalhos académicos como o de Neckel (2012). Como o adjetivo *tradutológico* deriva do nome *Tradutologia*, ciência da tradução, estabelece-se a distinção entre *tradutório* e *tradutológico*: o primeiro é empregue na aceção de *relativo à tradução* ou em substituição da expressão *da tradução*,

⁶ Poder-se-ia conjecturar uma variação regional quanto ao uso do adjetivo, designadamente, *tradutivo* no Norte e Centro de Portugal e *tradutório* em Lisboa, não fossem as exceções. P. ex., a tradução portuguesa de *Teorias contemporâneas da tradução* de Pym (2010/2013), executada por três docentes da Universidade do Minho, emprega o adjetivo *tradutório*; um dos tradutores é Maria Eduarda Keating, orientadora da tese de doutoramento de outro dos tradutores, Fernando Ferreira Alves (2012), intitulada *As faces de Jano: contributo para a cartografia identitária e socioprofissional dos tradutores da região Norte de Portugal*, na qual se utiliza o adjetivo *translatório*. Este último adjetivo também ocorre marginalmente na Universidade Católica de Lisboa no aviso de abertura de um curso de Tradução Literária em *B-learning*, ministrado no ano de 2014-2015. A formação em português do adjetivo *translatório* oferece, porém, algumas reservas por ser um decalque do inglês *translatory* e, talvez por isso, ocorra apenas marginalmente.

no contexto de processos, produtos, estratégias e técnicas; o segundo termo remete para a aceção de *pensamento / reflexão teórica sobre tradução*.

Seguidamente explicam-se os conceitos enunciados no título da tese, estabelecidos pelos ET para descrever os fenómenos que tentam explicar. É a partir deles que os investigadores pesquisam, classificam, comparam e, se possível, quantificam e formulam hipóteses, tendências ou leis que regem a tradução. Os principais conceitos operacionais a utilizar na presente investigação são os de *norma, estratégia e técnica*, pelo que se passa a definir cada um deles na aceção aqui usada.

Em relação ao conceito de *norma*, o estudo adota a definição de Toury (1995/2012: 63) que descreve normas como a tradução de valores ou ideias partilhados por uma comunidade. As normas constituem instruções e constrangimentos comportamentais. Perspetivar a tradução como atividade regulada por normas implica observar e estudar as regularidades dos comportamentos dos agentes da tradução (editores, tradutores e leitores) que as manifestam, bem como observar o contexto cultural que as explica.⁷

Os conceitos touryanos de *normas iniciais e operacionais* correspondem a noções que outros autores designam com outros termos. Para Toury (1995/2012: 79), a *norma inicial* corresponde à *estratégia* prévia escolhida pelo tradutor entre adequação e aceitabilidade:

Norms are an important part of a “tool kit”. While they are not strategies of action themselves, they give certainly rise to such strategies and lend them both form and justification (Toury, 1995/2012: 62).

Por conseguinte, parece legítimo estabelecer uma relação de dependência entre *normas iniciais e estratégias*. Aliás, a definição de *estratégia de tradução* proposta por outros teóricos (Chesterman, 1997; Venuti, 1998; Kwieciński, 2001 e Hejwowski, 2004) coincide com a definição apresentada por Toury (1995/2012: 79) para *normas iniciais*. Chesterman (1997: 90-91) designa a escolha prévia feita pelo tradutor como *estratégia global*, sendo que esta responde à pergunta colocada antes do início da tradução: «how to translate this text or this kind of text». Hejwowski (2004: 76) define *estratégia de tradução* como procedimento prévio escolhido pelo tradutor (consciente ou inconscientemente) para traduzir um texto na sua globalidade, enquanto Kwieciński (2001: 120) avança com uma

⁷ O conceito de *norma* ocorre no título da presente tese na aceção de *normas preliminares*.

definição semelhante: «(...) translation strategy (...) may be defined as (...) a textually manifest, norm-governed, intersubjectively verifiable global choice (...)».

Daqui se depreende que as *normas iniciais* correspondem a *estratégias de tradução* que operam a nível da macroestrutura do texto, podendo ser exemplificadas pelos binómios paradigmáticos da tradução da palavra e do sentido, entre os quais se destacam: *equivalência formal e dinâmica* (Nida, 1964/2004); *aceitabilidade e adequação* (Toury, 1995/2012); *estrangeirização e domesticação* (Venuti, 2001).⁸

No que toca ao conceito de *normas operacionais*, Toury (1995/2012: 80-83 e 136) descreve *normas operacionais* através de termos que remetem para procedimentos que constituem técnicas de tradução aplicadas a nível microtextual, designadamente: *shifts from the source-text, replacement of the original material, omissions, additions, local shifts, etc.* No fundo, as *normas operacionais* de Toury correspondem às *estratégias locais* de Chesterman (1997: 90-91), porquanto respondem a perguntas pontuais, colocadas durante o processo tradutório como: «how to translate this structure/this idea/this item». Se as *normas iniciais* se reportam ao nível macrotextual e as *normas operacionais* remetem para o nível microtextual, então existe uma estreita correlação entre as *normas* designadas como *iniciais* e *operacionais* e as *estratégias* denominadas como *globais* e *locais* por Chesterman, *i. e.*, o mesmo fenómeno é designado com expressões diferentes.

Por seu turno, Hejwowski (2004:76) emprega a expressão *técnicas de tradução*, na aceção de *normas operacionais* e *estratégias locais*, para designar a escolha de uma solução para um problema tradutório específico, com o qual o tradutor se depara durante o processo de tradução. Molina e Albir (2002) também usam a expressão *técnica de tradução*, na mesma aceção, explorando a sua complexidade ao enumerar as suas características básicas:

- 1) They affect the result of the translation
- 2) They are classified by comparison with the original
- 3) They affect micro-units of text
- 4) They are by nature discursive and contextual
- 5) They are functional (Molina e Albir, 2002: 509).

Técnicas de tradução são, por conseguinte, mudanças tradutórias, identificadas e classificadas com base no cotejo dos TP e TC, que afetam microunidades textuais e,

⁸ O conceito de *estratégia* ocorre no título e no decurso da presente tese na qualidade de hipónimo de *normas iniciais*.

consequentemente, o produto da tradução. A presente investigação recorre às listas de técnicas de tradução elencadas por Chesterman (1997), Newmark (1988) e Molina e Albir (2002), as quais, por sua vez, se baseiam na obra seminal de Vinay e Darbelnet (1958).⁹

Em conclusão, *as estratégias de tradução* afetam a macroestrutura textual, enquanto *as técnicas de tradução* afetam a microestrutura textual. *Grosso modo* as primeiras situam-se num *continuum* que vai da tradução literal à tradução livre, enquanto as segundas abarcam uma longa lista de procedimentos tradutórios, que difere de autor para autor, e vai alfabeticamente desde a técnica da *amplificação* à da *variação*.

Ciente de que os conceitos *normas iniciais / estratégias e normas operacionais / técnicas* não são sinónimos (antes hiperónimos e hipónimos, cujas aceções se intercetam, como nas relações de semelhanças de família, e partilham entre si o principal substrato teórico), preferiu-se, porém, utilizar os termos *estratégias e técnicas* para evitar equívocos entre os três tipos de normas. Invocam-se ainda razões de economia terminológica e motivos cognitivos e estilísticos. A investigação adota o conteúdo das normas de Toury sob designações que mentalmente melhor se associam a elas, já que o hipotético título de *Normas preliminares, iniciais e operacionais...* não daria a ver tão claramente o tema da tese, tal como o título alternativo o pretende fazer: *Normas, estratégias e técnicas na tradução literária direta do polaco para o português europeu*. O título visou sobretudo refletir um percurso que partiu do geral para o particular, do contexto para o texto e da macroestrutura para a microestrutura textual.

O conceito que seguidamente se aborda e adota é o de *unidade de tradução* (UT), entendida como «unit of comparative analysis» (Toury, 1995/2012: 116). O estudo das normas iniciais e operacionais implica o cotejo dos TP e TC, sendo a sua análise efetuada em «conjuntos de estruturas» (Pym, 2010/2013: 127) ou «coupled pairs», que Toury (1995/2012: 117) descreve assim: «the units of comparative analysis would always emerge as coupled pairs of target- and source-text segments, ‘replacing’ and ‘replaced’ segments,

⁹ A palavra *técnicas* ocorre no título e no decurso da presente tese na aceção estreita, como hipónimo, de *normas operacionais*, sobretudo *linguístico-textuais*, noção esta que, em rigor, é mais ampla e abrangente do que a noção de *técnica de tradução*. Sublinha-se ainda que as *técnicas de tradução* encerram procedimentos complexos, pelo que nada têm a ver com eventuais associações mecanicistas e maquinais.

respectively». A análise com base em UT bilíngues e paralelas implica que as mesmas sejam relevantes para estudar procedimentos tradutórios e permitam reconstruir os constrangimentos, a que o tradutor esteve sujeito, e as decisões que tomou, bem como aferir o tipo de equivalência existente entre o TP e o TC:

Established as they are in the course of the comparison itself, the coupled pairs will be submitted to further analysis as the study proceeds, and it is the relationships found to obtain between the respective members of a pair which would underlie any generalization made about the kind of translation equivalence which is pertinent to it (Toury, 1995/2012: 117).

No fundo, o que Toury propõe é a análise e a identificação das mudanças tradutórias com base nas listas de técnicas de tradução. Há mudanças tradutórias impostas pelas diferenças estruturais entre as línguas envolvidas no processo de tradução e há mudanças que derivam das decisões tomadas pelos tradutores. Daí a importância do conceito de UT, o segmento textual do TP, com o qual os tradutores trabalham a nível cognitivo e verbal a fim de elaborar um segmento textual equivalente no TC. Para Hatim e Munday (2004: 25) a UT é a unidade linguística no trabalho do tradutor. Leuven-Zwart (*apud* Pym, 2010/2013: 128-130) tentou estabelecer uma distinção categorial entre UT, enquanto unidade de trabalho do tradutor, e UT, enquanto unidade de trabalho do investigador, designada como *transema* (*i. e.*, a unidade textual escolhida para a análise comparativa do TP e do TC). Apesar da diferença concetual, o termo proposto por Zwart não se impôs em ET.

A UT não é uma unidade estática e independente, mas funcional e contextual, podendo ser uma unidade mínima (palavra), uma unidade intermédia (frase) e/ou máxima (texto):

(...) all lengths of language can, at different moments and also simultaneously, be used as units of translation in the course of the translation activity; each length has a functional contribution to make, which can be summarized for the word or the collocation; grammatical (...) for the group and clause; notional for the sentence, the paragraph and the text (...). To me the unit of translation is a sliding scale, responding according to other varying factors, and (still) ultimately a little unsatisfactory (Newmark, 1980: 66-67).

Tendo em consideração tudo o que acima se expôs, importa sublinhar que a presente investigação incide sobre três tipos de UT: *palavra, frase e texto*.

Por fim, é pertinente diferenciar os conceitos *problemas de tradução e dificuldades de tradução* (Nord, 1991: 150-151). *Problema de tradução* é um problema objetivo que qualquer tradutor tem de resolver durante o processo de tradução, independentemente

do seu nível de competência e das suas condições de trabalho. Os problemas dividem-se em quatro tipos: (i) problemas com origem em características particulares do TP, p. ex., os trocadilhos e os jogos de palavras; (ii) problemas derivados da natureza do trabalho de tradução, p. ex., as questões pragmáticas com enfoque no público-alvo; (iii) problemas provenientes das diferenças entre normas e convenções existentes na CP e na CC, p. ex., problemas culturais patentes em determinadas convenções textuais e (iv) problemas procedentes das diferenças estruturais entre a LP e a LC (estruturas gramaticais).

Por seu lado, as *dificuldades de tradução*, sendo subjetivas, têm a ver com a pessoa do tradutor e as suas condições de trabalho. Nord (1991: 151-155) divide as dificuldades em quatro categorias: (i) dificuldades específicas do texto de partida (intratextuais), que se prendem com a sua interpretação e cuja superação depende dos conhecimentos que o tradutor possui dos fatores extratextuais da produção e receção do TP; (ii) dificuldades relacionadas com o tradutor que dependem do seu nível de conhecimentos e competência; (iii) dificuldades pragmáticas que têm a ver com a natureza da tradução já que os textos originais são produzidos para falantes nativos num determinado contexto cultural, cujo conhecimento é limitado para o tradutor e (iv) dificuldades técnicas que podem ser colmatadas com o uso de textos paralelos ou textos-modelo por parte dos tradutores.

No contexto da presente investigação recorrer-se-á às noções de problemas e dificuldades, para explicar alguns dos fenómenos tradutórios observados. Acresce ainda referir que o cotejo dos textos parece indicar que, de um modo geral, os problemas de tradução geram soluções e negociações tradutórias, enquanto as dificuldades de tradução são, sobretudo, apuradas porque deixam transparecer soluções duvidosas, erros ou omissões.

Passando à definição de conceitos procedentes de outras áreas do saber, considerados pertinentes para a presente investigação, começa-se pela descrição dos conceitos importados da Linguística Cognitiva, um paradigma científico que aborda a linguagem, suas estruturas e unidades, não como entidades autónomas mas como «manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização concetual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual» (Silva, 1997: 59; cf. Batoréo, 2004 e Silva, 2006). Embora se tivesse desenvolvido sobretudo a partir dos anos 80 do século XX, as raízes da Linguística Cognitiva remontam aos anos 70, quando a

investigação em Psicolinguística (Rosch, 1978) permitiu repensar a categorização aristotélica reinante até à altura. Propôs-se então que a *categorização* consiste em identificar, classificar e dar nome a diferentes entidades tidas como membros de uma mesma categoria, categoria que não é organizada por condições necessárias e suficientes – como se defendia até à altura –, mas com base em protótipos, entendidos como «a relatively abstract mental representation that assembles the key attributes or features that best represent instances of a given category» (Evans e Green, 2006: 249). Os protótipos são, assim, representações mentais de entidades consideradas exemplares típicos e representativos de determinadas categorias linguísticas. No presente estudo, empregam-se os conceitos de *representação mental* ou *cognitiva* para referir o processo pelo qual o ser humano cria uma imagem e um conceito do mundo real, tal como por exemplo, a representação mental do conceito FLORESTA e o de *protótipo* para referir os exemplares mais representativos de determinadas categorias cognitivas ou domínios concetuais, determinados culturalmente. Assim, por exemplo, o protótipo de ÁRVORE para os portugueses é >PINHEIRO<, enquanto para os polacos pode ser >BÉTULA<.

Outros conceitos relevantes para o presente estudo são os de *frame* (Fillmore, 1977 e 1982) e de *domínio* (Langacker, 1987). Fillmore (1982: 111) define *frame* como «any system of concepts related in such a way that to understand any of them you have to understand the whole structure in which it fits». Trata-se, por conseguinte de um *esquema*, *i. e.*, uma representação mental estruturada. Os esquemas relacionam-se com determinadas situações de interação, enraizadas nas respetivas escolhas linguísticas que formam *guiões*. O exemplo mais citado para ilustrar *frame* é o do restaurante, onde se entra para comer (e não, por exemplo, para ver um filme) – o que constitui a *cena* no sentido de Fillmore –, enquanto a relação do cliente com o empregado de mesa é regida por um *guião* construído com base em escolhas linguísticas, que começa quando se entra e pede uma mesa e termina com o pedido de pagamento da conta. As noções de *cena* e *guião*, adaptadas aos ET por Hejwowski (2004), serão exploradas na secção 7.5 do Capítulo I da IV parte.

Por seu lado, Langacker (1987: 147) define *domínios* como «necessarily cognitive entities: mental experiences, representational spaces, concepts, or conceptual complexes». Os *domínios* (*cognitivos* ou *concetuais*) são, portanto, estruturas através das quais os falantes

organizam cognitiva e linguisticamente o conhecimento. Por exemplo, palavras como *lento*, e *veloz* designam conceitos do domínio de VELOCIDADE; só compreendemos na íntegra o significado destas palavras com referência ao sistema cognitivo deste domínio.

Em Linguística Cognitiva, o significado das palavras está ancorado na experiência da linguagem-em-uso (cf. Batoréo, 2004) e relaciona-se com o conhecimento enciclopédico do mundo que é, em parte, comum a todos os homens mas, em outra, exclusivo de determinadas comunidades ou grupos e partilhado social e culturalmente. O conceito de *domínio (cognitivo)*, ligado ao de *campo lexical* («conjunto de palavras associadas, pelo seu significado, a um determinado domínio conceptual» – DT) será explorado na IV Parte.

Por último, a presente investigação recorre ainda a noções usadas na Psicanálise, provenientes dos estudos de Freud (1901/1996), importados por Frota (2000a, 2000b e 2006) para os ET. Trata-se designadamente de conceitos como *lapso*, *ponte verbal* e *ponte associativa*. Por *lapsos de língua* entende-se formações com origem na intervenção do inconsciente, que surgem «como resultado de um acontecimento psíquico que consiste no esquecimento momentâneo de uma forma correta e na emergência, em lugar desta, de uma palavra incorreta gerada por uma ilusão da memória» (Frota, 2006: 150). Os lapsos podem ocorrer em quatro instâncias linguísticas: na fala, na audição, na leitura e na escrita. A tradução literária também está sujeita a lapsos de leitura e de (re)escrita que, separadamente ou em conjunto, podem originar lapsos de tradução. Os lapsos podem resultar tanto de uma semelhança material, fonética ou gráfica, entre duas palavras – criando uma *ponte verbal* – ou de uma relação que ocorre na mente do sujeito entre duas palavras, a palavra lida e a palavra associada – originando uma *ponte associativa* (Frota, 2000a: 29).

No contexto da presente investigação, tanto os conceitos oriundos da Linguística Cognitiva (grafados de acordo com as convenções tipográficas da disciplina), como os da Psicanálise revelaram-se ferramentas imprescindíveis à descrição e explicação de alguns dos fenómenos tradutórios observados na IV Parte.

5. Constituição e descrição do *corpus*

5.1. Construção do *corpus*

O presente subcapítulo visa descrever o método aplicado para construir o *corpus* subjacente à pesquisa, as etapas e os critérios envolvidos, bem como as variáveis que o compõem: autores, editores, tradutores e obras. O *corpus* foi selecionado com base no Anexo B da tese de doutoramento de Cândido (2013: XXV-CXXXIX), que cataloga as traduções das obras literárias polacas executadas para PE.

A construção do *corpus* obedeceu aos seguintes critérios e subcritérios: (i) *critérios de inclusão*: a) obras literárias – poesia e prosa para adultos (tipo de texto); b) obras literárias escritas em polaco (TP); c) tradução direta (modo tradutório) e (ii) *critérios de exclusão*: a) traduções publicadas na primeira metade do século XX (período de tempo); b) traduções efetuadas pela própria investigadora (agente da tradução); c) traduções de literatura infantojuvenil (subgénero).

Cândido (2013) contabilizou 113 traduções literárias, das quais 80 constituem traduções indiretas, efetuadas através de línguas de mediação (francês, inglês, espanhol, italiano, alemão e russo); 23 são traduções diretas, *i. e.*, efetuadas a partir da LP, o polaco, e 10 são traduções que, por falta de dados, não se sabe se foram traduzidas diretamente do polaco ou indiretamente, por mediação de uma terceira língua. A tradução inventariada com o número 103 que apresenta dados híbridos – tradução direta, tendo como língua de mediação o russo – foi contabilizada no cômputo das traduções indiretas, porque, ao presente estudo, interessam apenas as traduções seguramente executadas de modo direto do PL para o PE.

As 23 traduções diretas identificadas por Cândido (2013) situam-se entre 1901 e 2010. Três destas 23 traduções foram publicadas na primeira metade do século XX, a saber¹⁰: *Dilúvio* de Henryk Sienkiewicz, traduzido por Selda Potocka e Eduardo de Noronha, em 1901; *Hania*, de Henryk Sienkiewicz, traduzido por Selda Potocka e Eduardo de Noronha, em 1902, e *O rio fiel* de Stefan Żeromski, traduzido por Lia Tavares, em 1947. Face à apreciação

¹⁰ Neste subcapítulo, a fim de facilitar a leitura do texto indicam-se apenas os títulos das traduções portuguesas, podendo os restantes dados bibliográficos ser consultados em Cândido (2013: XXV- CXXXIX).

consensual em ET de que as traduções envelhecem (Toury, 1995/2012: 65; Kuhiwczak e Littau, 2007: 83; Bassnett, 2014: 177), estas três traduções foram excluídas do nosso *corpus*. O argumento do envelhecimento das traduções (cf. Eco, 2003/2005: 282) relaciona-se com diversos aspetos. Sendo as normas instáveis, a sua validade pode não vigorar muito tempo (Toury, 1995/2012: 19; 65). Se as normas tradutórias sofrem alterações, uma norma vigente na primeira metade do século XX pode deixar de o ser na segunda metade do mesmo século. Por exemplo, no início do século, a tradução adaptada com omissões e ingerências do tradutor era uma prática aceitável, enquanto, na segunda metade do século XX, começa a consolidar-se a norma que estabelece a tradução integral e fiel.

O envelhecimento das traduções não se prende só com estratégias globais de tradução, conforme se passa a ilustrar. Kuhiwczak e Littau (2007: 83) referem o caso do investigador R. A. Brower que estudou sete versões de *Agamémnon* de Ésquilo e concluiu que todas elas refletem a poética e o estilo dominante nas épocas em que foram traduzidas. Ao demonstrar a integração histórica das obras traduzidas, Brower aponta para duas perspectivas metodológicas no estudo das traduções: diacrónica e sincrónica. Como a presente investigação não tem como objetivo a comparação diacrónica de normas tradutórias ao longo dos tempos e o período que decorre entre a primeira tradução (1901) e a última (2010) abrange mais de um século, considerou-se como justificado excluir as três traduções diretas executadas na primeira metade do século XX. De igual modo, Bassnett (2014: 176-177) reconhece a influência que as convenções estéticas e as expectativas dos leitores (que mudam de geração para geração) exercem sobre a tradução em diferentes épocas. Dado que se pretende construir um *corpus* contemporâneo e sincrónico, que não ultrapasse o período de uma geração, tanto mais se afigura legítima a exclusão das três obras referidas. Para além disso, o detalhado cotejo dos textos que se pretende efetuar é mais um argumento a favor da restrição temporal das obras a selecionar para o *corpus*.

Das 23 traduções diretas catalogadas por Cândido (2013), restam, portanto, 20 traduções suscetíveis de construir o *corpus* para a presente investigação. Por motivos deontológicos e éticos, foram excluídas as traduções efetuadas pela autora do presente estudo: *Madame* de Antoni Libera (2006); *A última ceia* de Paweł Huelle (2008); *Mercedes Benz* de Paweł

Huelle (2008) e *Vizinhos* de Jan Tomasz Gross (2010). É ainda excluído do *corpus* o volume poético *Versos polacos*, traduzido, em 1985, em coautoria com Henryk Siewierski.

As restantes 15 traduções diretas dividem-se em duas formas literárias: 3 volumes de poesia e 12 de prosa - obras literárias para adultos e literatura infantojuvenil. Para os ET cada uma destas formas literárias requer instrumentos de análise distintos e apropriados.

As coletâneas de ensaios de Lathey (2006), Coillie e Verschuren (2006) e Malmkjær e Windle (2011) revelam, justamente, os desafios e as diferenças existentes entre a tradução executada para um público de adultos e para um público de jovens e crianças, bem como as particularidades que a literatura infantojuvenil acarreta em termos de interação textual, visual e cultural. Entende-se, portanto, que a tradução de literatura infantojuvenil do PL para PE, um *corpus* composto por cinco obras, constitui matéria para uma abordagem exclusiva, merecedora de uma investigação à parte. Por conseguinte, foram excluídas do *corpus* as cinco traduções do âmbito da literatura infantojuvenil: *O rapto de Baltazar Esponja* de Stanisław Pagaczewski, traduzido por Júlio Sousa Gomes, em 1999; *Amigos, As quatro estações, Aventuras no bosque e Socorro!*, obras da autoria de Anna Sójka, traduzidas pelo par de tradutores Maria José Charchalis e Wojciech Charchalis, em 2000.

Uma vez efetuada a seleção das traduções conforme apresentado, constituiu-se o *corpus* para a investigação, que compreende 3 volumes poéticos e 7 obras em prosa, traduzidos na última década do século XX e na primeira década do século XXI. O período de tempo de 20 anos surge naturalmente, após a exclusão fundamentada de 13 obras, como um intervalo sincrónico significativo que permite estudar as normas tradutórias com base em 10 TC e 10 TP. O período de tempo em apreço, 1990-2010, corresponde ao sexto subperíodo da história das relações luso-polacas, identificado por Cândido (2013: 222).

Seguidamente, na Tabela 3, enumeram-se, cronologicamente à data da sua publicação em Portugal, que representa a CC, as obras literárias que compõem o presente *corpus* bilingue e paralelo.

Tabela 3 - Obras constituintes do corpus

TC	TP
STRYJKOWSKI, Julian. 1990. <i>Tommaso del Cavaliere</i> . Lisboa: Edições Cotovia. Tradução de Zbigniew Wódkowski. Romance.	STRYJKOWSKI, Julian. 1982. <i>Tommaso del Cavaliere</i> . Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy.
SZYMBORSKA, Wisława. 1998. <i>Paisagem com grão de areia</i> . Lisboa: Relógio d'Água. Edição bilingue. Tradução de Júlio Sousa Gomes. Poesia.	SZYMBORSKA, Wisława. 1996. <i>Widok z ziarnkiem piasku</i> . Poznań: Wydawnictwo A5.
GRABIŃSKI, Stefan. 2003. <i>O demônio do movimento</i> . Lisboa: Cavalo de Ferro. Tradução de Maria José e Wojciech Charchalis. Contos.	GRABIŃSKI, Stefan. 1999. <i>Demon ruchu</i> . Warszawa: Lampa i Iskra Boża.
MIŁOSZ, Czesław e SZYMBORSKA, Wisława. 2004. <i>Alguns gostam de poesia</i> . Lisboa: Cavalo de Ferro. Edição bilingue. Tradução de Elżbieta Milewska e Sérgio das Neves. Coletânea de poemas.	MIŁOSZ, Czesław e SZYMBORSKA, Wisława. 2004. <i>Alguns gostam de poesia</i> . Lisboa: Cavalo de Ferro. Edição bilingue. Seleção dos tradutores, proveniente de vários TP identificados por Cândido (2013: cxxvi)
KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2004. <i>O imperador</i> . Porto: Campo das Letras. Tradução de Włodzimierz J. Szymaniak e Isabel Ponce de Leão. Reportagem.	KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 1978. <i>Cesarz</i> . Kraków: Kolekcja Gazety Wyborczej.
KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2005. <i>O império</i> . Porto: Campo das Letras. Tradução de Włodzimierz J. Szymaniak e Isabel Ponce de Leão. Reportagem.	KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 1993/2013. <i>Imperium</i> . Warszawa: Czytelnik.
SZYMBORSKA, Wisława. 2006. <i>Instante</i> . Lisboa: Relógio d'Água. Edição bilingue. Tradução de Elżbieta Milewska e Sérgio Neves. Poesia.	SZYMBORSKA, Wisława. 2002. <i>Chwila</i> . Kraków: Znak.
KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2007. <i>Andanças com Heródoto</i> . Porto: Campo das Letras. Tradução de Włodzimierz J. Szymaniak e Isabel Ponce de Leão. Crónicas.	KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2004/2013. <i>Podróże z Herodotem</i> . Kraków: Wydawnictwo Znak.
LASKIER, Rutka. 2007. <i>O diário de Rutka</i> . Lisboa: Sextante. Tradução de Maria Milewska Rodrigues. Diário.	LASKIER, Rutka. 2006. <i>Pamiętnik Rutki</i> . Kraków: Dziennik Zachodni.
KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2009. <i>O outro</i> . Campo das Letras. Tradução de Włodzimierz J. Szymaniak e Isabel Ponce de Leão. Ensaios.	KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2006/2013. <i>Ten inny</i> . Kraków: Wydawnictwo Znak.

5.2. Os autores

As obras que compõem o *corpus* foram escritas por seis autores, já falecidos, que a seguir se apresentam¹¹: Julian Strykowski, Wisława Szymborska, Stefan Grabiński, Czesław Miłosz, Ryszard Kapuściński e Rutka Laskier.

Julian Strykowski é o pseudónimo literário de um judeu polaco de nome Pesach Stark, que nasceu em 1905 e morreu em 1996. Nascido na cidade de Stryj, na altura polaca e hoje pertencente à Ucrânia, o autor foi buscar o étimo do pseudónimo à sua terra-natal (Stryj→Strykowski). Na história da literatura polaca, Strykowski ocupa lugar de destaque por ter dedicado grande parte da sua obra à descrição da vida nas comunidades judaicas polacas, sendo a sua obra comparada à de Isaac Bashevis Singer. De orientação homossexual, o que se reflete na obra constante do *corpus*, somente aos 88 anos, o escritor aborda aberta e publicamente o assunto no seu último livro intitulado *Milczenie* [Silêncio].

Wisława Szymborska, nascida em 1923 e falecida em 2012, foi Prémio Nobel da Literatura em 1996. É uma poetisa polaca do pós-guerra (depois de 1945). Foi redatora da revista *Życie Literackie* [Vida Literária] de Cracóvia, onde assinava uma coluna de crítica literária. Foi também tradutora de literatura francesa. Modesta de carácter e reservada em público, com uma obra parca em volumes poéticos, surpreendeu a maioria dos polacos, que apostava antes nos poetas Tadeusz Różewicz ou Zbigniew Herbert, quando lhe foi atribuído o Prémio Nobel em 1996. A sua poesia de tom irónico versa sobre cenas e fragmentos do quotidiano; aparentemente simples e clara, remete nas entrelinhas para questões filosóficas e intelectuais.

Stefan Grabiński nasceu em 1887 e morreu em 1936. Licenciou-se em Filologia e Literatura Polaca, sendo professor de profissão. Foi também escritor de histórias de um género que hoje se aproxima da literatura fantástica. Os seus contos que, inicialmente, não mereceram o interesse dos leitores, nem o aplauso da crítica, inscrevem-se no período literário polaco designado Entre Guerras (1918-1939) e, embora não seja um escritor muito

¹¹ A apresentação dos autores, tal como a das obras, é feita por ordem de entrada na CC, sendo as datas e os dados biográficos extraídos de *Słownik pisarzy polskich* [Dicionário de escritores polacos] de Siesicka (2003) e os comentários da autoria da investigadora. Os dados sobre Rutka Laskier foram retirados da edição polaca (Laskier, 2006), que inclui seis paratextos.

conhecido na Polónia, a sua obra *Demon ruchu* [O demónio do movimento] (1919) valeu-lhe alguma fama e aclamação, tendo sido ultimamente alvo de várias reedições. É alcunhado de *Poe Polaco*.

Czesław Miłosz nasceu em 1911, numa aldeia hoje pertencente à Lituânia, e morreu em 2004. Foi Prémio Nobel da Literatura em 1980. É um intelectual e homem de letras do período literário polaco do pós-guerra (depois de 1945), embora se tivesse estreado na poesia antes da guerra no âmbito da corrente catastrofista. A sua obra abarca poesia, romance, ensaio e tradução de poesia polaca para inglês. Foi adido cultural da Polónia em Paris e Washington durante o regime comunista mas, em 1951, exilou-se nos Estados Unidos, o que lhe valeu o boicote à publicação da sua obra no país natal e a designação de dissidente no Ocidente. Foi professor na Universidade da Califórnia em Berkeley.

Ryszard Kapuściński nasceu em 1932 e morreu em 2007. Licenciado em História, era jornalista, repórter, fotógrafo e escritor. Percorreu o mundo como correspondente da agência noticiosa polaca PAP, pelo que a sua obra reflete as viagens, as experiências vividas bem como as suas preocupações éticas, sociais e políticas. Muito conceituado no seu país e no estrangeiro, mereceu epítetos tais como: *mestre do jornalismo moderno*, *Heródoto dos nossos tempos*, *cronista do Terceiro Mundo*, *tradutor do mundo*. Tendo recebido vários prémios internacionais (Hanseático Goethe, Príncipe das Astúrias, etc.), era apontado como candidato ao Prémio Nobel da Literatura.

Rutka Laskier nasceu em 1929 e morreu em 1943. Tornou-se escritora involuntariamente, porquanto o diário que escreveu, aos 14 anos, não estaria destinado a publicação. Rutka, diminutivo de Ruth, era uma judia polaca que, durante a Segunda Guerra Mundial, se viu confinada à vida no gueto de Będzin. Em agosto de 1943, foi deportada com a família para o campo de extermínio nazi Auschwitz-Birkenau, onde morreu aos 14 anos. Rutka escondeu o diário no vão das escadas do prédio onde vivia, com o conhecimento da proprietária que, depois da liquidação do gueto, o recuperou, aguardando 63 anos para o divulgar. Vítima do holocausto, Rutka foi alcunhada de *Anne Frank Polaca*.

5.3. As obras

As obras, que compõem o *corpus* e que a seguir se apresentam, repartem-se entre poesia e prosa. O resumo do conteúdo das obras tem início com os três volumes poéticos: dois são traduções exclusivas de obras de Szymborska e o terceiro constitui uma coletânea de poemas de Miłosz e Szymborska.

Paisagem com grão de areia de Wisława Szymborska (1998) é a tradução da antologia *Widok z ziarnikiem piasku*, uma seleção de poemas, publicada na Polónia em 1996, no ano em que a poetisa foi galardoada com o Prémio Nobel. A antologia integra poemas de sete volumes publicados por Szymborska entre 1957 e 1993 e inclui cinco poemas inéditos. A antologia, bilingue, é representativa dos temas recorrentes na sua poesia, entre os quais se destacam poemas dedicados a animais, mulheres com história e sem história, registos autobiográficos, cenas da vida quotidiana, descrições eufrásticas.

Alguns gostam de poesia de Wisława Szymborska e Czesław Miłosz (2004) é uma coletânea bilingue dos dois escritores, que não corresponde a uma obra paralela editada na Polónia. No prefácio, nada consta sobre os critérios que presidiram à seleção dos poemas. Os tradutores declaram apenas ter por objetivo: (i) «apresentar ao leitor português uma amostra do que há de melhor na poesia polaca contemporânea» e (ii) «descobrir que a poesia de cada um (...) tem uma dimensão política e local (...)» (M&N1: 2004: 7). O volume inclui 35 poemas de cada um dos autores, perfazendo um total de 70.

Instante de Wisława Szymborska (2006) é a tradução do volume poético *Chwila*, publicado, na Polónia, em 2002, sendo este o décimo livro de originais da poetisa. O tomo conta com 23 poemas, que versam quer temas inéditos e quer recorrentes na sua obra. O título remete para uma figura de repetição presente em todos os volumes poéticos, cujo significado – a efemeridade da vida – se encontra particularmente explícito num dos versos da epígrafe desta tese: *Na chwilę tu jestem i tylko na chwilę* [Estou aqui por um instante e só por um instante]. Trata-se também de uma edição bilingue.

As restantes sete obras em prosa abarcam diferentes formas literárias. Assim, *Tommaso del Cavaliere* é uma novela e *O demónio do movimento* é uma coletânea de contos; ambos integram a narrativa ficcional. *O diário de Rutka* insere-se no domínio da não-ficção,

enquanto as três obras de Kapuściński, *O Imperador*, *Andanças com Heródoto* e *O império* são, no dizer do próprio autor, reportagens literárias (K4: 9), que se inserem no âmbito da narrativa de não-ficção. Por último, *O outro*, igualmente da autoria de Kapuściński, é uma coletânea de palestras ensaísticas que também pertence ao domínio da não-ficção. Na cultura polaca, a obra de Kapuściński é categorizada como *literatura faktu* [literatura factual ou literatura documental]; no entanto, Domosławski (2010), biógrafo de Kapuściński, sugere que o jornalista terá abusado da confiança dos leitores ao promover a sua obra como reportagem, porque os acontecimentos relatados se revestem de um elevado grau de criatividade. Sendo assim, a sua obra poderá inserir-se na corrente da literatura, recentemente denominada *faction* (do inglês, *fact* e *fiction*).

As obras em prosa, globalmente *supra* discriminadas, foram publicadas na Polónia entre 1919 e 2006, mas a sua apresentação é feita por ordem de entrada na cultura portuguesa.

Tommaso del Cavaliere de Julian Strykowski (1990), publicado em 1982, versa sobre a paixão de Miguel Ângelo pelo nobre romano, Tommaso del Cavaliere, que dá título à novela. Ao longo de 93 páginas, o narrador, o criado, relata, na primeira pessoa, os últimos dias de vida do mestre. Embora a temática homoerótica, já tivesse sido afluída em obras anteriores do autor, nesta novela surge de modo mais explícito. A novela não foi reeditada na Polónia, permanecendo num imerecido esquecimento.

O demónio do movimento de Stefan Grabiński (2003) é uma coletânea de 13 contos publicada, pela primeira vez, em 1919. Os contos, fantásticos e humorísticos, estão associados à temática ferroviária: caminhos-de-ferro, comboios, estações, maquinistas, guardas de passagem de nível, passageiros, etc. De um modo geral, os contos refletem as convicções, reinantes no início do século XX, acerca da influência negativa do movimento e da velocidade nos seres humanos. Tanto TP como o TC são ilustrados com gravuras.

O imperador de Ryszard Kapuściński (2004), publicado em 1978, explora os mecanismos do poder totalitário na pessoa do imperador da Etiópia, Hailé Selassie. Dando voz aos criados do ditador, a primeira parte do livro descreve a vida quotidiana na corte. A segunda e terceira partes abordam os movimentos de contestação social e política numa

Etiópia onde milhares de pessoas morriam à fome, o que conduziu à deposição do imperador.

O império de R. Kapuściński (2005), publicado em 1993, retrata a queda da União Soviética, considerada o último império do século XX. Divide-se em três partes. A primeira parte, de carácter autobiográfico, relata a invasão do exército soviético na terra-natal do próprio autor, bem como uma viagem no comboio transiberiano. A segunda parte descreve a desintegração da União Soviética, enquanto a terceira analisa as mudanças daí decorrentes para as antigas repúblicas da URSS.

Andanças com Heródoto de R. Kapuściński (2007), publicada em 2004, é uma obra de carácter autobiográfico, na qual o jornalista polaco compara as suas viagens pela Ásia e África com as andanças do cronista da Antiguidade, Heródoto. Ambos atravessam fronteiras territoriais, temporais e mentais, sendo as descrições mediadas pela subjetividade, para a qual Kapuściński alerta, ao apresentar a sua versão do mundo.

O outro de R. Kapuściński (2009), publicado em 2006, inclui seis palestras proferidas em diferentes datas e lugares, cujo denominador comum é a temática do Outro, enquanto homem não-europeu. Kapuściński disserta sobre o tema no contexto do desenvolvimento das civilizações ao longo dos séculos, deixando uma mensagem de tolerância e respeito para com o Outro (tendência que se harmoniza com as recentes correntes dos ET).

O diário de Rutka de R. Laskier (2007) foi publicado em 2006. A edição portuguesa difere do original, porque os peritextos dos livros em polaco e em português são da lavra de diferentes autores. O diário foi escrito por uma adolescente judia polaca que, assim, deixou o seu testemunho de vida, numa cidade polaca ocupada pelos nazis. O diário, composto por 29 páginas, foi escrito entre 19 de janeiro de 1943 e 11 de agosto de 1943.

5.4. As editoras

A informação relativa aos autores e às obras traduzidas é seguidamente completada com a apresentação do perfil das cinco editoras portuguesas que publicaram as obras do *corpus*. São elas: Livros Cotovia, Relógio d' Água Editores, Cavalo de Ferro, Campo das Letras e Sextante. A apresentação das editoras é feita por ordem de entrada das traduções na CC e os dados a elas referentes foram extraídos dos respetivos portais em linha (*cf.* Bibliografia).

As referidas editoras não constam da lista da UNESCO referente a “TOP 10 - Publisher in Portugal”¹², muito embora, no panorama nacional, todas tenham uma posição específica com linhas editoriais próprias que seguidamente se expõem numa descrição sumária.

Livros Cotovia (ou Edições Cotovia) foi fundada em Lisboa, em 1988. A sua linha editorial integra os três géneros literários: prosa (ficção e não-ficção), poesia e drama. A editora publica anualmente cerca de 40 títulos, contando, no total, mais de 700 títulos e mais de 350 autores, alguns deles de renome internacional. A editora é responsável pela tradução da novela *Tommaso del Cavaliere* de Julian Strykowski.

Relógio d’Água Editores foi fundada em Lisboa, em 1983. A editora publica autores portugueses e estrangeiros nos mais variados campos das humanidades: ficção, poesia, drama, literatura infantojuvenil, ensaio, artes, filosofia, etc.; publica 45 novos títulos por ano, 60% dos quais são traduções. Destaca-se pelas suas edições bilingues de poesia, entre elas, *Paisagem com grão de areia* e *Instante* de Wisława Szymborska.

Cavalo de Ferro foi fundada em Lisboa, em 2003, por três editores, dos quais apenas Diogo Madre Deus subsiste como diretor literário. A editora especializa-se na publicação de literatura estrangeira, poesia e prosa, com especial interesse por literaturas menos conhecidas, cujos autores foram distinguidos com prémios internacionais. Publicou *Alguns gostam de poesia* de Miłosz e Szymborska e *O demónio do movimento* de Grabiński.

Campo das Letras foi fundada no Porto, em 1994, por três editores. Ao longo de quinze anos, publicou poesia, prosa, literatura infantojuvenil e não-ficção. Com cerca de sete dezenas de coleções, editou mais de 1200 títulos e traduziu cerca de 400 autores estrangeiros, entre eles, Ryszard Kapuściński (duas obras traduzidas através do inglês e quatro diretamente do PL). A editora foi declarada insolvente a 10 de março de 2009.

Sextante, fundada em Lisboa, em 2007, por João Duarte Rodrigues, diretor literário, possui um catálogo diversificado de obras de ficção e não-ficção, que inclui *O diário de Rutka*. Publica autores nacionais e estrangeiros. A editora foi distinguida com o galardão, Prémio de Editora Revelação. Desde 2010, faz parte do Grupo Porto Editora.

¹² Os referidos dez lugares são ocupados, por ordem decrescente, pelas editoras: Europa-América, Presença, Círculo de Leitores, Asa, D. Quixote, Edições 70, Verbo, Livros do Brasil, Gradiva e Bertrand.

As cinco editoras acima apresentadas têm em comum o facto de terem sido fundadas depois da Revolução de 25 de Abril de 1974. Presumivelmente, detetaram, no mundo editorial português e no seu mercado livreiro, ausências e lacunas, que ponderaram preencher ou colmatar, enriquecendo o seu panorama literário. Tendo em conta que tanto o português como o polaco são línguas periféricas, no sentido defendido por Cândido (2013: 24 e 30), traduzir e publicar autores de língua polaca pode constituir um risco financeiro, pelo que é de assinalar o esforço das editoras empenhadas neste âmbito.

5.5. Os tradutores

Na sequência dos subcapítulos anteriores e para complementar a informação relativa ao *corpus*, apresentam-se dados biográficos dos tradutores, dando cumprimento à proposta de Pym (1998: vii) no sentido de valorizar a pessoa e o nome do tradutor. Na obra *Method in Translation History*, Pym (1998) revê os conceitos subjacentes à história da tradução e, entre outros, propõe estudar o papel dos agentes da tradução:

The central object should be the human translator, since only humans have the kind of responsibility appropriate to social causation. Only through translators and their social entourage (clients, patrons, readers) can we try to understand why translations were produced in a particular historical time and place. To understand why translations happened, we have to look at the people involved (Pym, 1998: ix).

A tónica colocada por Pym nos agentes da tradução reflete as recentes tendências nos ET que pretendem, entre outros, dar visibilidade ao trabalho do tradutor literário e realçar o seu papel como construtor de pontes e mediador de culturas. Os tradutores e as suas biografias constituem, no presente estudo, uma variável interessante, conforme se verá.

Contrariamente aos autores, já todos falecidos, os tradutores encontram-se vivos. Ainda assim, a recolha dos seus dados biográficos revelou-se uma tarefa morosa, que envolveu pesquisas em linha, bem como o envio de correspondência postal e eletrónica aos visados que, em alguns casos (Gomes, Milewska e Rodrigues), não responderam. A apresentação dos tradutores obedece à ordem da sua entrada na CC.

Zbigniew Wódkowski¹³ nasceu em 1958, na Polónia. É polaco e licenciado em Estudos Portugueses pela Cátedra de Estudos Ibéricos na Universidade de Varsóvia. Foi

¹³ Os dados biográficos foram facultados pelo próprio.

professor de língua e literatura portuguesas na referida Cátedra de 1982 a 1988 e bolseiro do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa em 1978 e 1981 e da Fundação Calouste Gulbenkian de 1985 a 1986. Recebeu o Prémio Camões de 1980, num concurso para estudantes estrangeiros. Em 1990, emigrou para o Canadá, onde trabalhou na Universidade de Montreal e na Universidade Carleton, em Otava e se doutorou, em 1996, com a tese intitulada *O popular e o cortesanesco no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Atualmente é professor de inglês na Comissão Escolar Católica em Otava. Traduziu *Tommaso del Cavaliere* de J. Strykowski.

Júlio Sousa Gomes¹⁴ nasceu em 1955. É português e licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de Português e Francês, pela Universidade de Coimbra. Foi leitor de português na Cátedra de Estudos Ibéricos, em Varsóvia, entre 1986-1990. Retomou a docência em Portugal como professor de português e francês no ensino público. Reformou-se para se dedicar à gestão de projetos artísticos. Traduziu *Paisagem com grão de Areia* de W. Szymborska e um livro de literatura infantojuvenil (*cf.* I Parte – 5.1).

Maria José Vasconcelos Charchalis¹⁵ nasceu em 1962. É portuguesa e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de Estudos Portugueses e Franceses, pela Universidade de Aveiro. Foi leitora de português na Universidade de Poznań, na Polónia, nos anos de 1993-1999. Exerce docência como professora de português e francês, numa escola do Porto. Cotraduziu com Wojciech Charchalis *O demónio do movimento* de S. Grabiński, bem como de quatro livros de literatura infantojuvenil (*cf.* I Parte – 5.1).

Wojciech Charchalis¹⁶ nasceu em 1970. É polaco e licenciado em Filologia Românica pela Universidade de Adam Mickiewicz em Poznań, onde estudou português no leitorado do Instituto Camões. Doutorou-se em Literatura Espanhola com uma tese sobre *El realismo mágico en novelas escogidas de Gonzalo Torrente Ballester* pela mesma universidade. À data da cotradução de Grabiński vivia no Porto. Atualmente é professor no Departamento de Português da Universidade de Poznań, na Polónia, e exerce, paralelamente, a profissão

¹⁴ Os dados biográficos foram facultados por Sandra Boavida do Instituto Camões e completados a partir de uma entrevista que o tradutor concedeu à TFS, acessível em linha (Novais, 2012).

¹⁵ Os dados biográficos foram facultados por Sandra Boavida do Instituto Camões e por Wojciech Charchalis.

¹⁶ Os dados biográficos foram facultados pelo próprio.

de tradutor literário (de espanhol, inglês e português para a sua língua materna). Traduziu mais de 50 obras e, entre os autores traduzidos, destacam-se os portugueses: Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, José Saramago, Lobo Antunes, José Luís Peixoto e Gonçalo M. Tavares. É, juntamente com Maria José Charchalis, cotradutor de *O demónio do movimento* de Grabiński, bem como de quatro livros de literatura infantojuvenil (cf. I Parte – 5.1).

Elżbieta Milewska¹⁷ nasceu em 1938. É polaca e licenciada em Filologia Russa e Estudos Portugueses pela Universidade de Varsóvia, onde se doutorou com uma tese sobre *As relações culturais e literárias luso-polacas nos séculos XVI-XIX*. Foi professora de literatura brasileira e portuguesa na Cátedra de Estudos Ibéricos e leitora de polaco na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no final da década de 90. Reformou-se e vive em Varsóvia. Juntamente com Sérgio Neves, é tradutora de *Alguns gostam de poesia* de W. Szymborska e C. Miłosz e *Instante* de W. Szymborska. Traduziu para PL *Memorial do Convento* e *Todos os Nomes* de José Saramago e *A Varanda do Frangipani* de Mia Couto.

Sérgio (das) Neves. (?). É português. Formado em Ciências Geofísicas na variante de Oceanografia, estudou língua e cultura polacas no leitorado de polaco na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde foi aluno de E. Milewska. Vive na Polónia, onde exerce a profissão de oceanógrafo. É, juntamente com Milewska, cotradutor de *Alguns gostam de poesia* de W. Szymborska e C. Miłosz e *Instante* de W. Szymborska.

Włodzimierz Józef Szymaniak¹⁸ nasceu em 1964. É polaco e licenciado em Filologia Românica (perfil francês) pela Universidade de Wrocław, na Polónia, onde iniciou o estudo do português como opção. Doutorou-se em Linguística Aplicada na Universidade de Poznań. Foi bolseiro do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, em 1987 e 1991, e do Instituto Camões, em 1998. Foi professor na Universidade Fernando Pessoa de 1998 até 2002 e atualmente é professor e reitor da Universidade de Jean Piaget na Cidade da Praia,

¹⁷ Os dados biográficos do par Milewska e Neves foram extraídos do portal em linha da Editora Cavalo de Ferro. [Das cinco editoras estudadas, apenas a Cavalo de Ferro (s. d.) apresentava dados biográficos sobre os tradutores, na sua página em linha, facto que se regista por se harmonizar com a valorização do trabalho e da pessoa do tradutor literário e por ser desejável em todas as editoras. Infelizmente, a página da editora foi reformulada e, à data, não contempla dados sobre tradutores].

¹⁸ Os dados sobre Szymaniak foram facultados pelo próprio.

Cabo Verde, onde vive desde 2002. Com Isabel Ponce de Leão, é cotradutor de *O imperador*, *O império*, *Andanças com Heródoto* e *O outro* de R. Kapuściński.

Isabel Ponce de Leão¹⁹ nasceu em 1953. É portuguesa, licenciada em Filologia Românica pela Universidade de Coimbra e doutorada em Literaturas Hispânicas, na Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela. Professora catedrática da Universidade Fernando Pessoa, no Porto. Embora não fale PL, cotraduziu com W. Szymaniak *O imperador*, *O império*, *Andanças com Heródoto* e *O outro* de Kapuściński.

Maria Milewska Rodrigues²⁰ nasceu em 1970. É polaca e licenciada em Filologia Românica (perfil espanhol) pela Universidade de Wrocław, na Polónia. Reside em Portugal desde o final dos anos 90. Dos 9 tradutores do *corpus* em estudo é a única que consta da lista de tradutores da Embaixada da Polónia, em Lisboa. Trabalha por conta própria no sector dos serviços turísticos. Traduziu *O Diário de Rutka* de R. Laskier.

Conforme se pode verificar pelos dados acima referidos, entre os denominadores comuns aos tradutores de PL-PE, contam-se os factos de nenhum deles ser tradutor profissional e ter cursado formação em tradução, mas serem filólogos apaixonados pela literatura. O facto de nenhum dos tradutores exercer tradução a tempo inteiro é perfeitamente compreensível à luz da lei da oferta, já que o mercado da tradução em Portugal só muito esporadicamente oferece trabalho na área da tradução literária PL-PE.

É de realçar ainda a existência de três pares de tradutores luso-polacos: Szymaniak e Leão; Milewska e Neves; Charchalis e Charchalis. Há ainda um tradutor português a traduzir para a sua língua materna, Gomes, e dois polacos a traduzirem para uma língua não-materna, o PE, Wódkowski e Rodrigues. O facto de cinco dos nove tradutores serem professores doutorados (55.5%), é uma particularidade assinalável (quatro deles já o eram aquando da execução das traduções) que lança expectativas positivas quanto às suas traduções e suscita a seguinte pergunta: encontrar-se-á entre os tradutores literários das línguas ditas centrais (inglês, francês, etc) uma percentagem tão elevada de tradutores doutorados?

¹⁹ Os dados sobre Leão foram extraídos do portal em linha, *Plataforma DeGóis* (s. d.)

²⁰ Os dados biográficos de Rodrigues baseiam-se em informação constante no portal da Embaixada da Polónia (s. d. – Lista de tradutores) e prestada por W. S. Szymaniak.

6. Breve comparação tipológica entre o polaco e o português na perspectiva da tradução

Atendendo a que o presente estudo incide sobre textos literários escritos em polaco e traduzidos para português europeu, *i. e.*, sobre uma língua eslava e uma língua românica, que, em alguns aspetos, são muito diferentes, levanta-se a questão de saber que tipo de problemas tal diferença pode trazer para a tradução.

Nida e Taber (1969/2003: 5-6), por exemplo, compreendem os problemas causados pelas diferenças entre os idiomas em termos da relação de proximidade ou afastamento das línguas e das respetivas culturas: «The extent to which the forms must be changed in order to preserve the meaning will depend upon the linguistic and cultural distance between languages». Se, por um lado, a Polónia e Portugal partilham a mesma matriz cultural, grego-latina e judaico-cristã, por outro, as suas línguas, embora oriundas de um tronco comum, o indo-europeu, pertencem a ramos de famílias diferentes.

Por conseguinte, no último capítulo da I Parte, pretende-se expor uma breve comparação entre o polaco (PL) e o português (PT) do ponto de vista da tradução e, a partir daí, detetar problemas previsíveis, delinear expectativas e colocar algumas perguntas de investigação. O objetivo não é comparar os dois sistemas linguísticos na sua globalidade, mas tão-só referir características tipológicas das duas línguas em função do trabalho do tradutor e dos conhecimentos prévios que este deve possuir, a fim de poder resolver problemas tradutórios, bem como em função dos tópicos a investigar.

Comparar línguas significa analisar as suas semelhanças e diferenças, agrupá-las com base em certas propriedades e classificá-las em tipos. A classificação das línguas é da competência da Linguística Comparativa que, ao longo dos anos, tem desenvolvido estudos, dando origem a distintas tipologias linguísticas, que permitem entender as diferenças entre os idiomas do mundo. Muito embora todas as tipologias sejam importantes para tradução, nesta tese, serão abordadas apenas aquelas que parecem ser mais pertinentes para o conhecimento e trabalho do tradutor de polaco-português, ou seja, por um lado, a tipologia genética e, por outro, as tipologias relativas às estruturas dos sistemas das línguas. Neste último caso, referir-se-ão as tipologias das línguas de sujeito

nulo *versus* línguas *non pro-drop*, línguas sintéticas *versus* analíticas e línguas com ordem de constituintes rígida *versus* ordem livre.

Quanto à tipologia genética, esta estabelece comparações entre as línguas para determinar as suas relações históricas, sendo aqui conceito-chave o de *famílias de línguas*:

Diz-se que duas ou mais línguas pertencem à mesma família quando são aparentadas geneticamente (historicamente), *i. e.*, quando tudo leva a pensar que se desenvolveram a partir de uma origem comum (DTL).

Para reconstruir o parentesco genético entre o PL e o PT, há que remontar ao indo-europeu, que deu origem a um conjunto de ramos, entre os quais se incluem, entre outras, as línguas românicas, oriundas do latim, e as línguas eslavas, provenientes do protoeslavo, os ramos linguísticos que deram origem, respetivamente, ao PT e ao PL (Bednarczuk, 1986; Mota, 1996). Se o indoeuropeu constitui a protolíngua do PL e do PT, surge a questão de saber que particularidades do indo-europeu se conservaram em ambas as línguas. Através da Paleontologia Linguística, que se ocupa da reconstrução de itens lexicais, é possível identificar palavras do PL e do PT, que provêm do mesmo étimo indo-europeu, conforme ilustra Klemensiewicz (1985), considerando as palavras *mãe* e *viúva*:

[Há] exemplos que nos mostram a relação histórico-evolutiva da língua polaca com as línguas indo-europeias (...). Eis os vocábulos que designam mãe e viúva: sânscrito *mātár*, *vidhāvā*; (...); latim *mater*, *vidua*; germânico *mōdar*, *widuwō*; (...); eslavo: *mati*, *v^odova* (Klemensiewicz, 1985: 15. T. n.) [Destques do autor].²¹

Se o PL e o PT partilham alguns vocábulos herdados do indo-europeu, uma parte do seu vocabulário comum provém de empréstimos lexicais efetuados por ambas as línguas em várias fontes comuns (latim, inglês, alemão, etc.). No que respeita ao presente estudo, interessa assinalar que, ao longo dos séculos, o PL foi adquirindo empréstimos lexicais através dos contactos com a cultura de língua latina e, mais tarde, com a cultura das línguas românicas.²² Muitos destes empréstimos são algumas das palavras do léxico polaco que os portugueses facilmente reconhecem, p. ex.: *dekret* 'decreto', *iluzja* 'ilusão', *komisja* 'comissão', *traktat* 'tratado', *muzeum* 'museu', etc. Às vezes, os empréstimos lexicais

²¹ Os textos polacos são citados em tradução da nossa autoria (T. n.). Note-se que, com a tradução da passagem *supra* para PT, se perdem os vocábulos polacos *matka* 'mãe' e *wdowa* 'viúva', que comprovam a existência de itens lexicais semelhantes, observáveis ainda hoje, nas línguas provenientes do indo-europeu.

²² Com base na informação etimológica fornecida pelo WSWO (s. d.), a língua polaca regista 5.806 palavras importadas do latim, 5.889 do francês e 1.250 do italiano.

evoluem com alterações semânticas na LC, pelo que não raro, nesta área, se encontram alguns dos *falsos amigos* dos tradutores (cf. IV Parte – Capítulo I – 7.2.).

Fatores como a origem indo-europeia do PL e do PT, bem como os contactos estabelecidos por polacos e portugueses com os mesmos povos, favoreceram ainda a partilha de um conjunto de expressões idiomáticas e provérbios, que espelham a história dos dois idiomas. Os seus repositórios evidenciam essas heranças e comprovam as relações ancestrais com a cultura greco-latina e a tradição judaico-cristã, de cujas fontes beberam polacos e portugueses. Por se tratar de um tópico em que a língua se cruza com a cultura, a tradução da fraseologia será analisada no presente estudo (cf. IV Parte – Capítulo I – 5. e 6.).

Outro aspeto comum ao PL e ao PT é a partilha do mesmo alfabeto, o latino, determinado por um lado, pela cristianização da Polónia vinda do Império Romano, em 966, e, por outro, pela romanização da Península Ibérica.²³ Como o polaco possuía mais sons do que os representados pelo alfabeto latino, houve necessidade de o adaptar, pelo que, hoje em dia, o alfabeto polaco é composto por 32 letras, 7 dígrafos, *ch cz dz dź dż rz sz*, e o grupo *dzi*. Já o alfabeto da língua portuguesa, depois do Acordo Ortográfico de 1990, passou a ter 26 letras. As diferenças entre o alfabeto polaco e português são relevantes em tradução, no que respeita a nomes próprios, apelidos e topónimos, já que este grupo de palavras coloca o tradutor perante o dilema de preservar a ortografia polaca, causando no leitor um efeito de estranheza (estratégia da adequação), ou adaptá-la ao alfabeto português, apagando a diferença e o seu carácter «exótico» (estratégia da aceitabilidade) (cf. III Parte – 5.2.).

No que respeita à prosódia, sobretudo ao acento das palavras no PL, este recai de uma maneira geral sobre a penúltima sílaba, embora haja exceções (as palavras de origem estrangeira e algumas das formas verbais conjugadas). Por seu lado, o PT, quanto à incidência do acento tónico, apresenta três possibilidades: palavras agudas, graves e esdrúxulas. As características fonológicas das duas línguas, importantes na tradução de

²³ As primeiras manifestações de português escrito remontam ao final do reinado de D. Afonso Henriques, no século XII (Castro, 2013: 10), e a era da escrita em polaco também tem início no século XII, com as primeiras palavras escritas em polaco (nomes próprios e topónimos) num texto redigido em latim (Klemensiewicz, 1985: 31).

prosa, constituem em poesia uma das dominantes semânticas (cf. Barańczak, 1992); logo, um dos problemas tradutórios com que os tradutores se defrontam (cf. III Parte – 3.).

No que respeita a outras tipologias, trata-se de caracterizar os idiomas do ponto de vista do funcionamento do seu sistema, em diferentes níveis de análise linguística. Para além, do nível fonológico e da respetiva grafia na escrita, acima afluídos, a análise linguístico-tipológica contempla ainda os níveis morfológico, sintático, semântico, discursivo e/ou textual. Do ponto de vista da estrutura dos sistemas linguísticos:

(...) as línguas indo-europeias são, tipicamente, línguas flexivas, ou seja, línguas nas quais as palavras são formadas pela combinação de uma base lexical com elementos que correspondem a flexões de vários tipos – conjugação, declinação, variação de algumas palavras em género, número e grau (Ilari, 2013: 51).

Comparando o PT e o PL, verifica-se que, da sua origem indo-europeia, ambas as línguas preservaram um sistema morfológico muito rico na conjugação verbal e manifestam a característica de *sujeito nulo, i. e.*, a omissão do sujeito gramatical explícito em orações finitas (Lobo, 2013: 2311), já que o mesmo é identificado pela desinência verbal. Em termos práticos, esta característica comum do PL e do PT facilita o trabalho do tradutor.

Quanto à comparação dos sistemas linguísticos, uma tipologia mais tradicional, baseada na análise morfológica das palavras (Schlegel, 1818), divide as línguas em *sintéticas* e *analíticas*. Segundo Mota (1996: 505-509) e Pria (2006: 113), uma língua sintética apresenta maior complexidade na flexão, expressando, de forma amalgamada, informação sobre diferentes categorias gramaticais como *caso, género, número, tempo, aspeto, etc.*, ao passo que uma língua analítica faz uso de estratégias sintáticas e morfossintáticas, p. ex., construções perifrásticas, com verbos auxiliares, preposições, etc. O binómio *línguas analíticas* e *sintéticas* é hoje empregue com reservas²⁴, porque as línguas apresentam características híbridas: «o português acompanhou a tendência geral das línguas românicas: partiu de uma língua “mais sintética” e foi derivando para uma língua “mais analítica”» (Ilari, 2013: 57). Eliseu (2008: 89) também observa que «em geral, as línguas são mistas, podendo ser predominantemente analíticas ou predominantemente sintéticas, mas admitindo ambas as possibilidades». Por exemplo, os morfemas da conjugação verbal

²⁴ Tipologias recentes, baseadas em padrões típicos de formação de palavras, propõem cinco tipos morfológicos: *línguas analíticas, isolantes, flexionais (sintéticas), incorporantes e infixantes* (Azuaga, 1996).

do PT são característicos das línguas sintéticas, enquanto a conjugação perifrástica do PL o remete para o conjunto das línguas analíticas. Em comparação com o PT, o PL é uma língua mais sintética que o PT, pois apresenta um sistema complexo de flexão tanto verbal como nominal. A existência de flexão do caso a nível dos nomes, vários tipos de pronomes, adjetivos e numerais no PL faz com que estas classes de palavras variem de acordo com a sua função sintática, manifesta em sete declinações: nominativo (nom.), genitivo (gen.), dativo (dat.), acusativo (ac.), instrumental (instr.), locativo (loc.) e vocativo (voc.).

A origem comum indo-europeia do PL e do PT está patente num sistema morfológico muito rico no que toca à conjugação verbal. Os verbos, em PL, além de variarem em *pessoa, número, tempo, modo, voz e aspeto*, variam ainda nos tempos do passado e do condicional em *género masculino, feminino e neutro*, no singular, enquanto, no plural, em *masculino humano e não-humano*. Os verbos, em PT, variam em *pessoa, número, tempo, modo e voz* e, em certas situações, em aspeto (p. ex., na oposição entre pretérito-perfeito e imperfeito). De referir ainda, dada a pertinência para o presente estudo, o facto de ambas as línguas apresentarem *voz reflexiva e voz passiva* (cf. IV Parte – Capítulo III – 4.3.).

Ainda no âmbito da classe dos verbos, outra diferença fundamental entre as línguas eslavas e românicas (cf. Batoréo, 1989) reside no modo como se expressa a categoria do aspeto, que se divide em *perfetivo/dokonany* ou *imperfetivo/niedokonany*. O aspeto, categoria linguística típica das línguas eslavas, *grosso modo* caracteriza-se pelo facto de todos os verbos, com exceções apenas pontuais no caso do PL, se apresentarem obrigatoriamente em pares, sendo um dos elementos do par *imperfetivo* e o outro, *perfetivo*. Esta obrigatoriedade traduz-se ao nível da informação facultada pelos dicionários polacos que indicam sempre se um dado verbo é imperfetivo ou perfetivo. Esta será talvez a categoria da gramática polaca que causa mais dificuldades aos tradutores de origem não eslava.

De acordo com Batoréo (1989: 14-59), em PL, todos os verbos são classificados como imperfetivos (que são as formas básicas não marcadas) ou perfetivos (as formas derivadas, marcadas). A formação dos verbos perfetivos, de grande complexidade em PL, é dificultada pelo facto de a oposição imperfetivo/perfetivo não se realizar de maneira regular. As formas imperfetivas e perfetivas dão origem a oposições realizadas no tempo gramatical: as imperfetivas dão origem à oposição temporal passado/presente/futuro, ao passo que as

perfetivas permitem apenas a oposição passado/não-passado. A marcação do aspeto é feita por via da morfologia derivacional, dando origem a formas verbais mais complexas (p. ex., imperfetivo → perfetivo: *czytać* ‘ler’ e *przeczytać* ‘ter lido’) e a cadeias de verbos [p. ex., imperfetivo → perfetivo (várias formas) → imperfetivo: *pisać* ‘escrever’; *napisać* ‘ter escrito’; *spisać* ‘juntar por escrito’; *dopisać* ‘adicionar por escrito’; *spysiwac* ‘ter por hábito anotar por escrito’, etc.].

Os problemas tradutórios, causados pela categoria *aspeto* do PL, podem ser previsivelmente solucionados pelos tradutores, em PT, com recurso a processos linguísticos muito diferenciados do PL, conforme indicação de Batoréo (1989: 36-37), que aponta para as seguintes estratégias: o uso de formas lexicais (verbos com carácter aspetual, p. ex., *chegar*) e de processos gramaticais, tais como a morfologia derivacional (p. ex., *saltitar*), flexional (p. ex., *amou/amava*), as construções perifrásticas (p. ex., *acabar de + Infinitivo*) e o uso de advérbios (p. ex., *sempre, frequentemente*) ou, ainda, o uso de estratégias discursivas e/ou textuais. No fundo, o aspeto é uma categoria gramatical que, em línguas como o PL, se realiza sobretudo por meios morfológicos e da morfologia derivacional e, noutras, como o PT, envolve o léxico, a morfologia, a sintaxe e estratégias discursivas e/ou textuais.²⁵ De entre os muitos tópicos, que se relacionam com o aspeto, selecionou-se para a pesquisa a forma verbal polaca de carácter imperfetivo, sem correspondente no português contemporâneo, o *imięstów przymiotnikowy czynny*, que literalmente é vertida em PT como *particípio adjectival ativo* (cf. IV Parte – Capítulo II).

No âmbito das tipologias das línguas, surge ainda como pertinente referir o critério formal sintático da ordem dos constituintes na frase. Desde o trabalho pioneiro de Greenberg (1963), a ordem dos constituintes na frase tem sido estudada numa perspetiva comparativa, envolvendo um considerável número de línguas, que diferem quanto à sua rigidez ou flexibilidade. As línguas com uma morfologia pobre (como p. ex., o inglês, que é também uma língua *non pro-drop*) são comumente referidas como línguas com uma ordem de palavras rígida, na medida em que as funções sintáticas são ditadas pela posição dos constituintes na frase: o sujeito (S) precede o verbo (V) e o objeto (O) surge após o

²⁵ No respeitante ao estudo do aspeto, existem teses e trabalhos publicados por lusitanistas polacos sobre o assunto, tais como os de Hlibowicka-Węglarz (1998, 2016) e Wiśniewska (2014, 2016).

verbo, o que dá origem ao padrão S V O (cf. Vellupillai, 2012: 281; Eliseu, 2008: 83). Pelo contrário, as línguas com uma morfologia rica (como, p. ex., o latim) são consideradas como línguas de ordem livre (SVO, OVS, OSV, etc.).

Considerando o acima exposto, as línguas podem ser classificadas com base na ordem dos constituintes da frase: «numa classificação tipológica sintática podemos agrupar as línguas de acordo com o padrão de ordenação das palavras que têm as funções de sujeito e objeto e do verbo» (Eliseu, 2008: 79). Em termos globais, existem dois tipos de línguas:

As línguas do tipo do Latim, em que são aceitáveis diversas ordens, exibem a chamada *ordem de palavras livre*, enquanto línguas como o Português, em que existe um padrão de ordem básico, são línguas com uma *ordem de palavras fixa* (o que não quer dizer que haja uma ordem de palavras única (Eliseu, 2008: 29) [Destaques do autor]).

O latim apresenta uma ordem de palavras livre porque as funções sintáticas são marcadas pelas desinências nominais e pronominais das declinações, enquanto no PT, que não conservou as declinações do sintagma nominal (exceto no sistema dos pronomes pessoais), as funções sintáticas são ditadas pela posição dos constituintes na frase, que pode ser canónica (SVO) ou não (SOV, OVS, etc.). Já o PL assemelha-se ao latim porquanto preservou sete declinações e apresenta uma morfologia extremamente rica tanto a nível do sintagma nominal como a nível pronominal (de várias classes de pronomes, como pessoais, demonstrativos, relativos, etc.), o que permite uma ordem flexível de palavras na frase.

Os gramáticos defendem que o PT é uma língua com uma ordem de palavras fixa, mas não única (cf. Cunha e Cintra, 1984/2014; Mateus *et al.*, 1989/2003; Eliseu, 2008), enquanto o PL com a marcação morfológica a determinar as funções sintáticas, é tido como uma língua com ordem de palavras livre, mas não arbitrária (cf. Gruszczyński e Bralczyk, 2002; Bartnicka e Satkiewicz, 2010). O facto de o PT ser uma língua sintaticamente menos flexível a nível da ordem dos constituintes da frase do que o PL, permitindo, na prática, várias ordens alternativas à ordem SVO, pode levantar problemas de tradução a nível da sintaxe neste par de línguas na direção polaco-português (cf. IV Parte – Capítulo III).

Para além das tipologias relativas à proveniência das línguas ou à sua estrutura existem tipologias de carácter cognitivo, que caracterizam os idiomas a partir do modo como os seus falantes concetualizam o mundo que os rodeia, o que se reflete na estrutura das suas

línguas (cf. IV Parte, Capítulo I. 2.).²⁶ Em ET, é importante perceber que as línguas se constroem em espaços distintos, com base na experiência física e cognitiva dos povos, bem como na sua experiência histórica, social e cultural, criando palavras e conceitos específicos, que não existem noutros idiomas e podem formar os fenómenos chamados *intraduzíveis* e gerar problemas tradutórios, suscetíveis de ocorrer em tradução literária.

Expostos alguns pontos linguísticos tanto comuns como divergentes entre o PL e o PT, respeitantes a aspetos gráficos, lexicais, morfológicos e sintáticos, os quais podem dar origem a problemas de tradução, bem como a matéria para investigação, importa esclarecer que o nosso estudo, norteador por questões linguísticas e tradutórias, também se debruça sobre aspetos culturais, que as línguas e as literaturas transportam. Tal como hoje é consensualmente aceite, as línguas e os seus modos de expressão veiculam mundividências, valores nacionais e representações sociais, pelo que estes aspetos serão abordados quando se revelarem pertinentes no âmbito das traduções.

²⁶ Em Linguística Cognitiva, existem tipologias que demonstram como diferentes povos conceitualizam de modo diferenciado as realidades em que vivem ao nível da estrutura dos seus idiomas maternos. [cf. Tipologias do Espaço de Talmy em Batoréo (2000 e 2004)]. Esta temática, porém, não será abordada no presente estudo.

II PARTE – NORMAS PRELIMINARES NA TRADUÇÃO LITERÁRIA DIRETA DO POLACO PARA O PORTUGUÊS EUROPEU (1990-2010)

1. Introdução

A II Parte da presente tese tem como objetivo averiguar as circunstâncias e as normas conducentes à decisão de traduzir textos literários polacos para PE por parte dos editores referidos em 5.4. da I Parte, bem como estimar a posição das traduções na CC. Toury (1995/2012: 61) justifica o estudo conjunto da tradução e das normas com a necessidade de adotar um ponto de partida para a investigação descritivo-explicativa do fenómeno da tradução e Hermans (1999: 75) acrescenta que o conceito de *norma* ajuda a compreender a tradução como prática social e individual. Assim, as normas dão conta da relevância social e cultural das atividades do homem. Conforme proposto no modelo de investigação de Toury (1995/2012), compreender a tradução como atividade regida por normas implica investigar o fenómeno desde a sua génese até ao produto final, o que implica empreender um estudo dividido em três fases: normas preliminares, iniciais e operacionais.

A primeira fase é dedicada ao estudo das normas preliminares que incluem duas linhas de investigação: «**Preliminary norms** have to do with two main sets of considerations which are often interconnected: those regarding the existence and actual nature of a translation policy, and those related to the directness of translation» (Toury, 1995/2012: 82) [Destaque do autor]. Contrariamente às restantes normas, cuja investigação é ilustrada com estudos de caso, o estudo das normas preliminares não é acompanhado de proposta ou exemplificação do modo como as mesmas podem/devem ser investigadas, descortinando Toury (1995/2012) tão-somente a que se referem as políticas de tradução:

Translation policy refers to those factors that govern the choice of text-types, even of individual texts, to be imported into a particular culture / language via translation at a particular point in time. Such a policy will be said to exist inasmuch as the choices made will be found to have been non-random (Toury, 1995/2012: 82) [Destaque do autor].

Como Toury (1995/2012) não especificou o método para a reconstrução das normas preliminares, o presente estudo representa uma proposta de investigação das mesmas.

2. Questões a investigar

Na primeira fase da investigação, procura-se aferir políticas de tradução e razões da preferência pela tradução direta, recorrendo a fontes extratextuais, *i. e.*, à entrevista ou à aplicação de um questionário aos editores portugueses, que traduziram e publicaram as obras literárias polacas reunidas no *corpus*.

Antes, porém, foi consultado o *Index Translationum* da UNESCO (*cf.* Cândido, 2013: 132-134), que apresenta a posição das línguas face ao número de livros traduzidos dessa língua a nível mundial, com o objetivo de verificar o lugar ocupado pela língua polaca e pela literatura polaca no mundo da tradução. Na referida fonte, a língua polaca ocupa a 14.^a posição na lista das línguas mais traduzidas no mundo (*TOP 50 – original languages*). O português ocupa o 18.^o lugar. Analisando a seriação apresentada pela UNESCO, Heilbron (1999) distribui as cinco dezenas de línguas em quatro níveis: (i) *hipercentral* (controlado pelo inglês que representa cerca de 50% de traduções); (ii) *central* (dominado pelo francês e o alemão que representam cerca de 10% de traduções); (iii) *semicentral* (ocupado pelas línguas que representam de 1% a 3% de traduções – espanhol, italiano e russo) e (iv) *periférico* (preenchido pelas restantes línguas que representam menos de 1% de livros traduzidos – p. ex. chinês, japonês, árabe, etc.). Apesar de o polaco e o português, as línguas em apreço na presente tese, se situarem na segunda dezena de línguas mais traduzidas, pelo facto de representarem menos de 1% de livros traduzidos no mercado global, acabam por integrar o grupo das línguas ditas *periféricas* (*cf.* Cândido, 2013: 24).²⁷

No *Index Translationum*, entre as dez línguas mais traduzidas para português, em Portugal, elencadas em *TOP 10 - Original language*, não consta a língua polaca. Em primeiro lugar surge aqui o inglês e, em último, o dinamarquês. O polaco não integra as dez línguas mais traduzidas no mundo e também não faz parte das dez línguas mais traduzidas em Portugal.

No que respeita aos autores polacos em apreço no estudo, o *Index Translationum* indica que no *TOP 10 – Author for “original Language = pol”*, Miłosz ocupa a terceira posição, Kapuściński a quinta e Szymborska a décima. Isto significa que os três autores em estudo

²⁷ Por seu turno, Casanova (2002), a partir da noção de *capital literário*, divide as línguas em *dominantes* (com alto capital literário) e *dominadas* (com baixo capital literário).

se encontram entre os dez autores polacos mais traduzidos no mundo, o que se explica face à relevância das suas obras e ao facto de serem autores internacionalmente premiados, tendo Miłosz e Szymborska recebido o Prémio Nobel da Literatura.

Com base nos dados acima expostos é possível lançar uma primeira hipótese. O facto de as obras de Miłosz e de Szymborska terem sido importadas para a cultura portuguesa após a atribuição do Prémio Nobel da Literatura (*cf.* Casanova, 2004: 147) indicia que a escolha das obras literárias polacas traduzidas em Portugal possa ter resultado do prestígio internacional dos autores. O mesmo se poderá dizer de Kapuściński, cuja obra já fora premiada nos Estados Unidos da América, Alemanha, França e Canadá, antes de ter sido traduzida para PE. A hipótese não abrange, porém, os restantes autores, que não tiveram prestígio internacional equiparável: Strykowski, Grabiński e Laskier. Logo, há que procurar razões para a sua tradução para PE noutros fatores, como, p. ex., no conteúdo temático das obras e/ou no subgénero que representam.

Se as razões para a tradução de *Tommaso del Cavaliere* de Strykowski, em 1990, não se prendem com a popularidade internacional do seu autor, talvez possam ter a ver com a sua temática homoerótica. A novela tem lugar de destaque na história da tradução de literatura polaca em Portugal por dois motivos. Em primeiro lugar, trata-se da primeira obra literária diretamente traduzida da LP, o polaco, para o PE, sem consulta de uma tradução paralela (Wódkowski, 2015), por um tradutor individual, efetuada após a queda do comunismo (1989). Em segundo lugar, porque é a segunda obra de temática homoerótica, editada por Livros Cotovia, num período de dois anos, já que em 1989, ano da sua fundação, a editora publicou o romance homoerótico de E. M. Forster, *Maurice*. O surgimento de traduções de narrativas (homo)eróticas, desaprovadas durante o Estado Novo (Rodrigues, 1980: 72), bem como o aparecimento da designação *literatura homoerótica* são uma das consequências da Revolução de 25 de Abril de 1974, que implantou a liberdade de expressão e de tradução.²⁸ Desde então, a temática homoerótica tem marcado presença no sistema literário português, pelo que a tradução de *Tommaso del Cavaliere* (1990) pode

²⁸ Registe-se que as primeiras traduções dos clássicos da literatura homoerótica, em Portugal, só surgiram depois da Revolução, por exemplo: *Morte em Veneza* de Thomas Mann (1978) e *Memórias de Adriano* de Marguerite Yourcenar (1983) (PORBASE. s. d.).

inserir-se nesta tendência espaciotemporal, cultural e editorial, o que parece corresponder à tentativa de colmatar carências do mercado e de satisfazer expectativas dos leitores.

De igual modo, se o estatuto autoral de Grabiński, que inclusivamente na Polónia é pouco conhecido, não determinou a tradução da coletânea de contos, *O demónio do movimento*, então talvez tenha sido o conteúdo da obra que interessou ao editor. A obra é classificada pelo tradutor no posfácio como pertencente à *literatura fantástica*, sendo o autor, Grabiński, referido na contracapa como *o Poe Polaco*. Efetivamente, à data da tradução dos contos, a literatura fantástica gozava de grande popularidade, em Portugal, p. ex., as sagas de Harry Potter e de *O senhor dos anéis*, com as respetivas traduções literárias e cinematográficas, haviam conquistado um público fiel de leitores e espetadores. Sem problematizar a noção de literatura fantástica, que abarca subgéneros diversificados, as referidas circunstâncias literárias emergentes no polissistema português parecem indicar que os contos de Grabiński foram traduzidos numa época propícia a este tipo de literatura. No entanto, os contos do autor polaco não se integram no seio da *alta fantasia* [termo criado por Aleksander (1971) para designar universos paralelos com personagens de estatuto épico]. Fruto de uma imaginação fértil, os contos de Grabiński criam personagens literárias verosímeis, nas quais a normalidade se cruza o extraordinário ou o excêntrico, refletindo conhecimentos que o autor tinha de parapsicologia, demonologia e magia. Tal como sustenta o responsável pela página em linha do escritor, Mirosław Lipiński, a obra de Grabiński é ainda hoje verdadeiramente original:

(...) his works exhibit a trajectory of being impactingly original, entering into what he called psychofantasy or metafantasy. Grabiński explored the mysteries of life and human nature in the fiction he wrote. Much of his work deals with such themes as the power of thought, the vital energy of life, and sexuality. His characters tend to be mavericks and misfits, intellectually and psychologically intense (Lipiński, s. d.).

Os contos *O demónio do movimento* de Grabiński constroem um mundo original, onde a temática ferroviária se cruza com fenómenos paranormais, parecendo ocupar um espaço único no subsistema da literatura fantástica traduzida em Portugal.

Por último, *O diário de Rutka* de Rutka Laskier, um relato escrito durante a Segunda Guerra Mundial, pertence a um subgénero, cuja representatividade, em Portugal, é dominada pelo *Diário de Anne Frank*, publicado pela primeira vez em 1955 (PORBASE, s. d.). Tratando-se

de um subgénero circunscrito no espaço e no tempo, que teve a sua época áurea após a Segunda Guerra Mundial, com a publicação de vários diários e relatos, seria de esperar que o século XXI não trouxesse novos contributos para o género; no entanto, dois novos diários foram publicados, o de Helga Deen, em 2004, na Holanda, e o de Rutka Laskier, em 2006, na Polónia. O facto de passado meio século surgirem ainda relatos inéditos relacionados com o Holocausto é um acontecimento que naturalmente desperta o interesse de editores e leitores não só nos países de origem, mas também na Europa e em Israel.

Face às considerações preliminares relativas às traduções das obras *Tommaso del Cavaliere* de Strykowski, *O demónio do movimento* de Grabiński e *O diário de Rutka* de Laskier, lança-se a hipótese de que a sua tradução possa ter sido motivada pelo facto de os editores terem detetado lacunas no âmbito destes subgéneros no subsistema da literatura traduzida em Portugal. Conforme Toury (1995/2012) explica as culturas podem recorrer à tradução para preencher lacunas, sendo essas decisões regidas por normas editoriais:

[C]ultures resort to translating precisely as **a way of filling gaps**, whenever and wherever such gaps may manifest themselves: either in themselves, or (more often) in view of a corresponding non-gap in another culture that the target culture in question has reasons to look up to and try to exploit for its own needs (Toury, 1995/2012: 21-22) [Destques do autor].

No que respeita às obras em apreço no contexto português, procurar-se-á verificar se as traduções supramencionadas, *i. e.*, *Tommaso del Cavaliere*, *O demónio do movimento* e *O diário de Rutka* foram realmente planeadas para colmatar lacunas na cultura portuguesa.

Considerando que as hipóteses descritivas são tentativas de generalização, normalmente formuladas como tendências e não como afirmações universais (*cf.* Williams e Chesterman, 2002/2007: 75-76), e sintetizando as conjeturas formuladas no que respeita a políticas de tradução de literatura polaca em Portugal, afiguram-se duas tendências principais. Por um lado, presume-se que a seleção das obras literárias polacas traduzidas para PE possa resultar do prestígio internacional dos seus autores; por outro lado, pressupõe-se que exista uma tendência para colmatar lacunas temáticas no sistema literário português e no subsistema da literatura traduzida. A primeira hipótese tem como critério subjacente a pessoa do autor; a segunda, o conteúdo das obras e o subgénero literário a que pertencem.

O segundo conjunto de questões relaciona-se com a seleção do modo de tradução, *i. e.*, se a tradução é feita de modo direto entre a LP e a LC ou indireto por intermédio de outra(s) língua(s) de mediação. Dado que o nosso *corpus* abarca apenas traduções diretas, importa relacionar a ocorrência crescente da tradução direta a partir da queda do comunismo (1989) com os acontecimentos históricos e políticos, que possibilitaram a livre circulação de pessoas, bem como o ensino-aprendizagem de polaco em Portugal e de português na Polónia, o que reverteu no aparecimento de pessoas com conhecimentos, capacidades e disponibilidade para efetuar tradução direta PL-PE. Nesse sentido, serão relacionadas as variáveis *tradução direta* e *contexto histórico* e investigados os fatores políticos e culturais que favoreceram o crescimento da tradução direta.

Outro aspeto a investigar prende-se com a relação entre a posição ocupada pelas obras literárias polacas, na Polónia, e as suas traduções, em Portugal. Conforme defende Toury (1995/2012: 21), «there is no way for a translation to inhabit the same space as its source»; logo, os TP não ocupam a mesma posição que os TC nas respetivas culturas. Na senda de Even-Zohar (1990), Toury considera que a literatura traduzida tende a ocupar uma posição periférica no polissistema da CC e que as traduções ocupam uma posição menos central na CC do que o TP na CP.²⁹ Espera-se, por conseguinte, que as traduções em apreço no estudo ocupem uma posição inferior na cultura portuguesa do que os TP na cultura polaca. Tendo em conta este pressuposto, propor-se-á uma breve caracterização da posição da literatura polaca traduzida para PE segundo as variáveis: *impacto nos meios de comunicação social, tiragens das obras, expectativas literária e financeira*.

No estudo das normas preliminares procurar-se-á estabelecer relações ou correlações entre as variáveis contextuais e/ou textuais com vista a identificar regularidades ou padrões de comportamento por parte dos editores de traduções de literatura polaca. Para tal, foi elaborado um conjunto de perguntas em forma de questionário de acordo com as propostas de Dias (1994) e Hill e Hill (2000), pois considerou-se o inquérito por questionário um instrumento de investigação imprescindível no estudo das normas preliminares:

²⁹ Há, porém, casos excepcionais como o de Miłosz e o do Gombrowicz, escritores polacos emigrados, cujas obras, bloqueadas pelo regime comunista na Polónia a dada altura, ocuparam uma posição mais central no Ocidente na qualidade de traduções.

Técnica de investigação que, através de um conjunto de perguntas, visa suscitar uma série de discursos individuais, interpretá-los e depois generalizá-los a conjuntos mais vastos. (...) Através do inquérito por questionário, temos acesso a informação actual e actualizada, ou seja, esta técnica permite-nos estudar um fenómeno tal como ele ocorre e é simultaneamente construído e representado num determinado momento (Dias, 1994: 4-5).

Por conseguinte, com base nas propostas de Hill e Hill (2000: 83-104), foram primeiramente listadas as áreas a investigar: *políticas de tradução; preferência pela tradução direta e posição das obras literárias polacas traduzidas para PE na CC*. Seguidamente, para cada uma das áreas foram discriminadas as variáveis a pesquisar.

No que diz respeito a *políticas de tradução*, pretende-se averiguar (i) como as editoras tomaram conhecimento das obras polacas traduzidas; (ii) as razões que levaram as editoras a traduzir e a publicar as obras em questão; (iii) se houve (ou não) financiamento da tradução e (iv) se, após a publicação da obra traduzida, foi ponderada a tradução e/ou publicação de outras obras do mesmo autor e/ou de outros autores da literatura polaca.

No âmbito da preferência pela *tradução direta*, pretende-se saber (i) das razões dessa opção; (ii) do modo como a editora tomou conhecimento do tradutor e (iii) do eventual recurso a uma tradução paralela noutra língua durante o processo de tradução.

Para aferir a *posição da literatura polaca traduzida em Portugal*, pretende-se obter dados acerca da edição e receção das obras a partir de perguntas abertas sobre (i) a tiragem das obras; (ii) a sua promoção; (ii) o seu impacto nos meios de comunicação social e (iv) as expectativas literária e financeira dos editores em relação à obra traduzida.

Posto isto, foi elaborado um questionário que proporcionasse, consoante o objetivo de cada pergunta, (i) respostas qualitativas descritas por palavras pelo respondente; (ii) respostas qualitativas escolhidas pelo respondente a partir de um conjunto de respostas alternativas por nós fornecido e (iii) respostas quantitativas apresentadas em números pelo respondente.

Uma vez construído o questionário, contactaram-se as editoras, a fim de se proceder às entrevistas ou à aplicação do questionário. Das cinco editoras contactadas via correio eletrónico, três responderam (Cavalo de Ferro, Relógio d'Água e Sextante), uma não respondeu (Livros Cotovia) e outra devolveu automaticamente o *e-mail* (Campo das

Letras), dado que já não se encontrava ativa. Foi feita nova tentativa de contacto com a Campo das Letras via postal para as residências dos três sócios da editora, sem efeito. Estabeleceu-se um segundo contacto com Livros Cotovia, que também ficou sem resposta. A editora Relógio d'Água, que respondera prontamente ao primeiro contacto, não reagiu às posteriores tentativas de marcação da entrevista, nem ao questionário enviado.

Surgiu, então, a necessidade de recorrer ao contacto com os tradutores das editoras que não responderam ao solicitado. Dos tradutores contactados, Zbigniew Wódkowski e Włodzimierz Szymaniak prontificaram-se a responder às perguntas necessárias para levar o estudo avante, enquanto Júlio Gomes e Elżbieta Milewska não responderam à solicitação.

Tendo em conta os resultados por nós obtidos e comparando o número destas respostas com o número de respostas obtidas por Pinho (2014), que fez uma *Viagem ao mundo de tradutores e editores em Portugal*, chega-se à conclusão de que apenas algumas editoras portuguesas colaboram de bom grado com os investigadores. Pinho (2014: 145-147) contactou um universo de 123 casas editoras com o intuito de aplicar um questionário para o seu estudo e obteve resposta de 25 editoras, ou seja, de 20,32%. Da nossa parte, contactámos 5 editoras e apenas 2 (Sextante e Cavalo de Ferro) responderam ao questionário, o que representa 40%. A nossa percentagem de colaboração editorial sobe para 80%, se contarmos as respostas dadas pelos tradutores, Wódkowski e Szymaniak, em representação das editoras Livros Cotovia e Campo das Letras. Cruzando estes dados, apenas não foi possível obter respostas da editora Relógio d'Água, nem da parte dos tradutores que para ela trabalharam, Gomes e Milewska, pelo que se considera que os resultados obtidos possam ser representativos da problemática em estudo.

Os contactos estabelecidos resultaram numa entrevista presencial com João Duarte Rodrigues (2015), diretor literário da editora Sextante, bem como na aplicação via eletrónica do questionário a quatro entidades: Diogo Madre Deus (2015), diretor literário da editora Cavalo de Ferro; Zbigniew Wódkowski (2015), tradutor da editora Livros Cotovia, e Włodzimierz Szymaniak (2015), tradutor da editora Campo das Letras. As referências à entrevista e aos questionários constam da biografia sob o título de *Corpus de entrevistas e questionários*. Os resultados dos dados reunidos serão abordados nos capítulos seguintes.

3. Análise dos dados sobre políticas de tradução

Com base na entrevista e na aplicação do questionário, caracterizado no capítulo anterior, procedeu-se à análise dos dados reunidos. No âmbito das políticas de tradução, quisemos saber como as editoras portuguesas tomaram conhecimento das obras que traduziram. A pergunta obteve um resultado diversificado, destacando-se, em primeiro lugar, o papel dos tradutores na publicação de duas obras que não teriam sido traduzidas sem a sua intervenção: Wódkowski foi o responsável pela apresentação de *Tommaso del Cavaliere* à editora Livros Cotovia e o par de tradutores Milewska e Neves pela apresentação do projeto *Alguns gostam de poesia* à editora Cavalo de Ferro.

No que diz respeito ao primeiro dos tradutores, Wódkowski, que viveu em Lisboa entre 1988-90, tentou estabelecer contacto com várias editoras para apresentar projetos de tradução de literatura polaca. Somente quando foi apresentado ao jornalista Pinharanda Gomes, se abriram algumas portas, ou seja, uma entrevista na editora Livros Cotovia:

(...) os editores estavam muito interessados nas literaturas da Europa Central. (...) Deduzi que eram um grupo de pessoas com ideias euro-esquerdistas, tal como se dizia naquela altura. (...) Sugeriram-me que lhes apresentasse uma proposta de tradução que se coadunasse com o seu modelo de negócio editorial e com a sua orientação de esquerda liberal. Tinham um modelo de negócios muito interessante. Primeiro, publicavam obras literárias de pequena dimensão de vários autores para sondar o mercado e, em caso de êxito, prosseguiam com obras mais sérias desse autor. (...) Havia uma condição – tinha de ser uma obra da mais recente literatura [polaca] (Wódkowski, 2015).

As observações do tradutor sobre a política de tradução da editora permitem entender questões económico-financeiras de Livros Cotovia que, em 1989, contava, um ano de existência e tinha um modelo de negócios cauteloso com investimentos pouco arriscados. Wódkowski apresentou várias obras literárias suscetíveis de serem traduzidas para PE e a escolha recaiu sobre *Tommaso del Cavaliere* de Strykowski porque correspondia ao modelo de negócios da editora: «Era uma obra relativamente curta e não era um grande risco financeiro» (Wódkowski, 2015). O tradutor, porém, tinha outros motivos para insistir na sua tradução, pois queria provar que «a literatura polaca não era uma literatura regional, pois versava temas da cultura europeia, que não era (só) a literatura do realismo socialista, esquerdista (...) e, sim, uma literatura europeia, mundial, com temas de carácter humano e profundamente filosófica, e que a literatura polaca tinha obras genialmente

escritas» (Wódkowski, 2015). O tradutor acabou por agir não só como agente literário voluntário de Strykowski, como ainda as razões que nortearam a sua promoção faziam parte de uma política de tradução consciente em prol da divulgação da literatura polaca.

De igual modo, a tradução da coletânea *Alguns gostam de poesia* ficou a dever-se à intervenção bem-sucedida dos tradutores, Milewska e Neves, junto da editora Cavallo de Ferro, tal como relata o seu diretor literário, Diogo Madre Deus:

Trata-se de uma antologia proposta pelos tradutores. A obra dos autores era já – ainda que parcialmente – do conhecimento do editor pela sua importância no panorama literário internacional. A proposta inicial foi trabalhada até se chegar ao formato final da edição publicada (Deus, 2015).

Quanto às razões conducentes à decisão de traduzir poemas de Miłosz e Szymborska, Madre Deus (2015) invoca (i) a interessante proposta dos tradutores, (ii) o facto de os autores polacos terem recebido prémios internacionais, (iii) o facto de a obra destes dois autores ser (praticamente) inédita no nosso país e (iv) o facto de a forma antológica do livro ter parecido a mais adequada em termos de apresentação.

Se a história da tradução deve ser escrita tendo em conta a pessoa do tradutor (Pym, 1998: 122), então os acontecimentos acima relatados comprovam o contributo dos tradutores para a implementação de políticas de tradução, bem como o seu papel enquanto agentes literários e construtores das relações bilaterais, neste caso, luso-polacas. Se as traduções são factos da CC, não é menos verdade que os tradutores são agentes dessa mesma cultura.

Quanto a *O demónio do movimento*, Madre Deus (2015) declarou ter tomado conhecimento do livro através de uma tradução inglesa, que ele próprio adquiriu, e de ter decidido traduzi-lo para português por causa da sua qualidade literária e originalidade.

Em relação aos livros de Kapuściński, Szymaniak (2015) referiu que o principal acionista da Campo das Letras, Jorge Araújo, tomou conhecimento da obra do escritor na Feira de Frankfurt e o seu interesse imediato teve a ver com o livro *Mais um dia de vida. Angola 1975*, que descreve o fim do Império Ultramarino Português. A segunda razão que levou o editor a traduzir Kapuściński foi a convicção de que o público português apreciava o género literário cultivado pelo autor polaco. Os primeiros livros de Kapuściński foram traduzidos do inglês pela Campo das Letras: *Mais um dia de vida. Angola 1975* (1998), e *Ébano* (2001).

No que toca a *O diário de Rutka*, o livro foi descoberto pelo diretor literário da Sextante, João Rodrigues (2015), que dele tomou conhecimento nos meios de comunicação do mundo editorial, onde se referia a edição israelita e o apoio do Yad Vashem à sua publicação. Segundo o editor, as agências literárias internacionais enviam notícias com os livros que têm à venda, enquanto as empresas editoriais estrangeiras enviam catálogos com as novidades; no entanto, não existe este tipo de contactos com a Polónia. As razões que levaram a Sextante a traduzir o livro foram (i) a recensão da obra, muito positiva e interessante, e (ii) a possibilidade de o livro poder estabelecer uma conexão com o *Diário de Anne Frank*, o que permitiria um eventual êxito editorial (Rodrigues, 2015).

No que respeita a *Paisagem com grão de areia e Instante* e posto que o editor não concretizou a marcação de uma entrevista, conjetura-se que a decisão de traduzir a poesia de Szymborska possa ter decorrido da atribuição do Prémio Nobel, tanto mais que a antologia compilada inicialmente para a tradução americana (1995) foi, logo após o Nobel (em 1996), vendida e traduzida para diversas línguas, entre elas, para PE.³⁰

No âmbito das políticas de tradução, a obtenção de financiamento é um fator estimulante. Os volumes traduzidos pela Relógio d'Água não constam da lista do Instytut Książki [Instituto do Livro], a instituição polaca que subsidia traduções de literatura polaca. Das restantes obras traduzidas, apenas *Tommaso del Cavaliere* se efetuou com recurso a subsídio, tal como relata o tradutor: «[Num dos encontros] disseram-me que tinham conseguido obter da União Europeia dinheiro para traduzir para português [um livro] a partir de uma das línguas europeias raras» (Wódkowski, 2015). Daqui se deduz que o financiamento das traduções reduz os riscos financeiros e constitui um incentivo; trata-se de uma prática cada vez mais corrente nas editoras, tanto mais que as candidaturas aos subsídios estão institucionalizadas em organismos culturais nacionais que custeiam a tradução de literatura nacional para línguas estrangeiras.

Por último, pretendeu-se averiguar se, após a tradução das referidas obras, foi ponderada a tradução e publicação de outras obras literárias polacas. O caso de Kapuściński surge,

³⁰ Consultando a PORBASE (s. d.) pode inferir-se que, em Portugal, existe uma tendência para traduzir os escritores galardoados com o Prémio Nobel da Literatura (Cf. Casanova, 2004: 147).

aqui, como um caso de exceção. Após a publicação da primeira obra em 1998, a editora Campo das Letras traduziu e publicou mais cinco livros do escritor. Tal pode ser interpretado como um plano/política de tradução e de fidelização ao autor polaco, sistematicamente concretizado até à falência da editora.

Já o caso da Relógio d'Água, editora que publicou dois tomos poéticos de Szymborska (1998 e 2006), não pode ser descrito como fidelização à autora, já que, entretanto, Szymborska publicou mais quatro volumes poéticos que não foram traduzidos para PE. Por seu lado, a editora Livros Cotovia, após a publicação de *Tommaso del Cavaliere*, ponderou traduzir outras obras de Strykowski, entre elas, *Austeria*, anunciada na contracapa da edição da referida novela. Todavia, o anunciado projeto de tradução de literatura polaca não teve continuidade porque o tradutor emigrou para o Canadá.

Após a publicação de Grabiński, Miłosz e Szymborska, a editora Cavalo de Ferro não ponderou traduzir mais obras destes autores; no entanto, pondera publicar no futuro poesia de Zbigniew Herbert (Deus, 2015). Por seu turno, o editor da Sextante afirmou que tinha em curso a tradução da biografia *Kapuściński – non-fiction* de Artur Domosławski (2010), efetuada a partir do inglês (Rodrigues, 2015). A decisão de traduzir a biografia teve a ver com o facto de o jornalista polaco ser uma personalidade muito conceituada a nível internacional (Rodrigues, 2015). Essa decisão, porém, poderá ainda ser contextualizada no âmbito do polissistema literário português, pois a anterior tradução para PE de seis obras de Kapuściński pela Campo das Letras também se afigura como motivação para publicação e receção da biografia do escritor, já traduzido em Portugal.

Resumindo as respostas obtidas, quanto a políticas de tradução, os editores tomaram conhecimento das obras literárias polacas através das seguintes fontes de comunicação e informação: (i) Feira de Frankfurt; (ii) meios de comunicação afetos às agências editoriais; (iii) tradutores e (iv) aquisições pessoais de traduções em livrarias estrangeiras.

Os dados recolhidos demonstram a ausência de uma comunicação direta entre as editoras portuguesas e as agências polacas, sendo de assinalar que nenhuma das editoras contactadas recebe o catálogo literário, em inglês, do Instytut Książki. Os dados apurados também indicam que, num mundo em que reinam uma verdadeira indústria editorial e um

competitivo comércio de literatura, será difícil um escritor dar-se a conhecer, ser traduzido e publicado sem prémios internacionais e sem um intermediário especializado.

Quanto às razões que ditaram a tradução das obras literárias polacas em foco, apurou-se que a hipótese aqui lançada foi parcialmente confirmada. A decisão de traduzir para PE a poesia de Szymborska e de Miłosz, galardoados com o Prémio Nobel da Literatura, resultou do prestígio internacional dos autores, mas, no caso de Kapuściński, a decisão de traduzir os seus livros residiu ainda no conteúdo das suas obras e na expectativa do editor de ir ao encontro do gosto dos leitores. Assim, fatores literários e extraliterários contribuíram para as decisões editoriais de traduzir os referidos autores (cf. Cândido, 2013: 206 e 209).

A segunda hipótese, referente a Strykowski, Grabiński e Laskier, partia do princípio de que as obras dos referidos autores tenderiam a colmatar lacunas no sistema literário português e no subsistema da literatura traduzida. No entanto, nenhum dos editores ou tradutores referiu direta e abertamente que as obras dos referidos autores foram traduzidas com o intuito de preencher espaços vazios na cultura portuguesa; foi mencionado apenas que o conteúdo das obras – *i. e.*, a temática, a qualidade e a sua originalidade – foram determinantes para a respetiva tradução. Entende-se, porém, que o ponto de vista de editores e tradutores não invalida a hipótese, inspirada em Toury (1995/2012, 21-22). O facto de os editores não terem assumido que as traduções tinham como objetivo preencher espaços vazios na CC, isso não quer dizer que as obras traduzidas não tenham preenchido lacunas na cultura portuguesa. Tal pode indiciar que o meio editorial português não está habituado a refletir com base neste tipo de raciocínio e que preencher lacunas na CC não é um objetivo (prioritário) na sua política editorial. A este título, note-se que podem existir lacunas literárias que passam despercebidas: «A void in a cultural sector may of course be more or less noticeable to the people-in-the-culture» (Toury, 1995/2012: 21). É de ponderar ainda que o preenchimento de lacunas na CC possa não ser entendido como condição principal ou razão conducente *a priori* à seleção das obras a traduzir, mas possa ser visto como uma das consequências naturais, surgida *a posteriori*, das políticas de tradução e, assim, óbvia ao ponto de não merecer reflexão por parte dos editores ou de ser remetida para os estudiosos que investigam as relações e as movimentações existentes

no sistema literário e no subsistema da literatura traduzida. Aliás, Toury (1995/2012: 21-22) está convicto de que toda a tradução satisfaz certas necessidades da CC.

A nosso ver, *Tommaso del Cavaliere* (1990) preencheu, a par de outras traduções de temática homoerótica, lacunas no subsistema da literatura traduzida em Portugal, onde, em 2000, acabou por surgir a primeira editora de literatura LGBT, a Zayas Editora. Já *O demónio do movimento* (2003), atendendo à sua temática ferroviária, ocupa um espaço único, embora pouco visível, no subsistema da literatura traduzida na CC. Se, por um lado, as culturas recorrem à tradução para preencher espaços vazios, por outro, as traduções podem estimular a produção de literatura nacional, o que parece ser confirmado pelo surgimento paralelo de escritores nacionais que começaram a cultivar os referidos subgéneros, no início do século XXI. Autores portugueses como Eduardo Pitta e Frederico Lourenço deram voz à narrativa sobre a homossexualidade, enquanto Filipe Faria e Sandra Rodrigues abriram novos horizontes ao romance fantástico. Tal enquadra-se na convicção de Toury (1995/2012: 21-22) de que «translation activities and their products not only can, but very often do cause changes in the target culture».

Quanto à pergunta sobre o financiamento das traduções, verificou-se que, por desconhecimento, os editores não concorreram ao subsídio concedido pelo Instytut Książki, mas Livros Cotovia recorreu a um subsídio atribuído pela União Europeia.

Por último, as respostas à pergunta sobre futuras traduções de literatura polaca indicaram que as editoras em apreço não possuem um plano que privilegie a literatura polaca, ao contrário do que aconteceu com a Editorial Presença, cuja linha editorial contemplou ao longo de vários anos a tradução de literatura russa. Apurou-se o caso de uma editora – a Campo das Letras – que apostou na tradução da obra de um autor polaco, Kapuściński. Se bem que as editoras tidas em consideração não tenham uma linha editorial que favoreça a literatura polaca, não enjeitam a tradução e publicação de obras de autores polacos. Assim, não se pode concluir que exista, em Portugal, uma política de tradução de literatura polaca, mas talvez se possa avançar com a ideia da existência de uma política de tradução que, entre 1990 e 2010, privilegiou alguns autores, como Kapuściński e Szymborska, respetivamente com seis e três volumes traduzidos em Portugal.

4. Análise dos dados sobre a preferência pela tradução direta

Tal como referido anteriormente (*cf.* I Parte – 5.1.), constatou-se que das 113 traduções de literatura polaca, catalogadas por Cândido (2013), apenas 23 são traduções diretas e, entre estas, encontram-se as dez traduções que constituem o objeto do presente estudo. De acordo com Cândido (2013: 41), o recurso à tradução indireta prende-se com vários fatores, entre eles, o défice ou a inexistência de tradutores com competência linguística tanto na LP como na LC, como é o caso do par polaco-português europeu. Esta situação deriva de obstáculos causados por circunstâncias históricas, tais como a divisão geopolítica da Europa em Ocidente e Leste, depois da Segunda Guerra Mundial, que levou Portugal e a Polónia a fecharem as respetivas missões diplomáticas em Varsóvia e em Lisboa e que instalou a Cortina de Ferro, impeditiva da livre circulação de pessoas entre os dois países.

A opção pela tradução direta ou indireta envolve ainda outras razões (*cf.* Cândido, 2013: 43), tais como a distância linguística e/ou geográfica e o aspeto financeiro, já que a tradução de línguas menos comuns é mais dispendiosa pela inexistência de tradutores com competência linguística tanto na LP como na LC. Outro aspeto importante no estudo da tradução direta / indireta focado por Cândido (2013: 42) prende-se com os juízos de valor negativos face à tradução indireta: «Diversos estudos demonstram a existência de uma atitude negativa, perante a tradução indirecta». As razões invocadas por Cândido (2013: 42) para tal depreciação remetem para o preconceito existente de que os resultados da tradução indireta possam ser inferiores aos da tradução direta e para a ideia da unicidade e superioridade do original.

A investigação das normas preliminares, no que respeita à escolha da tradução direta, prossegue com a sua contextualização histórica, a partir da divisão cronológica proposta por Cândido (2013: 106-112), conforme o modelo de investigação de Toury (1995/2012) que preconiza a averiguação das circunstâncias espaciotemporais envolventes:

Any attempt to offer exhaustive descriptions and viable explanations for states of affairs of this kind would require a proper **contextualization**, which is always specific to a given case and never adequately evident already (Toury, 1995/2012: 23) [Destaque do autor].

O ponto de viragem (*cf.* Cândido, 2013: 106-108) nas relações luso-polacas ocorre com a Revolução de 25 de Abril de 1974, que permitiu o reatamento das relações diplomáticas

com a Polónia, a 11 de julho de 1974. Embora a circulação de pessoas estivesse inicialmente sujeita à obtenção de vistos, o seu trânsito tornou-se mais acessível, sobretudo, graças à celebração de acordos de cooperação entre Portugal e a Polónia. Dois anos e três meses volvidos após a Revolução, o Decreto n.º 527/76 de 6 de julho publica o *Acordo Cultural entre a República Portuguesa e a República Popular da Polónia*, assinado em Varsóvia, em 30 de setembro de 1975, abrindo as condições para aproximar os dois povos, as duas culturas e as duas línguas. Foram, então, inaugurados o leitorado de língua portuguesa na futura Cátedra de Estudos Ibéricos da Universidade de Varsóvia, na Polónia, em 1975, e o leitorado de língua polaca, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano letivo de 1979-80.³¹

Não é por acaso que a primeira tradução literária direta do PL para o PE, após a Revolução, identificada por Cândido (2013: CI), é *Versos polacos*, uma coletânea de poesia, publicada em 1985, em tradução conjunta de Maria Teresa Bação (autora da tese), Filipa Menezes, Maria Clara Correia, Carlos Santos Pereira e Henryk Siewierski. A referida tradução é uma consequência do restabelecimento das relações entre Portugal e a Polónia e da abertura do leitorado de PL em Lisboa. O tomo de poesia foi traduzido diretamente da LP, ao longo de quatro anos, com consulta de traduções paralelas, pelos alunos do leitorado de polaco sob orientação do professor responsável, Henryk Siewierski, que exerceu docência entre 1981 e 1985.

Os leitorados de português na Polónia e de polaco, em Portugal, proporcionaram aos seus leitores e alunos a aprendizagem de duas línguas estrangeiras europeias menos comuns ou periféricas, em termos tradutórios (Heilbron, 1999 e 2010; Cândido, 2013). Dos nove tradutores em estudo, dois foram leitores de português na Polónia (Júlio Gomes, em Varsóvia, e Maria José Charchalis, em Poznań) e uma foi leitora de polaco em Lisboa (Elżbieta Milewska). Dos restantes tradutores, dois foram alunos do leitorado de português (Zbigniew Wódkowski, em Varsóvia, e Wojciech Charchalis, em Poznań) e outro foi aluno

³¹ De acordo com informação fornecida por Sandra Boavida do Instituto Camões, a primeira leitora nomeada pelo Instituto de Alta Cultura para a Universidade de Varsóvia foi a licenciada Maria Luiza da Silva Moreira Brazão Antunes, no ano letivo de 75/76. Por seu turno, o primeiro leitor de polaco na Universidade de Lisboa foi Franciszek Ziejka, futuro reitor da Universidade Jaguelónica de Cracóvia, a quem se seguiu Henryk Siewierski, hoje professor da Universidade de Brasília.

do leitorado de polaco em Lisboa (Sérgio Neves). Adicionando a esta lista a autora da tese, que também foi leitora de português em Varsóvia e é tradutora de literatura, há que reconhecer o inestimável papel dos leitorados no conhecimento de línguas estrangeiras e na sua contribuição para a tradução direta.

Retomando a análise da correlação entre a tradução direta/indireta e as circunstâncias históricas, constata-se no catálogo elaborado por Cândido (2013) que, após a tradução direta de *Versos polacos* em 1985, a tradução direta que cronologicamente se segue é *Tommaso del Cavaliere*, em 1990, ou seja, um ano após a queda do comunismo na Polónia. O fim do comunismo no Leste da Europa abriu definitivamente as fronteiras à livre circulação de pessoas e ao livre intercâmbio de ideias e culturas, bem como a um renovado e alargado mercado de tradução:

The political turn of 1989 that changed European history had an immediate effect on the work of European translators and interpreters (...). New markets for translation and interpreters suddenly became available, and proficiency in the languages of Hungary, Poland and Czechoslovakia, which for decades had counted as “small” and exotic, was now in great demand (Snell-Hornby, 2006: 69).

Na senda de Toury (1995/2012: 162) que perspetiva a tradução como uma conjuntura onde relações sistémicas e normas historicamente determinadas se intercetam e correlacionam e com base no acima exposto, depreende-se que as normas relativas à seleção da tradução direta ou indireta, no par de línguas polaco-português, derivam de circunstâncias históricas, políticas e culturais. A instauração do Estado Novo em Portugal, em 1933, e a Conferência de Ialta, que, em 1945, dividiu a Europa politicamente, constituíram constrangimentos à possibilidade de opção pela tradução direta, confinando os editores à tradução indireta. Já marcos históricos, como a Revolução de 25 de Abril de 1974 e a queda do comunismo em 1989, abriram caminho ao intercâmbio cultural entre os povos europeus, proporcionando aos editores a possibilidade de optar pela tradução direta. Distribuindo as 113 obras inventariadas por Cândido no Anexo B entre três períodos: de 1885 a 1974 (data da primeira obra literária polaca traduzida para PE e data da Revolução do 25 de Abril); de 1975 a 1989 (pós-25 de Abril e data da queda do comunismo) e de 1990 a 2010 (pós-comunismo e data da última tradução catalogada por Cândido), obtêm-se os resultados que se apresentam na Tabela 4:

Tabela 4 - Periodização do número de traduções diretas, indiretas e sem dados.

Período de tempo	Tradução indireta	Tradução direta	Traduções sem dados
1885-1974	48	4	6
1975-1989	22	1	1
1990-2010	11	18	2

A análise dos dados recolhidos e distribuídos de acordo com as variáveis, periodização / contexto histórico e modo de tradução indireto e direto, aponta para duas tendências: (i) antes da Revolução de 25 de Abril e da queda do comunismo, a tradução literária PL-PE é maioritariamente executada a partir de uma língua de mediação, ou seja, predomina a tradução indireta; (ii) depois da queda do comunismo, a tradução literária PL-PE é maioritariamente feita com base na LP, o polaco, ou seja, predomina a tradução direta. Se a Revolução de 25 de Abril preparou o caminho para a possibilidade de surgirem pessoas com conhecimento do par de línguas polaco-português europeu através da abertura de leitorados, a queda do comunismo completou esse caminho, permitindo a livre circulação de pessoas e o livre intercâmbio cultural, conforme testemunha Snell-Hornby (2006), que vive na Áustria, avaliando de modo semelhante o impacto do fim do totalitarismo na Europa de Leste: «After the paralyzing effects of the Cold War it was a time of dialogue, of rediscovering the value of human contacts, on the personal level, but also internationally, in trade and industry, in culture and politics» (Snell-Hornby, 2006: 69).

Por conseguinte, o *corpus* do nosso estudo situa-se no período de tempo após a queda do comunismo e, sendo constituído por traduções diretas, as perguntas do questionário incidiram sobre as razões conducentes a esta preferência. A este respeito, Rodrigues (2015) da editora Sextante declarou que, na editora, o princípio era traduzir, sempre que possível, da língua original e que, no caso de *O diário de Rutka*, quando se tomou a decisão de efetuar a tradução só estavam disponíveis o original polaco e a tradução hebraica. Por outro lado, Deus (2015) da editora Cavalo de Ferro refere que a proliferação da tradução indireta no par de línguas polaco-português em Portugal se deve a uma lacuna no mercado: «(...) a quase total ausência de (bons) tradutores literários dessa língua para português. A Cavalo de Ferro, dada a sua aposta em textos de grande importância literária, privilegia sempre a tradução a partir do original. (...) Porque essa é a política da nossa editora». Já o

tradutor Szymaniak (2015), em representação da editora Campo das Letras, julga que a opção pela tradução direta terá sido uma exigência do próprio Kapuściński (o que não impediu que as duas primeiras traduções tivessem sido efetuadas através da língua inglesa). Por seu turno, o tradutor Wódkowski (2015), no desempenho do papel de agente literário de Strykowski junto da editora Livros Cotovia, inspirou confiança à editora que lhe encomendou a tradução.

Considerando os dados obtidos no questionário, e apesar da falta de resposta por parte da editora Relógio d' Água e dos seus tradutores, entende-se que se trata de uma política de princípio e de respeito pela LP. Sublinha-se ainda que tanto a Relógio d' Água como a Cavalos de Ferro apostam na edição bilingue de poesia (e não só de poesia polaca), uma norma da sua política editorial que expõe o TP ao lado do TC e pode ser interpretada como voto de confiança dado aos tradutores, política cujo efeito poderá ser a garantia da qualidade de uma tradução que não oculta o TP e não receia a avaliação da parte de quaisquer leitores.

Em resumo, ao preferir a tradução direta, as editoras revelam que os seus custos mais elevados não se sobrepõem à expectativa de que a tradução direta possa ser uma mais-valia na sua política editorial, em termos da qualidade das traduções.

Em resposta à pergunta sobre o modo como as editoras tomaram conhecimento dos tradutores, apuraram-se vários canais de comunicação. Wódkowski e o par Milewska e Neves compareceram nas editoras, respetivamente Livros Cotovia e Cavalos de Ferro, com os seus próprios projetos de tradução e, tendo merecido a confiança dos editores, foram-lhes adjudicadas as respetivas traduções. Rodrigues (2015), diretor da Sextante, telefonou para a Embaixada da Polónia que facultou o contacto da tradutora, Rodrigues. Por seu lado, Deus (2005), diretor da Cavalos de Ferro reconhece que, no caso de *O demónio do movimento* «felizmente, por acaso, travámos conhecimento com os tradutores [Maria José e Wojciech Charchalis] e lançámos esse desafio». De acordo com o testemunho de Szymaniak (2015), a editora Campo das Letras tomou conhecimento dos tradutores através de outros trabalhos entretanto publicados. E quanto à Relógio d' Água, por falta de resposta ao questionário, não foi possível apurar como é que o editor tomou conhecimento dos tradutores, Gomes e do par Milewska e Neves.

Outra pergunta relacionada com a variável da tradução direta pretendia averiguar se, apesar de a tradução ter sido efetuada diretamente do PL, os tradutores dispunham de uma tradução paralela noutra língua como termo de comparação.

Rodrigues (2015) da editora Sextante crê que a tradutora não recorreu a outra versão, mas confessou que a tradução de Rodrigues teve de ser alvo de uma forte e cabal revisão. Atendendo a esta experiência, o editor preferiu traduzir a biografia de Kapuściński, não diretamente do polaco, mas através de uma língua de mediação, o inglês.

Em relação a *O demónio do movimento*, Deus (2015) da editora Cavalos de Ferro considera que não houve recurso a uma tradução paralela «até porque não havia (nem continuam a existir) muitas disponíveis». Já no que toca a *Alguns gostam de poesia*, o diretor da Cavalos de Ferro é mais prudente: «Penso que não, até porque o distanciamento face ao original de outras traduções indirectas e alguma ausência de “filologia poética” foi uma das razões apontadas pelos tradutores à época como justificação do seu trabalho» (Deus, 2015). Nós, porém, por conhecimento próprio, sabemos que a antologia *Paisagem com grão de areia* de Szymborska (1998) era do conhecimento de Milewska e Neves e muito provavelmente terá sido usada como tradução paralela nos vinte e cinco poemas, traduzidos por Gomes e retraduzidos posteriormente pelo referido par de tradutores (cf. III Parte). Wódkowski (2015) declarou que não teve outra tradução como termo de comparação, porque na altura não existiam outras versões, e Szymaniak (2015) responde que «Sim e não. Lemos outras traduções, mas não como ferramenta direta de trabalho, antes pela curiosidade».

Em relação à editora Relógio d'Água, não foi possível saber se os tradutores recorreram a traduções paralelas; pode apenas constatar-se que a tradução inglesa de *Paisagem com grão de areia* foi publicada em 1995 e a portuguesa em 1998; a tradução inglesa de *Chwila / Moment* saiu em 2003 e a portuguesa *Instante*, em 2006.

O recurso a traduções paralelas, que permite consultar versões noutras línguas, é uma útil ferramenta no processo da tradução direta, pois pode alargar o leque das opções do tradutor e torná-lo mais consciente. Esta prática não desvaloriza, nem desacredita o tradutor; reforça, sim, o seu sentido de responsabilidade e o desejo de aprender com outros tradutores em busca da perfeição.

Sumariando o acima exposto, é possível reconstruir duas normas relativas à seleção da tradução direta/indireta no par de línguas PL-PE. Antes da queda do comunismo (1989), a norma era traduzir literatura polaca através de uma língua de mediação; depois da queda do comunismo, a tendência inverteu-se, sendo a norma traduzir diretamente do polaco. A norma inicialmente predominante (tradução indireta) perdeu terreno para a tradução direta, após 1989, sendo esta última atualmente uma tendência crescente. Diferentes normas podem coabitar o mesmo espaço e o mesmo tempo (Toury, 1995/2012: 87), embora com representatividades diferentes. Assim, é de esperar que, dada a crescente oferta de tradutores de PL-PE³², a tradução indireta possa vir a ser erradicada do subsistema da tradução literária, tanto mais que os editores entrevistados referiram a preferência pela tradução direta em literatura como um princípio editorial, desvalorizando o acréscimo financeiro que tal acarreta. Em suma, verificou-se que a possibilidade de optar pela tradução direta aumentou em função de fatores históricos, políticos e culturais.

5. Análise dos dados sobre a promoção e a receção das traduções

No presente capítulo, pretende-se averiguar variáveis como tiragens e vendas das traduções em apreço, o seu impacto na comunicação social, assim como as expectativas criadas em seu redor, *i. e.*, fatores não abrangidos pelo modelo de Toury (1995/2012), mas considerados pertinentes para aferir a posição da literatura polaca traduzida na CC.

Como em Portugal não é norma indicar na Ficha Técnica a tiragem dos livros, inquiriu-se junto de editores e tradutores acerca do número de exemplares da edição, dado que tal pode ser visto como indicador da expectativa da receção do livro no mercado português.

Por conseguinte, de acordo com a informação facultada pelo tradutor Wódkowski (2015), a tiragem de *Tommaso del Cavaliere* foi de 2000 exemplares; à data, o livro encontra-se descatalogado. O tradutor Szymaniak (2015) desconhece as tiragens dos livros que traduziu e, quanto a vendas, é sabido que o espólio da editora Campo das Letras se encontra atualmente à venda na livraria Círculo das Letras, em Lisboa, onde as traduções de

³² A lista de tradutores de polaco-português-polaco, disponibilizada em linha pela Embaixada da Polónia, conta, à data, 28 nomes.

Kapuściński ainda podem ser adquiridas. Em relação a *O demónio do movimento*, Madre Deus (2015) afirma: «Esta obra teve uma primeira tiragem, destinada ao mercado livreiro, de 1500 exemplares – com reduzido êxito comercial, e outra, privada, inteiramente comprada pela CP – Caminhos de Ferro Portugueses, S.A., de 2500 cópias, destinada a oferta a funcionários dessa empresa». Quanto a *Alguns gostam de poesia*, que teve uma tiragem de 1500 exemplares, o editor reconhece o fracasso comercial da tradução: «Saldámo-la e retirámo-la do mercado 10 anos depois» (Deus, 2015). Rodrigues (2015) transmitiu-nos que *O diário de Rutka* teve uma tiragem de 6000 exemplares dos quais, até agosto de 2015, se venderam apenas cerca de 1700. Os números são ilustrativos da alta expectativa do editor em relação à venda do livro que não correspondeu à sua procura. Não foi possível apurar a tiragem dos volumes poéticos publicados pela Relógio d' Água, mas sabe-se que *Paisagem com grão de areia* e *Instante* não esgotaram e ainda podem ser adquiridos na página em linha da editora, a preços reduzidos.

A promoção das obras literárias é um fator crucial para o sucesso editorial, pelo que as perguntas seguintes do questionário pretendiam aferir, por um lado, os esforços envidados pelas editoras nesse sentido e, por outro, a repercussão das obras nos meios de comunicação social, bem como as expectativas literárias e financeiras criadas com a tradução. Apurou-se que todas as editoras nos seus catálogos e brochuras em suporte de papel fazem referência às obras publicadas, através de um resumo ou de uma citação de promoção e que as suas páginas em linha oferecem uma descrição das traduções.

A divulgação de *O Diário de Rutka* foi cuidadosamente preparada pela Sextante em parceria com a Embaixada de Israel, o Yad Vashem e personalidades públicas portuguesas. Conforme relata Rodrigues (2015), a editora fez «um esforço de marketing e comunicação forte com cartazes em livrarias e entrevistas». O lançamento do livro teve lugar na livraria Bulhosa de Entrecampos, em novembro de 2007, estando a apresentação da obra a cargo do Embaixador de Israel e da meia-irmã de Rutka, Zahava Scherz, cuja viagem foi patrocinada pelo Yad Vashem. O livro também foi divulgado na rádio, na televisão e na imprensa, onde mereceu uma atenção alargada com destaque para os artigos ilustrados, publicados no *Público* e *Correio da Manhã*, no *Expresso* e *Sol*, bem como nas revistas *Sábado* e *Visão* (Duarte, 2015). Apesar do empenho na promoção do livro, a receção da

obra ficou aquém das expectativas literárias e financeiras do editor que esperava que o livro fosse não um *best seller*, mas um *long seller*, o que não aconteceu.

Em relação à obra de Kapuściński, Szymaniak (2015) frisa que os livros foram promovidos com anúncios na imprensa e no catálogo da editora Campo das Letras. No tocante a artigos publicados na imprensa, o tradutor sabe da existência de «alguns, mas não muitos». Não sabendo precisar o seu número, recorda, porém, um artigo muito crítico no *Público*, em 2006, sobre *Império* (Szymaniak, 2015). No que respeita às expectativas literárias do editor, Szymaniak (2015) considera que as obras não corresponderam às expectativas criadas devido ao pouco interesse dos leitores; quanto às expectativas financeiras tem razões para crer que as mesmas saíram goradas, contribuindo para a insolvência da editora e para o facto de os tradutores nunca terem recebido os honorários na íntegra.

Quanto aos dois livros da editora Cavalo de Ferro, *O demónio do movimento* e *Alguns gostam de poesia*, Madre Deus (2015) recorda-se apenas que o segundo teve lançamento público, não sabendo precisar o seu local. Ambas as obras mereceram a atenção da imprensa, mas o editor não dispõe de dados sobre o número de resenhas críticas publicadas. Quanto às expectativas literárias, o editor considerou que ambas as obras corresponderam às expectativas literárias, a primeira porque «foi bem recebida junto da crítica, a qualidade de um autor até então desconhecido, apreciada e (re)confirmada» e a segunda porque «a qualidade da obra mereceu o apreço da crítica e do público-leitor ajudando a uma maior divulgação e conhecimento em Portugal destes dois importantes escritores» (Deus, 2015). No que toca às expectativas financeiras face a *O demónio do movimento*, a resposta é afirmativa «porque, neste caso, foi alvo de uma edição privada, financiada pelos Caminhos de Ferro Portugueses» (Deus, 2015); *Alguns gostam de poesia* não correspondeu de modo algum às expectativas financeiras devido a «público insuficiente, vendas insuficientes» (Deus, 2015). Em 2008, a editora retirou do catálogo as duas traduções, atendendo ao desinteresse comercial.

No que diz respeito a *Tommaso del Cavaliere*, o tradutor Wódkowski não sabe se o livro foi alvo de lançamento público, porque entretanto deixou Portugal. Pelo que se lê num folheto da editora Livros Cotovia, o livro terá tido uma repercussão positiva, pois nele cita-

-se um excerto elogioso de um artigo publicado no *Diário Popular* da pena de Maria Teresa Horta. O livro já não consta do catálogo em linha de Livros Cotovia.

Em relação à editora Relógio d'Água, não foi possível saber se os livros de Szymborska foram lançados publicamente, nem quais as expectativas literárias e financeiras do editor. Sabe-se que *Paisagem com grão de areia* mereceu duas resenhas que apresentam reservas quanto à tradução [Swiatkiewicz (1998) e Bastos (1998) *apud* Valdez (2009)].

A receção da literatura traduzida poderá beneficiar com a presença de paratextos (positivos), mediadores entre o livro e o leitor. As traduções em foco contêm resumos ou citações sobre as obras que, nas contracapas ou badanas dos livros, convidam à leitura, mas somente duas incluem prefácios (*O diário de Rutka* e *Alguns gostam de poesia*) e uma encerra com epílogo (*O demónio do movimento*). Constatou-se ainda que as editoras em foco não recorreram à Embaixada da Polónia em Lisboa para lançar as traduções publicamente. Por último, a informação recolhida demonstra que a campanha de promoção de *O diário de Rutka* por parte da editora Sextante foi superior aos esforços empreendidos pelas restantes editoras no mercado português. Tal, porém, não impediu que o livro não sobrevivesse à campanha.

Tendo em consideração o exposto, não se pode concluir que a literatura polaca seja marginalizada ou ignorada na imprensa; muito pelo contrário, verificou-se que existe fortuna crítica sobre as traduções literárias polacas. O que talvez possa ser inferido dos dados reunidos é que se trata de uma receção de memória curta ou a curto prazo, já que os livros não tendem a ser *long sellers* e as circunstâncias não proporcionam a publicação de segundas edições.

6. As traduções de literatura polaca na cultura de chegada

Para aferir a posição das traduções de literatura polaca na CC, analisam-se, primeiramente, dados quantitativos e, a seguir, aspetos qualitativos com base na Teoria do Polissistema.

Na tentativa de objetivar a aferição da posição da literatura polaca traduzida na CC, foram recolhidos dados sobre o total de títulos publicados até à data pelas editoras em apreço, o

total de traduções e o total de traduções diretas de literatura polaca. Os dados relativos às editoras Sextante e Cavalo de Ferro foram fornecidos pelos respectivos diretores literários; os dados sobre a Campo das Letras foram extraídos de Pinho (2014) e os das editoras Livros Cotovia e Relógio d'Água foram retirados das suas páginas em linha (onde se detetaram algumas lacunas). Registe-se que, levando em consideração a estimativa de Pinho (2014: 145) sobre a existência em Portugal de 225 casas editoras, as cinco editoras em foco no nosso estudo representam apenas 2.2% do mundo editorial português. Ainda assim, merece a pena quantificar os dados relativos à tradução direta de literatura polaca para obter uma ideia do seu valor numérico e percentual, conforme se observa na Tabela 5.

Tabela 5 - Títulos publicados pelas editoras em estudo, desde a sua criação, em correlação com o número de traduções diretas do polaco (1990-2010)

TÍTULOS EDITORAS	Total de títulos publicados	% de traduções do PL (nº de livros)	Total de traduções publicadas	Traduções do PL em percentagem
Livros Cotovia	700	0,14 % (1)	s/d	s/d
Relógio d'Água	1300	0,15 % (2)	s/d	s/d
Cavalo de Ferro	186	1,07% (2)	s/d	s/d
Campo das Letras	1200	0,33 % (4)	429	0,93 %
Sextante	137	0,73 % (1)	54	1,85 %

Os dados obtidos indicam que a literatura traduzida diretamente do polaco, em Portugal, representa uma percentagem situada entre 0,14% e 1,07% no universo dos livros publicados pelas editoras em estudo. Já as traduções diretas de literatura polaca em correlação com o universo das traduções publicadas pelas editoras em apreço situam-se entre 0,93% e 1,85%. De acordo com a seriação proposta por Heilbron (1999), parece que a posição da literatura polaca traduzida em Portugal se situa na periferia do polissistema.

Passando para a análise de aspetos qualitativos das traduções, retoma-se a proposta de Even-Zohar (1990: 45-51) sobre as condições que a literatura traduzida precisa de satisfazer para ocupar uma posição central no polissistema literário. Em primeiro lugar, o autor indica a capacidade de moldar o centro do polissistema, inclusivamente a literatura nacional; em segundo, aponta para a necessidade de o fazer através da introdução de elementos inovadores, a nível dos géneros, da temática, da linguagem poética, dos padrões e das técnicas de composição, etc.; por fim, o autor entende que a tradução tem de contribuir para a renovação do repertório literário nacional. Estipulados desta forma os requisitos

para que a tradução possa ocupar uma posição central no polissistema literário e tendo em conta as respostas obtidas por parte de editores e tradutores nas entrevistas concedidas e nos questionários aplicados, inferir-se-á que a literatura polaca traduzida em Portugal possa ocupar uma posição periférica no polissistema literário, uma vez que não satisfaz as três condições acima apresentadas. Ademais, as obras traduzidas não tiveram sucesso editorial (não foram *best sellers* nem *long sellers*), não foram reeditadas, sendo algumas retiradas dos catálogos e dos circuitos comerciais. Por esta ordem de ideias, parece que as traduções não tiveram impacto nem influência na CC, apesar de alguma visibilidade e repercussão iniciais. Embora os dados quantitativos coloquem a literatura polaca traduzida na periferia do subsistema da literatura traduzida, a impressão que editores e tradutores transmitem é a de que a posição periférica, a que dados e números a votam, não anda a par do seu valor literário e cultural, nem da importância dos autores a nível internacional. Apesar do insucesso comercial, editores e tradutores crêem que as obras literárias polacas traduzidas para PE representam a excelência no panorama literário, mas a importância literária dos autores traduzidos não se reflete nas vendas dos seus livros, em Portugal; apesar da promoção e do impacto nos *media*, prevalece o desinteresse dos leitores.

Também consideramos que o impacto destas traduções não pode ser estimado apenas a partir do número de exemplares vendidos, porque alguns blogues e portais de literatura do ciberespaço português continuam a mostrar, por exemplo, grande interesse pela poesia de Szymborska. Para além disso, por conhecimento próprio, sabemos que a poesia de Szymborska encontrou um leitor apaixonado na pessoa do poeta português João Luís Guimarães, em cuja obra, nas suas palavras, se podem encontrar ecos szymborskianos. Não sendo este o espaço para aprofundar a questão, deixa-se em aberto o seu estudo, lançando, porém, a pergunta: Quantos escritores nacionais são precisos para considerar que a literatura traduzida teve influência na CC e contribuiu para inovar o seu repertório?

Comparando a receção dos livros na CP e na CC ressalta à vista a diferença entre a posição central ocupada pelas obras de Miłosz, Szymborska e Kapuściński na Polónia e a sua posição periférica na cultura portuguesa. A título de exemplo, *Cesarz / O imperador* de Kapuściński teve 16 edições, na Polónia, com mais de 250 000 exemplares vendidos. No que toca a Strykowski e Grabiński, a diferença é menor, mas ainda assim assinalável, sendo o primeiro

reconhecido na Polónia pelas narrativas judaicas e o segundo recentemente descoberto e várias vezes reeditado. *Tommaso del Cavaliere*, que não voltou a ser reeditado na Polónia, foi também recentemente redescoberto, sendo objeto de estudo em cursos sobre literatura de temática homoerótica, em Cracóvia. *O diário de Rutka* também teve grande impacto na Polónia, tendo o livro sido reeditado, encontrando-se à data esgotado.

7. Proposta de reconstrução das normas preliminares

O estudo das normas preliminares permitiu situar a literatura polaca traduzida num período de 20 anos no seio do polissistema da cultura portuguesa, assim como inferir algumas das normas ou tendências (Williams e Chesterman, 2002/2007: 64 e Sierra, 2011: 151-170) que regem as políticas editoriais no contexto da tradução direta de literatura polaca em Portugal. As normas e as tendências que se propõem decorrem das respostas dadas por editores e tradutores, em relação a um universo de 10 traduções publicadas no período de 1990-2019. Logo, não podem ser generalizadas a esse período, porque não incluem a literatura polaca traduzida de modo indireto, nem as obras traduzidas diretamente do PL pela autora do estudo. Trata-se de um estudo de caso e, como tal, tem as suas restrições.

Quanto a *políticas de tradução*, podem ser reconstruídas as seguintes normas que, tal como Toury (1995/2012: 90-91) adverte, podem assumir ainda outras variações:

- os editores tomam conhecimento das obras e dos autores através de feiras internacionais de livros, meios de comunicação editoriais e tradutores;
- os editores portugueses não têm *a priori* contacto direto com agências literárias polacas;
- a seleção das obras literárias polacas a traduzir para PE tende a resultar do prestígio internacional dos autores (Miłosz, Szymborska e Kapuściński);
- a seleção das obras literárias polacas a traduzir para PE tende também a resultar do seu conteúdo inovador (Strykowski), único (Grabiński) e histórico (Laskier);
- o interesse das editoras na tradução de prosa tende a ser superior ao interesse na tradução de poesia;
- as obras tendem a ser traduzidas sem recurso a financiamento;
- os editores portugueses não possuem um plano editorial que privilegie a literatura polaca;

- as traduções de poesia tendem a ser publicadas em edições bilingues.

No que respeita à *seleção da tradução direta / indireta e dos tradutores* podem ser enunciadas as seguintes normas:

- antes de 1989 (queda do comunismo, na Polónia), a tradução de obras literárias polacas, em Portugal, era tendencialmente executada através de línguas de mediação;
- depois de 1989, a tradução de obras literárias polacas, em Portugal, é tendencialmente executada diretamente da LP para a LC;
- a tendência crescente na preferência pela tradução direta é sustentada pela expectativa de que a mesma possa ser uma mais-valia, em termos da qualidade das traduções;
- os tradutores de literatura polaca exercem outra profissão (maioritariamente a de docentes), que é a principal, e executam tradução como colaboradores externos das editoras;
- os editores tomam conhecimento dos tradutores através de informações obtidas através da Embaixada da Polónia, por autoproposta dos tradutores ou casualmente.

Quanto à *promoção das traduções literárias polacas* e às *expectativas* criadas em seu redor, podem ser reconstruídas as seguintes normas:

- os livros são divulgados através de resumos ou citações abonatórias do seu conteúdo, nas brochuras e catálogos das editoras;
- os livros não tendem a ser objeto de lançamento público;
- os editores não tendem a recorrer à Embaixada da Polónia para o lançamento público dos livros, nem ao respetivo financiamento.

A pesquisa permitiu compreender, explorar e descrever o fenómeno das políticas de tradução no que respeita à literatura polaca traduzida de modo direto, em Portugal, entre 1990 e 2010. Tendo sido excluídas da investigação as obras traduzidas pela autora da tese e as obras traduzidas de modo indireto, os resultados obtidos são apenas generalizações parciais. Ainda assim, o estudo afigura-se credível e fiável, porquanto envolveu diversos fatores e variáveis, trazendo à luz do dia correlações entre eles, bem como a dinâmica do fenómeno das políticas de tradução em Portugal. As normas aqui reconstruídas têm carácter descritivo e explicativo. O estudo oferece ainda um conjunto de informações e dados novos, contribuindo para o conhecimento (parcial) das políticas de tradução no que concerne à tradução direta de literatura polaca em Portugal.

III PARTE – NORMAS INICIAIS (ESTRATÉGIAS) NA TRADUÇÃO LITERÁRIA DIRETA DO POLACO PARA O PORTUGUÊS EUROPEU (1990-2010)

1. Introdução

A III Parte da tese tem como objetivo averiguar as normas iniciais de tradução conducentes à seleção prévia da estratégia da adequação ou da aceitabilidade por parte dos tradutores. As normas podem ser reconstruídas a partir de regularidades observadas no produto da tradução que, por sua vez, resulta do comportamento e das escolhas dos tradutores. As normas surgem como descrições explicativas de comportamentos e das suas manifestações, observáveis em regularidades tradutórias. Assim, a relação entre normas e regularidades baseia-se numa interdependência, em que a primeira dita a segunda e a última aponta para a primeira:

(...) regularities and norms are not just two words used to denote a single phenomenon. (...) Many of the regularities, some might say all of them are the result of the activity of norms and may therefore be taken as direct evidence of their activity. The norms themselves will still need to be recovered from instances of behaviour, using the observed regularities as a clue (Toury, 1995/2012: 65).

A reconstrução das normas iniciais, assente nas fontes textuais, recorre ao método comparativo que coteja os TP e TC. Em alguns casos recorre-se ainda à análise de um *corpus comparável* (traduções e não traduções) e de um *corpus paralelo* (traduções do mesmo TP feitas por diferentes tradutores). O estudo das normas iniciais é efetuado sob o prisma das estratégias da aceitabilidade e adequação (Toury, 1995/2012: 63-65). As regularidades dos comportamentos tradutórios, apuradas em situações recorrentes do mesmo tipo, são a principal fonte para o estudo da norma inicial. Brownlie (1999: 13) considera que o método proposto por Toury para o estudo das normas assenta numa base distribucional, formulada do seguinte modo: quanto mais frequente é determinado fenómeno tradutório, mais provável é que o mesmo represente uma norma básica obrigatória e *vice-versa*.

Nesta fase da investigação, as traduções de prosa e poesia, reunidas no *corpus* do presente estudo, são estudadas separadamente por motivos teóricos e metodológicos, assentes, sobretudo, nos traços distintivos de cada um dos géneros literários, bem como no efeito

de equivalência da tradução, que depende tanto de fatores linguísticos como de elementos convencionais, contextuais, funcionais e culturais.

Para objetivar o estudo da norma inicial subjacente às dez traduções do *corpus*, selecionaram-se as seguintes variáveis: *título*, *aspectos lexicais* e *aspectos sintáticos*. A apresentação dos resultados é feita por ordem cronológica da entrada da tradução ou do tradutor na CC.

2. Norma inicial e estratégias de tradução – entre adequação e aceitabilidade

A norma inicial designa-se *inicial* por dois motivos: em primeiro lugar, porque é pré-existente ao ato de tradução, sendo herdeira da dicotomia da tradução da palavra ou do sentido; em segundo lugar, porque indica a escolha prévia feita pelo tradutor entre as duas orientações básicas do ato tradutório, *i. e.*, adequação e aceitabilidade. Esta escolha constitui a norma inicial e dá origem à estratégia de tradução que orienta o ato tradutório:

It has proved useful to regard the basic choice which is made – whether consciously or not – between the two contending sources of constraints comprising the value underlying translation (...) as constituting an **initial norm** (Toury, 1995/2012: 79) [Destaque do autor].

Posto que a norma inicial implica escolher uma de duas estratégias tradutórias, *adequação* ou *aceitabilidade*, Toury (1995/2012) explica a primeira em termos da sua aproximação às normas ao TP e a segunda em termos de aproximação às normas da CC:

Heavy leaning on the assumed original (adequacy, in our terminology), and sweeping adherence to norms which originate and act in the target cultures itself, thus determining the translation's acceptability, whether as a TL text in general, or, more narrowly, as a translation in that language (Toury, 1995/2012: 79).

Explicitando o termo *adequação*, que significa aproximar a tradução às normas da LP e do TP, sem infringir o código da LC, Toury (1995/2012) descreve assim *tradução adequada*:

(...) the translation act will be dominated by attempts to have the ensuing text reflect the source text along with the norms embodied in it, and through them features of SL itself, or of a particular tradition within it, occasionally even of the source culture at large (Toury, 1995/2012: 79).

Por seu turno, a *aceitabilidade*, entendida como a estratégia de tradução que se afasta das normas da LP e do TP para aproximar a tradução das normas da escrita da LC e do contexto da CC, configura-se, no dizer de Toury (1995/2012), da seguinte maneira:

(...) target norms will be triggered and set into motion, thus relegating the source text and its unique web of relations based on SL features to a secondary position as a source of constraints (Toury, 1995/2012: 79).

A passagem conceptual da noção de *norma inicial* para a de *estratégia de tradução* é reiterada por outros teóricos que lhe atribuem designações afins, tal como Chesterman (1997: 90), cujo modelo de investigação, baseado igualmente no estudo das normas de tradução, propõe a aferição das chamadas *estratégias globais* (correspondentes às *normas iniciais* de Toury) e *locais* (equivalentes às *normas operacionais* de Toury). Tanto a *estratégia global* de Chesterman, como a *norma inicial* de Toury, enquanto decisão básica, respondem à pergunta prévia do processo de tradução: “Como traduzir este texto?».

Escolher a norma inicial implica ter consciência da existência das estratégias, o que decerto exige formação na área da tradução. Ora, os tradutores em apreço não frequentaram cursos de tradução, pelo que podem ser considerados tradutores autodidatas, aprendentes às suas próprias expensas e detentores do chamado conhecimento implícito e cultural das normas. Porventura, quanto maior a literacia de um tradutor, maior será o seu conhecimento implícito das normas.

Não existem traduções com regularidades absolutas confinadas exclusivamente à adequação ou à aceitabilidade (Toury, 1995/2012: 81). Pelo contrário, as traduções combinam as duas estratégias e estabelecem entre ambas compromissos com tendências mais adequadas ou mais aceitáveis. A nosso ver, toda a tradução será aceitável na medida em que tem de respeitar as normas do código linguístico da LC, sendo as transgressões consideradas erros e, em princípio, corrigidas pelos revisores. Será, portanto, no seio da aceitabilidade que a tradução pode forçar a passagem de algumas normas da LP, aproximando a tradução das normas linguísticas, textuais e culturais da LP, do TP e da CP com diferentes formas, graus e extensões de adequação.

A pré-existência e a primazia da norma inicial face ao ato de tradução é um requisito metodológico da teoria da tradução, da atividade do tradutor e dos modelos de

investigação orientados para o alvo. Toury (1995/2012) não enumera os procedimentos que o investigador deve seguir no estudo das normas preliminares, mas apresenta um estudo de caso no capítulo *Literary organization and translation strategies* (Toury, 1995/2012: 179-196). Nele, a investigação faz-se através da análise das mudanças tradutórias recorrentes, efetuadas na transferência linguística do TP para o TC, visto que são elas (*local shifts*), que permitem identificar a norma inicial (Toury, 1995/2012: 136).

Se os indicadores conducentes à aferição da norma inicial são as mudanças tradutórias efetuadas (equivalência) e não efetuadas (correspondência), então há que correlacionar técnicas e estratégias (normas iniciais) para que o estudo assuma critérios mais objetivos. Retoma-se, assim, a ideia defendida por Brzozowski (2008) de que as estratégias têm ao seu serviço determinados procedimentos:

(...) du côté de la domestication des strategies bien connues d'adaptation ou d'imitation, (...) la traduction indirecte de Vinay et Darbelnet, l'équivalence dynamique de Nida (...) et du côté de l'exotisation, les procédés de la traduction directe de Vinay et Darbelnet, voire le décentrement de Meschonnic (...) (Brzozowski, 2008: 769).

Neste sentido, propomos-nos a equacionar mudanças tradutórias (técnicas) e estratégias de modo a facilitar a identificação fundamentada das normas iniciais. Tal significa correlacionar a tradução, cuja norma inicial é a estratégia da adequação, com uma maior tendência para o uso da tradução direta (tradução literal, tradução por correspondência) e correlacionar a tradução, cuja norma inicial é a estratégia da aceitabilidade, com uma maior tendência para o uso da tradução oblíqua (tradução por equivalência). A oposição *tradução direta/oblíqua* (Vinay e Darbelnet, 1958/1977: 46) é paralela da distinção *correspondência/equivalência* (Williams e Chesterman, 2002/ 2007: 50), que por sua vez reformula a antiga dicotomia da *tradução da palavra* ou *do sentido*.

Por esta ordem de ideias, assume-se que uma tradução mais adequada tenderá a aplicar, em maior número, técnicas de tradução direta, tais como tradução literal, empréstimo, equivalência formal e decalque lexical e sintático, enquanto uma tradução mais aceitável tenderá a empregar, em maior número, técnicas de tradução oblíqua, tais como adaptação, amplificação, equivalência dinâmica ou funcional, transposição, modulação, etc.

3. Normas iniciais e a tradução de poesia

Sendo consensual entre os teóricos (Newmark, 1988; Folkart, 1999; Landers, 2001; Barslund, 2011) que poesia e prosa exigem estratégias e técnicas de tradução apropriadas aos gêneros literários que representam, no presente capítulo, abordam-se algumas questões tradutológicas adstritas à tradução de poesia.

No que respeita à teoria da tradução de poesia, constata-se a existência de uma maior diversidade de problemas, posições e argumentos do que na tradução de prosa. Por exemplo, em relação à prosa não se coloca a questão de saber se é preciso ser-se escritor para traduzir romances; contudo, quando se debate a tradução de poesia, é costume perguntar: é preciso ser-se poeta para traduzir poesia? A experiência e a prática atestam que não, pois existem traduções poéticas executadas por tradutores que não são poetas; mas também é verdade que nem todo o tradutor tem competência para traduzir poesia. Este é igualmente o ponto de vista de Landers (2001), justificado do seguinte modo:

Must one be a poet to do poetic translation? No, though I am convinced that the translator must possess a poetic sensitivity, even if he or she has never written a line of original poetry. A poetic sensitivity encompasses, but is not limited to, an appreciation for nuance, sonority, metaphor and simile, allusion; the ability to read between and above the lines; flexibility; and ultimately, humility (Landers, 2001: 99).

Já Folkart (1999: 46) defende que a poesia deve ser traduzida por poetas, visto que, de um modo geral, os tradutores apresentam três deficiências: (i) *talento, i. e.*, os tradutores de poesia são menos engenhosos do que os poetas-tradutores; (ii) *capacidade de captação, i. e.*, o poeta escreve sobre o que sabe e sente, enquanto o tradutor transmite apenas o conhecimento do outro, sem por vezes o compreender e sentir; (iii) *atitude, i. e.*, o tradutor tem menos predisposição para “tomar de assalto” o mundo representado e o texto que o representa, o que se prende com o grau de liberdade e criatividade exercidas por poetas e tradutores. Daqui resulta a dicotomia: «(...) there are translations of poems, and then there are translations that actually are poems» (Folkart, 1999: 44) [Destaques da autora].

Tal como acontece com as dicotomias, existem zonas intermédias entre as posições opostas de Landers (2001) e Folkart (1999) acima expostas. Apesar do peso do argumento de que os poetas terão à partida mais propensão e engenho para a tradução de poesia, não se pode excluir a existência de tradutores com o talento, a inspiração e a atitude que os

tornam capazes de executar traduções merecedoras do nome de poemas. Entre eles, contam-se o alemão Karl Dedecius e o sueco Anders Bodegård, tradutores de poesia polaca, consagrados e premiados pelo seu trabalho. De igual modo, não se pode aceitar incondicionalmente o argumento de que os poetas sejam todos bons tradutores de poesia, tendo em mente a controversa e criticada tradução para inglês de *Eugénio Onegin* de Pushkin, realizada por Vladimir Nabokov, que Wilson (1965) considerou desastrosa.

Neste ponto da investigação, importa referir um texto do professor e tradutor polaco, Stanisław Barańczak (1992: 13-26), intitulado *Mały, lecz maksymalistyczny Manifest translatologiczny* [Manifesto de Tradutologia Pequeno mas Maximalista]. O autor rejeita a milenar dicotomia da tradução da forma e do conteúdo, afirmando que, em tradução, há sempre perdas e ganhos, atendendo às diferenças existentes entre os sistemas linguísticos, às normas de versificação e à tradição literária, que são constrangimentos para o tradutor. Barańczak desenvolve o conceito de *dominante semântica*³³, o elemento prioritário, o principal construtor de sentido num poema, que pode ser uma característica do conteúdo ou da forma, visto que a forma também transmite significado. A característica identificada como dominante semântica (a rima, o som, o léxico, o jogo de palavras, etc.) é o fator que o tradutor deve conservar na tradução, pois é ele que condiciona as restantes decisões.

Para Barańczak (1992), quando um tradutor identifica num poema uma dominante semântica, composta por vários aspetos interligados, não deve prescindir de nenhum deles, mas preservá-los com base numa negociação que intensifica uns e enfraquece outros. Excluir um dos aspetos da dominante semântica seria enveredar pelo minimalismo tradutório, ir contra a própria poesia que é em si maximalista, porquanto leva ao expoente máximo as potencialidades da língua e da imaginação. A tradução maximalista será, pois, aquela que salva todos os significados, partindo do princípio de que a dominante semântica é intocável, não podendo ser eliminada da tradução literária.

O estudo das normas iniciais, tendo como objetivo apurar a estratégia de tradução a nível macrotextual nos volumes poéticos do *corpus*, averigua também o modo como as

³³ Na noção *dominante semântica*, o adjetivo não é utilizado no sentido linguístico do termo, mas como equivalente da aceção lata de “portador de sentido”, sendo a noção específica dos ET.

dominantes semânticas se transpõem e materializam. Atendendo aos objetivos descritivo-explicativos dos EDT, a investigação poderá, assim, contornar a problemática distinção entre traduções de poesia que são realmente “poemas” ou apenas “traduções” (Folkart, 1999: 44), avaliação esta que pertence ao ramo dos ET denominado *Crítica da Tradução*.

Do ponto de vista metodológico, importa referir as indicações de Saldanha e O’Brien (2013: 66) para validar a descrição das estratégias através do confronto com textos cotejáveis, *corpora* comparáveis ou paralelos. As unidades de controlo são relevantes na investigação qualitativa, porque legitimam a descrição e a explicação dos fenómenos tradutórios. Por tal razão, as descrições e as hipóteses explicativas aqui lançadas serão abordadas individual e comparativamente. Se a aferição da estratégia de tradução reside na diversidade de diferentes usos da língua, então o estudo terá de ser comparativo a nível linguístico.

3.1. Os títulos

O *corpus* de poesia em apreço é composto por três livros: (i) *Paisagem com grão de areia* de Szymborska, vertido por Gomes, um volume constituído por 100 poemas; (ii) *Alguns gostam de poesia*, uma coletânea de 70 poemas de Miłosz e Szymborska, selecionados pelos tradutores Milewska e Neves, e (iii) *Instante* de Szymborska com 13 poemas, traduzidos por Milewska e Neves.

A aferição da estratégia dominante nas traduções começa com a análise dos títulos, partindo do suporte teórico proposto pelo tradutor polaco Jerzy Jarniewicz (1999/2007). O título, a designação dada por um autor à sua obra literária, não surge por si só, designando algo que lhe é extrínseco. O título identifica e anuncia outro texto, a obra literária em si (poema, romance, coletânea), funcionando como um bilhete de identidade que dá nome a um livro (indicado na capa e na lombada). A sua importância funcional é destacada por Jarniewicz (1999/2007: 411), que compara os títulos dos livros aos nomes próprios das pessoas, graças aos quais é possível identificá-las facilmente. Na tradução literária, o título pode ser traduzido literalmente ou substituído por um título completamente diferente:

Apesar de ser amiúde tratado como parte integral do texto, também goza de grande autonomia. Daí que existam modos diametralmente opostos de traduzir os títulos: por um lado, deparamo-nos com uma prática que consiste em deixar o título na sua forma original, dando azo a uma ausência efetiva de tradução; por outro lado, há tradutores que dão à

obra traduzida um título completamente novo, não relacionado nem formalmente, nem semanticamente com o título original (Jarniewicz, 1999/2007: 410. T. n.).

Passando à análise dos títulos das obras poéticas do *corpus* em apreço, constata-se que o título do volume poético *Chwila* foi vertido por correspondência como *Instante*, pelo que não suscita reflexão tradutológica, a não ser a inferência de que a sua tradução literal possa anunciar uma estratégia de aproximação à LP, ou seja, de adequação. Já os títulos dos restantes volumes poéticos, suscitam considerações não só a nível das técnicas aplicadas, mas também da problemática tradutória envolvida e daí decorrente.

O título da antologia de Szymborska *Widok z ziarnkiem piasku* [Vista com grão de areia] foi traduzido como *Paisagem com grão de areia*. O facto de a tradução ter sido feita por equivalência através de um sinónimo de *vista*, *paisagem*, levanta um problema que se situa não a nível da frase, mas da obra integral, pois tanto o texto como o contexto da antologia excluem a opção *paisagem* 'krajobraz'. O problema tradutório em causa tem a ver com o contexto da UT *widok* que não se restringe à frase e deve ser alargado ao conjunto dos poemas da antologia. Não se traduzem palavras isoladas, mas palavras que integram frases e frases que, por sua vez, constroem textos, configurados por redes lexicais. Existem contextos tradutórios, em que a UT *widok* pode ser indiferentemente traduzida por *vista* ou *paisagem*, como p. ex., na exclamação proferida perante um belo panorama: *Co za widok!* Neste caso, a expressão pode ser traduzida para PE como 'Mas que vista!' ou 'Mas que paisagem!' Na primeira versão é aplicada a tradução literal; na segunda, a tradução é feita através de um sinónimo. Na tradução de Gomes, ambas as técnicas são aplicadas indiferenciadamente, porque o tradutor toma a UT *widok* apenas no seu contexto frásico, conforme o atestam os seguintes exemplos:

(1)

(...) i	odstani	się	widok -	ależ	tak!	na	ogród, (..)	WS1: 130
e	destapa	se	vista	mas	sim!	para	jardim	
(...) e desvenda-se – claro – a vista para o jardim, (...)								JG: 131

(2)

(...) no	i	widok	jak	w	kinie: (...)	WS1: 164
bem	e	vista	como	em	cinema	
(...) e, quanto a vista, é como no cinema: (...)						JG: 165

(3)

Pożegnanie	widoku	WS1: 304
despedida	de vista	
Despedida da paisagem		JG: 305

(4)

Widok	z	ziarnkiem	piasku	WS1: 204
vista	com	grão	de areia	
Paisagem com grão de areia				JG: 205

Na tradução de Gomes, a palavra *widok* é vertida para português ora como *vista* ora como *paisagem*; porém, quando no TP ocorre a palavra *krajobraz* ‘paisagem’, Gomes tradu-la sempre como *paisagem*. A variação linguística surge somente com a palavra *widok*. A hipótese explicativa para o fenómeno reside na assunção de que o tradutor cinge o contexto da tradução à frase e não o estende à obra integral, cujo título estabelece uma relação concetual com o seu conteúdo, constituindo um indício da cosmovisão de Szymborska. A alternativa tradutória entre *vista* e *paisagem* não se situa a nível das relações entre as palavras no eixo paradigmático da frase, mas a nível concetual na totalidade da obra. O título, *Paisagem com grão de areia*, apaga o indício concetual subjacente àquele que é o alicerce da poesia de Szymborska, *o sentido da visão*, a partir do qual a poetisa extrapola para o domínio intelectual. Sobre este assunto, abordado mais amplamente por Swiatkiewicz (2000: 40-52), destaca-se o poema *Do Arki* [Para a arca], no qual a poetisa, face à aproximação do dilúvio, de entre seres e objetos que pretende salvar, chama para a arca, *ochot[a] oglądania rzeczy z sześciu stron* ‘a vontade de ver as coisas dos seis lados’, *i. e.*, a vontade de ver as coisas de cima, de baixo, de lado, de perto, de longe e por dentro. Observar é o método eleito pela poetisa para descrever o mundo empírica e sensorialmente; é através da descrição do mundo visível que Szymborska alcança aquilo que os olhos não veem, mas o intelecto vislumbra. Entre as diversas formas de ver o mundo, a sua preferida é vê-lo de perto. Por esta razão, o escritor polaco, Julian Przyboś (*apud* Bikont e Szczęśna, 1997: 177), chamou míope a Szymborska, cuja poesia se encontra repleta de verbos e nomes do domínio concetual VER: *widzieć* ‘ver’; *przewidzieć* ‘prever’; *patrzeć* ‘olhar’; *wyglądać* ‘ver debruçando-se’; *wpatrywać się* ‘fixar o olhar’; *spojrzeć* ‘dirigir o olhar para alguém ou algo’; *zajrzeć* ‘espreitar’; *rozejrzeć* ‘olhar em redor’; *ujrzeć* ‘vislumbrar’; *gapić się* ‘ficar a olhar’; *przyglądać się - przyjrzyć się* ‘observar algo ou alguém

de todos os lados'; *podglądać* 'espreitar às escondidas'; *obserwować* 'observar'; *widok* 'vista'; *wzrok* 'visão'; *spojrzenie* 'o olhar'; *oko – oczy* 'olho – olhos'; *widzieć oczami* 'ver com os olhos'; *widocznie* 'pelos vistos'; *widac* 'vê-se (presumivelmente)'; *na widok* 'ao ver', etc..

A ocorrência significativa de verbos, nomes e expressões do campo lexical da visão, ajusta-se à noção de *redes de significantes subjacentes* de Berman (1985/1997: 51):

Qualquer obra contém um texto "subjacente", onde alguns significantes-chave se respondem e se encadeiam, formam redes sob a "superfície" do texto, quero dizer: do texto manifesto, dado à simples leitura. É o sub-texto, que constitui uma das facetas da rítmica e do significado da obra. Assim, de vez em quando, regressam palavras que formam, nem que seja pela sua semelhança ou pela sua perspectiva, uma rede específica (Berman, 1985/1997: 51).

Na poesia de Szyborska, uma das redes conceituais de significantes é formada por palavras dos domínios VER e VISTA, que o tradutor não identificou ou não valorizou; logo, não a transmitiu. Por falta de uma visão global da obra, Gomes aplicou a técnica de tradução por sinonímia, que não leva em linha de conta o contexto do volume poético de Szyborska. A tradução de *widok* como *paisagem* revela que o tradutor não prestou a devida atenção às redes lexicais da obra. A consequência é aquilo que Berman (1985/1997: 52) tão frontalmente aponta: «[a] tradução que não transmite tais redes *destrói* um dos tecidos significantes da obra» [Destaque do autor]. Face ao exposto, a tradução do título, que criaria no leitor a expectativa adequada ao conteúdo da obra seria 'Vista com grão de areia', pois, como observa Jarniewicz (1999/2007: 411), «os títulos (...) anunciam o tema da obra, preparam o leitor para o encontro com o texto, suscitam nele uma certa disposição, despertam expectativas» (T. n.).

A distinção semântica entre *vista* e *paisagem* é relevante, pois *widok* 'vista' denota o espaço visto, o ato e o efeito de ver (cf. SJP III: 697), enquanto *krajobraz* 'paisagem' refere o que é dado a ver, uma extensão de terreno existente na natureza vista a partir de um ponto (cf. SJP I: 1036). Se a função do título é indiciar o conteúdo da obra, *Paisagem com grão de areia* não estabelece elo conceitual com o teor do livro. Já 'Vista com grão de areia' contemplaria a rede conceitual de significantes estruturante da cosmovisão da poetisa.

A reflexão tradutológica em torno de *Paisagem com grão de areia*, título de um poema homónimo, é importante porque, conforme alerta Jarniewicz (1999/2007: 411) qualquer

alteração na tradução do título original pode ter influência na interpretação da obra. Para provar que apenas a palavra *vista* seria o procedimento tradutório adequado neste caso, recorre-se às traduções paralelas efetuadas para inglês, francês, italiano, catalão e alemão: *View with a grain of sand; Vue avec un grain de sable; Vista con granello di sabbia; Vista amb un gra de sorra; Ausblick mit Sandkorn*. Todas as traduções preservam o vocábulo *widok / view, vue e vista*. Já a tradução alemã opta por acentuar o aspeto concetual descrito, a importância da ação de ver, acrescentando movimento à ação de ver: *Ausblick é um olhar para o exterior*, o que privilegia a perspetivação.

Dando o benefício da dúvida a Gomes, pode pressupor-se ainda que o título possa ter sido sugerido pelo editor, tanto mais que *Paisagem com grão de areia* representa um título mais apelativo e mais comercial. De qualquer modo, a problemática da tradução do título em análise parece enquadrar-se na recomendação de Newmark (1988: 84), defensor da tradução literal: «A synonym is only appropriate where literal translation is not possible and because the word is not important enough for componential analysis». A técnica da tradução por sinonímia empregue por Gomes, ao afastar-se da letra e do espírito do TP, traça indícios de aceitabilidade, por procurar opções mais comuns na LC.

Por último, o título escolhido por Milewska e Neves para a coletânea da sua responsabilidade, *Alguns gostam de poesia*, provém de um poema de Szymborska e, do ponto de vista do conteúdo da obra, coaduna-se com o volume poético, visto que a poesia é uma forma literária menos popular do que a prosa, destinando-se a um círculo mais restrito de leitores. O título exerce a função esperada, estabelecendo um elo não só com o teor do livro como também com o leitor. A problemática tradutória coloca-se em relação à técnica de tradução aplicada, pois o título é a tradução literal decalcada da construção sintática polaca, *Niektórzy lubią poezję*.

(5)

Niektórzy	lubią	poezję	WS1: 278; WS2
Alguns	gostam de	poesia	
Alguns gostam de poesia			JG: 279; M&N1

Registe-se, porém, que nem toda a tradução literal denota decalque e que o decalque ocorre quando se observa uma interferência linguística da LP:

This strategy covers both the borrowing in individual items and the borrowing of syntagma. Like the other strategies, it refers to a deliberate choice, not the unconscious influence of undesired interference (Chesterman, 1997: 94).

Não é possível determinar se a tradução em (5) resulta de uma escolha deliberada ou fortuita (interferência linguística inconsciente do PL no PE), mas constata-se que o poema, que intitula a coletânea de Milewska e Neves, foi primeiramente traduzido por Gomes como *Alguns gostam de poesia*. O facto de Milewska e Neves conhecerem a antologia de Gomes não é um fator desprezível na análise, pois as memórias das leituras efetuadas pelos tradutores reflete-se na escrita tradutória, sob a forma de reminiscências e ecos. Importa aqui assinalar que tanto Gomes como Milewska e Neves traduzem o título do poema de Szyborska do mesmo modo e que considerar tal como opção tradutória deliberada e consciente – e não como interferência linguística da LP – implica identificar as opções alternativas que presumivelmente surgiram durante o processo de tradução e que a seguir se reconstituem. O problema tradutório em foco consiste na tradução literal de uma construção sintática típica do PL, conotada com espanto e ironia [NIEKTÓRZY + V + O] para a qual se afiguram três soluções possíveis: ‘Alguns gostam de poesia’; ‘Há quem goste de poesia’ e ‘Não falta quem goste de poesia’. A opção dos tradutores recaiu sobre a primeira solução, um decalque da construção sintática polaca, que, embora aceitável em termos gramaticais em PE, não é corrente em situações comunicativas e pragmáticas na LC por não constituir uma “frase nativa” («a ‘native’ utterance» – Toury, 1995/2012: 124):

(...) solutions were sought on a level which is lower than the one on which they would have been selected in the case of a pragmatically equivalent (...) the source-text’s status as composed of lower-rank elements was preferred to its role as a codified entity, which would be a fair characterization if any kind of so-called ‘literal’ translation (Toury, 1997/2012: 122).

As soluções alternativas, ‘Há quem goste de poesia’ e ‘Não falta quem goste de poesia’, produzidas com a técnica da modulação (Molina e Albir, 2002: 510), implicam mudanças estruturais que contemplam aspetos pragmáticos, levando em conta o público-alvo:

By pragmatic strategies I mean those which primarily have to do with the selection of information in the TT, a selection that is governed by the translator’s knowledge of the prospective readership of the translation. If syntactic strategies manipulate form, and semantic strategies manipulate meaning, pragmatic strategies can be said to manipulate de message itself (Chesterman, 1997: 107).

O tipo de relação que se estabelece entre *Niektóry lubią poezję* e *Alguns gostam de poesia* é de correspondência morfossintática, enquanto a relação entre *Niektóry lubią poezję* e ‘Há quem goste de poesia’ ou ‘Não falta quem goste de poesia’ é de equivalência linguística e pragmática, porque remete para modos de expressão típicos do repertório do uso do PE. Nas soluções propostas, o significado irónico da mensagem é reforçado com a utilização de estruturas da LC, habitualmente usadas para o efeito: [HÁ QUEM...] e [NÃO FALTA QUEM...] que podem ser descritas como entidades codificadas (Toury, 1997/2012: 122).

Se a tradução dos títulos é o primeiro indicador da norma inicial, os títulos traduzidos por Milewska e Neves com uso da tradução literal e do decalque sintático (interferência da LP) indiciam a escolha prévia da estratégia da adequação, enquanto o título traduzido por Gomes por sinonímia sugere que o tradutor tenderá a aplicar a estratégia da aceitabilidade.

3.2. Aspetos lexicais

Nos tomos poéticos do *corpus* há 25 poemas traduzidos por Gomes e retraduzidos por Milewska e Neves, *i. e.*, há 25 traduções e 25 retraduições, que constituem entre si traduções paralelas, fontes adequadas ao estudo comparativo das estratégias de tradução adotadas. A análise dos títulos indicou que Milewska e Neves tendem a preservar as características do TP na tradução, enquanto Gomes tende a afastar-se delas a favor de outras opções disponíveis na LC. Em busca da confirmação ou refutação da tendência iniciada pela análise dos títulos foram cotejados 25 TP e respetivos TC traduzidos por Gomes e retraduzidos por Milewska e Neves. Para aferir a norma inicial, há que averiguar regularidades entre o que, na tradução, permanece intacto e o que tende a ser modificado.

Os exemplos de (6) a (10), que a seguir se analisam, parecem confirmar, a nível lexical, a tendência de Milewska e Neves para preservar a letra do TP (tradução direta – correspondência) e a de Gomes para traduzir por meio de sinónimos (tradução oblíqua – equivalência).

(6)

Te	aforizmy	ježa	WS1: 10; WS2: 114
estes	aforismos	de ouriço	
Estes adágios do ouriço (...)			JG: 11
Estes aforismos de ouriço (...)			M&N1: 115

(7)

(...) ten	co	oceany	przesuwa (...)	WS1: 11; WS2: 116
este	que	oceanos	move	
(...) o que afasta os mares (...)				JG: 12
(...) este que (...) desloca oceanos (...)				M&N1: 117

(8)

Imię	Natan	bije	pięścią	o	ścianę	WS1: 16; WS2: 118
nome	Natan	bate	com punho	em	parede	
O nome de Nathan vai aos murros no tablado (...)						JG: 17
O nome Natão desfere murros na parede, (...)						M&N1: 119

(9)

Takt	i	rozsądek	każą	milczeć	o	niej (...)	WS1: 136; WS2: 164
tato	e	bom senso	mandam	silenciar	sobre	ela	
Tacto e bom senso mandam omiti-lo (...)							JG: 137
O tacto e o bom senso mandam silenciá-lo (...)							M&N1: 165

(10)

Straciłam	wielu	bogów	w	drodze	ze	wschodu	na	zachód.	WS1: 124; WS2: 160
perdi	muitos	deuses	em	caminho	de	leste	para	oeste.	
Perdi (...) deuses diversos no caminho entre poente e levante.									JG: 125
Perdi (...) muitos deuses a caminho do oriente para o ocidente.									M&N: 161

Analisando os exemplos à luz da dicotomia *fidelidade* e *liberdade*, constata-se que Milewska e Neves são mais fiéis à letra do TP e que Gomes tende para a tradução livre. Nos exemplos (6) e (7) Gomes traduz as palavras do TP por meio de outras do mesmo campo lexical: *aforismos* – *adágios*; e *oceanos* – *mares*. Em (8) o mesmo tradutor rende o hiperónimo *parede* pelo hipónimo *tablado* ‘parede de madeira’, enquanto, em (9) e (10), traduz as palavras do TP através de sinónimos: *silenciar* por *omitir* e *oriente* e *ocidente* por *levante* e *poente* (alterando ainda a ordem dos nomes e, conseqüentemente, do sentido).

A nível lexical, a tradução de Milewska e Neves tende mais para a adequação, por estar mais próxima das características do TP, enquanto a de Gomes tende para a aceitabilidade, porque usa outras opções disponíveis na LC. O exemplo (10) ilustra ainda a aproximação da tradução de Gomes aos modelos da escrita literária na CC pois *levante* e *poente* são palavras cuja ocorrência é mais frequente em textos poéticos na LC. Gomes parece ser mais sensível à dominante semântica lexical, fazendo justiça a características do estilo poético. Por seu turno, o exemplo (8) suscita considerações tradutológicas porque apresenta soluções tradutórias que envolvem técnicas contrárias às estratégias dominantes dos

tradutores. Não há traduções com padrões de regularidades absolutamente adequados ou aceitáveis e, sim, traduções que apresentam diferentes graus de adequação e aceitabilidade (Tourey, 2012: 81). Por esta ordem de ideias, é natural que a tradução de Gomes também evidencie adequação e a de Milewska e Neves, aceitabilidade. O exemplo (8) ilustra precisamente uma técnica (local) que contraria a tendência inicial (global) adotada pelos tradutores. Trata-se, neste caso, da tradução dos nomes próprios, cujo debate tradutológico foi recentemente reativado com a reedição da série de livros infantis, *Anita* (Editorial Verbo) sob o nome de *Martine* (Editora Zero Oito). Se a adaptação dos nomes próprios são uma estratégia de aproximação do TP à LC e à CC, a preservação dos nomes próprios estrangeiros no TC indicia uma prática tradutória que aproxima o leitor à CP. Em (8) o nome *Natan* foi traduzido por Milewska e Neves através da forma aportuguesada *Natão*, quando seria de esperar que, atendendo à estratégia global de adequação à LP, os tradutores preservassem o nome próprio polaco. Por sua vez, Gomes apresenta a forma estrangeirizada *Nathan*, quando seria de esperar que traduzisse o nome para PE, considerando a sua tendência para a aceitabilidade. A análise comparativa das duas traduções em (8) é tanto mais pertinente quanto ilustra que, apesar de os tradutores optarem por uma estratégia inicial, global e dominante, tal não significa que todas as decisões tomadas a nível microtextual estejam em conformidade com a norma inicial.

Em relação ao debate acerca da tradução dos nomes próprios, importa referir o que pode ser entendido como uma certa evolução na consciência tradutória do par Milewska e Neves rumo à opção crescente pela estratégia da adequação. No primeiro volume poético que traduziram, *Alguns gostam de poesia* (2004), os tradutores manifestam tendência para traduzir ou adaptar os nomes próprios. Veja-se, por exemplo, o poema *Bagagem de volta* (M&N1: 231), no qual os nomes *Zosia*, *Jacek* e *Dominik* foram traduzidos por *Sofiazinha*, *Jacinto* e *Domingos*; já na retradução do mesmo poema (M&N2: 73), incluída no volume *Instante* (2006), os mesmos tradutores preservam os nomes polacos na sua forma original.

3.3. Aspetos sintáticos

No prosseguimento da aferição da norma inicial dos volumes poéticos, recorre-se à variável qualitativa *aspetos sintáticos*. A análise dos aspetos sintáticos baliza-se entre os polos opostos da tradução direta (*literal*, *decalque sintático*, sintomáticos de adequação) e da

tradução oblíqua (*mudanças na estrutura sintagmática ou frásica*, indicadoras de aceitabilidade).

O primeiro conjunto de exemplos de (11) a (16) ilustra o contraste entre a tradução direta, literal, decalcada de sintagmas nominais (SN), e a tradução oblíqua dos mesmos por meio quer da transposição, *i. e.*, mudança de classe das palavras (Molina e Albir, 2002: 511), quer da amplificação linguística, *i. e.*, o emprego de mais palavras do que no TP (Molina e Albir, 2002: 511) quer, ainda, da mudança da estrutura sintagmática (Chesterman, 1997: 96).

(11)

Kości	jego	łamliwe	stawy	rozciągliwe (...)	WS1: 238; WS2: 194
ossos	seus	quebráveis	articulações	elásticas / passíveis de extensão	
Ossos que quebram, articulações que esticam (...)					JG: 239
Ossos quebráveis e articulações extensíveis (...)					M&N1: 195

O exemplo (11) mostra que a tradução de Milewska e Neves é fiel à estrutura sintagmática polaca [N + Adj.], *Ossos quebráveis e articulações extensíveis (...)*, enquanto Gomes usa a mudança da estrutura sintagmática, transformando os sintagmas paralelos [N + Adj.] em orações subordinadas relativas adjetivas: *Ossos que quebram, articulações que esticam*. A técnica aqui usada por Gomes é emblemática de uma regularidade tradutória do PL-PE, que se manifesta no facto de a tradução de alguns adjetivos do PL poder (ter de) ser feita por meio de frases relativas (*cf.* Parte III – Capítulo II – 2.1.).

(12)

Ukłony	pojedyńcze	i	zbiorowe	WS1: 112; WS2: 152
vénias	individuais	e	coletivas	
As reverências um a um e em conjunto (...)				JG: 113
As vénias individuais e colectivas (...)				M&N1: 153

No exemplo (12), Milewska e Neves fazem uma tradução literal das palavras e da estrutura sintagmática [N + Adj + i/e + Adj.]: *As vénias individuais e coletivas (...)*; por seu turno, Gomes traduz os adjetivos através de locuções adverbiais, dando origem a uma transposição: *As reverências um a um e em conjunto (...)*.

(13)

Jakie	pytanie,	odpowiedz	kochanie	WS1: 234; WS2: 210
que	pergunta	responde	querido	
Mas que questão, responde lá então.				JG: 235
Que questão, diz querido.				M&N1: 211

O exemplo (13) ilustra não só diferentes técnicas de tradução, mas também a atenção que os tradutores prestam ou não às dominantes semânticas (cf. Barańczak, 1992). Dando cumprimento à norma inicial escolhida, neste caso a adequação, Milewska e Neves traduzem literalmente a estrutura do verso sem se aperceber da rima interna, que é a dominante semântica, entre *pytanie* e *kochanie*. Gomes, um tradutor mais atento aos aspetos estilísticos dos poemas e mais preocupado com a sua transferência para a LC, prescinde da palavra *kochanie* ‘querido’ a favor do marcador enfático *então*, a fim de preservar a rima, o ritmo e a musicalidade do verso, fazendo assim justiça ao estilo poético. Compare-se, lendo em voz alta, a tradução mais poética de Gomes em contraste com a tradução mais prosaica de Milewska e Neves, na qual se perde a qualidade musical do TP. Os últimos três exemplos confirmam a tendência de que a norma inicial de Milewska e Neves é a da adequação e a de Gomes é a da aceitabilidade. Os exemplos de (14) a (16) contrastam a tradução por decalque de Milewska e Neves com a tradução por modulação de Gomes. A modulação altera o ponto de vista, o foco ou a categoria cognitiva em relação ao TP, podendo a mudança ser lexical ou estrutural (cf. Molina e Albir, 2002: 510).

(14)

Nie	mam	mięśni	śmiechu.	WS1: 58; WS2: 124
não	tenho	músculos	de riso	
Faltam-me os músculos do riso.				JG: 59
Não tenho os músculos do riso.				M&N1: 125

O exemplo (14) confirma a tendência já observada de Milewska e Neves para a tradução decalcada, *Não tenho os músculos do riso*, e a de Gomes para a tradução através de mudanças tradutórias: *Faltam-me os músculos do riso*. A modulação usada por Gomes altera o sujeito da frase: no TP, o sujeito nulo é *eu*; no TC, o sujeito é *os músculos do riso*. Como diria Toury (1995/2012: 124), Gomes constrói uma frase nativa e Milewska e Neves uma frase decalcada.

(15)

Nieprzyjazd	mój	do	miasta N.	odbył	się	punktualnie.	WS1: 74; WS2: 140
não-chegada	minha	a	cidade N.	ocorreu	se	pontualmente	
Foi com pontualidade / que não cheguei à cidade de N.							JG: 75
A minha não chegada à estação de N. / ocorreu pontualmente.							M&N1: 141

O exemplo (15) ilustra a tradução decalcada de Milewska e Neves, tanto a nível lexical (da palavra derivada por prefixo *nieprzyjazd* / *não chegada*) como a nível sintático (*Nieprzyjazd mój do miasta N. / odbył się punktualnie. / A minha não chegada à estação de N. / ocorreu pontualmente*). Por sua vez, Gomes aplica um conjunto de técnicas de tradução que vão desde a transposição, passam pela modulação e culminam com uma estrutura típica do português, as construções de clivagem. O nome *nieprzyjazd* é transposto para a classe dos verbos, *chegar*, o que obriga a contruir uma frase negativa. O sujeito dos versos é alterado, originando uma mudança de foco: no TP, o sujeito é a *nieprzyjazd* ‘não chegada’ e, no TC, o sujeito nulo é *eu*. Por fim, o modificador (M) do grupo verbal (GV) *punktualnie* / ‘pontualmente’ é alvo de uma transposição – o advérbio passa a nome, *pontualidade*, para formar uma locução adverbial, objeto de uma construção de clivagem, estruturada com *ser ... que* que topicaliza o adjunto adverbial (ADJU): *Foi com pontualidade que / não cheguei à cidade de N.*

O exemplo (15) ilustra os dilemas que se colocam ao nível das perdas e dos ganhos em tradução. O nome *nieprzyjazd* ‘não chegada’, um neologismo criado por Szymborska, encontra na tradução literal e decalcada de Milewska e Neves o seu correspondente *não chegada* e, conseqüentemente, alcança o efeito de equivalência lexical de acordo com o TP. Já a tradução oblíqua de Gomes, que usa a transposição, a modulação e a construção de clivagem, empresta ritmo aos versos, topicalizando determinados constituintes frásicos, tal como o exige a dominante semântica do poema, alcançando assim o efeito de equivalência estilística de acordo com as normas de escrita na CC. Leiam-se em voz alta as duas versões, *A minha não chegada à estação de N. / ocorreu pontualmente*. (M&N1: 141) e *Foi com pontualidade / que não cheguei à cidade de N.* (JG: 75) e ouvir-se-á que a primeira ressoa mais como um enunciado escrito em prosa, enquanto a segunda tem a cadência de um poema. A versão de Gomes ganha ritmo em detrimento do neologismo que se perdeu, enquanto a de Milewska e Neves perde a musicalidade dos versos em prol do neologismo.

(16)

Coś	nowego	ptasiego	szeleści	w	szuwarach	WS1: 306 e WS2: 222
algo	de novo	de pássaro	cícia	em	juncos	
A passarada nova rumoreja nos caniços.						JG: 307
Algo novo, de pássaro murmureja nos juncais.						M&N1: 223

No exemplo (16), Milewska e Neves traduzem por decalque, enquanto Gomes traduz por transposição (mudança na classe das palavras) e modulação (mudança no ponto de vista). Aliás, a versão dos primeiros tradutores é tão decalcada lexical e sintaticamente que os versos acabam por ser pouco claros e naturais: *Algo novo, de pássaro murmureja nos juncais. Algo de pássaro* é uma daquelas formulações que Toury (1995/2012: 121-122) descreve como aceitável em termos linguísticos, mas questionável quanto à sua ocorrência em situações comunicativas na LC. Se bem que a adequação se possa revestir de aspetos conducentes à estranheza por parte do leitor, tal não deverá colidir com a inteligibilidade da mensagem. Gomes transpôs o adjetivo *ptasie* ‘de pássaro’ pelo nome coletivo *passarada*, prescindindo do sujeito da frase *cos* ‘algo’, tornando explícita a informação que no TP é implícita, mas que, de outro modo, poderia causar problemas de interpretação ao leitor da CC. O uso do coletivo por parte de Gomes é uma regularidade da sua escrita tradutória que parece decorrer da sua sensibilidade às dominantes estilísticas. Assim, por exemplo, noutro poema traduz *dziesięć tysięcy starych rzeczy* (WS1: 28) ‘dez mil coisas velhas’ por *uma dezena de velharias* (JG: 29). Partilhamos com Gomes a convicção de que o emprego dos nomes coletivos empresta propriedades estilísticas à tradução literária.

3.4. Problematização e notas finais

Efetuada a análise comparativa inter e intralinguística, com base em três variáveis qualitativas – *título*, *aspetos lexicais* e *sintáticos* –, fundamentada numa amostra bilingue de 25 poemas originais e 50 traduções paralelas, duas em cada caso, importa, agora, sistematizar os dados apurados. Parafraseando as palavras de Toury (1995/2012: 182), o estudo revelou que as 25 traduções e as 25 retraduições estabelecem relações de equilíbrio entre as duas fontes de constrangimentos, *i. e.*, por um lado, o TP e, por outro, os requisitos da tradução emergente na LC. Num *continuum* de aceitabilidade, foram apuradas regularidades que indiciam as estratégias preferidas pelos tradutores.

Os tradutores Milewska e Neves tendem a empregar técnicas de tradução que configuram a estratégia da adequação, tais como a tradução literal de itens lexicais e a tradução de estruturas sintagmáticas e frásicas por decalque. A submissão da tradução a normas do uso da LP não implicou transgressões ao código da língua portuguesa, na medida em que as técnicas empregues pelos tradutores não entram em colisão com a norma-padrão da LC,

embora alguns enunciados não pareçam ser frases nativas (*cf.* Toury, 2012: 124). Por outro lado, a predominância da estratégia da adequação na tradução de Milewska e Neves não implica que os tradutores não empreguem também técnicas de tradução que envolvam mudanças tradutórias que aproximam a tradução de modelos da escrita da CC. Tal significa apenas que manifestam preferência para a tradução direta (literal e decalcada).

Contrastando com o par de tradutores atrás referido, Gomes tende a empregar um leque variado de técnicas de tradução com mudanças tradutórias que se enquadram no modo como se escreve em português, *i. e.*, recorre ao repertório lexical e sintático da escrita literária portuguesa, demonstrando, assim, preferência pela estratégia da aceitabilidade. Aplica-se a Gomes a mesma ressalva que foi feita anteriormente no caso de Milewska e Neves, ou seja, a de que a preferência pela aceitabilidade não significa que todas as decisões tradutórias estejam em conformidade com a norma inicial. Compilando os dados apurados numa tabela, obtém-se a seguinte distribuição:

Tabela 6 - Indicadores (técnicas) das normas iniciais (estratégias) em amostras de tradução de poesia

Nível	INDICADORES DAS NORMAS INICIAIS NA TRADUÇÃO DE POESIA (ESTRATÉGIAS E TÉCNICAS DE TRADUÇÃO)	
	ADEQUAÇÃO	ACEITABILIDADE
Lexical	Tradução direta: literal, correspondência	Tradução oblíqua: sinónimo, hipónimo, equivalência
Sintático	Tradução direta: literal, decalque sintático; (interferência)	Tradução oblíqua: amplificação, transposição, modulação, mudança de estrutura sintagmática/frásica construções de clivagem; (normalização)

Na Tabela 6, verifica-se a escassez de técnicas de tradução ao serviço da adequação face à variedade de técnicas ao dispor do tradutor que opta pela estratégia da aceitabilidade. Esta divergência pode explicar-se, no primeiro caso, pelos constrangimentos do TP e, no segundo, pelas diversas opções disponíveis na LC. Equacionando as duas estratégias com as dicotomias, analisadas no Capítulo 1 da I Parte, dir-se-á que a adequação se correlaciona com a fidelidade ao TP ao passo que a aceitabilidade, com a liberdade do agente da tradução face às soluções facultadas pela LC e pelo repertório da escrita literária em português. Isto quer dizer que a adequação tem mais afinidade com a tradução da letra,

enquanto a aceitabilidade com a tradução do espírito. Nas traduções em apreço, a adequação, acaba por ficar refém da tradução literal e do decalque, ao passo que a aceitabilidade é construída por meio de mudanças tradutórias universais, como a modulação e a transposição, e mudanças tradutórias típicas do português, tal como o uso de construções de clivagem. No caso da tradução de Gomes, as mudanças tradutórias encontram-se ao serviço das dominantes semânticas (neste caso, a fonologia suprasegmental): rima, ritmo, musicalidade e ênfase que, por sua vez, configuram o estilo poético. Já a tradução de Milewska e Neves faz menos justiça à prosódia, em consequência do ajustamento às normas da LP e do TP. Daqui resulta que a tradução de Gomes se leia como sendo mais poética do que a de Milewska e Neves que tende para a prosaização do texto poético. Porventura será este o preço a pagar na tradução de poesia pela aproximação às normas da LP e pela escolha da estratégia da adequação.

Aplicando a tipologia dos modos de tradução proposta por Toury (1995/2012: 202), a tradução de Milewska e Neves afigura-se como «a textually-dominated mode of translation» que produz textos redigidos segundo as convenções da CP, denotando a interferência do modelo de escrita subjacente ao TP. Por seu turno, a tradução de Gomes apresenta-se como «literary translation», posto que ajusta o TP a modelos e a normas consideradas literárias pelas convenções estéticas da CC (normalização).

Pelo facto de estratégias tradutórias opostas terem sido apuradas em versões paralelas dos mesmos TP e de sabermos que Milewska e Neves conheciam a tradução de Gomes (da qual, aliás, são devedores em muitos aspetos lexicais e sintáticos), afigura-se como provável que Milewska e Neves tenham optado por uma tradução deliberadamente diferente da de Gomes, a chamada *tradução polémica* (Toury, 1997/2012: 133). A tradução polémica é uma tradução posterior a outra que lhe é anterior e que põe em prática uma conceção de tradução antagónica em relação à primeira tradução publicada, como se «the translator's operations [were] directed against another translator's operations» (Toury, 1997/2012: 133). A hipótese explicativa de que Milewska e Neves possam ter optado por uma estratégia mais adequada ao TP parece não só plausível à luz do objetivo de quererem desmarcar-se da tradução de Gomes como, ainda, à luz das características da formação pessoal dos tradutores. Neves, falante nativo do PE, é oceanógrafo de formação, enquanto

Milewska, falante nativa do PL, aprendeu português no Brasil. Nestas circunstâncias, a adequação poderá ter sido o compromisso de tradução possível. Já a tradução mais livre e fluída de Gomes pode ser um reflexo da sua formação académica em Estudos Portugueses e da sua experiência de professor de português, que passa por ensinar os alunos a escrever diferentes tipos de textos de acordo com as respetivas normas. Tal afigura-se como explicação possível para a atenção que Gomes presta aos marcadores estilísticos, lexicais e sintáticos, exemplificados na nossa análise.

4. Normas iniciais e a tradução de prosa

A teoria tradutológica dedica um espaço próprio à reflexão sobre a tradução de prosa, sendo o tema abordado com diferentes enfoques, entre eles, o de Barlund (2011):

Literary prose translation transfers a story written in one language into another. In doing so the translation seeks to convey the qualities of the original text to a readership who would otherwise not have access to it. Literary prose translation is thus a communication of stories between two cultures (Barlund, 2011: 139).

A definição de Barlund centra-se no conteúdo da obra literária, nos aspetos linguísticos e estilísticos da tradução de prosa sem esquecer que a tradução é uma forma de comunicação entre povos de duas culturas; porém, Barlund (2011) não destriça as especificidades da tradução de prosa em contraste com a tradução de poesia ou de peças de teatro. Refere fatores extratextuais como o autor, as exigências do editor relativamente à fidelidade da tradução, as qualidades do tradutor literário e o facto de a tradução de prosa ser uma atividade subjetiva, aberta a interpretações, tal como toda a obra de ficção.

Por seu turno, Nord (1991) sistematiza as especificidades da tradução literária num modelo que contempla análise textual e contextual. O modelo por ela apresentado divide-se em dois tipos de fatores, extratextuais e intratextuais, que o tradutor deverá estudar previamente, a fim de facilitar o ato tradutório e reduzir problemas de tradução. No âmbito dos fatores extratextuais o tradutor deve inteirar-se do autor e da sua intenção, do recetor e das suas expectativas, do meio de comunicação, do lugar, do tempo e do motivo da produção do texto literário, bem como da sua função no polissistema. No seio dos fatores intratextuais, o tradutor deve analisar o tema, o conteúdo, as pressuposições, a estrutura,

os elementos não-verbais e os elementos linguísticos do TP (léxico, sintaxe e características suprasegmentais) da obra a traduzir. A tradução literária exige do tradutor uma ponderada análise extra e intratextual, bem como um contínuo processo de negociação entre a tradução da letra e do espírito, conducente à tomada de decisões.

Posto que a tradução é uma atividade regida por normas (Toury, 1995/2012: 61), existem normas específicas para a tradução de diferentes tipos de textos. A noção de tipos de textos encontra-se ligada à de género literário. Assim, distinguem-se os géneros narrativo, lírico e dramático, sendo que cada um deles se reveste de normas tradutórias específicas. Por sua vez, cada um destes géneros subdivide-se em diferentes tipos de textos. No âmbito da prosa, a divisão em romance, conto, diário, reportagem, etc. indica que cada um dos subgéneros obedece a convenções de escrita com características distintas, que a tradução também contemplará. No entanto, a particularidade de um texto literário não reside tanto na reprodução de um modelo como na produção criativa de um texto original. Assim, o tradutor de textos literários opera entre os constrangimentos do tipo de texto, suas características e múltiplas funções (expressiva, narrativa, comunicativa, estética, etc.), bem como do estilo dos autores. Do ponto de vista do tradutor, tal significa tomar decisões em relação às UT que precisam de ser preservadas ou adaptadas na tradução (Nord, 1991: 21) ou, nas palavras de Toury (1995/2012: 82), «remain intact» ou «get changed».

Muito embora o tradutor se guie pela norma inicial, consubstanciada numa estratégia de tradução, o princípio da equivalência está-lhe subjacente. Toury (1995/2012: 32) reformula a noção de equivalência, que assume carácter descritivo e não normativo, como a relação existente entre um TP e o respetivo TC. Apesar de a corrente funcionalista ter desvalorizado as teorias da equivalência, Nord (1991: 201) reconhece que na cultura ocidental a norma da tradução literária é a da equivalência: «In “average Western cultures” the conventional standard of literary translation requires (...) an equivalent translation of the style (...)». Daqui resulta a questão de saber como analisar e medir o efeito de equivalência estilística. Toury (1005/2012) não esconde o seu ceticismo quanto ao estudo das normas e das estratégias com o auxílio de técnicas estatísticas, conforme se infere da seguinte afirmação:

(...) we are in no position to point to strict statistical methods for dealing with translational norms, or even to supply sampling rules for actual research (which, owing to human

limitations, will always be applied to samples only, even though developments in computing would no doubt enable us to use many more and much bigger samples). As far as I can say, it would probably always be necessary to be content with our intuitions, which, being based on previous knowledge and experience, allow us to make at least ‘educated’ guesses (Toury, 1995/2012: 91-92).

Todavia, a nós, parece-nos ser possível aplicar algumas técnicas estatísticas com vista a tornar o estudo das normas iniciais menos ‘intuitivo’ e mais objetivo com base em evidências e números. Por conseguinte, neste capítulo, propomos um estudo estatístico que assenta na recolha e contabilização de dados lexicais e sintáticos para efeitos de uma análise exploratória e descritiva, que permita correlacionar as técnicas de tradução com as estratégias (normas iniciais). As evidências extraídas de amostras reduzirão o peso das suposições do modelo probabilístico e as tabelas com os dados quantitativos obtidos fornecerão uma ideia mais sustentada acerca do objeto da investigação.

Cotejado TC e TP, o investigador pode reconstituir as normas iniciais, as estratégias e os graus de equivalência que presidiram aos atos tradutórios praticados pelos diferentes tradutores, fundamentando a sua intuição prévia:

Even intuitions as to their nature, however plausible they may be, may present themselves at an earlier stage, these intuitions would have to be *justified*, if they are to be given the status of explanations; and systematic justifications necessitate systematic management of the study (Toury, 1995/2012: 32).

Para cumprir os requisitos exigidos pelos EDT, no presente estudo, estipularam-se, previamente, as variáveis a investigar – *i. e.*, títulos, aspetos lexicais e sintáticos – bem como as amostras dos textos a analisar com o objetivo de identificar a norma inicial escolhida pelos tradutores de prosa. Dado que, das sete obras de prosa em apreço, quatro foram traduzidas pelo par Szymaniak e Leão, cuja estratégia de tradução é constante, foi selecionado para o estudo das normas iniciais o livro intitulado *Império* (2005), o segundo traduzido por estes tradutores. Partiu-se do pressuposto de que, se houvesse evolução na sua escrita tradutória, este livro representaria um estágio intermédio, já que foi traduzido a seguir a *O imperador* (2004) e antes de *Andanças com Heródoto* (2007). *O outro* (2009), um conjunto de seis ensaios, não foi levado em conta na seleção, porque pertence a um subgénero literário diferente dos restantes livros, que são reportagens literárias, e porque foi selecionado para outro estudo de caso (IV Parte – Capítulo II).

A análise das normas iniciais leva em conta o número de tradutores ou de pares de tradutores e não o número de obras traduzidas, recaindo sobre as seguintes obras: *Tommaso del Cavaliere*, vertido por Wódkowski (1990); *O demónio do movimento*, uma tradução da autoria de Charchalis e Charchalis (2003); *O império*, traduzido pelo par Szymaniak e Leão (2005) e *O diário de Rutka*, uma tradução de Rodrigues (2007).

Dada a extensão das obras optou-se por amostras de 500 palavras das primeiras páginas dos TP de modo a reunir fragmentos equiparáveis com um número de elementos passível de ser analisado e contabilizado: *nomes comuns* na variável lexical e *frases* na variável sintática. A dimensão dos excertos, possa embora parecer diminuta face à extensão das obras, é equiparável aos excertos que Vinay e Darbelnet (1957/1977) selecionaram para ilustrar as técnicas de tradução usadas pelos tradutores, bem como às passagens que Nord (1991) escolheu para pôr em prática o modelo de análise textual. E *Das Schlaraffenland*, o texto eleito por Toury (1995/2012: 195-196) para analisar a norma inicial da tradução hebraica de Bialik, é mais pequeno do que as amostras da presente investigação. Espera-se, assim, que as amostras selecionadas, por um lado, facilitem e objetivem o estudo das normas iniciais e, por outro, contribuam para a confirmação da perceção intuitiva da investigadora, formada durante e após o estudo comparativo dos TP e TC.

4.1. Os títulos

Embora o estudo das normas iniciais se restrinja a quatro livros, analisam-se os títulos das sete obras literárias que fazem parte do *corpus*. Retomando o ensaio de Jarniewicz (1999/2007) acerca da natureza e função dos títulos em literatura, constata-se que seis dos sete títulos dos livros em prosa do *corpus* foram traduzidos literalmente. Os tradutores optaram por manter os títulos, porque estes são breves e elucidativos: *Tommaso del Cavaliere*; *Demon ruchu/O demónio do movimento*; *Cesarz/O imperador*; *Imperium/O império*; *Ten inny/O outro* e *Pamiętnik Rutki/O diário de Rutka*. Dir-se-ia que os tradutores seguiram a sugestão de Newmark (1988: 56): «If the SL text title adequately describes the content, and is brief, then leave it». Nestas circunstâncias, os títulos não colocam problemas tradutórios e pouco há a comentar, a não ser que é possível optar pela tradução literal quando o título original soa bem tanto na LP como na LC, o tradutor o considera de fácil compreensão para público de leitores a que se destina e a editora não apresenta argumentos em contrário.

A única obra em prosa, cujo título escapa à tradução literal é *Podróže z Herodotem* ‘Viagens com Heródoto’. A sua tradução, feita por equivalência como *Andanças com Heródoto*, também se revelou diferente em relação a outras traduções paralelas da obra para outras línguas (espanhol, inglês, francês e alemão) ou variantes de línguas (português do Brasil), como a seguir se ilustra no exemplo (17):

(17)

Podróže	z	Herodotem	K3
viagens	com	Hérodoto	
Andanças com Heródoto			S&L3 (PE)
Minhas viagens com Heródoto			(português do Brasil)
Viajes con Heródoto			(espanhol)
Travels with Herodotus			(inglês)
Mes voyages avec Hérodote			(francês)
Meine Reisen mit Herodot			(alemão)

Os tradutores da versão para PE preteriram a tradução literal de *podróže* ‘viagens’, a favor do sinónimo *andanças*. A explicação poderá residir nas subtilezas semânticas associadas a uma e a outra palavra, que a consulta do dicionário pode comprovar.³⁴ Uma das diferenças entre *viagem* e *andança* reside no sentido figurado de *andanças* que remete para aventura e imprevistos. Talvez por esta razão os tradutores optaram por *andanças*, uma palavra que abrange tanto o sentido denotativo de *viagem* como o figurativo de *aventura*. O facto de *andanças* acolher ainda conotações arcaicas poderá ter contribuído para a escolha do termo, que descreve as aventurosas viagens de Heródoto, no século V a. C., muitas delas feitas a andar pelo seu próprio pé. Pelas razões invocadas por Jarniewicz (1999/2007), o título *Andanças com Heródoto* cumpre a função de indiciar o conteúdo e o tempo a que a obra se refere, ilustrando ainda como a tradução pode constituir um ato interpretativo.

As ilações prévias a tirar da análise da tradução dos títulos apontam para preferência dos tradutores em usar a tradução literal, uma estratégia de adequação, com exceção de Szymaniak e Leão que, em princípio, podem revelar menos tendência para a adequação.

³⁴ «viagem (...) 1. O acto de partir de um lugar para outro, relativamente distante, e o resultado desse acto (...)»(DHLP: 3698); «andança (...) 1. Acção ou efeito de andar; (...); 3. Andada, caminhada, jornada; peregrinação ou excursão; viagem ou série de viagens (mais us. no plural) (...) 5. Fig. Aventura (diz-se sobretudo em relação aos antigos cavaleiros andantes)» (DHLP: 271).

Em suma, pode concluir-se que os títulos traduzidos das obras reunidas no *corpus* identificam e anunciam o tema da obra, bem como preparam o leitor para o encontro com o texto, despertando nele as devidas expectativas. Títulos e ilustrações harmonizam-se ainda com as capas das traduções portuguesas. Os contos de Grabiński, *O demónio do movimento*, trazem na capa a gravura de um comboio da autoria da firma de design Gangster Graphik, sediada em Sevilha. A capa de *O império*, livro que versa sobre a queda da URSS, apresenta um mapa do território da antiga União Soviética, concebido por Joana Quenta. A capa de *O diário de Rutka* é constituída por um fragmento ampliado do rosto da adolescente, Rutka, a partir de uma fotografia original trabalhada pelo Atelier Henrique Cayatte com Susana Cruz. Somente, a capa da novela *Tommaso del Cavaliere* não contém qualquer ilustração.

4.2. Aspetos lexicais

Na impossibilidade de analisar todos os elementos de um texto, Williams e Chesterman (2002/2007: 6) sugerem que se escolham apenas os aspetos mais adequados ao objetivo da investigação. Assim, para o estudo da variável respeitante aos aspetos lexicais foram selecionados *nomes comuns*, cujos processos de tradução serão igualmente analisados e classificados à luz dos procedimentos de carácter geral propostos por Vinay e Darbelnet (1958/1977): *tradução direta* e *tradução oblíqua*. Parte-se do princípio de que a tendência para a tradução direta indicia a estratégia da adequação, enquanto a tendência para a tradução oblíqua aponta para a da aceitabilidade. Assim, quanto mais direta for a tradução, maior será o seu grau de adequação ao TP e, correlativamente, quanto menor o uso da tradução oblíqua, tanto maior poderá ser o grau de adequação do texto traduzido ao TP. Por esta ordem de ideias, quanto mais oblíqua for a tradução, maior poderá ser o seu grau de aceitabilidade em conformidade com as normas tradutórias e as convenções literárias da CC.

Para não enviesar o resultado do estudo quantitativo, foram excluídos da análise os nomes próprios, grafados com letra maiúscula, porque estes não oferecem alternativas de tradução, p. ex.: *Rzym* será (sempre) traduzido como ‘Roma’, ao passo que *widok* pode dar azo a que o tradutor escolha ‘vista’ ou ‘paisagem’. A norma inicial será mais adequadamente aferida nas ocorrências tradutórias em que o tradutor tem à escolha

opções e pode fazer (ou não) uso da sua liberdade. Espera-se que a análise interlinguística dos TP e dos TC facilite o apuramento de regularidades que permitam seriar as quatro traduções num *continuum* balizado entre as duas estratégias. Visto que a averiguação das normas iniciais pode ser deduzida a partir das opções feitas pelos tradutores, a descrição e a explicação das ocorrências é feita por tradutor (ou par de tradutores). A análise teve início com a identificação e quantificação dos nomes comuns nos TP, prosseguiu com a classificação das técnicas empregues pelos tradutores na conversão dos nomes de PL para PE e culminou com o cálculo da percentagem relativa dos procedimentos tradutórios aplicados. Na amostra, observou-se ainda a ocorrência da omissão de alguns nomes comuns. Por não ser considerada uma técnica de tradução, a omissão surge na tabela em linha à parte. Os resultados apurados são expostos na Tabela 7, onde se destacam a negrito as percentagens máximas e mínimas para cada procedimento, obtidas nas amostras dos diferentes tradutores.

Tabela 7 - Resultados quantitativos dos procedimentos tradutórios aplicados em nomes comuns em amostras de prosa

Obras e tradutores Proce- dimentos tradutórios	<i>Tommaso del Cavaliere</i> Wódkowski (1990)		<i>O demónio do movimento</i> Charchalis e Charchalis (2003)		<i>O império</i> Szymaniak e Leão (2005)		<i>O diário de Rutka Rodrigues</i> (2007)	
	Frequências	Percentagens	Frequências	Percentagens	Frequências	Percentagens	Frequências	Percentagens
Tradução direta	105	84,7%	111	76%	89	72.4 %	62	74.7%
Tradução oblíqua	18	14.5%	28	19.2%	29	23.6%	17	20.5%
Omissão	1	0.8%	7	4.8%	5	4%	4	4.8%
TOTAL	124	100%	146	100%	123	100%	83	100%

Os dados apurados indicam que a tradução de Wódkowski é aquela que revela um maior grau de adequação ao TP. Comparando os dados da amostra de *Tommaso del Cavaliere* com os restantes, verifica-se que Wódkowski é o tradutor que contabiliza o maior número de traduções diretas (**84.7%**) e o menor número de traduções oblíquas (**14.5%**). Por seu lado, Szymaniak e Leão surgem como o par de tradutores que menos uso faz da tradução direta (**72.3%**) e, concomitantemente, mais aplica a tradução oblíqua (**23.6%**). No âmbito da tradução direta foram observadas, nas amostras, traduções literais e decalcadas e, no âmbito da tradução oblíqua, foram observadas traduções por equivalência (sobretudo, por sinonímia), amplificação e compressão.

De acordo com o critério estabelecido (que corresponde, aliás, à nossa apreciação intuitiva prévia), os textos traduzidos por Szymaniak e Leão fazem mais justiça à estratégia da aceitabilidade, na medida em que se afastam da letra e da sintaxe do TP e se aproximam de modelos de escrita da CC. Assim, no *continuum* entre adequação e aceitabilidade foram encontrados os polos opostos: do lado da adequação, encontra-se Wódkowski e, do lado da aceitabilidade, situam-se Szymaniak e Leão. Resta aferir a posição dos restantes tradutores na escala das estratégias de tradução.

Charchalis e Charchalis tendem mais para a tradução direta (**76%**) do que Rodrigues (**74.7%**), o que representa uma diferença sem grande importância no âmbito da amostra. Concomitantemente, Charchalis e Charchalis optam menos pela tradução oblíqua (**19.2%**) do que Rodrigues (**20.5%**), uma diferença também pouco significativa. Ainda assim, os resultados percentuais permitem situar os tradutores numa linha contínua, quanto à tradução de nomes comuns e respetivas técnicas e estratégias tradutórias. A posição dos tradutores relativamente à estratégia de tradução pode ser ilustrada graficamente numa linha contínua como abaixo se propõe:

Adequação I---- (W) ---- (C&C) ---- (R) ---- (S&L) ----I Aceitabilidade

Como em tradução não existem regularidades tradutórias absolutas (Toury, 1995/2012: 81), nem Wódkowski nem Szymaniak e Leão se encontram nos extremos das duas orientações básicas. O facto de Charchalis e Charchalis, por um lado, e Rodrigues, por outro, se situarem no meio entre as duas estratégias também não significa que as usem com igual peso e medida. A linha, acima apresentada, pretende apenas seriar e visualizar a posição relativa e aproximada dos tradutores, uns em relação aos outros, quanto às estratégias de tradução. Apesar dos números e das percentagens, a estratégia da aceitabilidade está presente em todos os tradutores na variável da tradução de nomes comuns. A adequação é a orientação possível e admissível dentro da aceitabilidade, pois uma tradução adequada ao extremo daria origem a uma glosa, inconcebível em tradução literária, ou a um texto com graves infrações ao código da LC, impróprio para publicação. Das técnicas usadas pelos tradutores selecionaram-se para exemplificação as mais representativas da sua escrita.

Wódkowski emprega sobretudo a tradução direta (literal) e, quando usa a tradução oblíqua, recorre mais à equivalência lexical e menos à amplificação e à omissão. No que diz respeito, à tradução dos nomes por equivalência, Wódkowski tende a usar três técnicas de tradução: uma constitui a sua marca *tradautoral* e prende-se com o uso de palavras de um registo estilístico superior ao do TP e as outras duas remetem para as técnicas de tradução da generalização e particularização (Molina e Albir, 2002: 500). No que toca à omissão, a amostra indica que o tradutor omitiu apenas uma palavra *zmarłego* ‘do defunto’ que se subentende contextualmente e fê-lo para evitar a repetição, já que a palavra *zmarłego* surge duas vezes no TP em posições muito próximas; logo, esta omissão terá sido ditada por motivos estilísticos. Wódkowski é, entre todos os tradutores, o que omite menos palavras e frases, o que torna a sua tradução integral e muito próxima do TP, sendo tal indicativo da estratégia da adequação. A tradução literal, a generalização e a amplificação, usadas por Wódkowski, são ilustradas respetivamente pelos exemplos (18), (19) e (20).

(18)

(...) banita	wracał	do	ojczyzny	aby (...)	spocząć	tam,
banido	voltava	a	pátria	para	jazer	aí
(...) o banido voltava à pátria (...) para repousar						
→						
gdzie	życzył	sobie	przed	śmiercią.	JS: 5	
onde	desejava	a/para si	antes	de morte		
onde desejava, antes da morte.						W: 10

No exemplo (18), o enunciado do TP contém três nomes comuns, traduzidos literalmente: *banido*, *pátria* e *morte*. A tradução deste último é um decalque sintagmático da expressão *przed śmiercią* ‘antes da morte’, que normalmente em PE tem como equivalente a expressão ‘antes de morrer’. O facto de Wódkowski ser falante nativo do polaco pode explicar, em parte, a predominância de técnicas de tradução literal, ao serviço da estratégia da adequação; no entanto, tal também parece ser fruto da sua conceção de tradução, pois o texto traduzido pauta-se por grande regularidade e homogeneidade de adequação.

(19)

(...) przechodnie	znali	go	i	pozdrawiali	z	szacunkiem	JS: 6
transeuntes	conheciam	no	e	saudavam	com	respeito	
(...) as pessoas conheciam-no e saudavam-no com respeito.							W: 10

No exemplo (19), o hipónimo *przechodnie* ‘transeunte’ foi traduzido pelo hiperónimo, *pessoas*. A generalização acarreta perdas de propriedades lexicais e semânticas, podendo ser explicada pelo facilitismo que os tradutores concedem a si próprios e ao seu trabalho, uma certa negligência em procurar a palavra certa que não ocorre de imediato.

(20)

Trumnę	niósł	też (...)	Tommaso del Cavaliere	oraz	piszący	te	słowa.	JS: 6
caixão	carregava	também	Tommaso del Cavaliere	e	escrevente	estas	palavras	
O caixão era carregado também por Tommaso del Cavaliere (...) e por quem escreve estas palavras.								W: 11

No exemplo (20) a tradução por amplificação foi usada numa subclasse de nomes comuns, típica do PL, o *rzeczownik odczasownikowy* [substantivos deverbais] que, na maior parte dos casos, não tem correspondente em PT, salvo formas residuais como *contribuinte*, *utente*, etc.. O nome em foco é *piszący* ‘quem escreve’ e a sua tradução implica forçosamente mudança tradutória (tradução oblíqua). A opção de Wódkowski foi *quem escreve estas palavras*, podendo a alternativa ser ‘pelo autor destas palavras’.

Logo após Wódkowski, o par Charchalis e Charchalis é quem revela mais inclinação para a adequação. A amostra da sua escrita tradutória indicia regularidades que se estendem à totalidade da obra, revelando sistematicidade na aplicação da sua conceção tradutológica. Os exemplos escolhidos para ilustrar os procedimentos efetuados por Charchalis e Charchalis constituem problemas de tradução que representam casos paradigmáticos. Importa ainda sublinhar que a coletânea de contos vertida por estes tradutores é de todas as obras reunidas no *corpus* aquela que coloca mais problemas de tradução devido à especificidade do léxico ferroviário e do riquíssimo vocabulário do autor, cujo estilo floreado inclui adjetivação exuberante, imagens e metáforas criativas, expressões idiomáticas e variados recursos retóricos, entre eles, diferentes padrões de alinhamento morfossintático. A tradução dos contos de Grabiński cruza-se com a tradução técnica porque os contos exploram o léxico do domínio CAMINHOS-DE-FERRO, sendo o autor polaco exímio no uso de sinónimos e hipónimos, variedade lexical que os tradutores em apreço tendem a reduzir através do uso de hiperónimos. Na amostra analisada, Charchalis e Charchalis empregam sobretudo a tradução direta (literal), seguida da tradução por

equivalência e, com menos peso, a omissão, seguida do par de técnicas opostas: amplificação e compressão. Os exemplos de (21) a (23) ilustram as referidas técnicas.

(21)

(...) okolica	dotychczas	malaryczna	z	powodu	bagiennych	wyziewów	G: 3
redondezas	até aí	malárias	por	causa	(de) pantanoso	mefitismo	
(...) as redondezas, até agora marcadas pela malária por causa dos pântanos, (...)							C&C: 9

O exemplo (21) ilustra duas UT, *malaryczna* e *bagiennych wyziewów*, cuja tradução para PE se efetuou por meio de amplificação e omissão. A amplificação, *marcadas pela malária*, justifica-se estilisticamente por ser uma expressão mais elaborada e corresponder ao estilo de escrita do autor; no sintagma preposicional (SP) *z powodu bagiennych wyziewów* ‘por causa do mefitismo dos pântanos’ é omissa a palavra *wyziewy* ‘mefitismo’, o que resulta na redução *por causa dos pântanos* e pode ser explicado pela diferença de registo, respetivamente informal e formal, das palavras *wyziewy* e ‘mefitismo’.

(22)

Centusia	za	to	nie	chcę	ani	złamanego	szeląga	G: 3
centimosinho	por	isso	não	quero	nem	quebrado	schilling	
Não quero por isso nem um cêntimo, nem um tostão furado.								C&C: 10

A escrita de Grabiński encontra-se pejada de expressões idiomáticas. Em (22) os tradutores verteram literalmente a primeira parte da expressão idiomática, *Não quero por isso nem um cêntimo*; a segunda parte foi traduzida por equivalência, *nem um tostão furado*, uma adaptação cultural, já que na CC não existe o *szeląg*, um empréstimo do alemão, *Schilling*.

(23)

(...) dodał	z	uśmiechem	lekkiej	ironii	uderzając	go	po	ramieniu	G: 4
acrescentou	com	sorriso	de leve	ironia	batendo	lhe	sobre	ombro	
(...) acrescentou com um sorriso irónico e batendo nas costas de Wawer.									C&C:10

O exemplo (23) ilustra uma ocorrência tradutória interessante, porque conjuga aspetos da tradução por decalque e por equivalência. A expressão usada por Grabiński *uderzać po ramieniu* ‘bater no ombro’ tem como equivalente em PE ‘dar pancadinhas nas costas’. Os tradutores decalcam a estrutura sintática polaca [V + Prep. + N], mas substituem o SP *po ramieniu* pelo equivalente cultural *nas costas*. Chesterman (1997: 108) denomina esta técnica como *cultural filtering* e insere-a no conjunto das mudanças pragmáticas, em que um item lexical específico da LP é substituído por um equivalente da LC. Se, por um lado, o decalque sintático é indicador da adequação, a adaptação cultural está ao serviço da

aceitabilidade; logo, (23) ilustra a coexistência de duas estratégias num mesmo enunciado. Em (23), há ainda a registar a compressão estilística da expressão *z uśmiechem lekkiej ironii* ‘com um sorriso de leve ironia’ para *com um sorriso irónico*, que implicou ainda uma transposição o nome *ironia* é convertido no adjetivo *irónico*. Este tipo de transposição é frequente na tradução PL-PE, quando o nome se encontra no genitivo.

No polo oposto a Wódkowski situa-se o par de tradutores Szymaniak e Leão que, de acordo com os dados da Tabela 7, é quem revela menos tendência para a tradução direta ou literal, favorecendo a tradução oblíqua, conforme se ilustra de (24) a (26).

(24)

Wojna	zastała	nas (...)	na	wakacjach	u	wujka	K2: 11
guerra	encontrou	nos	em	férias	em (casa)	de tio	
A guerra surpreendeu-nos na terra do meu tio (...) onde passávamos as férias.							S&L2: 13

O enunciado (24) indicia, desde logo, a estratégia de fluência e aceitabilidade que caracteriza a globalidade da escrita tradutória de Szymaniak e Leão. Atente-se, antes de mais, na tradução por equivalência do verbo *zastała nas* ‘encontrou-nos’ por *surpreendeu-nos*, uma opção estilisticamente marcada, de acordo com os padrões da escrita literária na LC. O mesmo acontece com as amplificações *u wujka / na terra do meu tio* e *na wakacjach / onde passávamos as férias*. O resultado é uma frase transparente e fluente (em sentido venutiano) que configura a estratégia da aceitabilidade.

(25)

ile	przy	tym	mitręgi (...)	K2: 11
quanta	junto (a)	isso	trabalheira	
Que trabalho penoso e esgotante (...)				S&L2: 13

O tipo de amplificação exemplificado em (25) é recorrente na prática do par de tradutores em foco e decorre da situação específica do ato tradutório que envolve um falante nativo do PL, que fala português, e uma falante nativa do PE que não fala polaco. Daí resulta que algumas palavras polacas não são traduzidas pelo seu correspondente na LC, mas acabam por ser vertidas por paráfrase, como é o caso de: *mitręga* ‘trabalheira’ que foi vertida pelo seu *definiens*, *trabalho penoso e esgotante*.

A amostra em estudo de Szymaniak e Leão indicia as técnicas mais aplicadas ao longo dos quatro textos vertidos pelos supracitados tradutores. Por exemplo, a tradução transcrita

em (26) condensa práticas regulares e características do par de tradutores: a reformulação das frases com mudanças nos eixos sintagmático e paradigmático, bem como omissões.

(26)

Tłumy	uciekających,	w	pyle,	w	kurzu,	w	panice.	K2: 11
multidões	de fugitivos	em	poeira	em	pó	em	pânico	
Multidões, possessas de pânico, surgem no meio do turbilhão de pó.								S&L2: 13

Muito embora Szymaniak e Leão não surjam como os tradutores que mais recorrem à omissão (*cf.* Tabela 7), parecem ser os que mais uso dela acabam por fazer. A explicação provável para o uso da omissão residirá quer na situação específica da tradução (Leão não fala polaco) quer na estratégia de tradução que privilegia a aceitabilidade quer ainda em características idiossincráticas (*i. e.*, marcas *tradutorais*). O exemplo (26) ilustra o tipo de liberdade com que Szymaniak e Leão tratam o TP. Em primeiro lugar, a UT *Tłumy uciekających* ‘Multidões de fugitivos’ fica reduzida a *Multidões*, por omissão. Em segundo lugar, é introduzido o verbo *surgem* na frase da LC e, em terceiro, a UT *w panice* ‘em pânico’ é traduzida por amplificação como *possessas de pânico* e transferida do final da frase para se juntar ao sujeito da frase. Por fim, das restantes UT, *w pyle* ‘em poeira’ e *w kurzu* ‘em pó’, a primeira é omissa, mas compensada e amplificada em tradução livre, *no meio do turbilhão de pó*. Repare-se ainda nas características prosódicas do enunciado, que, em PL, apresenta de um lado, o tópico, *Tłumy uciekających*, e, do outro, após a cesura assinalada com vírgula, o comentário com paralelismo sintático, *w pyle, w kurzu, w panice*. A tradução livre, feita de acordo com as características da LC, divide as sílabas quase equitativamente – dez para o GN – *Multidões, possessas de pânico* –, e onze para o GV – *surgem no meio do turbilhão de pó*.

Em resumo, as técnicas acima analisadas constituem práticas recorrentes que configuram a estratégia da aceitabilidade na escrita tradutória de Szymaniak e Leão, consubstanciada no afastamento em relação à letra do TP, a favor de uma tradução lavrada de acordo com a conceção de tradução dos agentes e com os moldes de redação em português europeu.

Por fim, analisa-se a amostra de Rodrigues, tradutora que surge em posição intermédia entre a orientação para a adequação e a aceitabilidade. A amostra destaca-se pelo facto de conter menos nomes comuns do que as restantes, o que se explica por se tratar de um

diário, escrito na primeira pessoa, onde predomina a expressão de sentimentos e opiniões, bem como a descrição de ações do cotidiano. Os exemplos de (27) a (29) ilustram procedimentos tradutórios aplicados pela tradutora.

(27)

W	chwilach	wielkiego	zdenerwowania	wiara	w	zaświaty
em	instantes	de grande	nervosismo	fé	em	além
Em momentos de maior ansiedade, a fé em coisas para lá deste mundo						
→						
jest	dla	mnie	ogromną	podporą.	L: 17	
é	para	mim	imenso	amparo		
são um porto seguro.						R: 42

O exemplo (27) ilustra vários afastamentos em relação ao TP. A expressão *wielkiego zdenerwowania* ‘de grande nervosismo’ é traduzida por equivalência semântica como *de maior ansiedade*; a expressão *wiara w zaświaty* ‘a fé no Além’ é largamente amplificada como *a fé em coisas para lá deste mundo* e, por fim, a expressão *ogromna podpora* ‘enorme amparo’ é convertida na expressão idiomática *porto seguro*. Se a última solução aponta claramente para uma estratégia de aceitabilidade, já a penúltima indica a dificuldade da tradutora em encontrar o termo correspondente a *zaświaty* ‘o além’ na LC. Aliás, este é um tipo de dificuldade tradutória frequente quando o termo correspondente, existente na LC, não ocorre aos tradutores e estes o substituem por soluções que passam ora pela paráfrase, ora pelo uso de sinónimos e hiperónimos ora neologismos como o *extra-mundo* de Charchalis e Charchalis (C&C: 187, 189 e 193) como tradução de *zaświaty* ‘o além’.

(28)

Nie	mam	nic	do	czytania	L: 29
não	tenho	nada	para	leitura	
Não tenho nada para ler.					R: 42

O exemplo (28) ilustra a subclasse de nomes comuns da LP, *rzeczowniki odczasownikowe* ‘substantivos deverbais’, que não têm correspondente formal em PT e que, de um modo geral, os tradutores vertem através de formas verbais ou estruturas sintáticas. No caso em foco o nome *czytanie* é traduzido pelo verbo *ler*, constituindo uma mudança por transposição que implica a passagem de uma classe de palavras da LP para outra na LC. Note-se que o uso do infinitivo e das construções infinitas é uma marca típica do PT (Raposo, 2013: 1901-1977) que, por seu turno, não tem equivalente em PL.

(29)

Ten	mały	brzdąc	jest	bardzo	słodki	i	zarazem	bardzo	wstrętny.	L: 29
este	pequeno	miúdo	é	muito	doce	e	ao mesmo tempo	muito	detestável	
Aquele diabinho é ao mesmo tempo queridíssimo e insuportável.										R: 42

O exemplo (29) mostra o afastamento da tradução em relação às palavras do TP, sem que haja uma aproximação aos modelos da escrita da LC (aceitabilidade). Comparando a escrita tradutória de Szymaniak e Leão com a de Rodrigues, verifica-se que os primeiros tradutores se afastam da letra do TP para redigir um texto que reflete padrões de escrita na LC, bem como contextos pragmáticos e estilísticos da CC, ao passo que Rodrigues, falante nativa do polaco, se afasta da letra do TP devido à dificuldade em encontrar na LC as correspondências apropriadas. O enunciado (29) fala de Heniuś, o irmão de Rutka, caracterizado como *brzdąc*, um termo carinhoso para designar criança pequena (SJP – PWN I: 209) que em PE poderá ser vertido como ‘criança’, ‘miúdo’ ou ‘garoto’. A tradução de *brzdąc* por *diabinho* é, portanto, uma idiosincrasia da tradutora. Por sua vez, o adjetivo, que caracteriza Heniuś, *słodki* ‘doce’, remete-nos para as diferentes sutilezas do contexto pragmático polaco e português. No contexto pragmático do PE dir-se-ia antes que Heniuś é ‘doce’ ou ‘fofo’, mas não *queridíssimo*. No que toca à prosódia da frase que na LP é estruturada com base no paralelismo antitético *bardzo słodki* ‘muito doce’ e *bardzo wstrętny* ‘muito detestável’, verifica-se que a sua tradução como *queridíssimo e insuportável* não transmite nem o paralelismo nem a musicalidade do TP.

4.3. Aspetos sintáticos

No que diz respeito aos aspetos sintáticos, averigua-se em que medida as mudanças sintáticas operadas pelos tradutores indicam a norma inicial, *i. e.*, o uso predominante da estratégia da adequação ou da aceitabilidade. Neste passo do estudo, verificou-se que a oposição *tradução direta / tradução oblíqua* era demasiado genérica e redutora para dar conta da diversidade dos fenómenos tradutórios sintáticos observados. Assim, como parâmetro de medição consideraram-se os seguintes procedimentos tradutórios: (i) a tradução que preserva a ordem dos constituintes da frase do TP, como indicadora da estratégia da adequação, e (ii) a tradução que altera a ordem e a estrutura dos constituintes da frase do TP, como indicadora da estratégia da aceitabilidade. A primeira técnica corresponde à tradução direta (literal), que se aplica não só a palavras mas também a

construções sintáticas, que tanto respeitam a ordem dos constituintes da frase do TP como a sua estrutura gramatical (Chesterman, 1997: 94) e a segunda corresponde, nas amostras analisadas, a quatro técnicas de tradução sintáticas: alteração da ordem dos constituintes da frase, subordinação, compressão e amplificação. Foi ainda observada a omissão de frases dos TP nas traduções. Em relação à *alteração da ordem dos constituintes da frase* um procedimento que, respeitando as palavras e as estruturas gramaticais do TP, ordena as palavras de maneira diferente na LC, não se encontrou, nas listas de técnicas de tradução consultadas, um termo que descrevesse inequivocamente o fenómeno tradutório.³⁵ Na presente análise, a *alteração da ordem dos constituintes da frase* (na Tabela 8, a designação do fenómeno tradutório foi reduzida *para alteração da ordem sintática*), representa uma técnica de tradução que recorre quer à inversão do S e do V, quer à topicalização dos complementos e modificadores do GV, quer ainda a outras alterações possíveis na ordem das palavras da frase do TP. Para além destas técnicas de tradução, que atuam a nível da ordem sintática, outras foram observadas a nível da alteração da estrutura frásica nas amostras: subordinação, amplificação e compressão.

A análise não levou em conta as mudanças obrigatórias ditadas pelas diferenças estruturais entre os sistemas linguístico do PL e do PE, tais como p. ex., a posição do adjetivo que, em polaco, ocorre antes do nome e, em português, canonicamente após o nome (salvo usos marcados e estilísticos do mesmo), a posição dos clíticos em frases subordinadas, ditada pelas regras gramaticais: «(...) the pronoun may pre-cliticize to the verb, changing the word order from SVO to SOV». (Velupillai, 2012: 282). Também não foram contabilizadas frases com uma só palavra, nem traduções livres de expressões idiomáticas visto que as mesmas não são comparáveis do ponto de vista sintático, p. ex.: *Jest się czym obłowić. (G: 3) / É uma tentação para os ladrões. (C&C: 10).*

³⁵ Nos Estudos de Tradução e nos autores consultados, o fenómeno tradutório da *alteração da ordem das palavras na frase* é descrito simplesmente como *inversão*: «(...) to move a word or a phrase to another place in a sentence or a paragraph so that it reads naturally in the target language, e.g., Pack separately ... for convenient inspection and Pour faciliter la visite de la douane mettre à part» (Molina e Albir, 2002: 500). Se, para os tradutores, a *inversão* consiste em mudar a posição de qualquer um dos elementos frásicos na passagem do TP para o TC, já os gramáticos, no que toca à ordem dos constituintes da frase, distinguem e denominam as diferentes mudanças de posição com expressões diferentes: *construções de inversão* – troca de posição entre S e V (Cunha e Cintra, 1984/2014) e *construções de topicalização* – deslocação à esquerda de complementos e modificadores do GV (Duarte, 2013).

A Tabela 8 contém os procedimentos tradutórios sintáticos observados, com as respetivas contagens, *i. e.*, as frequências absolutas e relativas por amostra e por tradutor, com destaque a negrito para as percentagens mínimas e máximas.

Tabela 8 – Resultados quantitativos dos procedimentos tradutórios sintáticos aplicados em amostras de prosa

Obras e tradutores Proce- dimentos tradutórios	<i>Tommaso del Cavaliere Wódkowski (1990)</i>		<i>O demónio do movimento Charchalis e Charchalis (2003)</i>		<i>O império Szymaniak e Leão (2005)</i>		<i>O diário de Rutka Rodrigues (2007)</i>	
	Frequências	Percentagens	Frequências	Percentagens	Frequências	Percentagens	Frequências	Percentagens
Tradução literal	58	77%	42	70%	49	68%	52	71.2%
Alteração da ordem sintática	14	19%	13	21.66%	16	22.2%	17	23.3%
Subordinação	2	3%	4	6.66 %	4	5.6%	2	2.7%
Compressão	-	-	-	-	1	1.4%	-	
Amplificação	-	-	-	-	1	1.4%	1	1.4 %
Omissão	1	1%	1	1.66%	1	1.4 %	1	1.4%
Total de frases	75	100%	60	99.9%	72	100%	73	100%

Os resultados obtidos para os procedimentos tradutórios sintáticos correspondem *grosso modo* aos resultados apurados para as operações lexicais. Wódkowski é o tradutor que mais emprega a tradução literal (**77%**) para transmitir a ordem dos constituintes das frases do TP, enquanto o par Szymaniak e Leão é quem menos aplica esta técnica na tradução (**68%**), a favor de outras construções sintáticas. Concomitantemente, Wódkowski é quem menos emprega as técnicas alternativas à tradução literal (**22%** = 19% + 3%) e Szymaniak e Leão são quem mais usa técnicas de tradução alternativas à tradução literal (**30.6%** = 22.2% + 5.6% + 1.4% + 1.4%). Entre estes dois polos, situam-se Charchalis e Charchalis com **70%** de traduções literais na ordem dos constituintes da frase e Rodrigues com **71.2%**. O resultado para a utilização de técnicas alternativas é o seguinte: Charchalis e Charchalis registam **28.26%** (21.66% + 6.6%) de frases traduzidas com ordens sintáticas diferentes da do TP, enquanto Rodrigues conta **27.4%** (23.3% + 2.7% + 1.4%). Em relação à omissão constatou-se que todos os tradutores omitiram pequenos segmentos frásicos.

Se a tradução literal das frases se encontra mais ao serviço da adequação e as técnicas alternativas à tradução literal configuram a estratégia da aceitabilidade, a posição relativa dos tradutores apresenta-se conforme abaixo se desenha numa linha contínua.

Adequação I---- (W) ---- (R) ---- (C&C) ---- (S&L) ----I Aceitabilidade

Os resultados obtidos confirmam as expectativas de que a novela traduzida por Wódkowski tende mais homoganeamente para a adequação e que as reportagens traduzidas por Szymaniak e Leão tendem mais claramente para a aplicação da estratégia da aceitabilidade, situando-se os restantes tradutores entre estes dois polos. Seguidamente, ilustram-se os procedimentos a nível sintático considerados mais interessantes do ponto de vista tradutológico, num conjunto de exemplos de (30) a (41).

(30)

Po	trzydziestu	latach	dobrowolnego	wygnania
Após /depois de	trinta	anos	de voluntário	exílio
Depois de trinta anos de exílio voluntário,				
→				
banita	wracał	do	ojczyzny.	JS: 5
banido	voltava	a	pátria	
o banido voltava à pátria.				W: 10

O exemplo (30) ilustra o que é a tradução literal, definida como «"maximally close to the SL form, but nevertheless gramatical"» (Chesterman, 1997: 94). De facto, a única alteração na ordem dos constituintes da frase é imposta pela diferença existente entre os dois sistemas linguísticos, visto que a ordem canónica em PL é [Adj + N] e em PE é [N + Adj]. Daí que Chesterman (1975: 94) acrescente à definição que «[f]or some theorists (...), this strategy has the status of a default value. On this view, one only needs to deviate from literal translation if for some reason or other it does not work».

(31)

Pogrzeb	to	był	trzeci	i	ostatni.	JS: 5
funeral	isto	foi	terceiro	e	último	
Esse foi o terceiro e último funeral.						W: 10

(31) mostra uma frase traduzida com a alteração da ordem das palavras na frase, porquanto a primeira palavra da frase do TP, *pogrzeb* (tópico) / *funeral* (foco) é a última no TC, uma alteração sintática que visa preservar a ênfase estilística e a prosódia.

(32)

(...) nawet	prosił	robotników	pracujących	przy	bazylice	franciszkańskiej, (...)	JS: 5
até	pediu	operários	em trabalho	junto	basílica	franciscana (...)	
(...) pediu até aos pedreiros que trabalhavam na construção da basílica franciscana (...)							W:10

O exemplo (32) ilustra uma frase traduzida por meio de subordinação, uma ocorrência-padrão, que surge quando o TP apresenta um *imiestów przymiotnikowy czynny* [partícipio adjetival ativo] como *pracujących*, sem correspondente em PT (*cf.* IV Parte – Capítulo II).

Após Wódkowski com **77%**, Rodrigues é quem apresenta maior tendência para a adequação sintática com **71.2%** de ocorrências de traduções literais, registrando também **27.4%** de traduções com alteração da ordem dos constituintes da frase, tal como se observa nos exemplos de (33) a (35).

(33)

Była	to	chyba	radość	zmieszana	z	zazdrością	L: 25
era	isto	talvez	alegria	misturada	com	inveja	
Talvez fosse alegria misturada com inveja.							R: 41

O exemplo (33) mostra como a alteração de um elemento da frase pode conduzir na tradução a uma mudança de modo na conjugação verbal. A tradução literal manteria o modo indicativo ‘Era talvez alegria misturada com inveja’; a topicalização do advérbio de dúvida seleciona o modo conjuntivo: *Talvez fosse alegria misturada com inveja*.

(34)

Lubię	myśleć	o	życiu	pozagrobowym	
gosto de	pensar	sobre	vida	além-de-sepultura	
Gosto de me debruçar sobre assuntos relacionados com o além					
→					
i	temu	podobnych	tajemniczych	sprawach.	L: 27
e	a isto	parecidos	misteriosos	assuntos	
e outras coisas misteriosas.					R: 42

Em (34) constatam-se vários procedimentos tradutórios: o V *myśleć* ‘pensar’, o Adj, *podobne* ‘parecido’ e o N *sprawy* ‘assuntos’ são vertidos por equivalência respetivamente como *debruçar-se* (sinónimo), *outras* (transposição) e *coisas* (sinónimo). A expressão *życie pozagrobowe* ‘a vida além da sepultura’ é vertida por compressão: *o além*. A frase sofre ainda uma amplificação com a introdução de *assuntos relacionados com...*

(35)

Idę	dzisiaj	do	fotografa.	Zrobię	sobie	6	zdjęć (...)	L: 31
vou	hoje	a	fotógrafo.	Farei	me	6	fotografias	
Hoje vou tirar 6 fotografias (...)								R: 44

Em (35) está presente a omissão da frase *vou ao fotógrafo*, mantendo-se, no entanto, o advérbio de tempo *hoje*, topicalizado como primeiro constituinte da frase traduzida.

Os tradutores que representam a terceira maior tendência para a adequação são Charchalis e Charchalis com **70%** de traduções literais (ex. 36). Entre outras técnicas aplicadas, destacam-se a inversão (ex. 37) e as construções de subordinação com **6,66%** (ex. 38).

(36)

(...) po	oficjalnym	zamknięciu	starej	linii	zaszedł	fakt	dziwny	i	niespodzie- wany.	G: 3
a- pós	oficial	encerramen- to	de velha	li- nha	chegou	fac- to	estra- nho	e	inesperado	
(…) depois do encerramento oficial da linha, teve lugar um facto estranho e inesperado.									C&C: 9	

O exemplo (36) mostra uma frase traduzida literalmente (com omissão do Adj. *starej* ‘velha’), na qual os grupos sintáticos mantêm a sua posição na tradução. A troca de posições entre o adjetivo e o substantivo, *oficjalne zamknięcie / encerramento oficial*, na tradução de PL para PE resulta aqui da mesma ordem canónica referida no exemplo (30).

(37)

Pomiędzy	Orszawą	a	Byliczem	zregulowano	przestrzeń.	G: 3
entre	Orszawa	e	Bylicz	regulou-se	espaço	
Entre Orszawa e Bylicz o espaço foi reformulado.						C&C: 9

O exemplo (37) mostra a tradução de uma frase por inversão: o TP apresenta a ordem VS, *zregulowano przestrzeń*, e o TC a ordem SV, *o espaço foi reformulado*. O exemplo ilustra a mudança lexical de *zregulować* ‘regular’ para *reformular* (tradução por sinonímia) e estrutural da forma impessoal *zregulowano* ‘regulou-se’, vertida pela voz passiva no TC.

(38)

Mały	lasek	jodłowy	wyrośli	półkolem	na	szczybie	jaru
pequena	florestazinha	de abetos	crescida	em semicírculo	em	cimo	de barranco
Um pequeno bosque de pinheiros que crescera em semicírculo no cimo do barranco,							
→							
ujmował	ją	w	opiekuńcze	ramiona (...)	G: 4		
abraçava	a	em	protectores	ombros			
abraçava-a com os braços protectores (...)						C&C: 11	

No exemplo (38), o segmento frásico que origina a subordinação é o *imiestów przymiotnikowy bierny* [participio passado passivo], *wyrośli*, convertido no TC em oração subordinada adjetiva relativa restritiva, *que crescera em semicírculo no cimo do barranco*, o que corresponde às tendências sistémicas nas duas línguas. Verifica-se ainda um lapso, a colocação da vírgula entre o sujeito e o predicado. A tradução exhibe ainda a técnica da

equivalência cultural ao traduzir *lasek jodłowy* ‘florestazinha de abetos’ por *floresta de pinheiros*. A redundância do TP patente em *mały lasek* ‘pequena florestazinha’, sendo menos natural na LC, é eliminada pelos tradutores que traduzem o GN como *um pequeno bosque*.

Por último, Szymaniak e Leão, os tradutores que revelam menos tendência para a tradução literal das construções frásicas, manifestam maior diversidade no uso das técnicas de tradução, o que é atestado por seis procedimentos tradutórios diferentes (cf. Tabela 8). Os exemplos de (38) a (40) ilustram a troca de posições entre orações e a subordinação.

(39)

(...) gdzie	mogą,	szukają	ratunku.	K2: 11
onde	podem	procuram	socorro	
(...) buscam salvação onde podem.				S&L2: 13

Em (39) verifica-se a alteração da posição não das palavras mas das frases: a primeira frase do TP é a segunda no TC.

(40)

Jaka	jest	pierwsza	litera	na	tej	okładce?	K2: 12
qual	é	primeira	letra	em	esta	capa	
Qual é a primeira letra que se vê?							S&L2: 14

O exemplo (40) é emblemático da forma como Szymaniak e Leão traduzem as estruturas frásicas. Sendo quem mais uso faz da liberdade tradutória, os dois tradutores amplificam e reduzem os sintagmas consoante as circunstâncias. Neste caso, introduzem uma oração subordinada relativa restritiva, *que se vê*, em substituição do SP, *na tej okładce* ‘na capa’, o que acaba também por resultar na omissão da palavra *okładka* ‘capa’.

(41)

(...) samochód,	z	którego	wysiadają	panowie	w	błękitnych	mundurach	K2: 12
automóvel	de	qual	saem	senhores	em	azul-claras	fardas	
(...) de onde saem uns homens trajando uniformes de cor azul celeste.								S&L2: 14

Na tradução apresentada em (41), verifica-se um processo de subordinação: o SP, composto por [Prep. + Adj. + N], *w błękitnych mundurach* é ampliado e convertido numa oração gerundiva, *trajando uniformes de cor azul celeste*.

Os exemplos provenientes da tradução de Szymaniak e Leão destacam-se dos exemplos dos restantes tradutores, caracterizando-se por um maior afastamento em relação à letra do TP e à ordenação tanto das palavras como das frases no TP em prol de uma sintaxe mais livre dos constrangimentos da LP e a favor de estruturas sintáticas típicas da LC.

4.4. Problematização e notas finais

Uma vez efetuado o estudo comparativo, sistematizam-se os dados apurados na aferição da norma inicial dos tradutores. A análise das amostras indicou que as traduções estabelecem relações de correspondência e equivalência com o TP no âmbito das normas de tradução vigentes na CC. Foi possível estabelecer critérios para averiguar as normas em termos estatísticos graças à assunção de dois princípios. No caso dos aspetos lexicais, assumiu-se que as técnicas de tradução direta configuram a estratégia da adequação, enquanto as técnicas de tradução oblíqua traçam a estratégia da aceitabilidade. No caso dos aspetos sintáticos, pressupôs-se que a preservação na tradução da ordem das palavras do TP contribui para a estratégia da adequação, enquanto a alteração da ordem sintática e da estrutura sintática das frases do TP são indicadores da estratégia da aceitabilidade.

As regularidades tradutórias apuradas, na linha contínua entre adequação e aceitabilidade, indiciam as estratégias preferidas pelos tradutores. São precisamente os casos mais evidentes que marcam os polos opostos. Nas amostras em estudo, evidenciaram-se, por um lado, Wódkowski, o tradutor com maior tendência para a adequação, e, por outro lado, o par de tradutores Szymaniak e Leão como demonstrando maior tendência para a aceitabilidade. Entre os referidos polos situam-se o par Charchalis e Charchalis e Rodrigues, com valores percentuais muito próximos. Os valores percentuais, apurados nas Tabelas 7 e 8, não revelam grandes intervalos entre os tradutores, assinalando apenas tendências estratégicas mais acentuadas entre os tradutores (por. ex., entre Wódkowski e o par Szymaniak e Leão) e menos acentuadas (p. ex., entre Rodrigues e o par Charchalis e Charchalis). Ainda assim, as Tabelas 7 e 8 permitem aferir a opção preferida pelos tradutores no que toca às normas iniciais da adequação e da aceitabilidade, as quais reproduzem não só diferentes conceções de tradução, como também se pautam por escritas tradutórias estilisticamente distintas.

O estudo permitiu ainda compreender o modo como normas, estratégias e técnicas de tradução se articulam em relações hierárquicas. As normas dão origem a estratégias – adequação e aceitabilidade – e estas, por seu turno, configuram-se por meio do uso de técnicas de tradução. Dito de outra forma, a análise exploratória dos dados com recurso à estatística descritiva, que contabilizou as técnicas de tradução a nível microtextual, permitiu, a partir daí, aferir a estratégia predominante a nível macrotextual e, assim, averiguar as normas iniciais.

Se é verdade que as normas iniciais são culturalmente ditadas pela prática tradutória vigente no subsistema da literatura traduzida e revelam tanto a conceção de tradução como a preferência dos tradutores, não é menos verdade que cada tradutor possui o seu estilo de tradução. Este último aspeto não é desenvolvido no modelo de investigação de Toury (1995/2012), mas, em nosso entender, afigura-se como um tópico de análise relevante no seio das normas que, por mais normativas que sejam, não conseguem erradicar as tendências próprias dos agentes da tradução, cujas marcas são visíveis nos TC.

5. Normas iniciais e marcas *tradautorais* - entre a invisibilidade e a singularidade do tradutor

No sequência do argumento deixado em aberto no final do capítulo anterior, propõe-se que o estudo das normas iniciais (fator externo e intersubjetivo) seja complementado com uma breve referência a algumas das normas idiossincráticas (fator interno e subjetivo) patentes nas traduções. Muito embora as traduções sejam factos da cultura de chegada, não deixam, também, de ser factos produzidos por indivíduos, os agentes da tradução. À margem do modelo de Toury, mas rumo à crescente importância atribuída aos tradutores, conforme defendido por Pym (1998), e à valorização do seu trabalho como *tradautores* (cf. Lopes, 2010), o presente capítulo visa recolher marcas *tradautorais* observadas nos TP.³⁶

³⁶ A amálgama, *tradautor* – escrita em itálico por se tratar de um neologismo – é importada da tese de doutoramento de Lopes (2010) *Poéticas da Imperfeição. Autores e tradutores na primeira metade de oitocentos (...)*. O termo *tradautor* transmite as prioridades e as noções que lhe estão associadas. Retomando a tradicional dicotomia *tradutor-servo* e *tradutor-senhor*, a amálgama reflete tanto a fidelidade que o tradutor deve ao autor e ao TP como a liberdade e a criatividade que pode inculcar na tradução.

As normas, sendo intersubjetivas, subjazem ao ato tradutório e representam o que na literatura traduzida é transversal e universal. Diversos teóricos reconhecem a sua existência, embora lhes atribuam nomes diferentes. Venuti (1995) emprega os termos *estrangeirização* e *domesticação* em aceção semelhante aos termos *adequação* e *aceitabilidade* (Toury, 1995/2012), destacando que o uso da estratégia da domesticação (aceitabilidade) torna o tradutor invisível. O termo *invisibilidade*, difundido no contexto teórico da tradução na aceção que Venuti (1995: 1) lhe atribui, envolve duas instâncias: o tradutor e o recetor. No que respeita ao tradutor, a invisibilidade pauta-se pela execução de uma tradução com tal grau de obediência às normas de escrita da CC que o texto traduzido transmite a impressão de ter sido escrito originalmente na LC. Este fenómeno, designado por Venuti (1995: 1) como o efeito ilusório do discurso, é o grande responsável pela invisibilidade do tradutor que se submete às normas de escrita da CC, apagando não só as marcas da tradução como as suas próprias marcas. No que concerne ao recetor, a invisibilidade do tradutor prende-se com a expectativa tanto dos leitores como da crítica literária de que irão deparar-se com um texto, cujo discurso é fluente e transparente. Fluência e transparência na tradução são, para Venuti, (1995: 1-2), os fatores conducentes à invisibilidade do tradutor, aqueles que permitem criar no leitor a ilusão de que «the translation is not in fact a translation, but the “original”». Por esta ordem de ideias, quanto maior a aceitabilidade ou a domesticação de um texto tanto maior será a invisibilidade do tradutor: «The more fluent the translation, the more invisible the translator, and, presumably, the more visible the writer or meaning of the foreign text» (Venuti, 1995: 1-2). O contrário poderia ser enunciado do seguinte modo: quanto maior a adequação ou estrangeirização, ou seja, quanto menor a fluência e a transparência tanto maior será a visibilidade do tradutor.

O ponto de vista de Venuti, marcadamente ideológico no sentido em que constitui um alicerce para fundamentar e implementar um programa de tradução em defesa da estratégia da estrangeirização, levanta algumas questões ao investigador que se depara com textos literários traduzidos que não se ajustam ao enquadramento teórico da equação *domesticação – invisibilidade*. Foi justamente o que aconteceu no decurso da nossa investigação sobre normas iniciais – a tradução efetuada com maior grau de aceitabilidade

ou domesticação, a mais fluente e transparente, *O império*, é aquela que em maior grau deixa transparecer as idiossincrasias dos tradutores, tornando-os visíveis.

Por conseguinte, parece-nos que a correlação venutiana entre domesticação da tradução e invisibilidade do tradutor é sobretudo focalizada na perspectiva do recetor, seja ele o leitor ou o crítico literário, que acedem apenas ao produto da tradução. Na perspectiva do investigador, que coteja TP e TC, analisando as mudanças operadas, as traduções evidenciam marcas que dão visibilidade ao tradutor, sendo essas marcas distintivas, recorrentes e individuais. Sendo possível apurar marcas *tradautorais* na literatura traduzida quer por adequação quer por aceitabilidade, o tradutor torna-se visível, tanto mais que tal visibilidade pode ser aferida ora por comparação com o TP, ora com traduções paralelas, feitas por outros profissionais, ora com textos comparáveis escritos na LC.

Face ao acima exposto, merece ser discutida a noção de *invisibilidade do tradutor* – uma metáfora – escolhida por Venuti (1995) para designar a submissão do tradutor ao cânone literário nacional e ao cânone da prática tradutória vigente, patente na fluência e na transparência do discurso, conducente ao apagamento da sua própria entidade enquanto sujeito de escrita. A presença do tradutor tanto “se dá a ver” como “se dá a ouvir”³⁷, porque a escrita literária e tradutória constrói-se com vozes, sendo as mais audíveis a do autor e a do tradutor, sem esquecer a do revisor. Admitindo, porém, que Venuti tem razão, propõe-se a seguinte distinção: a pessoa do tradutor poderá ser caracterizada como invisível enquanto figura pública, atendendo à sua sujeição a modelos de escrita da CC e à secundarização do seu papel face ao do autor. Não obstante, e apesar da domesticação preferida pela CC, a voz do tradutor é audível no produto da tradução e, como tal, será legítimo avançar com a hipótese de que toda a tradução deixa ouvir a voz singular do seu agente. Na verdade, o estudo comparativo dos TP e dos TC do *corpus* permitiu chegar à conclusão de que os tradutores em apreço se distinguem uns dos outros pelo uso recorrente de determinadas técnicas de tradução, pelo uso recorrente de determinadas palavras, formas verbais ou construções, pelas lacunas na competência linguística, etc. Estas regularidades, aqui designadas como marcas *tradautorais*, representam a

³⁷ A marcas *tradautorais* podem ser interpretadas em termos de (in)visibilidade como o faz Venuti (1995) ou em termos de (in)audibilidade como o faz Hermans (1996) com a sua análise da voz do tradutor na narrativa.

singularidade de cada tradutor enquanto agente ativo, ciente das normas e dos cânones, mas também enquanto instância autoral que deixa na escrita traços da sua concepção de tradução, da sua sensibilidade e criatividade, ou seja, da sua singularidade.

Descrever a voz dos tradutores que se faz ouvir nos TC através de marcas *tradautorais* que exteriorizam a instância autoral do tradutor é o objetivo deste passo da investigação. O tópico será abordado separadamente consoante o género literário – poesia e prosa – e, nesse âmbito, a abordagem contemplará os tradutores individual e comparativamente.

5.1. Marcas *tradautorais* de Gomes e Milewska e Neves

As teorias relativas à tradução de poesia colocam a tónica na relação íntima entre forma e conteúdo (Newmark, 1988), na preservação da(s) dominante(s) semântica(s) (Barańczak, 1992) e na exigência de o produto da tradução ser, também ele, um poema (Folkart, 1999). É na tradução de poesia que os teóricos preconizam menos a tradução literal e os tradutores sentem mais os constrangimentos entre a letra e o espírito, a palavra e a frase, a fidelidade e a liberdade, sem esquecer o estilo do texto e a função estética da tradução literária, a que toda a estratégia ou técnica deverá prestar tributo.

Quando existem duas traduções do mesmo TP executadas por tradutores diferentes, o seu estudo comparativo facilita ao investigador a aferição de normas, estratégias e técnicas. Nos casos em que traduções paralelas podem ser analisadas como “traduções polémicas” (Toury, 1995/2012: 133), será possível identificar ainda com maior clareza marcas *tradautorais*. Sabendo que Milewska, consciente dos erros cometidos por Gomes e das suas liberdades, tinha como objetivo “fazer melhor”³⁸ é possível interpretar a sua tradução como “polémica”, porquanto visava pôr em prática uma concepção diferente de tradução:

A criação de mais uma versão de uma tradução já existente numa dada cultura é sempre polémica. Para além disso, o tradutor-cocriador dessa série deve ser guiado pela convicção de que, por um lado, é capaz de “escrever o seu texto” não pior do que o autor e, por outro, que o fará melhor do que os tradutores anteriores (Pytlak, 2013: 24. T. n.).

A diferença de concepção tradutória parece ser, desde logo, sugerida pela tendência de Gomes para a aceitabilidade e para a tendência de Milewska e Neves para a adequação.

³⁸ Expressão empregue por Milewska à data da tradução, em conversa com a autora do estudo, o que parece ser um pressuposto comum aos tradutores que retraduzem obras já traduzidas (Pytlak, 2013: 24).

Antes de iniciar a análise das traduções, importa referir que os poemas de Miłosz e Szymborska, selecionados nas antologias, não se pautam por uma linguagem rebuscada ou floreada e fazem pouco uso da rima, não oferecendo constrangimentos significativos no que toca à métrica e à rima. Em contrapartida, os poemas são escritos num ritmo vivo e marcado com a musicalidade própria das línguas sintéticas e dos poetas dos pós-guerra polaco (*cf.* Swiatkiewicz, 2016). Uma das dominantes semânticas da poesia de Miłosz e Szymborska é justamente a cadência musical, o ritmo. Apesar de diferenças rítmicas entre a poesia de Miłosz e a de Szymborska, os poemas selecionados pelos tradutores constituem um conjunto representativo da importância do ritmo na poesia. O tipo de ritmo concretizado na poesia de Szymborska é marcado pelo fôlego, conforme explica o antigo secretário da poetisa:

A sua escrita sujeitava-se ao ritmo da fala. Ao ritmo da respiração que, com a idade e também com cada um dos maços de tabaco, se tornava cada vez mais curta. (...) os seus versos surgiam tendo em mente a leitura – mesmo que não fosse em voz alta, mesmo que fosse apenas em pensamento, mas sempre respeitando a respiração (Rusinek, 2016: 107. T. n.).

Nos poemas de Szymborska, escritos com respeito pelo fôlego da leitura, os versos são geralmente curtos ou, sendo mais longos, apresentam uma pausa correspondente a um intervalo respiratório. Já os poemas de Miłosz, tendencialmente mais longos quanto à métrica, exigem um fôlego maior, refletindo também uma conceção diferente de poesia.

Independentemente da determinação dos tradutores na preservação do comprimento dos versos dos TP, curtos, médios ou longos, as diferenças estruturais entre o PL e o PT impedem, à partida, a equivalência métrica entre as duas línguas, porque a tradução na direção polaco-português – *i. e.*, de uma língua mais sintética para uma língua mais analítica – obriga sempre à utilização de um número maior de palavras (p. ex., artigos definidos e indefinidos, preposições, construções perifrásticas, etc.).

Gomes, um tradutor de ouvido apurado, soube transmitir o ritmo da poesia szymborskiana marcada pelo fôlego e fê-lo, sobretudo, com o emprego da inversão da ordem das palavras na frase para escapar à prosaização da ordem canónica SVO. A inversão ao serviço do ritmo poético é uma figura de estilo considerada sintática que Ribeiro (s. d.) define como «a troca de posição entre o sujeito e o verbo. Na inversão não se intercala qualquer palavra alheia

ao grupo sintáctico». A inversão pode assumir outras formas como o hipérbato, a anástrofe, a prolepse, etc. Gomes recorre à inversão com frequência, constituindo o uso da mesma uma das suas marcas *tradautorais*.

(42)

Twarzycycki	ich, /	warte	odprawy	posłów,		
carinhas	suas	merecedoras	(de) expedição	(de) enviados		
Seus rostos miudinhos, / valendo uma expedição de deputados, /						
→						
dumnie	sterczą	na	szyjach /	godnych	oblężenia.	WS1: 30
orgulhosamente	alteiam	em	pescoços	dignos	(de) assalto	
dos colos dignos de um assédio / sobressaem orgulhosos.						JG: 31

Em (42), o tradutor equilibra o ritmo do verso, convertendo o diminutivo *twarzyćcki* ‘carinhas’ na forma amplificada *Seus rostos miudinhos*, e enfatizando o S da frase através da anástrofe³⁹ *dos colos dignos de um assédio / sobressaem orgulhosos*. A tradução destes versos ecoa a poesia escrita em língua portuguesa, conforme o atestam versos citados por Cunha e Cintra (1984/2014: 775): «Da pátria tombai no chão! (Fagundes Varela, *PC*, I, 159). Mas esse astro que fulgente / Das águias brilhara à frente (...) (Soares de Passos, *P*, 91-92)».

(43)

Jak	te	słówka	dźwięczą.	WS1: 76
como	estas	palavrinhas	ressoam	
Como elas vibram, estas palavritas.				JG: 77

O exemplo (43) ilustra como o tradutor empresta ritmo à frase com a repetição do mesmo referente através do uso do pronome e do nome, contrariando, para efeitos rítmicos e estilísticos, a prática corrente em PT que coloca o nome, em primeiro lugar, e o respetivo pronome, em segundo: *elas / palavritas*. A técnica sintática da deslocação à direita do sujeito (foco) levou o tradutor a pronominalizá-lo previamente. Repare-se ainda como a vírgula indica a pausa respiratória na leitura do verso. O exemplo evidencia outra marca característica de Gomes - o uso do diminutivo com o sufixo *-ito*, quiçá, um registo regional.

(44)

- Wielkie	i	puste	sale	- mówi	kamień - /
grandes	e	vazias	salas	diz	pedra
- Grandes salas e vazias – diz a pedra – /					

→

³⁹ «[U]m tipo de inversão que consiste na anteposição do determinante (PREPOSIÇÃO + SUBSTANTIVO) ao determinado» (Cunha e Cintra, 1984/2014: 775).

ale	w	nich	miejsca	nie	ma.	WS1: 60
mas	em	elas	lugar	não	há	
Só que lá não há lugar.						JG: 61

A inversão efetuada nos versos de (44) realiza-se com a alteração da ordem das palavras no sintagma: o TP apresenta os adjetivos antes do nome, de acordo com as regras da gramática polaca e o TC opta por separar os adjetivos, colocando-os antes e depois do nome e introduzindo a conjunção coordenativa *e* com valor enfático-estilístico.

A análise acima apresentada demonstra que, quanto à ordem das palavras na frase, o tradutor ordena as palavras, tendo em atenção o ritmo e a ênfase, revelando à-vontade na organização sintática, utilizando-a como forma de transmitir ao leitor um texto para ser lido, com ritmo e com a prosódia característica de um poema. Gomes não só não traduz literalmente a ordem das palavras na frase, mas também apresenta soluções tradutórias que não se regem pela fidelidade às palavras do TP e, sim, pela liberdade interpretativa e criativa do tradutor, sendo esta outra das suas marcas *tradautorais*. Esta marca *tradautorais* pode ser explicada à luz das técnicas da adaptação cultural e da estratégia da aceitabilidade que aproxima a tradução aos modelos de escrita da LC e à CC.

(45)

Tu	leży	staroświecka	jak	przecinek	autorka	paru	wierszy.	WS1: 42
aqui	jaz	antiquada	como	vírgula	autora	de uns	poemas	
Aqui jaz, antiquada como os tremas, a autora de uns poemas.								JG: 43

No exemplo (45), a palavra em apreço é *przecinek* 'vírgula', que Gomes traduziu como *trema* e que obviamente não constitui um erro de tradução, mas uma opção tradutória duplamente ponderada. Primeiro, porque o *trema*, tendo desaparecido do alfabeto do português, ilustra, metaforicamente, melhor do que a *vírgula* o que será um autor antiquado; segundo, porque a introdução da palavra *trema*, no plural, permite criar uma rima interna com *poemas*, técnica que empresta ritmo e musicalidade ao verso.

(46)

Nieobecność	przybrała	wygląd	horyzontu.	WS1: 56
ausência	tomou	aspeto	de horizonte	
Transformou-se a ausência em horizonte.				JG: 57

Se, no exemplo (45), era a liberdade de interpretação que estava em jogo, o exemplo (46) mostra como a liberdade para omitir pode estar ao serviço da prosódia e do estilo. A

deslocação do V para a esquerda, *Transformou-se*, dá origem ao eco intertextual camoniano, *Transformou-se o amador na coisa amada*, podendo o seu ritmo tripartido ter inspirado a tradução de *Transformou-se a ausência em horizonte*. O verso teria perdido ritmo com a tradução integral da expressão *wygląd horyzontu* ‘o aspeto do horizonte’.

(47)

(...) jaskółko,	ciszo	ostra,	żałobo	wesoła,	aureolo	kochanków,
andorinha (voc.)	silêncio (voc.)	afiado,	luto (voc.)	alegre	auréola (voc.)	de amantes
(...) andorinha, / gume do silêncio, pranto tão contente, / aura dos amantes, /						
→						
zmiłuj	się	nad	nimi.	WS1: 26		
tem	piedade	sobre	eles			
tem piedade deles.				JG: 26		

O exemplo (47) ilustra dois versos construídos, à semelhança das ladainhas, com o uso do vocativo. No caso de *ciszo ostra* ‘silêncio afiado!’, Gomes converte-o em *gume do silêncio*, uma tradução feita por metonímia, já que *ser afiado* é propriedade dos *gumes*; *żałobo wesoła* ‘luto alegre!’ é traduzido por metonímia - a causa (*o luto*) é substituído pelo efeito (*o pranto*). O que se perde na tradução é o vocativo. A metáfora, a metonímia ou a sinédoque surgem assim como técnicas da tradução literária.

A terceira marca *tradautoral* de Gomes manifesta-se num défice na competência linguística em polaco. O tradutor não domina o idioma e comete vários erros, que vão desde os falsos amigos até a erros de interpretação da cena e do guião (cf. IV Parte – Capítulo I – 7.5). Os exemplos de (36) a (38) a seguir apresentados ilustram diferentes tipos de erros.

(48)

Smoczek,	pieluszka,	śliniaczek,	grzechotka, (...)	WS1: 226
chupeta	fraldinha	babetezinho	guiso	
O dragão, a fralda, o guiso, o babete, (...)				JG: 227

O erro observado em (48) tem origem na homonímia, um fenómeno linguístico que diz respeito a palavras que têm a mesma forma mas significados diferentes. O seu significado é ditado pelo uso, pelo contexto em que a palavra é empregue. Em (48), a homonímia reside na palavra *smoczek* ‘chupeta’ versus *smoczek* (diminutivo de *dragão*) ‘dragãozinho’. A palavra *smoczek* não foi corretamente descodificada num contexto, onde se enumeram adereços de recém-nascido. Desconhecendo o sentido de *smoczek* como ‘chupeta’, o

tradutor interpretou *smoczek* como ‘dragãozinho’. O erro com origem na homonímia pode ser ainda visto como erro de interpretação na medida em que o poema descreve a primeira fotografia de Hitler e enumera atributos positivos e pacíficos de Hitler-bebé, de modo a que o leitor partilhe com a poetisa a ideia de que nada fazia prever que aquela criança se transformasse num assassino. O tradutor não desambiguou a palavra no seu contexto, cometendo um erro de interferência intralinguística na LP, conducente a um erro interlinguístico de tradução, cuja consequência é a introdução de um elemento perturbador no poema, justamente o que a poetisa quis evitar.

(49)

Ilu (...)	zapadło	w	ten	najgłębszy	sen.	WS1: 298
quantos	caíram	em	este	o mais fundo	sono	
Quantos (...) caíram nesse sonho mais fundo.						JG: 299

O erro do exemplo (49) proveniente do fenómeno da polissemia tem a ver com a palavra *sen* que, em PL, significa ‘sonho’ e ‘sono’. A polissemia é o fenómeno linguístico que se refere a um item linguístico que tem mais do que um significado (DT). Difere da homonímia, que abarca palavras de origens e significados diferentes, porque os diferentes significados das palavras polissémicas estão de alguma forma interligados semântica ou concetualmente. Tal como no caso da homonímia, só a interpretação adequada do contexto permite ao leitor e ao tradutor escolher o significado correto. Em (49), o tradutor optou pela escolha errada, porque não se apercebeu de que a desambiguação se encontrava na UF *zapaść w głęboki / najgłębszy sen* (SFJP II: 100) ‘cair num sono profundo’ ou ‘cair no mais profundo dos sonhos’. Acresce ainda frisar que também o adjetivo *najgłębszy* ‘o mais fundo’ ou ‘o mais profundo’ é polissémico. Trata-se, portanto, de um erro de natureza intralinguística na LP, conducente a um erro interlinguístico de tradução por falha na desambiguação contextual. Em resultado surge um verso problemático do ponto de vista semântico, que pode suscitar no leitor a dúvida sobre o que será *um sonho fundo*.

(50)

Paski,	guziki,	krawaty,	kołnierze.	WS1: 208
cintos	botões	gravatas	golas	
Cintos, botões, gravatas, colares.				JG: 209

No exemplo *supra*, constata-se novamente uma das figuras de estilo preferidas de Szyborska, a enumeração. Neste caso, são discriminadas peças de roupa masculinas, o que passou despercebido ao tradutor. O erro de tradução consiste na tradução de *kotnierze* ‘golas’ por *colares*, em polaco, *korale*.

As evidentes lacunas no conhecimento da LP por parte de Gomes poderão, em certa medida, explicar o motivo pelo qual não traduziu dois poemas incluídos na antologia polaca *Widok z ziarnikiem piasku*, designadamente, *Koloratura* [Coloratura] e *Urodziny* [Aniversário]. Os poemas que Gomes omitiu constituem problemas de tradução devido à rima, às aliteraões e aos jogos de palavras. Piotr Kamiński (*apud* Rusinek, 2016), tradutor da poesia de Szyborska para francês, considera *Urodziny* um poema intraduzível:

À pergunta se iria traduzir todos os versos, respondeu sinceramente que não, porque alguns são intraduzíveis. Por exemplo, *Aniversário*. Neste poema, surge a famosa „fatyga łodygi” [a fadiga do caule]. Em francês seria „fatigue de le pédicule”. Mas isso já não só não é a mesma coisa como é uma coisa completamente diferente (Rusinek, 2016: 68. T. n.).

No seguimento das lacunas linguísticas de Gomes, surge o projeto de tradução *Alguns gostam de poesia* de Milewska e Neves, que se afigura como tradução polémica, visto que pretende concorrer parcialmente com a tradução de Gomes, apresentando um modelo de tradução diferente. As diferenças constituem marcas *tradautorais* de Milewska e Neves e consubstanciam-se sobretudo em técnicas de tradução direta que refletem uma conceção tradutória, caracterizada pela escritora e tradutora polaca Magdalena Tulli (2001/2007: 432) como situada “um milímetro acima do TP”. Tal acaba por resultar numa prática que aproxima a tradução de poesia aos modelos de escrita em prosa.

Em primeiro lugar, e por oposição às liberdades que Gomes gozou no seu projeto de tradução, destaca-se como marca *tradautoral* de Milewska e Neves, a tendência para a tradução decalcada, tal como comprovado com o título do tomo: *Alguns gostam de poesia*.

(51)

Zostawiają	za	sobą	jakieś	swoje	wszystko, /
deixam	para trás	de si	uns tais	seus / de si	tudo
Deixam para trás um tal seu tudo, /					
→					
obsiane	pola,	jakieś	kury,	psy, (...)	WS3: 66
semeados	campos	umas	galinhas	cães	
campos semeados, umas galinhas, cães (...)					M&N2: 67

Deixam para trás um tal seu tudo é um decalque do PL, que deixa dúvidas quanto à correção linguística em PE, porque não é uma frase suscetível de ser proferida por um falante nativo (Toury, 1995/2012: 124). Uma proposta mais aceitável, em termos de norma, seria: ‘Deixam para trás muito do que é seu’ ou, traduzindo a expressão polaca mais sintética para uma construção portuguesa mais complexa sintaticamente, ‘Deixam para trás muito do tudo que é seu’.

(52)

Jakby	tutaj	nie	było	żadnych	kambrów,	sylurów,
como se	aqui	não	houve	nenhuns	câmbricos	silúricos
Como se por aqui não tivesse havido nenhuns câmbricos, silúricos,						

→

skał	warczących	na	siebie,	wypiętrzonych	otchłani, (...)	WS3: 10
rochas	rosnando	em	si próprias	erguidos em estratos	abismos	
rochas rosnando umas às outras, abismos sublevados (...)						M&N2: 11

Nos versos do exemplo (52) observam-se decalques que comprometem as normas linguísticas e estilísticas. Assim, a dupla negativa – típica do PL – é tautológica em PE e alonga desnecessariamente o verso de Szyborska, que é breve e incisivo. A conjugação perifrástica, *tivesse havido*, parece ser mais adequada a um texto de prosa do que de poesia, onde amiúde se encontram tempos verbais menos coloquiais, como *houvera*.⁴⁰ Ambas as técnicas de tradução redundam em amplificações e comprometem o ritmo do verso. Uma proposta de tradução do primeiro verso, que parece mais aceitável em termos estilísticos seria: ‘Como se por aqui não houvera câmbricos, silúricos (...)’. Por fim, *abismos sublevados* é uma tradução ambígua, que o contexto não esclarece; podem ser ‘abismos que se elevam em camadas ou estratos’ ou ‘abismos revoltosos’. O exemplo (52) ilustra um tipo de decalque que resulta em verbosidade, o que coloca em risco o ritmo e o estilo.

(53)

Tylko	dwie	rzeczy	mogę	dla	nich	zrobić -
só	duas	coisas	posso	para	eles	fazer
Só duas coisas posso por eles fazer:						

→

opisać	ten	lot	i	nie	dodawac	ostatniego	zdania.	WS2: 236
descrever	este	voo	e	não	acrescentar	última	frase	
descrever este voo e não acrescentar a última frase.								M&N1: 237

⁴⁰ Recorde-se, a propósito, o verso camoniano «E se mais mundo houvera, lá chegara» (*Os Lusíadas*, VII).

O exemplo (53) dá-nos conta de um decalque sintático aceitável no âmbito da estratégia da adequação, que não incorre em transgressões, nem à norma linguística, nem ao ritmo.

Dos exemplos acima analisados, a tradução decalcada parece ter origem na interferência da LP, que nem sempre é negativa. Não obstante, o tradutor tem de ponderar os limites da aceitação do decalque e a sua correlação com o ritmo poético.

A segunda marca *tradautoral* de Milewska e Neves observada é a fidelidade às formas gramaticais. A tradução de poesia é justamente o campo que mais liberdade oferece ao tradutor, porque, conforme defende Barańczak (1992), as dominantes semânticas devem prevalecer em detrimento de características formais de menos importância. Nas traduções de Milewska e Neves depara-se amiúde com o tipo de escrita tradutória que sobrepõe as características formais às dominantes semânticas, conforme se ilustra de (54) a (56).

(54)

Z	tą	wiarą	lżej	im	będzie	i	żyć	i	umierać.	WS2: 165
com	esta	fé	mais leve	lhes	será	e	viver	e	morrer	
Com essa fé, mais leve ficar-lhes-á viver e morrer.										M&N1: 165

(55)

Stąpnę	i	nagle	zapadnę	cała, (...)
colocarei o pé	e	de repente	atolarei	toda
Ponho o pé e, de súbito, afundar-me-ei, (...)				

→

Potem	kałuża	wyschnie,	zamknie	się	nade	mną, (...)	WS2: 234
depois	poça	secará	fechará	se	sobre	mim	
Depois a poça secar-se-á, / fechar-se-á por cima de mim, (...)							M&N1: 235

(56)

Długi	będą	ściągnięte	ze	mnie	wraz	ze	skórą.	WS2: 216
dívidas	serão	tiradas	de	mim	junto	com	pele	
As dívidas ser-me-ão esfoladas junto com a pele.								M&N1: 217

Nos três exemplos *supra* ocorrem verbos conjugados pronominalmente no futuro do indicativo: *ficar-lhes-á viver; afundar-me-ei; secar-se-á; fechar-se-á; ser-me-ão esfoladas*. Todos eles são casos de mesóclise. O que está em causa não é a justeza da tradução e, sim, o choque do seu efeito sonoro e estilístico nos poemas, bem como a tolerância à sua ocorrência em textos poéticos.⁴¹ Para estes casos, existem outras soluções tradutórias

⁴¹ A fim de auscultar a probabilidade destas formas verbais ocorrem em poesia foram escrutinadas três obras comparáveis, volumes de poesia, escritos por poetas portugueses canonizados: *A Mensagem* de Fernando

como p. ex.: ‘Com essa fé, viver e morrer será para eles mais leve’ ou ‘Com essa fé, será para eles mais leve viver e morrer’(ex. 54). No exemplo (55), os verbos no futuro perfetivo em PL podem ser traduzidos pelo presente do indicativo em PE, porque a ideia não se altera, p. ex.: ‘Se ponho o pé, afundo-me (...) a poça seca (...) e fecha-se sobre mim’.

O exemplo (56) representa um problema tradutório que consiste no facto de as duas colocações polacas em foco terem o mesmo verbo como suporte, *ściągac* ‘(re)tirar’, o que não acontece em PE: *ściągac długi* ‘cobrar dívidas’ e *ściągac skórę* ‘tirar a pele’. A polissemia do TP desaparece na tradução: *As dívidas ser-me-ão esfoladas / junto com a pele*. Qualquer proposta de tradução para português destes dois versos implica perdas; nesta secção, porém, a questão prende-se com o emprego da mesóclise. Como solução alternativa apresenta-se, p. ex.: ‘Dívidas minhas serão cobradas e a pele esfolada’. De acordo com Herberto Helder (*apud* Barrento, 2002: 63), não há fidelidade mais bizarra do que a fidelidade gramatical.

O rigor gramatical normativo-tradicional demonstrado por Milewska e Neves encontra paralelo na aplicação regular da ordem SVO. Sendo a poesia o lugar da inversão por excelência, a tendência para a tradução das frases por meio da ordem SVO afasta o texto poético do género a que pertence para o aproximar da prosa. O facto de esta ser uma das marcas *tradautorais* de Milewska e Neves não significa que os tradutores não utilizem a inversão, o que também acontece; significa antes que a ordem SVO podia ter sido evitada em prol do efeito de equivalência estilística, conforme se lê nos exemplos de (57) a (59).

(57)

Wydziedziczona	z	przedmiotów	mrowiła	się	przestrzeń.	M: 56
Deserdada	de	objetos	formigava	se	espaço	
O espaço deserdado dos objetos fervilhava.						M&N: 57

Pessoa (1934/2010); *Cem poemas de Sophia* de Sophia de Mello Breyner Andresen (2004) e *A colher na boca* de Herberto Helder (1961/1981). Em nenhum dos três se observaram ocorrências semelhantes, nem mesmo no extenso volume de Herberto Helder, cujo estilo literário denota afinidade com a prosa poética. Ao que tudo indica os poetas evitam o emprego de verbos conjugados pronominalmente com mesóclise. Tal porém não significa que não empreguem verbos conjugados reflexa e pronominalmente no futuro; pelo contrário, fazem-no, mas com a aplicação da inversão, conforme o provam os exemplos: «O poema me levará no tempo» (Andersen, 2004: 51); «O real o mostrará» (Andersen, 2004: 75); «Sua passagem se confundirá com o rumor do mar» (Andersen, 2004: 56); «E mais uma vez me perderei» (Helder, 1961/1981: 29). Constata-se que os poetas se furtam a formas como: *O poema levar-me-á no tempo* ou *E mais uma vez perder-me-ei*.

Não só a anástrofe patente na frase no TP como também a metáfora veiculada pela polissemia de *formigar* poderiam ter sido preservadas no TC. A expectativa inicial com a tradução decalcada do título da antologia depara-se com um número significativo de exceções. Assim, por exemplo, em (57) teriam sido expectáveis soluções tradutórias mais rítmicas, como: ‘Deserdado dos objetos, o espaço formigava’ ou ‘O espaço formigava, deserddado dos objetos’ ou ainda ‘Formigava o espaço, deserddado dos objetos’.

(58)

Na	mojej	własnej	potrzebie	uwielbienia /
em/sobre	minha	própria	necessidade	de adoração
A minha necessidade de que a hierarquia se renova a cada dia /				

→

opieram	przekonanie	o	co	dzień	odnawianej	hierarchii.	M: 84
baseio	convicção	sobre	cada	dia	renovada	hierarquia	
provém da necessidade pessoal de adoração.							M&N2: 85

No exemplo (58), a repetição da palavra *necessidade* e o uso da oração subordinada, bem como a ordem SVO do PE convertem o texto poético polaco em prosa na LC. Neste caso, afiguram-se outras opções mais favoráveis à preservação do ritmo poético, tal como: ‘Por necessidade de adoração, minha convicção é baseada / numa hierarquia todos os dias renovada’.

(59)

Różowe	owoce	morza /	sypią	na	stoły	przekupnie, (...)	M: 14
cor de rosa	frutos	(de) mar	deitam	em	mesas	feirantes	
Os feirantes despejam nas bancas róseos mariscos.							M&N1: 15

No exemplo (59), o TP exhibe a ordem OVS, frequente em PL, realçando o valor enfático do complemento direto. Já o TC com ordem SVO coloca a tónica no sujeito. Para preservar na tradução o significado da ordem das palavras no TP, a língua portuguesa dispõe de várias estruturas sintáticas equivalentes (*cf.* IV Parte – Capítulo III).

Os exemplos acima analisados representam frases traduzidas corretamente do ponto de vista estrutural, mas colocam a questão de saber se transmitem o escopo da tradução literária, *i. e.*, se nelas é preservado o efeito de equivalência estilística característico da poesia. Para Nord (1991: 201), um dos escopos da tradução literária é alcançar uma tradução equivalente a nível estilístico [(*cf.* equivalência estilística de Nida (1964: 159)]. O objetivo da tradução literária é tanto igualar a mensagem traduzida, em termos de

correspondência ou equivalência, como elaborar um texto, cuja leitura proporcione ao leitor da CC sensações estéticas semelhantes às do leitor da CP com base no efeito de equivalência estilística, obtido através de um modo de expressão mais adequado ao gênero literário da CC. A tradução de Gomes parece, por conseguinte, concretizar com mais propriedade o efeito de equivalência estilística próprio da poesia. A explicação para tal assenta nas diferentes estratégias e tendências tradutórias – Milewska e Neves, ao serviço da adequação, trabalham com a palavra como UT, enquanto Gomes, ao abrigo da aceitabilidade, leva em atenção a frase e o enunciado na qualidade de unidades prosódicas.

5.2. Marcas *tradutorais* de Wódkowski, Charchalis e Charchalis, Szymaniak e Leão e Rodrigues

A análise das marcas *tradutorais* observadas na escrita tradutória em prosa começa cronologicamente com a caracterização do trabalho de Wódkowski. O estudo das normas iniciais, com base numa amostra de 500 palavras, apurou que *Tommaso del Cavaliere* foi a tradução mais homoganeamente adequada; logo, esta será a marca global mais singular de Wódkowski que, para além disso, se destacou, na referida amostra, como o tradutor de prosa que menos segmentos frásicos omitiu, o que nos leva a inferir o seu entendimento do ofício da tradução como uma arte muito próxima da letra do TP. De entre as marcas *tradutorais* deixadas por Wódkowski sobressaem o enobrecimento lexical, a atenção à ordem das palavras na frase e a tendência para a topicalização dos modificadores do GV.

Nas listas das estratégias e técnicas de tradução dos autores consultados não consta o procedimento acima denominado como *enobrecimento*, porque, na verdade, se trata de uma tradução por sinonímia que Chesterman (1997: 102) descreve como «this strategy selects not the “obvious” equivalent but a synonym or near-synonym for it, e.g. to avoid repetition». Na tradução efetuada por Wódkowski, verter uma palavra do TP pelo seu sinónimo na LC não resulta da tendência para evitar a repetição de palavras e, sim, na tendência para nobilitar o texto traduzido; logo, trata-se de um procedimento de natureza estilística que presumivelmente Wódkowski considerou adequado ao tipo de texto literário que traduzia. O termo *enobrecimento* aparece em Berman (1985/1997: 47) como tendência deformante do TP a evitar pelos tradutores em prol da *tradução da letra*. De igual modo Eco (2005: 97) defende que «(...) a regra deve ser a de nunca enriquecer, mesmo

quando se tem essa tentação, o léxico do autor». Independentemente dos juízos de valor, aos EDT compete a identificação, descrição e explicação do fenômenos tradutório. De acordo com Berman (1985/1997: 47), o *enobrecimento* é um exercício de estilo, no qual *enobrece* significa tornar a tradução mais nobre e bela do que o original, sendo tal conseguido por intermédio de um léxico mais rebuscado e da produção de frases elegantes. O *enobrecimento*, uma técnica que pende mais para a aceitabilidade do que para a adequação, é uma das marcas *tradutorais* de Wódkowski e consubstancia-se na tradução de palavras, cujo registo é informal no TP e, no TC, é formal, literário, porventura, livresco, bem como na amplificação sintática, conforme se ilustra nos exemplos de (60) a (62).

(60)

Uroczystość	odbyła	się	w	tajemnicy, (...)	JS: 6
celebração	realizou	se	em	segredo	
As exéquias realizaram-se em segredo (...)					W: 10

(61)

Żaluje,	że	namawiałam	Mistrza	i	że	uległ	mojej	prośbie (...)	JS: 22
lamento	que	convencia	mestre	e	que	cedeu	meu	pedido	
Tenho pena de ter insistido tanto e de o Mestre ter cedido aos meus rogos (...)									W: 25

(62)

Daniela	wpatzonego	w	twarz	Mistrza	zastał	Realdo Colombo,
a Daniel (ac.)	de olhar fixo	em	cara	de mestre	encontrou	Realdo Colombo (nom.)
Quando chegou Realdo Colombo, o mais insigne dos anatomistas,						
→						
najznakomitszy		anatom.				JS: 77-78
o mais ilustre		anatomista				
encontrou Daniello absorvido na contemplação do rosto do Mestre.					W: 82	

A marca *tradutoral* acima exemplificada, sendo característica de um falante nativo do polaco levanta questões de diversa índole. Por um lado, pode conceber-se que a preocupação com o estilo literário da tradução, possa ter levado o tradutor a empregar termos que se situam num registo literário mais formal e mais solene do que o registo informal do TP, p. ex., *exéquias* em vez de ‘celebrações fúnebres’; *rogos* no lugar de ‘pedidos’ e *absorvido na contemplação* ao invés de ‘com os olhos fixos em’. Por outro lado, o enobrecimento da tradução também pode ser explicado pela dificuldade do tradutor em categorizar o estilo na LC. O facto de Wódkowski ser falante nativo do polaco e ter estudado português, na Polónia, talvez explique a tendência observada, na medida em que a

linguagem (livresca) do tradutor pode constituir um reflexo das leituras obrigatórias dos clássicos da literatura portuguesa feitas ao longo de cinco anos de estudos.⁴²

A segunda marca *tradautoral* de Wódkowski manifesta-se no uso recorrente de uma construção sintática da língua portuguesa, a deslocação à esquerda clítica (DEC)⁴³ do complemento direto (O) e do complemento indireto (OI), como forma de tradução das frases polacas, cujo primeiro constituinte é o O ou OI. Como o PL apresenta seis padrões de alinhamento morfossintático, a ordem dos constituintes da frase é matéria da sintaxe e da semântica, uma vez que as diferentes ordens assumem significados diferentes (cognitivos, lógicos, estilísticos, etc.). Numa curta novela de formato de bolso com 85 páginas e tamanho de letra superior ao padrão, foram contabilizadas nove ocorrências de DEC do O e oito de DEC do OI. Comparativamente com traduções das mesmas dimensões, *O Diário de Rutka* apresenta apenas duas ocorrências de DEC do OI enquanto em *O outro* não se encontra nenhuma. Os dados comparativos confirmam que a DEC pode efetivamente ser considerada uma marca *tradautoral* de Wódkowski. A construção sintática DEC consiste em iniciar a frase com o Objeto (O ou OI), ao qual se segue o Verbo e a retoma do O ou do OI através do pronome pessoal (o clítico acusativo ou dativo), conforme exibido nos exemplos de (63) a (65).⁴⁴

(63)

A	chwile	spokojne	spędzał	w	pracowni.	JS: 44
e	instantes	calmos	passava	em	estúdio	
Os momentos de trégua passava-os no seu estúdio.						W: 49

(64)

Największe	dobro	zawdzięczamy	szaleństwu.	JS: 37
maior	bem	devemos	a loucura	
O maior bem devemo-lo à loucura.				W: 41

⁴² O tópico da possível relação entre a escolha de um estilo equivalente na tradução e o facto de o tradutor não ser falante nativo da LC será novamente abordado a propósito das marcas *tradautorais* de Rodrigues.

⁴³ A DEC consiste na deslocação para a esquerda (o início) da frase dos complementos direto ou indireto e na sua retoma pelo clítico acusativo ou dativo, respetivamente (Duarte, 2013: 415).

⁴⁴ Lança-se ainda a hipótese de que a DEC possa ser uma marca da tradução direta PL-PE (eventualmente, de outras línguas eslavas), já que no texto comparável escolhido para o efeito, *Duas histórias de Lisboa* de David Mourão-Ferreira (1987), um texto literário com características semelhantes e escrito na mesma época da tradução, apenas se observou uma ocorrência de DEC: «a prova dos nove da sua popularidade encontrava-a todas as semanas o Adrião Quintas, nos próprios estudos da RTP» (Ferreira, 1987: 38).

(65)

Nic	nie	zostawie	Lionardowi.	JS: 61
nada	não	deixarei	a Lionardo	
A Lionardo não lhe deixarei nada.				W: 66

O uso da DEC na tradução de frases com ordem OV(S) ou OIV(S) em PL, mesmo tendo origem na interferência da LP, revela a sensibilidade e o expediente do tradutor face ao significado enfático e estilístico transmitido pelos referidos padrões de alinhamento.

A terceira marca autoral de Wódkowski tem a ver com a topicalização dos modificadores verbais, fenómeno linguístico que Eliseu (2008) assim descreve:

[n]a ordem básica em Português Europeu os complementos e os modificadores (adjuntos) surgem à direita do verbo; V O / V OI / V OBL. Quando um destes constituintes funciona como um Tópico (...), o locutor pode assinalar tal facto, colocando esse constituinte na posição inicial da frase (Eliseu, 2008: 119).

Chama-se topicalização à deslocação para o início da frase do constituinte frásico que se quer realçar. A topicalização dos modificadores do GV é uma prática tradutória recorrente em Wódkowski que assim aproxima a linguagem da tradução ao estilo das obras literárias e, inclusivamente, ao estilo bíblico, tal como observado nos exemplos *infra* de (66) a (68).

(66)

Wytarła	grzybietem	ręki	łzy (...)	JS: 83
limpou	com costas	de mão	lágrimas	
Com as costas da mão enxugou as lágrimas (...)				W: 89

(67)

Wszystko	wtedy	potrafił	wyjaśnić (...)	JS: 20
tudo	então	conseguiu	esclarecer	
Naquela altura era capaz de esclarecer tudo (...)				W: 24

(68)

Bękarci	kardynałów	roili	się	na	placach.
bastardos	de cardeais	enxameavam	se	em	praças
Nas praças pululavam os bastardos dos cardeais,					

→

Ulice	rozbrzmiewały	sprośną	pieśnią.	JS: 19-20
ruas	ecoavam	com obscena	canção	
nas ruas ressoavam canções obscenas.				W: 23

Os exemplos *supra* ilustram a topicalização do modificador (M) do GV, composto por SP. Em (66), o M *Com as costas da mão* encontra-se topicalizado na tradução; outras ocorrências atestam a marca tradautoral em destaque, tais como: *Com os olhos fechados*

(...) (W: 47) *Contra a sua própria natureza* (...) (W: 52); *Desde a infância* (...) (W: 52) *Com um aceno de cabeça* (...) (W: 80); *Com uma toalha* (...) (W: 88), etc..

(67) ilustra a influência dos textos bíblicos e o seu eco na tradução sob a forma da expressão *Naquela altura*, uma tradução livre de *wtedy* ‘então’, topicalizada e recorrente noutras passagens (cf. W: 49), também sob a forma de *Naquele tempo* (W: 24).

O exemplo (68) ilustra como a topicalização do M de lugar, *Nas praças*, acaba por inspirar na oração seguinte, a topicalização de *nas ruas*, formando assim o paralelismo sintático, *nas praças / nas ruas*, o que atesta a atenção prestada pelo tradutor à prosódia da frase, bem como à construção de frases sintaticamente elaboradas, neste caso, por coordenação. Porém, esta técnica acaba por implicar a alteração do sujeito na segunda oração: em PL, o sujeito são *ulice* ‘as ruas’ e em PE, *canções obscenas*.

No âmbito do estudo de marcas *tradutorais*, apresentam-se de seguida aquelas que foram consideradas as mais distintivas na escrita tradutória do par Charchalis e Charchalis. No seio da tendência para a adequação, destacam-se, neste caso, as construções sintáticas da LP traduzidas por decalque. Embora, no apuramento das normas iniciais a nível sintático, a amostra tenha colocado Charchalis e Charchalis em terceiro lugar (70%) quanto à tradução literal da ordem das palavras na frase, a diferença entre estes tradutores e Rodrigues (71.2%) não parece significativa. Charchalis e Charchalis são persistentes na tradução literal da ordem dos constituintes das frases polacas, muitas das vezes denotando decalque sintático; por isso, esta é considerada uma das suas marcas *tradutorais*. A segunda característica prende-se com aspetos lexicais, nomeadamente, com a tendência para o empobrecimento e, a terceira, diz respeito a aspetos ortográficos.

Ao optar pela adequação da tradução ao TP, Charchalis e Charchalis revelam coerência e persistência no seu comportamento tradutório, no que toca à sintaxe, levando as possibilidades da língua portuguesa a um extremo inteligível para que os modos de expressão característicos do autor traduzido possam marcar presença na tradução. Tal é conseguido porque os tradutores forçaram a tolerância gramatical da língua portuguesa sem infringir o código para levar o leitor até ao universo mental do autor e à sua maneira

de se exprimir. A tradução literal decalcada, aquela que aproxima o leitor do autor, tal como desejava Scheiermacher (1913/2003) é exemplificada de (69) a (71).

(69)

Na	torze,	na	platformach,	na	schodkach	żadnych	śladów	krwi,	nigdzie
em	linha	em	plataformas	em	escadinhas	nenhuns	rastos	de sangue	nenhures
Na linha, nas plataformas, nas escadas, nenhuns rastos de sangue, nenhum ferido ou morto.									

→

rannych	ani	zabitych.	Wnętrza	wagonów	również	puste	i	głuche.	G: 110
feridos	nem	mortos.	Interiores	de carruagens	também	vazios	e	surdos	
Os interiores da carruagem também vazios e silenciosos.									C&C: 163

O TC em (69) segue a ordem das palavras da frase no TP, sendo um exemplo de adequação. A tradução direta e literal apresenta duas frases sem verbos, o que é característico do PL, mas não do PE que, ainda assim, permite construções frásicas sem predicado. Propõe-se, a seguir, uma versão no âmbito da aceitabilidade que permite compreender melhor a diferença entre as estratégias: ‘Na linha, nas plataformas, nas escadas não havia quaisquer rastos de sangue, quaisquer feridos ou mortos. Os interiores das carruagens também estavam vazios e silenciosos’. A estratégia da aceitabilidade implicaria a introdução dos verbos nas frases e a construção da negativa com *quaisquer* em vez de *nenhuns*.

(70)

Z	utrata	służby	usuwał	mu	się	grunt	pod	nogami,
com	perda	de serviço	afastava	lhe	se	chão	debaixo	de pés
Com a perda do serviço, perdia a terra debaixo dos pés,								

→

rozwierata	czarna,	bezdenna	otchłań	bezelowości	życia.	G: 67
abria	preto	sem fundo	abismo	de inutilidade	de vida	
abria-se o negro abismo da vida sem sentido.						C&C: 102

É na tradução de expressões idiomáticas que as estratégias da adequação e aceitabilidade mais se evidenciam. Charchalis e Charchalis traduzem unidades fraseológicas (UT) literalmente do PL para o PE, quando o seu sentido também é transparente na LC. A tradução em (70), para além da preservação da ordem dos constituintes da frase polaca, é marcada pela tradução literal da expressão idiomática *(s)tracić grunt pod nogami* (SFJP I: 266) ‘perder chão debaixo dos pés’ que o próprio autor, Grabiński, alterou para *komuś usuwać grunt pod nogami* ‘tirar a alguém o chão debaixo dos pés’. A UF polaca significa que alguém se sente ameaçado ou perdeu a autoconfiança. Em PE, existe uma expressão afim,

fugir a terra debaixo dos pés, mas os tradutores optaram pela tradução literal da expressão polaca e acabaram por estabelecer um jogo de palavras com o N *perda* e o V *perder*: *Com a perda do serviço, perdia a terra debaixo dos pés (...)*. Ao longo da tradução, repara-se que o par de tradutores presta atenção ao estilo literário, em particular, à prosódia e aos paralelismos, conforme observado em (70).

(71)

A	zawsze	go	coś	ciągnęto	do	kolei.	G: 6
e	sempre	o (a ele)	algo	atraía	para	comboios	
E sempre algo o atraía para os comboios.							C&C: 13

O exemplo (71) ilustra a tradução literal da ordem das palavras da frase, com exceção da troca de posição entre *algo* e *o* que é ditada pelo clítico na LC. O que se evidencia no enunciado traduzido é a posição pré-verbal do advérbio *sempre*, uma característica do PL que foi transferida para a tradução. Em PE, o advérbio *sempre* é canonicamente colocado em posição posição pós-verbal (p. ex.: *Chegas sempre atrasado.*), ressalvando os casos em que, empregue enfaticamente para manifestar surpresa, surge em posição pré-verbal (p. ex.: *Sempre chegaste a horas!*). Na tradução em apreço, a versão canónica seria: ‘E havia sempre algo que o atraía para os comboios’. O facto de Charchalis e Charchalis colocarem amiúde o advérbio *sempre* em posição pré-verbal (C&C: 26; 59; 66; 68 [2x]; 81, 95, etc.) parece resultar mais de uma interferência do PL do que de um uso enfático deliberado [cf. *O comboio sempre o deixava num outro lugar.* (C&C: 81)] e constituir uma das suas marcas *tradautorais*.

Outra marca *tradautoral* de Charchalis e Charchalis manifesta-se num certo empobrecimento lexical. Berman (1985/1997: 49) considera-o uma deformação tradutória, designando o fenómeno como *empobrecimento quantitativo*, que avulta em perdas lexicais no TC:

Toda a prosa apresenta uma certa proliferação de significantes e de cadeias (sintácticas) de significantes. A grande prosa romanesca ou epistolar é “abundante”. Apresenta, por exemplo, significantes não-fixados, na medida em que o importante é que, para um significado, haja uma multiplicidade de significantes» (Berman, 1985/1997: 49).

O que acontece na escrita tradutória deste par de tradutores é que a variedade lexical fica reduzida pelo uso de repetições ou de hiperónimos. Os exemplos seguintes ilustram esta marca *tradautoral* no seio dos domínios concetuais: CAMINHOS-DE-FERRO, HABITAÇÃO e SOM.

(72)

(...) torów (...)	(...) linii (...)	(...) pętlicę (...)	G:3
carris	de linha	nó ferroviário	
(...) a linha (...)	(...) da linha (...)	(...) a linha (...)	C&C: 9

(73)

(...) mieszkanie (...)	(...) budka (...)	(...) budynek (...)	(...) dom (...)	(...) sadyba (...)	G: 4
apartamento	casebre	edifício	casa	pardieiro	
(...) casa (...)	[omissão]	(...) casa (...)	(...) casa (...)	(...) casa (...)	C&C: 7

Em relação ao léxico relacionado com CAMINHOS-DE-FERRO, no exemplo (72), o TP apresenta três termos – *linia* ‘linha’, *tor* ‘trilho’ e *pętlica* ‘nó ferroviário’, enquanto a tradução os reduz à palavra *linha*.

O exemplo (73) remete para o domínio concetual HABITAÇÃO. O TP apresenta palavras como *mieszkanie* ‘apartamento’, *budka* ‘casebre’, *budynek* ‘edifício’, *dom* ‘casa’ e *sadyba* ‘pardieiro’ que são vertidas para a LC através do hiperónimo *casa* ou omitidas.

Quanto ao domínio concetual do SOM, selecionado para ilustrar o empobrecimento lexical na escrita tradutória de Charchalis e Charchalis, a sua abordagem constitui o tópico em estudo na secção *Quando o marulho é barulho* (Capítulo I da IV Parte).

O fenómeno tradutório em foco é explicável à luz do universal de tradução da *simplificação* (Baker, 1996: 176): «the idea that translators subconsciously simplify the language or message or both». A tendência tradutória para simplificar a linguagem dos TP concretiza-se, entre outros, na redução da variedade lexical dos TP, o que está presente na tradução de Charchalis e Charchalis. Atendendo aos exemplos (72) e (73), bem como à supramencionada secção *Quando o marulho é barulho*, a simplificação lexical ou redução da variedade lexical tanto pode ocorrer como resultado de inaptidão tradutória como do facilitismo que os tradutores concedem a si próprios. A simplificação será, portanto, entendida aqui como um procedimento que afasta o TC em relação ao TP, conduzindo ao empobrecimento quantitativo do tecido textual da tradução (Berman, 1985/1997: 94).

A terceira marca *tradautoral* de Charchalis e Charchalis remete para um aspeto ortográfico que se prende com a preservação na íntegra do alfabeto polaco, transcrito com todos os seus sinais diacríticos. Os tradutores revelam zelo e coesão na transcrição correta dos nomes próprios polacos com consoantes e sinais diacríticos inexistentes na língua

portuguesa. Esta prática contribui para a estratégia da adequação, causando o efeito de estranheza pretendido por Scheiermacher (1913/2003) e Venuti (1995). Assim, encontram-se na tradução nomes próprios e topónimos como: *Zbąszyń* e *Luśnia* (C&C: 14); *Błazek Boroń* (C&C: 25); *Księżę Gaje* (C&C: 29); *Bieżawa*, *Przełęcz* e *Grańczary* (C&C: 69-70); *Żadurski* (C&C: 75), por lapso *Ładurski* nas páginas 73 e 74; *Szygoń* (C&C: 83), etc. A correta transcrição dos nomes próprios e dos topónimos acentua o facto de serem nomes polacos, evidencia o seu carácter exótico e demarca uma distância cultural que levará o leitor a viajar mentalmente até ao estrangeiro (Venuti, 1995: 20).

A precisão ortográfica constitui marca *tradautoral* de Charchalis e Charchalis não só por contraste com os restantes tradutores que não utilizam o alfabeto polaco, mas também em oposição aos próprios editores que não preservam o alfabeto polaco nos nomes dos autores traduzidos. Apesar do rigor alfabético dos tradutores, na capa de *O demónio do movimento*, o nome do autor é *Stefan Grabinski* e, não, *Grabiński* (com *ń*). O mesmo se passa com as obras de Kapuściński, onde o nome do escritor aparece como *Kapuscinski* (sem *ś* e *ń*). O próprio tradutor também não fez questão que lhe corrigissem o nome, que se apresenta como *Włodzimierz Józef Szymaniak* em vez de *Włodzimierz Józef Szymaniak* (com *ł* e *ó*). Inicialmente, em 1996, a editora Relógio d'Água também não prestou atenção a este aspeto e Szymborska surge como *Wisława* (sem *ł*); porém, no volume *Instante*, publicado em 2006, o nome próprio da poetisa já surge corretamente escrito na capa. O mesmo aconteceu com a Editora Cavalo de Ferro que, em 2004, já escreveu corretamente os nomes e os apelidos de *Czesław Miłosz* e de *Wisława Szymborska*. Parece pois existir uma tomada de consciência crescente entre editores e tradutores no sentido de respeitar o alfabeto polaco e o direito do Outro à transcrição correta do seu nome.

No seguimento do estudo de *marcas tradautorais*, os próximos parágrafos são dedicados à escrita tradutória singular de Szymaniak e Leão, cujas traduções se aproximam mais das normas de escrita literária da CC (aceitabilidade) do que as restantes. Para usar as palavras de Venuti (1995), o referido par executa as traduções mais fluentes e transparentes, sem que tal queira dizer que sejam invisíveis, uma vez que, pelo contrário, são precisamente eles que apresentam um maior número de singularidades, que os torna bem visíveis.

A escrita tradutória de Szymaniak e Leão apresenta-se, no contexto comparativo do presente estudo, como aquela que mais se assemelha à escrita dos escritores falantes nativos do PE, representando um daqueles casos em que costuma dizer-se que a tradução parece um original. Traduzir como quem escreve na sua língua materna significa apagar a tradução como género literário particular, «una disciplina sui generis» (Gasset, 1937/2013: 46), o que é alcançado com procedimentos tradutórios «no sentido de tornar a obra mais familiar ao público da cultura de chegada» (Miranda e Pinto, 2009: 95).

Entre os procedimentos tradutórios empregues a nível lexical, conta-se uma significativa profusão tradutória, bem como o uso idiossincrático de determinadas palavras. A nível da frase, salientam-se construções sintáticas fluídas, quiçá a marca *tradautoral* mais relevante nas traduções de Szymaniak e Leão, que recorrem ainda com frequência à omissão, à repetição e ao paralelismo. Por fim, sobressai a sua tendência para a tradução livre.

Estudar o léxico da obra a traduzir é uma das tarefas prévias ao ato de tradução (Nord, 1991), pois só assim o tradutor poderá transmitir o que Berman (1985/1997: 51) designa como *redes significantes subjacentes, i. e.*, as palavras que constituem e estruturam o tecido lexical do TP. O estudo prévio do léxico permite identificar palavras que pertinentemente se repetem (*cf. vista/paisagem*) e palavras que regressam, «formando, nem que seja pela sua semelhança ou pela sua perspectiva, uma rede específica» (Berman, 1985/1997: 51). Na tradução de Szymaniak e Leão acontece o inverso: os tradutores não preservam as palavras reiteradas, dando asas à sua imaginação em busca de sinónimos. Os casos mais evidentes do referido fenómeno tradutório são a tradução da palavra *notable* e da expressão *czcigodny pan*, frequentes no TP *Cesarz* que, na pena de Szymaniak e Leão, assumem os mais variados cambiantes de sentido, conforme atestado de (74) a (76).

O termo *notable* designa, em polaco, os cidadãos mais ilustres de uma cidade ou de uma região (SJP II: 394); na reportagem *Cesarz / O Imperador*, o termo surge repetidamente para referir os ilustres colaboradores do regime de Haile Selassie. Os tradutores, porém, envidam esforços para diversificar a tradução de *notable* ‘os notáveis’, o que acaba por dificultar ao leitor a identificação do grupo social em causa, conforme abaixo se ilustra:

(74)

(...) notable (...)	K1: 31; 32; 43; 69; 70; 80; 82; 100; 107; 113
notáveis	
(...) os ladrões (...)	S&L1: 37; S&L1: 38;
(...) os gerifaltos (...)	S&L1: 38;
(...) os dignitários opressores(...)	S&L1: 48;
[omissão] (...) altos dignitários (...)	S&L1: 79; S&L1: 94;
(...) caciques (...)	S&L1: 114; S&L1: 122;
(...) dignitários (...)	S&L1: 128
(...) pessoas importantes (...)	

Os exemplos reunidos em (74) mostram que o espectro de tradução da palavra *notable* é não só muito diversificado como imbuído de conotações opostas que vão de *dignitários* a *ladrões*. O mesmo tipo de profusão lexical ocorre com o epíteto do Imperador, *dostojny pan*, que os tradutores vertem ao sabor da pena e da ocasião, conforme ilustrado em (75).

(75)

(...) dostojny pan (...)	K1: 9; 10; 14; 24; 25; 27; 32; 36; 47; 63
distinto senhor	
(...) Insigne Senhor (...); (...)	S&L1: 12; S&L1: 13;
Respeitável Senhor (...);	S&L1: 14; S&L1: 18;
(...) Grande Senhor (...); (...)	S&L1: 29; S&L1: 32;
ilustre Senhor (...);	S&L1: 33; S&L1: 42;
(...) Sua Majestade (...); Digníssimo Senhor (...);	S&L1: 71
(...) Excelso Senhor (...); Benemérito Senhor (...);	
(...) Venerável Senhor (...)	

Para além da prolixidade lexical, o exemplo (75) ilustra ainda diferenças ortográficas entre o PL e o PE no que respeita ao uso de letras minúsculas e maiúsculas em epítetos pessoais, bem como a tendência para a aceitabilidade dos tradutores.

Por fim, escolheu-se a palavra *korespondenci* ‘correspondentes’ (no sentido de pessoa/jornalista que escreve correspondências para periódicos) que ocorre num breve fragmento da reportagem e para a qual os tradutores encontraram três versões.

(76)

(...) korespondenci (...)	K1: 80; 81
correspondentes	
(...) repórteres (...); correspondentes (...); jornalistas (...)	S&L1: 91; S&L1: 91; S&L1: 92

Tomando posição face ao fenómeno tradutório da prolixidade tradutória, Eco (2005: 97) considera-o indesejável porque «(...) a regra deve ser a de nunca enriquecer, mesmo quando se tem essa tentação, o léxico do autor». Logo, tudo indica que Szymaniak e Leão se afastam de uma norma operacional de tradução.

A busca de uma explicação para a ocorrência do fenómeno tradutório da *prolixidade lexical* passa pela análise das circunstâncias do processo de tradução em foco, no qual se destacam três situações. O facto de um dos tradutores não conhecer a LP estará na base de uma percepção deficitária do tecido lexical da obra. O facto de ambos os tradutores serem docentes, poderá explicar que a sua escrita tradutória obedeça aos preceitos que os professores ensinam nas escolas, *i. e.*, a evitar a repetição de palavras e expressões, a favor de um modo de expressão rico e diversificado.⁴⁵ Por último, a conceção de tradução de Szymaniak e Leão também pode explicar as singularidades observadas. O par de tradutores concebe a tradução como um ato de reescrita, cuja primazia não é concedida à fidelidade à letra do TP, mas à liberdade do tradutor dentro dos limites do princípio da equivalência. A esta liberdade, uma singularidade de Szymaniak e Leão, subjaz outra das marcas *tradautorais*, *i. e.*, o à-vontade com que reestruturam as frases do TP com vista a redigir, em português, um texto natural e fluído.

No âmbito das marcas lexicais *tradautorais*, destaque-se que, presumivelmente, por influência da falante nativa do português, o par de tradutores Szymaniak e Leão é quem mais exhibe o uso recorrente de determinadas palavras de uso idiossincrático, tais como: *tão-pouco*, *tão-só* e *tão-somente*, *outrossim* como opção de tradução de palavras de um registo informal em PL, tais como *nie* 'não', *tylko* 'só', *o tyle* 'tanto', *lecz* 'mas'.

Entre os procedimentos sintáticos, aplicados por Szymaniak e Leão, destacam-se, por um lado, a transformação de frases simples em complexas por subordinação ou coordenação e, por outro, o inverso, a divisão de um período em frases e a divisão de um parágrafo em parágrafos. Os referidos tradutores revelam também tendência para o uso de construções de clivagem e de voz passiva, bem como para a redução lexical com a conseqüente omissão. Na impossibilidade de ilustrar todos os procedimentos, selecionaram-se os casos mais paradigmáticos: a transformação de frases simples em complexas (77), as construções de clivagem (78) e o uso da redução e da omissão (79).

⁴⁵ Basta consultar os critérios de classificação dos exames nacionais, disponibilizados em linha pelo Instituto de Avaliação Educativa (IAVE), para se perceber que, no parâmetro do repertório vocabular, os textos escritos pelos alunos são penalizados pelo uso de vocabulário restrito e valorizados pelo uso de vocabulário variado. O preço a pagar em tradução pelo cumprimento da norma portuguesa de redação, que prescreve a diversificação do vocabulário contra a repetição de palavras, é a prolixidade lexical.

(77)

Oto	przykład.	Na	początku	lat	90.	byłem	w	Liberii.
eis	exemplo	Em	início	de anos	90	estive	em	Libéria
Exemplo: no início dos anos noventa fui à Libéria,								
→								
Trawała	tam	wojna	domowa.	K4: 15				
durava	lá	guerra	civil					
onde havia uma guerra civil.								S&L4: 19

O exemplo (77) mostra como os tradutores converteram três frases simples numa frase complexa, fazendo uso de diferentes técnicas: sintática (subordinação) e gráfica (o uso do sinal de pontuação *dois pontos*).⁴⁶ O exemplo ilustra ainda as diferenças existentes entre as normas de escrita da LP e da LC, bem como a diferença entre o estilo do autor e o dos tradutores. A aproximação às normas da escrita da CC afasta os tradutores do estilo do jornalista polaco que amiúde emprega a parataxe.

(78)

Teraz	zagłębiałam	się	w	kręte	i	pełne	łota	zaułki (...)	K1: 6
agora	adentrava	me	em	sinuosos	e	cheios	de lama	becos	
Agora era eu que entrava por umas azinhagas estreitas, sinuosas e cheias de barro.									S&L1: 9

Em (78), observam-se dois procedimentos característicos de Szymaniak e Leão.

O primeiro é o uso de construções de clivagem (frases estruturadas com *ser... que* que permitem pôr em destaque o S, o O e o ADJU). Sendo esta uma construção típica do PE, a tradução que a utiliza, configura a estratégia da aceitabilidade. Szymaniak e Leão aplicam com frequência este tipo de construção sintática para enfatizar elementos do discurso, p. ex.: «W. afirma que foi justamente a partir daí que Germame organizou a conspiração.» (S&L1: 58); «É nisto que vêem a sua missão e é esta a sua paixão». (S&L3: 223); «Muitos são os factores que secundam esta transição.» (S&L4: 93); «Não foi na primeira leitura que reparei naqueles gatos e crocodilos» (S&L3: 181) [Sublinhado nosso].

Outro procedimento tradutório a destacar em (78) é a amplificação - *azinhaga* é uma rua estreita; logo, dispensaria o adjetivo *estreita*, mas existe em tradução a tendência para a explicitação (Chesterman, 1997: 71) que, por vezes, torna os enunciados tautológicos.

⁴⁶ Este tipo de redação enquadra-se nos critérios de classificação dos exames nacionais que desvalorizam o uso predominante da parataxe a favor do emprego de estruturas sintáticas complexas com processos de conexão interfrásica (hipotaxe) (IAVE). Do ponto de vista sintático, é comum o uso de frases simples em textos literários polacos, já o português literário prefere frases subordinadas, como se verifica no exemplo (77).

Szymaniak e Leão tanto tendem para a amplificação como para a redução e omissão, pondo em prática a sua conceção de tradução de pendor livre.

Por conseguinte, o exemplo seguinte (79) pretende ilustrar o modo como os tradutores reduzem e omitem palavras em nome de uma sintaxe mais fluída e da sua conceção de tradução livre. Visto que o objetivo é aqui exemplificar o tipo de perdas em relação ao estilo do TP é apresentada, em vez da glosa, a tradução integral em versão da nossa autoria.

(79)

Trudno określić mi, na czym to polegało, ale wszędzie czuło się minusowość, wszędzie się ją dostrzegało, na twarzach ludzi, twarzach jakby pomniejszonych i opuszczonych, bez światła i energii, w tym, co robili i jak to robili, też była minusowość, w tym, co mówili nie mówiąc, w ich byciu nieobecny, skurczonym, wyłączonym, w ich istnieniu wygładzonym, w ich myśleniu krótkodystansowym, niskopoprzeczkowym, w ich dębaniu przyzagrodowym, małopoletkowym, w ich zapuszczeniu i w zaćmieniu, w całym powietrzu otaczającym, w całym bezruchu-mimo-ruchu, w kieracie, w klimacie, w dreptaniu, we wszystkim czuło się zalewającą nas minusowość.	K1: 60
[Tradução integral] É-me difícil determinar em que consistia, mas sentia-se em todo lado uma negatividade; via-se em todo lado, nos rostos das pessoas, rostos como que diminuídos e abandonados, sem luz e energia, naquilo que faziam e como o faziam; também havia negatividade naquilo que diziam sem nada dizer, no seu estar ausente, encolhido, excluído, na sua existência aplainada, no seu modo de pensar a curta distância e com a fasquia baixa, no seu modo de revolver a pequena horta junto à choça, no seu desmazelo e eclipse, em todo o ar em redor, em toda aquela imobilidade-em-movimento, sob a pressão da nora e do clima, na maneira de andar, em tudo se sentia uma negatividade que nos inundava.	T. n.
É difícil determinar exactamente em que consistia, mas sentia-se em todo o lado, nos rostos das pessoas, caras como que diminuídas e abandonadas sem luz nem energia. Notava-se uma tensão negativa em tudo o que faziam. Estavam sem estar, encolhidos na sua existência apagada, absortos e sem ambição nenhuma de sair da sua intimidade, naquele desleixo e cegueira, de movimento estático, no trapiche, no clima, na maneira de andar sentia-se em tudo aquele marasmo negativo.	S&L: 69

Em primeiro lugar, ressalta à vista que o TC contém menos palavras que o TP, o que é contrário à prática tradutória neste par de línguas, uma vez que o PL é uma língua sintética e o PT, analítica.⁴⁷ O excerto de Kapuściński contém 91 palavras enquanto a tradução de Szymaniak e Leão inclui apenas 75 palavras, ou seja, houve uma redução de 16 palavras. Comparativamente com a nossa tradução integral, que perfaz 117 palavras, a versão de Szymaniak e Leão regista menos 42 palavras. Logo, é caso para se perguntar o que se perdeu na tradução e não só em termos de omissão. Em primeiro lugar, parece ter-se

⁴⁷ Por experiência, sabemos que a tradução na direção polaco-português avulta sempre num acréscimo de palavras que ronda os 10% - 15%.

perdido a redundância da palavra-chave *minusowość / negatividade*⁴⁸, que ocorre três vezes no TP e dita o conteúdo do período que mais não é do que uma ilustração do conceito de *negatividade*. A tradução omite uma das ocorrências e as duas seguintes são vertidas de modo diferente como *tensão negativa* e *marasmo negativo*. Em segundo lugar, parece também desaparecer do TC o efeito de ladainha de lamentações com a omissão de outras repetições e com a divisão do período em três partes distintas, já que é com o intuito de reforçar a ideia de negatividade que o autor repete os verbos *robić* 'fazer' e *mówić* 'dizer': o primeiro é reduzido a uma ocorrência e o segundo é simplesmente omissivo. Por fim, as metáforas desportivas que retratam o pensamento passivo, também foram apagadas do TC: *krótkodystansowe* 'de curta distância' e *niskopoprzeczkowe* 'de baixa fásquia'. Está ainda ausente do TC a atividade improdutiva de sachar o quintal em redor da mísera casa. O fragmento textual acima analisado apresenta reduções e omissões que, podendo ser concetualizadas no âmbito da liberdade do tradutor, resultam na diminuição do efeito de equivalência literária e no apagamento de características do estilo do autor. Este tipo de redução e omissão não constitui um lapso, nem deriva dos constrangimentos sistémicos entre as línguas, representando, antes, uma prática consciente e programática que acaba por constituir uma forte marca *tradautoral* de Szymaniak e Leão.⁴⁹ A tendência dos referidos tradutores para omitir palavras ao TP manifesta-se em sequências verbais, nominais e adjetivais, com três, quatro ou cinco palavras da mesma classe, que são reduzidas a apenas uma ou duas palavras.

⁴⁸ O problema tradutório é mais complicado do que aquilo que nossa versão transmite, porque *minusowość* é uma idiossincrasia de Kapuściński que não consta do SJP. Trata-se de uma palavra formada por *minusow(y)* (Adj.) 'negativo' + *ość* (sufixo usado na formação de N). *Minusowość* tem uma carga mais negativa e depreciativa do que *negatywność* 'negatividade'.

⁴⁹ A propósito do fenómeno tradutório em causa evoca-se o volume de contos do escritor húngaro, Dezső Kosztolányi (2016), que no Brasil foi traduzido e editado com o título de um conto homónimo, *O tradutor cleptomaniaco*. O conto baseia-se no facto de o tradutor roubar elementos (joias e dinheiro) do TP. O conto, uma parábola de tudo o que se perde na tradução, remete precisamente para a omissão que pode ser considerada um universal da tradução, ditado quer pelos constrangimentos entre as línguas, quer pelas dificuldades dos tradutores e quer, ainda, pela lei do menor esforço e as liberdades programáticas que os tradutores concedem a si próprios.

Por último, os exemplos de (80) a (82) ilustram uma marca *tradautoral*, manifesta na tradução livre de enunciados ou segmentos dos TP, que indicia a primazia dada pelos tradutores à interpretação do sentido das frases em detrimento do sentido das palavras.

(80)

(...) kiedy	na	dworze	było	jeszcze	ciemno.	K1: 7
quando	em	fora	estava	ainda	escuro	
(...) antes de amanhecer (...)						S&L1: 10-11

(81)

Jak	już	wspomniałem, (...)	K1: 11
como	já	lembrei / mencionei	
Que fique claro que (...)			S&L1: 15

(82)

W	ogóle	nie	są	urodzonymi	zabijakami.	Wojaczka	im	nie	w	głowie.	K3: 212
em	geral	não	são	nascidos	matadores	Guerrinha	lhes	não	em	cabeça	
Na verdade, não são muito aventureiros e não têm ambições militaristas.										S&L3: 171	

Os exemplos *supra* mostram claramente o afastamento da tradução em relação à letra do TP, evidenciando o uso da equivalência semântica e o papel da interpretação dos tradutores na escrita tradutória. Em (80), observa-se uma compressão linguística e, em (81) e (82) verificam-se interpretações livres dos enunciados do TP.

Por último, a descrição das marcas *tradautorais* termina com a análise da tradução de *O diário de Rutka* executada por Rodrigues. Da mesma maneira que Gomes representa o tradutor de poesia com mais dificuldades tradutórias, Rodrigues evidencia-se como a tradutora de prosa que deixa transparecer mais insegurança, patente no hibridismo que vacila entre fragmentos muito decalcados e outros muito normalizados.⁵⁰ Em comparação com os restantes textos do *corpus*, o diário escrito por uma adolescente, com uma sintaxe simples e um vocabulário coloquial, não coloca problemas de tradução. Ainda assim, a tradutora revela grandes dificuldades, sobretudo na aplicação do registo linguístico adequado ao contexto pragmático e estilístico, bem como nas escolhas lexicais adequadas ao contexto extralinguístico. Daí que as marcas *tradautorais* de Rodrigues se relacionem

⁵⁰ Rodrigues (2015) referiu que a tradução de Rodrigues foi alvo de uma revisão profunda. Daí a suposição de que alguns dos fragmentos textuais possam apresentar marcas das revisoras, Clara Boléo e Joana Cabral.

com procedimentos que tocam os extremos da tradução decalcada e da tradução normalizada, bem como a dificuldade em alcançar no TC o efeito de equivalência estilística.

A nível lexical, em vez de empregar os termos correspondentes apropriados, Rodrigues traduz as palavras do TP por sinonímia ou por vocábulos do mesmo campo semântico, dando origem à imprecisão ou impropriedade lexical. Tal procedimento parece resultar de dificuldades tradutórias, conforme se ilustra nos exemplos de (83) a (85):

(83)

(...) wczoraj	leżałam	w	wannie	i	woda	pluskała	moje	ciało,
ontem	estava deitada	em	banheira	e	água	chapinhava	meu	corpo
(...) ontem, quando estava a tomar banho e a água me bateu no corpo,								
→								
zapragnęłam	by	mnie	głaskały	czyjeś	ręce...	L: 55		
ansiei	que	me	afagassem	de alguém	mãos			
apeteceu-me sentir as mãos de alguém a agarrar-me...						R: 51		

O exemplo (83) revela a dificuldade da tradutora em encontrar as palavras certas para transmitir a mensagem e fazer valer o efeito de equivalência. As opções *apeteceu-me* e *agarrar-me* não se coadunam com a cena em que Rutka sente o despertar da sexualidade de um modo tímido e delicado, ‘ansiando por sentir as mãos de alguém a acariciá-la’.

(84)

Wtedy	gdy	wyjrzałam	przez	parkan,	zobaczyłam	żołnierzy
então	quando	olhei	através de	cerca	vi	soldados
Então, olhei através das grades e vi soldados						
→						
z	karabinami	wycelowanymi	w	stronę	placu (...)	L: 59
com	fuzis	apontados	em	direção	de praça	
com pistolas apontadas para o parque (...)						R: 52

Em (84), há novas imprecisões lexicais: *parkan* é uma cerca de estacas de madeira, não de grades (metálicas); os soldados alemães empunhavam *espingardas* ou *fuzis* (logo, não eram *pistoleiros*), apontados para a *praça* da cidade e não para o *parque* da cidade.

(85)

(...) mimo	tych	wszystkich	okropieństw	chce	się	żyć,	oczekiwać	jutra,		
Apesar (de)	estas	todas	atrocidades	quer	se	viver	aguardar	amanhã		
(...) apesar de todos os horrores, queremos viver, esperar por amanhã.										
→										
to	znaczy	teraz,	w	tej	chwili	Oświęcimia	albo	lagru	robotniczego.	L: 77
isso	significa	agora	em	este	instante	Auschwitz	ou	campo	(de) trabalho	
Ou seja, Auschwitz ou campo de concentração.										
R: 58										

As questões do vocabulário relacionado com a História exigem rigor, porque nem todos os campos do Terceiro Reich eram de concentração; havia campos de extermínio como o de Auschwitz e os *Arbeitslager / lagry robotnicze* ‘campos de trabalhos (forçados)’, que Rodrigues traduz como *campo de concentração*.

Outra marca *tradautoral* de Rodrigues manifesta-se na tendência para idiomatizar a tradução, técnica que configura a aceitabilidade e a normalização. A *idiomatização* consiste em verter enunciados formulados no TP com linguagem do discurso livre (cf. Coseriu, 1977: 113) através de unidades fraseológicas da LC, o que é ilustrado de (86) a (88).

(86)

Wśród	rozmowy	wyjechał	nagle	z	tym,
no meio de	conversa	partiu-se/saiu-se	de repente	com	isso
Palavra puxa palavra e descobri					

→

że	byłoby	mu	bardzo	przyjemnie	gdyby	mnie	pocałował.	L: 65
que	seria	lhe	muito	agradavelmente	se	me	beijou	
que ele ficaria muito feliz se me beijasse.								R: 54

(87)

Nie	może	zrozumieć	tęgo,	że	przed	starszą
não	pode	perceber	isso	que	diante de	mais velha
Ela não percebe que é difícil para mim						

→

osobą	trudno	się	wywnętrzyć.	L: 85
pessoa	difícilmente	se	exteriorizar	
abrir o coração a um adulto.				R: 59

(88)

Ci	młokosi	oddzierają	z	każdej	przechodzącej	dziewczyny	suknię
estes	gandulos	despem	de	cada	passante	rapariga	vestido
Aqueles machistas despem com os olhos cada rapariga que passa por eles							

→

i	taksują	je.	L: 109
e	avaliam	as	
e tiram as medida de cima a baixo.			R: 66

Os três exemplos *supra* ilustram a aplicação da técnica da idiomatização na medida em que no TC são utilizadas UF, não motivadas pelo TP: *wśród rozmowy* ‘no meio da conversa’ (TP) surge como *palavra puxa palavra* (TC); *wywnętrzyć się* ‘exteriorizar-se’ (TP) resulta em *abrir o coração* (TC) e *taksują* ‘avaliam’ (TP) dá origem a *tirar as medidas a alguém* (TC).

Idiomatizar o discurso significa aproximar o TP dos modos de expressão da CC, podendo ser considerado um procedimento estruturante da aceitabilidade.

A terceira marca *tradautoral* de Rodrigues prende-se com a dificuldade da tradutora em alcançar o efeito de equivalência estilística. Apesar de o TP, *Pamiętnik Rutki*, ser redigido no estilo confessional próprio do subgénero, Rutka, estudante que frequentava a escolaridade do ensino polaco, lavra algumas passagens em que experimenta um estilo mais literário, ainda que estereotipado e recheado de clichés típicos da descrição em língua polaca. Destoando de todo o conteúdo do diário, o fragmento que seguidamente se analisa tem o carácter de uma redação encomendada por um professor. Posto que o objetivo é aqui analisar questões estilísticas no TP e no TC, o exemplo (89) apresenta, em vez da glosa, uma versão da nossa autoria.

(89)

W góry	L: 117- 118
<p>O świcie wstałam i pobiegłam do okna. Żółty rąbek słońca wyłaniał się zza horyzontu. Ubrałam się, spakowałam plecak, wzięłam w rękę okuty kij i poszłam. Po niespełna 30 minutach doszłam do stóp góry. Ruszyłam. Z doliny podnosiła się ku mnie mrukliwa mowa rzeki, zlewająca się z odgłosem dzwonu kościelnego. Poprzez gałęzie smreków przedzierały szczyty gór. Ledwie widoczną ścieżką pięłam się coraz wyżej, pośród gęstwiny bladej, pośród kolących jeżyn i malin. Przeskakiwałam z kamienia na kamień, przelazłam przez pnie powalonych drzew, przedzierałam skroś krzewów. Przede mną rosły szczyty górskich olbrzymów. Długie płaczące trawy pokrywały zbocze góry. Dzwonki krów odzywały się niby dalekie westchnienia. Coraz częściej wyrastały przede mną głazy, pietrząc się w górę, bezwład skał, tu i ówdzie poplamionych liszajami szmaragdowego mchu, a gdzie indziej, niby uściskiem żmijowym oplątane korzeniami drzew. Kamienie (oplątane) pod moimi stopami tonęły w rudawym mchu, którego miękkie posłania ugiwały się pode mną. Kędzierzawa zieleń gogodzów(?) i borówek przepuszczała kłacze w mech, a z wierzchu obsypała jakby rosa purpurowych i sinych jagód. Tu usiadłam. Pieściwie szumiały nade mną sosny, mieszając szelest igliwia z pluskiem rzeki. Słońce zalało złotem swych promieni górę i wyłśniło zieleń traw. Hen, snuł się sinym pasemkiem dym pastuszowego ogniska...</p>	

<p>A caminho das montanhas Levantei-me de madrugada e acorri à janela. Uma nesga dourada de Sol despontava no horizonte. Vesti-me, preparei a mochila, peguei no pau de caminhada e saí. Em menos de meia hora, chegava ao sopé da montanha. Pus-me em marcha. Do vale chegava até mim a voz sussurrante do rio que se envolvia com o som do sino da igreja. Por entre as ramadas dos espruces penetravam os cumes das montanhas. Subia a montanha por um trilho, que mal se via, entre o pálido matagal de amoras e framboesas espinhosas. Saltitava de pedra em pedra, galgava troncos de árvores derrubadas, abria caminho por entre arbustos. À minha frente erguiam-se os cumes dos gigantes montanhosos. Uma erva longa e chorosa cobria as encostas das montanhas. Os chocalhos das vacas soavam como suspiros longínquos. Cada vez mais se erguiam ante mim pedregulhos, que se alçavam em escadaria, surgia a imobilidade das rochas, aqui e ali manchadas pelos líquenes do musgo esmeralda e acolá abraçadas pelas raízes das árvores que nem cobras entrelaçadas. As pedras (enleadas) sob os meus pés afundavam-se no musgo cor de ferrugem, cuja cobertura macia cedia sob o meu peso. A vegetação encrespada de groselhas e mirtilos infiltrava as suas hastes no musgo e, à superfície, espalhava como gotas de orvalho as bagas purpúreas e violetas. Foi aqui que me sentei. Carinhosos, os pinheiros ciciavam sobre mim, envolvendo o sussurro das suas agulhas no chapinhar do rio. O Sol inundou as montanhas com o ouro dos seus raios e iluminou a verdura das ervas. Ao longe, serpenteava, como uma fita violácea, o fumo de uma fogueira ateadada por um pastor...</p>	T. n.
<p>Nas montanhas De madrugada, levantei-me e corri até a janela. Um bocado muito pequenino de Sol dourado estava já a aparecer no horizonte. Vesti-me, preparei a mochila, agarrei num pau de escalada e saí. Em menos de trinta minutos, cheguei aos pés da montanha. Comecei a subir. Do vale, podia ouvir o murmúrio do rio fundir-se com os sinos da igreja. Pelos ramos dos pinheiros, os picos das montanhas apareceram. Ao longo do caminho quase invisível, através dos buxos pálidos e entrelaçados, dos buxos de framboesas e dos buxos espinhosos de groselhas, trepei por ali acima. Saltava de uma pedra para outra, por cima de troncos ou árvores caídas; descobri o meu caminho pelos buxos entrelaçados. À minha frente erguiam-se os picos das montanhas gigantes. As longas ervas daninhas choravam e cobriam as encostas. Os sinos das vacas pareciam gemidos com a distância. Cada vez mais rochas bloqueavam-me o caminho, a massa de rochas erguia-se alta, pilhas de rochas apareciam aqui e acolá com líquenes e musgo verde e azul e, noutro lado, raízes de árvores cruzavam-se como cobras abraçadas. As rochas (escuras) afundavam-se por baixo dos meus pés no musgo avermelhado, e quando as pisei, afundei-me devagarinho também. A folhagem frisada das amoras e groselhas abriam os braços no musgo e, por cima de tudo, as amoras roxas e azuis estavam espalhadas como orvalho. Sentei-me ali. Por cima de mim, os pinheiros rosnavam e o sussurro das agulhas fundiu-se com o fervilhar do riacho. O Sol inundou a montanha com os seus raios dourados e sublinhou o verde da relva. Ao longe, podia-se ver uma linha fina e azulada de fumo, acesa por pastores.</p>	R: 68- 89

A partir dos fragmentos apresentados no exemplo (89), que pretende ilustrar a ausência do efeito de equivalência estilística na tradução, selecionaram-se os enunciados de (90) a (92) que seguidamente se comentam.

(90)

Złoty	rąbek	słońca	wyłaniał	się	zza	horyzontu.	L: 117
dourada	nesga	de sol	despontava	se	detrás	de horizonte	
Um bocado muito pequenino de Sol dourado estava já a aparecer no horizonte.							R: 68

O exemplo (90) dá conta da dificuldade da tradutora em encontrar os correspondentes lexicais para *Złoty rąbek słońca* ‘uma nesga dourada de Sol’ que acaba por parafrasear

como *Um bocado muito pequenino de Sol dourado*. O mesmo acontece com a conjugação verbal, já que o tempo verbal característico da descrição é em PE o pretérito imperfeito simples e não a conjugação perifrástica com o verbo auxiliar *estar a*. A frase *rqbek słońca wyłaniał się* ‘uma nesga de Sol despontava’, vertida como [o] *Sol estava já a aparecer*, muito embora possa ser uma tradução gramatical correta, não produz o efeito estilístico equivalente. Tal como no caso da mesóclise patente nos exemplos de (54) a (56), também neste enunciado se infere que nem sempre os tempos verbais do TP podem ser vertidos por correspondência, uma vez que na tradução literária a dominante semântica é o estilo.⁵¹

(91)

Dzwonki	krów	odzywały	się	niby	dalekie	westchnienia.	L: 117
chocalhos	de vacas	ressoavam	se	quais	longínquos	suspiros	
Os sinos das vacas pareciam gemidos com a distância.							R: 68

(91) ilustra outra imprecisão lexical: as vacas não usam sinos ao pescoço mas chocalhos. Para Eco (2005: 47), o leitor-alvo, falante nativo, facilmente deteta este tipo de erro porque possui conhecimento enciclopédico do mundo e conhece a LC melhor do que a tradutora deste livro. No mesmo parágrafo, existe outra formulação ambígua devido à omissão da palavra *fogueira*, designadamente: *uma linha fina e azulada de fumo, acesa por pastores*. Também aqui o leitor-alvo questionará como será possível *acender linhas de fumo*.

(92)

Pieściwie	szumiący	nade	mną	sosny,	mieszając	szelest	igliwia
carinhosamente	ciciavam	sobre	mim	pinheiros	misturando	sussurro	de agulhas
Por cima de mim, os pinheiros rosnavam e o sussurro das agulhas fundiu-se							
→							
z	pluskiem		rzeki.		L: 119		
com	chapinhar		de rio				
com o fervilhar do riacho.						R: 69	

Por último, o exemplo *supra* dá conta de uma ocorrência tradutória que anula a descrição pacífica e idílica da cena na montanha: no TP, ‘os pinheiros ciciavam carinhosamente’, enquanto, no TC, *os pinheiros rosnavam*. O mesmo acontece com a tradução de *o fervilhar do riacho*, que se associa a águas quentes e rios ferventes, inexistentes na Polónia.

⁵¹ «(...) [nos] textos descritivos (...) informa-se como é alguém ou algum estado de coisas (...) com os tempos verbais dominantes do presente e do pretérito imperfeito, com abundância de adjectivos qualificativos e de advérbios com valor locativo (...)» (DT)

Em resumo, o excerto dedicado a um passeio pela montanha não faz justiça ao estilo característico da descrição literária na LP porque a versão portuguesa não transmite o estilo equivalente na LC, devido a imprecisões lexicais e gramaticais, bem como à falta de competências de expressão escrita em português europeu por parte da tradutora.

A questão da *equivalência estilística* constitui um tópico do pensamento tradutológico e um problema de tradução. Sendo a tradução (literária) uma forma de comunicação e de transmissão não só de conteúdos mas também de formas, há que estabelecer equivalências entre o TP e o TC. Tendo em mente a tradução bíblica e literária, Nida e Taber (1969/2003: 12) especificam que traduzir é «reproducing in the receptor language the closest natural equivalente of the source-language message, first in terms of meaning and secondly in terms of style». Por seu turno, Eco (2005: 303) defende que, em tradução, o objetivo é «produzir, numa língua diferente, o mesmo efeito que o discurso-fonte, e dos discursos poéticos diz-se que têm em vista produzir um efeito estético». Por outras palavras, Barrento (2002: 22) diz que «é pressuposto essencial para a tradução de literatura a capacidade apurada dos efeitos literários de toda a ordem que produzem a literariedade do texto e exigem a familiarização com a tradução literária de origem e de chegada, e a necessária sensibilidade, que permita perceber a diferença entre o[s] estilo[s]».

Retoma-se, aqui, o tópico da dificuldade na escolha adequada de um estilo equivalente na tradução, quando o tradutor não é falante nativo da LC. Comparando as traduções de Wódkowski e Rodrigues, verifica-se que ambos revelam dificuldade em categorizar o estilo e em encontrar na LC a sua expressão equivalente, mas manifestam-no de modo oposto: Wódkowski tende a *nobilitar* a tradução, enquanto Rodrigues a *empobrecê-la*. Berman (1985/1997: 48) considera ambos os procedimentos deformações, alertando para as consequências do *empobrecimento qualitativo*, porquanto substitui termos, expressões e modos de dizer do TP por termos, expressões e modos de dizer, que não têm nem a mesma riqueza sonora, nem a mesma riqueza significativa, nem icónica.⁵²

⁵² Icónico, aqui, significa «termo que, em relação ao seu referente, constrói uma imagem, produz uma consciência de semelhança» (Berman, 1985/1997: 48).

5.3. Problematização e notas finais

Para o investigador que empreende uma detalhada análise interlinguística dos TP e dos TC não existem tradutores invisíveis. A visibilidade do tradutor, que se faz ouvir através da sua voz na escrita tradutória, não advém da norma inicial previamente escolhida. Quer as traduções se apresentem mais adequadas (estrangeirizadas), quer mais aceitáveis (domesticadas), é possível apurar nelas características que se identificam com determinado tradutor. A investigação demonstrou que tanto o tradutor com maior tendência para a adequação (Wódkowski) como o par de tradutores que mais implementa a estratégia da aceitabilidade (Szymaniak e Leão) deixaram marcas idiossincráticas na sua escrita tradutória. De acordo com o DHLP (2031), o termo *idiosincrasia* provém do grego e significa «temperamento particular», designando «característica comportamental peculiar a um grupo ou a uma pessoa». No caso das traduções em foco, as idiossincrasias dizem respeito a pessoas singulares (Wódkowski, Gomes e Rodrigues) e a pessoas coletivas formadas por dois elementos (Charchalis e Charchalis, Milewska e Neves e Szymaniak e Leão). Para Toury (1995/2012:91), as idiossincrasias situam-se numa linha continua composta por regras (objetivas), normas (intersubjetivas) e idiossincrasias (subjetivas). No caso da tradução, há que indagar se as idiossincrasias se impõem como desvio intencional às normas ou, antes, como afirmação subjetiva individual. Toury (1995/2012) inclina-se para a segunda alternativa e os casos por nós estudados parecem confirmá-lo:

(...) idiosyncrasies (which, in their extreme, are shared by a group-of-one) often manifest themselves as personal ways of realizing (more) general attitudes rather than deviations in a completely unexpected direction (Toury, 1995/2012: 91).

Ao que tudo indica os tradutores por nós estudados executaram as traduções implementando uma conceção própria de tradução, que, mais ou menos consciente e/ou intuitivamente, envolveu a escolha de uma norma inicial que, porém, não erradicou características comportamentais singulares. Por conseguinte, as idiossincrasias dos tradutores aqui abordados não parecem surgir como desvios conscientes contra normas mas, sim, como hábitos de fala e de escrita, impulsos criativos e falhas que vêm à superfície no ato tradutório.

As idiossincrasias podem ser detetadas a partir do comportamento observável das pessoas; logo, em tradução, são apuradas no produto da tradução sob a forma daquilo que designámos como marcas *tradautorais*. Identificar idiossincrasias implica observar o comportamento social das pessoas, o que exige a sua presença física. Na identificação de marcas *tradautorais*, o tradutor está ausente, é invisível; a marca representa-o e dispensa a sua presença física tal como a assinatura representa e dispensa o signatário. Se toda a assinatura é marcada pela diferença, também as marcas *tradautorais* implicam singularidade. Considerando que as singularidades observadas não constituem maioritariamente desvios à norma, será possível descrever, explicar e enquadrar as marcas *tradautorais* apuradas em tradições e contextos tradutológicos mais alargados. Na tentativa de perceber e correlacionar o modo como os contextos teóricos e experienciais, em que se integram os tradutores, contribuíram para moldar as suas traduções, recorre-se a diferentes discursos tradutológicos, como forma de lançar hipóteses explicativas para os diferentes produtos de tradução e marcas *tradautorais*. Este passo do estudo correlaciona, assim, concepções de tradução e marcas *tradautorais*. A análise, enquadrada entre adequação e aceitabilidade, pretende situar tradutores e suas idiossincrasias no contexto das tradições tradutórias. A análise começa por abordar o tradutor individual, Gomes, e o par de tradutores, Szymaniak e Leão, que representam uma concepção de tradução com alguns pontos comuns, entre os quais se destacam o uso da liberdade tradutória e a tendência para a aceitabilidade e normalização.

A liberdade dos referidos tradutores manifesta-se numa prática tradutória que, não sendo escrava da palavra, privilegia o sentido da frase; tal abre-lhes as portas para optar mais pela tradução oblíqua, para interpretar, adaptar, amplificar e omitir. A dicotomia da *tradução da palavra ou do sentido* revela-se novamente útil para descrever o fenómeno tradutório em apreço, que Newmark (1988: 54) resume do seguinte modo: «Free translation has always favoured the sentence; literal translation the word. Now, since the rise of text linguistics, free translation has moved from the sentence to the whole text». Porque estimam mais a liberdade do que a fidelidade às palavras do TP, Gomes e o par Szymaniak e Leão representam os tradutores que mais omissões fizeram nas suas traduções, embora

em circunstâncias diferentes: Gomes omitiu dois poemas e alguns versos, enquanto Szymaniak e Leão omitem, aqui e ali, palavras, expressões e frases.

O produto das suas traduções reflete a estratégia da aceitabilidade e a lei da normalização, definida como a perda de características da LP em prol de um modo de expressão que privilegia os modelos de escrita da CC, em consonância com o seu cânone literário (Toury, 1995/2012: 303). Esta prática resulta numa tradução fluente, que transmite a impressão de se tratar de um texto original. No caso de Szymaniak e Leão, o efeito de normalização deve-se porventura a Leão, falante nativa do português, professora, autora, conferencista, que se impõe na tradução como o elo mais forte; no entanto, na identificação editorial dos tradutores, Szymaniak surge em primeiro lugar, o que é compreensível porque, sem ele, Leão, que não fala polaco, não poderia ter traduzido o escritor polaco Kapuściński.

Querendo inserir a conceção de tradução de Gomes e do par Szymaniak e Leão em tradições, dir-se-ia que a sua escrita tradutória tende para o tipo de tradução, livre e dinâmica, consignado na expressão *Les Belles Infidèles*, que caracteriza a conceção tradutória do classicismo francês, cujo principal objetivo era produzir textos agradáveis de ler (Baker e Malmkjær, 1998: 411). A aplicação da expressão *Les Belles Infidèles* às traduções dos referidos tradutores visa sobretudo destacar que os textos traduzidos são fluentes em PE, mas registam inúmeras infidelidades em relação às palavras do TP. No caso de Gomes, essas infidelidades constituem sobretudo traduções oblíquas e erros de tradução; no caso de Szymaniak e Leão, sobressaem a tradução oblíqua e as omissões. Para além disso, Szymaniak e Leão são fluentes e transparentes, ao passo que Gomes é fluente mas nem sempre é transparente devido à interpretação errada dos textos. Para utilizar uma expressão mais atual, poder-se-á reformular o conceito de tradução de Gomes e do par Szymaniak e Leão como interpretação, no sentido oferecido por Bassnett (2014):

(...) translation as interpretation and hence as rewriting and creation of a new 'original' in another language. Recognizing the indeterminacy of literary texts on the one hand, and the impossibility of "faithful" translation on the other, liberates the translator from the servitude to the source from which the translation derives (...) (Bassnet, 2014: 153).

A meio da linha contínua entre aceitabilidade e adequação, situam-se Rodrigues e o par Milewska e Neves. Estes tradutores foram agrupados por revelarem dois traços comuns:

por um lado, a tendência para a normalização e, por outro, para a interferência. Toury (1995/2012) não correlaciona abertamente o elo existente entre adequação/aceitabilidade e interferência/normalização, mas parece legítimo conjecturar que estratégias e leis se relacionam mutuamente, visto que, por um lado, a opção da norma inicial determina a estratégia utilizada pelos tradutores e, por outro, as estratégias implementadas permitem enunciar as leis ou os universais da tradução. Estes aspetos vêm à superfície quando o investigador compara os TP e os TC e tenta descrever e explicar os fenómenos com base na terminologia disponível que acaba por se cruzar e complementar.

Se, por um lado, a estratégia da adequação se apoia fortemente no original (Toury, 1995/2012; 79), fazendo com que o texto traduzido reflita o TP, as características peculiares da LP e da CP e, por outro, a lei da interferência consiste em transferir fenómenos pertencentes à configuração do TP para o TC (Toury, 1995/2012: 310), então existe uma forte ligação entre a estratégia e a lei. De igual modo, se a estratégia da aceitabilidade se baseia na adesão a normas vigentes na CC (Toury, 1995/2012: 79), que relegam o TP e a sua rede de relações para segundo plano por constituírem fontes de constrangimentos, e a normalização consiste em converter textemas da LP em repertores da LC e em modificar relações textuais do TP a favor de opções oferecidas pelo repertório da LC e da CC, então também aqui se verifica uma forte conexão entre as duas, a estratégia e a lei.

Será, portanto, natural que as técnicas de tradução ao serviço da adequação possam ser interpretadas à luz da lei da interferência e, concomitantemente, as técnicas de tradução que configuram a aceitabilidade se enquadrem na lei da normalização. Se, por um lado, as duas estratégias coexistem nas traduções, por outro, as traduções constituem material empírico para que as leis possam ser extraídas e enunciadas. Por isso, se uma mesma tradução evidencia tanto a estratégia da adequação como a da aceitabilidade, a partir dela também se podem inferir as duas leis da tradução: «A translation will never be either adequate or acceptable. Rather, it will represent a blend of both» (Toury, 1995/2012: 70).

As traduções de Rodrigues e do par Milewska e Neves representam uma mescla de adequação e aceitabilidade, onde a lei da normalização se cruza com a da interferência. O título decalcado da antologia *Alguns gostam de poesia* de Milewska e Neves anuncia a estratégia da adequação e encontra confirmação na sua prática tradutória; no entanto,

outros fenômenos tradutórios, tais como o uso da mesóclise e da ordem canônica SVO apontam para a normalização. O mesmo acontece com a tradução de Rodrigues que, a par de técnicas construtoras da aceitabilidade como a idiomatização, emprega o decalque sintático. Quanto à tradução híbrida, Schleiermacher (1993/2003) toma uma posição crítica, designando este tipo de prática como *mestiçagem*, conforme abaixo se ilustra:

Quem não desejaria apresentar aos seus compatriotas a sua língua materna sempre naquela beleza que mais se harmoniza com eles, no grau em que cada gênero dela é capaz? Quem não preferiria gerar filhos que representassem com pureza a linhagem paterna, em vez de mestiços? (Schleiermacher, 1913/2003: 91).

Discordando da posição de Schleiermacher, Pym (1995) surge como defensor da mestiçagem [traduzida também como *sang-mêlés* (Berman) e *bastards* (Lefevere)], na medida em que as visões dicotômicas estreitam o leque das opções:

My basic hypothesis is that Schleiermacher's two opposed methods suppress a hidden middle term, the living translator, and that the whole of Schleiermacher's text is designed to silence that middle term. If I can break open the text, the resulting vision might then be projected onto the entire line of binary translation theories, ending with the most recent, found in Venuti. All the binarisms might thus be seen as silencing middle terms (Pym, 1995: 5-6).

De acordo com o acima exposto, a concepção de tradução de Rodrigues e do par Milewska e Neves pode, então, ser interpretada como *mestiçagem* nos termos de Schleiermacher ou como *meio-termo* nas palavras de Pym. Todavia e apesar da associação mental indissociável que se possa estabelecer com a Doutrina do Meio-Termo de Aristóteles, em que o meio é a atitude desejada entre extremos, que pecam por excesso ou por déficit, em tradução literária o meio-termo não representa um ideal a alcançar, uma vez que estratégias de tradução opostas fazem valer os seus direitos na pena de diferentes tradutores. Em tradução literária, não se trata somente de evitar extremos (fidelidade vs. liberdade), há ainda que atender a fatores estilísticos. Neste meio-termo entre estratégias, no caso de Rodrigues e do par Milewska e Neves o que se perde é o efeito de equivalência estilística. A concepção de tradução e a estratégia escolhida pelos tradutores não pode ser vista apenas à luz da adequação/aceitabilidade ou da normalização/interferência porque, em tradução literária, as questões estéticas e estilísticas arrogam o objetivo último a alcançar. No caso de Rodrigues e do par Milewska e Neves não é o hibridismo da tradução

que impede a obtenção do efeito de equivalência estilística, pelo que outras hipóteses serão aqui invocadas para o explicar.

Uma das causas da dificuldade na obtenção do efeito de equivalência estilística é nas palavras de Newmark (1988: 70) a seguinte: «The translation of poetry is the field where most emphasis is normally put on the creation of a new independent poem, and where literal translation is usually condemned». No caso de Milewska e Neves, terá sido o desejo de ser fiel à letra do texto e às regras da gramática do PE que os impediu de alcançar o efeito de equivalência estilística. Tal como dizia Castilho (*apud* Lopes, 2010: 429), «[a] pior das infidelidades é a fidelidade servil» o que, nas palavras de Barrento (2002: 64) é assim reformulado: «a justeza poética e a beleza vivem em grande parte do recuso a infidelidades».

No caso de Rodrigues, a explicação talvez resida no facto de a tradutora ser falante nativa do polaco. Um dos escopos da tradução literária é o efeito de equivalência do estilo. Tal parece ser uma tarefa adstrita a tradutores com sensibilidade estética e sólidas memórias de leituras de textos literários redigidos na LC. Por isso, os tradutores são sobretudo encorajados a traduzir para a sua língua materna e não para uma língua estrangeira (Newmark, 1981: 180; Pokorn, 2004: 113).

He [the translator] will be 'caught' every time, not by his grammar, which is probably suspiciously 'better' than an educated native's, not by his vocabulary, which may well be wider, but by his unacceptable or improbable collocations... For the above reasons, translators rightly translate into their own language, and a fortiori, foreign teachers and translators are normally unsuitable in a translation course (Newmark, 1981: 180).

Os resultados da presente investigação corroboram, em parte, a posição de Newmark (1981) que, ainda assim, carece de discussão não só porque a prática tradutória de cada individuo constitui um caso à parte, mas também porque podem existir outros elementos textuais que traíam o tradutor estrangeiro. Os resultados do estudo sugerem que é precisamente na obtenção do efeito de equivalência estilística que Rodrigues falha, enquanto falante nativa da LP. Decalques e interferências são visíveis em tradutores nativos e não nativos da LC, mas a obtenção do efeito de equivalência estilística, em tradução, parece prender-se com todo um percurso que vem do berço, passa pela escolaridade cumprida no país da LC e culmina com a comunhão e a prática de um conjunto

de leituras e experiências culturais. Tudo isto é referido por Davis (2003) que o diz por outras palavras:

(...) being a native speaker is as much (...) about knowing the conventions, the ways in which language and culture meet, as it is about how to form grammatical sentences. (...) it is quite difficult to claim native speaker status without early exposure to the language (and the culture and their interface) of childhood (Davis, 2003: 98).

À partida, será mais fácil para um tradutor nativo alcançar o efeito de equivalência estilística, já que este se prende com a formação escolar e académica de uma sensibilidade estética, adquirida ao longo de anos com a leitura de textos literários redigidos na LC. Daí ser compreensível que três tradutores falantes nativos do polaco – Charchalis, Szymaniak e Milewska –, não se tenham aventurado na tradução sozinhos, compartilhando o ofício com falantes nativos do PE. Davis (2003) descreve falante nativo do seguinte modo:

(...) native speakers [are] people who have a special control over a language, insider knowledge about 'their' language. They are the models we appeal for the "truth" about the language, they know what the language is ('Yes, you can say that') and what the language isn't ('No, that's not English, Japanese, Swahili...'). They are the stakeholders of the language, they control its maintenance and shape its direction (Davis, 2003: 1).

Todavia, o facto de um tradutor ser falante nativo da LC não é garante da sua capacidade de alcançar o efeito de equivalência estilística, já que tal implica não só ser falante nativo culto que fala a norma padrão, mas, ainda, ser conhecedor dos registos linguísticos e das convenções literárias, já para não falar da sensibilidade estética e da criatividade. No caso de Milewska e Neves, o efeito de equivalência estilística é deficitário por excesso de literalidade e fidelidade conducentes à prozaização da poesia; já no caso de Rodrigues, o efeito de equivalência não é alcançado porque a tradutora, não sendo falante nativa da LC, não domina as convenções estilísticas da LC. A concretização do efeito de equivalência estilística em tradução parece resultar não só de algum dom, talento ou predisposição inatos para a escrita por parte dos tradutores, mas também do percurso escolar e académico de leitura e de escrita, convocado e ativado pela memória no ato da tradução.

Por último, analisa-se a conceção de tradução de Wódkowski e do par Charchalis e Charchalis no enquadramento proposto por Ortega y Gasset (1937/2013). Os referidos tradutores são quem mais se aproxima da adequação, uma estratégia que se pauta pelo uso de técnicas de tradução diretas, entre elas, a tradução literal. Newmark (1988: 80),

defensor da tradução literal, argumenta assim a seu favor: «A good literal translation must be effective in its own right. If it shows SL interference, that must be by the translator's conscious decision». A tradução literal será o primeiro passo no ato tradutório e o tradutor só a deve abandonar quando se depara com problemas de tradução ou dominantes semânticas. A correlação entre tradução literal, adequação e interferência é observável nas traduções de Wódkowski e do par Charchalis e Charchalis na medida em que os TP deixam vestígios nas estruturas linguísticas dos TC. Porém, tal não impediu que os tradutores alcançassem o efeito de equivalência estilística. Apesar da nobilitação da tradução por parte de Wódkowski e do empobrecimento lexical da tradução de Charchalis e Charchalis, os textos traduzidos suscitam no leitor uma experiência estética. Não dispomos de recensões sobre a tradução de *O demónio do movimento* que possam confirmar a nossa apreciação, mas guardamos um folheto de Livros Cotovia, onde se cita Maria Teresa Horta que se pronunciou sobre *Tommaso del Cavaliere*: «Pequeno texto trabalhado com um rigor, com uma paixão, surpreendentes». Como explicar então que Wódkowski, falante nativo do polaco, tenha alcançado o domínio da escrita literária da LC? Recorre-se de novo a Davis (2003) para dar início à argumentação:

The position taken up in this book is generally sympathetic with Halliday's conclusion that is possible but difficult for an adult second language learner to become a native speaker of the target language (Davies, 2003: 4).

É difícil, mas não impossível. A apreciação de Horta não faz de Wódkowski um falante nativo do PE, mas é relevante para se perceber que a maestria da tradução literária está ao alcance de falantes não nativos e que o caso de Rodrigues não pode ser generalizado. Pokorn (2005: 113-124) acrescenta que a qualidade da tradução depende também de fatores como as capacidades do tradutor, a estratégia tradutória e o conhecimento das CP e CC, bem como do tipo de texto que se traduz.

Wódkowski e o par Charchalis e Charchalis são fiéis ao original, mas fluentes na LC; empregam o decalque e denotam interferências, mas o produto final não avulta em adequação excessiva e muito menos em *translationese* (Newmark, 1988: 3, 13, 50, 75). Na parceria Charchalis e Charchalis, Wojciech parece ser o elo mais forte, atendendo aos inúmeros indícios de adequação e interferência linguística do PL, a sua língua materna.

É oportuno referir que ambas as traduções foram alvo de revisão. Wódkowski (2015) transmitiu-nos que a sua tradução de *Tommaso del Cavaliere* foi alvo de revisão, mas que «o revisor corrigiu pouca coisa»; talvez por isso, o seu nome não conste na ficha técnica do livro. Já a editora Cavalo de Ferro, destacou dois corretores para *O demónio do movimento*: Vasco Renato, na qualidade de revisor, e Raúl Henriques, na qualidade de revisor literário. A conceção de tradução de Wódkowski e do par Charchalis e Charchalis pauta-se pela aproximação ao TP, privilegiando a tradução literal, porém, não parece implementar-se no sentido reivindicado por Venuti (1995), resultando antes de uma atitude estética, próxima do programa de Ortega y Gasset (1937/2013: 46) que, muito antes de Venuti, já defendia que a prática tradutória devia criar um género literário próprio «traducir es una disciplina sui géneris». O género *tradução* estruturar-se-ia em estratégias de adequação e de estranhamento que deixassem transparecer a língua do Outro, o seu modo de expressão e a sua cultura, tal como o fizera o tradutor que vertera a obra de Ortega y Gasset para alemão. O programa de Ortega y Gasset afigura-se como um desiderato que parte do princípio de que o leitor anseia por textos que o deixem experimentar a língua do Outro:

Es cosa clara que el público de un país no agradece una traducción hecha en el estilo de su propia lengua. Para esto tiene de sobra con la producción de los autores indígenas. Lo que agradece es lo inverso: que llevando al extremo de lo inteligible las posibilidades de su lengua transparen en ella los modos de hablar propios al autor traducido. Las versiones al alemán de mis libros son un buen ejemplo de esto. (...) Y es que mi traductora ha forzado hasta el límite la tolerância gramatical del lenguaje alemán para transcribir precisamente lo que no es alemán en mi modo de decir. De esta manera el lector se encuentra sin esfuerzo haciendo gestos mentales que son los españoles. Descansa así un poco de sí mismo y le divierte encontrarse un rato siendo outro (Ortega y Gasset, 1937/2013: 63).

As noções disponibilizadas pelos EDT para o estudo da tradução, *normas preliminares*, *iniciais* e *operatórias*, não preveem a abordagem das chamadas questões ideológicas que se prendem com políticas de tradução como as de Gasset, Venuti e Berman. Não obstante, elas fazem parte integrante do discurso tradutológico e o estudo das marcas *tradautorais*, não incluído no modelo de Toury, permite aflorar a relação da tradução com a transmissão do conhecimento acerca do Outro, da língua do Outro e da cultura do Outro.

IV PARTE – NORMAS OPERACIONAIS (TÉCNICAS) NA TRADUÇÃO LITERÁRIA DIRETA DO POLACO PARA O PORTUGUÊS EUROPEU (1990-2010)

A presente etapa da investigação, dedicada ao estudo das normas operacionais, efetua-se com base no cotejo dos TP e TC, uma realidade múltipla, descoberta no decurso da leitura comparada das obras reunidas no *corpus*, que culminou no apuramento de fenómenos tradutórios regulares, transversais, relevantes e singulares. A definição que Toury (1995/2012: 82) apresenta para normas operacionais correlaciona normas com processo de tradução, tomadas de decisão e mudanças tradutórias:

Operational norms, in turn, may be conceived of as directing the decisions made during the act itself. These norms affect the text's matrix – i.e., the way linguistic material is distributed in it – as well as its textual make-up and verbal formulation. Directly or indirectly they thus also govern the relationships that would obtain between target and source texts or segments thereof; i.e., they determine what would more likely remain intact despite the transformations involved in the translation, and what would tend to get changed (Toury (1995/2012: 82).

Contrariamente à *norma inicial* que constitui a decisão prévia do tradutor em resposta à pergunta “como traduzir determinada obra”, as *normas operacionais* representam decisões tomadas pelo tradutor durante o ato tradutório em resposta à pergunta “como traduzir determinada palavra, expressão ou estrutura”. A resposta a esta pergunta remete-nos ora para a *tradução direta* ora para a *tradução oblíqua* com as suas múltiplas mudanças tradutórias, hoje em dia compiladas em listas de técnicas de tradução, classificadas por categorias – semântica, sintática e pragmática (cf. Chesterman, 1997: 87-112) – e denominadas com designações e sentidos próprios (cf. Vinay e Darbelnet, 1958/1977; Molina e Albir, 2002; Hejwowski, 2004).

As *normas operacionais* dividem-se em *matriciais* e *linguístico-textuais* (Toury, 1995/2012).

As *normas matriciais* dizem respeito aos seguintes procedimentos:

(...) *matricial norms* govern the very existence of TL material intended as a replacement of corresponding SL material (and hence the degree of *fullness* of translation), its location in the text (or the way linguistic material is actually *distributed* throughout it), as well as the text's segmentation into chapters, stanzas, passages and suchlike (Toury, 1995/2012: 82-83) [Destaques do autor].

Assim, as normas matriciais enquadram-se em procedimentos tradutórios como a omissão, os acréscimos, as mudanças de posição de fragmentos textuais.

Nas obras do *corpus* em estudo, a omissão é o procedimento mais relevante, já que em relação às restantes mudanças tradutórias não se apuraram ocorrências pertinentes. A questão da omissão é por nós tratada transversalmente, porquanto a sua ocorrência foi significativa tanto na aferição das normas iniciais e das marcas *tradutorais* como será na identificação de regularidades no âmbito das normas operacionais.

No que respeita às *normas linguístico-textuais*, Toury (1995/2012) descreve-as assim:

[T]extual-linguistic norms govern the selection of linguistic material for the formulation of the target text, or the replacement of the original material. (...) Some of the textual-linguistic norms may be similar to the norms governing non-translational text-production in the same culture (...) (Toury, 1995/2012: 83) [Destaques do autor].

Sendo utópico reconstruir todas as relações linguístico-textuais entre TP e TC (Hermans, 1999: 76), bem como os seus graus de equivalência, foram selecionadas para o presente estudo duas variáveis: a palavra e a frase. Daí que a IV Parte se divida em três capítulos.

O Capítulo I é dedicado a fenómenos tradutórios que envolvem a palavra em contexto (UT). Partindo de regularidades lexicais observadas nas traduções, são abordados os seguintes procedimentos: (i) correspondência e equivalência, (ii) intertextualidade, (iii) generalização e empobrecimento lexical, (iv) equivalência formal e semântica, (v) paráfrase, (vi) tradução literal e decalcada, (vii) omissão, (viii) idiomatização, (ix) tradução palavra-a-palavra e tradução da letra. Se bem que os erros não resultem de técnicas de tradução, é-lhes dedicado um capítulo, atendendo ao facto de constituírem regularidades transversais.

O Capítulo II pretende estabelecer uma ponte entre técnicas de tradução lexicais e sintáticas, na medida em que analisa um estudo de caso, no qual as palavras do TP são vertidas por meio de estruturas sintáticas no TC. O fenómeno tradutório é analisado com base na tradução para PE do *imiesłów przymiotnikowy czynny* 'partícipio adjetival ativo'.

Por último, o Capítulo III destina-se à análise da tradução da UT *frase*, com enfoque na ordem das palavras na frase, bem como nas técnicas de tradução aplicadas no TC: literal, inversão, topicalização, mudança de voz e de perspetiva e construções de clivagem.

CAPÍTULO I – A PALAVRA EM CONTEXTO

1. Introdução

O primeiro capítulo da IV Parte é dedicado ao estudo de aspetos lexicais que levantam problemas na tradução literária ou representam fenómenos tradutórios transversais, *i. e.*, regularidades na prática de vários tradutores.

O conceito de *léxico* abarca várias aceções, entre as quais, se contam aquelas que interessam à presente investigação: o vocabulário de uma língua e o conjunto de vocábulos empregues por um autor/tradutor. Em Linguística, as unidades do léxico são denominadas *lexias* e dividem-se em três categorias:

A lexia pode ser simples quando coincide com a noção de palavra simples e de palavra derivada da gramática tradicional; pode ser composta quando corresponde a palavra composta da mesma gramática; e pode ser complexa quando corresponde a uma sequência fixa de palavras, como "máquina de escrever", "pôr os pontos nos is", "andar a cavalo", etc. (DTL).

A definição *supra* remete o termo linguístico *lexia* para o termo gramatical *palavra*, pelo que se impõe distinguir o uso distintivo de ambos: «Alguns linguistas relacionam o par léxico/vocabulário com as oposições preconizadas por Saussure entre *langue /parole*» (DTL). Atendendo ao facto de que a presente investigação recai sobre o estudo do uso da palavra no discurso, *i. e.*, nas obras literárias de um *corpus* bilingue específico, serão empregues as noções tradicionais de *vocabulário*, *vocábulo* e *palavra*.

Entre os linguistas, não existe consenso quanto à definição de *palavra* (Casares, 1992: 51), pelo que, na presente tese, se recorre à definição funcional de Cunha e Cintra (1984/2014: 98): «Podemos definir PALAVRA como uma unidade lexical pertencente a uma determinada classe. A essa unidade associa-se uma forma fonológica, um significado ou uma função gramatical, podendo sofrer variação flexional» [Destaques dos autores].

As palavras, porém, nem sempre são portadoras de um único sentido; existem palavras homónimas e polissémicas, cujo significado é inferido a partir do contexto em que se inserem. Assim se fundamenta o título do I Capítulo da IV Parte – *A palavra em contexto*.

No estudo da palavra em contexto, analisam-se *palavras simples, compostas e complexas*. A noção de *palavra complexa* permite integrar na investigação as unidades fraseológicas (UF) e os provérbios que possuem estatuto de palavras (Klare, 1986: 356).

Apesar de os aspetos lexicais e sintáticos serem estudados, por conveniência da análise, em capítulos independentes, eles relacionam-se com implicações mútuas, na medida em que a frase desambigua o sentido das palavras e ambos configuram o texto literário. Ao privilegiar o estudo da tradução da palavra em contexto, o presente capítulo subsidia-se na convicção de que a palavra é a primeira instância do ato de tradução:

Many translators say you should never translate words, you translate sentences or ideas or messages. I think they are deceiving themselves. The SL text consists of words, that is all that is there, on the page. Finally all you have is words to translate, and you have to account for each of them somewhere in your TL text, sometimes by deliberately not translating them (...), or by compensating for them (...) (Newmark, 1988: 193).

Tal não significa que o tradutor traduza unicamente palavras, porquanto o significado das palavras é condicionado por contextos linguísticos, referenciais, culturais (Newmark, 1988: 65). O argumento de Newmark visa atribuir à palavra a devida importância no ato de tradução e na investigação dos fenómenos tradutórios, onde se estuda a tradução da palavra em si, sem perder de vista o contexto de que faz parte, as frases que constrói e a estratégia tradutória que configura.

Os problemas associados à tradução das palavras são desafios para os tradutores, porque as palavras e os seus significados não têm correspondência absoluta entre as línguas (*cf.* Culler, 1986: 131; Ricoeur, 2004/2005: 14). No que toca à tradução das palavras, importa saber que o tradutor literário mede, pesa e pondera as duas principais características inerentes às palavras: o seu valor conceptual na representação direta da realidade (valor denotativo) e o seu valor expressivo na representação da imaginação do autor (valor conotativo). Pelas razões expostas, o estudo dos fenómenos tradutórios a nível lexical levará em consideração a palavra no uso da língua, nos seus eixos sintagmáticos e paradigmáticos, no contexto de outras palavras, de outra língua, de outro estilo literário, de outra cultura e de outra visão do mundo, sem esquecer que palavras e frases são traduzidas por pessoas – os tradutores –, cuja subjetividade e marcas *tradutorais* se refletem no ofício da tradução.

2. Quando o *bosque* é *bosque*: correspondência e equivalência

O presente capítulo visa abordar a tradução por correspondência (tradução literal) e a tradução por equivalência (sinonímia e adaptação cultural) a partir de um estudo de caso, baseado na tradução para PE da palavra polaca *las* ‘floresta’. O título e a argumentação inspiram-se no ensaio de Ortega y Gasset (1937/2013), *Miseria y esplendor de la traducción* que, por sua vez, remete para o ensaio, *A tarefa do tradutor*, de Benjamin (1923/2004).

Tal como Benjamin (1923/2004) observa, as palavras *Brot* e *pain*, que são correspondentes em alemão e francês, evocam associações mentais diferentes nos dois povos. De igual modo, Ortega y Gasset (1937/2004) disserta sobre os correspondentes em alemão e castelhano *Wald* e *bosque*, desenvolvendo a distinção benjaminiana entre objeto intencionado (*pão*, *bosque*) e modo de intenção que se constrói no espaço concetual configurado pela língua que os povos falam e pela experiência que usufruem em determinado meio envolvente:

(...) es utópico creer que dos vocablos pertenecientes a dos idiomas y que el diccionario nos da como traducción el uno del otro, se refieren exactamente a los mismos objetos. Formadas las lenguas en paisajes diferentes y en vista de experiencias distintas, es natural su incongruencia. Es falso, por ejemplo, suponer que el español llama *bosque* a lo mismo que el alemán llama *Wald*, y, sin embargo, el diccionario nos dice que *Wald* significa *bosque*. (...) la clara intuición de la enorme diferencia que entre ambas realidades existe [e]s tan grande, que no sólo ellas son de sobra incongruentes, sino que lo son casi todas sus resonancias intelectuales y emotivas (Ortega y Gasset, 1937/2013: 12) [Destaques do autor].

Ortega y Gasset questiona o postulado da correspondência em tradução, ou seja, da relação mútua de simetria que o dicionário propõe para duas palavras de línguas diferentes. A tese de que *bosque* e *Wald*, apesar de serem correspondentes, não se referirem *exatamente* ao mesmo objeto constitui um argumento em prol da intraduzibilidade; no entanto, a salvaguarda de que não se referem *exatamente* ao mesmo objeto também permite subentender e antever que, ainda assim, ambas as palavras, *bosque* e *Wald*, se referem *em certa medida* ao mesmo objeto. Esta medida, apesar de inexata, será a condição necessária e suficiente para propulsionar a tradução. O facto de as representações mentais e as ressonâncias emocionais associadas às palavras *bosque* e *Wald* serem diferentes para um espanhol e um alemão, não impede a comunicação por via

da tradução porque, afinal de contas, as palavras remetem para (quase) o mesmo referente. As palavras têm significados denotativos e conotativos, bem como aceções culturais que se prendem com costumes, locais e nacionais, adquiridos e transmitidos coletivamente de geração em geração. Por tal razão, Hejwowski (2004: 12) considera que, muitas vezes, são os significados culturais das palavras que se perdem na tradução porque a totalidade dos significados não é universal e os campos semânticos não se sobrepõem totalmente.

Sendo a categorização da realidade um fenómeno cognitivo-linguístico, cada povo constrói representações mentais diferentes do domínio FLORESTA com base no que aprendeu e viveu durante séculos. Nos termos da argumentação, a palavra polaca *las* e a portuguesa *floresta* evocam, em polacos e portugueses, representações mentais diferentes e revestem-se de ressonâncias emocionais distintas, embora se refiram *quase*⁵³ ao mesmo objeto.⁵⁴

Como veem polacos e portugueses o mundo florestal? Como o categorizam e valorizam? Quais são as árvores prototípicas nas duas culturas?⁵⁵

Um levantamento terminológico das palavras do campo lexical de *floresta* em dicionários de sinónimos de ambas as línguas, revelou que o PL dispõe de um número maior de palavras do que o PE para designar ‘conjunto de árvores’ (que não são árvores de fruto), o que corresponde a uma categorização e repartição diferente da realidade florestal na Polónia e em Portugal.⁵⁶ Tal pode ser explicado pelas diferenças tanto do relevo como do clima. Grande parte do território polaco corresponde a uma extensa planície confinada por duas fronteiras naturais – o Mar Báltico, a Norte, e as cadeias montanhosas cobertas de florestas, a Sul. O seu território atravessado por grandes rios e ocupado por grandes lagos,

⁵³ O uso do advérbio *quase* invoca Eco (2005/2005) para quem traduzir é *Dizer quase a mesma coisa*.

⁵⁴ Floresta: «denso conjunto de árvores que cobrem uma vasta extensão de terra» (DHPL: 1762); *las*: «denso conjunto de vegetação onde predominam árvores» (SJP II: 12. T. n.).

⁵⁵ Para responder a estas perguntas recorreu-se ao método de consulta de dicionários, recolha de informação junto de informantes, falantes nativos de PL e PE, e a usos quotidianos das palavras *las* e *floresta*.

⁵⁶ O SWB (1971: 75) regista como sinónimos de *las* as seguintes palavras: *bór* ‘floresta antiga de coníferas’, *puszcza* ‘floresta grande, densa, primitiva, virgem’, *knieja* ‘floresta grande e densa’, *ostęp* ‘zona florestal de difícil acesso’, *matecznik* ‘floresta de difícil acesso, habitat de animais florestais’, *gaj* ‘bosquete / horto’, *gaik* ‘pequeno bosquete / pequeno horto’, *lasek* ‘florestazinha’, *przylasek* ‘pequena floresta junto a uma floresta maior’, *zagajnik* ‘floresta jovem’. Por seu lado, o DS (609) atesta como sinónimos de *floresta* os seguintes vocábulos: *arvoredo*, *bosque*, *brenha*, *luco*, *mata*, *matagal*, *vergel*.

bem como o seu clima temperado, com precipitação frequente, incluindo, aguaceiros no verão, favoreceram o crescimento de vários tipos de densas florestas.

No que toca a representações mentais do domínio concetual LAS / FLORESTA, os falantes nativos de PL descrevem a imagem que possuem de LAS com mais facilidade do que os falantes nativos do PE. Para os polacos, a floresta exerce uma profunda influência na sua vida: a floresta é subsistência (frutos silvestres, no verão, e cogumelos, no outono), proteção (fuga, guerra e resistência), libertação (sentimento de liberdade e aproximação à natureza), férias, lazer e relaxamento (passeios pedestres, caminhadas por trilhos demarcados, escaladas); símbolo do eterno ciclo da vida (a transição entre as estações do ano é particularmente visível nas florestas); caça (por motivos de sobrevivência, equilíbrio ecológico, desporto, atividade turística, etc.); é o *habitat* de animais que povoam o imaginário polaco, como bisontes, ursos, lobos, corças e javalis; é inspiração para inúmeras canções (como p. ex.: *Szła dziewczeczka do laseczka* ‘Seguia a rapariguinha pela florestazinha’) e tópico da literatura polaca⁵⁷, onde simboliza o poder e a beleza da natureza e representa uma testemunha da história da Polónia.

Os portugueses não estabelecem uma relação tão íntima com as florestas como os polacos; daí que as suas representações mentais sejam menos diretas, apegadas e pessoais. Os portugueses inquiridos referiram que, em Portugal, não há muito respeito pelas florestas (que servem para sujar, abater e incendiar). A floresta parece representar algo que está mais ao serviço do país do que do indivíduo: fornece madeira para a indústria do móvel e do papel, protege localidades e terrenos agrícolas das ventanias e areais, embeleza as serras e atrai o turismo. Ainda assim, reconhece-se que, graças a campanhas ambientais, tem-se vindo ultimamente a ganhar mais respeito pelas florestas e a revelar comportamentos mais ecológicos.

Quanto aos protótipos de ÁRVORE, os informantes polacos referiram, primeiro, >ŚWIERK< ‘espruce’, >BRZOZA< ‘bétula’, >DĄB< ‘carvalho’ e, depois, consoante a experiência regional, surgem >BUK< ‘faia’, >JODŁA< ‘abeto’ e >GRAB< ‘carpa europeia’, >LIPA< ‘tília’ e >JARZĘBINA<

⁵⁷ Por exemplo: *Do lipy* [À tília] de Kochanowski (1530-1584); *Brzezina* [Floresta de bétulas] de Iwaszkiewicz (1894-1989); *Z lasu* [Da floresta] de Baczyński (1921-1944); *Do leszczyny* [À floresta de avelãs] de Miłosz (1911-2004), *Wielki las* [A grande floresta] de Nienacki (1929-1994), etc.

‘tramazeira’. Por seu turno, os protótipos de ÁRVORE eleitos pelos informantes portugueses foram: >PINHEIRO<; >SOBREIRO<; >EUCALIPTO<; >CIPRESTE< e >CARVALHO<.

Para polacos e portugueses, as representações mentais, as ressonâncias emocionais e os protótipos das árvores (eventualmente com exceção do carvalho) não coincidem. Em termos olfativos, a floresta polaca rescende a um odor telúrico e húmido, a cogumelos e bagas, enquanto a floresta portuguesa evoca os cheiros fortes e secos de resinas e agulhas. O conceito de *floresta*, bem como a sua estruturação mental e emocional, ilustra a relação que se estabelece entre o conhecimento humano e a experiência física e corpórea do homem no mundo, o que também se reflete no uso quotidiano da língua.⁵⁸

A floresta representa um conjunto de ideias e valores que marca forte presença na cultura polaca, assumindo uma posição de charneira nas representações mentais dos polacos e no imaginário polaco, patente, p. ex., na literatura de um povo que vive(u) intimamente a experiência da floresta. Para os portugueses, em contrapartida, a experiência do mar terá sido uma das principais vivências estruturantes da sua identidade. Do valor do mar na cultura portuguesa dá-nos conta Virgílio Ferreira (1999) que enaltece a língua portuguesa como reflexo da cultura de um povo, cuja identidade é indissociável do mar: «da minha língua vê-se o mar» (Ferreira, 1999: 83-84).⁵⁹

Parafraseando Virgílio Ferreira, pode sugerir-se que da língua polaca se vê a floresta. Por isso, quando o tradutor de PL-PE verte *las* por *floresta* e o tradutor de PE-PL verte *mar* por *morze* está apenas a “dizer *quase* a mesma coisa”. Se o tópico do mar é motivo recorrente na poesia portuguesa (Camões, Pessoa, Andresen, etc.), o tópico da floresta é *leitmotiv* incontestável na poesia polaca, conforme se pode comprovar nos volumes poéticos de

⁵⁸ O facto de os polacos terem estabelecido uma relação mais íntima com a floresta transparece, por exemplo, na nomenclatura territorial e nas notícias jornalísticas, respetivamente: *Lasy Pszczyńskie* ‘Florestas de Pszczyna’ e *Palq się lasy w Portugalii* ‘Ardem florestas em Portugal’. Por seu lado, a relação mais ténue que os portugueses têm com as florestas, também se espelha no uso do português, nas mesmas áreas linguísticas: as florestas portuguesas dão origem a Tapadas (p. ex., de Mafra) ou Parques Naturais (p. ex., da Arrábida) e os jornais destacam os incêndios florestais com manchetes redigidas por holonímia, p. ex.: *A serra de Monchique está a arder*.

⁵⁹ «Uma língua é o lugar donde se vê o mundo e de ser nela pensamento e sensibilidade. Da minha língua vê-se o mar. Na minha língua ouve-se o seu rumor como na de outros se ouvirá o da floresta ou o silêncio do deserto. Por isso a voz do mar foi em nós a da nossa inquietação» (Ferreira, 1999: 83-84).

Miłosz e Szymborska constantes do *corpus*, onde a palavra *las* ocorre 26 vezes, tal como exposto na Tabela 9.

Tabela 9 - Ocorrências da palavra *las* nos TP (poesia) e respetiva tradução

Autor / tradutor	N.º de ocorrências da palavra <i>las</i> nos TP	Tradução da palavra <i>las</i> e n.º de ocorrências nos TC.
WS1 / JG	14	bosque - 11 floresta - 2 pinhais - 1
M e WS2 / M&N1	10	bosque - 4 floresta - 3 mata - 1 campo - 1 ∅ - 1
WS3 / M&N2	2	bosque - 2

Contrariamente à expectativa, a palavra *las* nem sempre é vertida para PE como *floresta*. Sabendo que *las* constitui o hiperónimo em PL e PE, seria de esperar que os tradutores optassem pela tradução por correspondência – *floresta* –, mas tal não aconteceu. Gomes utiliza com mais frequência a palavra *bosque* do que Milewska e Neves que traduzem *las* por meio de quatro palavras diferentes – *floresta*, *bosque*, *mata* e *campo* – e a omitem uma vez. As opções tradutórias não parecem ter levado em conta as diferenças semânticas⁶⁰ entre *floresta*, *bosque* e *mata*, uma vez que nos TP não existem indícios para avaliar o tipo, a dimensão e a composição das áreas florestais, com exceção de um poema, ao qual adiante se fará referência a propósito da tradução de *las* como *mata*.

A hipótese explicativa mais provável para a variação tradutória entre *floresta*, *bosque* e *mata* residirá no facto de os portugueses não possuírem uma representação cognitiva do conceito de *floresta* tão precisa, simbólica e cristalizada como os polacos. O facto de a experiência de *floresta* não estar enraizada na história e no quotidiano dos portugueses poderá ter induzido os tradutores a oscilar entre *floresta*, *bosque* e *mata*. O facto de Gomes ter elegido coerente e maioritariamente a solução tradutória *bosque* é uma regularidade que merece ser interpretada. O contacto com outras culturas induz alterações nas

⁶⁰ «*Floresta* é um conjunto de árvores ao qual está associada uma fauna característica e uma flora rasteira, sendo, normalmente, de origem natural. A *mata* é muito parecida com a floresta, mas, na sua composição, predominam os arbustos que são plantas de altura inferior a cinco metros e apresentam ramos desde a sua parte inferior. O *bosque* difere nas dimensões do espaço que ocupa - mais pequenas que as da floresta e da mata» (Ciberdúvidas, s. d.).

representações mentais dos povos e das pessoas. O facto de Gomes ter vivido quatro anos na Polónia poderá tê-lo consciencializado das diferenças entre a floresta portuguesa e polaca, associando a primeira a *floresta* e a segunda a *bosque*.⁶¹ Não é, pois, de excluir que alguns falantes do PE associem a palavra *bosque* a florestas setentrionais, centrais e orientais da Europa e que, por esta razão, Gomes tenha optado pelo vocábulo *bosque*, numa tentativa de assinalar a diferença que lhe parecia existir entre as *florestas* (portuguesas) e os *bosques* (polacos). Neste caso, a tradução de *las* ‘floresta’ por equivalência através do sinónimo *bosque* pode ser interpretada como uma tentativa de estranhamento e de marcação da diferença linguística e cultural entre os povos.

Seguidamente, analisam-se, ocorrências da palavra *las* e respetiva tradução para PE, em versões paralelas de diferentes tradutores do mesmos segmentos dos TP (ex. 1-3).

(1)

Tory	wiodą	w	czarny	las. /	(...) Las	bez	polan. /
carris	levam	em	preta	floresta	floresta	sem	clareiras
Ao bosque negro conduzem os carris. / (...) Bosque, denso bosque. / No bosque negro perdem-se os carris. / (...) Bosque negro. /							

→

(...) Lasem	jedzie	transport	wołań.	WS1: 16; WS2: 120
por floresta	vai	transporte	de brados	
(...) Estrépito no bosque dos gritos suplicantes. (...) o comboio de clamores a passar.				JG: 18-19 M&N1: 121

Em (1), Gomes e o par Milewska e Neves optaram pelo nome *bosque*. O facto de a tradução de Gomes ser anterior à de Milewska e Neves, que dela tinham conhecimento, poderá ter inspirado a escolha de *bosque negro*, constituindo a atualização de uma memória de leitura (Flor, 1983). Na versão de Milewska e Neves, regista-se ainda a omissão da palavra *las*.

(2)

Dokąd	biegnie	ta	napisana	sarna	przez	napisany	las?	WS1: 64 WS2: 136
para onde	corre	esta	escrita	corça	por	escrita	floresta?	
Para onde corre esta corça escrita pelo bosque escrito? Para onde corre esta corça escrita pela mata escrita?								JG: 65 M&N1: 137

⁶¹ Para além disso, nos anos 80-90 em Portugal, foi introduzido o conceito comercial de *frutos do bosque*, as bagas silvestres negras ou vermelhas, oriundas das florestas húmidas da Europa Central. De igual modo, a expansão da espécie felina, *gato do bosque*, proveniente das florestas escandinavas, reforçou o uso da palavra *bosque* nos falantes do PE. A introdução de novas ocorrências linguísticas nas línguas obriga os falantes a reorganizar mentalmente os campos lexicais.

Em (2) a palavra *las* é traduzida como *bosque* (G: 65) e *mata* (M&N1: 137). A tentativa de aculturação, efetuada por Milewska e Neves, constitui um erro de cenário (*cf.* secção 7.5.), pois as corças não vivem em matas, sendo o seu *habitat* natural florestas e bosques. Neste poema, a referência à corça, restringe as opções de tradução coerentes a *floresta* e *bosque*.

(3)

Cisza -	ten	wyraz	też	szeleści	po	papierze /	i	rozgarnia /
silêncio	esta	palavra	também	restolha	em	papel	e	separa
O silêncio ó também esta expressão restolha no papel / e afasta / A palavra silêncio vai farfalhando no papel / e afastando /								

→

spowodowane	słowem	„las”	gałęzie.	WS1: 64; WS2: 136
causado	por palavra	floresta	ramo	
os ramos que a palavra «bosque» originou. os galhos pela palavra “bosque” suscitados.				JG: 65 M&N1: 137

Tal como se observou em (2), no exemplo (3), extraído do mesmo poema, Gomes mantém a tradução de *las* como *bosque*. Milewska e Neves não repetem a palavra *mata*, substituindo-a por *bosque*; por conseguinte, no mesmo poema, *las* é traduzido ora como *mata* e ora como *bosque*. Assim se coloca em dúvida se se trata do mesmo referente e assim se diminui a coesão lexical.⁶²

Extraindo conclusões preliminares das ocorrências tradutórias acima apresentadas, constata-se que Gomes manifesta uma tendência maioritária para traduzir *las* como *bosque*, preservando a coesão lexical do TP. Em contrapartida, Milewska e Neves repartem a tradução de *las* entre a omissão e o emprego de quatro termos: *floresta*, *bosque*, *mata* e *campo*, diversificando o vocabulário dos autores e pondo em causa a coesão lexical dos TC.

Por último, nos exemplos de (4) a (7), abordam-se ocorrências relativas às árvores consideradas prototípicas na cultura polaca, bem como a sua tradução para PE. Os exemplos escolhidos provêm tanto das obras poéticas como das obras de prosa reunidas no *corpus*.

⁶² Entende-se por coesão lexical o mecanismo que envolve a repetição do mesmo item lexical ao longo de um texto: «Lexical cohesion refers to the role played by the selection of vocabulary in organizing relations within a text. A given lexical item cannot be said to have a cohesive function *per se* (...), but any lexical item can enter into a cohesive relation with other items in a text» (Baker, 1992: 202). Halliday e Hasan dividem a coesão lexical em duas categorias: *reiteração* (a repetição de itens lexicais) e *colocação* (pares de itens lexicais associados um ao outro, p. ex., amor/ódio; veículo/carro; mão/dedo) (*apud* Baker, 1992: 203).

(4)

(...) lasy	brzozowe	i	lasy	cedrowe (...)	WS: 290
florestas	de bétulas	e	florestas	de cedros	
(...) os bosques de cedros e os pinhais (...)					JG: 291

No exemplo (4) surge um dos mais simbólicos tipos de floresta da Polónia, *lasy brzozowe* ‘florestas de bétulas’, que se associam não só aos guerreiros resistentes das florestas que, ao longo da conturbada história da Polónia, aí se escondiam e planeavam as suas operações, mas também aos cemitérios, onde cruzeiros, feitas com os característicos troncos esbranquiçados das bétulas, identificam as sepulturas. A tradução de *lasy brzozowe* como *pinhais* substitui a árvore mencionada no TP e apaga as representações cognitivas associadas às (florestas de) bétulas na Polónia, impedindo o leitor de aceder ao imaginário polaco e à CP. Ademais, com o uso do nome coletivo, *pinhais*, perde-se o paralelismo sintagmático do TP com a palavra *las*.

(5)

Mały	lasek	jodłowy	wyrosły	pótkolem (...)	G: 7
pequena	florestazinha	de abetos	crescida	em semicírculo	
Um pequeno bosque de pinheiros que crescera em semicírculo (...)					C&C: 10-11

No enunciado (5), o TP refere *mały lasek jodłowy* ‘uma pequena florestazinha de abetos’. Para os polacos o abeto é uma árvore nobre, símbolo da árvore de Natal que, hoje em dia, se encontra sob proteção. Os tradutores optaram, porém, por substituir *abeto* por *pinheiro* no TC, uma das árvores florestais mais prototípicas para os leitores da tradução, apagando assim uma importante referência cultural polaca.

(6)

(...) w	dolinie	orzechowych	gajów,	albo	kiedy	śniegi /
em	vale	de noqueiras	de bosquetes	ou	quando	neves
No vale das noqueiras, ou quando a neve /						
→						
/ przywalają	jodły	kalekie (...)	WS2: 48			
esmagam (com o peso)	abetos	aleijados				
Esmaga os pinheiros mutilados (...)					M&N1: 49	

O exemplo (6) ilustra dois procedimentos tradutórios. Primeiro, a omissão da palavra *gaje* ‘bosquetes’: o SP (...) *w dolinie orzechowych gajów* ‘no vale dos bosquetes de noqueiras’ é reduzido a *no vale das noqueiras*. Segundo, os tradutores aplicam a técnica de tradução

por equivalência ou adaptação cultural à palavra *jodła* ‘abetos’, que é substituída por *pinheiros*. Em consequência, a tradução apaga marcas distintivas do território do Outro.

(7)

Poprzez	gałęzie	smreków	przedzierały	szczyty	gór.	L: 117
por	ramos	de espruces	trespassavam	picos	de montanhas	
Pelos ramos dos pinheiros, os picos das montanhas apareceram.						R: 68

O último dos enunciados, o exemplo (7), apresenta um regionalismo montanhês – a palavra *smrek* que corresponde a *świerk*, no polaco-padrão. Também aqui *smrek* ‘espruce’ foi substituído por *pinheiro* no TC, o que resulta no aportuguesamento da paisagem polaca.

Os exemplos acima analisados indicam que, quando as árvores do TP são *brzoza*, *jodła* e *świerk/smrek*, três das árvores prototípicas referidas pelos informantes polacos, os tradutores tendem a optar não pelos termos correspondentes na LC, mas pelos equivalentes da CC, *i. e.*, adaptam o objeto à realidade portuguesa, o que redundará na opção, *pinheiro*, que é, por seu turno, uma das árvores florestais mais prototípicas para os portugueses. A ocorrência apurada, embora constitua uma tendência, não é passível de generalização a todas as espécies vegetais, típicas da cultura polaca, presentes nos TP. Há casos em que os tradutores respeitaram a correspondência entre as espécies na LP e na LC.⁶³ Ressalvando as exceções, observou-se que, no que respeita à tradução dos nomes das árvores, os tradutores tendem a optar pela técnica da equivalência ou adaptação cultural, que se inscreve no âmbito da estratégia de aceitabilidade ou domesticação. Tal levou os tradutores a privilegiar o *pinheiro*, um elemento paisagístico típico de Portugal, mas não da Polónia.⁶⁴ Chesterman (1997: 108) denomina esta tendência como *cultural filtering*, *i. e.*, adaptação do objeto à CC: «it describes the way in which SL items, particularly culture-specific items, are translated as TL cultural or functional equivalents, so that they conform to TL norms». No caso em apreço, a adaptação cultural tem sobretudo dois grandes efeitos. Primeiro e nos termos de Berman (1985/1997: 49), traz consigo a redução lexical: «Verifica-se uma perda uma vez que temos menos significantes na tradução do que no original. É atentar contra o tecido lexical da obra, contra o seu modo de lexicalidade, a profusão». A

⁶³ Por exemplo: (...) *kępy olch nad wodami* (...) (WS1: 220) / (...) *os amieiros junto à água* (...) (M&N1: 221).

⁶⁴ Aliás, o nome coletivo *pinhal* ocorre ainda em outros poemas traduzidos por Gomes (G: 349) e Milewska e Neves (M&N2: 33) por ser de uso corrente e fácil reconhecimento.

adaptação cultural contribui, assim, para o empobrecimento das redes de significantes do TP, o que poderá ser evitado, caso o tradutor efetue um levantamento prévio das palavras e respetivos campos (lexicais e semânticos) no TP e se aperceba da relevância de determinados vocábulos no contexto da obra de um autor e de uma cultura estrangeira.

Segundo e nos termos de Schleiermacher (1813/2003), a adaptação cultural determina o afastamento do leitor em relação ao autor, ao TP e à CP. Em última instância, ao ler a poesia de Miłosz e Szymborska em tradução, o leitor português quedar-se-á com a imagem de uma Polónia semelhante a Portugal, florestada com pinheiros e pinhais ao invés de ficar a conhecer a sua diversidade florestal, pejada de abetos, bétulas e espruces. Partindo do princípio de que os tradutores sabem que *espruces*, *bétulas* e *abetos* não são *pinheiros*, infere-se que a técnica da adaptação cultural tenha sido uma opção consciente, a fim de facilitar a leitura ao leitor português, mas cujo efeito colateral é apagar as marcas do Outro e do mundo em que ele vive. Porém, não é de excluir que o uso da técnica da equivalência cultural possa ter sido motivada por um certo facilitismo por parte dos tradutores. Por esta ordem de ideias, se os tradutores tivessem preservado no TC os espruces, as bétulas e os abetos, que inspiraram os autores polacos, teriam preservado a diversidade florestal da CP e o efeito de estranheza causado teria aproximado o leitor português do imaginário dos polacos e da paisagem polaca.

De qualquer das maneiras, se a tradução pretende ser um meio de comunicação entre os povos e de aproximação cultural que dá a conhecer o Outro, a adaptação cultural não contribui para tal, porque o leitor-alvo acaba por percecionar o estrangeiro e o seu mundo através do filtro da sua própria cultura. É nosso entendimento que os tradutores devem ser responsáveis pela introdução e cristalização na LC de referentes típicos das culturas estrangeiras com que trabalham. No caso analisado, se os tradutores tivessem respeitado as espécies vegetais dos TP, neste momento, a literatura polaca traduzida para PE contaria com a presença de abetos, espruces e bétulas, árvores que se associariam impreterivelmente à paisagem da Polónia e à cultura polaca. E a tradução seria um meio de comunicação mais autêntico.

3. Quando a *jovem, juvenzinha é menina e moça*: intertextualidade

O tópico em análise no presente subcapítulo versa sobre a intertextualidade na tradução literária.⁶⁵ Mateus *et al.* (1989/2003) propõem uma definição abrangente de intertextualidade que integra textos, escritores e leitores:

Intertextualidade designa a relação entre um determinado texto e outros textos relevantes, que fazem parte da experiência anterior do locutor/escritor e do alocutário/ouvinte/leitor. Esta propriedade relaciona, portanto, um texto concreto com a memória textual coletiva, com a memória de um grupo ou de um indivíduo específico. Tal relação é um dos factores estruturantes de cada texto concreto, na medida em que é na memória textual coletiva e de grupo que se funda a definição de modelos textuais, e manifesta-se materialmente num dado texto através de citações, remissões, comentários, reformulações ou relatos de fragmentos de textos relevantes (Mateus *et al.*, 1989/2003: 88) [Destaque das autoras].

A linguagem literária configura-se, assim, como um diálogo de textos que se manifesta no discurso literário e remete para textos anteriores. A noção de intertextualidade, entendida como produção de um texto inspirado noutros (previamente estruturados) ou como referência a outros textos precedentes, pode ser importada para os EDT. Tal como os escritores, na escrita criativa, também os tradutores, na escrita tradutória, se inspiram em textos já lidos e discursos já ouvidos. Quanto mais alargado for o leque de leituras, maior será o repertório linguístico, literário e cultural do tradutor. Juntamente com a aquisição de competências de escrita, outras competências se adquirem através da leitura de obras literárias, tais como: o alargamento do vocabulário e a expansão do conhecimento, a estimulação da imaginação e da criatividade, bem como a capacidade de memorização. A memória de leituras efetuadas pelos tradutores transparece na tradução das obras literárias do *corpus* em estudo.

A problemática da intertextualidade em tradução será abordada na presente investigação sob duas perspetivas: (i) as intertextualidades criadas pelos próprios tradutores, não sugeridas pelo TP (secção 3.1.); (ii) as intertextualidades tecidas pelos autores, não preservadas pelos tradutores (secção 3.2.).

⁶⁵ Tal como a palavra indica, *intertextualidade* é a relação entre textos. O conceito foi proposto por Kristeva, em 1969, como forma de denominar uma das características do texto literário: «todo o texto se constrói como um mosaico de citações, todo o texto é absorção e transformação de outro texto» (Moisés, 2004: 243).

3.1. Ecos intertextuais *tradautorais*

O estudo da intertextualidade tradutória tem início com as ocorrências do fenómeno criadas pelos próprios tradutores, apuradas nos TC. Paz (1971) defendia que todos os textos são traduções de traduções de traduções, basendo-se na ideia de que a linguagem é, antes de mais, tradução do mundo e, logo a seguir, tradução daquilo que já foi traduzido.

En un extremo el mundo se nos presenta como una colección de heterogeneidades; en el otro, como una superposición de textos, cada uno ligeramente distinto al anterior: traducciones de traducciones de traducciones. Cada texto es único y, simultáneamente, es la traducción de otro texto (Paz, 1971).

Do mesmo modo que o texto literário se apresenta como uma entidade única, mas construída a partir de outros discursos anteriores, assim também a tradução se institui quer como texto singular, onde a voz do autor se faz ouvir por intermédio do tradutor, quer como texto plural, que faz eco de outras vozes, entre as quais, a do tradutor e a dos autores das leituras por ele efetuadas.

Toda a tradução interlinguística representa um ato singular, o que se atesta pelo facto de dois tradutores produzirem traduções diferentes. A singularidade de cada tradução deriva, entre outros, da pessoa do tradutor e do seu percurso escolar, académico e pessoal, cabendo, neste último aspeto, tudo aquilo que o marcou desde a sua origem geográfica e social, passando pelos sítios onde viveu e trabalhou, até aos círculos de pessoas com quem viveu e conviveu. A pluralidade da tradução, por seu turno, reflete as leituras efetuadas pelo tradutor que vêm à superfície no processo tradutório e deixam marcas visíveis da presença de outros textos no produto final da tradução. Se a singularidade da tradução se prende com a subjetividade dos tradutores, já a sua pluralidade reflete a intersubjetividade que se estabelece entre autores e tradutores, manifesta no uso da língua, na partilha de formas de expressão, bem como na intertextualidade. A tradução literária atualiza não só normas da LC, mas também acolhe no seu seio múltiplas memórias do tradutor que remetem para textos canónicos e formulações linguísticas conhecidas. A subjetividade do tradutor em conjunto com a sua interpretação do TP e as suas memórias de leitura na LC propulsionam a (re)criação de diálogos intertextuais, imprimindo a ideia de tradução a partir de tradução: do mundo, da interpretação, da escrita e da reescrita.

A análise comparativa dos textos do *corpus* revelou marcas da memória de leituras efetuadas pelos tradutores, evidentes em ocorrências tradutórias intertextuais que remetem sobretudo para textos canónicos da língua portuguesa, quer literários quer bíblicos. Na apresentação dos exemplos ilustrativos das ocorrências tradutórias de (8) a (12), a glosa ilustra que o diálogo intertextual não é criado pela pena dos autores dos TP mas, sim, lavrado pela mão dos tradutores.

(8)

(...) przy	xiążęciu	księżna	pani /	cudnie	młoda,	młodzusięńka.	WS2: 178
junto de	príncipe	princesa	senhora	milagrosamente	jovem	jovenzinha	
(...) com o príncipe, a princesa / belissimamente menina e moça.							M&N1: 179

O exemplo (8) dá conta de uma ocorrência intertextual através da expressão *menina e moça*, que intitula a novela pastoril de Bernardim Ribeiro, editada no século XV. Embora o título integral da obra seja *Saudades – História de menina e moça*, na memória partilhada dos portugueses, a novela é conhecida apenas como *Menina e moça*.

O problema tradutório que se observa no exemplo (8) e motivou o diálogo intertextual com um dos tópicos da literatura portuguesa, foi a expressão *młoda, młodzusięńka* ‘jovem, jovenzinha’⁶⁶, composta pelo mesmo adjetivo, nos graus normal e diminutivo, e conotada com uma forte carga de afetividade. Se a consciência da perda destas conotações terá levado os tradutores a não optar pela tradução literal, já a anterior tradução de Gomes *segue a seu lado a grã-duquesa, / nova, mui moça (...)* (G: 169) poderá ter sido o passo intermédio necessário para que Milewska e Neves recordassem Bernardim Ribeiro. Da estilização arcaica – *mui moça* – à evocação intertextual – *menina e moça* – foi um passo facilitado pela anterior versão de Gomes. Por isso, considera-se que a retradução de Milewska e Neves é, por vezes, devedora da tradução de Gomes, que lhe é anterior. Ao traduzir *młoda, młodzusięńka* como *menina e moça* estabelece-se diálogo intertextual com uma das obras canónicas da língua portuguesa. A expressão harmoniza-se ainda com a forma e o conteúdo do poema que descreve uma iluminura da Idade Média. Milewska e Neves, compensam a estilização ortográfica, presumivelmente arcaizante de *przy xiążęciu*

⁶⁶ Em PL, a construção [Adj. (grau normal) + Adj. (grau diminutivo)] é recorrente e tem uma conotação positiva e afetiva, p. ex.: *nowy, nowiusięńki* ‘novo, novinho’; *stary, starusięńki* ‘velho, velhinho’, *mały, malusięńki* ‘pequeno, pequenino’.

*księżna*⁶⁷, através do uso de uma expressão cunhada em 1554 – *menina e moça* – que se coaduna com o espírito do poema e da época representada.

O uso da expressão *menina e moça*, na tradução, remete para a intertextualidade sob a forma de citação, *i. e.*, a transcrição *ipsis verbis* de uma expressão do discurso textual de Bernardim Ribeiro. Apesar de as citações serem referidas entre aspas ou em itálico, a expressão em foco dispensa tal formalidade, porque faz parte do património linguístico e literário da CC e é facilmente reconhecível.

(9)

(...) bo	tu	wszystko	wylewa	się	na	środek	jezdni
porque	aqui	tudo	despeja	se	em	meio	de estrada
(...) porque, aqui, deita-se tudo no meio da rua,							
→							
- jezdnia	jest		niczyja.		K3: 36		
estrada	é		de ninguém				
a rua é de todos e de ninguém.						S&L3: 30	

No enunciado (9), o diálogo intertextual estabelece-se com uma alusão literária a Gil Vicente e/ou a UF em uso no PE. Na farsa *Auto da Lusitânia*, Gil Vicente concebe duas personagens simbólicas: Todo-o-Mundo é um rico mercador, ganancioso e vaidoso, que representa a maioria das pessoas na terra e Ninguém é um homem pobre, virtuoso e modesto, que não representa praticamente ninguém. O exemplo (9) é extraído da descrição da cidade indiana de Hajdarabad, onde as ruas estão sempre cheias de lama porque servem para escoar todo tipo de despejos domésticos. Ao verterem *jezdnia jest niczyja* ‘a rua não é de ninguém’ para PE através da expressão *a rua é de todos e de ninguém*, Szymaniak e Leão dialogam com o texto de Gil Vicente e as UF do português, substituindo a ideia de Todo-o-Mundo por *todos* e preservando *ninguém*. A expressão, *é de todos e de ninguém*, pode classificar-se como alusão ecóica, na qual ressoa o enunciado vincentino – *Todo o Mundo é mentiroso e Ninguém diz a verdade* – que faz parte do património linguístico e literário português, a par de outras expressões em uso no PE como *agradar a todos e a ninguém* ou *todos ralham, ninguém tem razão*.

⁶⁷ Em PL contemporâneo seria *przy księżęciu księżna* ‘junto ao príncipe a princesa’ – a consoante x não faz parte do alfabeto polaco atual, embora possa ocorrer em palavras estrangeiras.

(10)

(...) armia	Mao	(...) przebywała	bagniste	równiny,				
exército	de Mao	percorria	pantanosas	planícies				
(...) o exército de Mao (...) percorria planícies pantanosas								
→								
gdzie	przedtem	prawie	nigdy	nie	stawała	stopa	ludzka, (...)	K3: 60-61
onde	antes	quase	nunca	não	punha	pé	humano	
nunca dantes tocadas pelo pé humano, (...)								S&K3: 49

O diálogo intertextual em (10) joga-se com a primeira estrofe de *Os Lusíadas* de Luís Camões: *As armas e os barões assinalados / Que da Ocidental praia Lusitana, / Por mares nunca dantes navegados* (...). A referência intertextual é feita por comparação: enquanto os portugueses desbravaram o mar, o exército chinês explorava planícies pantanosas. Tanto portugueses como chineses foram pioneiros, respetivamente na navegação e nas expedições terrestres. A intertextualidade não assenta apenas em duas palavras *nunca dantes* mas também no decalque sintático: [N + NUNCA DANTES + PARTICÍPIO]. Veja-se a semelhança no eixo paradigmático da referida construção sintática: *planícies pantanosas nunca dantes tocadas* e *mares nunca dantes navegados*. O exemplo (10) atesta que, tal como os autores, também os tradutores conhecem textos que os marcaram e os influenciam na forma como traduzem e redigem. Este tipo de referência intertextual pode ser designado como intertextualidade sintática.

(11)

Nieruchomy,	godzinami	medytował	w	swoim	gabinecie (...)	K1: 111
imóvel	por horas	meditava	em	seu	gabinete	
Imóvel, passava as horas mortas no seu escritório em meditação (...)						S&L1: 126

A referência à literatura portuguesa em (11) é evidente na tradução da palavra *godzinami* ‘durante horas’ por *horas mortas*, que é o título de um poema de Cesário Verde integrado na composição *O sentimento de um ocidental*. Ao diálogo intertextual subjaz ainda um paralelismo entre o poema de Cesário Verde e a situação descrita por Kapuściński: o poeta é dominado pelo desejo de evasão durante as horas mortas da noite; o imperador é forçado a evadir-se em meditação por forças das circunstâncias cada vez mais hostis.

(12)

Wszyscy	słuchali	wtedy	radia, (...)	K1: 113
todos	ouviam	então	rádio	
Naquele tempo toda a gente ouvia rádio (...)				S&L1: 128

A intertextualidade patente na tradução do enunciado (12) remete para os textos bíblicos, sobretudo, para os Evangelhos, cujas narrativas e parábolas amiúde começam pelo ADJU *naquele tempo*.⁶⁸ A aplicação do eco bíblico implicou, neste exemplo, duas operações tradutórias: a amplificação da palavra polaca *wtedy* ‘então’, vertida para português como *naquele tempo* e a deslocação à esquerda do modificador do GV *wtedy / naquele tempo* que, no TP, se encontra no meio da frase e, no TC, foi topicalizado, constituindo o primeiro constituinte da frase. Szymaniak e Leão evocam, assim, por meio da citação e da topicalização, um modificador temporal recorrente na Bíblia.⁶⁹

A partir da análise acima efetuada, pode concluir-se que, do mesmo modo que cada povo e a sua língua são fruto de uma experiência de vida em determinado tempo e espaço, assim também o tradutor reflete na escrita tradutória a sua experiência de leitura. A tradução é herdeira das memórias das leituras efetuadas pelos tradutores, os quais deixam transparecer marcas de intertextualidade lexical e sintática nos TC. No diálogo intertextual da tradução, fazem-se ouvir escritores, evangelistas e a voz do povo. Este aspeto pode ser visto como a vida posterior (*afterlife* e *Nachleben*) das obras originais, como Benjamin (1923/2004: 16-17) o concebia. Não só os TP têm uma vida ulterior quando são traduzidos, como também outros textos originais da LC podem alcançar essa vida mediante a intertextualidade que é transferida para a tradução e por ela reativada. Os tradutores são responsáveis pela continuidade da vida dos TP, mas também pela revivificação de textos originalmente escritos na LC por intermédio da citação textual, lexical e/ou sintática, desencantada das suas memórias de leitura. Os exemplos analisados nesta secção são mais um argumento a favor da noção de *tradutor* e da sua importação para os ET.

Não se apuraram ecos intertextuais nas traduções executadas pelos dois tradutores individuais, Wódkowski e Rodrigues, falantes do português como língua estrangeira.

⁶⁸ P. ex.: «Naquele tempo, disse Jesus aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos do povo: (...)» (Mt 21, 33) ou «Naquele tempo, ao ver a multidão, Jesus subiu ao monte e sentou-Se» (Mt 5, 1).

⁶⁹ Outras marcas lexicais e sintáticas oriundas da leitura de textos religiosos são observáveis, em vários tradutores. Por exemplo, no uso da construção perifrástica [HAVER DE + INFINITIVO], característica sobretudo da arte de pregar: «Diz: não é só preciso encontrar o Outro, como hás-de recebê-lo em franco convívio» (S&L4: 35) e no uso da fórmula recorrente, [QUEM X, SERÁ Y]: «Quem se enaltecer será rebaixado» (M&N1: 105).

3.2. Ecos intertextuais autorais

O estudo prossegue com o fenómeno tradutório da intertextualidade tecida pelos autores, que os tradutores não reconheceram ou, tendo reconhecido, não preservaram nos TC. No capítulo intitulado *Dar a ouvir a chamada intertextual*, Eco (2003/2005: 221-232) discorre sobre a intertextualidade do ponto de vista da relação autor-tradutor-leitor, definindo intertextualidade como alusão implícita e horizonte de expectativa de um autor que deseja ser compreendido pelo leitor, nas entrelinhas:

(...) uma estratégia precisa graças à qual o autor faz alusões *não explícitas* a obras anteriores, aceitando uma dupla leitura: (i) o leitor ingénuo, que não identifica a citação, segue na mesma o desenrolar do discurso e da trama (...); (ii) o leitor culto e competente identifica a referência e sente-a como citação maliciosa (Eco, 2003/2005: 220).

No *corpus* da presente investigação, apuraram-se alusões a conhecidos aforismos e sentenças nos TP, que, não sendo contemplados nas traduções, foram substituídos por procedimentos, que dão azo a reflexões sobre o processo tradutório e sobre o problema das perdas e dos ganhos em tradução, conforme se ilustra nos exemplos de (13) a (16).

(13)

Żyje,	więc	się	myli.	WS1: 98
Vive (está vivo)	logo	se	engana	
Só se engana quem está vivo.				G: 99

Da glosa apresentada no exemplo (13) depreende-se que o verso foi redigido em PL com base no decalque sintático da proposição filosófica de Descartes: *Cogito ergo sum* que, em PL, se traduz como *Myślę, więc jestem* e, em PT, como *Penso, logo existo*. O paralelismo sintático é evidente: *Myślę, więc jestem / Żyje, więc się myli* 'Vive, logo erra'. Na filosofia de Descartes e no poema de Szyborska, a proposição é a conclusão de um raciocínio, através do qual se explica algo. Se o facto de se pensar é irrefutável, então é certa a existência do sujeito pensante; de igual modo, se o facto de estarmos vivos é irrefutável, então é certo que cometemos erros, tal como reza o provérbio: *Errare humanum est / Errar é humano / Mylić się jest rzeczą ludzką*. Assim, no verso de Szyborska, confluem duas ideias seculares, oriundas de uma proposição filosófica, por um lado, e de um provérbio latino, por outro. Se o tradutor tivesse optado pela tradução literal, o verso teria preservado tanto o eco cartesiano como o provérbio: *Vive, logo erra*. Na opção de Gomes

Só se engana quem está vivo perde-se o decalque sintático cartesiano, culturalmente consagrado, mas – curiosamente – ganha-se um pseudoprovérbio, já que a tradução é efetuada com base numa construção típica dos ditados portugueses, p. ex.: *Só trabalha quem não sabe fazer mais nada*. A ocorrência tradutória analisada traz alguma luz sobre os dilemas que se colocam ao tradutor e a problemática das perdas e dos ganhos.

(14)

Tylko	co	ludzkie	potrafi	być	prawdziwie	obce. ⁷⁰	WS1: 154; WS2: 172
só	o que	humano	consegue	ser	verdadeiramente	estranho/estrangeiro/ alheio	
Só o que é humano consegue de verdade ser estrangeiro. Apenas o humano é capaz de ser de veras alheio.							JG: 155 M&N1: 173

O exemplo (14) constitui uma referência intertextual a uma célebre sentença de Terêncio que, em PL, foi traduzida como *Człowiek jestem; nic co ludzkie, nie jest mi obce* [Homem sou; nada do que é humano (não) me é estranho] e, em PE, circula com a tradução *Sou um homem: nada do que é humano me é estranho*. O verso de Szymborska apoia-se tanto na construção sintática como na manipulação semântica do aforismo de Terêncio. Em primeiro lugar, a poetisa reescreve a expressão *nic co ludzkie* ‘nada do que é humano’ através da técnica da antinomia: *Tylko co ludzkie* ‘somente o que é humano’; em segundo lugar, parafraseia *nie jest mi obce* ‘não me é estranho’ com as palavras *potrafi być prawdziwie obce* ‘consegue ser verdadeiramente estranho’, sendo *obcy* ‘estranho’ a palavra-chave, ou seja, aquela que envia diretamente o leitor para a fonte do aforismo, recriado por Szymborska. Provavelmente os tradutores não reconheceram a sentença, pois nenhuma das versões preserva a palavra-chave *obce* ‘estranho’, a única capaz de estabelecer a ponte mental e associativa com o aforismo de Terêncio: *Só o que é humano consegue de verdade ser estrangeiro* (G: 155) e *Apenas o humano é capaz de ser de veras alheio* (M&N1: 173). Os adjetivos *estrangeiro* e *alheio* podem conduzir o leitor para campos associativos diferentes daqueles que Szymborska intencionou. Este será um daqueles casos em que o *leitor arguto* se apercebe de que os tradutores não reconheceram a alusão, sendo capaz de a reconstruir: *Só o que é humano consegue ser verdadeiramente estranho*.

⁷⁰ No sistema do PL, o adjetivo *obcy* pode ser rendido em três aceções – ‘estranho’, ‘estrangeiro’ e ‘alheio’ – e a escolha da palavra correta no uso da língua depende do contexto.

(15)

Las	pod	pozorem	lasu	na	wieki	wieków	i	amen	WS3: 12
bosque	sob	pretexto	de floresta	em	séculos	de séculos	e	amém	
O bosque sob o pretexto de bosque por toda a eternidade, ámen.									M&N3: 13

A intertextualidade com a retórica da linguagem bíblica e religiosa tem na poesia polaca lugar de destaque. No caso em foco, o exemplo (15), a referência intertextual é clara em PL e em PE; no entanto, poderia ser reforçada se a letra do TC se aproximasse mais da letra do TP. A questão que aqui se coloca prende-se com a imprescindível consulta das fontes por parte dos tradutores de modo a que a versão traduzida possa conter o máximo de elementos da intertextualidade aludida no TP. O verso de Szymborska alude ao texto da oração litúrgica *Gloria*, designadamente aos versos: «Chwała Ojcu i Synowi, i Duchowi Świętemu, / jak była na początku, teraz i zawsze, / i na wieki wieków. / Amen», que conhecemos, em PE, como: «Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre (e pelos séculos dos séculos), Amém». É interessante constatar que a versão portuguesa circula sob duas formas diferentes: «agora e sempre, Amém» e «pelos séculos dos séculos, Amém». Szymborska emprega a expressão *na wieki wieków i ámen*, o que seria traduzível como ‘pelos séculos dos séculos e amém’. Os tradutores, porém, não fizeram uso de nenhuma das versões canónicas e criaram a sua própria: *por toda a eternidade, ámen*. Deste modo, o eco bíblico e religioso é preservado, o que já não acontece com a alusão intertextual ao *Gloria*. Em (15) verifica-se ainda a interferência ortográfica da LP na tradução da palavra *amen* que em PE se escreve *amém*.

(16)

(...) podobnie	jak	dla	biblijnego	Koheleta,		
parecidamente	como	para	bíblico	Qohelet / Eclesiastes		
(...) como para o Qohelet bíblico,						
→						
świat	zewnątrzny	jest	niczym,	jest	marnością.	K3: 61
mundo	exterior	é	nada	é	vaidade	
“o mundo exterior não é nada, não tem valor”.						S&L3: 49

No exemplo (16), a alusão intertextual do TP é tão clara que inclusivamente o TP indica o autor da sentença, Kohelet ‘Eclesiastes’. O problema tradutório surge primeiramente com o nome próprio e seguidamente com a citação. Traduzir *Kohelet* como *Qohelet*, um nome próprio sonoramente próximo do modo como a figura é conhecida na Polónia, pode ser entendida como uma técnica de estranhamento que, neste caso, não se justifica porque o

profeta não pertence à cultura polaca mas à cultura judaico-cristã, sendo conhecido em Portugal como Eclesiastes. Por tal, pergunta-se até que ponto o leitor português reconhecerá, em *Qohelet*, o Eclesiastes.

O segundo problema tradutório prende-se com a tradução entre aspas que dá origem a uma citação deturpada. Em PL, a palavra-chave da frase é *marność* 'vaidade', em sentido bíblico, porque, em sentido coloquial, *vaidade* é 'próżność'. A língua polaca distingue dois tipos de vaidade, pelo que qualquer leitor polaco reconhece a alusão bíblica quando se fala de *marność*. Já o leitor português dificilmente reconhecerá o tópico *vanitas*, se o mesmo não for devidamente contextualizado e citado *ipsis verbis*. O TP oferecia os meios para o reconhecimento total da alusão, mas Szymaniak e Leão deram asas à liberdade tradutória e verteram *marność* como *valor*, pelo que o leitor português terá dificuldade em relacionar a citação com os versículos bíblicos, cuja identificação já fora dificultada com a tradução do nome do autor como Qohelet. O texto original polaco a que Kapuściński faz referência diz o seguinte: «Słowa Koheleta, syna Dawida, króla w Jeruzalem. Marność nad marnościami, powiada Kohelet, marność nad marnościami - wszystko marność» (Koh 1, 1-2). Em PE, o mesmo fragmento reza: «Palavras do Eclesiastes, filho de David, rei de Jerusalém: Vaidade das vaidades, dizia o Eclesiastes, vaidade das vaidades! Tudo é vaidade» (Ecle 1, 1-2). Até que ponto se preservou o diálogo intertextual na tradução ilustrada em (26) é questão que aqui se deixa em aberto, destacando mais uma vez a necessidade de consultar as fontes sempre que, num TP, o tradutor reconhece ou pressente uma alusão intertextual.

As ocorrências analisadas nos exemplos de (13) a (16) constituem ocorrências intertextuais evidentes nos TP que não foram transmitidas pelos tradutores. A maioria das alusões intertextuais nos TP evoca expressões e sentenças pertencentes ao património cultural, literário, filosófico e religioso da cultura judaico-cristã ocidental; dir-se-á que constituem repertórios transnacionais e coletivos que qualquer tradução pode ativar como textemas. Face às dificuldades dos tradutores em reconhecer intertextualidades, Eco (2005: 224-225) propõe que os mesmos sejam informados pelos autores das alusões suscetíveis de escapar e ele próprio dá o exemplo: «(...) costume enviar-lhes páginas e páginas de notas que tornam explícitas as várias referências». Mas o que fazer no caso dos autores mortos?

4. Quando o *marulho* é *barulho*: tradução por hiperonímia

O objetivo do presente subcapítulo é analisar as diversas palavras do campo lexical⁷¹ dos sons que ocorrem nos TP e foram vertidas para PE por meio do hiperónimo *barulho*. O estudo reveste-se de carácter parcialmente quantitativo, pelo que é necessário fazer o levantamento exaustivo das ocorrências para o fenómeno que se pretende investigar.

De um modo geral, a problemática tradutória em análise prende-se com dois tipos de casos: no primeiro, o vocabulário do escritor é diversificado e o do tradutor é menos diversificado (cf. Charchalis e Charchalis, III Parte – 5.2.); no segundo, o vocabulário do tradutor é mais diversificado do que o do escritor (cf. Szymaniak e Leão, III Parte – 5.2.). O presente subcapítulo aborda o caso em que o tradutor simplifica o vocabulário do autor.

Nos campos lexicais existem hierarquias que organizam as palavras do geral para o particular, sendo a palavra mais genérica o *hiperónimo* e a mais específica, o *hipónimo*. No tópico em análise, *barulho* é o hiperónimo, enquanto palavras como *ruído*, *estrépito* ou *estrondo* são hipónimos. O significado do hiperónimo, por ser mais geral, inclui o dos hipónimos. O hiperónimo e os hipónimos supramencionados pertencem ao domínio concetual SOM que remete para o conjunto das palavras que designam «tudo o que é captado pelo sentido da audição, que podemos ouvir; ruído, barulho (...) vibração que se propaga num meio elástico com uma frequência (...) capaz de ser percebida pelo sistema auditivo humano (...)» (DHLP: 3371). Do vasto domínio SOM, o estudo debruça-se sobre os sons emitidos por entidades naturais (como o vento e o mar), máquinas (combóios) e multidões.

O conhecimento dos campos lexicais de uma língua é fundamental para que o tradutor possa transmitir o que o autor tem em mente e escolher as técnicas de tradução mais adequadas aos problemas tradutórios, conforme sugere Baker (1992):

⁷¹ *Campo lexical* designa «[a]s palavras que, pelo seu significado, estão ligadas a um determinado domínio concetual, integram um mesmo campo lexical» (Cunha e Cintra, 1984/2014: 106). A noção *campo lexical* é indissociável da de *léxico* que designa o conjunto de palavras que uma língua disponibiliza ao falante para se expressar. Por conseguinte, quando um escritor emprega essas palavras em determinado texto, elas constituem o seu vocabulário e quando um tradutor verte um texto de uma LP para uma LC, o produto final também é parcialmente constituído pelo seu vocabulário. O conjunto de palavras utilizadas por um falante, escritor ou tradutor constituem o seu vocabulário.

If you know what other items are available in a lexical set and know they contrast with the item chosen by the writer or speaker, you can appreciate the significance of the writer's or speaker's choice. You can understand not only what something is but also what is not (Baker, 1992: 19).

A abordagem do domínio SOM surgiu em resultado da análise comparativa dos textos, mas ganhou consistência durante o cotejo de *O demónio do movimento* e *Demon rucha* de Grabiński. O autor, portador de um apuradíssimo ouvido, descreve com um vocabulário muito diversificado os sons emitidos por objetos e fenómenos naturais de modo a transmitir ao leitor um conjunto de sensações auditivas. Como o *leitmotiv* dos contos são os comboios, estes oferecem ao escritor um vasto campo para exhibir os seus sons sinérgicos. A UT em apreço é a palavra *barulho* que, por abundar no TC, causou alguma estranheza, levando-nos a querer saber quais eram os correspondentes em PL.

Embora o presente subcapítulo recaia sobre a tradução dos contos de Grabiński, apurou-se que outros tradutores também aplicaram a técnica de tradução por hiperonímia, p. ex.: *szum oceanu* 'o marulho do oceano' (K3: 226) foi traduzido como *o barulho do oceano* (S&L3: 183) e *wrzawa* 'gritaria' (WS2: 168) foi vertida como *barulho* (M&N: 169). O DPL-PT (296) propõe como correspondentes de *szum* as palavras do PT *ruído*, *murmúrio* e *sussurro*; a fonte não inclui a palavra *marulho*, por nós sugerida, porque esta faz parte das subdivisões cada vez mais específicas da base da hierarquia lexical de SOM e destina-se a referir o som emitido pela movimentação contínua e suave das ondas do mar, que não tem equivalente em PL. Quanto a *wrzawa*, o DPL-PT (337) indica como correspondentes as palavras *alarido*, *gritaria*, *algazarra*. Desta breve consulta do dicionário depreende-se que a língua portuguesa dispõe de termos diversificados para expressar os sons; logo, os exemplos supramencionados evidenciam que a solução tradutória a favor do hiperónimo *barulho* não constitui um constrangimento interlinguístico, mas uma opção dos tradutores.

A tradução de hipónimos do TP pelo respetivo hiperónimo na LC é uma técnica de tradução. Chesterman (1997: 101) inclui-a nas estratégias semânticas e Molina e Albir (2004: 14) designam-na como *generalização*: «To use a more general or neutral term, e.g., to translate the French *guichet*, *fenêtre* or *devanture*, as *window* in English». A generalização é sobretudo aplicada quando a LC não tem à disposição correspondente ou equivalente e o tradutor não quer alargar o TC com uma paráfrase. Todavia, não é este o caso em apreço,

visto que o PE possui um vocabulário suficientemente diversificado para fazer face à variedade de termos existente no PL para referir o domínio SOM. O problema em análise tem, antes, a ver com um fenómeno que se manifesta na tendência dos tradutores para aplicar a técnica da generalização, consubstancializada no emprego regular da palavra *barulho*. Sendo este um estudo de caso concentrado em *O demónio do movimento*, traduzido pelo par Charchalis e Charchalis, começou-se por recolher as ocorrências do hiperónimo *barulho* na tradução e as respetivas palavras no TP, o que se passa a ilustrar com um enunciado para cada hipónimo apurado, nos exemplos de (17) a (32).⁷²

(17)

Nawet	ptactwo	spłoszone	niezwyklym	łoskotem (...)	G: 13
até	pássaros	espantados	com invulgar	estrépito/bater	
Até os pássaros (...) espantados com os barulhos inusitados (...)					C&C: 23

(18)

Ponad	miarowy	stuk	szyn	wydostał	się	powoli	szypot	gorącej	pary.	G: 16
acima de	regular	batida	de carris	libertou	se	lenta-mente	fluxo	de quente	vapor	
Por cima do barulho rítmico dos carris ouviu-se de repente o assobio do vapor quente.										C&C: 28

(19)

Słyszał	tylko	czas	jakiś	tupot	bosych	nóg	na	podłodze.	G: 17
ouviu	apenas	tempo	algum	pateada	de descalços	pés	em	chão	
Só ouviu durante algum tempo o barulho dos pés descalços a baterem no chão.									C&C: 30

(20)

(...) słuchał	chrzęstu	przestawianych	szyn.	G: 20
ouvia	estalo	de deslocados	carris	
(...) ouvia o barulho da alavanca de mudança de linha.				C&C: 34

(21)

Ciszę (...)	przekreślał (...)	stukot	kół	pod	podłogą (...)	G: 50
silêncio (ac.)	rasgava	batimento (nom.)	de rodas	sob	chão	
O silêncio (...) era incomodado (...) pelo barulho das rodas por baixo do chão (...)						C&C: 78

(22)

Z	dala (...)	dochodził	stłumiony	gwar	dworca	głównego.	G: 71
de	longe	chegava	abafado	alvoroço	de estação	principal	
De longe (...) chegava o barulho abafado da estação central.							C&C: 106

⁷² Nestes exemplos a palavra *barulho*, bem como os seus equivalentes em PL são destacados a negrito a fim de garantir melhor visibilidade do fenómeno.

(23)

(...) piekelny	huk	rozkołysał	blanki...	G: 84
infernally	atroad/estrondo	estremeceu	ameias	
(...) um barulho infernal fez tremer as ameias (...)				C&C: 94

(24)

(...) przelatował	z	szatańskim	szumem	po	torach (...)	G: 93
circulava voando	com	satânico	sussurro	por	carris	
(...) passava com um barulho satânico pelas linhas (...)						C&C: 138

(25)

Już	słuchać (...)	miarowy	gruchot	kół, (...)	G: 94
já	ouve-se/ouvir-se	regular	pancada	de rodas	
Já podia ouvir-se (...) o barulho regular das rodas, (...)					C&C: 140

(26)

Co	to	za	hałas	tam	z	prawej?	G: 94
o que	este	tipo de	barulho/ruído	aí	de	direita	
Que barulho é este à direita?							C&C: 140

(27)

(...) słychać	łopot	rozwiązanych	szaleńczo	żaluzji, (...)	G: 95
ouve-se	vibração/ o bater	de descidas	loucamente	venezianas/estores	
(...) ouve-se o barulho das cortinas ao vento,					G: 141

(28)

Wtem	zabrzmiały	dźwięki	mocne	i	znane, (...)	G: 96
de repente	soaram	sons	fortes	e	conhecidos	
De repente soaram barulhos fortes e familiares, (...)						C&C: 142

(29)

Okrzyk	inżyniera	przerwał	zgrzyt	hamowanych	kół (...)	G: 105
grito	de engenheiro	interrompeu	rangido	de travadas	rodas	
O grito do engenheiro foi interrompido pelo barulho das rodas a travar (...)						C&C: 154

(30)

Zewnątrz	przedstawiał	się	łomot	rozpętanych	kół, (...)	C&C: 107
fora	apresentava	se	estrondo	de aceleradas	rodas	
Lá fora só se ouvia o barulho das rodas a correr; (...)						C&C: 157

(31)

Wtem	rozległ	się	piekelny	trzask (...)	G: 107
de repente	propagou	se	infernally	estampido	
De repente soou um barulho terrível (...)					C&C: 158

(32)

(...) a	ponad	rżenie	wichury	wybijał	się (...)	skwir	wron	G: 124
e	acima de	estertorar	de ventania	sobressaia	se	crocitar	de corvos	
(...) e, por cima do barulho do vento, passava (...) o carcarejo das gralhas.								C&C: 181

Os exemplos de (17) a (32), acima apresentados, ilustram a técnica de tradução da generalização aplicada a 16 hipónimos do TP, nomes comuns do campo lexical do *som*, vertidos por hiperonímia como *barulho*, no TC. O estudo demonstrou que os tradutores tenderam a verter o diversificado vocabulário do campo lexical do *som* observado nos TP por meio da técnica de tradução da generalização, que avulta no uso da palavra hiperónima *barulho*, na LC. Na sequência da análise acima ilustrada, compilaram-se os dados do escrutínio efetuado, na Tabela 10. Os vocábulos do TP são acompanhados das traduções propostas pelos dicionários bilingues, SPL-PT e DPL-PT (separadas por ponto e vígula), bem como de outras opções de tradução por nós sugeridas.

Tabela 10 - O domínio SOM nos TP e TC

Campo lexical de SOM nos TP	Traduções propostas por SPL-PT e DPL-PT	Outras propostas	TC
chrzęst	∅; estalo	som da trituração, da fricção, crepitação	barulho
dźwięk	som; som		
gruchot	∅	pancada	
gwar	barulho, ruído, tumulto; tumulto, alvoroço	burburinho	
hałas	ruído, barulho, rumor; ruído, barulho		
huk	detonação, estrondo, estouro, atroada; estrondo, detonação, atroada	troada, ribombada	
łomot	estalido; estalido	estrondo	
łopot	∅	drapejo, vibração, som do bater das asas, persianas ou bandeiras ao vento	
łoskot	estalido, bater, estrondo; estrondo, estalido	estrépito	
stuk	batida, ruído, alarido; estampido, barulho	choque	
stukot	ruído contínuo; estampido intenso	matraquear batimento	
szum	ruído, zumbido, murmulho; ruído, murmúrio, sussurro.	marulho	
tupot	∅; pateada	som dos pés a andar	
trzask	estrépito, bater, estalo, baque, estalido; estrépito, estalido, crepitação	zás, som de bater a porta, de coisas a partir	
wrzawa	alarido, barulho, fragor, gritaria algazarra; alarido, gritaria, algazarra	berraria	
zgrzyt	rangido; rangido	chiadeira	

A inclusão de propostas de tradução na Tabela 10 demonstra que, no campo lexical do som, tanto o PL como o PE dispõem de um acervo de palavras à disposição dos tradutores. Por conseguinte, a generalização não resulta de um constrangimento ditado pelas línguas de trabalho.

Na técnica de tradução da generalização, a relação semântica entre a palavra do TP e do TC encontra-se desnivelada, porquanto o hipónimo situa-se num plano hierárquico inferior; logo, o seu significado é mais específico do que o do hiperónimo, o que dá origem ao empobrecimento lexical e semântico da tradução. Não sendo o uso da técnica da generalização ditado por constrangimentos interlinguísticos, o fenómeno tradutório em foco pode ser explicado pela aplicação da lei do menor esforço ou princípio da menor ação. Em ET, utiliza-se a expressão *minimax principle* ou *minimax strategy* para designar a poupança de esforços por parte dos tradutores para obter o máximo efeito (Palumbo, 2009: 77). No entanto, o princípio só é aplicável ao tópico em estudo no que toca à primeira parte – a poupança de esforços –, já que a segunda – a obtenção do máximo efeito – não se verifica, porquanto se perde o efeito da diversidade lexical do TP e da consequente multiplicidade de associações mentais e auditivas. Afigura-se, portanto, que os tradutores tenham enveredado pela lei do menor esforço sem contrapartidas, oferecendo a si próprios um facilitismo que lhes permitiu poupar esforços que, por sua vez, não pouparam o tecido lexical nem as redes de significantes subjacentes (Berman, 1985/1997: 51). Por tal razão, Berman (1985/1997: 49) descreve este tipo de casos como deformações conducentes ao empobrecimento qualitativo dos textos.

Fatores extratextuais podem também contribuir para explicar o fenómeno. Os tradutores trabalham com prazos exíguos; no caso dos tradutores de PL-PE acresce ainda, por regra, o exercício simultâneo de outra profissão. O caso aqui analisado não parece ter origem no desconhecimento das diferenças semânticas entre as palavras apuradas nos TP. De igual modo, a técnica da generalização também não parece ter sido aplicada por falta de instrumentos de apoio à tradução, como dicionários e glossários. Neste caso, parece que os tradutores facilitaram a si próprios a tarefa da tradução, não procurando equivalentes mais adequados às palavras do TP.

5. Quando as expressões idiomáticas são fraseologias

O presente subcapítulo pretende analisar o modo como diferentes tipos de unidades fraseológicas (UF) são vertidos para PE.⁷³

Para clarificar o lugar ocupado na língua pelas UF, Coseriu (1977: 113) distingue *técnica livre do discurso* e *discurso repetido*. A *técnica livre do discurso* tem a ver com a recursividade das línguas e realiza-se nas infinitas possibilidades combinatórias dos signos linguísticos de acordo com regras gramaticais. O *discurso repetido*, «abarca todo lo que tradicionalmente está fijado como “expresión”, “giro”, “modismo”, “frase” o “locución” y cuyos elementos constitutivos non son reemplazables o re-combinables según las reglas actuales de la lengua» (Coseriu, 1977: 113). Se o discurso livre concede ao falante a possibilidade de ser produtivo e criativo, o discurso repetido representa a convenção, reflete a cultura de um povo, faz parte do repertório de cada língua e pertence ao acervo linguístico de uma comunidade de falantes. Não obstante, existem UF idênticas em PL e PE, o que se explica pelo facto de os seus falantes terem bebido das mesmas fontes culturais greco-latinas e religiosas, judaico-cristãs.

As UF são, portanto, formações do discurso repetido, atualizam-se no discurso livre e apresentam os seguintes traços distintivos:

Las unidades fraseológicas (...) son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. Dichas unidades se caracterizan por su alta frecuencia de uso, y de coaparición de sus elementos integrantes; por su institucionalización, entendida en términos de fijación y especialización semántica; por su idiomatidad y variación potenciales; así como por el grado en cual se dan todos estos aspectos en los distintos tipos (Pastor, 1996: 20).

A fixação [ou lexicalização (Vilela, 2002: 162)], prende-se com a impossibilidade de alterar a ordem dos constituintes das UF no eixo sintagmático (p. ex. *não ir à bola com alguém* é uma UF e *não ir com alguém à bola* é um enunciado do discurso livre com um sentido

⁷³ Outrora a denominação *expressão idiomática* cobria, segundo Vilela (2002: 159), idiotismos, idiomatismos, expressões figuradas, frases feitas, fraseas, locuções, fraseologismos, colocações, modos de falar, modismos, lexias complexas, solidariedades lexicais, por vezes, provérbios e ditados. Hoje em dia, a literatura da especialidade já não utiliza a designação *expressões idiomáticas* como hiperónimo, preferindo empregar os termos *unidades fraseológicas* (UF) (Zuluaga, 1999), *fraseologias* (Vilela, 2002) ou *fraseologismos* (Silva, 2014), o que surge naturalmente após a criação da área de estudo da Fraseologia.

diferente) ou substituir os constituintes no eixo paradigmático (p. ex. *trabalhar para o boneco* versus *trabalhar para a boneca*). Quanto à fixação das UF, Zuluaga (1999: 541-542) alerta para um tipo de variação típica do discurso jornalístico, publicitário e literário: «las variaciones desautomatizadoras son creaciones en el acto de habla, o de escritura, que los emplea, y su interpretación cabal depende del texto y el contexto en que se presentem». Este procedimento, denominado como *desautomatização* ou *deslexicalização*, pode ser ilustrado com a UF *mundos e fundos* (domínio da técnica do discurso repetido) e a sua desautomatização *mundos sem fundos* que pertence ao domínio da fala, da escrita criativa, do discurso livre, onde assume funções semânticas e estilísticas diferentes.

Outro dos atributos das UF é a especificação semântica ou idiomaticidade que remete para o duplo significado literal e figurado das UF, que Vilela (2002: 162) resume do seguinte modo: «o significado global interno de uso difere do significado global externo de uso dos constituintes individuais em combinações livres». Por exemplo, *pôr o dedo na ferida* pode ser entendido literalmente no discurso livre ou, figuradamente, no discurso repetido, como *tocar num assunto melindroso*. No discurso repetido, as palavras perdem o seu significado próprio e individual para assumir um significado novo e global, *i. e.*, um sentido idiomático.

Em relação à terminologia e às divisões da fraseologia não existe consenso entre os teóricos (Casares, 1992; Zuluaga, 1980; Baker, 1992; Sanromán, 2000 e Vilela, 2002); portanto, cabe ao investigador optar pela proposta mais adequada ao seu objeto de estudo. Como a presente investigação pretende unicamente analisar o modo como os tradutores vertem para PE as UF presentes nos TP foi selecionada uma tipologia simples mas adequada aos tópicos a abordar, que divide o sistema fraseológico em três campos:

1) **Locuções:** Locuções Prepositivas - em vez de; locuções adjectivas - duro de roer

2) **Colocações:** Verbo (V) + Nome (N) (função sujeito) – deflagrar um incêndio, correr um boato, V + Preposição (Prep) + N (função objecto) – entrar em conflito, pôr em funcionamento, Advérbio (Adv) + Adjectivo (Adj.) – diametralmente oposto, Adj + N - grandes superfícies, etc.

3) **Enunciados fraseológicos:** a) Parémias - O cão é o melhor amigo do homem; Mais vale um pássaro na mão que dois a voar; As paredes têm ouvidos; b) Fórmulas de rotina - Olá, tudo bem?; Peço imensa desculpa.; Como vai a sua saúde?; Desejo-lhe rápidas melhoras.; Com os melhores cumprimentos. (Fraseologia - EDTL) [Destaques nossos]

As UF são um problema tradutório, porque o tradutor tem de reconhecer a presença da UF, conhecer o significado e a função da mesma na CP e selecionar os equivalentes formais e/ou semânticos mais apropriados na LC. Para tal, precisa de possuir conhecimento sobre as técnicas de tradução existentes para solucionar os problemas levantados pelas UF sem equivalentes na LC. Por fim, deve ter consciência de que não há equivalências absolutas:

en traducción no hay equivalências absolutas, totales, sino equivalências parciales; en otras palabras, se observan rasgos comunes com el original, desde determinados puntos de vista, y rasgos diferentes, de otros puntos de vista; p. ej. de la designación, del estilo, del efecto en los receptores, de la valoración social, o de ciertos sistemas simbólicos en la comunidade respectiva, etc. (Zuluaga, 1999: 538).

O interesse crescente pela problemática da tradução de UF avulta em propostas, teóricas e práticas, de técnicas de tradução, entre as quais se contam as de Nida e Taber (1969/2003: 106), Baker (1992: 71-78) e Ahmadi e Ketabi (2011: 15) que, coligidas, perfazem os seis procedimentos tradutórios que servem de suporte ao presente estudo.

- (i) tradução por equivalência semântica e formal (*similar meaning and form*);
- (ii) tradução por equivalência semântica (*similar meaning but dissimilar form*);
- (iii) tradução por paráfrase (*translating idioms with non-idioms* ou *translation by paraphrase*);
- (iv) tradução da letra (*literal translation; loan translation, calque, through-translation*);
- (v) omissão (*translation by omission*);
- (vi) tradução de linguagem do discurso livre por UF (*translating non-idioms with idioms*).

Antes de prosseguir com a análise comparativa dos textos, cumpre antecipar duas questões adiante desenvolvidas, relacionadas com os pontos (v) e (vi) acima apresentados. Assim, a omissão não é considerada uma técnica de tradução porque não tem representação linguística, enquanto a tradução de enunciados não idiomáticos por meio de UF na LC não é uma técnica de tradução de UF, mas constitui um procedimento que vale a pena investigar. O estudo da tradução de UF será orientado pelas cinco técnicas de tradução compiladas e pelo recurso da omissão, na expectativa de que este último seja apenas utilizado em ocorrências intraduzíveis.

5.1. Quando o *cão* é *cão*: equivalência formal e semântica

O estudo tem início com a demonstração de que existem UF polacas que, por terem correspondentes em PE, são naturalmente traduzidas por meio de equivalência formal (palavras) e semântica (sentido), conforme se comprova nos exemplos de (33) a (35)

(33)

A	ja	dopilnuję	wiernie	jak	pies, (...)	G: 3
e	eu	vigiarei	fielmente	como	cão	
E eu a guardarei fielmente como um cão, (...)						C&C: 10

Os animais constituem amiúde termo de comparação nas UF. O *cão* foi o animal escolhido, precisamente porque Mounin (1963/1998: 46-50) tece acerca dele considerações tradutológicas, baseadas no facto de os significados não serem universais. O autor ilustra a sua ideia com o animal *cão* que, em comunidades diferentes, assume significados e valores, por vezes, opostos. Em determinadas sociedades, *cão* evoca a imagem de um animal sagrado, noutras culturas, remete para um animal doméstico, enquanto, noutras comunidades, é visto como um pária. Muito embora as conotações dependam das culturas, o referente é o mesmo. Na cultura europeia, o cão detém um elevado estatuto entre os homens, o que se traduz nas expressões: *o cão é o melhor amigo do homem* e *quem tem medo, compra um cão*. Os europeus concetualizam CÃO no seio de um conjunto de atributos prototípicos positivos, entre os quais se contam: ser fiel; fazer companhia; defender; guardar, etc. Daí que o repositório das línguas europeias contenha um número considerável de UF nas quais *cão* é a ideia-chave.

A UF apresentada no exemplo (33) *wiernie jak pies* (SFJP I: 562) / *fielmente como um cão* é uma locução adverbial com o mesmo tipo de construção morfossintática tanto na LP como na LC. A correspondência entre o PL e o PE é possível porque no repertório fraseológico da LC existe uma UF equivalente a nível formal e semântico. A UF *fiel como um cão* pertence ao grupo das comparações fixas (CF) (cf. Tchobánova, 2007).

(34)

Žandarmi (...)	są	uzbrojeni	po	zęby, (...)	K3: 171
guardas	estão	armados	até	dentes	
Os gendarmes (...) vão armados até os dentes.					S&L3: 135

O exemplo (34) ilustra uma colocação com o mesmo tipo de construção morfossintática em PL e PE: *być uzbrojonym po zęby* (SFJP II: 796) ‘estar armado até aos dentes’. A expressão tem duas aceções: na primeira, significa *estar equipado com muitas e poderosas armas*; na segunda, *estar preparado para enfrentar todo o tipo de situação*. No contexto do TP, é empregue na primeira aceção. No TC verifica-se uma variação em relação à UF que foi vertida com a omissão da preposição *a*: *estar armados até os dentes*. Neste contexto, porém, apenas se pode *estar armado até aos dentes*, porque a locução *até a* exprime movimento, transmitindo a ideia de aproximação de um limite corporal: *até aos dentes*.

(35)

Czepiając	się,	jak	tonący	ostatniej	deski	ratunku, (...)	G: 73
agarrando	se	como	náufrago	última	tábua	de salvação	
Apanhando, como o náufrago, a última tábua de salvação, (...)							C&C: 109

A UF do exemplo (35) é uma colocação composta pela mesma estrutura morfossintática em ambas as línguas e foi traduzida por equivalência formal e semântica: *ostatnia deska ratunku* (SFJP II: 12) / *a última tábua de salvação*. A UF em apreço remete para o último recurso disponível para resolver situações aflitivas ou problemas graves. A origem da colocação pode estar relacionada com naufrágios, tal como o enunciado do TP indica, ao reforçar a imagem de *tábua de salvação* através da comparação: *como um náufrago*.

Sintetizando, a tradução de UF de PL para PE pode ser realizada por meio de equivalência formal e semântica, quando as duas línguas partilham a mesma herança linguística e cultural, patente num conjunto de conceptualizações idênticas decorrentes da sua origem indo-europeia, de contactos mútuos entre os povos e de experiências de leitura comuns de textos gregos e latinos da Antiguidade Clássica, bem como da Bíblia. As ocorrências tradutórias analisadas também fazem parte do repertório de outras línguas europeias, cujas diferenças linguísticas e conceptuais não impedem a partilha de um património fraseológico coletivo e comum. Porém, há que ressaltar a eventual existência de subtilezas semânticas e estilísticas entre as UF partilhadas pelas diferentes línguas. Por essa razão não se denomina a relação, por exemplo, entre *wierny jak pies* e *fiel como um cão* como correspondência mas como equivalência. A mesma UF, em línguas diferentes, pode ser alvo de reflexões, experiências e usos diversos e, conseqüentemente, consoante as culturas, assumir variações semânticas, pragmáticas e estilísticas.

5.2. Quando o *spermophilus suslicus* é *pedra*: equivalência semântica

Quando não existe a possibilidade de traduzir UF por equivalência formal e semântica, às vezes é possível efetuar a tradução apenas por equivalência semântica, *i. e.*, traduzir a UF por outras palavras para dizer (quase) a mesma coisa. Este é o objeto da presente secção que aborda UF típicas do PL sem equivalentes formais em PE, mas com equivalentes semânticos, que os tradutores empregaram para solucionar o problema.

(36)

Sypiam	jak	suseł.	G: 77
durmo	como	<i>spermophilus suslicus</i>	
Durmo que nem uma pedra.			C&C: 88

O exemplo (36) apresenta uma UF, cuja construção sintática é paradigmática das CF e se estrutura da mesma maneira em PL e PE: [V + Prep. (*jak / como*) + N]. A CF *spać jak suseł* (SFJP II: 246) traduz-se literalmente como ‘dormir como um *spermophilus suslicus*’ e significa *dormir profundamente*. Na tradução portuguesa, a UF apresenta-se como *dormir que nem uma pedra*, uma das variações possíveis para esta CF, sendo as outras *dormir como uma pedra* ou *dormir feito uma pedra*. O exemplo foi especialmente selecionado porque, embora constitua um problema tradutório menor, é emblemático das diferenças culturais que as línguas deixam transparecer. O aspeto mais relevante da UF *spać jak suseł* é o objeto da comparação, o animal de nome *suseł*, *spermophilus suslicus*, um roedor bem conhecido dos polacos que vive nas montanhas e hiberna no inverno, o que o torna símbolo do sono profundo na cultura polaca e objeto do imaginário e do acervo fraseológico do PL. O mesmo não se pode dizer dos portugueses, que não conhecem o roedor. Aliás, a língua portuguesa não possui um nome para o roedor e refere-se a ele por meio do nome científico *spermophilus suslicus*, acima indicado. Poucos serão os portugueses que ouviram falar deste roedor e o seu nome latino não evoca neles nenhuma representação mental.⁷⁴

A CF não podia ter sido traduzida literalmente, como na glosa, porque o leitor-alvo não seria capaz de reconstruir o seu significado, restando ao tradutor duas soluções: (i) substituir a expressão por outra UF sinónima em PL, preservando um aspeto cultural específico da LP ou (2) adaptar a UF às opções disponibilizadas pela LC. A primeira solução

⁷⁴ *Suseł* é um roedor parecido com o esquilo, mas com uma pelagem mais acastanhada e mais clara.

seria usar a expressão alternativa *spać jak niedźwiedź* ‘dormir que nem um urso’; a segunda foi a opção dos tradutores: *dormir que nem uma pedra*. Nesta técnica de tradução, do ponto de vista sintático, preserva-se a estrutura; do ponto de vista semântico, mantém-se o significado *dormir muito profundamente*; do ponto de vista das representações mentais não há equivalência porque um ser vivo é substituído por um ser inanimado.

(37)

W	tym	sensie	wszyscy	jedziemy	na	tym	samym	wozie.	K4: 71
em	este	sentido	todos	andamos	em	esta	mesma	carroça	
Neste sentido, todos navegamos no mesmo barco.									S&L4: 90

O exemplo (37) ilustra uma UF que reflete as diferentes experiências culturais dos povos. Embora, por toda a Europa, a carroça tenha sido o meio de transporte anterior aos veículos a vapor, na Polónia ainda é utilizada no meio rural e turístico. A ligação do imaginário polaco à carroça é visível nos provérbios, cuja palavra-chave é a *carroça*. Assim, por exemplo, diz-se *Baba z wozu, koniom lżej* ‘mulher fora da carroça, cavalos mais leves’, quando é preciso dispensar ou afastar alguém, ou usa-se o ditado *Co z woza upadło, to przepadło* ‘o que caiu da carroça, perdeu-se’, quando se quer dizer que não vale a pena ir atrás de coisas ou causas perdidas. Por seu lado, o mar e a proximidade ao mar tiveram grande influência na identidade, cultura e língua portuguesas, bem como na pesca, nos transportes e nos Descobrimentos. Daí que os meios de transportes por água estejam igualmente patentes numa série de provérbios do PE: *Barco parado não faz viagem; Barco precário, todo o vento é contrário; Barcos virão, novas trarão; No arrumar da barca se vê o pescador*, etc.

Dir-se-á, então, que, em termos de experiência de locomoção e de trabalho, *carroça* está para os polacos como *barco* para os portugueses, o que é atestado no exemplo (37): a UF *jechać na jednym wozie* (SJP I: 307) ‘ir na mesma carroça’ foi traduzida por *navegar no mesmo barco*. Não sendo equivalentes formais, as duas UF são equivalentes semânticos na medida em que se referem a pessoas que partilham um mesmo destino, se encontram numa mesma situação ou têm problemas semelhantes.

(38)

(...) niepozorny	zaścianek, /	gdzie	gwiazdy	mówią	dobranoc /
discreto	lugarejo	onde	estrelas	dizem	boa noite
(...) uma aldeola perdida / nos quintos das estrelas, /					

→

i	mrugają	w	jego	stronę /	nieznacząco.	WS3: 78
e	pisacam	em	sua	direção	insignificativamente	
à qual elas mandam umas / piscadelas insignificantes.						M&N3: 79

O último dos exemplos selecionados mostra o fenómeno da variação criativa no seio das UF, à qual Zuluaga (1999: 542) chama *desautomatização*. Szymborska remete para uma UF muito frequente em polaco, *tam, gdzie diabeł mówi dobranoc* ‘acolá onde o diabo diz boa noite’, que designa um lugar que fica no fim do mundo. A poetisa substitui *diabeł* por *gwiazdy* e, assim, deslexicaliza a frase feita que passa a ter a seguinte redação: *gdzie gwiazdy mówią dobranoc* ‘onde as estrelas dizem boa noite’. Apesar da alteração lexical, o sentido da UF não se altera, porque as estrelas estão muito longe de qualquer lugar da terra. A desautomatização da UF continua com o jogo poético da personificação, pois *as estrelas enviam piscadelas para o tal lugar afastado da civilização*. Logo, nasce aqui um problema tradutório que implica encontrar uma solução na LC que mencione as estrelas e a distância. Os tradutores empregam uma UF que não é muito frequente em PE, mas dá resposta ao problema tradutório – *nos quintos dos infernos*⁷⁵ – uma UF que permite aplicar uma técnica semelhante à da poetisa. A UF *quintos dos infernos* é deslexicalizada pela substituição de *infernos* por *estrelas*, o que recria a equivalência semântica e a desautomatização: *nos quintos das estrelas*.

Resumindo, na presente secção, verificou-se que a técnica de tradução de UF, típicas da língua polaca, através da equivalência semântica implicou da parte dos tradutores não só um bom conhecimento da LP, mas, sobretudo, uma boa capacidade de adaptação dos sentidos à CC. As referidas UF, precisamente porque refletem a imagética da cultura polaca, bem como a maneira de se expressar dos polacos, nem sempre podem ser traduzidas literalmente, o que obriga os tradutores a buscar soluções tradutórias, inteligíveis na LC, nem sempre fáceis, imediatas ou intuitivas, e que exigem a pesquisa em dicionários e enciclopédias da especialidade.

⁷⁵ A UF *ir para os quintos dos infernos* tem origem na "nau dos quintos": «Quinto era o imposto de cinco por cento que o erário português cobrava das minas de ouro do Brasil. A nau que trazia esse imposto para Portugal chamava-se nau dos quintos. Como nessa mesma nau eram enviados os degredados, o povo, julgando que Quintos era o nome das paragens distantes e terríficas do seu destino, dizia, ao lastimar os que partiam: "Foram para os quintos dos infernos!"» (Ir para os quintos dos infernos – Ciberdúvidas, s. d.).

5.3. Quando as *nuvens pesadas se complicam*: paráfrase

O objetivo da presente secção é analisar UF dos TP traduzidas para a LC por meio da técnica de tradução da paráfrase. Neste contexto, parafrasear significa traduzir UF por palavras que não são expressões idiomáticas e que podem reverter no uso de uma só palavra ou de várias palavras. Por exemplo, a UF do polaco *brać pod lupę* ‘levar sob lupa’ pode ser vertida para PE por meio de uma paráfrase constituída por uma só palavra, ‘examinar’, ou por várias, ‘observar atentamente’ e ‘observar como quem vê à lupa’.⁷⁶ Os tradutores usam a paráfrase – o dizer por outras palavras – como técnica para resolver problemas tradutórios relacionados com UF e, ainda, com passagens de difícil tradução e interpretação, tendo em vista o leitor-alvo. Para Chesterman (1997: 101), trata-se de uma estratégia semântica que, de acordo com alguns autores, pode ser legítima ou ilegítima. Molina e Albir (2002) resumem assim a discussão tradutológica sobre a técnica de tradução da paráfrase:

The legitimate paraphrase is a lexical change that makes the TT longer than the ST but does not change the meaning (similar to the SCFA amplification/dissolution). The illegitimate paraphrase makes ST items explicit in the TT. Nida, Taber and Margot agree this is not the translator’s job as it may introduce subjectivity (Molina e Albir, 2002: 503).

Apesar dos termos avaliativos da distinção, ela é pertinente do ponto de vista das técnicas tradutórias e da perspetiva tradutológica que busca marcas e idiosincrasias dos tradutores a fim de definir estratégias de tradução. Neste momento, importa clarificar o tipo de paráfrase em causa, importando de Chesterman (1997) a sua descrição:

The paraphrase strategy results in a TT version that can be described as loose, free, in some contexts even undertranslated. Semantic components at the lexeme level tend to be disregarded, in favour of the pragmatic sense of some higher unit such as a whole clause. (...) This is a typical strategy for the translation of idioms, for instance, for which no corresponding idiomatic expression can be found in the TL (Chesterman, 1997: 104).

Da definição de Chesterman, apresentada acima, realçam-se duas considerações. A primeira é a de que a paráfrase deve atuar quando a equivalência é impraticável por motivos pragmáticos, enquanto a segunda é a de que a paráfrase, normalmente efetuada como tradução por excesso (*overtranslation*), também pode realizar-se por déficit

⁷⁶ Não se considerou pertinente subdividir esta técnica de tradução em *paráfrase monolexical* (p. ex.: *examinar*) e *paráfrase explicativa* (p. ex.: *observar como quem vê à lupa*) porque se trata do mesmo procedimento com duas variações.

(*undertranslation*). O tipo de paráfrase que interessa testar na presente secção é aquela que constitui uma técnica de resolução de problemas tradutórios a nível de UF.

O objetivo é, por conseguinte, analisar as UF do TP que não têm correspondência na LC e são traduzidas por meio da paráfrase ou que, tendo equivalentes na LC, foram parafraseadas no TC por opção dos tradutores. Há casos em que o sentido é transparente e dedutível das palavras que formam as UF, sendo possível uma tradução da letra (*cf. exs. 39 e 42*). Mas também há casos em que tal não é possível (*cf. exs. 40 e 41*). Ainda assim, o sentido das UF é sempre mais abrangente do que os significados dos seus constituintes, porque se reveste de aspetos formais, semânticos, pragmáticos, idiomáticos e culturais.

(39)

(...) muszę	jeszcze	zatrzymać	się	w	myślach	w	grecko- perskim	świecie	Herodota,
tenho	ainda	deter	se/ me	em	pensamentos	em	grego- persa	mundo	de Heródoto
(...) ainda tenho de deter os meus pensamentos no mundo grego-persa de Heródoto,									

→

bo	oto	zaczynają	się	nad	nim	gromadzić	ciężkie	chmury.	K3: 161
pois	eis	começam	se	sobre	ele	acumular	pesadas	nuvens	
porque a situação ali começa a complicar-se seriamente.									S&L3: 127

O exemplo (39) ilustra um enunciado construído com base na UF *chmury gromadzą się* (SFJP I: 134) ‘nuvens acumulam-se’ e na colocação *ciężkie chmury* (SFJP I: 133) ‘pesadas nuvens’. O sentido figurado da UF em foco é a ideia de que o perigo espreita ou problemas não de vir. A UF *acumulam-se nuvens pesadas* pertence ao grupo das expressões homónimas que Vilela (2002: 162-163) considera possuírem dois valores: valor de discurso livre, quando têm significado literal (p. ex.: *nuvens pesadas acumulam-se sobre o olival*) e fraseológico, como no exemplo (39). A paráfrase usada pelos tradutores envolveu a modulação, *i. e.*, mudança de perspectiva, porquanto no TP é o *mundo* que se encontra em perigo, ao passo que no TC é a *situação* que se complica, acrescida da formulação *começa a complicar-se seriamente*. A paráfrase é uma técnica de tradução que consiste em transpor para a LC o sentido da frase mas não a sua letra. Na verdade, a tradução da letra (Berman, 1985/2007) teria sido possível: ‘nuvens negras pairavam sobre o mundo grego-persa de Heródoto’. Tal teria permitido ao leitor-alvo aceder ao modo idiomático de os polacos se exprimirem.

(40)

Histiajas	gna	z	duszą	na	ramieniu,
Histeu	corre	com	alma	em cima de	ombro
Histeu a correr apavorado					

→

ciągle	ogląda	się	za	siebie, (...)	K3: 166
continuamente	olha	se	para trás de	si	
olhando sempre para trás, (...)					S&L3: 131

O enunciado transcrito em (40) exibe uma UF polaca, cuja tradução literal não seria inteligível para o leitor de chegada, devido ao seu carácter idiomático. A colocação *z duszą na ramieniu* (SFJP I: 195) ‘com a alma em cima do ombro’ não tem sentido literal, apenas figurado, e significa *ter muito medo* (ou melhor, ter tanto medo que, no imaginário polaco, a alma foge do corpo e se refugia em cima do ombro). Neste caso, a tradução da letra não era uma opção viável. Os tradutores parafrasearam a UF por meio de um sinónimo, *apavorado*, uma paráfrase monolexical, escolhida dentro do vasto campo lexical que o PE oferece para *medo*. A paráfrase acarretou perdas na expressividade e na referência cultural que o TP transmitia, mas era uma das técnicas possíveis para solucionar este caso.

(41)

Albo	się	nas	przełękło,	sposzregłszy,
ou	se	nos	assustou	tendo reparado
Ou então tem medo de nós, ao ver				

→

żeśmy	zważali	pismo	nosem.	G: 46
que	cheirámos/sentimos	escrita	com nariz	
que o descobrimos.				C&C: 71

Em (41), a UF em apreço representa uma expressão que, traduzida palavra-a-palavra, não seria inteligível para o leitor-alvo, devido ao seu carácter idiomático: *zważać pismo nose* (SFJP I: 683) ‘cheirar/sentir a escrita com o nariz’ significa «presentir algo desfavorável ou prever que a conduta de outrem pode ser prejudicial». Não havendo equivalente na LC, os tradutores optaram pela paráfrase monolexical sob a forma do verbo *descobrir*. Talvez não lhes tenha ocorrido que, uma vez escolhido o verbo *descobrir*, bastava acrescentar *a careca* para obter uma UF, diferente na forma, mas semelhante quanto ao conteúdo concetual transmitido, o que resultaria em: *ao ver que lhe descobrimos a careca*.

(42) A

– nagle	wybuch	powstanie.	Jak	grom	z	jasnego	nieba!	K1: 69
de repente	explode	insurreição	como	raio	de	claro	céu	
(…) de repente estala uma insurreição. De um dia para o outro!								S&L1: 78

(42) B

Na	to	wszystko,	jak	grom	z	jasnego	nieba,	przychodzi	wiadomość, (...)	K1: 88
para	isso	tudo	como	raio	de	claro	céu	chega	notícia	
Como se isso não bastasse, chega, inesperada e abruptamente (...), a notícia (...)									S&L1: 100	

O último dos exemplos (42) apresenta a CF idiomática *spadać jak grom z jasnego nieba* (SFJP I: 263) ‘cair que nem um raio (disparado) de céu aberto (claro)’, cujo sentido é «acontecer inesperadamente ou surpreender». A CF em foco constitui uma ocorrência tradutória interessante porque é traduzida pelos mesmos tradutores de maneira distinta em momentos diferentes do mesmo texto. Os tradutores não traduzem UF isoladas mas inseridas em frases que, em parte, determinam a opção tradutória. A CF *jak grom z jasnego nieba* é traduzida por meio de uma locução adverbial, *de um dia para o outro*, indicando um acontecimento de carácter pontual e abrupto, e por meio de uma paráfrase adverbial, *inesperada e abruptamente*. É o contexto e a sua interpretação que orientam as decisões dos tradutores, comprovando que o ato tradutório não é automático e, mesmo que seja assistido por computador, a intervenção do fator humano é imprescindível.

Sumariando o que acima foi analisado, a tradução de UF por meio da paráfrase consiste em transmitir o sentido convencional das expressões utilizadas, já que o seu valor conotativo, imagético e associativo se perde na tradução. Com o uso da paráfrase dissipa-se o efeito que o autor pretende alcançar junto dos leitores, somem-se as conotações culturais, sendo o leitor de chegada privado de conhecer e aprofundar a cultura dos falantes da LP, à qual o autor pertence. A utilização da paráfrase na tradução de UF, onde a aplicação de outras técnicas, como a equivalência formal e semântica, não é viável, afigura-se como preferível à omissão.⁷⁷

⁷⁷ As observações que se apresentam no estudo não são de carácter avaliativo, nem prescritivo, dado que o nosso objetivo é refletir sobre problemas tradutórios, suas soluções e alternativas, a fim de melhor entender o alcance dos fenómenos e as implicações das opções tradutórias.

5.4. Quando a *lei draconiana* é mesmo *draconiana*: tradução literal

Na presente secção, analisam-se UF típicas do PL vertidas para PE com a técnica da tradução literal, porque o seu significado, não sendo idiomático, é inteligível para o leitor-alvo. O fenómeno consiste em verter à letra as palavras das UF dos TP, sem que se perca o seu sentido na LC. Neste caso, a tradução literal revela a interferência da LP, mas não dificulta a interpretação do sentido no TC. O fenómeno pode ter origem numa interferência inconsciente da LP no tradutor, mas também pode fazer parte de um projeto de tradução que pretende aproximar a cultura do autor do TP ao leitor português. Seguidamente, expõem-se os exemplos de (43) a (46) para ilustrar o fenómeno tradutório em foco.

(43) A

Przepisów	przestrzegał	dosłownie,	z	drakońskim	nieraz	okrucieństwem.	G: 15
regulamentos	cumpria	literalmente	com	draconiana	às vezes	crueidade	
Observava as regras escrupulosamente, às vezes, com crueldade draconiana.							C&C: 27

(43) B

(...) władze	Aten	ukarały	autora	drakońską	grzywną (...)	K3: 168
autoridades	de Atenas	castigaram	autor	com draconiana	coima	
(...) as autoridades atenienses castigaram o autor com uma coima draconiana (...)						S&L3: 132

Os exemplos (43) A e B ilustram o adjetivo *drakoński* ‘draconiano’ que entra na composição de outras colocações, atestadas pelo SFJP (I: 186): *drakońskie prawo / kary / przypisy* ‘lei / penas / regulamentos draconianos’. O significado do adjetivo remete para «algo muito severo, implacável, cruel». O adjetivo *draconiano* também consta nos dicionários portugueses que lhe atribuem o mesmo sentido (DHLP: 1403). A diferença entre o PL e o PE está na frequência do uso do adjetivo, que é comum e muito frequente em PL, mas erudito e raro no PE. Os autores polacos, Grabiński e Kapuściński, empregam no *corpus* analisado o adjetivo *drakoński*, que os tradutores vertem literalmente. A opção pela tradução literal preserva a imagem associada ao legislador ateniense e a referência à CP.

(44)

To	pięknie	z	pańskiej	strony.	G: 104
isso	lindamente	de	senhor	lado / parte	
É muito bonito do seu lado.					C&C 154

O exemplo (44) ilustra uma fórmula de rotina e boa educação frequente em PL, que tem algumas variações: *To ładnie / uprzejmie / miło z pańskiej / pani strony*. A fórmula

equivalente em PE é: *É muito simpático da sua parte*. A palavra polaca *strona* é polissémica, podendo significar ‘lado’, ‘página’, ‘parte’, etc. A tradução *É muito bonito do seu lado*, não sendo uma frase nativa do PE, causa alguma estranheza mas é inteligível.

(45)

Czujny	jak	żuraw (...)	G: 9; 114
alerta	como	grou	
Atento que nem um grou (...)			C&C: 18; 167

O exemplo (45) ilustra um tipo de UF que se presta à tradução literal. Embora todas as línguas possuam um repertório de comparações fixas, este pode acolher novas CF provenientes tanto da literatura traduzida como dos contactos entre povos. A CF *czujny jak żuraw* (SFJP I: 157) significa *estar muito atento* e a sua tradução literal, *atento que nem um grou*, inscreve-se na estratégia de adequação que pretende trazer até ao leitor português a imagem e os atributos de uma ave que faz parte do espaço e da paisagem polaca. A par desta CF, cuja tradução literal é viável em PT, outras se apuraram, p. ex.: *Podniósł ciężką swą jak młot rekę (...)* (G: 57) / *Levantou a sua mão pesada que nem um martelo (...)* (C&C: 87); *Sztywny jak kloda (...)* (G: 12) / *Rígido que nem um tronco* (C&C: 23); *(...) jak ciasto w dzieży*. (K1: 21) / *(...) como a massa do pão numa amassadeira* (S&L1: 26).

(46)

My,	orszakowie,	żyliśmy	jak	między	młyńskimi	kamieniami,
nós	os do séquito	vivíamos	como	entre	de moinho	pedras
Nós, os do cortejo, vivíamos como no meio de duas pedras de moinho,						
→						
czekając	tylko,	który	nas	zgniecie.	K1: 46	
esperando	só	qual	nos	esmaga		
esperando só sermos triturados.						S&L1: 53

A UF em (46) *żyć/znajdować się między młyńskimi kamieniami* ‘viver/encontrar-se entre pedras de moinho’ não se encontra registada no SFJP, mas é atestada em textos literários, tal como no poema de Krzysztof Kamil Baczyński, *Między młyńskimi kamieniami* [Entre pedras do moinho], no qual o poeta versa sobre injustiças que podem destruir a vida de uma pessoa. A UF equivalente em PE é *entre a espada e a parede*, que não tem o mesmo valor imagético da expressão polaca, na qual a força esmagadora é exercida por ambos os lados. Assim, os tradutores optaram pela tradução literal, pois o sentido da UF não é totalmente idiomático e pode ser inferido através da imagem veiculada e do contexto.

Em suma, o tópico acima abordado e os exemplos apresentados ilustram a seguinte afirmação de Mauranem (2004: 80). «Examples of the latter [interference] would be collocations or other combinations which break no obvious rule of the TL but are simply not found in original texts». Esta técnica de tradução surge, assim, como forma de fazer chegar até ao leitor da obra traduzida a maneira de pensar e de se expressar do autor do TP que, por sua vez, reflete a língua e a cultura do seu povo (*cf.* tradução da letra).

5.5. Quando *raios e coriscos levam sumiço*: omissão

A presente secção é dedicada à omissão em tradução, de uma maneira geral, e na tradução de UF, em particular. Steiner (1975/2002: 300) relata que, no século XV, o humanista alemão Niklas von Wyle, tradutor de latim, preconizava uma estratégia de tradução que respeitasse todas as palavras do texto original, reclamando uma correspondência palavra a palavra, consignada na máxima «para cada palavra uma outra palavra». A omissão estaria assim fora do ato da tradução para von Wyle, que não a concebia sequer como maneira de evitar a redundância natural das línguas. Já nos anos 90 do século XX, Deslile (1993) introduziu novas categorias aos procedimentos de tradução, entre eles, o par adição-omissão, que abordou como *erros de tradução* e não como *técnicas de tradução*. A *adição* foi encarada como a introdução injustificada de elementos no TC e a *omissão* como a supressão injustificada de elementos do TP. As posições de von Wyle e de Deslile, face à omissão, situam-se no âmbito da normatividade, às quais acresce uma avaliação negativa, que remete para a conceção de que a tradução deve ser fiel à letra do original sob pena de trair o autor e defraudar o leitor no direito que lhe assiste de ter acesso ao texto integral.

Daqui se depreende que a *omissão* não é considerada uma técnica de tradução e não é equiparável a tantas outras que, como a transposição e a modulação, não são alvo de juízos de valor. Aliás, a omissão não consta das listas de técnicas de tradução elaboradas por Vinay e Darbelnet (1958/1977), Chesterman (1997), Newmark (1988) e Molina e Albir (2002) e nem sequer existe como entrada na enciclopédia de Baker e Malmkjær (1998). A omissão está, porém, presente no discurso tradutológico e na prática tradutória. Apesar de os autores supracitados não a incluírem no elenco das suas técnicas de tradução, ela será

abordada em termos descritivos e explicativos na análise do nosso *corpus*, mas também alternativos, porque foi observada em todas as traduções, quer de prosa quer de poesia.

O cotejo dos textos do *corpus* permitiu apurar a relevância do domínio concetual TEMPESTADE em PL, que dá origem a variadas UF, sobretudo no que se refere a fenómenos elétricos tais como: *błyskawica* ‘relâmpago’; *grom* ‘raio’ e *piorun* ‘raio, corisco’.⁷⁸ Por isso, a análise começa com exemplos do referido domínio concetual, tal como se atesta em (47).

(47) A

Budnikowi	lotem	błyskawicy	przeszła	myśl	przez	głowę.	G: 12
a guarda-linha	em voo	de relâmpago	atravessou	pensamento	por	cabeça	
Pela cabeça do guarda linha passou um pensamento.							C&C: 21

(47) B

A	co	mnie	to	wszystko	wreszcie,	do	stu	piorunów,	obchodzi?	G: 73
e	que	me	isso	tudo	afinal	para	cem	raios	interessa	
O que é que me interessa isto tudo, afinal?										C&C: 110

A UF omitida em (47) A é *lotem błyskawicy* (SFJP I: 106) ‘em voo de relâmpago’, uma locução adverbial que «significa muito rapidamente, de repente», cujo equivalente em PT é ‘num relâmpago’ ou ‘que nem um relâmpago’. A omissão pode ter tido origem num lapso, descuido ou na desvalorização da UF. Por seu turno, a UF em apreço no exemplo (47) B é a fórmula interjecional *do stu piorunów* que o SFJP (I: 680) explica como «interjeição que exprime indignação, raiva». A omissão não se justifica porque existem equivalentes em PE, p. ex.: *raios o partam!* ou *cos diabos!*. Existindo regularidade em certos procedimentos por parte de um tradutor, tal pode constituir uma característica da sua escrita tradutória. Se bem que Charchalis e Charchalis não representem os tradutores que mais elementos textuais omitem, o facilitismo é uma das suas marcas *tradutorais* (cf. subcapítulo 4.).

(48)

Mając	ich	bliżej	Trenczyna	niż	innych,	łatwiej	mógł	też	wpływać	
tendo	os	mais perto	de Trenczyn	que	outros	mais fácil	podia	também	influenciar	
Tendo-os mais perto de Trenczyn que aos outros,										
→										
na	ich	przekonania	i	urobić	ich	sobie	na	swoją	modłę.	G: 46
em	suas	convicções	e	modelar	os	se	a	seu	modelo	
pôde influenciá-lo mais.										C&C: 71

⁷⁸ O SFJP (I: 106; 263; 680) regista 8 ocorrências fraseológicas para *błyskawica*, 9 para *grom* e 21 para *piorun*.

A UF em jogo no exemplo (48) é a expressão *urobić kogo na swoją modłę* (SFJP I: 454) ‘modelar alguém à sua maneira’, cujo significado é «incutir em alguém os seus próprios princípios, métodos de conduta». À semelhança do exemplo anterior, a omissão terá surgido como solução de uma dificuldade tradutória, já que os tradutores não encontraram o equivalente em PE: *talhar/ moldar alguém à sua maneira*.

(49)

Więc	trzymając	w	ręku	torebkę	z	butelką,
então	segurando	em	mão	mala	com	garrafa
Continuei o caminho com a garrafa na mão.						

→

szedłem	jak	gdyby	nigdy	nic.	K3: 117
caminhava	como	se	nunca	nada	
∅					S&L3: 91

A UF omitida em (49) é uma locução adverbial *jak gdyby nigdy nic* (SFJP I: 302), tem carácter idiomático e significa «como se nada tivesse acontecido». Os tradutores omitiram-na, embora a pudessem ter parafraseado ou convertido numa expressão equivalente em PE: *como quem não quer a coisa*. Aliás, na mesma frase, ocorre uma outra omissão que altera a imagem transmitida pelo TP. O narrador, que se encontra num país árabe (onde o álcool é proibido), caminha, comprometido, por causa de uma garrafa de cerveja checa que quer deitar fora sem que ninguém se aperceba. Para além de a trazer escondida num saco, deseja ainda que isso passe despercebido; daí a expressão *szedłem jak gdyby nigdy nic* ‘seguiu como quem não quer a coisa’ / ‘seguiu como se nada fosse’. Este exemplo ilustra como a omissão pode alterar não só a imagem traçada pelo autor (*garrafa* em vez de *saco com a garrafa*), mas também o efeito que o autor pretende causar no leitor.

(50)

(...) lecz	to	można	było	jakoś	nadsztukować.
mas	isso	podia	ser / ter sido	de algum modo	restaurar
(...) mas o arranjo não devia causar grandes problemas –					

→

- Nie	święci	garnki	lepią -	pomyślał,	krając	chleb (...)	G: 4
não	sanos	panelas	modelam	pensou	cortando	pão	
pensou cortando broa (...)							C&C: 12

O último dos exemplos seleccionados, (50), ilustra a omissão de um provérbio: *Nie święci garnki lepią* (SFJP I: 239) ‘Não são santos quem faz panelas’, cujo significado é «não é preciso muito (esforço, talento) para realizar certas tarefas, basta alguma boa vontade e

arte». Não ocorrendo aos tradutores um provérbio equivalente em PE, optaram pela omissão. A questão a discutir aqui relaciona-se com a sua traduzibilidade, pois parece-nos possível aplicar a técnica da tradução da letra ao provérbio (Berman, 1985/2007). As alternativas *Não são santos quem faz panelas* ou *Panelas, não as fazem os santos* são opções viáveis, porque compreensíveis no contexto em causa. Também teria sido possível encontrar uma expressão portuguesa equivalente, tal como *meter / pôr mãos à obra*, que cobre parcialmente o sentido do provérbio polaco no referido contexto. O exemplo (50) ilustra ainda a técnica da adaptação cultural, denotando ainda idiosincrasias nortenhas (Charchalis e Charchalis residiam no Porto): *chleb* ‘pão’ é traduzido como *broa*.

Os exemplos transcritos nesta secção ilustram o uso da omissão de vários tipos de UF como procedimento tradutório em contextos onde a tradução da letra, a paráfrase e a tradução por equivalência teriam sido possíveis. Muito embora se admita a existência de UF realmente intraduzíveis, não nos deparámos com elas; pelo contrário, as ocorrências observadas demonstram que teria sido possível não as omitir. Por essa razão, a análise feita nesta secção foi sempre acompanhada de propostas alternativas à omissão. Por que motivo usam os tradutores a omissão quando não há constrangimentos interlinguísticos, não ocorre a referida redundância característica da LP e existem alternativas à omissão? Face às ocorrências de omissão apuradas, dá-se razão a Hejwowski (2004: 144) que aponta como causas do referido recurso lacunas na competência tradutória:

A tentação de omitir um fragmento de texto surge quando o tradutor não compreende determinada formulação ou não consegue encontrar um equivalente satisfatório na língua de chegada. Esse tipo de dificuldades revela, contudo e em geral, lacunas na competência tradutória, não que a omissão seja realmente fundamentada (Hejwowski, 2004: 144. T. n.).

A segunda razão invocada por Hejwowski para o uso da omissão prende-se com a alegada falta de equivalentes na LC. Neste ponto, e face ao acima exposto, a posição de Hejwowski coincide com a análise apresentada nesta secção, porquanto a presumível falta de equivalentes na LP também pode refletir lacunas na competência e no esforço tradutórios, conforme apurado nos exemplos de (47) a (50). Ainda assim, neles não são tanto as lacunas tradutórias que vêm à luz do dia como o facilitismo que os tradutores concederam a si próprios, o que remete, novamente, para a lei do menor esforço, na medida em que os tradutores escolheram a estratégia que requeria menos esforço ou esforço nenhum – a

omissão. A busca de soluções para os problemas tradutórios suscitados por UF sem equivalentes na LC ou com significados idiomáticos na LP pode efetivamente consumir muito tempo ao tradutor que acaba por desvalorizar algumas UF. Na verdade, a omissão não resolve problemas tradutórios, mas resolve dificuldades do tradutor. As omissões em apreço redundaram em perdas tradutórias que podiam ter sido evitadas.

A discussão da (in)traduzibilidade, da equivalência e da omissão conduz inevitavelmente à questão das perdas em tradução que, face à análise efetuada, pode ser equacionada como fenómeno de *undertranslation*, «the use of too few words in the translation to convey fully the sense of the source language» (Sin-Wai e Pollard, 2001: 1108).⁷⁹ No presente estudo sobre a omissão de UF em tradução, o fenómeno de *undertranslation* avulta tanto na perda de palavras, como na perda de valores semânticos, estilísticos e culturais. A nível semântico, as perdas parecem claras, pois dizer que *Pela cabeça do guarda-linha passou um pensamento* não é a mesma coisa que dizer *Pela cabeça do guarda-linha passou que nem um relâmpago um pensamento*. A omissão regular de UF do domínio da TEMPESTADE, um motivo constante na escrita de Grabiński, acarreta conseqüentemente a perda de valores estilísticos. Por fim, tendo em conta que as UF espelham a cultura de um povo, sendo elas omitidas, perdem-se as referências ao modo como uma comunidade organiza o pensamento e categoriza o mundo o que transparece na língua, já que cada idioma possui expressões, metáforas, provérbios e verbalizações próprias.

Retomando a posição de Berman (1985/2007: 37) em defesa da tradução da letra, o tradutor pode como alternativa à omissão transferir para a LC as UF da LP, mesmo que tal signifique introduzir elementos novos e/ou estranhos à LC, conforme exemplificado com a solução tradutória *Paneles, não as fazem os santos*. Só assim não se apagará o património linguístico e cultural do Outro, o Estrangeiro, na CC. A tarefa do tradutor consubstancia-se, assim, não só na transmissão de discursos mas também de culturas, porque o mundo da fraseologia encerra as heranças milenares dos povos, bem como a sua criatividade genuína e única, fundada na linguagem, transmitida na oralidade e na escrita, quiçá ansiosa por ultrapassar fronteiras e dar-se a conhecer através da tradução. Se o tradutor deseja fazer

⁷⁹ Ainda assim, ressalva-se que o fenómeno de *undertranslation* e da omissão possa ter sentido positivo quando indica que o tradutor de modo consciente evitou repetições supérfluas do TP.

justiça ao epíteto de construtor de pontes, não pode omitir as expressões que retratam a identidade linguística, histórica e cultural dos povos.

Por último, retoma-se a questão assinalada anteriormente: como classificar a omissão em termos de procedimento tradutório? Tal como já assinalado anteriormente, para von Wyle (*apud* Steiner, 1975/2002) e Hejwowski (2004), trata-se de um erro de tradução. Para Vinay e Darbelnet (1958/1977), Chesterman (1997), Newmark (1998), e Molina e Albir (2002) não é uma técnica de tradução. Testando o fenómeno face aos cinco requisitos enunciados por Molina e Albir (2002: 509) para caracterizar as técnicas de tradução, verifica-se que, por um lado, a omissão cumpre três deles: afeta o resultado da tradução; é classificada mediante o cotejo dos TP com o TC e afeta microunidades do texto. Por outro lado, não cumpre os restantes dois requisitos: ser um elemento discursivo e contextual e assumir uma função no TC. Ora, sendo a omissão a ausência de tradução não pode ser discursiva e contextual. Assim sendo, a omissão não pode ser considerada uma técnica de tradução, pelo que se propõe o seu tratamento como um *procedimento* ou *recurso tradutório*, apenas e de preferência quando já se encontram esgotadas as técnicas de tradução. Outro fator relevante para a classificação da omissão como recurso, e não como técnica, é a sua avaliação que, no discurso tradutológico, tende a ser negativa, ao passo que as técnicas de tradução não são suscetíveis a juízos de valor: «[t]ranslation techniques are not good or bad in themselves, they are used functionally and dynamically» (Molina e Albir, 2002: 509).

5.6. Quando *falar é gastar saliva*: idiomatização

No decurso da comparação dos textos em busca do modo como os tradutores solucionam problemas tradutórios relacionados com UF, apurou-se um fenómeno igualmente interessante do ponto de vista do uso do discurso repetido. Neste passo do estudo, analisa-se o modo como as UF da língua portuguesa se impõem na tradução sem sugestão do TP, por iniciativa de quem traduz. Conforme diz Kapuściński «O homem não só cria uma cultura e habita nela, como também a leva consigo e, portanto, ele próprio se torna cultura» (S&L3: 68). De igual modo, os tradutores levam para a tradução UF e itens de especificidade cultural da sua própria língua (*cf. broa* no ex. 50).

O fenómeno tradutório identificado por Nida e Taber (1969/2003: 106) como «translating non-idioms with idioms» manifesta-se na tendência para o uso de UF retiradas do discurso repetido da LC em enunciados do TP que utilizam linguagem própria da técnica livre do discurso. Por se tratar de um procedimento tradutório pertinente, relevante e regular e por não se ter encontrado para ele uma designação nas listas de técnicas de tradução, propõe-se o nome de *idiomatização*. *Idiomatizar* significaria, por conseguinte, tornar idiomático e designaria em EDT uma técnica que consiste em verter enunciados formulados com linguagem do discurso livre no TP através de linguagem própria do discurso repetido (UF) da LC. O estudo prossegue, então, com a ilustração da técnica da *idiomatização* de PL para PE, um fenómeno de carácter idiossincrático e criativo, mas também cultural que, dada a sua diversidade, se ilustra com um conjunto mais alargado de ocorrências de (51) a (55).

(51)

Po	co	gadać	jeśli	dobrze	pomilczęc?	K1: 72
para	quê	conversar/falar	se	bem	calar	
Porquê gastar saliva quando é melhor calar?						S&L1: 81

O exemplo (51) mostra como o verbo *gadać* ‘conversar’/‘tagarelar’ foi vertido pela UF *gastar saliva* que exprime falar muito, sem ser ouvido, sem proveito ou sem acerto. Apesar de ligeiras diferenças de natureza semântica, o sentido da mensagem não se altera, sendo antes enriquecido pela plasticidade da expressão *gastar saliva*.

(52)

(...) nie	wołajęca	nawet	ratunku	ratunku, (...)	WS1: 326
não	que grita	até	socorro (voc.)	socorro (voc.)	
(...) e que nem grita sequer aqui-d’el-rei, (...)					JG: 327

Em (52), o que está em causa é a interjeição *ratunku* empregue no vocativo, cujo correspondente em PE é ‘socorro!’ O tradutor verteu-a como *aqui-d’el-rei*, uma locução usada para pedir ajuda ou socorro que, para além da idiomatização, acarreta implicações no registo que é marcadamente arcaico (provém dos tempos da monarquia) e provavelmente ainda se encontra em uso regional ou idiossincrático do tradutor.

(53)

Cesarz	jednak	nie	słuchał (...)	K1: 62
imperador	porém	não	ouvia	
Todavia, o Imperador fazia orelhas surdas (...)				S&L1: 70

No enunciado de (53), o GV com negação *nie słuchał* ‘não ouvia’ foi vertido por meio de uma frase afirmativa com a UF *fazer orelhas surdas*, que, em rigor, combina duas expressões: *fazer orelhas moucas* e *ouvir com orelhas surdas*. A opção dos tradutores representa, portanto, uma mescla de duas UF do PE.

(54)

Przecież	wypadki	chodzą	po	ludziach (...)	K1: 69
afinal/contudo	acidentes	andam	por	pessoas	
Verdade, verdadinha é que acidentes podem acontecer a qualquer um (...)					S&L1: 78

Para ilustrar o fenómeno tradutório em causa com UF diversificadas, o exemplo (54) recai sobre a tradução da conjunção adversativa *przecież* ‘afinal’/‘contudo’ através de uma fórmula de rotina que Vilela (2002: 172) inclui nas fórmulas comunicativas: «fórmulas pré-fabricadas, ritualizadas e habitualizadas, sempre disponíveis para determinadas situações, tais como observações, chamamento, etc». Em (54), a UF utilizada na tradução foi o chavão *verdade, verdadinha*.

(55)

Jestem	szczelnie	zamknięty.	WS2: 124
estou	hermeticamente	fechado	
Estou fechada a sete chaves.			M&N1: 125

Em (55), o advérbio *szczelnie* ‘hermeticamente’/‘impermeavelmente’ foi vertido através da UF *a sete chaves*, que significa bem protegido ou guardado. Neste caso, o uso da UF na tradução para PE pode ter sido parcialmente sugerida pelo verbo *zamykać* ‘fechar’; porém, a idiomatização em PE do advérbio *szczelnie* surge por iniciativa dos tradutores.

A técnica descrita e explicada na presente secção não é exclusiva dos tradutores das obras que integram o *corpus* da investigação. Larson (1984/1998), comparando a tradução de figuras de estilo e UF, reconhece que a técnica aqui analisada ocorre na tradução literária:

Sometimes it will be necessary to translate with a nonfigurative expression, but sometimes a good receptor language idiom may be used. And there will often be words in the source language which are not idioms, but are best translated with an idiom (Larson, 1984/1998: 142).

Concluída a apresentação do fenómeno tradutório que se denominou como *idiomatização* na tradução direta de PL para PE, surge a questão de tentar explicar por que razão usam os tradutores as UF quando o TP emprega linguagem do discurso livre. Nas palavras de Larson,

por que razão, às vezes, é melhor traduzir um enunciado não marcado através de uma expressão idiomática. As UF conferem à escrita tradutória naturalidade e precisão, ao mesmo tempo que podem emprestar plasticidade à mensagem transmitida, bem como alargar o horizonte das associações incorporadas na mente dos falantes. Se assim for, os enunciados do TP não perdem as suas propriedades denotativas; ganham, antes, outras tais como valores conotativos, expressivos e estilísticos.

Por outro lado, o uso da técnica da *idiomatização* em tradução pode ser interpretado como uma estratégia de aceitabilidade ou domesticação, porquanto o leitor pode ficar com a impressão que o PL contém as mesmas UF que o PE; mais, que os polacos transmitem a sua imagem do mundo da mesma forma idiomática que os portugueses. Todavia, no *corpus* estudado, talvez este não seja um risco muito real, porque as UF apuradas nos TC se revestem de um carácter mais global do que nacional. Por exemplo, os tradutores não empregam UF com elementos e figuras locais como *amigo de Peniche*, *passar as passas do Algarve* ou *chatear o Camões*. Utilizam, sim, UF de carácter geral que apelam à imaginação e à colaboração do leitor na reconstrução da mensagem e na sua visualização. Trata-se de UF que emprestam um colorido adicional à escrita tradutória e, ao mesmo tempo, deixam transparecer o trabalho criativo, porventura lúdico do ofício da tradução, onde os tradutores espelham a sua experiência linguística e deixam as suas marcas.

5.7. Quando ser *cabeça-dura* é uma *arte pesada*: tradução palavra-a-palavra

A presente secção tem como objeto UF que, não tendo sido reconhecidas pelos tradutores, foram traduzidas literal e erradamente. Neste passo da tese, impõe-se problematizar a noção de *tradução literal*, empregue até ao momento para descrever ocorrências tradutórias no âmbito de uma técnica sintomática da estratégia da adequação. A partir do momento em que a tradução literal dá origem a erros de tradução torna-se necessário especificar as suas variantes e restringir tanto a sua aceção como o seu uso. Propõe-se, assim, chamar *tradução palavra-a-palavra* à tradução literal de UF que resulta em erros de tradução como forma de a distinguir da comunente designada *técnica da tradução literal*. O tópico remete precisamente para um conjunto de UF idiomáticas que interditam o uso da tradução literal sob a pena de o tradutor incorrer em erros de tradução. Por tal motivo,

Newmark (1988: 31) rejeita a tradução literal em fraseologia: «literal translation is likely to work best and most with written prose (...); worst and least with ordinary spoken idiomatic language». Isto acontece porque o significado das UF é, em grande parte, convencional e a sua tradução palavra-a-palavra pode redundar em frases sem sentido na LC.

Na tradução palavra-a-palavra de UF, outro fator que pode dar origem a erros de tradução é a característica que Vilela (2002: 164) designa como *fixidez* e que determina a sua invariabilidade. A fixidez manifesta-se na impossibilidade de alterar a ordem das palavras ou de as substituir por outras. Há UF que admitem variabilidade, prevista na norma da língua (Vilela, 2002: 164) a nível estrutural, mas existem outras que não permitem qualquer variabilidade, salvo as desautomatizações criativas. Vilela (2002: 170-173) enumera um conjunto de UF, em que a fixidez atinge toda a sequência, a saber: provérbios e máximas, p. ex., *o silêncio é de ouro*; frases feitas, p. ex., *já não está aqui quem falou*; sequências nominais, p. ex., *música ligeira*; sequências adjetivas, p. ex., *são e salvo*; sequências adverbiais, p. ex., *de papo cheio*; determinantes nominais, p. ex., *dois dedos de conversa* e fórmulas interjecionais, p. ex., *uma ova!*. Se existem UF fixas, às quais a variação é interdita, então, havendo alteração de um dos elementos da sequência, estar-se-á perante uma infração da norma da língua: «breaches of the code» (Corder, 1973: 259).

Os exemplos selecionados para ilustrar fenómenos tradutórios conducentes a erros de tradução – *tradução palavra-a-palavra* e *alteração de UF*, cuja fixidez é total –, provêm da tradução de *Paisagem com grão de areia* de Gomes, que releva algumas dificuldades tradutórias. Para a seleção dos enunciados a analisar de (56) a (59) foram escolhidas UF com sequências diferentes conforme a classificação proposta por Vilela (2002: 170-173).

(56)

Jawa	nie	musi	bać	się	zapomnienia.	Twarda	z	niej	sztuka.	WS1: 294
realidade	não	tem	recrear	se	esquecimento	dura	de	si	peça	
A realidade não tem que recrear o esquecimento. / Pesada é a sua arte.										JG: 295

A colocação ou sequência nominal *twarda sztuka* (SFJP II: 407), que traduzida literalmente para PE dá origem a ‘dura peça’, refere-se a «alguém que não se deixa vencer, destruir, convencer, suplicar, ganhar». O seu equivalente parcial⁸⁰ em PE é *cabeça-dura* (DHLP: 701),

⁸⁰ Em polaco, a UF tem uma conotação mais positiva do que em PE, onde a UF é claramente depreciativa.

que remete para «indivíduo teimoso, insistente ou obstinado; pessoa que não se deixa convencer ou que não aceita opiniões, argumentos, conselhos ou advertências de outrem». A ocorrência exemplifica uma tradução palavra-a-palavra conducente a um erro tradutório: primeiro, o tradutor não reconheceu a polissemia da palavra *sztuka* que, entre outros, significa ‘arte, exemplar, peça (de teatro ou de carne)’; segundo, não reconheceu que a expressão *twarda sztuka* era uma UF e, em resultado, verteu-a como *pesada arte*. Não existindo em PE uma UF equivalente formal e semanticamente, propõem-se as seguintes expressões *cabeça-dura* ou *osso duro de roer* (que em PL tem como equivalente *twardy orzech do zgryzienia* ‘noz dura de roer’).

(57)

Co	by	to	było,	gdyby	ręka,	noga, /	o	krok,
que	havia	isso	ser	se	mão	perna	a	passo
Mas que seria se a mão, a perna, / por um passo,								

→

o	włos /	od	zbiegu	okoliczności.	WS1: 108
a	cabelo	de	convergência	de circunstâncias	
a um cabelo / da coincidência havida?					JG: 109

O poema de onde é extraído o terceto em (57) versa sobre o papel do acaso no destino do ser humano. Para o descrever Szymborska emprega uma das suas figuras de eleição, a enumeração, concretizada numa série de UF relacionadas com acontecimentos que por pouco não aconteceram ou só por pouco aconteceram. As UF em análise no exemplo (57) são as sequências adverbiais *o krok* (SFJP I: 358) ‘a um passo’ e *o włos* (SFJP II: 587) ‘por um cabelo’ que significam respetivamente «muito perto» e «pouco faltou para que algo acontecesse». Ambas as sequências têm equivalentes em PE, designadamente *a um passo*, *a dois passos* (GDLP VIII: 464), *i. e.*, algo situado «a pequena distância; muito perto» e *por um cabelo* (DHLP: 703) que significa «por diferença, distância ou quantidade mínima; por um triz». O tradutor não empregou as sequências adverbiais dicionarizadas e consignadas na norma da língua, alterando-as para *por um passo* e *a um cabelo*, trocando as preposições afetas às respetivas sequências adverbiais, um erro que pode ser explicado por contaminação, uma interferência intralinguística no seio da LC, a língua materna do tradutor. Não parece que tenha havido intenção de desautomatizar as UF, uma vez que o TP não o sugere, mas uma distração do tradutor que culminou numa infração à fixidez das UF em causa. O exemplo (57) merece ainda considerações de ordem sintática. Em PL, é

frequente omitir o verbo quando este é o verbo *być* ‘ser, estar, ficar’; já em PE, a respetiva elipse deixa as frases inacabadas, tal como acontece na versão de Gomes. Provavelmente o tradutor não quis repetir o V *ser* e não lhe ocorreu a alternativa sob a forma dos V *estar* ou *ficar*. O terceto tornar-se-ia mais compreensível com a seguinte redação: *Que seria se a mão, a perna, não estivessem (ficassem) a um passo, por um cabelo da coincidência havida?*

(58)

(...) słuchajcie –	słuchający –	zamienieni	w	słuch –	WS1: 130
ouvi	ouvintes/os que ouvem	mudados/transformados	em	ouvido	
(…) ouvi – atentos – mudados em ouvido –					JG: 131

O exemplo (58) mostra que o tradutor não reconheceu a UF em causa, tendo-a vertido palavra-a-palavra. O TP oferece um enunciado em que ocorrem três palavras com a mesma raiz *słuch-* a base do verbo *słuchać* ‘ouvir/escutar’, fator constituinte da dominante semântica do verso. A UF é *zamieniać/zamienić się w słuch* (SFJP II: 752) ‘transformar-se em ouvido’ e significa «ouvir/escutar atentamente, com intensidade». O seu equivalente em PE é *ser todo ouvidos* (DHLP: 2713), que significa «prestar total atenção». A UF *ser todo ouvidos* permite apenas variação em género e pessoa do pronome indefinido *todo*; logo, a opção do tradutor *mudados em ouvido* não é válida e torna o verso sem sentido. Ainda assim o leitor arguto é provavelmente capaz de identificar o erro e de o corrigir, percebendo que a redação do verso deveria ser: *ouvi – ouvindo – sendo todos ouvidos*.

(59)

(...) muchy	na	portrecie	Najjaśniejszego	Pana, (...)	WS1: 175
moscas	em cima de	retrato	de mais claro/ilustre	senhor	
(…) uma mosca no retrato do supremo senhor, (...)					JG: 175

As UF incluem fórmulas de tratamento e endereçamento, que refletem polidez e implicam o ajustamento das expressões utilizadas na interação verbal às especificidades dos intervenientes dentro da hierarquia social. A UF em questão no TP é *Najjaśniejszy Pan* ‘Sua Alteza’, que o SJP (III: 590) explica como sendo «forma de intitular a autoridade do estado: rei, príncipe, imperador». As fórmulas equivalentes em PE são: *Sua Alteza (Real)* e *Sua Majestade*. O tradutor não percebeu a que tipo de autoridade a fórmula dizia respeito e fez uma tradução livre do adjetivo *Najjaśniejszy* como *supremo*, o que não obedece nem às fórmulas de tratamento do PL nem às do PE.

O campo das UF pode ser uma fonte de problemas para os tradutores, falantes nativos da LC, que não dominam a LP. O tradutor Gomes representa um desses casos, tanto mais que na sua tradução de Szymborska foram apuradas outras ocorrências semelhantes, p. ex.: no poema *Utopia* a UF *zabierać głos* ‘fazer uso da palavra’ foi traduzida por *levar a voz* (JG: 193), enquanto, em *A preparação do currículo*, a UF *uchodzić za kogoś* ‘fazer-se passar por alguém’ foi vertida como *andar atrás de alguém* (JG: 243).

Sumariando, pode concluir-se que existe um conjunto de UF, cuja tradução não pode ser feita palavra-a-palavra por causa do seu sentido idiomático. Nestes casos, a tradução de UF tem de recorrer à equivalência na LC ou à paráfrase, de modo a que a intenção do autor seja preservada, bem como o efeito expressivo e pictórico das expressões idiomáticas. As línguas encontram-se repletas de UF que os falantes nativos usam espontaneamente sem, porventura, atentarem na sua natureza figurada. Já os tradutores que não são falantes nativos da LP têm de estar muito atentos a todos os enunciados, assumir a atitude humilde de quem não sabe tudo, duvidar das aparências e consultar constantemente os dicionários. Peacock (2009) resume o problema que constituiu o tópico desta secção, apontando para as suas consequências: «If the translators did not recognize such figurative expressions and translated them literally, readers of their translations will have difficulty in understanding the original intend of the author» (Peacock, 2009: 6). O não reconhecimento das UF em tradução implica perdas de vária ordem que afetam os direitos do leitor, a intenção do autor, a clareza da mensagem e a reputação do tradutor.

5.8. Problematização e notas finais

As UF são parte integrante do discurso literário, incutem expressividade e transmitem concepções da realidade ora herdadas ancestralmente pelo contacto remoto entre os povos ora criadas no seio de uma comunidade linguística. As primeiras fazem parte do património linguístico partilhado pelos povos europeus e, por regra, não suscitam problemas de tradução porque possuem equivalentes nas diversas línguas europeias (tal como foi a seu tempo demonstrado). As segundas constituem o acervo fraseológico nacional dos povos, representam o seu modo singular e específico de expressão e espelham a sua cultura. Por vezes, as UF levantam problemas de tradução devido à inexistência de equivalentes na LC;

neste caso, o tradutor tem à disposição um conjunto de técnicas de tradução que se constatou terem sido aplicadas no *corpus* em estudo. No presente subcapítulo sobre UF, procurou-se que os títulos das secções deixassem transparecer tanto as cinco técnicas de tradução esperadas como o recurso à omissão e ainda a ocorrência de erros.

Em primeiro lugar, a secção intitulada *Quando o cão é cão* descreve a técnica da tradução por equivalência formal e semântica, viável sempre que as UF fazem parte do repertório linguístico da LP e da LC. Este tipo de UF, partilhado pelas línguas europeias, desencadeia naturalmente um processo tradutório conducente à tradução literal.

A técnica de tradução por equivalência semântica, apresentada a seguir, preserva o sentido das UF da LP, mas altera a sua forma, com a substituição dos termos do domínio alvo por opções típicas da LC. Esta técnica foi descrita e explicada na secção *Quando o spermophilus suslicus é pedra*. O seu uso implica a adaptação cultural porque os referentes da CP não são conhecidos na CC, conforme demonstrado com o caso de *susel 'spermophilus suslicus'*.

A secção seguinte, designada *Quando as nuvens pesadas se complicam*, ilustra a tradução de UF por meio da paráfrase, que emprega as palavras de acordo com a técnica livre do discurso. A tradução por paráfrase de UF da LP é justificada pela falta de equivalentes na LC; no entanto, apuraram-se ocorrências em que a paráfrase parece resultar da liberdade do tradutor e não propriamente dos constrangimentos linguísticos ou culturais.

A seguir, a secção *Quando a lei draconiana é mesmo draconiana* aborda a técnica de tradução literal que consiste em traduzir UF da LP tal como elas se apresentam para a LC. Tal é possível, quando o sentido prevalece na LC e é passível de ser inferido pelo leitor da CC quer pela transparência das palavras quer pelo contexto. Esta técnica representa uma atitude respeitadora da alteridade e aproxima o leitor da CC à língua e à cultura do autor.

A tradução com omissão de UF da LP é abordada na secção *Quando raios e coriscos levam sumiço*, na qual se demonstrou para todos os exemplos, que existia, pelo menos, uma solução tradutória viável, sem que tal signifique que não existam UF intraduzíveis. O fenómeno tradutório da omissão foi explicado como reflexo de uma atitude facilitadora, porventura, negligente por parte dos tradutores, já que a omissão não é uma técnica de tradução; por isso, entendemos tratar-se de um procedimento ou recurso.

A secção seguinte *Quando falar é gastar saliva* descreve a técnica de tradução que consiste em verter enunciados construídos na LP com a técnica livre do discurso por meio de UF da LC. Para esta técnica de tradução foi proposta a designação de *idiomatização*. O fenómeno é explicável à luz do uso linguístico idiossincrático que os tradutores fazem do repertório das UF da língua portuguesa bem como da sua capacidade para comunicar imagens e emoções (Vilela, 2002: 161).

Entre os autores que orientaram o estudo das UF, apenas Ahmadi e Ketabi (2011: 25) referem a ocorrência de erros de tradução de UF, que denominam como *mistranslations*. Os erros de tradução não são técnicas de tradução, são antes ocorrências indesejadas e/ou involuntárias, que existem e como tal foram abordados no estudo da tradução de UF. Os erros de tradução no âmbito das UF derivam do facto de o tradutor não reconhecer a presença de UF no TP e julgar que o sentido da frase é transmitido pelas palavras individuais e não pelo seu sentido global e idiomático. Algumas UF que não têm equivalentes na LC podem ser traduzidas literalmente; outras, traduzidas palavra-a-palavra, dão origem a erros, tal como se demonstrou na secção *Quando ser cabeça-dura é uma arte pesada*.

Na Tabela 11, sistematizam-se com exemplos as técnicas apuradas na tradução de UF na direcção PL-PE, bem como outros procedimentos como omissões e erros.

Tabela 11 – Procedimentos tradutórios de UF observados nos TC

Textos Procedimentos	TP	TC	Secção
Equivalência formal e semântica	(...) wiernie jak pies (...) (G: 3)	(...) fielmente como um cão (...) (C&C: 10)	5.1
Equivalência semântica	(...) spać jak suseł (...) (G: 57)	(...) dormir como uma pedra (...) (C&C: 88)	5.2.
Paráfrase	(...) zaczynają się nad nim gromadzić ciężkie chmury (...) (K3: 161)	(...) a situação ali começa a complicar-se seriamente (...) (S&L3: 127)	5.3.
Tradução literal	(...) między młyńskimi kamieniami (...) (K1: 46)	(...) no meio de duas pedras de moinho (...) (S&L1: 53)	5.4.
Omissão	(...) piorunem rzucił się do roboty (...) (G: 4)	(...) meteu-se ao trabalho (...) (C&C: 11)	5.5
Idiomatização	(...) po co gadać (...) (K1: 72)	(...) para quê gastar saliva (...) (S&L1: 81)	5.6.
Tradução palavra-a-palavra (erro)	(...) twarda z niej sztuka (...) (WS1: 294)	(...) pesada é a sua arte (...) (JG: 295)	5.7

Correlacionando as técnicas e as estratégias atrás referidas, é possível distribuir as técnicas pelas estratégias. O grupo de técnicas composto pela equivalência formal e semântica, equivalência semântica, paráfrase e idiomatização converge para a estratégia da aceitabilidade ou domesticação, na medida em que opera com UF pertencentes ao repertório da língua do leitor, inclusivamente aquelas que são comuns ao acervo linguístico do PL e do PE. A existência de UF comuns ao PL e ao PE não surpreende, visto que os seres humanos partilham a mesma experiência física, cognitiva e emocional (p. ex., o medo, os animais, a comida, etc.). Acresce ainda assinalar a herança religiosa e cultural comum a polacos e portugueses que se reflete na existência de um conjunto de UF partilhadas. Para Berman (1985/2007), técnicas como a equivalência semântica, a paráfrase e a idiomatização, que atuam em prol da domesticação, são deformações etnocêntricas, *i. e.*, são procedimentos de anexação que tudo adaptam à sua própria cultura, normas e valores, apagando a presença idiossincrática do Outro, o Estrangeiro.

O segundo grupo de técnicas, composto apenas pela tradução literal, que se encontra ao serviço da adequação ou estrangeirização, realiza o desiderato de Schleiermacher (1913/2003: 61) de levar o autor até ao leitor. O tradutor, que acolhe a língua e a cultura do Outro na tradução, transmite conhecimento novo, porventura, exótico ao leitor de chegada. Ao preservar modos de expressão típicos do PL, tais como *estar entre as pedras do moinho, crueldade draconiana, É muito bonito do seu lado! Alguns gostam de poesia*, o tradutor faz com que a língua portuguesa acolha, de certo modo, a língua polaca e ofereça ao leitor de chegada a prova do Estrangeiro (Ricoeur, 2004/2005: 53; Berman, 1984).

Tendo sido apurados vários domínios recorrentes específicos da cultura polaca, como p. ex., os domínios ANIMAL e TEMPESTADES, a aplicação da tradução literal é aquela que melhor transmite a diferença cultural. Acolher o Outro na tradução significa deixar que a letra do texto transmita a imagem da CP. Os exemplos analisados na secção 5.4. parecem pois satisfazer o postulado de Berman (1985/1999), porquanto a presença do Outro, enquanto diferente de nós, é visível nas imagens traduzidas literalmente nos TC. As UF cujo sentido não é totalmente opaco prestam-se em particular à aplicação da tradução da letra preconizada por Berman (1985/1999: 235) porque refletem com expressividade a língua e a cultura de partida e obrigam «le lecteur à sortir de lui-même, à faire un effort de

décentrement pour percevoir l'auteur étranger dans son être d'étrange». Ou, ainda, nas palavras de Venuti (1995: 20) «(...) the linguistic and cultural difference of the foreign text, send[s] the reader abroad».

Ao abordar a temática fraseológica é impossível não colocar a questão: por que razão usam os povos unidades fraseológicas (discurso repetido) quando os signos linguísticos, aliados à recursividade da língua (técnica livre do discurso), lhes permitem dizer (quase) a mesma coisa? Vilela (2002: 161) explica a razão de ser das UF, invocando que as fraseologias lexicalizam, no chamado léxico mental, as emoções, as atitudes, as interpretações subjetivas e os comportamentos. Para além disso, as UF permitem, por vezes, economizar palavras, *i. e.*, dizer muito em poucas palavras e dizê-lo de modo metafórico, intensificando o elo com a comunidade de falantes. O uso de UF pode ainda marcar um determinado estilo, uma maneira de falar.

A fraseologia constitui, portanto, uma parte relevante da história de uma língua e embora, muitas vezes, seja impossível reconstruir o momento e as circunstâncias que deram origem a determinadas UF, elas viajaram ao longo dos tempos pela memória e pelas representações mentais de gerações, dando provas de vitalidade e expressividade. As UF constituem um património linguístico e cultural inestimável que espelha a experiência dos povos e os elos que entre si estabeleceram. Por isso, esta pode ser uma herança interna ou partilhada. A expressividade e a imagética que as UF emprestam à língua, muitas vezes, de raiz popular e cunho criativo, revertem a favor de uma comunicação mais emocional e mais plástica. As UF ocupam na língua um lugar privilegiado que se efetiva no aumento da expressividade dos enunciados falados e escritos, na transmissão de mensagens de carácter pictórico ou metafórico e no reforço da ligação existente entre os falantes da mesma comunidade, na medida em que falar ou escrever, empregando UF, equivale a lançar um piscar de olhos conivente ao interlocutor.

6. *Só com os males os polacos aprendem: tradução da letra*

O objetivo do presente subcapítulo é descrever e explicar o modo como os tradutores de PL-PE vertem provérbios. Antes, porém, definem-se os termos específicos pertinentes à área e lança-se um olhar ao processo tradutório, porque a tradução de provérbios se reveste de problemas específicos e de desafios que põem à prova as capacidades cognitivas e criativas dos tradutores.

Do ponto de vista teórico, é a paremiologia que estuda provérbios, ditados, adágios, rifões, máximas, sentenças, aforismos, axiomas e apotegmas. Com base em cinquenta definições, Mieder (2004) propõe uma descrição abrangente de provérbio:

(...) a proverb is a short, generally known sentence of the folk which contains wisdom, truth, morals, and traditional views in a metaphorical, fixed and memorizable form and which is handed down from generation to generation (Mieder, 2004: 3).⁸¹

Por seu turno, Arnaud (1991) afirma que os provérbios apresentam os seguintes traços distintivos: lexicalização, autonomia sintática, a autonomia textual, valor de verdade geral e anonimato. Os provérbios partilham, assim, algumas características com as UF, como fixidez ou lexicalização e especificidade semântica. O que distingue os provérbios das UF é o seu carácter autónomo, bem como a transmissão de saberes, conhecimentos e valores dos povos, adquiridos na experiência coletiva da vida quotidiana, material e espiritual.

A tradução de provérbios constitui cada vez mais em ET um campo próprio com os seus investigadores e as suas publicações (Muñoz, 1989 e 2005; Berman, 1985/1999; Zuluaga, 1980 e 1999; Mieder, 2004). No que toca à tradução de provérbios, os teóricos Muñoz e Muñoz (2005: 353) distinguem dois tipos de correspondência: literal e concetual.

La correspondência literal es la parémia de la lengua terminal com ideia clave, sentido y forma idênticos o praticamente idênticos a la parémia de la lengua original; la correspondência conceptual es la parémia de la lengua terminal que coincide sólo en la idea clave y en el sentido com la parémia de la lengua original (Muñoz e Muñoz, 2005: 353).

⁸¹ A definição é tão lata que engloba todas as parémias, provérbios, ditados, adágios, máximas, etc., cuja distinção não é objeto do presente estudo, tanto mais que entre os estudiosos também não existe consenso: «Ningún autor antiguo ni moderno ha logrado todavía exponer clara y terminantemente las diferencias entre unas y otras» (EUIEA II: 155-6). Ao presente estudo interessa tão-somente aferir as propriedades dos provérbios, bem como o que os distingue das UF.

As técnicas de tradução aplicadas aos provérbios são semelhantes às técnicas de tradução de UF, embora os investigadores utilizem tipologias e nomenclaturas diferentes. Uma tradução por correspondência literal do PL para o PE será, p. ex., *Darowanemu koniowi w zęby się nie zagląda* 'A oferecido cavalo nos dentes não se olha' / *A cavalo dado não se olha o dente*, e por equivalência concetual: *Niedaleko pada jabłko od jabłoni* 'Perto da macieira cai a maçã' / *Tal pai, tal filho*. Especificando as técnicas de tradução dos provérbios por correspondência (os autores usam o termo *correspondência* como sinónimo de *equivalência*), Muñoz e Muñoz (2005) indicam os três enfoques, geralmente, contemplados na tradução de provérbios: *protagonista*, *ideia-chave* e *sinónimo*.

La técnica actancial consiste en iniciar la búsqueda de un mismo protagonista en parémias de las lenguas terminales y la lengua original. La técnica temática es la búsqueda de correspondências a través de una idea clave. La técnica sinonímica es la búsqueda de correspondência teniendo en cuenta el grado de equivalência de significado (Muñoz e Muñoz, 2005: 350).

As propostas de Muñoz e Muñoz (2005) constituem ferramentas de análise que o investigador pode aplicar no estudo da tradução de provérbios, mas também diretrizes que podem ajudar o tradutor a ponderar a melhor solução tradutória na LC.

Em matéria de provérbios e sua tradução, é Berman (1985/2007) quem apresenta uma proposta que gostaríamos de pôr à prova. Em *A tradução e a letra ou O albergue do longínquo*, Berman (1985/2007: 15-16) começa por afirmar que a tradição tem levado os tradutores a verter os provérbios por equivalência (dinâmica), tanto mais que «os provérbios de uma língua têm quase sempre equivalentes em uma outra língua». Foi o que Milewska e Neves fizeram com a alusão de Szymborska (WS3: 62 e 64) ao próverbo polaco *Mądry Polak po szkodzie* 'Esperto polaco após o mal', vertido para PE como *Casa roubada, trancas à porta* (M&N2: 63 e 65). Nesta prática, traduzir um provérbio é encontrar o seu equivalente (semântico) e, assim, configurar a estratégia da aceitabilidade; porém, tal «significa recusar introduzir na língua para a qual se traduz a estranheza do provérbio original (...)» (Berman, 1985/2007: 17).

Pela razão acima exposta, Berman (1985/2007) preconiza um tipo de tradução que designa como *tradução da letra*. Para o efeito, distingue *tradução literal* e *tradução da letra*: «(...)

traduzir literalmente um provérbio não é simplesmente traduzir "palavra por palavra". É preciso também traduzir o seu ritmo, o seu comprimento (ou sua concisão), suas eventuais aliterações etc. Pois um provérbio é uma forma» (Berman, 1985/2007: 16). *Tradução da letra* será, portanto, uma técnica de tradução que trabalha com dois elementos: por um lado, a tradução das palavras que constituem o provérbio da LP; por outro, a tradução da sua forma (estrutura sintática, ritmo, rima, aliterações, etc.). O trabalho de tradução da letra não será nem tradução literal ou decalcada e, muito menos, tradução palavra-a-palavra. Será, sim, uma tradução com enfoque no jogo das dominantes semânticas, dos significantes, da forma e do conteúdo: «(...) trabalho sobre a letra inerente ao ato de traduzir (...) que (...) recusa a (...) figura canônica de servidor do sentido» (Berman, 1985/2007: 15). A tradução da letra tem como objetivo abrir na LC um espaço que acolha a língua e a cultura do Outro:

O objetivo ético do traduzir, por se propor acolher o Estrangeiro na sua corporeidade carnal, só pode estar ligado à *letra* da obra. Se a *forma* do objetivo é a fidelidade, é necessário dizer que só há fidelidade – em todas as áreas – à letra (Berman, 1985/2007: 70).

Na senda de Schleiermacher (1913/2003), Benjamin (1923/2014) e Ortega y Gasset (1938/2013), Berman (1985/2007: 39) preconiza um programa tradutório «(...) ligado ao projeto ético da tradução: levar às margens da língua para a qual se traduz a obra estrangeira na sua pura estranheza, sacrificando deliberadamente sua "poética" própria». O projeto de Berman implica que qualquer provérbio possa ser vertido para outra língua por meio da tradução da letra que inclui a adaptação sintática à LC, já que os provérbios se constroem com estruturas sintáticas recorrentes, fórmulas fáceis de memorizar e transmitir, que os falantes facilmente identificam. No presente estudo, propõe-se uma incursão no processo tradutório dos provérbios na direção de PL-PE a fim de testar a aplicabilidade da tradução da letra de Berman (1985/2007).

O provérbio que deu origem ao título do presente subcapítulo *Mądry Polak po szkodzie* (SFJP I: 458) 'Esperto polaco após o mal' foi o escolhido para testar a técnica da tradução da letra, porque está presente numa das obras do *corpus*, não tem correspondente literal em PE e foi traduzido por Milewska e Neves através de um equivalente dinâmico e concetual: *Casa roubada, trancas à porta*. O título do subcapítulo *Só com os males os*

polacos aprendem é uma primeira proposta de tradução do referido provérbio polaco, que qualquer falante bilingue de PL-PE reconhece, sendo capaz de o reconstruir na LP. A nossa proposta concretiza a aplicação da tradução da letra, um processo que levou em conta os seguintes propósitos:

(i) preservar o sentido do enunciado polaco, cujo significado é: «só conseguimos [nós, polacos] avaliar adequadamente as nossas ações depois de elas terem acontecido, com a devida distanciação temporal; não somos capazes de prever com antecedência as consequências negativas dos nossos procedimentos» (SFLP- Ściąga.pl. T. n.). Trata-se da preservação da ideia-chave, que remete para a técnica de tradução temática;

(ii) preservar as palavras-chave do provérbio, alterando apenas a flexão gramatical do número e a ortografia, *Polak* 'polaco' / *polacos* (o protagonista), e a tradução por sinonímia de *szkoda* 'dano' / *males*. *Males* parece ser uma opção mais adequada à linguagem proverbial, o que é atestado em algumas parémiás, p. ex.: *Quem chora, seus males deplora*; *Há males que vêm por bem*; *A grandes males, grandes remédios*. Aqui, trata-se não só da manutenção do protagonista (*polacos*), o que diz respeito à técnica actancial, mas também de uma escolha lexical que se coaduna com a linguagem proverbial (*males*);

(iii) adaptar lexical e estilisticamente, por meio da transposição: o adjetivo *mądry* 'esperto' é rendido pelo V *aprender* na aceção de adquirir conhecimento e esperteza. Trata-se de manter a equivalência do significado através da técnica sinonímica;

(iv) evocar a redação de provérbios portugueses, decalcando uma construção sintática típica da LC de modo a facilitar ao leitor-alvo o reconhecimento da presença de um provérbio. A tradução foi efetuada com base nos modelos: *Com a verdade me enganas*; *Com o Diabo não se brinca*; *Com os males dos outros posso eu muito bem*. Aqui, trata-se de um decalque intralinguístico, que pretende estabelecer equivalência formal;

(v) reforçar a estrutura sintática proverbial, colocando como primeiro constituinte do enunciado o advérbio *só*, o que também é atestado no acervo proverbial português, p. ex.: *Só de bagos fez uma velha cem pipas*; *Só perde quem tem*. Trata-se de um decalque sintático intralinguístico a partir de estruturas da LC, o que reforça a equivalência formal;

(vi) transmitir a expressividade manifesta no provérbio polaco, cujas funções são, entre outras, explicar de um modo muito conciso um *modus operandi* característico dos polacos

e lastimar que assim seja e continue a ser, apesar da advertência milenar da sabedoria popular. Aqui, trata-se da manutenção da ideia-chave, por meio da técnica temática.

O exercício tradutório acima descrito comprova que a tradução da letra é exequível e constitui uma técnica híbrida que impulsiona vários procedimentos. Neste ponto, convém lembrar a relevância dos instrumentos de auxílio à tradução, designadamente, os dicionários de sinónimos, de rimas e de provérbios, ferramentas imprescindíveis na oficina do tradutor. *Só com os males os polacos aprendem* é apenas uma proposta tradutória, que privilegiou a letra e o sentido à custa da estrutura sintática polaca.⁸²

O campo tradutório da paremiologia, intimamente ligado à cultura de um povo, pode causar problemas de tradução, sem que tal signifique que sejam problemas insolúveis, mas antes problemas-desafios cujas soluções se jogam entre a criatividade e a omissão e passam por diferentes tipos de equivalência.

Passando à análise da tradução de provérbios polacos nas obras do *corpus*, verifica-se no exemplo (56) que o provérbio aqui em destaque *Mądry Polak po szkodzie* ‘Esperto polaco após dano’ foi traduzido por Milewska e Neves por equivalência (dinâmica) concetual como *Casa roubada, trancas à porta*, uma tradução que é também uma adaptação cultural.

(60)

Na	stu	ludzi (...)	mądrych	po	szkodzie /	- niewielu	więcej /
em	cem	pessoas	espertas	após	dano	poucas	mais
Em cem pessoas, (...) com trancas na porta depois da casa roubada - / quase tantas como /							
→							
niż	mądrych		przed	szkodą; (...)		WS3: 62 e 64	
do que	espertas		antes de	dano			
aquelas que as têm, antes da casa roubada; (...)						M&N3: 63 e 65	

O exemplo (60) merece ser destacado porque nele a poetisa não utiliza o provérbio na sua forma original, pois o protagonista *Polak* ‘polaco’ é substituído pelo hiperónimo *homem*. A poetisa desautomatiza ainda o provérbio, recriando-o. Na tradução, a desautomatização

⁸² Todavia, querendo o tradutor preservar a letra e a construção sintática do provérbio polaco, bem como acrescentar uma rima interna, afiguram-se diversas opções, efetuadas através da técnica sinonímica, a saber: *Depois do mal, polaco doutoral; Depois do mal feito, polaco de peito feito; Depois da frustração, polaco sabichão; Depois da perdição, polaco mestrão; Depois do fracasso, polaco doutorço; Depois do dissabor, polaco sabedor*. Apesar da variedade, todas as propostas acarretam perdas semânticas e culturais, sendo que nenhuma delas consegue transmitir as representações mentais que os leitores da CP evocam quando ouvem, leem ou pensam no referido provérbio.

do provérbio português *Casa roubada, trancas à porta* também é efetuada. O que se perde na tradução por adaptação cultural são as representações cognitivas, a carga expressiva e as referências culturais que o leitor polaco é capaz de evocar, sentir e associar durante a leitura do poema de Szymborska, o qual universaliza a sentença polaca para transmitir a ideia de que afinal *nem com os males o homem aprende*.

O exemplo seguinte (61) ilustra uma parémia, cuja classificação, consoante os dicionários, varia entre provérbio, aforismo e sentença. Ao presente estudo a sua classificação é irrelevante, porquanto o importante é que se trata de uma parémia transcultural.

(61)

Lepiej	nie	skakać,	żeby	potem	nie	plakać.
melhor	não	saltar	para	depois	não	chorar
Mais vale estar quieto para não chorar depois.						

→

Lepiej	nie	gardłować,	żeby	nie	żałować.	K1: 97
melhor	não	vociferar	para	não	arrepender	
O silêncio é de ouro.						S&L1: 110

Nos dois enunciados do exemplo (61), observam-se um provérbio modificado e um enunciado construído em forma de provérbio. O provérbio polaco original reza *Lepiej ze swoimi plakać niż z obcymi skakać* (Przysłowia.net) ‘É melhor chorar com os seus do que saltar com estranhos’. Kapuściński reescreveu este provérbio: *Lepiej nie skakać, żeby potem nie plakać* ‘É melhor não saltar para depois não chorar’. Tanto a mensagem do provérbio original como a sua simplificação são transparentes e a forma proverbial da LP tem equivalentes na LC. Logo, os tradutores optaram pela tradução actancial, iniciando a frase com uma expressão típica e paradigmática da estrutura sintática dos provérbios em PT [mais vale X]: *Mais vale estar quieto para não chorar depois*. Atente-se, porém, que a estrutura sintática típica do PL é [lepiej X niż Y] ‘[melhor X do que Y]’, ao passo que a estrutura do enunciado em (61) se apresenta como [lepiej X żeby Y] ‘[melhor X para Y], constituindo uma variação sintática.

O segundo enunciado do exemplo (61) não pode ser classificado como provérbio só porque se assemelha a uma estrutura sintática proverbial. Este tipo de enunciado é um *pseudo-*

provérbio.⁸³ *Lepiej nie gardłować, żeby nie żałować* ‘É melhor não dar à língua para não se arrepende’ é um pseudo-provérbio. Os tradutores reconheceram nele a estrutura sintática proverbial, mas, apesar do seu conteúdo transparente, optaram pela tradução concetual e não literal, substituindo o pseudo-provérbio pelo fragmento de um verdadeiro provérbio (que, a nível do conteúdo, representa um equivalente semântico): *O silêncio é de ouro*. Como no repertório de provérbios polacos existe o correspondente *Mowa jest srebrem, a milczenie jest złotem* (SFJP I 447) / *A palavra é de prata e o silêncio é de ouro*, a mensagem transmitida pelo pseudo-provérbio de Kapuściński é compensada pelo provérbio partilhado por ambas as línguas.

(62)

(...) - sen	mara,	Bóg	wiara – (...)	K3: 201; G: 116
sonho	visão	Deus	fé	
Sendo o sonho quimera é melhor acreditar em deus.				S&L3: 162
Sonhos, aparições, não se deve acreditar nisso.				C&C: 171

O exemplo (62) mostra o provérbio polaco *Sen mara – Bóg wiara* (SFJP I 422) ‘Sonho visão – Deus fé’ que exprime a ideia de que não se deve acreditar nos sonhos, nos pesadelos, nos espíritos, mas ter fé em Deus, que nos ajuda a superar os fantasmas do nosso subconsciente. O provérbio, empregue por dois autores, Kapuściński e Grabiński, foi traduzido por dois pares de tradutores, Szymaniak e Leão e Charchalis e Charchalis, proporcionando uma análise comparativa. Conforme a glosa do exemplo (62) indica, o provérbio polaco, rimado, é formalmente marcado pela concisão e pelo paralelismo sintático. As traduções não preservam a forma, optando pela paráfrase. Em ambos os casos, o leitor-alvo não reconhece que os enunciados traduzidos são provérbios, antes os toma como conselhos formulados pelas personagens, tanto mais que ambos são redigidos formalmente como sugestões e conselhos, p. ex. [é melhor / não se deve]. Logo, no processo de tradução, são alteradas as funções linguísticas do enunciado do TP. Os provérbios representam a sabedoria ancestral passada de geração em geração e fazem parte do discurso repetido, enquanto os enunciados traduzidos em (62) indicam conselhos dados a propósito das circunstâncias relatadas no âmbito do discurso livre. Tal significa que o

⁸³ Pseudo-provérbios são «construções que, sem serem provérbios reconhecidos, têm a mesma estrutura da construção proverbial. São ditos, pensamentos, aforismos ou simples enunciados que encerram uma verdade pronta, acabada» (Castro, 1995: 71).

provérbio da LP é anónimo, ao passo que as traduções para PE são da autoria das personagens, respetivamente de Artábanos (K3: 201) e do narrador (G: 116). Ainda assim, é possível que a referência à sentença, *Sonhos são quimeras*, instilada na tradução de Szymaniak e Leão, possa ressoar na mente do leitor-alvo como eco remoto de uma sentença ancestral e anónima. Nesse caso, a ocorrência inserir-se-ia no âmbito da «variabilidade como efeito ecóico» que Vilela (2002: 168) caracteriza do seguinte modo: «o facto de os fraseologismos constituírem expressões memorizadas, o efeito ecóico permite modificações, simplificações, transposições, remotivações». Quanto a técnicas, ambos os pares de tradutores escolheram a tradução por equivalência concetual através da técnica temática, que redundou numa paráfrase explicativa.

(63)

Choć	goło,	ale	wesoło.	K1: 72
embora	nuamente	mas	contentemente	
Descalços mas alegres				S&L1: 81

O provérbio polaco transcrito em (63) apresenta concisão, rima, paralelismo sintático; ocorre ainda no uso da LP sob a forma de *Goły, ale wesoly* (SFJP II: 527) ‘Nu mas contente’. A mensagem transmitida pelo provérbio é transparente e a língua portuguesa tem para ele o equivalente, *Pobrete, mas alegrete*. Na tradução, *goło* ‘nu’ é traduzido por *descalços*, o que faz desaparecer a rima interna, bem como o carácter proverbial do enunciado.

As ocorrências tradutórias analisadas no presente subcapítulo, foram selecionadas com a finalidade de ilustrar a aplicação de diferentes técnicas de tradução no que respeita a provérbios, tendo sido exemplificadas a tradução concetual (*Casa roubada, trancas à porta*), bem como as técnicas de tradução actancial (*Só com os males os polacos aprendem*), temática (*Sendo o sonho quimera é melhor acreditar em deus*) e sinonímica (*Descalços mas alegres*). A omissão, um recurso possível na tradução de provérbios, foi abordada na secção 6.5. da presente Parte.

Na sua escrita criativa, escritores e poetas empregam provérbios que pertencem ao discurso repetido. Entre as múltiplas razões que os motivam, conta-se a necessidade de exhibir a pertença a uma comunidade linguística e cultural, de usar enunciados que dizem muito com poucas palavras e que evocam nos leitores saberes e valores ancestrais. O uso

dos provérbios permite evitar a descrição prosaica da realidade e recorrer a um modo breve e rico em imagens para descrever a realidade. Prestam-se ainda à desautomatização e à recriação ou à imitação através de pseudo-provérbios, o que aumenta a complexidade da sua tradução. No fundo, as diversas técnicas na tradução de provérbios inserem-se em duas estratégias opostas: por um lado, a aceitabilidade, que recorre à tradução por adaptação cultural, apagando as marcas da língua e da cultura do Outro e retirando ao TP a sua pertença autoral e cultural e, por outro lado, a adequação, que opta pela tradução da letra, fazendo prevalecer no TC as marcas da expressão linguística e cultural do Outro e permitindo ao leitor da CC fazer uma incursão mental no espaço linguístico e concetual do Outro, *i. e.*, “provar o Estrangeiro” (Berman, 1984). A ideia de Berman é retomada por Ricoeur (2004/2005: 20-21) que a denomina como *hospitalidade linguística*: «o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em sua casa, na sua própria morada de acolhimento, a palavra do estrangeiro».

O debate sobre a tradução de provérbios é de natureza linguística, cultural e ética, tal como defende Berman (1985/2007: 63-72). Segundo este autor, a tradução ética configura-se como uma estratégia que, ao reconhecer os direitos do autor e do TP, preconiza que a tradução acolha o Outro, ao invés de o ocultar, adaptar e ostracizar. Acolher o Outro significa aceitar a diferença, perceber a diversidade e conceber o Estrangeiro em pé de igualdade na CC.

Cabe aos teóricos instruir os tradutores, mas é aos tradutores que compete escolher as técnicas de tradução dos provérbios. Entre aceitabilidade e adequação haverá sempre espaços híbridos e transculturais que escapam à dicotomia. Ainda assim, ambas as estratégias podem cruzar-se na tradução de um mesmo tradutor porque as práticas de tradução da palavra e do sentido se permeiam, independentemente das vontades, sob os constrangimentos ora da LP e da LC ora do TP e do TC.

7. Quando erros são lapsos e associações

O presente subcapítulo visa abordar o erro em tradução a partir das ocorrências tradutórias apuradas, suscetíveis de serem classificadas em diferentes categorias.

A noção de erro consolidou-se em meados do século XX com a Didática das Línguas Estrangeiras (Corder, 1967), que postulava a interferência da língua materna como obstáculo à aprendizagem das línguas estrangeiras. *Grosso modo*, entende-se por *interferência* a transferência de elementos da língua materna para a língua estrangeira, a nível lexical, gramatical e pragmático. Situação semelhante verifica-se na atividade da tradução, porquanto a LP interfere na escrita tradutória na LC. Daí que tanto a noção de *interferência* como a distinção estabelecida por Corder (1967: 166) entre *errors* (produtos da falta de competência linguística) e *mistakes* (produtos de circunstâncias externas, como cansaço, nervosismo, distração, etc.) sejam instrumentos de análise vantajosas para os ET. Outra distinção relevante para os ET é a de *erros interlinguísticos* (entre duas línguas) e *intralinguísticos* (no seio da mesma língua).

No que respeita à definição de *erro*, Corder (1973: 259) descreve erros como «breaches of the code». Quanto a fatores conducentes ao erro, para além da falta de competência linguística e da interferência, Corder (1967: 166) admite ainda a existência de fatores cognitivos e extralinguísticos: «due to memory lapses, physical states, such as tiredness and psychological conditions such as strong emotion». Assim sendo, também os tradutores se encontram sujeitos aos efeitos destes fatores, bem como à ação do inconsciente, tal como aliás qualquer falante nativo.

Na senda de Corder, Pym (1991/1992: 279-288) problematiza a noção de erro em termos *binários e não binários*:

A binary error opposes a wrong answer to the right answer; nonbinarism requires that the TT actually selected be opposed to at least one further TT1 which could also have been selected, and then to possible wrong answers. For binarism, there is only right and wrong; for non-binarism there are at least two right answers and then the wrong ones (Pym, 1991/1992: 284).

Assim, *erros binários* são, segundo Pym, produtos tradutórios claramente errados, sendo o binarismo do certo/errado uma característica do ensino, que, por definição, é normativo,

das línguas estrangeiras. Já o não binarismo, onde não existe uma distinção clara entre certo/errado, será a abordagem própria do ensino da tradução, que, por definição, não é normativo e contempla as potenciais variações que uma UT pode assumir num TC, levando em conta fatores como comunicação, mensagem, recetor, dominante semântica, elementos não menos importantes do que as palavras, na tradução literária (Pym, 1991/1992). A dicotomia de Pym por ser muito abrangente não distingue os erros cometidos por ignorância dos lapsos cometidos como resultado de fatores externos ou do inconsciente. Todavia, a noção de erro binário, que permite distinguir o certo do errado, constitui uma categorização objetiva e útil na análise dos textos do presente estudo, que visa abordar erros irrefutáveis, não sujeitos à subjetividade do investigador.

A noção de erro em tradução é igualmente abordada por Nord (1991: 163-172):

It is fairly common practise to define an error as a “deviation” from a certain norm, convention or system of rules (cf. Cherubim 1980a: 126f.). Applied to verbal utterances, such a deviation is often specified as a “deviation from the selected model of grammar” (Presch 1980: 229). Accordingly, a translation error is defined as “offense against a norm in a linguistic contact situation”, which, as Wills points out, may be the result of deficient linguistic competence or of a lack of comprehension due to deficient factual knowledge (Wills 1982: 201) (Nord, 1991: 169).

As várias definições apontam para erros a nível lexical, gramatical, estilístico e pragmático. Nord (1991) acrescenta ainda a possibilidade da ocorrência de erros que infringem o escopo e as instruções da tradução fornecidas por quem a encomenda. À luz desta visão, os erros não são definidos com base em critérios intrínsecos (certo/errado), mas no ajuste ou desajuste do TC em relação às exigências das instruções, do escopo, da função da tradução e da reação do leitor:

A translation error, then, is a failure to carry out any one of the translating instructions. (...) a “deviation from the selected (or rather prescribed) model of action”, from the translation’s standpoint, or a “frustration of expectations” concerning a certain action (cf. Keller 1980: 40), as seen from the recipient’s point of view (Nord, 1991: 170).

Todavia, a tradução literária é mais do que um mero cumprimento de instruções e escopos por envolver técnicas e estratégias, normas e dominantes semânticas, sem esquecer a subjetividade e a criatividade dos tradutores.

Por último, faz-se referência a Chesterman (1997: 138) que, invocando as normas como medida convencional de referência, a nível lexical e sintático, pragmático e comunicacional, tipográfico e estilístico, define erros como desvios: «(...) errors are deviations from norms: strictly speaking, they are unwanted deviations (...)».

Recapitulando obtêm-se as seguintes aceções de erro, todas elas normativas: uma violação do código (Corder); aquilo o que é suscetível de ser avaliado em termos de certo/errado (Pym); um desvio a normas, convenções ou sistema de regras (Presch); uma ofensa contra uma norma em situação de contacto linguístico (Wills); uma falha no cumprimento das instruções e do escopo da tradução (Nord); um desvio indesejado (Chesterman).

Toury (1995/2012) não formula uma teoria do erro, porque o erro não deriva de normas de tradução. Não obstante, face ao *corpus* de erros compilados, o presente estudo dedica-lhes um subcapítulo que também se subsidia na noção freudiana de lapso, adaptada aos ET pela investigadora brasileira Paula Frota (2002a e b; 2006).

Partindo da análise psicanalítica de Freud, Frota (2006: 142) apresenta *lapso* como «resultado de um acontecimento psíquico que consiste no esquecimento momentâneo de uma forma correta e na emergência, em lugar desta, de uma palavra incorreta gerada por uma ilusão da memória» (Frota, 2006: 150). Assim sendo, os lapsos são erros cometidos não por ignorância mas por acção de mecanismos do inconsciente.

Os lapsos de língua ocorrem em quatro instâncias linguísticas: na fala, na audição, na leitura e na (re)escrita, sendo que «para nós, tradutores, sem dúvida, os mais interessantes são os lapsos de escrita e de leitura (Frota, 2006: 151). Efetivamente, a tradução literária está sujeita a lapsos de leitura e de escrita que, separadamente ou em conjunto, poderão originar lapsos de tradução. Os lapsos podem resultar da leitura global de uma palavra ou de manifestações de “material recalcado” (Frota, 2000a: 29), inadmissível à consciência, que logra expressar-se por meio de “material linguístico” sem que o seu autor se aperceba:

Esse lapso parece envolver tanto uma semelhança qualitativa com a idéia perturbadora, quanto uma semelhança material com a forma que foi “esquecida”. Ao lado das relações de sentido entre o texto que está sendo escrito e as representações inconscientes que sobredeterminam os lapsos – *pontes associativas* – quase sempre se estabelecem aquelas semelhanças materiais entre o lapso e a expressão correta – *pontes verbais* – para atender

aos desejos recalcados que insistem em se expressar (Frota, 2000a: 29) [Destaques da autora].

Da citação *supra* importa realçar duas noções pertinentes para entender os lapsos de tradução: *ponte associativa* e *ponte verbal*. Os lapsos de tradução podem refletir a relação entre o TP, as representações inconscientes do tradutor (material recalcado que determina o erro) e o produto da tradução, *i. e.*, os lapsos são reflexos de uma ponte associativa:

(...) num imenso número de casos é a predisposição do leitor que altera a leitura e introduz no texto algo que corresponde a suas expectativas ou que o está ocupando. A única contribuição que o próprio texto precisa fazer ao lapso de leitura é fornecer alguma semelhança na imagem da palavra, que o leitor possa modificar no sentido que quiser (Freud *apud* Frota, 2000a: 32)

Por conseguinte, os lapsos podem ter origem em *pontes associativas*, quando são as ideias que se encontram em jogo, e/ou, em *pontes verbais*, quando as palavras se assemelham fonética ou graficamente. No cotejo do *corpus* em apreço, apuraram-se muitos lapsos de tradução que podem ser explicados à luz da análise psicanalítica. Em tradução, a detecção do lapso nem sempre é acessível ao leitor, pois há lapsos que passam despercebidos; é sobretudo no decurso do cotejo do TP e do TC, operação a que os leitores por regra não se dedicam, que investigadores e críticos os detetam. Apesar de serem erros, há que reter a distinção: os lapsos são formações do inconsciente, enquanto os erros são formações provenientes da falta de competência linguística.

A investigação empreendida por Frota (2000a) leva-a a definir *lapso* de tradução como *singularidade da escrita tradutora*. Em tradução, o lapso tanto pode ocorrer no momento da leitura como no da escrita e somente a introspeção, a recordação e o depoimento do tradutor poderão deslindar a origem do lapso. O presente estudo restringe-se à identificação, descrição e explicação quer dos erros quer dos lapsos, com base em noções procedentes de diferentes áreas do saber e atrás apresentadas: *transferência*, *interferência interlinguística* e *intralinguística*, *fatores textuais* e *extratextuais*, *erro binário* e *não binário*, *lapsos de leitura*, *escrita* e *tradução*, *pontes associativas* e *pontes verbais*.

7.1. Quando o *Tibre* é *Tigre*: parónimas

A presente secção é dedicada à análise de lapsos de tradução, *i. e.*, erros cometidos inconsciente e involuntariamente pelos tradutores, que têm geralmente início num erro intralinguístico que a seguir se torna interlinguístico. O tradutor lê o TP e confunde a palavra lida com a outra palavra existente na LP. Como essas palavras apresentam semelhança formal na língua do TP, surge aí o carácter intralinguístico do lapso. Na etapa seguinte, o tradutor executa a tradução a partir da escolha da palavra errada, o que implica uma transferência interlinguística. Do ponto de vista linguístico, lapsos «são produções que trazem involuntariamente, ao plano da realização do enunciado, as associações semânticas, morfológicas ou fonéticas que lhes estão subjacentes» (Mateus *et al.*, 1989/2003: 68). Esta definição identifica a génese e a ocorrência dos lapsos no âmbito intralinguístico. O que a definição supracitada não identifica é a sua abrangência interlinguística, quando as associações são transportadas para enunciados produzidos em outras línguas, ou seja, são transferidas interlinguisticamente e tornam-se evidências no produto da tradução, o TC. Normalmente não colocam em causa a competência dos tradutores, porque são fáceis de explicar. Porém, não é de excluir que alguns lapsos possam ter origem na falta de conhecimentos linguísticos do tradutor ou na sua desconcentração. Apesar de serem lapsos, e não erros por ignorância, não deixam de ser erros binários, suscetíveis de avaliação de certo/errado (Pym, 1991/1992) e erros a corrigir (Frota, 2000a). O lapso de tradução em (64), que inaugura e intitula a presente secção, constitui um caso emblemático que ilustra a troca de uma letra por outra durante o processo tradutório.

(64)

Zmarłego	opłakiwały	rzeki	Arno,	Tybr,	Nil	i	Euftrat.	JS: 9
defunto	choravam	rios	Arno,	Tibre	Nilo	e	Eufrates	
Os rios Arno, Tigre, Nilo e Eufrates choravam o Defunto.								W: 13

No caso do exemplo (64) não é possível discernir se o tradutor cometeu um lapso de leitura na LP ou um lapso de escrita na LC, uma vez que, em ambas as línguas, as duas palavras apresentam semelhança gráfica e fonética e, em ambas as línguas, existe a possibilidade de serem confundidas (ponte verbal). Acresce ainda o facto de o lapso ocorrer no seio de um campo lexical comum, o da onomástica fluvial que, tanto na LP como na LC, regista o

mesmo par fixo por força da Geografia e da História: “Tygrys i Eufrat” e “o Tigre e o Eufrates” (ponte associativa). O tradutor verteu o nome do rio *Tybr* ‘Tibre’ como *Tigre*, sendo que este último, em PL é *Tygrys*. A semelhança fonética e gráfica entre *Tibre* e *Tigre* em PT traduz-se na troca da consoante *b* pela *g* que poderá ter originado o lapso. Porém, não é de excluir a hipótese de que a origem do lapso possa residir na forma linguística, empregue pelo próprio autor. Ao invés de usar a forma culta *Tyber*, Strykowski, usa a forma contaminada *Tybr*, formada por analogia com as respectivas declinações em PL: *Tybru* (gen.), *Tybrowi* (dat.), etc. Assim sendo, o lapso pode ter sido motivado tanto por pontes verbais como associativas, podendo ser descrito como erro intralinguístico ou interlinguístico. Que se trata de um lapso, uma formação linguística do inconsciente e não de um erro por incompetência linguística, parece não haver dúvida, pois o tradutor mais adiante traduz corretamente *rzeka Tybr* (JS: 16) por *o rio Tibre* (W: 20).

No que diz respeito ao aspeto estilístico, o tradutor também não se apercebeu do paralelismo existente no TP entre dois rios de Itália e dois rios da Mesopotâmia, o que fez com que se desfizesse o equilíbrio (três rios da Mesopotâmia e um de Itália).

(65)

Z	Chin, (...)	wyjeżdżałem	z	poczuciem	straty,	nawet	z	żalem,
de	China	saía	com	sentimento	de perda	até	com	pena
Abandonava a China (...) com um sentimento de medo e até pena,								

→

ale	jednocześnie	było	w	tym	coś	ze	świadomej	ucieczki.	K3: 76
mas	simultaneamente	havia	em	isso	algo	de	consciente	fuga	
mas a minha saída tinha também algo de uma fuga bem consciente.									S&L3: 60

Em (65), os tradutores confundiram ou associaram as palavras *strata* ‘perda’, que ocorre no TP, com *strach* ‘medo’, o que deu origem à alteração do sentido da frase. A teoria freudiana parece adequada para explicar este tipo de erro, que se situa na ordem dos lapsos, já que não é de esperar que Szymaniak, falante nativo do PL que domina o português, não distinguisse, por um lado, *strata* ‘perda’ de *strach* ‘medo’ e, por outro, *perda* de *medo*. Constituindo formações linguísticas do inconsciente, a hipótese explicativa para o caso em apreço passa por considerá-lo um lapso de leitura na LP que, logo a seguir, se tornou um lapso de tradução:

[é] muito comum os tradutores cometerem esses lapsos, lendo no texto-fonte uma palavra errada, materialmente semelhante, como explicou Freud, à que de facto está escrita – a essa semelhança ele dá o nome de *ponte verbal*» (Frota, 2008: 152) [Destaque da autora].

O lapso em foco pode ainda refletir a interpretação que os tradutores fizeram do TP. Frota (2000a: 32) lembra que a exegese é, por vezes, motivada pela predisposição do leitor que pode alterar a leitura e introduzir no texto algo que corresponde às suas expectativas. Se a predisposição do leitor pode alterar a leitura, então a predisposição do tradutor também pode alterar a leitura/interpretação do TP com efeitos na tradução. Por conseguinte, o lapso de tradução cometido por Szymaniak e Leão pode ser fruto da sua interpretação do trecho de Kapuściński que, durante a sua estada na China, foi acompanhado por um colega jornalista, que mais não era do que um agente encarregue de vigiar os seus passos. Kapuściński partiu da China com ‘um sentimento de perda’ e não *de medo*, porque não pode fazer as reportagens que gostaria de ter feito e não as fez porque estava a ser vigiado e possivelmente *teve medo* de arriscar. Para além disso, Kapuściński compara a sua saída da China a uma fuga, sendo que muitas vezes se foge por medo. Este lapso de tradução, do qual o leitor não se apercebe, poderá ser entendido como projeção de uma interpretação inconsciente dos tradutores no TC.

(66)

Małe	dziewczynki/	Blade	i	bez	jednej	łzy./	Syte	widoku.	WS1: 32
pequenas	rapariguinhas	pálidas	e	sem	uma	lágrima	saciadas	com vista	
As rapariguitas (...) / Pálidas e sem uma lágrima. / Cosidas à paisagem.									JG: 33

Em (66), a ponte verbal faz-se entre os participios *syte* ‘saciado’ e *szyte* ‘cosido’. O tradutor verteu o verso como *cosidas à paisagem* em vez de ‘saciadas com a vista’. Trata-se de um erro binário intralinguístico, provavelmente procedente de um lapso de leitura que foi projetado na transferência interlinguística. Admitindo que não se trata de falta de proficiência em PL por parte do tradutor e reconhecendo com Frota (2000a: 32) que a predisposição do leitor pode alterar a leitura dos textos, analisam-se a seguir o TP e o TC.

O poema, *Chwila w Troi / Momento em Tróia*, versa sobre raparigas que, saindo da infância, malparecidas, inseguras e sonhadoras, imaginam ser raptadas para Troia, onde se transformam em belas Helenas, adultas, desejadas e implacáveis e onde presenciam a destruição de Troia ‘pálidas e sem uma lágrima. Saciadas com a vista’. O lapso de tradução,

imperceptível para o leitor, altera o sentido original do poema, pois *cosidas à paisagem* não deixa transparecer a atitude cínica e hipócrita das raparigas que, estando a salvo, se deleitam com a *vista* (não com a *paisagem*) da guerra de Troia, supostamente destruída por causa delas, belas Helenas. O lapso de tradução atenua a atitude das raparigas, apenas *cosidas à paisagem*, incapazes de reagir (e não saciadas com a vista). Frota (2000a: 33) explica este tipo de lapso, invocando que o texto «contém algo que mexe com as defesas do leitor (...) foi corretamente entendido e julgado pelo leitor, antes de passar pela retificação, embora sua consciência nada tenha sabido dessa primeira leitura».

(67)

To	ja	jestem	ta	niewiasta	pod	jesionem.	WS1: 68
isso	eu	sou	essa	mulher	sob	freixo	
Sou eu aquela mulher antes do outono.							JG: 69

Em (67), o lapso abrange um equívoco que envolve preposições e nomes comuns: por um lado, *pod* ‘sob’ e *przed* ‘antes’ e, por outro *jesion* ‘freixo’ (N m.) e *jesień* ‘outono’ (N f.). Dado que os nomes polacos estão sujeitos a flexão e atendendo à semelhança formal, presume-se que o tradutor, quando leu a expressão *pod jesionem* ‘sob o freixo’ a interiorizou e traduziu como *przed jesienią* ‘antes do outono’. Trata-se de um erro binário com origem intralinguística na LP, um presumível lapso de leitura, transferido para o TC. Embora o leitor possa não se aperceber do erro, ele resulta numa alteração relevante do conteúdo do poema, porque se trata de um poema efrástico que detalhadamente descreve os elementos constituintes da paisagem, onde nitidamente falta um freixo.

(68)

Ogień	strawi	perukę	peñą	kurzu	i	wszy.	WS1: 130
fogo	consumirá	peruca	cheia	(de) pó	e	piolhos	
Engole e cose o fogo a peruca poeirenta.							JG: 131

O exemplo (68) mostra um lapso, cuja origem parece residir na ponte verbal que se estabeleceu entre *wszy* ‘piolhos’ e *szwy* ‘costuras/suturas’. Reconstruindo as associações e as mudanças tradutórias, ocorridas durante o processo de leitura e tradução, parece que o tradutor confundiu *wszy* ‘piolhos’ e *szwy* ‘costuras, suturas’, dado ambas as palavras serem constituídas pelas mesmas letras e, a seguir, tendo retido erradamente o significado *szwy* ‘costuras’, aplicou a técnica da transposição, que implica a mudança de classe nas palavras, traduzindo o nome pelo verbo: *szwy* (N *costuras*) e *szyć* (V *coser*). O erro de tradução

redunda num verso estranho pois como poderá o fogo simultaneamente *engolir e coser a peruca*? O leitor atento percebe que algo está errado na tradução e o tradutor, se tivesse relido atentamente o que escreveu, também teria estranhado o sentido do verso.

Os lapsos tradutórios apurados nos exemplos de (63) a (68) remetem, do ponto de vista linguístico, para palavras, cujas características fonéticas e gráficas geram pontes verbais e associações mentais com outras palavras, dando origem a erros. Todos os exemplos apurados – *Tybr / Tygrys; strata / strach; syte / szyte; jesion/ jesień; wszy / szwy* – envolvem palavras parónimas na LP, *i. e.*, relações entre palavras que, embora tenham uma forma semelhante, se revestem de sentido diferente. As parónimas não têm relação etimológica e/ou semântica, mas por terem uma grafia e uma pronúncia parecidas podem dar azo a associações, confusões e enganos. Cada língua possui um conjunto de palavras parónimas que pode constituir um dos perigos que espreita nas zonas mais inconscientes do processo de tradução. Os lapsos apurados têm origem em parónimas da língua polaca. O lapso ocorre durante o ato de leitura feito pelos tradutores, sendo depois transferido para o ato tradutório. Os lapsos de tradução procedentes de associações paronímicas são erros intralinguísticos cometidos no seio da LP, descritos na tradição freudiana (Frota, 2008: 152) como pontes verbais, que seguidamente se tornam erros interlinguísticos. O tradutor confunde duas palavras na LP, o que origina o lapso e, conseqüentemente, um erro de tradução na LC.

Não sendo de excluir que os lapsos possam ainda residir na falta de conhecimentos linguísticos dos tradutores, a sua explicação psicanalítica também se afigura possível, já que na origem dos lapsos se encontram *pontes verbais* e *associativas*, conducentes a *formações do inconsciente*. Fatores cognitivos e extralinguísticos, como o cansaço, a distração ou a pressão do prazo de entrega do trabalho, também não devem ser menosprezados na atribuição causal do erro e na defesa do tradutor.

7.2. Quando as *lendas* são *legendas*: falsos amigos

A presente secção é dedicada ao estudo dos erros de tradução com origem em palavras denominadas como *falsos amigos*, uma metáfora que alerta o tradutor para um dos seus inimigos. Vinay e Darbelnet (1958/1997) definem *falsos amigos* como palavras

semelhantes⁸⁴ em forma e etimologia existentes em duas línguas que, devido a uma evolução desigual em duas culturas distintas, assumiram significados diferentes:

Sont des faux amis du traducteur ces mots qui se correspondent d'une langue à l'autre par l'étymologie e par la forme, mais qui ayant évolué au sein de deux langues et, partant de deux civilisations différentes, ont pris des sens différents (Vinay e Darbelnet, 1958/1997: 71).

A expressão é um instrumento de análise que, no par de línguas PL-PE, diz sobretudo respeito a palavras que o PL importou do latim, do francês ou do italiano e que também fazem parte do sistema do PT. Os exemplos de (69) a (73) atestam que essas palavras são as mais suscetíveis de se tornarem falsos amigos dos tradutores de PL-PE.

(69)

Mylą	się	czasy	i	miejsca,	rodzą	się	legendy,	powstają	mity.	K3: 183
confundem	se	tempos	e	lugares	nascem	se	lendas	surgem	mitos	
Confundem-se tempos e lugares, nascem lendas e criam-se mitos.										S&L3: 146

O exemplo (69) apresenta a palavra polaca, *legendy* 'lendas', que devido à sua semelhança com a palavra portuguesa *lendas*, deu origem a uma tradução errada. O par de falsos amigos, *legendy* 'lendas' / *lendas*, representa grande semelhança ortográfica, menos semelhança fonética, mas significado diferente, já que *legendy* (PL) são *lendas* (PT) e *lendas* (PT) são *napisy* (PL) ou *podpisy* (PL). A palavra *legenda* (PL) de origem latina (*legenda*) foi importada para o PL sem alterações ortográficas (SWO: 423). A ocorrência verificada neste exemplo será um lapso pois, noutras passagens do mesmo texto, os tradutores verteram *legenda* como *lenda* (S&L3: 217 e 225).

(70)

(...) dostojny	monarcha	na	balkon	wyszedł	dziękując (...)	K1: 93
distinto	monarca	para	varanda	saiu	agradecendo	
(...) o Distinto Monarca saiu ao balcão para os saudar (...)						S&L1: 106

O exemplo (70) apresenta a palavra *balkon* 'varanda' traduzida como *balcão*. A palavra *balkon*, que chegou ao PL por intermédio do francês *balcon* ou do italiano *balcone* (SWO: 66), e *balcão*, que chegou ao PT por via do italiano (GDLP II: 226), partilham a mesma etimologia e têm alguns significados em comum como o de «galeria na plateia do teatro»

⁸⁴ Em rigor, elas raramente são absolutamente idênticas por serem adaptadas às regras fonomorfológicas de cada uma das línguas, o que também pode dar origem a diferenças gráficas.

e o de «varanda com balustrada» (SWO: 66 e GDLP II: 226). Se o seu uso no discurso sobre arquitetura será natural, já o seu sentido mais frequente no uso da língua portuguesa e o que primeiro ocorre aos falantes nativos do PT, é o de «armação de madeira ou metal (...) das lojas, [onde] os logistas mostram o que têm a vender» (GDLP II: 226). Logo, são a frequência do uso e o contexto de escrita que desambiguam a polissemia da palavra. Em (70), *Monarca saiu ao balcão* (em vez de ‘o monarca veio até à varanda’), o uso da palavra *balcão* no TC parece ter origem numa interferência da LP, e não no desconhecimento da polissemia da palavra por parte dos tradutores, que noutra tradução, vertem a palavra *balkon* como *varanda: São como edifícios com um número infinito de compartimentos, corredores, varandas (...)* (S&L3: 61).

(71)

Spójrzcie	na	tych	szczęśliwych:	gdyby	się	choć	maskowali	trochę,	WS1: 136
olhai	para	estes	felizes	se	se	ao menos	disfarçassem	pouco	
Olhem-me bem estes felizardos: / se ao menos se mascarassem um pouquinho,									JG:137

O exemplo (71) ilustra o verbo polaco de origem latina *maskować* ‘disfarçar’, cujo empréstimo foi feito por intermédio do francês, *masquer* (SWO, 1971: 457). Os significados mais comuns de *maskować*⁸⁵ são *simular, dissimular, disfarçar* ou *fingir*. O tradutor julgou tratar-se do verbo *mascarar-se*, que em PT tem uma conotação carnavalesca, desconhecendo provavelmente que *mascarar-se* é, em PL, *przebierać się*. O tradutor estabeleceu, assim, uma correspondência errada entre *maskować się* ‘disfarçar’ e *mascarar-se* ‘przebierać się’, deturpando o sentido do verso. O TP descreve um par feliz e apaixonado, cuja felicidade incomoda o sujeito da enunciação, que preferia que os amantes fossem um pouquinho mais discretos, mas não um “pouquinho mascarados”.

(72)

Zeschnięte	długopisy	w	plastycznym	kubku, (...)	WS1: 214
secas	esferográficas	em	de plástico	caneca	
Esferográficas secas num cubozinho de plástico, (...)					JG: 215

O par de falsos amigos *kubek* ‘caneca’ / *cubozinho*, patente em (72), deixa transparecer o que se passa na mente do tradutor durante o processo de tradução. A palavra *kubek*, um

⁸⁵ O SWO (457) atesta quatro aceções para o verbo *maskować*: «1. Esconder; camuflar (militar); 2. Fingir, disfarçar; 3. Prevenir a reação de iões estranhos à solução; 4. Colocar uma máscara (arcaico)» (T. n.).

nome comum do género masculino, deriva do latim *cubus* (SWO, 1971: 405). *Cubo*, em polaco, diz-se *kostka* ou *sześcian*, em geometria. Para o tradutor ter concluído que *kubek* ‘caneca’ se vertia como *cubozinho* foram efetuadas as seguintes operações mentais: (i) considerou-se que *kubek* e *cubo* eram correspondentes, atendendo à semelhança formal e etimológica e (ii) tomou-se o sufixo *-ek* apenas como morfema do grau diminutivo dos nomes masculinos (o que não é o caso). Não tendo reconhecido que *kubek* e *cubo* eram falsos amigos, o tradutor atribuiu um significado errado à palavra e ao sufixo, que redundou na tradução de *cubozinho*. O erro cometido impede o leitor de visualizar um hábito cultural que consiste em guardar esferográficas dentro de canecas.

(73)

Bobo,	aniotek,	kruszyna,	promyczek, (...)	WS1: 226
bebé	anjinho	migalha	raiozinho	
Um bobo, um anjo, migalhas, um fiozinho de luz, (...)				JG: 227

O caso patente em (73) envolve a palavra *bobo* que significa ‘bebé’ em PL e o respetivo falso amigo português *bobo*. Devido à semelhança formal, o tradutor deve ter considerado que as palavras polaca e portuguesa tinham também uma relação semântica. Em PL, *bobo* significa ‘criança pequena’ ou ‘recém-nascido’, mas, em PE, *bobo* refere-se a um indivíduo que divertia com caretas e zombarias a corte de reis e nobres (em PL, *blazen*).⁸⁶ O erro tradutório apurado não terá grande repercussão na interpretação do verso porque o leitor português poderá entender o termo *bobo* figuradamente como alguém que provoca o riso, tal como acontece amiúde com os bebés.

As ocorrências apuradas na presente secção inscrevem-se no âmbito dos fenómenos tradutórios denominados como falsos amigos, que resultam de ajuizamentos errados, feitos pelos tradutores, quando se deparam com pares de palavras formalmente semelhantes. A semelhança formal entre as palavras da LP e da LC leva os tradutores a estabelecer uma correspondência semântica (errada), por acreditarem que se trata de palavras amigas também do ponto de vista do significado. Daí a expressão *falsos amigos* que tanto descreve uma correspondência tradutória errada como alerta os tradutores para os perigos que tais palavras podem constituir. Os erros com origem nos falsos amigos são

⁸⁶ O SWO não inclui *bobo* entre os empréstimos do PL e o SJP também não indica se a sua origem é eslava; o DENFLP (114) atesta que a palavra portuguesa *bobo* provem do latim *balbus*, que significa *gago*.

erros de interferência interlinguística, que Hansen (2000: 385) define do seguinte modo: «Interferences are projections of unwanted features from one language to the other and from ST to TT. They occur because of an assumption of symmetry between the languages and/or cultures which may appear in some cases, but not in the actual case». Os erros cometidos entre falsos amigos são, portanto, erros de interferência (inconsciente).

Hejwowski (2004: 128) é de opinião que «a maior parte das vezes este erro é cometido por pessoas, cujo conhecimento da língua de partida não é suficiente». Os exemplos reunidos de (65) a (69) tanto podem ter origem em lapsos como na falta de proficiência interlinguística. Ressalvam-se, porém, os erros (65) e (69) que parecem constituir lapsos de leitura e de tradução, uma vez que os tradutores em outras passagens traduzem corretamente as palavras *legendy* ‘lendas’ e *balkon* ‘varanda’. Quanto aos restantes erros, não se exclui a hipótese de resultarem da falta de conhecimentos linguísticos da LP por parte do tradutor.

Por último apresenta-se, na Tabela 12, a lista de falsos amigos, apurados no *corpus* da investigação:

Tabela 12 - Falsos amigos observados nos TC

PL	Erro	PT
legenda	legenda	lenda
balkon	balcão	varanda
maskować się	mascarar-se	disfarçar, ocultar
kubek	cupozinho	caneca
bobo	bobo	bebé

7.3. Quando *seis* é *sete*: episódios de discalculia.

O fenómeno tradutório em foco nas secções 7.3. e 7.4. envolve a tradução de palavras no seio do campo lexical do mesmo domínio concetual. Foram apuradas regularidades tradutórias indiciadoras de que, por vezes, os tradutores, em vez de efetuarem a tradução literal esperada, escolhem (ou são inconscientemente levados a) traduzir certas palavras por itens lexicais, que se desviam da letra do TP, mas pertencem ao mesmo campo lexical.⁸⁷

⁸⁷ *Campo lexical* refere-se a «conjunto de lexemas que, organizados em função das relações de sentido existentes entre si, abrangem uma determinada área de significação, estruturada num campo conceptual (...)

As ocorrências observadas distribuem-se por diversos campos lexicais, sendo as mais numerosas as do domínio dos algarismos que parece oferecer alguma margem para erro. A propósito, Pym (1993) relata um episódio da sua carreira de tradutor que certamente lançará alguma luz sobre o tipo de ocorrência em foco:

(...) not long ago I translated “un pueblo de 5 mil habitantes” as “a city with a population of 5 million” (...) When I talk about “mistakes”, I refer to these binary specifically binary cases, the kind you should get shot for. Strictly speaking, this mistake (...) can’t be attributed to any properly translational causality. One could call the “mil” – “million” relationship a calque and look for a linguistic causality, but the real cause here is more likely to be something like my one-year-old daughter coming in and playing in my office. I probably got distracted and made a mistake (Pym, 1993: 102).

O relato de Pym contém aspetos relevantes. O primeiro prende-se com o engano entre *mil* e *milhão*, uma troca paradigmática de um conjunto de erros apurados no domínio concetual NÚMEROS durante a comparação dos textos do *corpus*. O segundo tem a ver com a sua reação autopunitiva, que certamente reflete os sentimentos de vergonha de todo o tradutor, consciente e responsável, apanhado em erro. O terceiro aspeto é a busca de uma explicação para o erro que, neste caso, não foi causado por ignorância ou incompetência do tradutor mas por fatores cognitivos, falta de atenção / distração. Apesar de a Matemática ser uma ciência exata e os números não serem polissémicos, foram apurados vários erros nesta área, conforme ilustrado nos exemplos de (70) a (74).

(74)

Sześć	lirów	kosztowała	kupiona	w	aptece	terpentina.	JS: 30
seis	liras	custou	comprada	em	farmácia	terbentina	
Sete liras custou uma garrafa de terebentina que comprei numa botica.							W: 34

Por motivos desconhecidos, mas concebíveis a nível da atuação do inconsciente ou de qualquer distração havida aquando da tradução, no enunciado supracitado em (74), o tradutor trocou o número *seis* pelo *sete*, uma ocorrência que não afeta o sentido da frase.

(75)

Cud,	no	bo	jak	to	nazwać: /	słońce	dziś	wzeszło	o
milagre	sim/então	pois	como	o	chamar	sol	hoje	levantou	a
Milagre sim, pois como lhe chamar: / o sol ter vindo hoje às									

→

O campo conceptual das relações de parentesco é linguisticamente veiculado por um campo lexical que inclui lexemas como "pai", "mãe", "filho", etc.» (EDTL).

trzeciej	czternaście /	a	zajdzie	o	dwudziestej	zero	jeden.	WS1: 264
três	catorze	e	porá	à	vigésima	zero	um	
três e treze / e ir-se pôr às doze ponto zero um.								JG: 265

A troca ocorrida nos versos do exemplo (75) envolveu dois tipos de numerais: o numeral cardinal *czternaście* ‘catorze’ e o numeral ordinal *dwudziesty* ‘vigésimo’. No primeiro caso, o tradutor verteu *czternaście* como *treze* e, no segundo caso, *dwudziesty* como *doze*. A primeira troca não tem consequências para a interpretação do poema, porque entre *três e catorze* e *três e treze*, a diferença de um minuto é irrisória para a hora em que o sol se levantou e para a interpretação do poema. Aliás, a referida troca pode ser justificada com o efeito sonoro da aliteração que também ecoa no TP: *o trzeciej czternaście / às três e treze*.

Já na segunda troca parece ter havido um engano, motivado pela semelhança fonética entre as palavras: *dwudziesty* ‘vigésimo’ e *dwunasty* ‘décimo segundo’. O erro pode não ter consequências na interpretação global do poema, mas transmite ao leitor uma imagem falsa da realidade polaca. A poetisa louva (ironicamente) não só o facto de o sol se levantar às 3.14 e de se pôr às 20.01, como também a precisão com que o homem é capaz de circunscrever no tempo essas ações. Por sua vez, o tradutor refere que o sol se levanta às 3.13 e se põe às 12.01. A partir desta informação, o leitor português visualiza as 24 horas do dia polaco com um período noturno muito longo, pois se o sol se põe ao meio-dia na Polónia, os polacos só usufruem de luz solar durante o período da manhã. Ora, tal não acontece sequer no inverno quando o sol se põe por volta das 16 horas. O tradutor, que viveu na Polónia, sabe disso; logo, a questão prende-se com o facto de não ter visualizado a cena, que lhe teria dado a ver a verdadeira dimensão do dia nesse país. Daqui se depreende que o tradutor não pode trabalhar apenas com palavras, sendo imprescindível levar em conta a frase, o texto, o contexto e a cena. Esta troca de algarismos influencia a imagem que o tradutor transmite do mundo habitado pelo Outro ao leitor-alvo.

(76)

Po	przeciwnej	stronie	Gangesu	ciągną	się	rzędy	drewnianych	stosów,
de	contrário	lado	de Ganges	estendem	se	filas	de madeira	montões
Do outro lado do rio Ganges há filas de fogueiras de lenha,								
→								
na	których	palą	się	dziesiątki,	setki	zwłok.	K3: 30	
em	quais	ardem	se	dezenas	centenas	de cadáveres		
onde ardem centenas, milhares de cadáveres.								S&L3: 26

O exemplo (76) ilustra dois erros semelhantes aos reportados por Pym (1993), na medida em que os tradutores ultrapassam a devida classe numérica, avançando da classe das unidades para a dos milhares. No TP o autor menciona *dziesiątki* ‘dezenas’ e *setki* ‘centenas’; no TC, lê-se *centenas* e *milhares*, o que aumenta significativamente o número de corpos cremados e, na imaginação do leitor, cria uma visão amplificada do cenário.

(77)

Dla	nich	istniał	już	tylko	wiek	dwudziesty,	
para	eles	existia	já	só	século	vigésimo	
Para eles já só existia o século XX							
→							
a	może	nawet	ten	oczekiwany	wiek	dwudziesty	pierwszy,
e	talvez	até	este	esperado	século	vigésimo	primeiro
ou, talvez, dentro desse tão desejado século XX,							
→							
w	którym	zapanuje	błogostawiona	sprawiedliwość.	K1: 84		
em	qual	reinará	abençoada	justiça			
a época em que reinaria a santa justiça.						S&L1: 96	

O lapso ocorrido em (77) consiste em traduzir os séculos *dwudziesty* ‘vigésimo’ e *dwudziesty pierwszy* ‘vigésimo primeiro’ por *século XX*, apagando assim o contraste explícito no TP entre os dois séculos, passado e vindouro. Trata-se de um lapso óbvio, no entanto, o que não é óbvio é como é que o engano passou despercebido aos tradutores, aquando da releitura do seu próprio texto, e ao revisor.

(78)

Po	jakiejś	godzinie	Szygoń	przebudził	się.	G: 70
após	cerca de uma	hora	Szygoń	acordou	se	
Por volta da uma da madrugada, Szygoń acordou.						C&C: 83

O exemplo (78) ilustra um erro causado pelo determinante indefinido *jakiejś* ‘uma qualquer’ que, no contexto *jakaś godzina*, pode significar ‘cerca de uma hora’ ou ‘aproximadamente uma hora’. Os tradutores provavelmente não leram a frase com atenção e interpretaram *cerca de uma hora* como *uma hora (da manhã)*; por isso, acrescentaram ainda como técnica de explicitação a expressão *da madrugada*. Este erro passa despercebido ao leitor e não tem consequência na interpretação do conto.

As cinco ocorrências acima apresentadas nos exemplos de (74) a (78) levantam questões de classificação. Por um lado, terão de ser qualificadas de acordo com Pym (1993) como

erros binários porque, por exemplo, *seis* não é igual a *sete*. Por outro lado, sendo erros binários não são, erros de incompetência linguística. Nestas cinco ocorrências não se põem em dúvida os conhecimentos linguísticos dos tradutores. Como causa e explicação deste tipo de fenómeno tradutório afiguram-se ainda os fatores extratextuais que nem Pym (1993) nem Frota (2000a e 2000b) enjeitam: leitura apressada, cansaço, falha temporária de concentração, atenção ou memória, circunstâncias ou interrupções acidentais. Em defesa dos tradutores, e tendo Pym como patrono deste tipo de erro, os últimos fatores referidos parecem ser a hipótese explicativa mais plausível para os lapsos apurados, tanto mais que todo o falante (e todo o tradutor) a eles se encontra sujeito. Quanto ao domínio ALGARISMOS, que parece oferecer um campo fértil para lapsos de tradução, ele indicia uma tendência tradutória para episódios de discalculia na variante de leitura errada dos números.

7.4. Quando a *cave* é *sótão*: associações no seio do mesmo domínio concetual

Dando continuidade ao fenómeno tradutório anterior sobre a troca de palavras em tradução, efetuada no seio do mesmo campo lexical, o estudo prossegue com a exposição de outras ocorrências singulares observadas nos seguintes domínios concetuais⁸⁸: RELEVO TERRESTRE, EDIFÍCIO, OLHOS, VELOCIDADE e TELEFONE. Por exemplo, o domínio concetual RELEVO TERRESTRE integra elementos como *vales*, *planícies*, *planaltos*, *montanhas*, etc. O fenómeno tradutório em foco consiste na substituição de palavras no seio do campo lexical, que não é efetuada por sinonímia, mas por associação, recorrendo a referentes diferentes.

(79)

Teraz	to	dla	niej	rośnie	w	nim	dolina (...)	WS1: 44
agora	Isso/eis	para	ela	cresce	em	ele	vale	
É para ela que nele agora cresce uma planície (...)								G: 145

Em (79), a tradução mostra uma substituição tradutória efetuada no eixo paradigmático do mesmo domínio concetual, em que a palavra *dolina* ‘vale’ do TP é vertida como *planície*. O erro cometido altera a imagética do poema, ainda que o leitor português não se dê conta dele.

⁸⁸ «As palavras que, pelo seu significado, estão ligadas a um determinado *domínio concetual* integram um mesmo CAMPO LEXICAL» (Cunha e Cintra, 1984/2014: 106) [Destaques dos autores].

O domínio EDIFÍCIO abrange um vasto vocabulário que vai desde o projeto arquitetónico aos materiais de construção. O exemplo (80) refere-se ao domínio PARTES DE EDIFÍCIO, que dispõe, entre outros, dos seguintes elementos: *cave, rés-do-chão, pisos, sótão, terraço*, etc.

(80)

Inni (...)	siedzą	w	więzieniu	znajdującym	się	w	lochach	tego
outros	sentam	em	prisão	situada	se	em	masmorras	de este
Outros (...) ficaram encarcerados nas suas masmorras:								

→

samego	pałacu:	z	salonów	strącono	ich	do	piwnic.	K1: 6
mesmo	palácio	de	salões	atiraram	os	para	caves	
arrastados dos salões para os sótãos.								S&L1: 9

No exemplo (80), os tradutores permutaram as palavras respeitantes às extremidades do edifício, *i. e.*, substituíram a parte mais baixa do prédio, a *cave*, pela mais alta, o *sótão*. O fragmento relata a degradação da posição social dos membros da corte do imperador que acabaram presos. O autor comenta o facto como *passagem dos salões para as caves*, um declínio real em sentido descendente. Na sua obra, *Metaphors we live by*, Lakoff e Johnson (1980/2003) explicam este tipo de expressões através da metáfora cognitiva GOOD IS UP; BAD IS DOWN. A tradução portuguesa - *dos salões para os sótãos* - altera o sentido (de descendente para ascendente) e desconstrói a metáfora ‘do palácio para as masmorras’. Perdeu-se a metáfora cognitiva da queda social, política e física dos colaboradores do imperador. Do ponto de vista das representações mentais, a imagem de *sótão* é o oposto da imagem de *cave*.

Por que razão terão os tradutores vertido *cave* por *sótão*? Afigura-se como possível uma eventual interferência linguística do espanhol, já que ambos os tradutores dominam o castelhano, língua em que o equivalente de *cave* é *sótano*. A interferência parece não ter origem nem na LP nem na LC, mas num dos outros idiomas que os tradutores dominam. O erro é suscetível de ser detetado pelo leitor arguto (Eco, 2005:47) na medida em que o paralelismo textual é apagado e a metáfora concetual é invertida.

(81)

(...) oko	(...) błyszczące,	w	oprawie	długich	rzęs.	K3: 153
olho	brilhante	em	moldura	de compridas	pestanas	
(...) um olho brilhante e emoldurado pelas sobranceiras compridas.						S&L3: 121

O domínio ROSTO subdivide-se em subdomínios como o dos OLHOS, ao qual estão ligadas palavras como *órbita*, *córnea*, *pálpebras*, *pestanas*, *sobrancelhas*, etc. O fenómeno tradutório em (81) consistiu em verter *rzęsy* ‘pestanas’ por *sobrancelhas* (que, em PL, se diz *brwi*). A troca entre *pestanas* e *sobrancelhas* dá origem a uma dissonância referencial porque a metáfora dos *olhos emoldurados* só funciona com *pestanas*, que se encontram nas bordas tanto das pálpebras superiores como inferiores, e não com *sobrancelhas* que não constituem uma moldura para os olhos como as pestanas, porque apenas os encimam.

(82)

ława	czekających	na	peronie	posuwa	się	gwałtownie	ku	wagonon.	G: 94
falan-ge	que aguardam	em	platafor-ma	avança	se	violentamen-te	para	carruagens	
A falange dos que os esperavam na estação mexeu-se lentamente em direcção às carruagens.									C&C: 140

A nível adjetival e adverbial, o domínio VELOCIDADE chama a si um vasto conjunto de palavras que vão desde *lento* a *veloz*. Em (82) a troca efetua-se entre *violentamente* e *lentamente*, alterando, por antítese, a imagem transmitida pelo TP, o que indicia a diluição lexical no âmbito do domínio por parte dos tradutores, levando-os a não distinguir os significados das palavras que dele fazem parte.

(83)

A	to,	że	ktoś	tam	w	mieście	już	od	dłuższej	chwili
e	isso	que	alguém	ali	em	cidade	já	desde	mais longo	instante
E que interessa se alguém na cidade há já bocado /										
→										
trzymam	naiwnie	słuchawkę	przy	skroni /	nakręciwszy	zły	numer?	WS1: 98		
segura	ingenuamente	auscultador	junto de	têmpora	tendo discado	erra -do	número			
aplica ingenuamente o bocal à orelha / porque marcou o número errado?									JG: 99	

O último dos exemplos, (83), recai sobre o domínio TELEFONE, aparelho tradicionalmente composto por campainha, disco, auscultador e bocal. Aqui a troca é efetuada entre *auscultador*, a parte do telefone que se aproxima do ouvido, e *bocal*, a parte do telefone para a qual se fala. Esta ocorrência origina uma situação de incoerência e um erro pragmático: o bocal aproxima-se da boca, enquanto o auscultador do ouvido.

O fenómeno tradutório apurado – a troca de palavras que estão ligadas a um determinado domínio concetual – levanta questões como a de saber se são lapsos, erros ou desvios? De

acordo com Pym (1993), são erros binários porque, por exemplo, *vales* não são *planícies* e tal é suscetível de ser avaliado como certo/errado. Se os lapsos envolvem uma semelhança fonética e/ou gráfica entre duas palavras, os exemplos em estudo, não apresentando semelhanças fonéticas nem gráficas na LP, não podem ser considerados lapsos.

Os exemplos desta secção (7.4.) e da anterior (7.3.) têm em comum o facto de os tradutores terem trocado palavras do mesmo campo lexical, palavras essas que, por sua vez, estão ligadas a um determinado domínio concetual. Não querendo considerar essas trocas *erros* ou *lapsos*, talvez a noção de *associação* possa descrever o fenómeno tradutório, em apreço. Vinay e Darbelnet (1958/1977: 6 e 87) abordam um procedimento tradutório que denominam *associations mémorielles* que consiste em associar as palavras dos TP fora do seu contexto, resultando em trocas lexicais como *árvore* e *sombra*. Nos casos expostos, a associação seria o fenómeno tradutório em que o TP apresenta uma palavra pertencente a um determinado campo lexical e a tradução converte-a numa outra do mesmo campo, sem que para tal exista razão plausível ou constrangimento.⁸⁹

A Tabela 13, abaixo apresentada, constitui uma proposta de interpretação do erro tradutório como associação concetual, um fenómeno difícil de enquadrar nas tipologias tradutológicas do erro existentes (*cf.* Crespo, 2011 e MeLlangue, 2016).

Tabela 13 - Associações no mesmo domínio concetual observadas nos TC

TP	DOMÍNIO CONCETUAL	TC
sześć 'seis'	NÚMEROS	sete
dolina 'vale'	RELEVO TERRESTRE	planície
piwnica 'cave'	EDIFÍCIO	sótão
rzęsy 'pestanas'	OLHOS	sobrancelhas
gwałtownie 'violentamente'	VELOCIDADE	lentamente
słuchawka 'auscultador'	TELEFONE	bocal

Em suma, erros, lapsos e desvios introduzem alterações lexicais e semânticas nos textos, transportando o leitor para associações não intencionadas no TP.

⁸⁹ A Linguística Cognitiva e a Psicolinguística podem explicar o género de trocas ou substituições tradutórias identificadas na presente investigação, mas este tipo de análise exige um estudo aprofundado e interativo que, neste momento, é inviável.

7.5. Quando o *dinossauro* é *salamandra*: cena e guião

A presente secção discorre sobre um tipo de erro que Hejwowski (2004) denomina como *interpretação errada da cena ou do guião*.⁹⁰ Existem ocorrências em tradução que levantam dúvidas mesmo ao leitor que desconhece a LP. É o caso do poema *Szkielet jaszczura* ‘Esqueleto de dinossauro’ de Szymborska que Gomes traduziu como *Esqueleto de salamandra*. Nele, a poetisa descreve o esqueleto de um réptil desproporcionado, extinto e exposto num museu, que o leitor identifica como sendo a descrição do esqueleto de um dinossauro. A tradução portuguesa diz-nos, porém, que se trata do *esqueleto de uma salamandra*, um réptil pequeno, que se encontra vivo e fora do perigo de extinção. Eco (2005) analisa estas ocorrências do seguinte modo:

[é] possível reconhecer o texto que ela [a tradução] pretende traduzir; significa também que um intérprete arguto pode inferir da tradução de um original desconhecido – evidentemente errada – o que aquele texto provavelmente dizia na realidade (Eco, 2003/2005: 47).

Nestes casos, basta ao revisor, caso exista, ou ao leitor atento acionar os seus conhecimentos do mundo, fazer algumas inferências sobre a situação descrita no texto e aplicar os seus conhecimentos linguísticos para detetar o erro. É o que sucede na tradução do poema de Szymborska. Lida a descrição do esqueleto do réptil, o leitor identifica que não se trata de uma salamandra mas de um dinossauro. Existem erros de tradução que o leitor é capaz de detetar com base no seu conhecimento do mundo, capacidade de inferência e competência linguística, sem recorrer ao TP. O tipo de erro que ocorre na tradução do poema de Szymborska é descrito, explicado e classificado por Hejwowski (2004: 133) como «interpretação errada da cena ou do guião». Hejwowski (2004) importou da Linguística Cognitiva para os ET as noções de *cena* e *guião*, adaptando-as e colocando-as ao serviço do estudo da tradução. Assim, *cena* diz respeito ao conhecimento visual, corpóreo, individual e social que o falante tem do mundo, enquanto *guião* é entendido como o conjunto de meios lexicais e sintáticos disponíveis para referir uma cena, que pode ser uma situação, um estado ou um evento:

⁹⁰ O teórico polaco, Krzysztof Hejwowski inspirou-se no trabalho de Charles Fillmore (1977), em particular, no conceito de *frame*, *scene* e *script* que adaptou e aplicou ao estudo das traduções. Os conceitos foram apresentados sumariamente no capítulo 4 da I Parte.

Certos enunciados conduzem-nos a associações inevitáveis com cenas ou guiões típicos: quando ouvimos “faca e garfo” ativamos de imediato cenas e guiões relacionados com comida; a expressão “bater um recorde” leva-nos a pensar em cenas e guiões desportivos. Nas situações típicas do quotidiano, a nossa vida é grandemente facilitada, pois temos automaticamente à disposição todo o nosso conhecimento relativo a um determinado tema. Contudo, em situações não típicas (o que frequentemente acontece na literatura, já que esta geralmente não se dedica a descrever aquilo que é típico) podemos cair na armadilha de uma interpretação errada (Hejwowski, 2004: 133. T. n.).

Os conceitos de *cena* e *guião* constituem uma mais-valia para a análise das traduções, pois permitem equacionar a concetualização das cenas e dos respetivos guiões. A proposta de Hejwowski permite, assim, descrever e explicar fenómenos tradutórios com outras ferramentas para além das tradutológicas.

No *corpus* em estudo, há poemas que referem cenas típicas com um guião específico, que não foram corretamente interpretadas pelo tradutor. Trata-se, neste caso, de quatro poemas de Szymborska *Esqueleto de Salamandra, Vivo, Salmo e Opinião sobre a pornografia*, incluídos na antologia *Paisagem com grão de areia*, traduzida por Gomes. Dos quatro poemas, apenas dois serão aqui analisados: o primeiro descreve uma cena que decorre num museu (exs. de 80 a 82) e o segundo descreve o palco da evolução das espécies (exs. de 83 e 84). Os guiões contemplam o léxico e as escolhas linguísticas apropriadas às respetivas cenas. Na presente seção, recorre-se a textos paralelos, *i. e.*, à comparação com traduções executadas por outros tradutores para a língua inglesa.

(84)

Szkielet	jaszczura	WS1: 100
esqueleto	de dinossauro	
Esqueleto de salamandra		JG: 101

O título do poema exemplifica uma dificuldade tradutória (inerente à pessoa do tradutor) que não é um problema de tradução (inerente ao TP). O tradutor efetuou uma tradução no seio do mesmo campo lexical, o dos répteis, que constituem uma vasta classe composta por animais vivos e extintos das mais variadas dimensões. A palavra polaca *jaszczur* ‘grande lagarto’ / ‘dinossauro’ usa-se para designar *répteis extintos da era mesozoica* (SJP I: 827), ou seja, dinossauros (palavra que tem, em PL, o correspondente *dinozaur*). O SJP atesta ainda que *jaszczur* pode designar coloquialmente *salamandra*. Esta referência pode ter dado origem ao erro, caso o tradutor tenha consultado algum dicionário de polaco com o

mesmo *definiens*. De qualquer modo, durante o processo de tradução, Gomes não conceptualizou a descrição contida no poema, distanciando-se da letra do texto para imaginar a cena que decorre no museu de história natural, onde um cicerone descreve aos turistas o esqueleto de um enorme réptil. Não tendo compreendido que se tratava de um dinossauro, o tradutor optou por *salamandra*.

(85)

Oto	szkielet	jaszczura	piętrzy	się	przed	nami - (...)	WS1: 100
eis	esqueleto	de dinossauro	eleva	se	ante	nós	
O esqueleto de salamandra à nossa frente – (...)							JG: 101

Em (85) o tradutor também não soube render o verbo polaco *piętrzyć się* (SJP II: 665) que significa à letra ‘erguer-se em andares, em camadas cada vez mais altas’. Omitiu precisamente a palavra que desambiguava a opção entre *dinossauro* e *salamandra* e lhe permitia visualizar a verdadeira dimensão do esqueleto do réptil. Compare-se a versão portuguesa com a versão inglesa – «Behold! the dinosaur skeleton looms above – (...)» (Szyborska, 1998: 125. Trad. de Barańczak e Cavanagh) – que não só sinaliza a expectativa que antecede a apresentação do esqueleto com a exclamação *Behold!* como reforça a dimensão do réptil com a preposição *above*.

(86)

Panie,	Panowie, /	taka	główka	niczego	nie	mogła	przewidzieć /
senhoras	senhores	tal	cabecinha	nada	não	podia	prever
Senhoras e Senhores, / esta cabecita,							
→							
i	dlatego	jest	główka	wymarłego	gada –	WS1: 100	
e	por isso	é	cabecinha	de extinto	réptil		
é a cabeça de um pobre réptil morto –							JG: 101

Como o tradutor não compreendeu que se tratava de um dinossauro, considerou que o cicerone estava a descrever um réptil *morto* (em PL, *martwy* ou *umarły*), ainda não ‘extinto’ *wymarły*, pelo que cometeu novo erro, no domínio MORTE, já que a tradução por sinonímia, *morto* em vez de *extinto*, não obedece ao vocabulário do guião. Gomes omitiu ainda um verso, certamente, por desatenção. Confirmem-se as ocorrências comparando a versão portuguesa com a inglesa: «Ladies, Gentlemen, / a head this size does not have room for foresight / and that is why its owner is extinct» (Szyborska, 1998: 125. Trad. de Barańczak e Cavanagh).

O segundo dos poemas em apreço na presente secção, *Żywy* de Szymborska, traduzido como *Vivo*, compara o comportamento sexual das mulheres de hoje com o da viúva negra, a qual é – segundo a poetisa – a par de bétulas, lagartixas e outros seres do género feminino, uma das muitas antepassadas da mulher. A cena descrita no referido poema de Szymborska evoca, no leitor polaco, aquele que é o traço distintivo da viúva negra: a fêmea alimenta-se do macho após a cópula. Este detalhe gera um conjunto de alusões no TP que se perdem no TC, porque o tradutor não soube visionar e interpretar a cena e, conseqüentemente, desviou-se do guião.

(87)

Ku	zgorszeniu	pajęczycy, /	krewniej	naszej	po	kądzieli, /
para	afronta	de grande aranha	parente	nossa	por lado	materno
Para escândalo da aranha, / nossa prima fiandeira /						
→						
on	nie	zostanie	pożarty.	WS1: 78		
ele	não	será	devorado			
não será ele devorado.				JG: 79		

Este poema, ilustrado pelo excerto do ex. (87), coloca um problema de tradução, porque Szymborska não emprega a palavra, *czarna wdowa* ‘viúva negra’, demasiado explícita, mas um sinónimo que implicitamente a ela se refere *pajęczycyca* ‘grande aranha’. O problema tradutório é agravado pelo facto de o termo *pajęczycyca* também ser utilizado em PL metaforicamente para designar mulheres que, com as suas manhas, tecem teias onde apanham e dominam os homens. Gomes verteu *pajęczycyca* como *aranha*, o que não favorece a visualização da cena por parte do leitor, nem a compreensão do poema.

Atendendo à falta de uma correspondência lexical entre PL e PE, a opção seria usar a particularização (Molina e Albir, 2002: 500) que consiste em especificar de que aranha se trata – *viúva negra*. Embora, deste modo, o TC torne explícito o que no TP está implícito, tal é preferível à alternativa de o poema não ser compreendido pelo leitor. A versão inglesa da lavra de Kryński e Maguire (Szymborska, 1981: 69) opta precisamente pela técnica da particularização: «To the outrage of the black widow / our relative of the maternal side / he will not be devoured». Os tradutores identificaram no TC a espécie de aranha referida na cena descrita para que o leitor pudesse compreender o poema na íntegra.

Como o tradutor português não imaginou a cena, julgando tratar-se de uma vulgar aranha, levou mais longe a sua interpretação com uma tradução livre do segundo verso do terceto. A aranha no TP é antepassada remota das mulheres na evolução das espécies – ‘parente nossa pelo lado materno’ –, enquanto a aranha do TC é aquela que tece a teia, a laboriosa aranha que tal como as mulheres sabe fiar - *nossa prima fiandeira*. A metáfora da *aranha-fiandeira* não se coaduna com a cena descrita, onde paira a imagem da *aranha-devoradora* (de machos). As perdas lexicais e semânticas, ocorridas nos primeiros versos do poema e essenciais para a conceptualização da cena, dificultam ao leitor da CC a sua interpretação.

(88)

W	uścisku	przedawnionej	śmierci.	WS1: 80
em	abraço	de prescrita	morte	
No amplexo de uma morte antiquíssima.				JG: 81

Em (88), o tradutor não reconheceu a alusão jurídica do participio *przedawniona* ‘prescrita’ e verteu a palavra através do adjetivo *antiquíssima*. O tradutor provavelmente confundiu *przedawny* ‘antiquíssimo’ com *przedawniony* ‘prescrito’. Szymborska conclui o poema, invocando um abraço (que já não mata) de um homem e de uma mulher, possível hoje em dia, porque o tribunal da natureza e da evolução das espécies ditou a prescrição da lei que permitia às fêmeas devorarem os machos, após a cópula, o que daria origem à seguinte versão: ‘No abraço de uma morte prescrita’. A tradução portuguesa, *No amplexo de uma morte antiquíssima*, não permite essa interpretação.

Os exemplos analisados na presente secção demonstram o que são a cena e o guião que lhe está subjacente; mostram ainda que quando o tradutor é incapaz de conceptualizar a cena, o guião afasta-se das escolhas linguísticas adequadas à cena; por fim, exemplifica como a liberdade do tradutor é condicionada pelo guião. Gomes não entendeu as cenas, criadas pela poetisa, não soube interpretar os poemas, nem foi capaz de visualizar os cenários descritos por Szymborska. Daqui resultaram erros em cadeia na sequência linguística do guião, o que se tornou particularmente visível na comparação com as traduções paralelas, em inglês.

Resumindo o tópico abordado nesta secção (7.5.) e relacionando-o com as secções anteriores (7.3. e 7.4.), é possível equacionar as ocorrências tradutórias, que Hejwowski

(2004: 133) denomina como «interpretação errada da cena ou do guião» no âmbito das associações e desvios tradutórios que ocorrem no seio do mesmo campo lexical. De facto, do ponto de vista linguístico, as ocorrências tradutórias descritas na secção 7.5. também constituem variações no seio do mesmo domínio, podendo ser interpretadas como associações. Hejwowski, porém, chama-lhes «erros de interpretação» porque os analisa no contexto em que ocorrem, entendido como cena detentora de um guião apropriado. Querendo, portanto, distinguir o tipo de erro descrito nas secções 7.3 e 7.4. dos erros abordados na presente secção 7.5, há que recorrer à categoria UT. Assim, as ocorrências tradutórias do tipo *sześć* 'seis'/*sete* e *dolina* 'vale'/ *planície* dizem respeito à UT que é a frase e podem dificultar a interpretação (local) a nível microtextual. Já as ocorrências tradutórias do tipo - *jaszczur* 'dinossauro'/*salamandra* concernem a UT que é o texto na íntegra e dificultam a interpretação (global) a nível macrotextual.

7.6. Problematização e notas finais

No subcapítulo 7. da presente tese, abordaram-se diversas ocorrências tradutórias respeitantes a erros, lapsos e associações. Muito embora Toury (1995/2012) não se dedique nem à definição nem à descrição do erro tradutório, a verdade é que também não veta tópicos à análise das traduções. Pelo contrário, privilegia fenómenos que possam ser considerados problemas de tradução e regularidades tradutórias.

A abordagem do erro em tradução emerge como um problema (ou dificuldade) tradutória, garantindo lugar de direito nos EDT. Se a tendência para o erro em tradução é uma evidência (e se errar é humano), o seu estudo é uma tarefa que pode ser realizada por meio de análises descritivas e explicativas do erro em tradução, sem atitudes prescritivas, conforme se tentou fazer no presente subcapítulo: «comparisons are mainly executed for *descriptive* purposes, for instance as means of uncovering the relations between a target- and a source-text and/or the shifts they involve (...)» (Toury, 1995/2012: 215).

Todavia, o discurso descritivo dificilmente se conserva na sua forma pura de descrição – *a tradução é* (Toury, 1995/2012: 13) –, ingressando com facilidade e por necessidade no ramo da Teoria da Tradução ou dos Estudos Aplicados de Tradução, e importando destes os seus modos característicos de expressão. Tal como os ET são interdisciplinares, assim

também os EDT estabelecem relações com a Teoria da Tradução e os Estudos Aplicados. Apesar das relações mútuas entre os ramos, Toury (1995/2012: 13) demarca os seus discursos, filiando cada ramo em verbos de categorias diferentes, o que espelha o tipo de relação que instituem com a tradução: a Teoria da Tradução versa sobre tradução enunciando o que ela *pode ser* ou *é provável que seja* a nível *teórico* e *condicional*; os EDT descrevem a tradução afirmando o que ela *é* em termos *empíricos*; os Estudos Aplicados de Tradução dizem como a tradução *deve* e *não deve ser*, assumindo posição de *postulado*.

Nas secções sobre o erro em tradução não foi viável recorrer apenas ao verbo *ser* para os descrever, tal como foi inevitável recorrer a teorizações sobre o erro. Identificar, descrever e explicar um erro será um procedimento incompleto se não for referido como a UT em causa *deveria ou poderia ter sido traduzida*, o que já constitui um enunciado característico do discurso crítico. Na descrição e explicação dos erros, a necessidade de corrigir torna-se um imperativo da análise e o investigador acaba por importar para o seu discurso as verbalizações das categorias teóricas, normativas e prescritivas. Parece, pois, haver tópicos tradutológicos, em cuja abordagem o discurso do investigador é mais permeável aos três modos de falar acerca de traduções: *podem ser, são* e *(não) devem ser*. Se não há traduções nem exclusivamente adequadas nem aceitáveis, levanta-se a pergunta: haverá, em ET, discursos puramente teóricos, puramente descritivos e puramente normativos ou prescritivos? Ou será que o discurso sobre tradução, ainda que mormente orientado para uma das três vertentes, não ingressa pontual e localmente pelos terrenos vizinhos?

Não obstante, na abordagem do erro apresentada ao longo do subcapítulo 7., foram utilizadas categorias descritivas desprovidas de carácter normativo e prescritivo, tais como *erros interlinguísticos, intralinguísticos, extralinguísticos*. Foram (i) estabelecidas distinções categoriais entre *erros, lapsos* e *associações*, (ii) analisados os seus efeitos linguísticos e semânticos, bem como o seu alcance a nível da frase e do texto e (iii) sugeridas hipóteses explicativas, causas para a ocorrência dos erros que vão desde a falta de conhecimentos linguísticos da LP, interpretação errada das cenas, passando por pontes verbais e pontes associativas, até fatores extralinguísticos, muitos deles de carácter cognitivo como, por exemplo, o cansaço e a desatenção.

O estudo do erro encarado numa perspetiva descritiva contribui para entender o processo de tradução e averiguar os perigos que ameaçam a atividade tradutória, a fim de prever e evitar alguns dos erros mais frequentes. O estudo do erro na tradução literária PL-PE permitiu detetar algumas regularidades que são tendências para o erro em áreas nevrálgicas e funcionam como alertas para tradutores, professores e estudantes de tradução. Na Tabela 14, sintetizam-se os tipos de erro observados no nosso *corpus*.

Tabela 14 - Tipos de erros, lapsos e associações observados nos TC

Tipo de erro	TP	TC
Troca de palavras por paronímia	<u>Syte</u> widoku. (WS1: 32)	<u>Cosidas</u> à paisagem (JG: 33)
Falsos amigos	Rodzą się <u>legendy</u> , powstają mity. (K3: 183)	Nascem <u>legendas</u> , criam-se mitos. (S&L3: 146)
Associação de palavras no seio do mesmo domínio	ława czekających (...) posuwa się <u>gwałtownie</u> ku wagonom, (...) (G: 146)	A falange dos que os esperavam (...) mexeu-se <u>lentamente</u> em direcção às carruagens, (...) (C&C: 140)
Interpretação errada da cena e incumprimento do guião	Oto szkielet <u>jaszczura</u> piętrzy się przed nami - (...) (WS1: 100)	O esqueleto de <u>salamandra</u> à nossa frente - (...) (JG: 101)

Para finalizar a secção sobre o erro em tradução, refira-se a investigação de Séguinot (1989) que parte do princípio de que os erros são portadores de significado, auxiliam o estudioso a investigar a natureza das operações tradutórias e a predizer quais os tipos de erros mais suscetíveis de ocorrer em tradução:

The search for the nature of translational operations is one of the objects—what could be termed a humanistic approach to the study of translation errors. The second kind of explanatory approach to the study of errors is the more concretely scientific : the possibility of making better predictions about what kind of errors are likely to occur in translation, where they are likely to occur, and under what conditions (Séguinot, 1989: 74).

Espera-se, por conseguinte, que o presente estudo do erro se tenha revestido do carácter sugerido por Séguinot e que os tradutores envolvidos se revejam nele, tal como nós, na qualidade de eternos aprendentes na escola da tradução, para quem os erros apontados constituem matéria de estímulo (e não de ressentimento) para aperfeiçoar a sua escrita tradutória e continuar a desempenhar o seu papel na aproximação da literatura polaca à cultura portuguesa.

8. Conclusões

Os aspetos lexicais envolvidos na tradução revelam problemas de ordens tão variadas e específicas que os casos estudados são uma pequena amostra das questões tradutórias e tradutológicas que se colocam ao investigador e ao tradutor. Numa tentativa de tornar o estudo dos aspetos lexicais mais apelativo, foram atribuídos aos subcapítulos e às secções títulos ilustrativos da problemática em foco que a seguir se passa a recapitular.

No subcapítulo 2. *Quando o bosque é bosque*, a problemática analisada remete para dois aspetos considerados capitais em tradução. O primeiro tem a ver com a característica estruturante e fundadora da atividade tradutória, que reside no axioma de que mesmo quando a palavra polaca *las* é traduzida como *floresta*, as duas palavras não querem dizer exatamente a mesma coisa; logo, não existem correspondências absolutas em tradução. O segundo aspeto prende-se com a liberdade dos tradutores de poderem optar por estratégias opostas entre a adequação com uso da tradução literal - *las/floresta* - ou a aceitabilidade através da equivalência cultural *świerk* 'espruce' / *pinheiro*.

O subcapítulo 3., intitulado *Quando a jovem, juvenzinha é menina e moça*, traz o tópico poético e tradutológico da imitação e da dívida, ilustrado pelo diálogo intertextual. Se, tal como diz Romano de Sant'Ana, o poeta é um devedor (Sant'Ana *apud* Barrento, 2002: 75), também o tradutor o é, pois, na sua escrita tradutória, deixa marcas textuais das fontes literárias e bíblicas, das quais bebeu. No âmbito da intertextualidade foram ainda apuradas alusões que não foram reconhecidas pelos tradutores. O célebre aforismo de Hipócrates, que reza *Somos aquilo que comemos*, pode aplicar-se à tradução se entendido metaforicamente: os tradutores são (também) aquilo que (não) leem.

A abordagem do domínio SOM, no subcapítulo 4. *Quando o marulho é barulho* revelou-se um tópico proficiente para exemplificar como os tradutores facilitam a si próprios a tarefa da tradução por meio da aplicação da técnica da generalização que consiste em traduzir hipónimos por hiperónimos, o que depaupera a variedade do tecido lexical, empobrece a imagética do texto, desnivelando o TP e TC.

No subcapítulo 5. *Quando as expressões idiomáticas são fraseologias*, estudaram-se as técnicas de tradução aplicadas pelos tradutores para verter as mais variadas UF de PL para

PE. A técnica de tradução por equivalência formal e semântica (secção 5.1.) é possível quando as UF pertencem à herança linguística e cultural partilhada pelos dois povos. Contudo, quando o PL apresenta UF que correspondem a conceptualizações diferentes do mundo, a tradução tende a ser feita quer por equivalência semântica, o que implica adaptação cultural à LC (secção 5.2.), quer por paráfrase, que apesar das perdas linguísticas e culturais, preserva e cria sentidos difíceis de transportar do TP para o TC (secção 5.3.). Porém, na nossa análise, registaram-se ocorrências comprovativas de que UF exclusivas do PL podem ser vertidas pela tradução literal, aquela que dá a conhecer ao leitor português o modo como os polacos se expressam (secção 5.4.). Apurou-se ainda que, face a UF difíceis de traduzir, os tradutores recorrem à omissão, recurso que implica retirar ao texto a expressividade linguística e cultural decorrente dos valores idiomáticos das UF (secção 5.5.). Designou-se como *idiomatização* a utilização de UF do português no TC, que não foram motivadas pelos TP. Esta técnica poderá resultar de usos idiossincráticos ou do desejo de reforçar os elos expressivos com o leitor-alvo, o que parece configurar a estratégia da aceitabilidade (secção 5.6.). Por último, destaca-se a secção 5.7. dedicada a UF de carácter idiomático que, não tendo sido reconhecidas, foram traduzidas palavra-a-palavra, dando origem a erros de tradução.

Em suma, as UF são suscetíveis de serem traduzidas com recurso a várias técnicas que levam em conta os diversos contextos da tradução, bem como a diversidade linguística e cultural.

Só com os males os polacos aprendem é o subcapítulo 6. dedicado à tradução de provérbios, cuja especificidade linguística e cultural pode causar problemas tradutórios. Se os provérbios são a marca de um povo e são indicadores da sua cultura, a tradução domesticadora, que substitui o provérbio do TP (textema) por um provérbio semanticamente equivalente existente na LC (repertorema), impede o leitor da CC de conviver quer com a experiência de vida do Outro e quer com o seu modo de expressão linguística. Por esta razão, Berman (1985/1999) defende a técnica da tradução da letra no que respeita a provérbios, por esta preservar as marcas da língua e da cultura do Outro, deixando transparecer a sua pertença autoral e cultural. A discussão deste aspeto já não é tanto de natureza linguística mas, antes, de foro cultural e/ou ético.

Por fim, o subcapítulo 7. *Quando os erros são lapsos e desvios* debruça-se sobre a presença de erros de tradução, agrupando-os em quatro categorias distintas: (i) lapsos por contaminação de palavras parónimas (secção 7.1.), (ii) erros com origem nos falsos amigos (secção 7.2.), (iii) associações lexicais no seio do mesmo domínio concetual (secções 7.3. e 7.4.) e (iv) erros oriundos da interpretação errada da cena e do incumprimento do guião (secção 7.5.).

A maior parte dos erros detetados na análise do *corpus* é constituída por lapsos que são explicáveis à luz das diversas teorias linguísticas (descritiva e cognitiva) e, eventualmente, da análise psicanalítica, na medida em que deixam transparecer escolhas mediadas por processos inconscientes, inerentes à pessoa do tradutor. Por opção, o estudo não seguiu a perspetiva tradicional da “caça ao erro” mas enveredou pelo caminho traçado por Frota (2000a; 2000b; 2006), inspirado em Freud, em busca de *singularidades da escrita tradutora*: «O poder criativo de um autor nem sempre obedece à sua vontade: o trabalho avança como pode e com frequência se apresenta a ele como algo independente e até mesmo estranho» (Freud *apud* Frota, 2000b: 197).

CAPÍTULO II – DA PALAVRA PARA A FRASE

1. Introdução

O tópico em apreço neste passo da investigação aborda um fenómeno tradutório fronteiriço do léxico e da sintaxe, estabelecendo uma ponte entre a tradução de palavras e a tradução de frases. Trata-se de um estudo de caso sobre a forma verbal polaca *imiestów przymiotnikowy czynny* (IPC) que se pode traduzir à letra como ‘particípio adjetival ativo’. Sendo uma forma de particípio, pertence à classe dos verbos e representa uma palavra; no entanto, a sua tradução para PE é executada maioritariamente por meio de orações subordinadas relativas adjetivas. Tal deve-se ao facto de não existir no PT contemporâneo uma forma de particípio correspondente ao IPC polaco e de essa ser a técnica mais frequentemente utilizada pelos tradutores. Assim, uma palavra do PL acaba por ser rendida para PE por meio de estruturas sintáticas. Daí a razão do título do capítulo, *Da palavra para a frase* – a análise começa na classe das palavras em PL (formas verbais), passa pela morfologia (tema de particípio *-qc*) e culmina na sintaxe (frase). Para ilustrar o problema tradutório em foco, apresentam-se dois exemplos na Tabela 15.

Tabela 15 – O *imiestów przymiotnikowy czynny* (IPC) em PL e sua tradução para PE.

PL	Glosa	PE
<u>Płacz</u> ąca dziewczyna. <u>Biegn</u> ący pies.	*[chorante] rapariga; *[corrente] cão ⁹¹	Rapariga que está a chorar. / Rapariga a chorar. Cão que está a correr / Cão a correr.

Os particípios são designados como *formas verbais não finitas*, em PT, e como *formy nieokreślone* ‘formas indefinidas’, em PL, porque não flexionam em tempo. Todas as formas do particípio em PL têm correspondentes em PT, com exceção do IPC.⁹² Do ponto de vista morfológico, o IPC é formado pelo tema de particípio terminado em *-qc* em ligação com os morfemas flexionais dos adjetivos; logo, é uma forma variável que flexiona em *número*, *género* e *caso* (Grzegorzczkowska *et al.*, 1984: 212). Neste ponto, assemelha-se ao particípio

⁹¹ O asterisco indica que a forma é agramatical e não existe em PT, pelo que será escrita entre parêntesis retos. Todavia, por motivos que se explicarão no ponto 3.2., nas glosas, são empregues formas com os sufixos *-ante*, *-ente* e *-inte*.

⁹² Na verdade, não são as correspondências interlinguísticas que criam os casos mais interessantes em história interna da tradução, mas as suas ausências.

passado do PT que flexiona em *número* e *género*. O IPC flexiona como adjetivo, mas não possui gradação por derivação no comparativo e superlativo tal como os adjetivos (Gruszczyński e Bralczyk, 2002: 35 e 199).

Outro elemento importante na formação do IPC é que este só pode ser formado a partir de verbos com valor aspetual *imperfetivo / niedokonany* (Gruszczyński e Bralczyk, 2002: 174). O IPC refere, assim, uma ação não concluída, em vias de realização ou em progressão, no momento referido pelo falante. *Płacząca dziewczyna*, uma rapariga que está a chorar (neste momento) não é o mesmo que uma rapariga chorona / *płaczliwa dziewczyna*.⁹³

Por seu lado, a posição do IPC no eixo sintagmático é variável. O IPC pode surgir quer com função sintática de sujeito, no nominativo, quer na qualidade de modificador do nome, em diferentes posições sintáticas, tal como o atestam os exemplos recolhidos no *corpus*, e adiante explorados.

Quando duas línguas apresentam estruturas diferentes em certos aspetos, o investigador quer saber de que modo os tradutores lidam com a diferença e que procedimentos adotam para resolver o problema. Por conseguinte, a pergunta de investigação que norteia o presente capítulo é: se o *imiestów przymiotnikowy czynny* (IPC) não tem correspondente em PT que soluções (técnicas de tradução) aplicam os tradutores para traduzir as frases construídas com esta forma característica do PL?

O estudo prossegue com a descrição das ocorrências tradutórias apuradas para ilustrar o modo como os tradutores verteram para PE a forma verbal não finita polaca IPC com função adjetiva. As ocorrências dividem-se em três grupos: (i) tradução do IPC com mudança de estrutura sintática em PE (subcapítulo 2.); (ii) tradução do IPC através de transposição (subcapítulo 3.) e (iii) omissão (subcapítulo 4.). No final, são apresentados os resultados de uma abordagem quantitativa que pretendeu aferir a frequência do uso das regularidades apuradas.

⁹³ Gruszczyński e Bralczyk (2002: 240) reconhecem a dificuldade em aferir o significado aspetual das duas formas, mas explicam assim a diferença semântica entre o IPC e o adjetivo: «A diferença entre os adjetivos derivados de verbos e os *imiestowe przymiotnikowe* é por vezes difícil de aferir, porque nem sempre se pode determinar se dada palavra designa uma característica constante (propriedade dos adjetivos) ou se designa uma característica apenas atribuível naquele momento ao objeto (característica do *imiestów*)» (T. n.).

2. A tradução do participípio polaco *imiesłów przymiotnikowy czynny* com mudança de estrutura sintática

2.1. O participípio polaco IPC como oração relativa em PE

A solução tradutória mais frequentemente utilizada pelos tradutores nas obras do *corpus* foi a mudança do participípio polaco IPC em estrutura de subordinação, tal como atestam os exemplos de (1) a (3):

(1)

Lud	cisnął	się,	żeby	spojrzeć	ostatni	raz	na	twarz	Zmarłego,
povo	comprimia	se	para	olhar	última	vez	para	rosto	de defunto
O povo comprimia-se para ver pela última vez o rosto do Defunto									
→									
spoczywającego		w	otwartej		trumnie.		JS: 7		
[repousante]		em	aberto		caixão				
que repousava no caixão aberto.							W: 11		

O IPC em causa é *spoczywającego* ‘que repousava’ flexionado no singular, masculino e genitivo com função de adjunto adnominal, *Zmarłego / do Defunto*. O participípio IPC é traduzido para PE por meio de uma oração relativa, visto que o tradutor encontrou uma forma de expressão equivalente à forma verbal imperfetiva no pretérito imperfeito do indicativo do V *repousar*: *que repousava*. Este tipo de mudança tradutória implica reestruturação sintática e consta da lista das estratégias sintáticas de Chesterman (1997: 97) como *sentence structure change* [mudança de estrutura frásica].

(2)

W	jego	“rejonie”,	obejmującym	trzy	do	czterech	wozów,
em	sua	região	[abrangente]	três	a	quatro	carruagens
No seu “território”, que abrangia três ou quatro carruagens,							
→							
nie	było	nigdy	przepelnienia, (...)		G: 15		
não	havia	nunca	sobrelotação				
não havia nunca excesso de passageiros, (...)						C&C: 27	

O participípio IPC em (2) é *obejmującym* ‘que abrangia’ e encontra-se flexionado no singular, masculino e locativo, desempenhando a função de adjunto adnominal do modificador do GV. A tradução para PE recorreu à técnica da mudança de estrutura frásica com uma oração relativa com a forma verbal imperfetiva no pretérito imperfeito do indicativo: *que abrangia três ou quatro carruagens*.

(3)

Cóż	powiem	mu,	ja,	Żyd	Nowego	Testamentu, /
que	direi	lhe	eu	judeu	de novo	testamento
Que posso dizer-lhe eu, judeu do Novo Testamento /						

→

Czekający	od	dwóch	tysięcy	lat	na	powrót	Jezusa?	M: 32
[esperante]	desde	dois	mil	anos	por	regresso	de Jesus	
que há dois milénios espera pela volta de Jesus?								M&N3: 33

O participio IPC do enunciado (3) é *czekający* ‘que espera’ e encontra-se flexionado no singular, masculino e nominativo, desempenhando a função de adjunto adnominal do sujeito. Os tradutores optaram pela mudança de estrutura frásica através de uma oração relativa com o verbo na forma imperfetiva do presente do indicativo: *que há dois milénios espera pela volta de Jesus?*

A mudança de estrutura sintática, nos exemplos *supra*, implicou a mudança do participio polaco IPC em *oração subordinada relativa adjetiva*, na terminologia de Cunha e Cintra (1984/2014: 746) ou em *oração relativa* na gramática de Raposo *et al.* (2013: 2063). As orações relativas são introduzidas por um pronome relativo (*que*) ou uma locução relativa (p. ex. *o qual*). A técnica que muda o IPC polaco em oração relativa é um procedimento sintático, que reflete as diferenças estruturais entre o PL e o PE. O PL é uma língua muito rica a nível morfológico e transmite sob a forma de palavras (*i.e.*, itens lexicais simples) o que o PE, menos rico morfológicamente, exprime com construções sintáticas. O fenómeno tradutório apurado em PE surge em cerca de metade das ocorrências do IPC em polaco, o que indica ser esta a opção tradutória que mais naturalmente ocorre aos tradutores.

2.2. O participio polaco IPC como oração reduzida de gerúndio em PE

O cotejo dos textos revelou que a oração relativa não é a única solução apresentada para a tradução do participio IPC, podendo este ser traduzido para PE, por exemplo, através do gerúndio. O gerúndio não apresenta marcas morfológicas de temporalidade; logo, o seu valor temporal depende do contexto e da sua colocação na frase (Cunha e Cintra, 1984/2014: 612-613). O gerúndio, apurado na tradução do participio polaco IPC para PE, é o simples que refere uma ação em curso, simultânea do verbo principal.

(4)

Nad	wysokim	niczym	piramida	katafalkiem	unosila	się
sobre	alto	qual	pirâmide	catafalco	erguia	se
Sobre um catafalco alto, em forma de pirâmide, erguia-se						

→

Fama	dmąca	w	podwójną	trąbę	Sławy, (...)	JS: 8
fama	[soprante]	em	dupla	trombeta	de glória	
a Fama soprando na trombeta dupla da Glória, (...)						W: 12

(4) mostra a conversão do IPC *dmąca* ‘que soprava’ em gerúndio *soprando*, o que traduz também o aspeto de *dmąca* que é imperfetivo, visto que o gerúndio pode denotar situações durativas, neste caso, a ação em curso de *soprar*. Neste contexto, o gerúndio pode representar, na LC, uma equivalência lexical, semântica e gramatical para o IPC.

(5)

Jakby	tutaj	nie	było (...)	skał	warczących	na	siebie, (...)	WS3: 10
como se	aqui	não	houve	rochas	[rosnantes]	a	si	
Como se por aqui não tivesse havido (...) rochas rosnando umas às outras (...)								M&N2: 11

O exemplo (5) ilustra o mesmo processo tradutório que o anterior, o particípio IPC, *warczących* ‘que rosnavam’ é vertido por meio do gerúndio, *rosnando*, uma forma verbal que, neste caso, denota a iteratividade da ação simultânea à ação principal que é *haver*.

(6)

(...) biegnie	za	mną	gromada	dzieci	pokazujących	mnie	palcem,	K4: 70
corre	atrás	de mim	bando	de crianças	[mostrante]	me	com dedo	
Um grupo de crianças (...) corre atrás de mim, apontando-me com o dedo (...)								S&L4: 90

O enunciado do TP em (6) apresenta o particípio IPC *pokazujących* ‘que mostra’ traduzido para PE por meio do gerúndio. A técnica parece ser intuitivamente ditada pelo contexto e, nestes casos, apesar das diferenças entre a LP e a LC, os termos podem ser considerados equivalentes porque remetem para uma ação em progressão, simultânea à ação principal *correr*.

A opção tradutória, que aplica a mudança do particípio IPC em gerúndio, afigura-se como uma técnica de tradução alternativa às orações relativas, em determinados contextos, tanto mais que o gerúndio simples preserva o valor aspetual de ação não concluída. Esta técnica tradutória também constitui uma oração de acordo com a análise sintática do português. Cunha e Cintra (2014: 754-755) dividem as orações em *subordinadas*, quando

são introduzidas por pronomes relativos ou conjunções subordinativas e têm o verbo numa forma finita, e *subordinadas reduzidas*, quando a oração dependente tem o verbo numa das formas nominais – infinitivo, gerúndio ou particípio. Assim, as orações gerundivas – *soprando na trombeta dupla da Glória, rosmando umas às outras e apontando-me com o dedo e gritando* – são orações subordinadas reduzidas (com valor de adjetivo) porque não são encabeçadas por pronome relativo nem trazem o verbo numa forma finita.

As orações transcritas de (4) a (6) são denominadas *orações adjetivas reduzidas de gerúndio* porque correspondem a orações desenvolvidas subordinadas relativas. Aplicando o teste sugerido pelos autores, obtém-se a sua confirmação: *que soprava na trombeta; que rosnavam umas às outras e que me apontam o dedo*. Tendo em conta que, nestes casos, o gerúndio exprime a simultaneidade da ação em relação à ação da oração principal e assume um valor aspetual durativo, o gerúndio pode ser considerado uma forma equivalente ao particípio IPC, nos referidos contextos.

Na terminologia de Brito e Raposo (2013: 1105) estas orações são designadas como orações gerundivas restritivas porque «restringem o conjunto denotado pelo nome atribuindo-lhe uma propriedade dinâmica consistindo numa situação provisória, em curso (*i. e.*, aspetualmente progressiva) (...)». Assim sendo, as orações gerundivas, aspetualmente progressivas ou imperfetivas, equivalem também em termos aspetuais ao IPC.

2.3. O particípio polaco IPC como oração reduzida de particípio em PE

Além das duas técnicas analisadas nas secções 2.1. e 2.2., há ainda outra técnica que consiste na mudança do particípio IPC em particípio com valor de resultado de uma ação acabada (Cunha e Cintra, 1984/2014: 617), conforme se constata nos exemplos de (7) a (9).

(7)

Na	dźwięk	samej	nazwy,	ociekającej	krwią	kruków,
a	som	de próprio	nome	[pingante]	de sangue	de corvos
O próprio nome, banhado no sangue dos corvos,						

→

człowiek	się	wzdryga.	JS: 12
homem	se	contorce	
bastava para arrepiar um homem.			W: 16

A opção tradutória evidente em (7) consiste na mudança do IPC em participío no PE, o que, à luz do contexto, é uma opção económica, apesar de o valor aspetual do IPC não ser equivalente ao participío em PE. A questão aspetual prende-se, aqui, com o facto de o participío IPC assumir um valor imperfetivo, enquanto o participío português «exprime fundamentalmente o estado resultante de uma ação acabada» (Cunha e Cintra, 1984/2014: 617).⁹⁴

A diferença entre *ociekającej krwi kruków* ‘que pinga sangue de corvos’ e *banhado no sangue dos corvos* reside no seguinte: em PL, transmite-se a ideia de que *o nome [da rua] está (sempre) a pingar sangue de corvos*, ao passo que, na tradução portuguesa, *o nome [da rua] foi banhado no sangue dos corvos*. Em português, é o tempo verbal da oração principal que determina o valor temporal do participío. Assim, na tradução apresentada em (7), *O próprio nome, banhado no sangue dos corvos, bastava para arrepiar um homem*, o participío exprime uma ação concluída – *foi banhado no sangue dos corvos* – isto é aspetualmente perfetiva. No entanto, se o enunciado se apresentasse como *O próprio nome, banhado no sangue dos corvos, basta para arrepiar um homem*, o participío exprimiria uma ação presente e aspetualmente imperfetiva – *é banhado no sangue dos corvos* – e seria equivalente ao valor aspetual do IPC. Aliás, repare-se que na frase do TP o verbo está no presente do indicativo: *człowiek się wzdryga* ‘um homem contorce-se’, o que marca aspetualmente todo o enunciado como imperfetivo.

(8)

Siedzący	chłopiec.	JS: 16
[sentante]	rapaz	
O jovem sentado.		W: 20

O enunciado (8) refere-se no TP a uma estátua, sendo que a escultura apresenta o objeto eternamente imobilizado. Este estado de coisas é transmitido, em PL, pelo participío IPC *siedzący* ‘que está sentado’ e, em PE, pelo participío ‘sentado’, subentendidamente conjugado com o verbo auxiliar *estar*: *o jovem [está] sentado* (agora e para sempre).

⁹⁴ Salvaguardando, porém, a generalização, os autores acrescentam: «Exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o PARTICÍPIO não indica por si próprio se a ação em causa é passada, presente ou futura. Só o contexto a que pertence precisa a sua relação temporal. Assim, a mesma pode expressar ação passada (...), presente (...), futura (...)» (Cunha e Cintra, 1984/2014: 618) [Destaques dos autores].

(9)

(...) żyją	w	bardzo	rozwiniętych	kulturach,
vivem	em	muito	desenvolvidas	culturas
(...) viviam inseridos em culturas desenvolvidas,				

→

posiadających	skomplikowane,	finezyjne	struktury	i	hierarchie.	K4: 25
possuintes	complicadas	sofisticadas	estruturas	e	hierarquias	
caracterizadas por estruturas finas e hierarquias complexas.						S&L 4: 24

O exemplo (9) ilustra a tradução do particípio polaco IPC, *posiadających* ‘que possuem’ por meio do particípio, *caracterizadas*. Este enunciado admitia a construção sintática subordinativa (...*culturas que possuíam*...) ou o uso do adjetivo (...*culturas detentoras de*...), mas os tradutores optaram pelo particípio. Este procedimento implicou a procura de um sinónimo que pudesse substituir, naquele contexto, o verbo *posiadać* ‘possuir’, sendo a palavra encontrada o verbo *caracterizar*, conjugado no particípio. Outro aspeto tradutório que se destaca em (9) é a ordenação dos dois adjetivos, *skomplikowane* ‘complicadas’ e *finezyjne* ‘sofisticadas’, distribuídos, respetivamente, pelos dois substantivos, *struktury* ‘estruturas’ e *hierarchie* ‘hierarquias’. Assim, os tradutores reorganizaram a frase, o que confirma a sua marca *tradautoral* relacionada com a tendência para a aplicação de diversas mudanças sintáticas.

Recapitulando, a opção tradutória, que aplica a mudança do particípio polaco IPC em particípio na LC, apresenta-se, em determinados contextos, como mais uma técnica de tradução alternativa às orações subordinadas relativas. Esta técnica tradutória também constitui uma oração, designadamente, uma oração reduzida adjetiva de particípio (Cunha e Cintra, 1984/2014: 762).⁹⁵ Na terminologia de Brito e Raposo (2013: 1104), estas orações são denominadas orações reduzidas de particípio: «reduzida porque lhes falta o pronome relativo e um verbo finito auxiliar), a qual inclui complementos subcategorizados pelo particípio e/ou adjuntos adverbiais, internos à oração».

⁹⁵ Aplicando o teste que distingue as orações de particípio adjetivas das adverbiais, constata-se que todas elas são suscetíveis de serem transformadas em orações subordinadas relativas adjetivas, de acordo com o teste: ...*nome que está banhado*...; *rapaz que está sentado* e ...*culturas que possuem*...

2.4. O participio polaco IPC como oração reduzida de infinitivo em PE

No âmbito das soluções tradutórias encontradas para o participio polaco IPC surge a estrutura sintática infinitiva do PE: [A + INFINITIVO]. Cunha e Cintra (1984/2014: 604) apresentam o infinitivo como o processo verbal em potência, que exprime a ideia da ação, bem como a de aspeto não concluído, descrevendo assim a sua estrutura sintática:

O INFINITIVO conserva a forma NÃO FLEXIONADA: (...) quando, regido da preposição *a*, equivale a um gerúndio em locuções formadas com os verbos *estar, andar, ficar, viver* e semelhantes (...) Tendo em conta a equivalência entre o infinitivo preposicionado e o gerúndio em construções como “Ando estudando” (...) ou “Ando a estudar”, alguns autores adotam a designação de INFINITIVO GERUNDIVO (Cunha e Cintra, 1984/2014: 608) [Destaques dos autores].

Os exemplos de (10) a (12) ilustram a mudança do participio polaco IPC em oração infinitiva.

(10)

Niebo	zamglone,	już	blekitniejące.	WS3: 10
céu	nublado	já	a ficar azul [azulante]	
O céu enevoadado, a ficar azul.				M&N2: 11

No verso citado em (10), o IPC é *blekitniejące* ‘ficar azul’ e encontra-se traduzido por meio do infinitivo: *a ficar azul*. A estrutura expressa o início de um estado, *o de ficar azul*, tem valor aspetual inceptivo e função adjetival, como o comprova o teste de substituição: *céu enevoadado que ficava azul*.

(11)

Garstkę	powietrza	z	przelatującym	motylem.	WS3: 72
punhado	de ar	com	[voante]	borboleta	
Um punhado de ar com uma borboleta a esvoaçar.					M&N2: 73

Em (11), o IPC, *przelatującym* ‘que atravessa a voar’ é vertido através de oração infinitiva *a esvoaçar*, com valor aspetual imperfetivo de continuidade e função adjetiva: *uma borboleta que esvoaça*. O verbo *przelatywać* ‘atravessar a voar’ remete-nos para reflexões de ordem semântica e morfológica, porque pertence àqueles casos em que os prefixos do PL acrescentam mais informação ao significado básico dos verbos. O prefixo *prze-* exprime movimento de um ponto para outro; logo, se *latać* é *voar*, *przelatywać* é *atravessar a voar*, sendo esta forma verbal marcada como imperfetiva iterativa (com *-yw*). Em tradução, é

muito difícil transmitir estes significados amalgamados dos verbos polacos, a não ser em paráfrases complexas, pelo que, geralmente, ocorrem perdas semânticas no TC.

(12)

Niegodziwy	Febo di Poggio,	żądający	ciągle	pieniędzy, (...)	JS: 20
iníquo	Febo di Poggio	[exigente]	continuamente	dinheiro	
O infame Febo di Poggio, sempre pronto a exigir mais dinheiro, (...)					W: 24

O enunciado de (12) inclui o IPC, *żądający* ‘que exigia’, sendo traduzido como: *a exigir*. Esta estrutura sintática também é parafraseável pela oração subordinada, *que exigia*.

O particípio polaco IPC, formado apenas em verbos imperfetivos, pode, no entanto, derivar de verbos intransitivos (exs. 10 e 11) e transitivos (ex. 12). Nos exemplos analisados, o particípio IPC tem valor de adjetivo, desempenhando a função sintática de modificador do nome. Por sua vez, os nomes podem corresponder a diferentes funções sintáticas, por exemplo, em (10), o N *niebo* está flexionado no caso nominativo e tem função de sujeito e, em (11), o N *motylem* encontra-se no caso instrumental e desempenha a função de modificador do nome.

Em súpula, a opção tradutória, que aplica a mudança do particípio polaco IPC em infinitivo em PE, afigura-se, em determinados contextos, como mais uma técnica de tradução alternativa às orações subordinadas relativas. Tal como em relação às duas técnicas de tradução anteriores que faziam uso do gerúndio e do particípio, Cunha e Cintra (1984/2014: 758) consideram que a estrutura [A + INFINITIVO] dá origem a uma oração reduzida adjetiva, típica do PE.⁹⁶ Na terminologia de Brito e Raposo (2013), a referida estrutura dá origem a uma oração infinitiva restritiva.⁹⁷

As técnicas descritas nas secções 2.1, 2.2., 2.3. e 2.4. inscrevem-se na estratégia sintática da *mudança de estrutura frásica*; em conjunto, elas constituem a maioria das técnicas apuradas na tradução do particípio IPC de PL para PE (cf. Tabela 16, adiante).

⁹⁶ «As ORAÇÕES REDUZIDAS DE INFINITIVO são mais frequentes no português europeu. No português do Brasil empregam-se de preferência as ADJETIVAS REDUZIDAS DE GERÚNDIO» (Cunha e Cintra, 1984/2014: 758) [Destques dos autores].

⁹⁷ «Os nomes podem ser modificados por orações infinitivas, com uma leitura restritiva, tipicamente introduzidas pelas preposições *a, para, por e de*, como se ilustra a seguir: (72) a. A Baixa do Porto tem muitos edifícios a precisar de restauro] (Brito e Raposo 2013: 1103). [Destques dos autores].

3. A tradução do particípio polaco *imiesłów przymiotnikowy czynny* por meio de transposição

A análise interlinguística dos TP e TC revelou que, para além da aplicação de técnicas de tradução sintáticas, o particípio polaco IPC pode ser traduzido por *transposição*, ainda que tal constitua uma regularidade menos frequente do que o uso da mudança de estrutura frásica. A transposição implica mudanças na classe gramatical das palavras, p. ex.: *przed śmiercią* ‘antes da morte’ (tradução literal) e ‘antes de morrer’ (tradução oblíqua com transposição). Neste caso de transposição, o N *śmierć* é traduzido pelo V *morrer*. Esta técnica também envolve mudanças estruturais, tal como esclarece Chesterman (1997):

I use this term (from Vinay and Darbelnet) to mean any change of word-class, e.g. from noun to verb, adjective to adverb. Normally, this strategy obviously involves structural changes as well, but it is often useful to isolate the word-class change as being of interest in itself (Chesterman, 1997: 95).

As ocorrências tradutórias apuradas e classificadas como transposições não são homogêneas, porque as mudanças nas classes de palavras podem ocorrer entre as várias classes existentes nas línguas. No *corpus* em estudo, o particípio polaco IPC, que pertence à classe dos verbos, é transposto na tradução para PE para a classe dos nomes e dos adjetivos. Em ambas as categorias, nominalização e adjetivação, foram encontrados dois subtipos, pelo que, em cada uma das subsecções, serão apresentados respetivamente quatro exemplos: (13) a (16) na subsecção 3.1. e (17) a (20) na subsecção 3.2.

3.1. O particípio polaco IPC como nome em PE: nominalização

A mudança do particípio polaco IPC em nome é uma das técnicas da transposição apurada na análise interlinguística das obras do *corpus*. Os exemplos atestam dois tipos de construções que recorrem à nominalização: a tradução do IPC através de um nome e através de um sintagma preposicional (SP), do qual um nome faz parte: [SP → Prep. + N].

(13)

(...) – drugi	– to	pogłębiające	się	nierówności	w	świecie (...)	K4: 34
segundo	isso/eis	[aprofundante]	se	desigualdades	em	mundo	
(...) segundo: o aumento das desigualdades no mundo (...)							S&L4: 45

O exemplo (13) mostra a nominalização do IPC *pogłębiające się* ‘que se aprofunda’ transposto por meio do N *aumento*. Fazendo uma breve incursão no processo de tradução,

pode traçar-se o respetivo percurso tradutório do seguinte modo: o tradutor isola o significado do IPC ‘aprofundar’, prossegue com a formação de um N, ‘aprofundamento’ e a busca de um sinónimo, *aumento*, o que culmina com a decisão de optar pelo N *aumento*, uma transposição feita por sinonímia.

(14)

To	wspaniale!	– zawołał	Greko-Turko-Cypro-Maltańczyk	Ivo	Svarzini
isso	estupendo	exclamou	grego-turco-cipriota-maltês	Ivo	Svarzini
“Estupendo!” – exclamou Ivo Svarzini, um grego-turco-cipriota-maltês,					

→

pracujący	oficialnie	dla	nie	istniejącej	agencji	MIB (...)	K1: 18
[trabalhante]	oficialmente	para	não	[existente]	agência	MIB	
que, oficialmente, trabalhava para uma agência-fantasma, a M.I.B., (...)							S&L1: 23

O enunciado transcrito em (14) emprega duas formas do particípio IPC *pracujący* ‘que trabalhava’ e *istniejącej* ‘que existia’. O primeiro IPC é transformado em oração subordinada relativa adjetiva: *que (...) trabalhava*. Se os tradutores tivessem optado pela mesma técnica para traduzir o segundo IPC, a repetição tornaria a frase estilisticamente pesada, conforme se atesta: *Ivo Svarzini, um grego-turco-cipriota-maltês, que, oficialmente, trabalhava para uma agência que não existia*. Poderá ter sido a perceção deste aspeto que levou os tradutores a buscar outra técnica, que consiste em traduzir o IPC *istniejącej* ‘que existia’ precedido do advérbio de negação *nie* ‘não’ por transposição. No processo de tradução, a primeira operação terá sido traduzir, *nie istniejącej agencji* ‘agência que não existia’ por *agência inexistente* e, seguidamente, a interpretação metafórica de *inexistente* terá levado à decisão final de traduzir a expressão pelo substantivo *fantasma*, o que deu origem à locução nominal *agência-fantasma*, construída por decalque de outras locuções nominais existentes em PE, como *navio-fantasma*.

Os exemplos seguintes (15) e (16) mostram transposições efetuadas por meio da nominalização precedida de preposição, dando origem a sintagmas preposicionais.

(15)

Skoczyli	z	płonących	pięter	w	dół – (...)	WS3: 70
saltaram	de	[ardentes]	andares	em	baixo	
Atiraram-se dos andares em chamas.						M&N2: 71

O exemplo (15) ilustra a tradução do IPC *płonących* ‘que ardam’ por um SP, composto pela preposição *em* e o N *chamas*. A transposição implicou não só a mudança de classe de

palavras (de V para N), mas também uma opção tradutória efetuada no seio do mesmo campo lexical – os itens lexicais *płonąć* ‘arder’ e *chamas* relacionam-se porque são palavras associadas pelo seu significado ao domínio concetual FOGO.

(16)

Mamy	tu	do	czynienia	z	filozofią	postulującą,	głęboko	etyczną,
temos	aqui	a	contacto	com	filosofia	[postulante]	profundamente	ética
Temos aqui um exemplo da filosofia postulante, profundamente ética,								

→

wymagającą	oddania	i	heroizmu (...)	K4: 29
[exigente]	de entrega	e	de heroísmo	
com exigências de sacrifício e heroísmo, (...)				S&L4: 36

O exemplo (16) mostra uma frase com dois participios IPC, *postulującą* ‘que postula’ e *wymagającą* ‘que exige’. O primeiro IPC é traduzido pelo adjetivo equivalente *postulante* e o segundo pelo N *exigência*. *Wymagającą* ‘que exige’ é vertido por meio de um SP composto pela preposição *com* e pelo N *exigências*.

Nos exemplos de (13) a (16), as palavras transpostas têm valor de orações relativas adjetivas: ‘desigualdades que aumentam’ (13), ‘agência que era fantasma’ (14), ‘andares que estavam a arder’ (15) e ‘filosofia que exigia’ (16).

3.2. O participio polaco IPC como adjetivo em PE: adjetivação

A conversão da forma verbal IPC em adjetivo foi uma técnica de tradução apurada na análise das obras do *corpus*. Nesta secção, os exemplos de (17) a (20) atestam a técnica da transposição por meio de adjetivação, que apresenta dois tipos de adjetivos como adiante se explicita.

(17)

Ten	fakt,	że	Europa	wysyła	wiekami	na	spotkanie	z	Innymi (...)
este	facto	que	Europa	envia	durante séculos	a	encontro	com	Outros
O facto de, durante séculos, a Europa mandar									

→

swoich	najgorszych,	najbardziej	odrażających	przedstawicieli, (...)	K4: 17
seus	piores	mais	[repugnantes]	representantes	
os seus piores e mais sórdidos representantes ao encontro dos Outros (...)					S&L 4: 21

No enunciado (17), o IPC *odrażających* ‘que repugnavam’ é traduzido por transposição e sinonímia, pelo que o participio polaco passa para a classe dos adjetivos em PE: *sórdidos*.

(18)

Spotkanie	jest	przeżyciem	zasługującym	na	pamięć (...)	K4: 58
encontro	é	vivência	[merecente]	em	memória	
O encontro é uma vivência digna de ser recordada (...)						S&L4: 76

Em (18) o particípio polaco IPC, *zasługującym* ‘que merece’ é transposto por adjetivação como *digna*, mas também por sinonímia, já que *digno* é sinónimo de *merecedor*.

(19)

Ludzie	pochodzący	z	Azji	i	z	Ameryki	Łacińskiej (...)	K4: 47
peessoas	[provenientes]	de	Ásia	e	de	América	Latina	
As pessoas provenientes da Ásia, e da América Latina (...)								S&L4: 62

Em (19), o TP apresenta o particípio IPC *pochodzący* ‘que provêm’, cujo correspondente em PE é o adjetivo *proveniente*. Atente-se que, nestes exemplos, o IPC *pochodzący* e o adjetivo *proveniente* apresentam, exceccionalmente, correspondência sintagmática e paradigmática em ambas as línguas.

(20)

(...) odrzucali	drogę	do	wojny	jako	prowadzącą	do	zagłady (...)	K4: 70
rejeitavam	caminho	para	guerra	como	[conducente]	a	exterminio	
(...) rejeitavam o caminho da guerra conducente à destruição (...)								S&L4: 89

O mesmo fenómeno ocorre em (20), onde o particípio IPC *prowadzącą* ‘que conduzia’ é vertido literalmente através do adjetivo *conducente*. Note-se que, nos enunciados (19) e (20), a tradução através de mudança de estrutura frásica com uma oração relativa também teria sido possível – ‘que provêm’ e ‘que conduzia’ –, mas tal não seria uma opção natural dado que existe um termo correspondente na LC.

Constata-se, portanto, que o português, apesar de não possuir uma forma verbal correspondente ao particípio polaco IPC, dispõe de alguns adjetivos que desempenham esse papel, sendo formados com os sufixos *-ante/-ente/-inte*. Ressalve-se, porém, que nem todos os adjetivos com as referidas terminações têm correspondência sintagmática e paradigmática com o particípio polaco IPC, conforme o ilustram os exemplos (2) e (12) deste capítulo, respetivamente: *obejmujący* ‘abrangente’ e *żądający* ‘exigente’. Porém, o cotejo dos textos relevou a existência de outras ocorrências em que o particípio polaco IPC e os adjetivos terminados em *-ante/-ente* são correspondentes, p. ex.: *rosnący* /*crescente*; *prowadzący* /*conducente*; *podnoszących się* /*emergentes*; *postulujący* / *postulante*;

pochodzący/proveniente, etc. Embora os referidos pares possam ter o mesmo uso, pertencem a classes de palavras diferentes. Em PL, sendo participípios, pertencem à classe dos verbos, enquanto, em PE, à classe dos adjetivos. Por esta razão, será mais adequado chamar estes pares de palavras, *equivalentes* e não *correspondentes*.

O facto de existirem, em português, alguns adjetivos que funcionam como equivalentes diretos do participípio polaco IPC despertou curiosidade ao ponto de conduzir a investigação até ao campo da história da língua portuguesa. Verificou-se que o português arcaico possuía uma forma, hoje extinta, o *participípio presente*, que parece ser equivalente ao participípio IPC do polaco contemporâneo. Martins (2015)⁹⁸ comprova a ocorrência do participípio presente no português antigo, constatando as suas características verbais, distintas das do português contemporâneo:

No português de hoje, as formas terminadas em -nte, subsistem apenas como nomes (estudante, presidente, pedinte) e adjetivos (minguante, cadente, seguinte). O uso verbal destas formas desapareceu, tendo sido substituído por outras formas não finitas, nomeadamente o gerúndio e o infinitivo (Martins, 2015: iii).

Da citação apresentada destacam-se três aspetos. O primeiro tem a ver com a realização do sufixo '-nte' em alomorfes '-ante', '-ente' e '-inte', sufixo que, apesar de não ser produtivo em português para construir formas verbais, sobreviveu em adjetivos oriundos do participípio presente do português arcaico.⁹⁹

O segundo aspeto a destacar prende-se com a conservação de algumas formas de participípio presente no português contemporâneo que, tendo perdido o seu carácter verbal, passaram para a classe dos nomes ou dos adjetivos, tal como se verifica, por exemplo, no caso de *estudante, cantante, utente, conducente, contribuinte, proveniente*, etc.

O terceiro aspeto remete-nos para a mudança linguística e “reorganização” do uso linguístico pelos falantes, quando certas formas desaparecem das suas línguas. Ora, tendo o uso verbal do participípio presente desaparecido no português, ele foi substituído pelo

⁹⁸ Tese de mestrado, na qual são analisados textos literários e não literários do português, incluídos no *Corpus Informatizado do Português Medieval* (CLUNL/FCSH-UNL).

⁹⁹ Cf. «muler q(ue) fuy de Froya Suariz, **fazente** por si & por toda a uoz deste seu marido [séc. XIII, HGP] (...) E dara o senhor teus imigos que se levamtam comtra ty **caimtes** em tua pressença [séc.XV, LHB]» Martins (2015: 54) [Destques da autora].

gerúndio e pelo infinitivo (Martins, 2015: iii). Verifica-se que um fenómeno análogo pode ser observado na tradução PL-PE. Como em português o participio polaco IPC não tem equivalente direto, os tradutores rendem-no por outras construções sintáticas, tais como as referidas por Martins (2015) – orações gerundivas (2.2.) e infinitivas (2.4.) – e, ainda, por meio de outras estruturas como orações relativas (2.1.) e de participio (2.3.).

A existência, por um lado, no português contemporâneo, de formas oriundas do antigo participio presente (forma verbal vigente no latim e no português medieval) e, por outro, a existência do participio IPC no PL parecem permitir-nos colocar, talvez, algumas hipóteses respeitantes à herança do indo-europeu, que o polaco preservou e o português erradicou, embora este último idioma tenha conservado algumas formas na classe dos nomes (como *estudante* e *pedinte*), e dos adjetivos (como *resultante* ou *decorrente*) que os dicionários classificam respetivamente como nomes e adjetivos formados a partir de verbos.

4. A omissão do participio polaco *imięstów przymiotnikowy czynny* em PE

O último dos procedimentos aplicados pelos tradutores face ao IPC foi a omissão, que não é uma técnica de tradução, mas um recurso ou procedimento tradutório.

(21)

Pod	namiotem	jego	geniuszu	otwiera	się
sob	tenda	de seu	gênio	abre	se
Sob a sombra do seu gênio abre-se					

→

nieskończona,	nie	mająca	granic	perspektywa	doskonałości.	JS: 15
inacabada	não	[possuinte]	fronteiras	perspetiva	de perfeição	
uma perspectiva ilimitada e infinita da perfeição.						W: 19

O participio IPC em (21), *mająca* ‘que tem’ é omissa na tradução. No entanto, a negação do TP *nie mająca* ‘não possuinte’, feita com o advérbio *não*, é rendida pelo prefixo *in-* realizado pelo alomorfe *i-* do adjetivo *ilimitada*. Trata-se, neste caso, de tradução por omissão, transposição e sinonímia, já que *ilimitada* é ‘aquela que não tem limites/fronteiras (*nie mająca granic*). O IPC tem função adjetiva face ao nome *perspectiva* como se confirma com o teste: *uma perspetiva que não tem limites*. A omissão de *que não tem limites* foi compensada pelo adjetivo *ilimitada*, o que em nada altera ou empobrece o sentido da frase; pelo contrário torna-a mais fluída.

(22)

Praca	polegała	na	tym,	że	musieli	oni	napętnić	gruzem
trabalho	consistia	em	isso	que	tinham	eles	encher	entulho
O seu trabalho consistia em encher de entulho								

→

drewniane	nosilki	i	następnie	opróżnić	je	na	usypisku
de madeira	portadores	e	seguidamente	esvaziar	os	em	vazadouro
umas caixas de madeira que, posteriormente, deviam despejar num vazadouro							

→

znajdującym	się	pięćdziesiąt	jardów	dalej.	K1: 15
[encontrante]	se	cinquenta	jardas	mais adiante	
a cinquenta jardas dali.					S&L: 20

O participio IPC empregue no enunciado do TP em (22) é *znajdującym się* ‘que se encontrava’. O IPC adjetiva o nome do seguinte modo: *um vazadouro que se encontrava a cinquenta jardas dali*. A omissão da tradução possível *que se encontrava* no TC não altera o sentido da frase, contribuindo antes para a sua fluidez.

(23)

(...) teza	Lévinasa	mówiąca	o	fundamentalnym	znaczeniu	różnicy.	K4: 28
tese	de Levinas	[falante]	sobre	fundamental	significado	da diferença	
(...) a tese de Lévinas sobre a importância fundamental da diferença.							S&L4: 36

Em (23), ocorre o mesmo fenómeno tradutório que em (21) e (22): a omissão do participio IPC, *mówiąca* ‘que fala’. O IPC com valor adjetivo, caracteriza o nome *tese*: *a tese de Lévinas que fala sobre...* A omissão de ‘que fala’ não acarreta perdas semânticas, tornando a frase mais coesa.

Ao contrário do que acontece no caso da conclusão retirada do estudo sobre a omissão de UF e consequentes perdas a nível linguístico e cultural, a omissão do participio polaco IPC justifica-se, nos casos acima analisados, devido a ajustes na estrutura sintática, que não acarretam perda de significado e se encontram ao serviço da fluidez, coesão e prosódia da frase no TC.

5. Problematização e notas finais

O facto de a ocorrência do participio IPC *imiestów przymiotnikowy czynny* ser muito frequente na escrita literária em PL e de a sua tradução para PE ser efetuada, sobretudo, através de orações subordinadas relativas adjetivas, terá levado os tradutores a procurar soluções alternativas que avultaram num total de cinco, sem contar a omissão. Apurou-se também que a forma verbal polaca IPC que aparentemente não parecia dispor de equivalente em português pode ser vertida por formas herdadas do antigo *participio presente*, classificado no PE como adjetivo.

Na Tabela 16, sintetizam-se as soluções tradutórias aplicadas na tradução do participio polaco IPC, discutidas ao longo do Capítulo II.

Tabela 16 – Procedimentos de tradução do participio polaco IPC para PE

TÉCNICAS e RECURSO de TRADUÇÃO PL-PE		EXEMPLOS
MUDANÇA DE ESTRUTURA SINTÁTICA – subordinação adjetiva	Oração relativa	(...) twarz Zmarłego, <u>spoczywającego</u> w otwartej trumnie (...) (JS: 7) (...) o rosto do Defunto <u>que repousava</u> no caixão aberto (...) (W:11)
	Oração gerundiva	(...) skał <u>warczących</u> na siebie, (...) (WS3: 10) (...) rochas <u>rosnando</u> umas às outras (...) (M&N2: 11)
	Oração de participio	Na dźwięk samej nazwy, <u>ociekającej</u> krwią kruków (...) (JS: 12) O próprio nome, <u>banhado</u> no sangue dos corvos, (...) (W: 16)
	Oração infinitiva	Niebo zamglone, już <u>blekitniejące</u> . (WS3: 10) O céu enevoadado, <u>a ficar</u> azul. (N&M2: 11)
TRANSPOSIÇÃO	Participio presente (residual)	Ludzie <u>pochodzący</u> z Azji i z Ameryki Łacińskiej (...) (K4: 47) (...) as pessoas <u>provenientes</u> da Ásia, e da América Latina (...) (S&L4: 62)
	Adjetivo	(...) swoich najbardziej <u>odrażających</u> przedstawicieli, (...) (K4: 17) (...) os seus mais <u>sórdidos</u> representantes (...) (S&L4: 21)
	Nome	(...) <u>pogłębiające</u> się nierówności w świecie (...) (K4: 34) (...) o <u>aumento</u> das desigualdades no mundo (...) (S&L4: 45)
	Sintagma preposicional	Skoczyli z <u>płonących</u> pięter w dół – (...) (WS3: 70) Atiraram-se dos andares <u>em chamas</u> (N&M2: 71)
OMISSÃO		(...) teza Lévinasa <u>mówiąca</u> o fundamentalnym znaczeniu różnicy. (K4: 28) (...) a tese de Lévinas sobre a importância fundamental da diferença. (S&L4: 36)

Os procedimentos tradutórios, descritos e analisados com base nas obras do nosso *corpus*, constituem regularidades no processo de tradução. A frequência com que cada regularidade ocorre é, porém, diversificada, sendo o uso de orações subordinadas relativas o mais frequente. Com o intuito de ilustrar as frequências relativas das diferentes técnicas

de tradução e do recurso da omissão, optou-se por fazê-lo numa amostra reduzida, escolhendo apenas uma obra do *corpus*. A escolha recaiu sobre *Ten Inny* de Kapuściński traduzido como *O Outro* por Szymaniak e Leão, os tradutores que mais diversificam as técnicas de tradução sintáticas, em geral, e as técnicas de tradução do participio IPC, em particular, o que constitui mais uma confirmação das suas marcas *tradutorais*. Cotejados o TP, *Ten Inny*, e o TC, *O outro*, com vista a apurar, a título de amostra, o número de frequências absolutas da forma verbal IPC no TP e o número de frequências relativas dos procedimentos tradutórios apurados no TC, chegou-se ao resultado que se apresenta na Tabela 17.

Tabela 17 - Frequência absoluta do participio polaco IPC no TP *Ten Inny* e frequências relativas dos procedimentos de tradução observados no TC *O outro*

TP - <i>Ten Inny</i>	TC - <i>O outro</i>		Número de ocorrências	Percentagem relativa	Percentagem relativa
IPC 95 (100%)	Mudança sintática – subordinação adjetiva	Oração relativa	46	49%	55%
		Oração gerundiva	3	3%	
		Oração de participio	2	2%	
		Oração infinitiva	1	1%	
	Transposição	26	27%	27%	
	Omissão	17	18%	18%	
TOTAIS ABSOLUTOS			95	100%	100%

Com base na análise da Tabela 17, verifica-se a percentagem maioritária das técnicas de tradução com mudança de estrutura sintática (55%), nas quais o participio polaco IPC, um item lexical, é rendido por uma estrutura sintática portuguesa. Em segundo lugar, surge a técnica de tradução por transposição com 27% e, em terceiro, o recurso da omissão com 18%. O resultado aqui exposto explica-se com base na tipologia linguística (*cf.* Capítulo 6 da I Parte do estudo). As línguas sintéticas, como o polaco, que possuem um rico sistema morfológico concentram muita informação linguística ao nível da palavra, enquanto as línguas analíticas, como o português, menos ricas morfológicamente, fazem mais uso de construções sintáticas (tais como, p. ex., orações subordinadas relativas), concentrando a informação linguística não ao nível da palavra, mas ao nível da frase.

Na senda de Chesterman (1997: 94), que integra a mudança de estrutura frásica e a transposição no âmbito das estratégias sintáticas de tradução, conclui-se que todas as técnicas de tradução do participio polaco IPC para PE são estratégias sintáticas (com exceção da omissão que não é técnica mas recurso). Foram assim apurados, na tradução direta PL-PE, padrões tradutórios ilustrativos de mudanças impostas pelas diferenças estruturais entre as duas línguas, sendo que para o fenómeno da língua polaca, o participio IPC, foram encontradas na LC duas técnicas: a mudança de estrutura sintática, com quatro subdivisões (orações relativas e orações reduzidas de gerúndio, de participio e de infinitivo), e a transposição com duas subdivisões (nominalização e adjetivação).

O caso do participio polaco IPC é representativo da importante função que a morfologia desempenha na língua polaca, enquanto a sua tradução para português europeu constitui um exemplo do cruzamento do léxico, da morfologia e da sintaxe. O estudo da tradução do participio IPC de PL para PE demonstra o modo como as duas línguas resolvem as diferenças estruturais existentes entre si.

Em conclusão, pode afirmar-se que o português expressa por meio da sintaxe aquilo que o polaco exprime por meio da morfologia. Trata-se de uma possível regularidade tradutória a testar com base noutros fenómenos linguísticos (veja-se, a título de exemplo, as técnicas que surgem na tradução para PE dos verbos polacos derivados com os prefixos *prze-*, que transmite a ideia de atravessar, e *roz-*, que exprime, entre outros, a ideia de expansão ou divisão, ou, ainda, dos advérbios *ciqgle* ‘ainda’, *zwykle* ‘habitualmente’ e *nadal* ‘continuamente’ – nestes casos, o PL apresenta construções sintéticas que o PE tende a render por expressões analíticas).

CAPÍTULO III – A ORDEM DAS PALAVRAS NA FRASE

1. Introdução

A presente parte da investigação restringe-se à análise da ordem dos constituintes da frase na tradução direta de PL para PE. Procurar-se-á, por conseguinte, descrever, explicar e categorizar fenómenos sintáticos com base nas técnicas adotadas pelos tradutores quando confrontados com os padrões da ordem dos constituintes, específicos da língua polaca. Em tradução, a ordem das palavras na frase é um dos problemas tradutórios identificados por Baker (1992) no âmbito da coesão e coerência textuais:

The syntactic structure of a language imposes restrictions on the way messages may be organized in that language. The order in which functional elements such as subject, predicator, and object may occur is more fixed in some languages than in others. (...) **Word order is extremely important in translation because it plays a major role in maintaining a coherent point of view** (Baker, 1992: 109-110) [Destaque nosso].

O tópico reveste-se da maior relevância no par de línguas PL-PE, porquanto o polaco é considerado uma língua de ordem livre (Bartnicka e Satkiewicz, 2010: 153-154; Gruszczyński e Bralczyk, 2002: 288) e o português um idioma, cuja ordem de palavras é fixa (Mateus *et al.*, 1989: 157; Raposo *et al.*, 2013: 353; Cunha e Cintra, 1984/2014: 214).

Segundo a tipologia linguística de Greenberg (1966) sobre a ordem das palavras na frase em diversas línguas, a ordem é definida pelos três constituintes básicos da frase – sujeito (S), verbo (V) e objeto (O) –, tendo por base frases declarativas com S e O nominais. Greenberg (1966: 43) propôs a existência de seis ordens sintáticas – SVO, SOV, VSO, VOS, OVS e OVS –, assim como três grandes tipos de línguas, quanto à ordem dos constituintes: SVO, SOV, VSO.

A tipologia linguística de Greenberg (1966) revela-se um instrumento de análise pertinente na investigação em tradução, conforme se demonstrará no presente capítulo. Dada a natureza interdisciplinar dos ET (Snell-Hornby, 2006: 71), a investigação recorre a noções operacionais de carácter gramatical (oportuna e devidamente definidas), tais como *oração simples, ordem livre e fixa dos constituintes da frase, ordem marcada e não marcada, sujeito, verbo e objeto, topicalização e focalização, tópico e comentário, construções de*

clivagem, conversivos, voz ativa e voz passiva, sendo estas noções analisadas e explicadas à luz das técnicas, estratégias e leis de tradução. O estudo, empírico, fundamenta-se na análise comparativa e qualitativa das obras do *corpus* bilingue, conciliando abordagens de natureza linguística e tradutológica.

O ponto de partida para a nossa análise é a noção de *frase*, entendida como «enunciado em que se estabelece uma relação de predicação, que contém, no mínimo, um verbo principal, podendo ainda incluir elementos como o sujeito, complementos seleccionados, predicativos e eventuais modificadores» (DT). A frase pode ser constituída por uma ou mais orações, sendo a oração uma unidade sintática organizada à volta de um verbo. Os constituintes frásicos básicos, S V O, relacionam-se entre si, desempenhando diferentes *funções sintáticas*. A sua combinação dá origem a uma sequência ordenada, chamada *ordem de palavras*.

A análise inicial cinge-se a frases declarativas, em que o V se encontra no modo indicativo, uma vez que este tipo de frase apresenta a ordem de palavras mais neutra, menos marcada (ou não marcada), permitindo, assim, aferir a ordem básica dos constituintes da frase numa língua, conforme defende Eliseu (2008):

A caracterização da ordem de palavras básica é feita a partir da observação de frases declarativas, afirmativas e não enfáticas (...) outros tipos de frase (como as interrogativas, exclamativas, etc.) mostram diferentes padrões de ordenação (Eliseu, 2008: 28).

O estudo da ordem das palavras recorre a frases com S e O nominais, porque os constituintes pronominais podem determinar outras ordens, levantando problemas linguísticos, que, nesta fase da investigação, nos convém abstrair:

First of all, in order to determine the basic word order of a language, simple declarative sentences are sought, where both arguments of the verbs are nominal (...) and not pronominal. This is because pronominal arguments may follow different word order rules from nominal arguments. In Italian, for example, the pronoun may pre-cliticize to the verb, changing the word order from SVO to SOV (Velupillai, 2012: 282-284).

A análise inicial contempla, assim, as condições impostas pelo estudo da tipologia linguística quanto aos padrões de ordenação sintática em PL e PE, que a seguir se expõem.

2. A ordem dos constituintes da frase em polaco e em português

Embora Greenberg (1966) não tenha incluído o PL e o PT nas 30 línguas analisadas no seu estudo, inclui nelas uma língua eslava, o sérvio, e uma latina, o italiano, o que permite retirar algumas conclusões de espectro mais lato, relativas a línguas eslavas (de que o sérvio e o polaco fazem parte), por um lado, e, por outro, a línguas neo-latinas (ou românicas) como o italiano e o português.

O primeiro universal proposto por Greenberg (1966: 43) aponta para a precedência do S face ao O na frase: «In declarative sentences with nominal subject and object, the dominant order is almost always one in which the subject precedes the object». Estas frases correspondem aos três padrões de alinhamento sintático dominantes nas línguas estudadas pelo autor: SVO, SOV e VSO. As restantes ordens são para Greenberg (1966: 43) inexistentes ou raras: «The three which do not occur at all, or at least are excessively rare, are VOS, OSV and OVS. These all have in common that the object precedes the subject». Greenberg (1966: 43) salvaguarda que a maioria das línguas tem mais do que uma ordem mas só uma delas é dominante. O critério que determina a ordem básica numa língua é a frequência com que os determinados padrões nela ocorrem (Velupillai, 2012: 282-284).

Na esteira da pesquisa de Greenberg (1966), também linguistas polacos e portugueses¹⁰⁰ deram início ao estudo das respetivas línguas à luz da análise da ordem dos constituintes da frase. A ordem das palavras na frase ou o alinhamento morfossintático é um «parâmetro de classificação [que] tem em conta a correspondência entre os valores morfossintáticos e a sua expressão nas diversas estruturas existentes na língua» (Eliseu, 2008: 84). As línguas podem apresentar mais do que um padrão de alinhamento sintático:

In some languages the order is determined by semantic factors such as animacy; in others by various pragmatic factors such as topicality or focus or information structure, in yet others the word order is determined by grammatical factors such as aspect (Velupillai, 2012: 301).

¹⁰⁰ Surgem, então, nas enciclopédias e gramáticas polacas noções como: *szuk składniowy* 'ordem sintática' (Gruszczyński e Bralczyk, 2002), *kolejność wyrazów w zdaniu* 'ordenação das palavras na frase' (Jagodźński, 2008) e, nos estudos portugueses, aparecem noções como *ordem direta* (Cunha e Cintra, 1984/2014), *ordem básica SVO* (Mateus et al., 1989) e *padrões de ordenação* (Eliseu, 2008).

No entanto, o que permite a variação da posição dos constituintes na frase são fatores de ordem morfológica, conforme explica Eliseu (2008), a propósito do latim e português:

(...) o Latim não utiliza a ordem das expressões para indicar as suas propriedades sintáticas (...). Em Latim, as palavras têm uma marcação morfológica correspondente à sua função sintática. (...) Ou seja, o Latim marca as funções sintáticas através de uma codificação morfológica, enquanto no Português é a ordem de palavras que veicula essa informação (Eliseu, 2008:29).

Sendo o PL uma língua de ordem livre (*cf.* Bartnicka e Satkiewicz, 2010: 153-154), assemelha-se ao latim, dado que as funções sintáticas são marcadas morfológicamente a nível do sintagma nominal. Tal indica que existe uma relação entre a riqueza morfológica nominal de uma língua e o seu padrão de ordenação mais ou menos flexível. No PT, as funções sintáticas são, sobretudo, ditadas pela posição dos constituintes na frase: o sujeito precede o verbo e o objeto ocorre após o verbo, o que é representado pelas maiúsculas SVO. Não tendo conservado as declinações do latim ao nível do nome nem do adjetivo (mas apenas ao nível dos pronomes pessoais), o PT tem comparativamente com o PL uma morfologia nominal muito mais pobre e, conseqüentemente, é uma língua sintaticamente menos flexível (ou menos livre) a nível da ordem dos constituintes da frase do que o PL.

Comparando o PL e o PT é possível propor a seguinte correlação: quanto mais rica é a morfologia a nível da marcação do caso numa língua, tanto mais livre será a ordem dos seus constituintes na frase.¹⁰¹ O PL apresenta uma ordem de palavras mais livre do que o PT porque as funções sintáticas são marcadas pelas desinências nominais, adjetivais e pronominais. Com sete declinações, o PL apresenta uma morfologia muito rica, o que dá origem a uma ordem mais flexível de constituintes, visto que, deste modo, as funções sintáticas não dependem exclusivamente da posição das palavras na frase.

Com base em critérios sintáticos, pretende-se seguidamente classificar o PL e o PT, quanto ao padrão de ordenação dos constituintes da frase, com vista a formular as perguntas de investigação.

¹⁰¹ Do ponto de vista tipológico, a classificação sintática das línguas opera com dois padrões básicos de ordenação – *livre (não posicional)* e *fixo (posicional)* –, mas Gruszczyński e Bralczyk (2002: 287) propõem ainda um de meio-termo, *parcialmente posicional*.

2.1. Os padrões da ordem dos constituintes da frase em polaco

Na presente secção, classifica-se o PL quanto ao padrão da ordem dos constituintes da frase e buscam-se nos TP as diferentes ordens sintáticas empregues pelos escritores polacos.

Os linguistas polacos estão de acordo quanto à classificação da ordem dos constituintes da frase em PL como livre, embora empreguem termos diferentes. Bartnicka e Satkiewicz (2010: 153-154) consideram a ordem das palavras na frase polaca *livre* mas *não arbitrária*, uma vez que a alteração da ordem do sujeito e do predicado pode ser motivada pela intenção de realçar um dos constituintes da frase que transmite uma informação mais importante. Por seu lado, Batoréo (2010: 82) descreve a flexibilidade sintática das línguas eslavas, destacando a ordem SVO como *básica* e as ordens OVS e OSV como *alternativas* com cargas pragmáticas diferenciadas. Por último, Gruszczyński e Bralczyk (2002) propõem uma classificação tipológica, formada por três termos: *línguas posicionais*, *parcialmente posicionais* e *não-posicionais*:

O papel da ordem gramatical é um dos critérios aplicados na tipologia das línguas: nas línguas posicionais e parcialmente posicionais, existem estreitas dependências entre a posição da palavra e a sua função na frase. Na língua polaca a alteração da ordem das palavras na frase *Jan kocha Marię* para a frase *Marię kocha Jan* não causa a alteração do significado, porque não é a ordem das palavras, mas as desinências da flexão que permitem identificar a função sintática das palavras (em ambas as frases, *Marię* é o objeto e *Jan* o sujeito). Nas línguas não posicionais (por exemplo, na língua polaca) a função gramatical da ordem tem um papel secundário. (...) Atendendo à função lógica da ordenação das palavras, diferencia-se a ordem neutra e a ordem marcada (Gruszczyński e Bralczyk, 2002: 287. T. n.).

Os linguistas polacos empregam termos diferentes para descrever o mesmo fenómeno. Bartnicka e Satkiewicz (2010) designam a ordem SVO do PL como *ordem neutra* e Gruszczyński e Bralczyk (2002) empregam a expressão *ordem não marcada*. Já no que respeita à classificação das línguas, Bartnicka e Satkiewicz (2010) operam com a noção de *línguas fixas e livres*, enquanto Gruszczyński e Bralczyk (2002) empregam as designações *línguas posicionais*, *parcialmente posicionais* e *não posicionais*. Porém, os linguistas concordam que o PL pertence ao grupo das línguas com ordem de palavras livre na frase.

Em PL, a par da ocorrência da ordem não marcada (neutra) SVO, ocorrem outras ordens, consideradas marcadas. É interessante verificar que se Greenberg (1966: 43) considerava

as ordens VOS, OSV e OVS como mais raras ou inexistentes, o nosso *corpus* comprova a existência de seis ordens sintáticas no PL, o que confirma a sua classificação como língua cuja ordem de palavras na frase é livre. A Tabela 18 apresenta, com exemplos, as seis ordens de constituintes que ocorrem no PL.

Tabela 18 – Padrões da ordem dos constituintes da frase em PL observados nos TP

N.º	Padrões	Exemplos
1	SVO	Konduktor (S) zacisnął (V) zęby (O) (...) (G: 15) O revisor cerrou os dentes (...) (C&C: 26)
2	VSO	Słuchał (V) Luśnia (S) tych zwierzeń (O) (...) (G: 7) Luśnia ouvia estas confidências (...) (C&C: 14)
3	SOV	Opinia (S) ministra (O) obwiniąta (V) (...) (K1: 9) A opinião pública culpava o ministro (...) (S&L: 13)
4	OSV	(...) dymy (O) wiatr (S) rozegnał (V) (...) (K1: 71) (...) o vento dissipou o fumo (...) (S&L1: 80)
5	OVS	Filozofię Innego (O) uprawiał (V) Józef Tischner (S) (...) (K2: 56) Józef Tischner cultivou a filosofia do Outro (...) (S&L: 73)
6	VOS	Rozdarł (V) kiry nocy (O) purpurowy finał Grota (S). (G: 68) O final purpúreo de Grot rasgou abruptamente o véu da noite. (C&C: 104)

Com base no *corpus* analisado, constatou-se que o PL emprega os seis padrões possíveis da ordem dos constituintes que não são arbitrários, mas portadores de significado e motivados por diversos fatores. Esses fatores prendem-se com as relações entre os elementos do texto (coesão textual), com o enfoque enfático ou emocional (topicalização e focalização), a prosódia (ritmo da frase) e o estilo particular dos autores.

Gruszczyński e Bralczyk (2002: 288) sublinham a relação existente entre os padrões da ordem dos constituintes da frase e os fatores de ordem semântica (a função lógica da ordem) e estilística (a função estilística da ordem), que operam com base na topicalização (deslocar um dos constituintes para o início da frase) ou focalização (deslocar um dos constituintes para o fim da frase). Por seu turno, Bartnicka e Satkiewicz (2010: 153-154) adicionam os fatores psicológicos e emocionais, às condições que determinam a escolha das diversas ordens do PL pelos falantes. Por último, Pisarkowa (1994: 350-351) e Karolak (1995: 540-542) sublinham que ordem neutra SVO sofre diversas modificações em textos

mais longos, principalmente, devido a quatro fatores: coesão textual; enfoque lógico; fatores rítmicos e estilo individual. Por *coesão textual* os referidos autores entendem a colocação inicial (topicalização) de determinados constituintes frásicos que se referem a enunciados anteriores. O *enfoque lógico* (também *enfático*) prende-se com o facto de o falante considerar alguns dos constituintes da frase mais importantes do que outros, tendo em conta o conteúdo a transmitir, deslocando-os para o início (topicalização) ou para o fim da frase (focalização). Os fatores *rítmicos* (*prosódicos*) também são decisivos para a posição das palavras na frase, sobretudo em poesia. E, por fim, o estilo individual dos autores, que é uma característica de toda a pessoa que fala e escreve, também pode ter influência na escolha da ordem das palavras, o que constitui uma marca individual nos escritores.

Resumindo, os linguistas polacos defendem que a ordem das palavras na frase, apesar de ser relativamente livre, é determinada por fatores de ordem semântica (indicados como lógicos) e pragmática (indicados como estilísticos e contextuais).

2.2. Os padrões da ordem dos constituintes da frase em português

Na presente secção aborda-se a ordem dos constituintes da frase em PE. Nas gramáticas tradicionais e normativas, não era costume abordar as alternativas à ordem canónica SVO em termos de padrões de alinhamento dos constituintes porque a ordem diferente da canónica era tratada, por regra, como desvio estilístico. Assim, na gramática de Cunha e Cintra (1984/2016), o português é classificado como língua cuja ordem é direta, portanto, SVO:

Em português, como nas demais línguas românicas, predomina a ORDEM DIRECTA, isto é, os termos da oração dispõem-se preferencialmente na sequência: SUJEITO + VERBO + OBJECTO DIRECTO + OBJECTO INDIRECTO ou SUJEITO + VERBO + PREDICADO (Cunha e Cintra, 1984/2014: 214) [Destaques dos autores].

Por seu turno, Mateus *et al.* (2003: 157) afirmam que «O Português é uma **língua SVO**, ou seja, é uma língua em que a ordem básica de palavras é Sujeito – Verbo – Objecto(s)». [Destaques das autoras].

Retomando os seis padrões de ordem sintática do polaco, atrás identificados, e aplicando os mesmos à frase referida por Gruszczyński e Bralczyk (2002: 287), *Jan kocha Marię*,

verifica-se que a sua tradução palavra-a-palavra para PE cria frases que suscitam dúvidas, o que permite ilustrar melhor o que é uma língua SVO.

- (i) SVO: Jan kocha Marię. / João ama Maria.
- (ii) VSO: Kocha Jan Marię. / Ama João Maria.
- (iii) SOV: Jan Marię kocha. / João Maria ama.
- (iv) OSV: Marię Jan kocha. / Maria João ama.
- (v) OVS: Marię kocha Jan / Maria ama João.
- (vi) VOS: Kocha Marię Jan. / Ama Maria João.

Assim, a frase em PE com ordem sintática SVO é percebida pelos falantes como a mais natural; logo, é considerada a *ordem não marcada* ou *canónica* do português (Duarte, 2013: 403). Se as frases em que o S precede o O (VSO e SOV) em PE podem ser aceites, por exemplo, na escrita literária, as frases em que o O precede o S em PE, invertendo os papéis temáticos entre o agente da acção (João) e o paciente (Maria), alteram o valor de verdade da frase polaca, formando ordens incorretas.

As gramáticas normativas do português falam apenas da *ordem direta* e das respetivas *inversões*:

Ao reconhecermos a predominância da ordem direta em português, não devemos concluir que as inversões repugnem ao nosso idioma. Pelo contrário, com muito mais facilidade do que outras línguas (do que o francês, por exemplo), ele nos permite alterar a ordem normal dos termos da oração (Cunha e Cintra, 1984/2014: 214).

Os autores apresentam as razões conducentes ao emprego da *ordem inversa*, utilizando para tal exemplificação proveniente de obras literárias:

Dos fatores que normalmente concorrem para alterar a sequência lógica dos termos de uma oração, o mais importante é, sem dúvida, a ênfase. Assim, o realce do SUJEITO provoca geralmente a sua posposição ao VERBO: (...) És **tu!** És **tu!** Sempre vieste, enfim! (Florbela Espanca, *S*, 140.).

Ao contrário, o realce do PREDICATIVO, do OBJETO (DIRETO OU INDIRETO) e do ADJUNTO ADVERBIAL é expresso de regra pela sua antecipação ao verbo: (...) **A ela** devia o meu estado psíquico cinzento e melindroso. (Fernando Namora, *DT*, 59.) (...) (Cunha e Cintra, 1984/2014: 214-215) [Destaques dos autores].

De acordo com Cunha e Cintra (1984/2014) existe em português a possibilidade de construir frases com base na *inversão enfática*, *i. e.*, inversões motivadas por fatores

estilísticos, as quais, empregando a terminologia da gramática estruturalista, correspondem a *construções de topicalização e focalização*.

Por seu lado, Raposo (2013: 353) salvaguarda ainda que, para além da ordem SVO, outras construções sintáticas são possíveis em português:

Em português, tipicamente, o sujeito precede o predicado. No entanto, contrariamente a outras línguas, mais rígidas nesse aspeto (como o inglês), a ordem entre os dois elementos pode ser alterada, estando frequentemente associada a fenómenos semânticos como a topicalização (...) (Raposo, 2013: 353).

Por seu turno, a gramática descritiva de Mateus *et al.* (1989/2003) assinala a existência de mais do que um padrão de alinhamento em frases declarativas, em português:

- (i) SVO - *Todos os alunos reagiram mal ao teste.*;
- (ii) O_i SVO - *Esse livro, o Pedro ofereceu(-o) à Ana.*;
- (iii) VOS - *Comeu-o / o bolo o João.*;
- (iv) O_i V(O_i)S - *O bolo, comeu(-o) o João.* (Mateus *et al.*, 1989/2003: 319-321)

Assim, as referidas autoras apontam para a existência de três estruturas frásicas – (ii), (iii) e (iii) – em português que não obedecem à ordem SVO e são consideradas alternativas à ordem canónica. Os enunciados (ii) e (iv) construídos de acordo com a ordem tópico-comentário, são denominados “construções de topicalização” (Duarte, 2013: 401-426), dado que o primeiro constituinte da frase não é o sujeito mas o complemento direto com a função de tópico.¹⁰²

Em relação ao exemplo (iii), uma frase com ordem VOS – *Comeu-o / o bolo o João* – há que ressaltar o facto de o O ser um ser inanimado e o S um ser animado, o que possibilita a compreensão correta do enunciado; já no exemplo atrás analisado, em que o S e o O são seres animados e constituintes de uma frase com ordem VOS, realizada em polaco como *Kocha Marię Jan* e vertida como *Ama Maria João* para português, o enunciado traduzido é ambíguo e altera o valor de verdade do TP.

¹⁰² As noções *tópico-comentário* e *topicalização* surgiram com a observação que o primeiro constituinte da frase nem sempre coincide com o sujeito, tal como acontece nas frases SVO. Nas frases com ordem VSO e OVS, o sujeito, em posição central e final, não coincide com o tópico da frase (o primeiro constituinte) que é respetivamente o V e o O. Assim surgiu a necessidade de contrapor à distinção aristotélica entre sujeito e predicado a distinção entre tópico e comentário, sendo tópico definido «como a expressão linguística sobre que se diz alguma coisa e comentário o que se diz sobre essa expressão linguística (Duarte, 2013: 401).

2.3. Problematização e perguntas de investigação

No que diz respeito a questões sintáticas iniciais e pertinentes para o estudo, constata-se que tanto o PL como o PT têm a ordem SVO como ordem não marcada, mas o PL é uma língua de ordem livre, enquanto o PT uma língua de ordem fixa. Face à caracterização das duas línguas é natural considerar a ordem dos constituintes da frase um problema tradutório que suscita dois tipos de expectativas. Por um lado, espera-se que os tradutores tendam a verter para PE as frases com ordem não marcada e com ordem marcada dos TP através do uso da ordem canónica SVO (conforme se pode observar na Tabela 18, onde a tendência já é evidente). Por outro lado, espera-se que os tradutores apliquem ainda outras técnicas sintáticas de tradução da ordem de palavras, atendendo às diferenças dos padrões de alinhamento morfossintático observados nas duas línguas. O cotejo dos TP e TC apurará o modo como os padrões de alinhamento do PL foram traduzidos para PE com vista a responder às seguintes perguntas de investigação:

- (i) As frases com ordem neutra SVO em PL são traduzidas para PE através da ordem canónica SVO?
- (ii) As frases com ordens sintáticas marcadas em PL são traduzidas para PE com a ordem canónica SVO?
- (iii) O que se perde na tradução, quando as frases com ordem marcada em PL são traduzidas para PE com a ordem SVO?
- (iv) Se as frases com ordens marcadas em PL podem não ser traduzidas para PE com a ordem SVO, então que estruturas frásicas e/ou construções sintáticas surgem na tradução direta PL-PE?

Posto que o *corpus* em estudo é de carácter literário, serão nele igualmente analisadas frases com S e O nominais e pronominais, bem como frases com sujeito nulo, uma característica comum a ambas as línguas. Como é natural em literatura, dificilmente se identificarão frases simples, compostas apenas pelos constituintes básicos (SVO/OI), pelo que as ocorrências apuradas incluem outros constituintes ou incluem ainda orações (principais ou subordinantes) de frases complexas. Quando assim acontecer, não será feita a identificação de todas as funções sintáticas. Tal significa, por exemplo, que um sujeito composto será apenas identificado com a letra S e os constituintes acessórios serão identificados consoante a sua função de complemento oblíquo (CObl) ou modificador (M).

3. Ordem dos constituintes da frase em polaco e a ordem SVO em português

3.1. Tradução literal

Na presente secção, procura responder-se à pergunta: *As frases com ordem básica SVO em PL são traduzidas para PE com a ordem canónica SVO?* A pergunta, implicitamente retórica, parte da hipótese de que não haverá alteração sintática na tradução direta quanto à ordem dos constituintes da frase, dado que se trata da ordem básica em ambas as línguas e que a tendência mais natural é traduzir literalmente, tendo em conta o âmbito das possibilidades oferecidas pelas línguas, conforme defendem quer Newmark (1988: 70): «I believe literal translation to be the basic translation procedure (...) in that translation starts from there», quer Chesterman (1997):

I define this rather loosely, as meaning “maximally close to the SL form, but nevertheless grammatical”. For some theorists (such as Newmark, and also Vinay and Darbelnet) this strategy has the status of a default value. On this view, one only needs to deviate from literal translation if for some reason or other it does not work (...) (Chesterman, 1997: 94).

Na realidade, após o cotejo dos TP e TC, observou-se a regularidade esperada, *i. e.*, que as frases com ordem SVO em PL são traduzidas para PE com ordem SVO, o que se ilustra a seguir nos exemplos de (1) a (3).

(1)

Sokrates	ćwiczył	wolę	cafe	życie	JS: 42
Socrátes	exercitou	vontade	toda	vida	
S (nom)	V (perf. 3 p. sg.)	O (ac.)	MT		
Sócrates exercitou a sua vontade toda a vida.					W: 46

No exemplo (1), a ordem sintática SVO do TP é preservada na tradução, que apresenta ainda a técnica da amplificação, que consiste na introdução de detalhes ausentes no TP, neste caso, o determinante possessivo, *a sua*, o que se entende à luz da explicitação. A frase inclui ainda um modificador de tempo do GV, *toda a vida*, um constituinte facultativo.

(2)

Wawera	oderwał	oczy	od	szyn: (...)	G: 7
Wawera	tirou	olhos	de	carris	
S (nom.)	V (perf. 3 p. sg. m.)	O (ac.)	CObl		
Wawera tirou os olhos dos carris (...)					C&C: 14

O exemplo (2) ilustra a tradução literal que mantém a ordem SVO do TP, bem como a posição do SP, *dos carris*, com função sintática de complemento oblíquo. O que se perde na tradução é a marca morfológica do género masculino do V conjugado na terceira pessoa do singular no pretérito perfeito. Tal é devido a diferenças sistémicas na conjugação verbal entre as línguas, dado que o pretérito perfeito simples não permite distinção de género.

(3)

(...) cesarz	wydał	imponujące	przyjęcia.	K1: 16
imperador	deu/apresentou	imponentes	recepções	
S (nom.)	V (perf. 3 p.sg.)	O (ac.)		
(...) o Imperador ofereceu um banquete impressionante.				S&L1: 20

O exemplo (3) confirma a expectativa de que a ordem da frase SVO patente no TP seja preservada na tradução para PE. Conforme se pode observar, apesar da manutenção da ordem sintática, regista-se a mudança de posição do adjetivo. Os adjetivos atributivos, que expressam as propriedades dos nomes a que se referem, obedecem, em PL, à ordem [Adj. + N], ao passo que, em PE, predomina a ordem [N + Adj.].

Transcritos os primeiros enunciados, chama-se a atenção para um facto, que não será explorado nesta fase do estudo, mas que merece atenção, ou seja, que, de um modo geral, os enunciados ilustrativos dos fenómenos tradutórios sintáticos reforçam as marcas *tradautorais* no TC (*cf.* Capítulo 5 da III Parte). Assim, em (3), por exemplo, confirma-se a tendência de Szymaniak e Leão para um tipo de tradução menos literal, usando técnicas de tradução semânticas, como em *banquete* ‘uczta’ em vez de *recepções* ‘przyjęcia’ (com alteração do plural para o singular).

Em conclusão, do conjunto de exemplos extraídos do *corpus* em estudo para responder à pergunta de investigação – *As frases com ordem básica SVO em PL são traduzidas para PE com a ordem canónica SVO?* – apurou-se que as frases com ordem neutra SVO em PL tendem a ser traduzidas para PE com a ordem canónica SVO, sendo esta ocorrência a esperada e a mais natural, porquanto a ordem SVO é comum às duas línguas. Embora o PL e o PE não sejam línguas próximas uma da outra, a técnica da tradução (quase) literal é possível e efetivamente aplicada na tradução da ordem das palavras na frase, ressalvando as opções lexicais, ditadas pela subjetividade dos tradutores e os aspetos sintáticos, impostos pelas diferenças entre os sistemas linguísticos.

3.2. Tradução normalizada

A fase do estudo, apresentada na secção 3.2., é norteada pela pergunta: *Como são traduzidas para PE as frases que, em PL, apresentam as cinco ordens marcadas: VSO / SOV / OSV / OVS / VOS?* Espera-se, por um lado, que as frases com as ordens marcadas do PL sejam traduzidas para PE com a ordem canónica SVO, visto que o português apresenta menor flexibilidade na ordenação dos constituintes da frase do que o PL. Por outro lado, sabendo que inversões e topicalizações são possíveis em PE, também é expectável que algumas das ordens marcadas do PL sejam preservadas na tradução. Todavia, esta secção será apenas dedicada à investigação da primeira hipótese de trabalho, sendo a segunda remetida para o subcapítulo 4.

A recolha de fenómenos tradutórios nos TP superou as expectativas iniciais do estudo na medida em que os textos literários em apreço empregam com frequência as ordens sintáticas marcadas da língua polaca. É interessante constatar a propósito que o latim e o polaco são semelhantes no que concerne à ordem dos constituintes da frase. Transcreve-se de Eliseu (2008) um conjunto de exemplos, a partir do qual se estabelecerá um paralelismo com as práticas tradutórias no nosso *corpus*:

As línguas variam no que respeita à forma como a ordem de palavras é usada para codificar valores gramaticais. Vejam-se os seguintes exemplos em Português e em Latim:

- (13) a. O Pedro amava a Maria.
- b. A Maria amava o Pedro
- c. ? O Pedro a Maria amava.
- (14) a. Petrus Mariam amabat. «o Pedro amava a Maria»
- b. Petrus amabat Mariam. «o Pedro amava a Maria»
- c. Amabat Petrus Mariam. «o Pedro amava a Maria»
- d. Mariam Petrus amabat. «o Pedro amava a Maria». (Eliseu, 2008:28)

Dos exemplos acima transcritos, merece a pena destacar a frase (13) c. “O Pedro a Maria amava”, comentada assim por Eliseu (2008: 29): «Já a terceira frase (que não é um exemplo natural) por não apresentar uma ordem regular, não tem interpretação clara». Evitar este tipo de ambiguidade implica usar a ordem canónica SVO. Por essa razão, Eliseu traduz as frases latinas com diferentes ordens para PE com a ordem, SVO: «o Pedro amava a Maria». Estabelecendo um paralelismo entre o latim e o polaco, aumenta a expectativa de que a

tendência na tradução para PE de frases polacas com ordens marcadas seja traduzi-las através da ordem canónica SVO, analogamente ao que fez Eliseu (2008:28).

Em seguida, apresentam-se os exemplos de (4) a (20) das ocorrências das diferentes ordens polacas marcadas VSO, SOV, OSV, OVS e VOS, traduzidas para PE com ordem canónica SVO. A análise é distribuída pelos cinco padrões de ordenação do PL.

1.º padrão: VSO (PL) → SVO (PE)

No *corpus* dos TP foram observadas com regularidade orações cujo padrão de alinhamento sintático, indicado aqui como 1º padrão, obedece à ordem VSO e cuja tradução para PE foi efetuada com a ordem SVO. Como seria de esperar em textos literários, mesmo as frases simples contêm mais constituintes do que S, V e O. Por vezes, os complementos e os modificadores são irrelevantes para a ordem das palavras nas frases; outras vezes, parecem motivar a ordem marcada. Neste último caso, serão igualmente transcritos os complementos e os modificadores a fim de se apurar a existência ou não de uma regularidade e da respetiva causalidade. Do 1º padrão do fenómeno tradutório, VSO → SVO, apuraram-se dois tipos de regularidade, pelo que o número de exemplos de (4) a (8) será alargado a cinco.

(4)

Słuchał	Luśnia	tych	zwierzeń	z	uśmiechem (...)	G: 7
ouvia	Luśnia	estas	confissões	com	sorriso	
V (imp. 3 p. sg.)	S (nom.)	O (gen.)		M		
Luśnia ouvia estas confidências com um sorriso (...)						C&C: 14

O exemplo (4) ilustra uma frase com ordem VSO, sendo o V o primeiro constituinte; a frase contém ainda o modificador de modo, *com um sorriso*, que surge em posição final.

(5)

(...); rozwinęli	oni	ideę	Innego – (...)	K4: 69
desenvolveram	eles	ideia	de outro	
V (perf. 3 p. pl.)	S (nom.)	O (ac.)		
(...) todos eles desenvolveram a ideia do Outro (...)				S&L4: 88

O exemplo (5) ilustra uma frase com o V em posição inicial. O S pronominal *oni* 'eles' é acrescido de *todos* na tradução, uma explicitação, que introduz no TC elementos implícitos no TP, o que, neste caso, reforça a posição do sujeito anteriormente referido no texto,

apontando para uma maior coesão textual. O O é composto pelo nome *ideia* e pelo modificador do nome, *do Outro*.

Nos exemplos (4) e (5), acima apresentados, a topicalização do V é motivada por fatores de coesão textual no TP. Já nos exemplos seguintes de (6) a (8), os enunciados apresentam sintagmas preposicionais (SP), com função sintática de modificadores em posição inicial da frase, o que poderá ter motivado em PL a ordem VSO. Para exemplificar o fenómeno foram selecionados três exemplos, em que os modificadores do GV se revestem-se de diferentes valores semânticos: tempo (MT), causa (MC) e modo (MM).

(6)

Pewnego	dnia	przyniół	Luśnia	fatalną	wiadomość, (...)	G: 10
certo	dia	trouxe	Luśnia	fatal/horrível	notícia	
MT		V (perf.3 p. sg)	S (nom.)	O (ac.)		
Um dia, Luśnia trouxe a informação fatal (...)						C&C: 19-20

(7)

Przez	jakąś	fatalną	pomyłkę	przerzucił	dróżnik
por	algum	fatal	engano	virou	guarda-linha
MC				V (perf. 3 p. sg.)	S (nom.)
Por culpa de um erro fatal, o guarda-linha fizera					

→

stawidło	na	zajętą	linię (...)	G: 42
agulha	em	ocupada	linha	
O (ac.)	ML			
agulha (...) para a linha ocupada, (...)				C&C: 66

(8)

Przy	tym	upiornie	pięknym	świetle	ujrzał	Leszczyc	twarze
a	essa	estranhamente	bela	luz	viu	Leszczyc	caras
MM					V (3 p. sg)	S (nom.)	O (ac.)
Através desta luz espectral, Leszczyc viu as caras							

→

towarzyszy	podróży.	G: 87
companheiros	de viagem	
O		
dos companheiros de viagem.		C&C: 130

O exemplo (6) topicaliza o modificador temporal, *pewnego dnia* 'certo dia', sendo seguido da ordem VSO na frase polaca. A tradução para PE é efetuada com a ordem SVO. Em (7) a ordem da frase polaca VSO também surge após a topicalização do modificador de causa *przez jakąś fatalną pomyłkę* 'por um erro fatal', sendo a tradução para PE efetuada pela ordem SVO. Em (8), a topicalização do modificador de modo *Przy tym upiornie pięknym*

świetle ‘à luz daquela estranhamente bela luz’ precede a ordem VSO em PL. A tradução para PE usa a ordem SVO.

Em (6), (7) e (8), verifica-se que as frases do TP com ordem VSO têm como primeiro constituinte modificadores do GV, o que poderá ter motivado a troca de posição entre o sujeito e o verbo em polaco (*inversão*). Atendendo a que os exemplos de (6) a (8) são extraídos dos contos de Grabiński, a topicalização recorrente dos modificadores, seguida da ordem VSO, poderá ser vista como marca estilística do escritor. Por sua vez, os tradutores conservam a topicalização dos modificadores com valor semântico de tempo, causa e modo, acrescentando uma vírgula, conforme preceitua o prontuário ortográfico do PE (cf. Figueiredo e Figueiredo, 2005: 264), mas usam a ordem canónica SVO. Em alguns dos exemplo *supra*, teria sido possível preservar a inversão VS no TC, mantendo a ênfase do TP, por exemplo: *Um dia, trouxe Luśnia a informação fatal...* (ex. 6); *Através desta luz espectral, viu Leszczyc as caras dos companheiros de viagem* (ex. 8). A inversão aqui sugerida é sustentada em narrativas bíblicas, que amiúde apresentam modelos de escrita com a ordem VSO, após a topicalização dos modificadores.¹⁰³ No entanto, não foi essa a opção dos tradutores que preferiram usar a ordem canónica SVO, dando origem à regularidade tradutória que constitui o 1º padrão apurado: VSO (PL) → SVO (PE). Em termos de estratégia de tradução, a referida regularidade tradutória reflete a predominância de uma norma linguística, enunciada como “o português é uma língua SVO” (Mateus *et al.*, 1989: 157).¹⁰⁴ Por conseguinte, o 1º padrão observado VSO (PL) → SVO (PE) aponta para uma estratégia de aceitabilidade ou normalização, porquanto a linguagem da tradução tende a utilizar as características mais comuns da LC, apagando aspetos estilísticos do TP.

Os exemplos seguintes de (9) a (11) exibem a regularidade tradutória que consiste em verter a ordem marcada SOV da frase em PL por meio da ordem canónica SVO para PE, dando origem ao 2º padrão observado no presente estudo.

¹⁰³ Por exemplo: «Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos (...)» (Mt 7, 15); «Naqueles dias, saiu um decreto do imperador Augusto mandando fazer o recenseamento de toda a terra» (Lucas 2, 1).

¹⁰⁴ Compare-se com Eça de Queirós (2000: 247) que, tal como nas traduções de (6) a (8), aplica a topicalização dos modificadores seguida da ordem SVO: «Nesse tempo Jesus ainda não se afastara da Galileia.»; «Uma tarde um homem de olhos ardentes e deslumbrados passou no fresco vale».

2.º padrão: SOV (PL) → SVO (PE)

(9)

Los	nad	moją	kolebką	ciemność	rozwiesił.	JS: 48
destino	sobre	meu	berço	escuridão	estendeu	
S (nom.)	CObl			O (ac.)	V (perf. 3 p. sg.)	
O destino estendeu a escuridão sobre o meu berço.						W: 52

(10)

Kat	płomień	stosu	zażegnał (...)	M: 14
carrasco	chama	de fogueira	ateou	
S (nom.)	O (ac.)		V (perf. 3 p. sg.)	
O carrasco acendeu a fogueira (...)				N&M1: 15

(11)

(...) opinia	(...) właśnie	ministra	obwiniła (...)	K1:9
opinião	precisamente	ministro	culpava	
S (nom.)	MM	O (ac.)	V (imp. 3 p. sg.)	
(...) a opinião pública (...) culpava precisamente o ministro (...)				S&L: 13

Nos exemplos (9), (10) e (11), as frases do TP apresentam a ordem SOV, sendo a sua tradução para PE efetuada através da ordem SVO. Neste processo tradutório, o S mantém a sua posição inicial no TP e no TC, mas o V e o O trocam de posições entre si na passagem do TP para o TC, obtendo-se, em PE, uma oração com a ordem canónica SVO. Em (10), verifica-se a omissão de uma palavra: a expressão *płomień stosu* ‘chama da fogueira’ é traduzida como *fogueira* , o que representa uma compressão ou redução.

Na regularidade tradutória manifesta no 2º padrão – SOV (PL) → SVO (PE) – os tradutores mantêm a posição do S como primeiro constituinte da frase no TC, mas invertem a posição do O e do V, usando assim a ordem canónica do PE. Tal como o padrão anterior, também este indicia a tendência para a estratégia da aceitabilidade ou normalização.

A seguir analisam-se os enunciados de (12) a (14) que, em PL, apresentam a ordem marcada OSV e, na tradução para PE, exibem a ordem canónica SVO.

3.º padrão: OSV (PL) → SVO (PE)

(12)

Myśli	swoje	Mistrz	usiłował	ukryć.	JS: 9
pensamentos	seus	mestre	tentava	esconder	
O (ac.)		S (nom.)	V (imp. 3 p. sg. + inf.)		
O Mestre tentava esconder as suas opiniões.					W: 13

(13)

Ostatnią	rundę	przechadzki	Hajle	Sellasje	odbywa	już	samotnie.	K1: 11
última	volta	de passeio	Hajle	Sellasje	realiza	já	sozinho	
O (ac.)			S		V		MM	
Hajle Selassie acaba o seu passeio sozinho.								S&L: 15

(14)

(...) dymy	wiatr	rozegnał (...)	K1: 71
fumos	vento	dissipou	
O (ac.)	S (nom.)	V (perf. 3 p. sg.)	
(...) o vento dissipou o fumo, (...)			S&L1: 80

Nos exemplos (12), (13) e (14), a ordenação sintática OSV do TP é transformada na tradução em ordem SVO. Em (12), regista-se a ocorrência de um GV, bem como a tradução por sinonímia de *myśli* 'pensamentos' por *opiniões*. Em (13), foi ainda aplicada a técnica de tradução da compressão, que consiste em reduzir o número de palavras, sintetizando os elementos linguísticos.

Tal como nas operações tradutórias anteriores, VSO / SOV (PL) → SVO (PE), a operação tradutória em foco neste passo, OSV (PL) → SVO (PE), surge como mais um fenómeno que obedece à ordem canónica do português e indicia a tendência para o uso da estratégia da aceitabilidade ou normalização em tradução.

No passo seguinte do estudo, apresentam-se as orações cujo padrão de alinhamento obedece à ordem OVS no TP e cuja tradução para PE se realiza com a ordem canónica SVO, constituindo o 4.º padrão apurado no presente estudo – exemplos de (15) a (16).

4.º padrão: OVS (PL) → SVO (PE)

(15)

Bluźniercze	piosenki	układali	dostojnicy	Kościola.	JS: 20
blasfemas	canções	compunham	dignitários	de igreja	
O (ac.)		V (imp. 3 p. pl.)	S (nom.)		
Os dignitários eclesiásticos compunham cantigas blasfemas.					W: 23-24

(16)

Tyrana	obaliła	miłość	Harmodiosa	i	Arystogenesa.	JS: 41
tirano	derrubou	amor	de Harmódio	e	de Aristogíton	
O (ac.)	V (perf. 3 p. sg.)	S (nom. + gen.)				
O amor de Harmódio e Aristogíton derrubou o tirano.						W: 46

(17)

Świadectwa	takich	zdarzeń	przechowują	wszystkie	archiwa, (...)	K4: 66
testemunhos	de tais	acontecimentos	guardam	todos	arquivos	
O (ac.)			V (pres. 3 p. pl.)	S (nom.)		
Todos os arquivos contêm testemunhos deste tipo, (...)						S&L4: 84

Nos exemplos (15), (16) e (17), as frases em PL apresentam a ordem OVS e a tradução para PE é efetuada com a ordem canónica SVO. Em (15), verifica-se o uso da transposição (alteração da classe das palavras): o N *Kościół* 'de Igreja' é traduzido pelo adjetivo *eclesiásticos*. À semelhança dos padrões anteriores, o 4º padrão também aponta para o uso da estratégia da aceitabilidade em tradução.

Por último, apresentam-se os enunciados redigidos com a ordem marcada VOS em PL, traduzidos para a LC também com a ordem canónica SVO, nos exemplos de (18) a (20).

5.º padrão: VOS (PL) → SVO (PE)

(18)

Czytał	nam	ten	wiersz	sam	autor.	JS: 10
lia	nos	este	poema	próprio	autor	
V (imp. 3 p. sg. m.)	OI (dat.)	O (ac.)		S (nom.)		
O próprio autor leu-nos este poema.						W: 14

(19)

Już	przekreślały	podwieczorne	niebo	złociste	krzyże	kościółów.	G: 64
já	riscavam	pré-noturno	céu	douradas	cruzes	de igrejas	
MT	V (imp. 3 p. pl.)	O (ac.)		S (nom.)			
As cruzes douradas das igrejas já marcavam o céu do fim da tarde.							C&C: 98

(20)

(...) witała	pasażerów		stewardesa (...)		K3: 20
cumprimentava	passageiros		hospedeira		
V (imp. 3 p. sg. f.)	O (ac.)		S (nom.)		
A hospedeira (...) cumprimentava os passageiros (...)					S&L3: 19

Nos exemplos (18), (19) e (20), exemplificam-se frases do TP com ordem VOS traduzidas para PE com ordem SVO. Em (18), o V *czytać* 'ler', que aqui seleciona dois complementos, um com função sintática de complemento direto e o outro de complemento indireto, foi traduzido com mudança no aspeto verbal que, em PL, é imperfetivo e, em PE, é perfetivo (pretérito perfeito simples), o que é ditado pelo contexto.

3.3. Problematização: normalização e perdas em tradução

Após a descrição de dois fenómenos tradutórios, esquematicamente codificados como SVO (PL) → SVO (PE) e VSO, SOV, OSV, OVS, VOS (PL) → SVO (PE), propõe-se a apreciação das ocorrências observadas, bem como a sua representação gráfica na Tabela 19.

Tabela 19 - Padrões da ordem dos constituintes da frase observados nos TP e TC

Ordens sintáticas nos TP (PL)	Ordens sintáticas nos TC (PE)
SVO	SVO
VSO	SVO
SOV	
OVS	
OVS	
VOS	

Quanto à tradução da ordem das palavras, a primeira regularidade observada diz respeito ao fenómeno tradutório, SVO (PL) → SVO (PE), que opera com a técnica da tradução literal, a solução tradutória esperada nos contextos expostos, tanto mais que ambas as línguas possuem a ordem SVO como básica e não marcada. A segunda regularidade observada concerne ao fenómeno tradutório, VSO, SOV, OSV, OVS, VOS (PL) → SVO (PE), que reduz os cinco padrões de alinhamento morfossintático da LP ao padrão SVO na LC, ou seja, transforma a diversidade em uniformidade, levantando questões que podem ser explicadas pela noção de repertório e pela lei da normalização, elementos estruturantes do paradigma de Toury (1995/2012).

Na segunda regularidade observada, verifica-se a tendência tradutória para converter os *textemas* existentes nos TP em *repertoremas*, conjuntos de itens codificados característicos da LC (Toury, 1995/2012), que constituem as escolhas linguísticas mais naturais para os tradutores:

In every community, phenomena of various types, linguistic and non-linguistic alike, which have semiotic value for its members, undergo processes of *codification*. Sets of codified items form repertoires, i.e., aggregate governed by systemic relations, which determine the relative availability of items pertaining to such an aggregate for any particular use within the culture. A repertoire may also be accounted for as the range of *choices* which makes cultural functions realizable through real products and practises (see e.g. Even-Zohar 1990: 40-43). Any sign which forms part of a repertoire irrespective of rank and scope, is defined as a *repertoreme* (Toury, 1995/2012: 303-304).

À luz da concepção touryana, os diferentes padrões de alinhamento morfossintático do PL constituem um conjunto de itens codificados, cada um com a sua função semântica, pragmática e estilística, fazendo parte integrante e constituinte do repertório da expressão oral e escrita da língua polaca. Na análise efetuada, a nível da ordem das palavras na frase, o repertório do PL apresenta-se como muito rico, porque oferece aos seus falantes um leque de opções, constituído pelos seis padrões possíveis de alinhamento sintático. Assim, cada um destes padrões representa um repertorema do polaco. O uso em contexto de um repertorema dá origem a um *textema*:

When a repertoreme is retrieved from the repertoire it is part of and put to actual use (i.e., inserted in a particular *utterance* or *text*), it enters into an ad hoc network of relations, peculiar to that act/text. These relations lend the repertoreme unique *textual functions* which render it a **texteme** (Toury, 1995/2012: 304) [Destaques do autor].

Os exemplos *supra* analisados dos fenómenos tradutórios respeitantes a cada uma das ordens sintáticas do PL constituem atualizações do repertório sintático do PL, *i. e.*, de textemas. Quando o textema SVO na LP é traduzido pelo repertorema SVO da LC existe equivalência de padrão sintático no que toca às funções semântica, pragmática e estilística.

Todavia, quando as frases redigidas com as restantes cinco ordens sintáticas da LP são traduzidas unicamente através da ordem SVO na LC, assiste-se a um empobrecimento quantitativo e qualitativo. O fenómeno tradutório é suscetível de ser explicado à luz da lei da normalização que diz haver em tradução tendência para converter os textemas da LP em repertoremas da LC, *i. e.*, que os tradutores tendem a aplicar as opções mais características, oferecidas pelo repertório da LC (Toury, 1995/2012: 303). A desintegração de padrões exibidos pelo TP e a sua substituição por opções mais habituais nos modelos de escrita da CC constituem práticas tradutórias que convergem justamente para a formulação da lei da normalização: «This is one of the many reasons why translations so often manifest greater standardization than their sources (...)» (Toury, 1995/2012: 304).

Por conseguinte, nesta fase da análise, impõe-se equacionar o conceito de normalização com o tópico tradutológico das perdas em tradução. No que toca à ordem das palavras na frase, *grosso modo*, as perdas em tradução podem advir de dois tipos de constrangimentos.

O primeiro, inevitável, prende-se com diferenças sistémicas entre as línguas. Assim, por exemplo, em (16) o enunciado do TP reza *Tyrana obaliła miłość Harmodiosa i Arystogenesa* (com ordem OVS) e na tradução lê-se *O amor de Harmódio e Aristogíton derrubou o tirano* (com ordem SVO). A troca de posições entre o O e o S é ditada pela LC, onde a função sintática é marcada pela posição do sujeito na frase. Se o tradutor tivesse mantido a ordem das palavras do TP, o seu valor de verdade seria alterado, resultando num texto diferente: *O tirano derrubou o amor de Harmódio e Aristogíton*.

O segundo tipo de perdas em tradução remete para opções da responsabilidade do tradutor que, consciente ou inconscientemente, escolhe soluções que, não constituindo equivalentes formais e semânticos, implicam perdas tradutórias. Em relação ao fenómeno descrito no esquema VSO, SOV, OSV, OVS, VOS (PL) → SVO (PE), podem existir vários fatores em jogo, sendo preciso averiguar até que ponto essa redução é imposta pelas diferenças estruturais entre o PL e o PE ou reflete as opções dos tradutores.

O cotejo dos textos apurou ocorrências em que a ordem SVO ocorre na tradução por imposição das diferenças linguísticas entre o PL e o PE, tal como se pode observar nos exemplos: em (11), *opinia właśnie ministra obwiniąta* (K1: 9) / *a opinião pública culpava precisamente o ministro* (S&L 1: 13), a inversão dos constituintes da frase na LC tornaria a frase pouco natural (*a opinião pública precisamente o ministro culpava*); em (10), *Bunt wzniesi słowo poety* (M: 18) / *A palavra do poeta ateará a revolta* (N&M1: 19), a inversão dos constituintes da frase na LC, ainda que originasse uma frase natural em português, alteraria o seu valor de verdade, resultando em *A revolta ateará a palavra do poeta*. Assim, a falta de naturalidade da tradução literal e a sua ambiguidade podem obrigar o tradutor a aplicar a ordem canónica SVO.

Não obstante, foram apuradas ocorrências em que o emprego da ordem SVO foi opção do tradutor e não imposição da LC, conforme demonstrado na secção 3.2. No exemplo (6), *Pewnego dnia przyniósł Luśnia fatalną wiadomość (...)* (G: 20) / *Um dia, Luśnia trouxe a informação fatal (...)* (C&C: 19-20), a tradução podia ter conservado a ordem VSO da LP, tal como se propõe: *Certo dia, trouxe Luśnia a fatal notícia (...)*; no exemplo (8), *Przy tym upiornie pięknym świetle ujrzał Leszczyc twarze towarzyszy podróży* (G: 87) / *Através desta*

luz espectral, Leszczyc viu as caras dos companheiros de viagem (C&C: 130), a tradução podia ter preservado a ordem VSO, conforme se sugere: Através desta luz espectral, viu Leszczyc as caras dos companheiros de viagem.

Se bem que nem todos os contextos frásicos permitam a tradução das ordens marcadas do PL através da inversão ou da topicalização, os fenómenos tradutórios discutidos evidenciam uma regularidade no comportamento dos tradutores, manifesta na tendência para o uso da ordem SVO na tradução direta PL-PE. Tal como reza a lei da normalização, os tradutores tendem a converter textemas em repertoremas, *i. e.*, as ordens marcadas da LP são vertidas pela ordem canónica SVO da LC, o que deixa transparecer práticas e normas tradutórias que favorecem a opção mais natural oferecida pelo repertório do PE.

Os exemplos descritos e a técnica de tradução apurada, que podemos designar como *normalização*, parecem confirmar a primeira expectativa do estudo, a de que os tradutores tendem a traduzir a ordem neutra e marcada dos enunciados dos TP para PE, através do uso da ordem SVO.

A reflexão prossegue com a questão de saber o que se perde na tradução, quando as frases com ordens sintáticas marcadas em PL são traduzidas para PE com a ordem canónica SVO. Ordens distintas estão associadas a diferenças semânticas, pragmáticas e estilísticas. Se o uso dos diferentes padrões de alinhamento morfossintático em PL obedece a fatores de coesão textual, ênfase e/ou estilo, então o que se perde na tradução que emprega a ordem SVO são algumas propriedades ou alguns efeitos da coesão, da ênfase e do estilo, uma vez que o valor semântico das frases, o seu valor de verdade, não se altera. Dito de outra maneira, a tradução normalizadora poderá enfraquecer a coesão textual, diminuir a ênfase colocada em algumas palavras (tópicos e focos) e atenuar (ou apagar) o estilo do autor. Tudo isto se inscreve no âmbito da lei da normalização que enuncia que as traduções tendem a ser estilisticamente mais padronizadas, apagando características da LP e do TP.

4. As ordens marcadas em polaco e as técnicas de tradução alternativas à ordem SVO

No presente subcapítulo, testa-se a hipótese de que as frases com ordens sintáticas marcadas nos TP possam ser traduzidas para PE através de alinhamentos sintáticos diferentes da ordem canónica SVO. Sendo assim, pergunta-se: *Que outras estruturas sintáticas disponibiliza o português aos tradutores para que possam lidar com a diversidade dos padrões de alinhamento do polaco?* À partida, espera-se que os tradutores façam uso da inversão, referida por Cunha e Cintra (1984/2014: 214) e das construções de topicalização, expostas por Mateus *et al.* (1989/2003: 319-321) e Duarte (2013: 401). Prevê-se que a normalização, observada nas traduções sob a forma do uso da ordem canónica SVO, coexista com outros padrões de alinhamento sintático. Se o PE permite construções sintáticas alternativas à ordem canónica, averiguar-se-á se os tradutores fazem, de facto, uso delas. O cotejo dos TP e TC superou largamente a expectativa inicial que apostava unicamente no apuramento de inversões e topicalizações, visto que os tradutores puseram em prática ainda outros recursos da língua portuguesa, tais como: a mudança de voz e de perspectiva e a construção de clivagem.

4.1. Inversão

A inversão, ordem marcada em PE, é estudada sob duas perspectivas complementares, linguística e literária, constituindo matéria do interesse da gramática, da estilística e da retórica. É na literatura que a estilística encontra profícuo objeto de estudo com exemplos diversificados. Nesta ótica, a inversão literária refere-se à troca de posição entre S e V, podendo originar dois padrões de alinhamento – VSO e VOS, conforme abaixo ilustrado:

No geral este termo [inversão] refere-se à troca de posição entre o sujeito e o verbo. (...) "Voavam **folhas amareladas** por entre saudades emurchecidas" (Cari); "Abandonaram os ninhos **as andorinhas** (...) (Cari) (Ribeiro, s. d.) [Destaque do autor].

Gramáticos e retóricos dividem os recursos estilísticos em tropos e figuras (Cunha e Cintra, 2014: 765; Sierotwiński, 1986: 80) com base no seu nível de atuação: os tropos ou figuras de significação operam no nível paradigmático da língua, enquanto as figuras atuam no eixo sintagmático da língua, funcionando como ornatos. A inversão da ordem direta dos constituintes da frase é uma figura do eixo sintagmático e do foro da sintaxe, mas também é um ornato ao serviço da expressividade estilística. Garavelli (1988: 260-261) explica que

a inversão interessa à linguística enquanto modo de distribuição da informação nos enunciados e, à retórica, na qualidade de figura expressiva de estilo. A verdade é que a descrição dos fenómenos da tradução literária não dispensa nenhuma das abordagens, visto que ambas contribuem para a explicação das ocorrências tradutórias.

Partindo da definição de inversão como troca de posição entre o S e o V, o cotejo dos textos revelou que as ordens marcadas nas frases polacas – VOS e OVS – podem ser preservadas na língua portuguesa, dado que se enquadram no âmbito da inversão, técnica disponibilizada pelo sistema linguístico do PE. Observou-se que, em determinados contextos, é possível preservar as ordens VOS e OVS dos TP na tradução direta PL-PE, conforme se ilustra com os exemplos de (21) a (28), distribuídos por dois padrões.

1.º padrão: VOS (PL) → VOS (PE)

Nas frases com ordem marcada, VOS, a troca de posição entre o S e o V é intercalada pelo O. Os enunciados com ordem VOS destacam tanto o verbo (tópico) como o sujeito (foco), o que contribui para o realce do valor semântico e emocional da oração.

(21)

Dlatego	miął	rację	nasz	komendant	policji, (...)	K1: 83
por isso	tinha	razão	nosso	comandante	de polícia	
Conj.	V (imp. 3 p. sg. m.)	O (ac.)	S (nom.)			
Por isso estava cheio de razão o nosso comandante-chefe da polícia (...)						K1: 95

(22)

(...) owijała	szyję	czerwona	jak	krw	chusta, (...)	G: 54
envolvia	pescoço	vermelho	como	sangue	lenço	
V (imp. 3 p. sg. f.)	O (ac.)	S (nom.)	M GN		S (nom.)	
(...) envolvia o pescoço um lenço vermelho como sangue (...)						C&C: 84

Em (21) e (22), a inversão resulta da tradução literal, que preserva ordem VOS, mantendo a ênfase da frase do TP e reforçando a ideia de que a razão estava do lado do comandante. No exemplo (22), a focalização do S coloca a tónica na palavra *lenço*, embora nas duas línguas, devido à diferente posição do adjetivo *vermelho* e da comparação *como sangue*, a equivalência sintática e estilística não seja total. No TP, a atenção do leitor centra-se no elemento deslocado *lenço* e, no TC, no termo da comparação *sangue*.

Os exemplos seguintes, de (23) e (24), têm um denominador comum – a ordem VOS surge na sequência de uma fala, após travessão. A técnica da tradução literal constrói uma inversão que se assume como equivalente sintático e estilístico da frase do TP: VOS → VOS.

(23)

(...) – wszczął	rozmowę	Hindus.	G: 82
encetou	conversa	indiano	
V (perf. 3 p. sg)	O (ac.)	S (nom.)	
(…) - começou a conversa o Indiano.			C&C: 123

(24)

(...) – przerwał	milczenie	Rovelli.	G: 87
interrompeu	silêncio		
V (3 p. sg.)	O (ac.)	S (nom.)	
(…) – interrompeu o silêncio Rovelli.			C&C: 130

O tipo de inversão de palavras na cadeia sintagmática, ilustrada em (23) e (24), é a anástrofe que Garavelli (1988: 261) diz constituir uma herança dos modelos da escrita latina: «La anástrofe (gr. anastrophé, «inversion») (...) forma parte de las reminiscencias de una tradición codificada en todas las lenguas romances y que se remonta a esquemas latinos». Daí que, na escrita literária em PE, quando se delimita uma fala em discurso direto entre travessões, seja costume trocar a posição do sujeito e do verbo (VS).¹⁰⁵

As últimas ocorrências ilustrativas do fenómeno tradutório VOS → VOS exibem objeto pronominal, fator que determina a referida ordem (Velupillai, 2012: 282-284) e, assim, proporciona ou inspira, sem impor, a preservação no TC da ordem sintática do TP, conforme ilustrado em (25) e (26).

(25)

Oślepia	ich	strach	i	nienawiść, (...)	K1: 99
cega	os	medo	e	ódio	
V (pres. 3 p. sg)	O (ac.)	S (nom.)			
Cegam-nos o medo e o ódio; (...)					S&L1: 113

(26)

Przyniosła	go	z	kuchni	Katarzyna Mulatieri, (...)	JS: 49
trouxe	o	de	cozinha	Katarzyna Mulatieri	
V (perf. 3 p. sg.)	O (ac.)	ML	S (nom.)		
Trouxe-mo Catarina Mulattieri, (...)					W: 54

¹⁰⁵ Cf. «Mas que superioridade, prima! – exclamou Adrião maravilhado.»; «- Já viu o moinho? – perguntou-lhe ela» (Queirós, 2000: 56 e 57).

Os exemplos (25) e (26) topicalizam a ação e focalizam o sujeito, o que se mantém na tradução, mas ilustram ainda a importância da ordem das palavras na coesão textual, na medida em que os clíticos se referem a constituintes já mencionados: em (25), o clítico *nos* remete para *os defensores das grades*, uma facção política, descrita previamente por Kapuściński e, em (26), o clítico *mo* aponta para o narrador (note-se o uso do clítico dativo de beneficiário *me* que é uma explicitação do tradutor) e para o *vinagre*, anteriormente mencionado. O exemplo (26) regista a omissão do modificador de lugar *da cozinha*.

2.º padrão: OVS (PL) → OVS (PE)

No passo seguinte da presente secção, descrevem-se ocorrências da ordem OVS nos TP que a tradução para PE preservou. Neste fenómeno tradutório, a inversão inscreve-se no âmbito das construções frásicas estruturadas com a topicalização do complemento direto, um processo sintático de anteposição de constituintes, *i. e.*, da deslocação do objeto para o início da frase, o que conduz à inversão de posições entre o S e o V.

(27)

Taki	sam	nikczemny	cel	miał	potem	Bramante.	JS: 28
tal	mesmo	infame	objetivo	tinha	depois	Bramante	
O (ac.)				V (imp. 3 p. sg)	MT	S (nom.)	
O mesmo objectivo infame tinha mais tarde Bramante.							W: 32

(28)

Sześć	lirów	kosztowała	kupiona	w	aptece	terpentyna.	JS: 30
seis	liras	custou	comprada	em	farmácia	terebentina	
O (ac.)		V (perf. 3 p. sg)	S (nom)				
Sete liras custou uma garrafa de terebentina que comprei numa botica.							W: 34

A ordem OVS com inversão do sujeito e do verbo é possível, em PE, nos exemplos (27) e (28), porque o complemento direto topicalizado é um ser inanimado e, como tal, não causa ambiguidade interpretativa. Porém, quando o S e o O são seres animados, as ordens VOS e OVS podem dar origem a frases com valor semântico diferente (veja-se, p. ex., a frase SVO, *João ama Maria*, que não é equivalente semântica da frase OVS, *Maria ama João*, nem da frase ambígua VOS, *Ama Maria João*).

Os enunciados em (27) e (28) podem ser considerados fenómenos de inversão, mas também podem ser analisados à luz da estrutura tópico (O) / comentário (VS), no âmbito das construções de topicalização sem retoma clítica (Raposo *et al.*, 2013: 417). Nos dois

exemplos, a ordem da frase polaca OVS é preservada na tradução para PE, que mantém nas mesmas posições os tópicos marcados e os comentários. Em (28), o TP apresenta uma frase simples e o TC uma frase complexa por opção do tradutor (a oração relativa restritiva, que funciona como modificadora do sintagma nominal, *que comprei numa botica*); o TC regista um lapso numérico (cf. 7.3. do Capítulo I da IV Parte); a amplificação de *terpentyna* ‘terebentina’ para *garrafa de terebentina* e, por fim, a arcaização da palavra moderna *apteka* ‘farmácia’, vertida como *botica*, de acordo com o vocabulário em vigor no século XVI, tempo em que decorre a ação da novela.

4.1.1. Problematização: inversão de natureza estilística e gramatical

Os fenómenos tradutórios apurados em 4.1. exemplificam a preservação no TC das ordens sintáticas marcadas do TP – VOS e OVS – sob o prisma da inversão. Há, no entanto, que estabelecer distinções nas ocorrências observadas que se enquadram em tipos diferentes. Nos exemplos analisados, ocorrem inversões de natureza estilística e de natureza gramatical (cf. Cunha e Cintra, 1984/2016: 214-215). Se as inversões de natureza estilística constituem opções dos tradutores, quando a tradução dos enunciados do TP também pode ser feita com a ordem SVO, então os exemplos (21) e (22) e os exemplos de (25) a (28) ilustram inversões de natureza estilística. Porém, sabendo que as inversões de natureza gramatical são ditadas por regras linguísticas relativas, por exemplo, à construção de orações interrogativas ou de frases com formas verbais imperativas, considera-se que as traduções citadas nos exemplos (23) e (24) se integram neste último tipo de inversão, uma vez que representam uma norma da escrita literária em PE, a que os tradutores obedecem. Cunha e Cintra (1984/2014) consideram este tipo de inversão uma norma do português que se impõe «nas orações construídas com verbos do tipo *dizer, sugerir, perguntar, responder* e sinónimos que arrematam enunciados em DISCURSO DIRETO ou neles se inserem» (Cunha e Cintra, 1984/2014: 215-217). [Destaques dos autores].

Ainda que haja constrangimentos à tradução direta e literal para PE das frases com ordens marcadas nos textos polacos, os fenómenos tradutórios observados, VOS (PL) → VOS (PE) e OVS (PL) → OVS (PE), indicam que os tradutores, de facto, recorrem à possibilidade disponibilizada pelo sistema do português que permite variações à ordem canónica SVO.

As inversões analisadas na secção 4.1. parecem apontar para uma estratégia de tradução que visa não só alcançar uma aproximação à flexibilidade sintática do PL, mas também preservar as particularidades semânticas, emocionais e estilísticas associadas à inversão e à topicalização. Afinal de contas e tal como sintetiza Głowiński (1988) o espaço por excelência da inversão é a literatura:

A i[nversão] é um recurso estilístico utilizado na linguagem coloquial para evidenciar o valor semântico, emocional ou lógico de certas palavras. Em poesia está ainda ao serviço de efeitos sonoros e da versificação, bem como serve para salientar que a enunciação poética se reveste de um carácter diferente (Głowiński, 1988: 203. T. n.).

Nas ocorrências, em que a tradução para PE preserva a ordem sintática das frases do TP, as orações são sintaticamente equivalentes, embora se possa argumentar que o leitor polaco está mais habituado à ocorrência das ordens VOS e OVS do que o leitor português. Se, para o leitor polaco, as ordens VOS e OVS dos textos literários surgem como naturais, já as mesmas ordens podem, em certos contextos, parecer ao leitor português um recurso estilístico mais rebuscado para enfatizar determinados constituintes frásicos.

4.2. Topicalização

Na presente secção, recorre-se à noção de *topicalização* para descrever os fenómenos tradutórios apurados no decurso do cotejo dos textos. Até agora, para efeitos da análise sintática, foi utilizada a distinção funcional de Silva (2000: 172) entre *topicalização* (deslocação de constituintes para o início da frase) e *focalização* (deslocação de constituintes para o fim da frase); neste passo da investigação, aprofunda-se a noção de *topicalização*¹⁰⁶, no que respeita aos complementos direto e indireto. O fenómeno da topicalização implica que, em vez de a frase se iniciar com o sujeito, é um complemento (direto, indireto ou outros) que surge em primeiro lugar. Este passo do estudo explora a topicalização do O e do OI, em resposta à pergunta relativa a técnicas de tradução direta PL-PE que exibem estruturas frásicas alternativas à ordem SVO.

¹⁰⁶ A Inês Duarte (1989) se devem os primeiros estudos sobre este fenómeno em português, com a tese de doutoramento intitulada *A Construção de Topicalização na Gramática do Português. Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*.

A análise comparativa das obras reunidas no *corpus* revelou a ocorrência de enunciados que não obedecem à ordem SVO e são estruturados com a topicalização do O ou do OI, representando dois padrões de alinhamento morfossintático, que constituem regularidades tradutórias. Estes enunciados são denominados *construções de topicalização* (CT). O fenómeno linguístico foi apresentado na secção 2.2. do presente capítulo e afluído a propósito dos exemplos (27) e (28), nos quais o O surge em primeiro lugar na frase. As frases com ordem OVS são, à luz da Linguística, *construções de topicalização*, enquanto à luz da Retórica, constituem *construções de inversão estilística*, perspectivas que se complementam.

Retomando o exemplo (28) do presente capítulo *Sete liras custou uma garrafa de terebentina* para fins de análise sintática, constata-se que se trata de uma CT, na qual, em posição inicial, se encontra o O e não o S. Nesta frase, *sete liras* é o tópico (considerado *marcado*, porque não coincide com o S) e constitui a informação inicial que se quer destacar; *custou uma garrafa de terebentina* é o comentário, que transporta a informação nova. Se a frase OVS for transformada em SVO, obtém-se *Uma garrafa de terebentina custou sete liras*. Neste último enunciado, o S coincide com o tópico (classificado como *não marcado* porque coincide com o S, enquanto o predicado (V e O) *custou sete liras* coincide com o comentário. As duas frases – SVO: *Uma garrafa de terebentina custou sete liras* e OVS: *Sete liras custou uma garrafa de terebentina* – contêm o mesmo valor de verdade, mas valores estilísticos diferentes, porque a ênfase ora é colocada no S ora no O. É importante constatar que, em PE, a topicalização pode ainda exigir a retoma do tópico marcado por um pronome clítico:

Uma das construções de tópicos marcados característica das línguas românicas envolve a retoma do tópico marcado por um pronome clítico, havendo um nexos gramatical muito forte entre este e aquele. Esta construção denominada, na literatura, **Deslocação à Esquerda Clítica**, está ilustrada em (34):

(34) a. *A mim*, ninguém me contou essa versão da história.

b. *Os gerentes*, trata-os como se fossem míseros contínuos.

(Duarte, 2013: 412) [Destaques da autora].

O exemplo (34.a) ilustra uma CT do complemento indireto, uma vez que a frase começa com OI (*a mim*), prossegue com S (*ninguém*) e retoma o OI sob a forma do clítico dativo (*me*), terminando com O (*essa versão da história*). No exemplo (34.b), observa-se que o

tópico (*os gerentes*) desempenha a função de O, é seguido pelo V (*trata*) com a retoma do O sob a forma do clítico acusativo (*os*). A forma verbal *trata* indica que o sujeito não se encontra expresso na frase (sujeito nulo). O fenómeno da retoma clítica na CT é denominado como *deslocação à esquerda clítica* (DEC).

4.2.1. A topicalização do complemento direto¹⁰⁷

Na presente subsecção, analisam-se as ocorrências que, nos TP, deram origem à CT com DEC do complemento direto, nos TC, o que constitui a primeira regularidade tradutória apurada no âmbito das CT e corresponde ao primeiro padrão, abaixo indicado.

1.º padrão – OV(S) e OSV (PL) → DEC (PE)

Verificou-se que as ordens marcadas do polaco OV(S) e OSV, cujo primeiro constituinte é o O, podem ser traduzidas para PE por meio da CT com DEC do O, conforme se ilustra nos exemplos de (29) a (33). Como em textos literários dificilmente se encontram frases apenas com os constituintes básicos, os exemplos contêm outros complementos e modificadores.

(29)

Pierwszą	niedzielę	na	nowej	placówce	spędził	Wawera
primeiro	domingo	em	novo	posto	passou	Wawera
O (ac.)		ML (Prep. + loc.)			V (perf. 3 p. Sg)	S
O primeiro domingo na casa, Wawera passou-o						
→						
na	modlitwie	i	rozmyślaniach.	G: 4		
em	oração	e	meditações			
					CObl	
rezando e meditando.					C&C: 11	

O exemplo (29) ilustra uma frase com ordem OVS no TP e a respetiva tradução com uso da CT com DEC. Os primeiros constituintes da frase são o O, *o primeiro domingo*, o tópico marcado, e o modificador de lugar *na casa*, enquanto o comentário é *Wawera passou-o rezando e meditando*. O tópico é retomado no comentário através do clítico acusativo, *o*. O complemento oblíquo do TP, *na modlitwie i rozmyślaniach* ‘em oração e meditações’, foi convertido em PE numa oração adverbial gerundiva, *rezando e meditando*.

¹⁰⁷ O tópico abordado na subsecção 4.2.1. foi primeiramente apresentado nas Segundas Jornadas de Linguística Eslava, a 30 de outubro de 2014, com o título *A ordem das palavras na frase: estudo interlinguístico sobre a topicalização do complemento direto na tradução polaco-português* com base na novela Tommaso del Cavaliere de Julian Strykowski (1990) e, posteriormente, publicado por Swiatkiewicz e Batoréo (2015).

(30)

(...) dzieci	śmierć	zabrała.	G: 6
crianças	morte	levou	
O (ac.)	S (nom)	V (perf. 3p. sg. fem.)	
As crianças levou-as a morte.			C&C: 13

(30) ilustra uma construção sintática básica na LP, com ordem OSV, cuja tradução foi executada através da aplicação da CT com DEC. O tópico marcado é o O, *as crianças*, o comentário é o V e o S, *levou-as a morte*, sendo o tópico retomado pelo clítico, *as*.

(31)

Powielane	listy	i	pisma	ulotne	Aretino	rozsyłał	po	całym	kraju.	JS: 32
policopiadas	cartas	e	escritos	volantes	Aretino	distribuía	por	todo	país	
O (ac.)					S (nom.)	V (imp. 3 p. sg. m.)	CObl			
As suas cartas e os seus panfletos, reproduzidos em numerosas cópias, enviava-os para toda a Itália.										W: 36

Em (31), a frase com ordem OSV no TP é convertida numa frase com a construção DEC no TC. O tópico, *as suas cartas e os seus panfletos, reproduzidos em numerosas cópias*, é ampliado com o acréscimo de *em numerosas cópias* e retomado pelo clítico acusativo *os*, no comentário. O CObl, *para toda a Itália*, explicita informação que no TP está apenas implícita: 'por todo o país'. A ordem OSV da frase polaca é parcialmente mantida, uma vez que no TC, ao omitir-se o S, *Aretino*, a ordem passa a ser OV com sujeito nulo, sendo a omissão compensada pela introdução dos adjetivos possessivos *suas* e *seus*.

(32)

Ostatnie	dni	spędził	już	w	pałacu	sam, (...)	K1: 106
últimos	dias	passou	já	em	palácio	sozinho	
O (ac.)		V (3p. sg. masc.)	MT	ML		MM	
Os últimos dias passou-os já no palácio sozinho.							S&L1: 121

O enunciado do exemplo (32) apresenta a ordem OV e sujeito nulo no TP. Foi traduzido para PE com a CT com DEC. Ao tópico marcado, *os últimos dias*, segue-se o comentário que integra o V e a cliticização do O, bem como os modificadores de tempo, lugar e modo.

(33)

Nasze	życie	winniśmy	Bogu.	JS: 82
nossa	vida	devemos	(a) Deus	
O (ac.)		V (1p. pl.)	OI	
A nossa vida devemos-la a Deus.				W: 87

O exemplo em (33) atesta a ordem OV(S)OI no TP assim como a construção DEC na tradução. O tópico é *a nossa vida* e o comentário, *devemo-la a Deus*; o tópico é retomado pelo clítico acusativo *a*. A ordem OV com sujeito nulo e OI é preservada na tradução.

Os exemplos de (29) a (33) ilustram CT com DEC do O em tradução, apresentando os seguintes denominadores comuns: (i) o tópico é retomado por um pronome clítico; (ii) o tópico e o clítico indicam o mesmo referente; (iii) o tópico e o clítico concordam em pessoa, género e número; (iv) o tópico e o clítico desempenham a mesma função sintática (cf. Duarte, 2013: 415).¹⁰⁸ Na Tabela 20, sintetiza-se a estrutura das CT com DEC do O.

Tabela 20 - A ordem dos constituintes básicos nas CT com DEC do O

Ex.	Tópico marcado (complemento direto)	Verbo	Clítico acusativo (e alomorfes)	Sujeito
29	O primeiro domingo	passou-	-o	Wawera
30	As crianças	levou-	-as	a morte
31	As suas cartas e os seus panfletos	enviava-	-os	[S Nulo]
32	Os últimos dias	passou-	-os	[S Nulo]
33	A nossa vida	devemo-	-la	[S Nulo]

Duarte (2013: 404) refere que o estatuto periférico do tópico na construção DEC é assinalado na escrita com uma vírgula; porém, nos exemplos 29, 30, 32 e 33 a vírgula foi dispensada; no exemplo 31, as vírgulas estão ao serviço da oração reduzida de participio.

O fenómeno tradutório descrito na presente subsecção, *i. e.*, a construção de topicalização com DEC do O, comprova que o sistema do PE dispõe de alternativas à ordem canónica SVO e que os tradutores fazem uso delas.

4.2.2. A topicalização do complemento indireto

Na presente subsecção, analisam-se as ocorrências que, nos TP, deram origem à CT com DEC do complemento indireto, nos TC. Verificou-se que as ordens marcadas do polaco OIVOS, OIVS, OIVO, OISVO, cujo primeiro constituinte é o OI, podem ser traduzidas para PE com DEC, o que constitui a segunda regularidade tradutória apurada no âmbito das CT e corresponde ao padrão, abaixo indicado.

¹⁰⁸ Por tal razão, na gramática tradicional, esta estrutura é designada como *objeto direto pleonástico* (Cunha e Cintra, 1984/2014: 188).

2.º padrão - OIVOS, OIVS, OIVO e OISV(O) (PL) → DEC (PE)

O referido fenómeno tradutório é ilustrado nos exemplos de (34) a (38).

(34)

(...) od	niego	ciągna	pieniądze	jego	bracia	i	ojciec, (...).	JS: 31
de	ele	extorquem	dinheiro	seus	irmãos	e	pai	
	OI	V (pres. 3 p. pl)	O (ac.)	S (nom.)				
Ao Mestre, o pai e os irmãos extorquiam-lhe dinheiro (...).								W:35

Em (34), a ordem OIVOS da frase do TP inspira uma CT com DEC do OI, *Ao Mestre*, realizada com a explicitação nominal da personagem que no TP é expressa pelo pronome. No TC, o OI é retomado pelo clítico dativo *lhe* no comentário. A mudança do tempo verbal de presente do indicativo (PL) para o pretérito imperfeito do indicativo (PE), poderá talvez ser explicado pela forma pouco usual do verbo *extorquir* no presente *extorquem* e pela intenção do tradutor de manter a coesão narrativa temporal.

(35)

Markizy	nie	interesowały	dzieła	niedokończone.	JS: 56
a marquesa	não	interessavam	obras	inacabadas	
	OI (gen.)	V (imp. 3 p. pl)	S (nom.)		
À marquesa não lhe interessavam as obras inacabadas.					W: 61

O exemplo (35) atesta a manutenção da ordem sintática polaca OIVS na tradução, dando origem à CT com DEC. O tópico da frase em PE é o OI, *À marquesa*; o comentário, constituído por *não lhe interessavam as obras inacabadas*, retoma o tópico através do clítico dativo *lhe*, cuja posição sintática é regida pelo advérbio de negação.

(36)

Chłopcu	nadano	imię	Michelangelo.	St: 64
a rapaz	atribuiu-se	nome	Miguel Ângelo	
	OI (dat.)	V (impessoal)	O (ac.)	
Ao rapaz deram-lhe o nome de Miguel Ângelo.				W: 70

Em (36), verifica-se uma tradução muito próxima da letra do original no que respeita à ordem das palavras: OIVO. O primeiro constituinte, *Ao rapaz*, é OI e tópico marcado, cuja retoma clítica, *lhe*, integra o comentário, *deram-lhe o nome de Michelangelo*.

(37)

Tobie	Bóg	dał	sławę,	pieniądze.	JS: 80
a ti	Deus	deu	fama	dinheiro	
	OI (dat.)	S (nom.)	V (perf. 3 p. sg.)	O (ac.)	
A ti Deus deu-te a fama, o dinheiro.					W: 86

Em (37), observa-se a ordem OISVO no TP e, na tradução, uma construção sintática estruturada com base na CT com a DEC do complemento indireto com forma pronominal. O tópico, *A ti*, é retomado no comentário com o clítico dativo, *te*.

(38)

(...) <i>mnie</i>	<i>on</i>	<i>ani</i>	<i>ziębi,</i>	<i>ani</i>	<i>grzeje.</i>	(L: 57)
<i>mim</i>	<i>ele</i>	<i>nem</i>	<i>arrefece</i>	<i>nem</i>	<i>aquece</i>	
OI (dat)	S (nom.)	Adv. + V (pres. 3 p. sg)		Adv. + V (pres. 3 p. sg)		
(...) <i>a mim, ele não me aquece nem arrefece.</i>						(R: 51)

O exemplo (38) atesta a tradução da ordem sintática polaca OISV através da CT com DEC. O tópico da frase é o OI com forma pronominal *a mim*, o comentário é *ele não me aquece nem arrefece* e a retoma clítica é *me*.

Na Tabela 21, sintetiza-se a estrutura das CT com DEC do complemento indireto, tal como descrito nos exemplos de (34) a (39).

Tabela 21 - A ordem dos constituintes básicos nas CT com DEC do OI

Ex.	Tópico (complemento indireto)	Sujeito	Verbo	Clítico dativo	Complemento direto
34	Ao Mestre,	o pai e os irmãos	extorquiam-	-lhe	dinheiro
35	À marquesa	as obras inacabadas	não interessavam-	-lhe	-
36	Ao rapaz	[nulo]	deram-	-lhe	o nome de Miguel Ângelo
37	A ti	Deus	deu	-te	a fama, o dinheiro
38	A mim,	ele	não aquece nem arrefece	-me	-

Contrariamente à Tabela 20, cujas colunas correspondem à ordem dos constituintes da frase na tradução, as colunas da Tabela 21, relativas aos exemplos (36) e (39), não permitem seguir a ordem das palavras na frase do TC, porque, neles, o advérbio de negação *não* obriga o argumento pronominal, os clíticos *lhe* e *me*, a posicionarem-se antes do V. Comparando as Tabelas 20 e 21, observa-se ainda outra diferença, designadamente, na DEC do O, o tópico é sempre um sintagma nominal, enquanto na CT com DEC do OI registam-se formas nominais e pronominais, todas elas precedidas da preposição *a*, o que é característica de uma língua analítica. Tal como na CT com DEC do O, o fenómeno tradutório apurado neste ponto da pesquisa, a CT com DEC do OI, demonstra que o sistema do PE dispõe de alternativas à ordem canónica SVO e que os tradutores fazem uso delas.

Em resumo, observou-se uma regularidade tradutória que se manifesta na ocorrência de orações no TP que, exibindo as ordens marcadas – OIVOS, OIVS, OIVO e OISV(O) –, foram vertidas para PE através da construção de topicalização com DEC do complemento indireto.

4.2.3. Problematização: interferência e normalização

As construções de topicalização com DEC dos complementos direto e indireto representam uma regularidade tradutória na tradução direta PL-PE, cuja explicação pode residir na convergência de três fatores.

Em primeiro lugar, o fenómeno tradutório apurado permite avançar com a hipótese de que a sua ocorrência seja fruto da sensibilidade estética dos tradutores que, face às diferentes ordens sintáticas empregues nos TP, pretenderam imprimir nos TC a variação sintática, semântica e estilisticamente marcada, característica dos textos literários polacos. Assim evitaram perdas tradutórias a nível da estrutura sintática das frases, porquanto as CT com DEC do O e OI podem ser consideradas equivalentes semânticos dos padrões de alinhamento morfossintático do PL.

Em segundo lugar, o fenómeno tradutório em apreço é suscetível de ocorrer porque o sistema da língua portuguesa o permite e os tradutores souberam tirar partido dele.

Em terceiro lugar, o fenómeno tradutório da CT com DEC do O e do OI também parece ter sido motivado pela estrutura da frase do TP, cujo primeiro constituinte é o O ou OI. Tal hipótese fundamenta-se na observação de que, por um lado, quando a frase polaca exhibe a ordem neutra SVO não se verificam CT com DEC do O (*cf. secção 3.1.*)¹⁰⁹ e, por outro, de que nem todas as frases polacas com ordens que topicalizam o O ou o OI são traduzidas por meio de CT com DEC do O ou do OI. A primeira situação – ordens polacas que topicalizam o O – foi o objeto de estudo da secção 3.2. do presente capítulo, onde se apurou a tendência para a tradução normalizada que transformava as ordens polacas OSV (3.º padrão) e OVS (4.º padrão) na ordem canónica SVO em PE. Quanto à segunda situação

¹⁰⁹ Como a secção 3.1. não inclui ocorrências ilustrativas da ordem SVOIO, exemplifica-se aqui a regularidade descrita: *Nasz dobrotliwy monarcha rozrzuczał biedocie miedziaki.* (K1: 35) (SVOIO) / *O nosso Benemérito Senhor jogava tostões para a multidão* (S&L1: 41) (SVOIO).

– ordens polacas que topicalizam o OI – apresenta-se a seguir um exemplo (39) que ilustra uma frase com ordem OIVO no TP rendida com ordem (S)VOOI no TC.

(39)

ludzi	pałacu	obdarzał	wielkimi	dobrami.	K1: 35
a pessoas	de palácio	doava	grandes	bens	
OI (dat.)		V (imp. 3p. sg)	O (instr.)		
(...) mas oferecia grandes bens às pessoas do palácio.					S&L1: 41

Constata-se, por conseguinte, que a tendência tradutória para verter as ordens polacas que topicalizam o O e o OI através da ordem canónica SVO(OI) em PE é concomitante com a tendência tradutória para preservar a topicalização do O e do OI no TC por meio de CT com DEC, constituindo ambas regularidades na tradução direta PL-PE.

Se a primeira tendência pode ser explicada pela lei da normalização (*cf.* secção 3.3.), a segunda tendência parece suscetível de ser interpretada como eventual interferência do TP, na medida em que as ocorrências de CT com DEC do O e do OI, apuradas nos TC, correspondem a enunciados que, na LP, topicalizam quer o O quer o OI.

Segundo Toury (1995/2012: 310), a interferência em tradução ocorre quando «(...) phenomena pertaining to the make-up of the source text tend to force themselves on the translators and be transferred to the target text, (...)». No presente caso, o fenómeno do TP que é transferido para o TC é a topicalização do O e do OI, que os tradutores acabam por adaptar às estruturas disponíveis no sistema da LC – as CT com DEC. Apesar de o fenómeno tradutório poder ter origem na interferência do TP, permite preservar as funções da topicalização dos complementos (*cf.* 2.1.), bem como os efeitos estilísticos que as ordens marcadas do polaco pretendem transmitir. Por tal razão, Toury (1995/2012: 311) distingue interferência negativa – «deviations from normal, codified practices of the target system» – de interferência positiva – «an increase in the frequency of features which do exist in the target system and can be used anyway». Por sua vez, Chesterman (1997: 94) também distingue dois tipos de interferência, indesejada (inconsciente) e desejada (consciente). Ao que tudo indica, neste contexto, a interferência da sintaxe polaca na tradução para PE parece constituir uma interferência positiva, consciente e desejada, na medida em que a DEC constitui um recurso característico do PE que contribui para a

preservação na LC das funções semânticas, pragmáticas e estilísticas das ordens marcadas da LP.

Importa realçar, em prol do argumento acerca da interferência do PL na ocorrência da CT com DEC em PE, que a presente investigação incide sobre tradução direta e não indireta, o que se revela da maior importância, dado que se pode lançar a hipótese de que as traduções executadas através de uma língua de mediação (como o inglês) não revelem a presença da DEC, proposta que se procurará fundamentar a seguir.

Saldanha e O'Brien (2013: 66-67) defendem que as conclusões de qualquer investigação em tradução adquirem mais relevância, quando confrontadas com uma norma de comparação relativa, por exemplo: X é mais frequente em A do que em B. Por conseguinte, o fenómeno tradutório apurado, a CT com DEC, apesar de ilustrado com vários exemplos da lavra de diferentes tradutores, assumirá um significado mais pertinente, se comparado com a sua ocorrência (ou não) em traduções indiretas. Adequando os textos de controlo à pergunta de investigação e à hipótese colocada, bem como ao fenómeno tradutório que se pretende comparar, foram selecionadas duas obras vertidas diretamente do PL para o PE por diferentes tradutores, constantes do nosso *corpus* – *Tommaso del Cavaliere* e *Andanças com Heródoto* – e duas obras vertidas indiretamente para PE, também por diferentes tradutores, com mediação do inglês, uma língua que, conforme oportunamente explanado, apresenta uma ordem de palavras fixa ou parcialmente posicional – *Mais um dia de vida. Angola 1975* de Kapuściński (1998) e *Ébano – Febre africana* de Kapuściński (2001), traduzidas respetivamente por Ana Saldanha e Maria Joana Guimarães.

As duas traduções indiretas (polaco→inglês→português) constituem textos paralelos que se afiguram como modo possível de (in)validação da hipótese de que a CT com DEC é um fenómeno tradutório mais frequente nas traduções diretas PL-PE do que nas traduções indiretas para PE, neste caso específico, mediadas pela língua inglesa.

Efetuada a leitura das quatro traduções referidas, apuraram-se os seguintes resultados quantitativos:

- (i) Em *Tommaso del Cavaliere*, foram contabilizadas 9 ocorrências de DEC do O e 8 CT com DEC do OI (um total de 17);

- (ii) Em *Andanças com Heródoto*, foram contabilizadas 1 ocorrência de DEC do O, 2 ocorrências de DEC do OI e 1 ocorrência de DEC do O e do OI, em simultâneo (um total de 4);
- (iii) Em *Mais um dia de vida. Angola 1975*, não se observaram CT com DEC;
- (iv) Em *Ébano – Febre africana*, não se observaram CT com DEC.

A inexistência de construções de DEC nas traduções de PL para PE mediadas pela língua inglesa, face à ocorrência da mesma construção sintática nas traduções diretas PL-PE, permite porventura estabelecer uma correlação entre o fenómeno tradutório da CT com DEC e o modo de tradução. Parece, por conseguinte, existir uma tendência para a ocorrência do fenómeno da CT com DEC nas traduções diretas PL-PE e para a sua ausência nas traduções indiretas de PL para PE mediadas pelo inglês.

Se a regularidade tradutória da CT com DEC é apenas observada na tradução direta PL-PE, afigura-se como possível que o fenómeno tenha origem na estrutura sintática do polaco, motivada por fatores estilísticos. De facto, nas ocorrências observadas, o primeiro constituinte da frase polaca é o complemento direto ou o complemento indireto [OVS, OSV, OV (PL) → DEC (PE); OIVOS, OIVS, OIVO, OISVO (PL) → DEC (PE)], o que poderá estar na origem de um processo tradutório em que, por interferência do polaco, os tradutores topicalizam os complementos, direto e indireto, na frase portuguesa e, seguidamente, adaptam as ordens sintáticas dos TP às construções sintáticas disponibilizadas pelo PE, neste caso, à CT com DEC, procurando manter a ênfase do original.

Pelo contrário, as duas traduções de Kapuściński executadas para PE através do inglês não apresentam CT com DEC. A explicação possível para tal é que, sendo o inglês uma língua mais rígida que o PE quanto à ordem dos constituintes da frase (Raposo *et al.*, 2013: 353), os tradutores presumivelmente converteram as frases com ordens marcadas nos TP de Kapuściński para inglês através da ordem canónica SVO, neutralizando totalmente a ênfase dos TP, o que culminou com a ausência de CT com DEC nas traduções mediadas. Este pressuposto mantém-se em aberto como uma hipótese explicativa possível.

4.3. Modulação

A presente secção foca uma técnica de tradução, que Vinay e Darbelnet (1958/1977: 11) denominaram *modulação*: «Variation obtenue en changeant de point de vue, d'éclairage

et três souvent de catégorie de pensée». A modulação envolve onze tipos de transformações de sintagmas e frases, entre os quais se contam, por exemplo, a *conversão de frases ativas em passivas* e a *mudança de perspectiva*, procedimentos que não constituíam uma expectativa do presente estudo, mas que foram naturalmente apurados durante o cotejo dos textos, aquando da pesquisa de técnicas de tradução a nível da frase. A secção divide-se assim em duas subsecções, uma vez que a *passivação* é uma estratégia sintática, enquanto a *mudança de perspectiva* é uma estratégia semântica (Chesterman, 1997: 87-107).

4.3.1. Mudança de voz

A modulação enquanto conversão tradutória de frases ativas em passivas é possível no par de línguas PL-PT, porque ambas são línguas de tipo nominativo-acusativo, o que adiante se explica:

As línguas que têm o sujeito como função *pivot*, são línguas de **tipo nominativo-acusativo** (uma designação que se inspira no nome das declinações do Latim, língua que marca as funções sintáticas através de diferentes formas das palavras, os chamados casos, e na qual o sujeito tem o caso nominativo e o objeto direto, o caso acusativo). (...) apenas as línguas de tipo nominativo-acusativo permitem pares de frases activa / passiva (...) (Eliseu, 2008: 85) [Destaques do autor].

A categoria da voz é objeto de estudo da sintaxe, sendo assim definida:

Categoria utilizada na descrição gramatical de estruturas frásicas, com referência primária aos verbos, para exprimir o modo como as frases podem alterar a relação entre o sujeito e o objecto de um verbo, sem alterar o significado básico da frase. A distinção principal é feita entre voz activa e voz passiva: ex. "o cão mordeu o gato"/"o gato foi mordido pelo cão". Há algumas diferenças de ênfase ou de estilo entre as frases, que afectarão a escolha do falante, mas o conteúdo factual é o mesmo (EDTL).

Na categoria da voz, as estruturas frásicas ativas e passivas são contrastadas em termos de funções sintáticas. Nas frases ativas o sujeito gramatical é o agente, *i. e.*, é quem pratica a ação; essa ação implica um verbo transitivo, *i. e.*, um verbo que seleciona sujeito e complemento direto. Já na voz passiva, o complemento da relação de predicação da frase ativa apresenta-se como sujeito sintático, sendo ele quem sofre a ação, razão pela qual também é qualificado como tema ou paciente; o V é conjugado de forma composta com o

auxiliar *ser*, *ficar* (nas orações passivas resultativas) e *estar* (nas orações passivas estáticas); o sujeito da oração ativa torna-se o agente da passiva precedido da preposição *por*.

No caso da passagem de uma frase ativa para passiva trata-se de uma mudança estrutural, na qual «o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente» (Cunha e Cintra, 1984/2014: 197).

O fenómeno tradutório em foco, apurado nas traduções do *corpus*, apresenta variação com os verbos auxiliares *ser*, *ficar* e *estar*, bem como orações passivas pronominais. Analisam-se, primeiro, as ocorrências que ilustram a conversão de frases do TP com ordem OVS, OSV e VOS em frases passivas no TC, o que constitui o primeiro padrão aqui abordado, ilustrado nos exemplos de (40) a (47).

1.º padrão: OVS – OSV – VOS (PL) → VOZ PASSIVA (PE)

(40)

Piotrową	opokę	podmywają	fale	herezji	z	Północy.	JS: 81
de Pedro	rocha	minam	ondas	de heresia	de	norte	
O (ac.)		V (pres. 3 p. pl)	S (nom.)				
A rocha de Pedro é minada pelas ondas da heresia que vêm do Norte.							W: 8

(41)

Żonę	wiódł	spanoszy	bogacz, (...)	G: 6
mulher	levou	blasonado	ricaço	
O (ac.)	V (perf. 3 p. sg.m.)	S (nom.)		
A mulher foi seduzida por um ricaço; (...)				C&C: 13

Os exemplos (40) e (41) ilustram a tradução de frases ativas com ordem OVS nos TP através da voz passiva no TC. As frases dos TP poderiam ter sido traduzidas pela ordem canónica SVO; logo, o uso da modulação foi opção dos tradutores. Cientes do valor pragmático e estilístico da topicalização do O, os tradutores mantiveram a sua posição inicial nos TC através do uso voz passiva. Esta observação é válida para todos os exemplos transcritos e expostos na presente subsecção.

Em (40), observa-se ainda que o S do TP, composto por quatro constituintes *fale herezji z Północy* ‘ondas de heresia do Norte’, é transposto para PE por meio de uma oração relativa restritiva por razões estilísticas e prosódicas: *ondas da heresia que vêm do Norte*. E, em (41), transparece a interpretação dos tradutores no que respeita ao V *wiódł* ‘levou’ vertido como *seduziu*.

(42)

Samego	zaś	premiera	studenci	wyzywają,	kamieniami	obrzucają	K1: 92
próprio	por sua vez	primeiro-ministro	estudantes	insultam	com pedras	atiram	
O (ac.)			S (nom.)	V (pres. 3 p. pl)	CObl (instr.)	V (pres. 3 p. pl)	
(...) o próprio Primeiro-Ministro é insultado e apedrejado pelos estudantes.							S&L1: 105

(43)

Problem	Innego (...)	filosofia	spotkania	rozważała (...)	K4:57
problema	de outro	filosofia	de encontro	ponderava	
O (ac.)		S (nom.)		V (imp. 3 p. sg. f.)	
O problema do Outro (...) era examinado pela filosofia do encontro (...)					S&L4: 74

Nos exemplos (42) e (43), as frases com ordem OSV no TP são convertidas em orações passivas no TC. A frase em (43) é complexa por coordenação e apresenta os mesmos S e O. A tradução de (42) regista a omissão do advérbio *zaś* 'por sua vez' e a lexicalização da expressão *obrzucać kamieniami* 'atirar com pedras' no V, *apedrejar*.

(44)

Zastąpił	pana	inny	kolega.	G: 66
substituiu	senhor	outro	colega	
V (perf. 3p. sg. m.)	O (ac.)	S (nom.)		
Vai ser substituído por outro colega.				C&C: 101

(45)

U	wejścia	powitały	gości	niezliczone	roje	much.	G: 75
em	entrada	saudavam	convidados	incontáveis	enxames	de moscas	
ML		V (imp. 3 p. pl.)	O (ac.)	S (nom.)			
Na soleira da porta foram cumprimentados por incontáveis enxames de moscas.							C&C: 113

Os exemplos (44) e (45) mostram frases com ordem VOS nos TP, rendidas pela voz passiva nos TC. Em (44), regista-se a omissão do S, *pan* 'senhor', o que é natural em falas no discurso direto em PE. O tempo e o valor aspetual do V também são alterados: *zastąpił* 'substituiu' (V imperfetivo com valor passado) e *vai ser substituído* (referência temporal futura). Em (45), o O *gości* 'convidados' é omissivo porque se depreende do contexto da frase e não implica perda da coesão discursiva e o modificador de lugar U *wejścia* 'à entrada' é amplificado por *na soleira da porta*.

Constatou-se ainda que os tradutores também vertem frases ativas do PL em frases passivas em PE, empregando ocasionalmente os V *ficar* e *estar*, o que seguidamente se ilustra em (46) e (47).

(46)

Przyjaźń	naszą (...)	wzmocniła	wspólność	zawodu (...)	G: 115
amizade	nossa	fortaleceu	comunhão	de profissão	
O (ac.)		V (perf. 3 p. sg. f.)	S (nom.)		
A nossa amizade (...) ficou fortalecida pelo facto de termos seguido a mesma profissão (...)					C&C: 169

(47)

(...) ich	potężne	sylwetki	oplatają	jakieś	pasy (...),	K3: 171
suas	poderosas	silhuetas	cingem	uns	cintos	
O (ac.)			V (pres. 3p. pl)	S (nom.)		
(...) os seus corpos fortes estão cingidos por cintos (...)						S&L3: 135

Os exemplos (46) e (47), que mostram a ordem OVS em PL, ilustram traduções executadas para PE através de construções passivas com os V *ficar* e *estar*, em contextos em que também teria sido possível usar o V *ser*. Em (46), o uso do V *ficar* reforça a ideia de que a *amizade* é resultado do exercício da mesma profissão; em (47), o uso do V *estar* reforça a ideia de um estado de coisas incomodativo. Por tal razão, *Raposo et. al* (2013: 440) consideram que a construção [FICAR + PARTICÍPIO PASSADO] marca a predicação associada a uma «oração passiva resultativa» e que a construção [ESTAR + PARTICÍPIO PASSADO] denota a predicação associada a uma «oração passiva estática».

2.º padrão: OVS (PL) → PASSIVA PRONOMINAL (PE)

A técnica de tradução da modulação realiza-se com outra variante. Mateus *et al.* (2003: 521-535) distinguem orações *passivas sintáticas* e *pronominais* ou *reflexivas*: as primeiras utilizam o V *ser* como auxiliar seguido do participio passado do verbo principal; as segundas, constroem-se com recurso ao pronome apassivante *se* e representam o segundo padrão de voz passiva observado nos TC, ilustrado com os exemplos de (48) a (50).

(48)

Pałac	zapełniła	kolejna	generacja (...)	K1: 62
palácio	encheu	seguinte	geração	
O (ac.)	V (perf. 3 p. sg. f.)	S (nom.)		
O palácio encheu-se de uma nova geração (...)				S&L1: 71

(49)

Człowieka	społeczeństwa	masowego	cechować	będzie	anonimowość.	K4: 27
homem	de sociedade	de massas	caracterizará		anonimato	
O (ac.)			V (fut. 3 p. sg)	S (nom.)		
O homem da sociedade de massas vai caracterizar-se pelo anonimato.						S&L4: 27

(50)

Tej	czynności	towarzyszy	niepokój	i	napięcie, (...)	K1: 109
essa	atividade	acompanha	inquietação	e	tensão	
O (gen.)		V (pres. 3 p. sg)	S (nom.)			
Este acto passou-se no meio de inquietação e terror (...)						S&L1: 124

Os exemplos de (48) a (50) mostram frases com ordem OVS no TP traduzidas para PE através da construção impessoal com *se* apassivante. A tradução do enunciado (50) implicou ainda a mudança de perspetiva através da conversão ocorrida entre os verbos *towarzyszyć* ‘acompanhar’ e *passar-se*, o que implicou o acréscimo da locução *no meio de*. Tal como nos exemplos anteriores, as orações passivas pronominais também parecem ter sido motivadas pela topicalização do O no TP.

4.3.2. Mudança de perspetiva

A modulação, definida como mudança de ponto de vista, também representa uma alteração a nível de categorias cognitivas e pode concretizar-se na variante de alteração da perspetiva. Em Linguística Cognitiva, é conhecida como *perspetivação* (Batoréo, 2016) e, em ET, o fenómeno é designado como *conversivos* e faz parte das estratégias semânticas: «Converses are pairs of (usually) verbal structures which express the same state of affairs from opposing viewpoints, such as *buy* and *sell*» (Chesterman, 1997: 103). Por sua vez, Baker (1992) denomina esta técnica como mudança de verbo:

This involves changing the verb altogether and replacing it with one that has similar meaning but can be used in a different syntactic configuration. Examples of pairs of verbs that describe an event from different perspectives in English include *give/get* and *like/please*. These often allow reordering the sequence of elements in a clause without significant change of meaning (cf. *I like it* and *It pleases me.*) (Baker, 1992: 169).

Baker (1992) deduz que esta é uma estratégia raramente aplicada porque não encontrou no seu *corpus* de tradução inglês-português exemplos de frases vertidas com mudança de perspetiva. Todavia, no presente estudo comparativo PL-PE foram apuradas algumas ocorrências de mudança de perspetiva, conforme o atestam os exemplos de (51) a (53).

(51)

Ostatnie	sześć	lirów	wziął	rzemieślnik.	JS: 30	
últimas	seis	liras	levou	artesão		
O (ac.)			V (perf. 3 p. sg. m.)	S (nom.)		
As últimas seis liras dei-as a um artesão (...).						W: 34

(52)

Wiadomość	przywiózł	nam	do	Africa Hall (...)	miejscowy	opiekun (...)	K1: 18
notícia	trouxe	nos	para	Africa Hall	local	protetor	
O (ac.)	V (perf. 3 p. sg. m.)	OI (dat.)	ML		S (nom.)		
A notícia chegou-nos ao Africa Hall (...)							S&L1: 22

(53)

Podobnych	wrażení	doznawał	zawsze	na	widok	konduktora.	G: 53
parecidas	sensações	experimentava	sempre	por	vista	de revisor	
O (gen.)		V (imp. 3p. sg. m.)	MT (Adv.)	CObl.			
Um sentimento parecido invadia-o sempre que via um revisor (...)							C&C: 82

Nos exemplos (51), (52) e (53), as frases dos TP apresentam a ordens OVS, OVOIS e OV, que têm como denominador comum a topicalização do complemento direto, fator que terá motivado a mudança de perspectiva, a fim de preservar a posição do O no início da frase e, assim, manter a sua função enfática e estilística no TC.

Em (51), observa-se o par de verbos conversivos que marca a mudança de perspectiva *levar/dar*, numa frase com DEC do O. A alteração dos verbos acarreta mudanças tradutórias na estrutura da frase: o S no enunciado do TP é *rzemieślnik / o artesão* e, no TC, é o narrador que gramaticalmente é realizado como sujeito nulo; no TP, é o artesão que leva o dinheiro ao narrador; no TC, é o narrador que dá o dinheiro ao artesão.

Em (52) não é só um par de verbos que implica a alteração de perspectiva mas um par de expressões: *trazer uma notícia / chegar uma notícia*. A referida alteração origina também a mudança do S nas frases do TP e do TC: na frase polaca, é o protetor local quem traz a notícia; na tradução portuguesa, o S é omissivo porque a tónica é colocada no tópico marcado *a notícia* que relega para o esquecimento quem a trouxe. Tal como no exemplo anterior, a ordem da frase polaca OVOI é preservada.

No exemplo (53), a preservação da ordem OV com sujeito nulo assenta numa mudança de perspectiva: no TP, é o sujeito pessoal nulo – *ele* – quem experimenta *sensações parecidas*; no TC, são *sensações parecidas* que invadem a personagem, referida através do clítico acusativo, *o*. Constata-se também a troca dos papéis sintáticos entre o sujeito e o objeto: o S do TP passa a ser o O do TC e o O do TP transforma-se em S no TC. Assinale-se ainda a

conversão do adjunto adverbial, *na widok konduktora*, em frase subordinada adverbial temporal, *sempre que via um revisor*.

Em suma, a mudança de perspectiva efetua-se com base em pares de palavras ou expressões contrárias que contextualmente expressam relações semânticas semelhantes. Nos exemplos analisados, a mudança de perspectiva parece ter sido motivada, por um lado, pela topicalização do O e, por outro, pelo desejo de preservar o enfoque enfático-estilístico dos constituintes dos TP na tradução, o que também se prende com a coesão do contexto anterior e posterior.

4.3.3. Problematização: interferência e normalização

Em resumo, tendo em consideração o fenómeno tradutório da modulação na tradução direta PL-PE, verifica-se que, contrariamente à CT com DEC, uma estrutura sintática característica do PE, que não consta das listas de técnicas de tradução, a modulação é uma técnica de tradução registada (Vinay e Darbelnet, 1958/1977; Newmark, 1988; Molina e Albir, 2002). Chesterman (1997) integra-a no grupo das estratégias sintáticas e chama-lhe *clause structure change*:

Under this heading I group changes that have to do with the structure of the clause in terms of its constituents phrases. Various subclasses include constituent order (analysed simply as Subject, Verb, Object, Complement Adverbial), active vs. passive voice, finitive vs. non-finitive structure, transitive vs. intransitive (Chesterman, 1997: 96-97).

A modulação na sua variante de apassivação é, portanto, uma técnica de tradução sintática. Se a CT com DEC se restringe a um número reduzido de línguas românicas, a mudança de voz é uma técnica de tradução sintática atestada em pares de línguas do tipo nominativo-acusativo. Jones (2014: 107) problematiza a modulação na medida em que distingue dois modos de uso: a *modulação necessária* e a *opcional*.

Necessary: when diverging structures or usage demand it. Many message modulations involve a switch from the active voice (favoured by French) to passive voice (favoured by English). (...) **Optional:** when modulation is only one way of translation the message (Jones, 2014: 107) [Destaques da autora].

A modulação ditada por constrangimentos ou normas linguísticas não constituiu o objeto da presente secção que se debruçou sobre a ocorrência da mudança de voz como opção

dos tradutores. Antes de mais, importa referir que os enunciados vertidos através da passivação na tradução PL-PE, podiam, do ponto vista sintático, ter sido traduzidos através de frases ativas com ordem SVO, mas teriam perdido valores semânticos e estilísticos. Logo, o uso da modulação por parte dos tradutores surge, por um lado, como opção tradutória, presumivelmente motivada pelo facto de o O anteceder o S, *i. e.*, todos os enunciados terem ordem OS. O destaque dado ao O na sua deslocação para a esquerda do S não terá passado despercebido aos tradutores que, descortinando o seu valor enfático (emocional, pragmático e/ou estilístico), optaram por uma construção sintática que permitisse preservar a tónica nele colocada. A mudança de voz que transforma o O em agente da voz passiva é, por conseguinte, uma das técnicas que permite fazer face a três das ordens alternativas do PL: OVS, OSV e VOS.

Por sua vez, os exemplos de (51) a (53), seleccionados para ilustrar a mudança de perspectiva, também parecem sugerir que esta técnica esteja associada ao facto de o primeiro constituinte da frase do TP ser o O. Aqui, a ordem da frase polaca OV(S) é preservada graças à mudança de perspectiva e à troca das funções sintáticas entre S e O. Nos referidos exemplos, o S do TP torna-se o O no TC, enquanto o O do TP se torna o S no TC. Ora, esta é também uma característica da conversão de frases ativas em passivas.

Em conclusão, pode avançar-se com a hipótese de que a modulação na tradução direta PL-PE constitui uma regularidade que, em parte, parece ser motivada pela topicalização do O no TP (interferência linguística positiva da LP sobre a LC), e, por outro, parece ser uma escolha consciente e deliberada dos tradutores no sentido de preservar os valores semânticos e estilísticos dos TP por intermédio de estruturas sintáticas (mudança de voz) e recursos semânticos (mudança de perspectiva) disponibilizados pelo sistema da LC (normalização).

4.4. Construções de clivagem

A última parte do estudo sobre a tradução da ordem das palavras de PL para PE culmina com uma técnica que, tal como a modulação, não era expectável mas foi naturalmente apurada aquando do cotejo dos textos. Trata-se das construções de clivagem.

Mateus *et al.* (2003: 685-694) descrevem estas construções como clivadas ou de clivagem. Eliseu (2008: 109) denomina as construções de *ser... que* como construções de clivagem, considerando que estas são estruturas próximas das frases relativas. Mateus *et al.* (2003: 697) definem construções de clivagem como: «frases copulativas de tipo identificacional, em que o constituinte posto em destaque, (...) o constituinte clivado, é gerado na posição de predicado da oração pequena subcategorizada pelo verbo copulativo».

As construções de clivagem (CdC) permitem pôr em destaque os seguintes constituintes da frase: sujeito, complementos e modificadores. A título de exemplificação, tome-se a frase *O João conheceu a Maria na escola*, destacando nela quer o sujeito, quer o complemento direto, quer o adjunto adverbial:

- (i) Foi o João que/quem conheceu a Maria na escola. (sujeito)
- (ii) O João foi quem conheceu a Maria na escola. (sujeito)
- (iii) Foi a Maria que/quem o João conheceu na escola. (complemento direto)
- (iv) Foi na escola que o João conheceu a Maria (adjunto adverbial)

Desta forma, os três constituintes da frase podem ser destacados através de um processo de clivagem estruturado com base em *ser... que*. A ocorrência regular de CdC nas traduções de PL-PE abrange sobretudo o sujeito e os modificadores. O constituinte clivado mais frequentemente observado nas traduções do presente estudo foi o sujeito, focalizado nas frases com ordem OVS e OIVOS, dando origem ao padrão abaixo indicado.

Padrão: OVS - OIVOS (PL) → CONSTRUÇÃO DE CLIVAGEM do S (PE)
--

Foram observadas ocorrências de CdC do sujeito na tradução de frases que, no TP, obedecem às ordens OVS e OIVOS, *i. e.*, frases, nas quais se topicalizou um dos complementos, direto ou indireto, para enfatizar e destacar o S por meio da sua focalização, *i. e.*, da deslocação do S para o final da frase, conforme se demonstra nos exemplos de (54) a (57).

(54)

(...) sprawiedliwość	poszukuje	z	reguły	biedota (...)	K1: 12
justiça	procura	por	regra	pobres	
O (ac.)	V (pres. 3 p. sg.)		MM	S (nom.)	
(...) são principalmente os pobres que buscam a justiça (...)					S&L1: 16

(55)

Jego	książkę	zamykają	cztery	sceny: (...)	K3: 253
seu	livro	fecham	quatro	cenar	
O (ac.)		V (pres. 3 p. pl)	S (nom.)		
(...) são quatro as cenar que fecham o livro: (...)					S&L3: 205

Os exemplos (54) e (55) mostram frases com ordem OVS no TP, vertidas para PE através de CdC que destacam o sujeito: no TP, o S encontra-se focalizado, *i. e.*, deslocado para o final da frase, e, nos TC, encontrava-se clivado: *são (...) os pobres que e são quatro as cenar que.*

(56)

(...) tej	awanturze	położył	kres	sam	cudowny	wóz.	G: 100
a este	escândalo	pôs	fim	própria	milagrosa	carruagem	
OI (dat.)		V (perf. 3 p. sg. m.)	O (ac.)	S (nom.)			
(...) foi a própria carruagem que deu cabo deste escândalo.							C&C: 147

(57)

pogańskości	zawdzięczają	istnienie	wspaniałe	rzeźby	męskich	ciał.	JS: 39
a paganismo	devem	existência	magníficas	esculturas	de masculinos	corpos	
OI (dat.)	V (pres. 3 p. sg.)	O (ac.)	S (nom.)				
(...) é ao mundo pagão que tantas esculturas magníficas de corpos masculinos devem a sua existência.							W: 44

Os exemplos (56) e (57) apresentam a ordem OIV(O)S no TP. Em (56), a tradução é efetuada através de uma CdC que coloca a ênfase no S: *foi a própria carruagem que.* Já em (57), o constituinte clivado não é o S, mas o OI, que no TC é amplificado: *pogańskości 'paganismo' / é ao mundo pagão que.*

Nos enunciados acima transcritos verifica-se a seguinte tendência tradutória: as frases da LP que apresentam ordens com a focalização do sujeito podem ser traduzidas por meio de construções de clivagem que, aplicadas ao sujeito, o destacam por topicalização. Dir-se-á que a ênfase atribuída ao S no TP, obtida por focalização, é preservada no TC por topicalização. A alteração sintática observada entre o TP e o TC permite manter o enfoque pragmático e estilístico. O constituinte que mais tende a ser clivado no processo de tradução PL-PE é o sujeito, que, na LP, é o último elemento da oração.

4.4.1. Problematização: equivalência textual

Tal como a CT com DEC, também as CdC não constam das listas de técnicas de tradução consultadas, nem como titulares de verbetes, nem como subcategorias dos mesmos,

embora não sejam exclusivas da língua portuguesa. As CdC existem em outras línguas românicas (Mateus *et al.* 1989/2003: 685) e, muito embora não constem do elenco das técnicas de tradução, isso não significa que não possam ser consideradas como tal. As CdC são um procedimento tradutório regular na tradução direta PL-PE, que destaca, sobretudo, o sujeito das frases do TP com ordem OVS e OIVOS. O facto de as CdC ocorrerem em frases com ordem OVS e OIVOS nos TP leva-nos a lançar a hipótese de que as mesmas possam ser motivadas pela focalização do sujeito nos textos da LP. Contrariamente ao procedimento tradutório que envolve a CT com DEC, no qual a posição topicalizada do objeto no TP é preservada na tradução, a CdC apurada nos TC consiste principalmente em deslocar o sujeito focalizado, que ocupa o fim da frase no TP, para o início da frase no TC.

Sendo assim, as CdC podem ser explicadas no âmbito da estratégia de normalização (aceitabilidade), visto que transformam as ordens OVS e OIVOS do TP na ordem canónica SVO no TC; não obstante, as CdC não acarretam as perdas imputáveis à normalização, porque os constituintes realçados no TP são também destacados no TC, só que através de estruturas sintáticas diferentes. O fenómeno apurado poderá estar na origem de um processo cognitivo em que os tradutores, reconhecendo a função pragmática e enfática da focalização do sujeito no TP, aplicam uma construção de clivagem que permite preservar a ênfase dada ao S, na frase do TC. Por conseguinte, pode sugerir-se que as CdC surgem na tradução para PE como equivalentes funcionais da focalização do S em PL.

As CdC podem ser explicadas pela noção de *equivalência textual* (Baker, 1992: 119). Enkwist (*apud* Baker, 1992: 129) considera que os tradutores devem prestar atenção ao significado e à estrutura sintática dos textos, bem como à sua dinâmica informativa, o que pode implicar a análise das frases com determinadas ferramentas, tais como, por exemplo, temas, remas, elementos marcados e não marcados, tópicos e focos, porque os padrões de alinhamento morfossintático assumem um papel preponderante na organização da mensagem no seio do texto.

Por seu turno, Baker (1992: 120) entende que a ordem das palavras é mais uma estratégia textual do que uma característica gramatical, por causa do seu papel no controlo do fluxo de informação na frase. Sem enveredar pelas teorias do fluxo de informação, chegou-se à

conclusão (cf. secção 2.1.) de que cada uma das ordens marcadas do PL distribui a informação de maneira diferente e topicaliza/focaliza diferentes constituintes. Ao tradutor compete encontrar para essas ordens os equivalentes sintáticos e/ou textuais na LC. As CdC constituem uma dessas construções equivalentes.

Baker (1992: 138) apresenta um exemplo de uma tradução de inglês para português que opera com uma CdC: *It was Sony that gave the world mass produced transistor radios (...)* / *Foi a Sony que deu ao mundo rádios transistorizados produzidos em massa*. A tradução é assim descrita por Baker (1992: 138) «In the Portuguese translation (...) the cleft structure is rendered by a marked (but not highly marked) structure in which the verb is fronted». Esta ocorrência constitui para Baker um exemplo de equivalência textual. Se bem que a semelhança entre as frases inglesa e portuguesa seja mais evidente do que no caso da tradução PL-PE, visto que, em ambos os casos, estamos perante construções de clivagem, é possível considerar as CdC como equivalentes textuais das frases polacas, analisadas de (54) a (57), a nível das funções sintáticas, pragmáticas e estilísticas.

As CdC representam, assim, mais um procedimento tradutório que os tradutores encontraram para fazer face ao problema da tensão interlinguística existente entre a ordem das palavras na frase e as funções semântica, estilística e comunicativa. Por conseguinte, as construções de clivagem também podem ser equacionadas em termos de técnica de tradução sintática.

5. Problematização e notas finais

O objetivo do presente subcapítulo é sintetizar fenómenos tradutórios regulares apurados no cotejo dos textos, bem como apresentar e discutir os resultados da análise efetuada.

A expectativa inicial de que uma maior flexibilidade sintática do PL em relação ao PE pudesse constituir um grave problema tradutório com consequências a nível da perda de valores discursivo-estilísticos, parece ter sido, simultaneamente, comprovada e refutada pela análise comparativa dos textos do *corpus*. Por um lado, observou-se que a tradução das ordens marcadas do PL através da ordem canónica do PE conduz à aceitabilidade e

normalização que implicam perdas tradutórias; por outro lado, constatou-se que o PE dispõe de várias estruturas sintáticas que, em certos contextos e em certa medida, podem equivaler às ordens marcadas da língua polaca.

As construções sintáticas apuradas na tradução PL-PE representam recursos linguísticos, aplicados pelos tradutores para compor o TC de modo a preservar características funcionais, pragmáticas e estilísticas dos TP. Algumas das construções observadas no cotejo dos textos são técnicas de tradução já identificadas e descritas por diversos autores, tais como a *inversão* e a *modulação* (na variante sintática de *mudança de voz* e na variante semântica de *mudança de perspectiva*). Todavia, outras estruturas frásicas tais como as *CT com DEC* e as *CdC*, embora não sejam exclusivas do PE, não constam das listas de técnicas de tradução elencadas pelos autores que foram aqui citados e referenciados. Subsiste, portanto, a questão de saber se estas últimas – as *CT com DEC* e as *CdC* – podem ser consideradas técnicas de tradução. Efetivamente, tanto as *CT com DEC* como as *CdC*, na qualidade de processos/produtos tradutórios, estruturam-se como técnicas na tradução direta PL-PE, dado que obedecem às cinco características enunciadas por Molina e Albir (2002: 509):

- (i) estão patentes no resultado da tradução;
- (ii) são classificadas por comparação com o original;
- (iii) afetam microunidades do texto;
- (iv) são discursivas e contextuais e
- (iv) têm uma função própria.

No que respeita às *CT com DEC*, a aplicação desta técnica de tradução reverte a favor de várias funções. As alterações à ordem canónica SVO devem-se, entre outros, à ênfase (Cunha e Cintra, 1984/2014: 162). Logo, a *CT com DEC* pode ser encarada como uma técnica de tradução de natureza e função estilístico-literária, já que chama a atenção para o complemento direto ou indireto, destacando-o sintaticamente. Por seu lado, Mateus *et al.* (1989) acrescentam o envolvimento de outras funções nas construções frásicas que, tal como as *CT com DEC* e as *CdC*, exibem um tópico marcado:

[E]m geral, um tópico tem a função cognitiva de **seleccionar** e **activar** um elemento existente na memória passiva do alocutário, transferindo-o para uma memória activa em que possa ser combinado com novos elementos cognitivos introduzidos pelo comentário. Esta função cognitiva dos tópicos determina que, habitualmente, os seus referentes

tenham sido apresentados no discurso anterior ou sejam, na situação concreta em que o texto está a ser produzido e interpretado, acessíveis ao locutor e ao alocutário — ou seja, o tópicos são em geral, **co(n)-textualmente dependentes**. (Mateus *et al.*, 1989: 149)
[Destaques das autoras]

As funções que a topicalização desempenha a nível da cognição, da coesão discursiva e do contexto pragmático remetem para os mesmos fatores que, segundo Pisarkowa (1994) e Karolak (1995), determinam as ordens sintáticas marcadas do PL. Assim, o uso das CT com DEC e das CdC, pode ser, em determinados contextos e a nível sintático, uma técnica de tradução equivalente a certos padrões de ordenação da frase polaca, constituindo um meio de preservação do significado das frases marcadas do PL, mitigando perdas semânticas e estilísticas no produto da tradução. No que toca às CdC, estas serão igualmente motivadas por fatores de natureza discursiva. O constituinte clivado, movido para a esquerda, é realçado por meio de um espécie de “escolta bilateral” que lhe é feita à esquerda com o verbo *ser* e à direita com o pronome relativo *que*.

O estudo interlinguístico sobre construções sintáticas em orações na tradução direta PL-PE revelou que, apesar de o PL permitir uma maior liberdade de combinação dos constituintes da frase, o PE dispõe de construções sintáticas, coexistentes com o padrão da ordem canónica, regularmente utilizadas pelos tradutores. O argumento de que o PL é uma língua com uma ordem de palavras mais flexível foi comprovado com exemplos de seis padrões de ordenação (*cf.* Tabela 18). Por sua vez, o argumento de que o PE é uma língua SVO, que, todavia, permite outras ordenações sintáticas, foi igualmente atestado com ocorrências ilustrativas da inversão e da topicalização. Acresce ainda realçar que o PE dispõe de construções sintáticas, como a voz passiva, as CT com DEC e as CdC, bem como recursos semânticos como a mudança de perspetiva para fazer face às cinco ordens marcadas do PL. Em suma, apesar de ser classificada como uma língua SVO e não obstante a preferência dos tradutores pelo seu uso, o PE permite algumas variações à ordem canónica, o que alarga a gama de técnicas de tradução à disposição dos tradutores de PL-PE, possibilitando tanto a aproximação à flexibilidade sintática do PL, como a preservação das particularidades semânticas e estilísticas associadas às suas ordens marcadas.

A Tabela 22, que a seguir se apresenta, sintetiza as técnicas de tradução apuradas, face aos padrões de ordenação dos constituintes da frase em PL e respetivas (re)construções sintáticas em PE.

Tabela 22 - Padrões de ordenação dos constituintes da frase nos TP e respetivas estruturas sintáticas nos TC

Texto de Partida (PL)	Texto de Chegada (PE)
SVO	SVO (NORMALIZAÇÃO)
VSO SOV OSV OVS VOS	SVO (NORMALIZAÇÃO)
VOS OVS	VOS (INVERSÃO) OSV (INVERSÃO)
OVS OSV OV	CONSTRUÇÃO DE TOPICALIZAÇÃO COM DESLOCAÇÃO À ESQUERDA CLÍTICA DO COMPLEMENTO DIRETO
OIVOS OIVS OIVO OISVO	CONSTRUÇÃO DE TOPICALIZAÇÃO COM DESLOCAÇÃO À ESQUERDA CLÍTICA DO COMPLEMENTO INDIRETO
OVS OSV VOS	MUDANÇA DE VOZ: ACTIVA → PASSIVA
OVS OV	MUDANÇA DE PERSPETIVA: (CONVERSIVOS)
OVS OIVOS	CONSTRUÇÕES DE CLIVAGEM DO SUJEITO

Do ponto de vista tradutológico, a sintaxe afigura-se como fonte de recursos expressivos, podendo as *técnicas de tradução* ao seu serviço ser igualmente consideradas *figuras de sintaxe*, atendendo ao seu carácter retórico e estilístico. Se a gramática estipula os princípios que regem as relações das palavras na frase, é a escritores e tradutores que cabe empregar de modo criativo as normas e as variações à norma, disponibilizadas pelas línguas. As técnicas de tradução compiladas na Tabela 22 ocorrem como recursos para consubstanciar a tensão existente entre textemas e repertoremas, visto que as ordens marcadas do PL encontram em PE estruturas sintáticas, que não sendo iguais nem correspondentes, podem tornar-se equivalentes em termos funcionais e estilísticos, tanto mais que o valor de verdade das frases não sofre alteração com o seu uso. O comportamento dos tradutores de literatura PL-PE parece, portanto, enquadrar-se na prática tradutória de busca de equivalentes textuais, preconizada por Toury (1995/2012):

replace source-text textemes with ad hoc combinations of textual relations equivalent to those found in that text, and target-language items capable of fulfilling these functions (Toury, 2012: 310) [Destaque do autor].

A Tabela 23, apresentada a seguir, resume a diversidade de construções, no que toca à tradução da ordem das palavras na frase de PL para PE.

Tabela 23 - Técnicas de tradução observadas a nível da ordem das palavras no *corpus* e respetiva descrição

	Procedimentos tradutórios		Descrição
1.	Normalização		Quando a ordem SVO (PL) é traduzida pela ordem SVO (PE) Quando as ordens VSO, SOV, OSV, OVS e VOS (PL) são traduzidas pela ordem SVO (PE).
2.	Inversão		Quando as ordens VOS e OVS (PL) são traduzidas com a preservação da inversão, mantendo as ordens VOS e OVS (PE).
3.	Construção de Topicalização com Deslocação à Esquerda Clítica do complemento direto/indireto		Quando o complemento direto/indireto, deslocado para a esquerda, é retomado junto do verbo sob a forma de clítico acusativo/dativo.
4.	Modulação	Mudança de voz	Quando a frase ativa (PL) é convertida em frase passiva (PE).
5.		Mudança de perspetiva	Quando o verbo do TP é substituído por outro verbo no TC, continuando a expressar a mesma realidade, mas de um ponto de vista diferente.
6.	Construção de clivagem		Quando um dos constituintes da frase (o sujeito), é destacado com uma construção conjugada do tipo <i>ser... que</i> .

A investigação baseada num *corpus* literário evidenciou a ocorrência de seis padrões de ordenação sintática em PL, os quais deram origem ao uso de seis construções predominantemente sintáticas na tradução.

A nível numérico parece existir equivalência de recursos entre as duas línguas, já que o PE dispõe de quatro estruturas sintáticas (inversão, CT com DEC, CdC e apassivação) e um recurso semântico (conversivos) que, em certos contextos, podem equivaler às cinco ordens marcadas do polaco VSO, SOV, OSV, OVS e VOS.

A Tabela 24, a seguir apresentada, exemplifica as técnicas de tradução acima identificadas e descritas a nível da ordem das palavras na frase.

Tabela 24 - Exemplificação das técnicas de tradução observadas a nível da ordem das palavras no *corpus*

	Procedimentos tradutórios		Exemplos
1.	Normalização		Orion wydaje rozkazy, (...) (K2: 27) Orion dá ordens; (S&L2: 25)
2.	Inversão		Owijęła szyję czerwoną jak krew chusta, (...) (G: 54) Envolvia o pescoço um lenço vermelho como sangue (...) (C&C: 84)
3.	Construção de Topicalização com Deslocação à Esquerda Clítica do objeto		Dzieci śmierć zabrała. (G: 6) As crianças levou-as a morte. (C&C: 13)
			A od niego ciągnę pieniądze jego bracia i ojciec, (...). (JS: 31) Ao Mestre, o pai e os irmãos extorquiam-lhe dinheiro (...). (W:35)
4.	Modulação	Mudança de voz	Żonę wiódł spanoszy bogacz, (...) (G: 6) A mulher foi seduzida por um rico; (...) (C&C: 13)
5.		Mudança de perspectiva	Ostatnie sześć lirów wziął rzemieślnik. (JS: 30) As últimas seis liras dei-as a um artesão (...). (W: 34)
6.	Construção de clivagem		(...) takie mosty budowało tysiące i tysiące ludzi. (K3: 204) (...) foram milhares e milhares de pessoas que construíram as pontes. (S&L3: 164)

Os resultados, constituindo regularidades tradutórias atestadas em diferentes tradutores, remetem o prosseguimento da reflexão para o âmbito dos EDT. De acordo com a linha de problematização, sistematicamente apresentada após o apuramento de cada um dos fenómenos tradutórios, importa agora analisar a tradução como produto final, que evidencia simultaneamente marcas de normalização e de interferência. Na esteira de Toury (1995/2014: 310-315), propõe-se que a interferência da LP, o polaco, sobre a LC, o português europeu, seja considerada uma interferência positiva, na medida em que os tradutores acabam por recorrer a estruturas sintáticas características do PE – a inversão, a CT com DEC e a CdC. Aliás, o próprio Toury ressalva que nem toda a interferência é negativa e que as duas leis, a da normalização e da interferência, se encontram interligadas. No presente caso, dir-se-ia que a interferência linguística do PL na tradução culminou com o uso de construções sintáticas específicas do PE. Daí que talvez seja pertinente ponderar se será possível um tradutor obedecer, simultaneamente, a ambas as leis. Pym (2008) defende tal possibilidade a propósito da análise da tradução de um trocadilho:

(...) the result could be quite standard in the target culture and yet there would still be interference from the source text. In that case, the translator would have acted in accordance with the law of standardization and the law of interference, both at the same time» (Pym, 2008:7).

A explicação de que a interferência pode redundar em normalização, conforme indicam as técnicas de tradução sintáticas apuradas neste estudo, pode ser entendida no âmbito dos

comportamentos que ocorrem durante o ato tradutório e que envolvem seres humanos, os tradutores, que são os verdadeiros obreiros das mudanças e dos fenômenos apurados no produto da tradução, independentemente de o fazerem intuitiva, consciente ou subconscientemente.

As seis construções apuradas nas traduções a nível da ordem das palavras na frase constituem técnicas de tradução regulares e transversais (comuns a vários tradutores). Assim, quando uma técnica de tradução se reveste de grande regularidade no seio da escrita tradutória de um tradutor, coloca-se a questão de saber se essa técnica pode ser vista como marca *tradautoral* ou estratégia. Contudo, quando uma técnica de tradução se reveste de grande regularidade no seio da escrita tradutória de vários tradutores, coloca-se a questão de saber se essa técnica poderá ser uma tendência no par de línguas PL-PE.

Querendo aplicar os pressupostos de Toury (1995/2012 e 1995) em defesa do objetivo último dos ET, que seria estabelecer as leis do comportamento tradutório, podem ser enunciadas algumas regularidades empíricas com base nos resultados obtidos. Para Toury (1995/2012), as investigações descritivo-explicativas podem ser gratificantes porque aproximam os ET do comportamento real dos tradutores e constituem um elo vital na elaboração da própria Teoria da Tradução, que atravessa três fases hierárquicas:

(...) from the most elementary kind of theoretical framework, equipped only to deal with what translation *can*, in principle, involve, through that which translation *does* involve, under varying circumstances, to the statement of what *it is likely* to involve, under a set of conditions or another. The latter represents a more elaborate form of a theory, and one which is bound to become more and more intricate with each subsequent study (Toury, 1995/2012: 300-301) [Destaques do autor].

Chesterman (1997:71) especifica que essas leis seriam regularidades comportamentais observáveis: «Such translation laws are purely descriptive and have the following general form: Under conditions X, translators (tend to) do (or refrain from doing) Y». A fórmula equacionada por Toury (1995/2012: 301), por sua vez, reza assim: «If X, then the greater/the smaller the likelihood that Y». Chesterman particulariza as circunstâncias conducentes à enunciação dessa lei:

Provided that conditions X can be specified, such general descriptive laws of translation behaviour could be set up at many different levels of generality: for all translators

universally at all times, for translators in a given culture at a given time, for translators going from a source to a given target language, for translators of certain text-types, for translators of a given degree of competence, etc. (Chesterman, 1997: 71).

Querendo testar a proposta *supra* (sem a ambição de enunciar normas ou leis), apenas para aferir algumas tendências, manifestas em regularidades empíricas particulares, com base nos resultados obtidos, propõe-se uma fórmula condicional a partir das condições X, que adiante se especificam. Antes, porém, cabe restringir o âmbito das fórmulas condicionais às seguintes circunstâncias: (i) tradução direta PL-PE; (ii) tradução literária; (iii) cultura de chegada: Portugal; (iv) período: 1990-2010. A análise comparativa e interlinguística dos textos do *corpus*, no que respeita à ordem dos constituintes da frase, resultou no apuramento de seis tendências, que podem ser enunciadas do modo seguinte:

- (i) **Se a frase polaca apresenta a ordem SVO, a tradução para português europeu tende a realizar-se com a ordem canónica SVO;**
(A tendência constitui um fenómeno tradutório expectável, atendendo a que SVO é a ordem canónica em PE e a ordem não marcada em PL).
- (ii) **Se a frase polaca apresenta as ordens alternativas VSO, SOV, OSV, OVS e VOS, a tradução para português europeu tende a realizar-se com a ordem canónica SVO;**
(A tendência constitui um fenómeno tradutório explicável à luz da lei da normalização – a conversão de textemas em repertoremas).
- (iii) **Se a frase polaca apresenta as ordens VOS e OVS, a tradução para português europeu pode tender a realizar-se com a preservação da ordem da frase do TP;**
(A tendência constitui um fenómeno tradutório explicável à luz da inversão).
- (iv) **Se a frase polaca apresenta as ordens O(I)VS, O(I)S(V), OIVOS, OIVO e OISVO a tradução para português europeu pode tender a realizar-se com a topicalização do complemento direto ou indireto, originando uma construção sintática denominada construção de topicalização com deslocação à esquerda clítica;**
(A tendência constitui um fenómeno tradutório explicável ao abrigo da lei da interferência em conjugação com a lei da normalização).
- (v) **Se a frase polaca apresenta as ordens OVS, OSV e VOS, a tradução para português europeu pode tender a realizar-se com a modulação (na variante sintática de mudança de voz, apassivação, e na variante semântica de mudança de perspetiva);**
(A tendência constitui um fenómeno tradutório explicável ao abrigo da lei da interferência em conjugação com a lei da normalização).

Com base nos resultados do estudo empírico, foi possível enunciar as tendências tradutórias acima discriminadas sob a forma de condições e explicá-las do ponto de vista dos EDT. No entanto, não é fácil explicar por que razão os tradutores, perante as mesmas

condições – frases polacas com ordem VSO, SOV, OSV, OVS, VOS – umas vezes optam pelas construções com ordem SVO e, outras, optam pelas construções sintáticas alternativas (inversão, CT com DEC, mudança de voz e CdC). Tal, porém, poderá ser o objeto de outro estudo, por exemplo, com enfoque no processo de tradução com recurso a entrevistas com os tradutores. Assim sendo, o estudo permanece na sua configuração probabilística (Toury, 1995/2012: 301), lançando a seguinte hipótese explicativa: atendendo às competências dos tradutores, é admissível conceber que os mesmos souberam atribuir a devida importância ao problema tradutório da ordem das palavras na frase polaca, souberam lidar com ele, encontrando soluções diferentes, em alternância com a ordem básica do português SVO, de maneira a preservar o fluxo da informação, os destaques enfáticos e a coesão discursiva dos TP.

Se bem que a avaliação do trabalho dos tradutores não se inscreva nos princípios dos EDT, importa, neste ponto, valorizar o trabalho efetuado pelos tradutores que souberam conciliar normalização e interferência através de um engenhoso e apropriado doseamento de procedimentos tradutórios. E, embora apreciações prescritivas também não se enquadrem no espírito dos EDT, há ilações de carácter pedagógico e didático a retirar desta exposição, que podem ser proveitosas para os tradutores de literatura polaca.

Se a normalização na tradução de PL para PE das ordens marcadas da LP através do uso da ordem canónica SVO acarreta perdas no TC a nível pragmático e estilístico, o tradutor, agora consciente das construções sintáticas alternativas, existentes no PE, poderá com o devido ajuizamento de cada frase ponderar o uso intercalado das técnicas de tradução mencionadas com a ordem canónica SVO. Um dos objetivos dos EDT, o apuramento de regularidades tradutórias pode, do ponto de vista da formação de tradutores, funcionar como modelo de práticas a levar em conta no processo tradutório. Estudar tradução implica não só obter conhecimentos teóricos e efetuar traduções, corrigi-las e aperfeiçoá-las, mas também aprender com a prática tradutória e o produto final elaborado por outros profissionais da mesma área.

CONCLUSÃO

Na parte final da tese, pretende-se retomar os objetivos inicialmente traçados para a investigação e sua consecução, refletir sobre o contributo do estudo para os Estudos de Tradução, bem como lançar algumas sugestões para futuros trabalhos.

O estudo que se apresentou teve como objetivo investigar normas, estratégias e técnicas na tradução literária direta do polaco para o português europeu, com base no paradigma descritivo-explicativo de Toury (1995/2012), que concilia história externa e interna da tradução, numa perspetiva interdisciplinar. Salienta-se, neste passo final, que a investigação se concentrou num par de línguas, o polaco e o português, qualificadas como periféricas (Cândido, 2013) e pertencentes a famílias de línguas distintas, o que contribui para o alargamento do campo de ação linguística e cultural dos Estudos de Tradução, mormente focados no estudo da tradução entre línguas denominadas como centrais ou na tradução entre línguas centrais e periféricas (Heilbron, 1999 e 2010).

Para a prossecução do objetivo geral acima enunciado foi selecionado um *corpus* constituído por dez traduções diretas em português europeu, efetuadas entre 1990 e 2010, e pelos dez respetivos textos de partida em polaco. Dado que o paradigma descritivo-explicativo parte sobretudo do enfoque no alvo, a constituição do *corpus* adveio, primeiramente, da identificação da literatura traduzida diretamente do polaco para o português europeu (Cândido, 2013) a fim de, logo a seguir, ser criteriosamente circunscrita a um número significativo de obras que permitisse desenvolver um estudo comparativo. O referido *corpus* foi, pela primeira, vez cotejado e analisado comparativa e interlinguisticamente do ponto de vista tradutório. Em relação ao objeto do estudo (a tradução literária direta do polaco para o português europeu) deixam-se em aberto duas linhas de pesquisa, excluídas da presente tese pelos motivos expostos na I Parte, mas que, neste ponto, se retomam a título de proposta de investigação para o futuro: a primeira prende-se com o estudo da tradução das cinco obras de literatura infantojuvenil do polaco para o português europeu, discriminadas na I Parte, que, constituindo um subgénero literário, requerem uma abordagem específica; a segunda linha de pesquisa remete para

um *corpus* constituído pelos sete textos literários e paraliterários traduzidos pela autora da presente tese (*A odisseia de Ladislau* de L. Kielanowski, *Mercedes-Benz* e *A última ceia* de P. Huelle, *Vizinhas* de J. T. Gross, *Pornografia* de W. Gombrowicz, *O pequeno Chopin* de M. Rusinek e *Um passo da arte eterna* de W. Szymborska) que podem ser eventual e igualmente estudados em função do paradigma de investigação de Toury (1995/2012) no sentido de confirmar, refutar e/ou completar as descrições apresentadas e as explicações formuladas ao longo destas páginas.

O estudo, que partiu da identificação de fenómenos tradutórios, envolveu a descrição, a análise e, sempre que possível, a explicação das regularidades mais evidentes, apuradas tanto nas políticas de tradução como nas estratégias e técnicas tradutórias. Para tal, além dos pressupostos teórico-metodológicos dos Estudos Descritivos de Tradução, a pesquisa subsidiou-se num conjunto de contributos de autores de diversas línguas e correntes (Benjamin, 1923/2004, Gasset, 1937/2013, Berman, 1985, Pym, 1991 e 1993, Venuti, 1995, Frota, 2000a, etc.), reconhecidos na área da Tradutologia, sem esquecer alguns dos mais prominentes estudiosos polacos da tradução, cujas propostas teórico-metodológicas não só foram expostas como também aplicadas (Barańczak, 1992 e Hejwowski, 2004).

Apresentados o enquadramento teórico-metodológico e o contexto histórico, bem como a descrição e explicação dos fenómenos tradutórios observados, cabe, nesta última parte, refletir sobre os resultados obtidos. Retomam-se, assim, os objetivos traçados na introdução a fim de ponderar se os mesmos foram alcançados e em que medida o foram. Salienta-se, a propósito, o carácter inovador do estudo, que não só é suscetível de ser replicado, como também aponta para áreas de investigação em aberto, em cada uma das partes.

Na I PARTE, intitulada *Enquadramento teórico-metodológico*, foi apresentada uma breve revisão do pensamento tradutológico, ao longo dos séculos, acompanhada de discussão, que visou fundamentar a escolha das duas unidades de tradução básicas da presente investigação, a palavra e a frase. Por seu turno, a escolha e a discussão do paradigma descritivo-explicativo de Toury (1995/2012) justificaram não só a análise dos textos traduzidos diretamente do polaco para o português europeu (história interna da tradução)

como ainda o estudo do contexto em que surgiram essas mesmas traduções (história externa da tradução).

Ciente da abrangência do referido paradigma e das restrições de tempo, espaço e modo relativos à investigação, insistiu-se na prossecução dos objetivos propostos pelo referido paradigma, repartidos pelo estudo de três tipos de normas, uma vez que a exclusão de qualquer uma delas acarretaria perdas significativas na transmissão da imagem e do conhecimento da literatura polaca traduzida diretamente do polaco para o português europeu, em Portugal, no período compreendido entre 1990 e 2010. Assim foram traçados os três principais objetivos do estudo, designadamente: (i) reconstruir as normas preliminares que ditam as políticas de tradução e justificar a opção pela tradução direta; (ii) aferir as normas iniciais (estratégias) escolhidas pelos tradutores a nível macrotextual e (iii) apurar normas operacionais (técnicas) a partir de regularidades tradutórias transversais observadas a nível microtextual. Adicionou-se ainda à investigação outro objetivo, à margem do paradigma de Toury (1995/2012), mas a modos da sua complementação, a saber: (iv) aferir marcas distintivas dos tradutores na escrita tradutória. Este último objetivo, não previsto no paradigma, concebido por Toury (1995/2012), visou valorizar a pessoa do tradutor enquanto agente cultural e *tradautor* (Lopes, 2010).

Apesar da amplitude dos objetivos, considerou-se importante realizar as etapas do paradigma de investigação de Toury (1995/2012) por forma a transmitir um conhecimento que, por mais incompleto, pudesse alcançar alguma abrangência linguística, tradutória, literária e cultural. O enfoque da tradução na cultura de chegada, proposto por Toury (1995/2012), não impediu que o nosso estudo se baseasse num minucioso cotejamento dos textos de partida e de chegada, remetendo amiúde para a cultura de partida. Por seu turno, sendo o paradigma descritivo de Toury (1995/2012) omissivo em diretrizes específicas para levar a cabo a investigação dos vários tipos de normas, tal foi compensado com propostas de investigação da nossa parte, que se traduziram na elaboração e aplicação de um questionário (II Parte) e de um modelo de análise quantitativa (III Parte). Os dois instrumentos de pesquisa visaram tornar o estudo mais objetivo e facilitar a análise e interpretação dos dados recolhidos. Assim, o questionário permitiu objetivar o estudo das normas preliminares, enquanto o modelo quantitativo possibilitou averiguar mais

fundamentadamente as normas iniciais. Tanto o questionário como o modelo, propostos e aplicados na presente tese, são não só suscetíveis de serem replicados como aperfeiçoados em estudos futuros que ambicionem averiguar normas preliminares e iniciais em tradução.

Outras lacunas detetadas no paradigma descritivo-explicativo foram superadas, por um lado, com recurso a diferentes áreas do saber, que colaboram interdisciplinarmente com os Estudos Descritivos de Tradução, tais como a Linguística Descritiva, a Linguística Cognitiva e a Teoria da Literatura, e, por outro, com recurso a diversas propostas teórico-metodológicas de outros paradigmas de investigação em tradução (Ortega y Gasset, 1937/2013; Berman, 1985/1999; Frota, 2006, etc.).

Ainda na I Parte, atendendo à proliferação terminológica, foi feito um esforço para aferir os significados e as aceções dos termos e expressões mais frequentemente empregues no discurso tradutológico, a fim de clarificar o seu uso na presente tese, o que inspirou o glossário apenso à presente investigação. Espera-se, assim, ter contribuído para a precisão da linguagem científica em língua portuguesa no que respeita a uma parte considerável da terminologia da área da tradução.

A II Parte intitulada, *Normas preliminares na tradução literária direta do polaco para o português europeu (1990-2010)*, foi dedicada à prossecução do objetivo de reconstruir as normas que ditam as políticas de tradução e de justificar a opção dos editores pela tradução direta. No decurso desta fase da pesquisa, verificou-se ser necessário elaborar um pequeno *corpus* de entrevistas e de respostas aos questionários aplicados a fim de facilitar a sua referência no estudo. Em resultado da pesquisa efetuada, foram confirmadas algumas expectativas iniciais, bem como os argumentos expostos na tese de Cândido (2013) no que toca aos pontos de viragem nas relações culturais luso-polacas decorrentes da Revolução do 25 de Abril de 1974 e da Queda do Comunismo em 1989, que contribuíram para o aumento da opção pela tradução direta polaco-português europeu. De igual modo, confirmou-se a hipótese lançada na tese de Cândido (2013) no que respeita à importância, nas políticas de tradução, do prestígio internacional dos autores polacos traduzidos em Portugal. Por outro lado, na presente tese destaca-se, pela primeira vez, o enorme papel e contributo dos leitorados de português na Polónia (*cf.* Gomes, M. J. Charchalis, Swiatkiewicz) e de polaco em Portugal (Milewska e Neves), na formação de pessoas com

conhecimentos linguísticos que os habilitam a exercer tradução literária. A par do papel dos leitorados, destacou-se também a importância para a tradução em Portugal das licenciaturas e dos mestrados com especializações em Estudos Portugueses, ministrados na Polónia (cf. Milewska, W. Charchalis, Szymaniak e Rodrigues). De igual modo, pela primeira vez é expressamente identificado e comprovado o papel ativo dos tradutores na qualidade de agentes mediadores e propulsionadores das decisões editoriais em prol da tradução de literatura polaca, em Portugal. Por fim, o estudo parece confirmar, a partir de resultados quantitativos, a proposta de Cândido (2013) sobre o estatuto periférico, no âmbito dos Estudos de Tradução, da literatura polaca traduzida em Portugal.

Atendendo à restrição imposta ao *corpus*, o estudo das normas preliminares cingiu-se à tradução literária direta polaco-português europeu, no período compreendido entre 1990-2010 e, como tal, deixa espaço em aberto para futuras investigações que desejem retomar o questionário por nós elaborado e aplicado (cf. II Parte – 2). Tal trabalho poderia alargar o leque das regularidades aqui apuradas nas políticas de tradução, se baseado num *corpus* constituído pelas supramencionadas traduções de literatura infantojuvenil e pelas obras traduzidas por intermédio de uma língua de mediação (Cândido, 2013: CIX- CXXXIX) em igual intervalo temporal. Neste último caso, as traduções indiretas oferecem ainda uma linha de investigação orientada para os diferentes motivos de índole financeira, contratual, tradutória, profissional, pessoal, etc., que levaram os editores a escolher como línguas de mediação na tradução do polaco para o português europeu o inglês, francês, alemão, espanhol ou russo.

Ainda no âmbito das políticas de tradução integradas no contexto da Teoria do Polissistema (Even-Zohar, 1990), o postulado de que a literatura traduzida tende a ocupar uma posição inferior na cultura de chegada em relação à posição ocupada pelo texto original na cultura de partida pode ser explorado a partir de dois dos autores polacos mais traduzidos, de acordo com o INDEX *Translationum*, ou seja: Czesław Miłosz (3.º lugar) e Witold Gombrowicz (4.º lugar), porquanto ambos representam casos excepcionais. Devido a condições históricas, geopolíticas e ideológicas, as traduções destes dois escritores polacos alcançaram a seu tempo, na Europa, uma posição mais central do que na Polónia, um

fenómeno tradutório, literário, sociológico e político, merecedor de um estudo interdisciplinar no âmbito da Teoria do Polissistema.

Outro tópico digno de estudo mais alargado diz respeito ao papel dos leitorados de língua e cultura portuguesa patrocinados pelo Instituto de Cultura Portuguesa (1976-1980)/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (1980-1992)/Instituto Camões (1992-2012), que proporcionam aos leitores portugueses a possibilidade de aprenderem línguas consideradas periféricas com proveito para a tradução direta. Os resultados apurados na presente investigação permitem lançar a hipótese de que existem outros leitores portugueses que, tendo vivido e estudado a língua dos países onde lecionaram a sua língua materna, tenham também enveredado pela tradução direta como atividade paralela ao desempenho das suas funções docentes.

Outra linha de investigação, que surgiu no seguimento da troca de informações com os tradutores entrevistados, enquadra-se no seio das chamadas *políticas de não-tradução* (Duarte, 2000), na sua vertente de obras literárias polacas programadas para publicação que não chegaram a sair do prelo. Para além do romance *Austeria* de Julian Strykowski, anteriormente mencionado a propósito da política de tradução da editora Livros Cotovia, há a registar as seguintes obras traduzidas e não publicadas: *Chrystus z karabinem na ramieniu* [Cristo de carabina ao ombro] de Ryszard Kapuściński, vertido pelo par Szymaniak e Leão para a editora Santillana e *Raport z obleżonego miasta* [Relatório da cidade sitiada] de Zbigniew Herbert, traduzido por Charchalis e Charchalis. Se a estas traduções não publicadas, acrescentarmos as da autora do presente estudo, *Rozmowy z katem* [Conversas com um carrasco] de Kazimierz Moczarski e *Cała radość życia* [Toda a alegria de viver] de Franceska Michalska, efetuadas para a editora Pedra da Lua, existe matéria para um estudo de caso acerca da tradução e respetiva não-publicação no âmbito da literatura polaca, em Portugal.

Recapitulando, o estudo apresentado na II Parte permitiu trazer a público a importância dos canais de comunicação (feiras, agências literárias, catálogos e as pessoas dos próprios tradutores) nas decisões editoriais conducentes à tradução de literatura polaca em Portugal. Permitiu ainda compreender a influência do prestígio internacional dos autores polacos nas escolhas das obras a traduzir da autoria de Szymborska, Miłosz e Kapuściński,

a par de casos menos expectáveis e, por isso, eventualmente mais interessantes e originais, como os de Strykowski e de Grabiński, que constituíram apostas (respetivamente de um tradutor e de um editor), à margem dos circuitos internacionais de promoção de literatura polaca, que oportunamente cativaram a editora Sextante a publicar *O Diário de Rutka*.

A pesquisa levada a cabo na II Parte viabilizou ainda a constatação de alguns factos. Primeiro, a tradução de prosa é superior à de poesia, mas as obras poéticas são editadas em versões bilingues, o que pode ser interpretado como voto de confiança atribuído aos tradutores e aposta na qualidade da tradução. Segundo, a tradução é maioritariamente executada sem recurso a subsídios. Terceiro, as editoras não assumem políticas de tradução que privilegiem a literatura polaca, mas valorizam cada vez mais a tradução direta. Quarto, os tradutores de polaco-português europeu exerceram a tradução como atividade secundária e paralela à sua profissão principal, a docência em 78% dos casos, conforme verificado no caso dos tradutores Wódkowski, Gomes, M. J. Charchalis, W. Charchalis, Milewska, Szymaniak e Leão, havendo ainda a registar que cinco dos referidos docentes são doutorados (Wódkowski, W. Charchalis, Milewska, Szymaniak e Leão).

A III Parte, intitulada *Normas iniciais (estratégias) na tradução literária direta do polaco para o português europeu (1990-2010)* é dedicada à prossecução do segundo objetivo de averiguar as normas iniciais, *i. e.* as estratégias escolhidas pelos tradutores a nível macrotextual. Nela propõe-se e aplica-se um modelo de análise quantitativa com vista a objetivar a descrição e a explicação dos fenómenos tradutórios. Apurou-se que as estratégias da adequação e da aceitabilidade constituem regularidades tradutórias a nível macrotextual que apresentam diferentes graus de equivalência em relação ao texto de partida e que, por tal razão, as normas iniciais representam tendências que não obrigam o tradutor à fidelidade absoluta à estratégia básica previamente escolhida, permitindo o recurso à estratégia alternativa.

Todavia, mais original e inovador do que o estudo das normas iniciais, forçosamente balizadas e previsíveis entre duas opções (adequação e aceitabilidade), o cotejo dos textos de partida e de chegada evidenciou um número significativo de regularidades tradutórias características de determinados tradutores, suscetíveis de serem equacionadas à luz da noção de *idiosincrasia* e de marca *tradautoral*. Fatores biográficos e académicos dos

tradutores, bem como fatores extratextuais, tais como o contexto concreto de tradução, concorreram para a explicação das regularidades idiossincráticas, conducentes à hipótese de que existem regularidades que não são necessariamente manifestações da existência de normas de tradução externas.

Se as normas são intersubjetivas (Toury; 1995/2012: 65) e não são pessoais, então as regularidades delas decorrentes são transversais e comuns aos diversos tradutores. Por esta ordem de ideias, as regularidades observadas apenas na escrita tradutória de determinados tradutores, não derivando de normas externas e intersubjetivas, provêm de idiossincrasias, que constituem procedimentos internos e subjetivos, materializados na sequência de hábitos de fala, de leitura e de escrita individuais, bem como de impulsos criativos, que emergem no ato tradutório. Se as normas, intersubjetivas, são previsíveis e passíveis de serem explicadas à luz de leis e universais da tradução, tais como normalização, interferência, explicitação, simplificação, etc. (Chesterman, 2006: 13-19), então as idiossincrasias de cada tradutor, sendo subjetivas, serão imprevisíveis, podendo a sua explicação não residir somente em leis e universais. As escritas tradutórias em apreço na presente tese revelaram idiossincrasias dos tradutores, possivelmente com origem em fatores subjetivos, passíveis de serem explicados à luz de razões circunstanciais. Constituem exemplos de tais idiossincrasias (i) a omissão na escrita tradutória do par Szymaniak e Leão, uma regularidade, em parte, compreensível, atendendo ao facto de Leão não conhecer a língua polaca, (ii) a nobilitação da tradução por parte de Wódkowski, que pode ser explicada pelo seu conhecimento de um português livresco, e (iii) o facilitismo pontual que Charchalis e Charchalis emprestaram à sua tradução, que pode ser justificado com a tendência para o menor esforço.

Outras regularidades apuradas no âmbito das marcas *tradutorais* também não constituem evidência suficiente da existência de normas no sentido causal que os Estudos Descritivos de Tradução atribuem, porquanto essas regularidades tradutórias idiossincráticas não derivam de normas, mas de deficiências na compreensão dos textos de partida e de lacunas na competência tradutória. Constituem exemplos de tais regularidades os erros de Gomes, que parecem indicar alguma falta de conhecimento da língua de partida, e a incapacidade de Rodrigues em alcançar o efeito de equivalência estilística, o que parece indiciar

dificuldades na expressão escrita na língua de chegada. As referidas regularidades idiossincráticas, erros, lapsos e equívocos, falhas, carências e insuficiências parecem, por conseguinte, não derivar de normas de tradução.

Do exposto em cima se infere que nem todos os comportamentos tradutórios, nem todas as decisões tomadas pelos tradutores são determinados por normas. De igual modo, se algumas regularidades tradutórias idiossincráticas resultam de decisões tomadas conscientemente pelos tradutores, tais como, p. ex., o enobrecimento, a idiomatização ou a omissão, outras parecem ser fruto de atos inconscientes, já que se assume que os tradutores não cometem erros conscientemente, nem evidenciam deliberadamente lacunas na competência tradutória. Face ao pressuposto de que os erros não derivam de normas, pode aventar-se que nem todo o comportamento tradutório seja regido por normas. As razões subjacentes aos comportamentos dos tradutores, manifestos em regularidades tradutórias, parecem pois residir não só em normas tradutórias, gerais e intersubjetivas, como também em idiossincrasias, individuais e subjetivas, sendo este último um campo de estudo que abre novas e vastas perspectivas ao Estudos Descritivos de Tradução.

Efetivamente, os Estudos Descritivos de Tradução não podem cingir-se ao estudo de normas conforme Toury preconiza e pratica, porque nem todas as regularidades tradutórias derivam de normas e são passíveis de serem explicadas ao abrigo de leis e universais da tradução, podendo, neste caso, as hipóteses explicativas provir de argumentos extratextuais e/ou subjetivos.

A problemática acima exposta, sendo mais ampla do que a mera discussão entre normas e idiossincrasias, abre porventura caminho para novas linhas de investigação no âmbito da problematização da relação entre, por um lado, normas e idiossincrasias e, por outro, regularidades e tendências tradutórias. Este seria, então, um tópico adequado para a reflexão no âmbito do ramo dos Estudos Teóricos de Tradução.

Ainda na III Parte, o estudo das normas iniciais, ao subdividir-se na análise de textos poéticos e de textos em prosa, trouxe à superfície um conjunto de questões específicas a cada um dos géneros abordados. No caso da tradução de poesia, tanto a problemática da

dominante semântica (Barańczak, 1992) bem como a questão da *tradução polémica* (Toury, 1995/2012) constituíram linhas de análise pertinentes e proveitosas; já na tradução de prosa, o *efeito de equivalência estilística* (Nida, 1969/2003) revelou-se igualmente um útil instrumento de análise. Não obstante as particularidades tradutórias de poesia e prosa, foi possível encontrar denominadores comuns aos tradutores que permitiram propor tanto a sua caracterização por grupos como a sua filiação em concepções de tradução, sustentadas por práticas correntes e recorrentes, identificadas por vários autores, que vão de Scheiermacher (1813/2003) a Pym (2010/2013).

Por último, na III Parte, abre-se ainda espaço para relacionar a noção de marca *tradautoral*, com a noção de *assinatura* de Derrida (1972: 365-393) e a chamada “instituição do tradutor” de Kamuff (1991). Estas reflexões, porém, ultrapassam o âmbito dos Estudos Descritivos de Tradução e, revestindo-se também de cariz filosófico, sociológico e psicológico, podem ser relevantes em estudos de *corpora* de tradução literária, onde o tradutor (por vezes, um poeta ou um escritor) pode ambicionar ao estatuto de *tradautor*.

Na IV Parte, intitulada *Normas operacionais (técnicas) na tradução literária direta do polaco para o português europeu (1990-2010)*, o objetivo era apurar normas operacionais (técnicas) a partir de problemas tradutórios identificados nos textos de partida e de regularidades tradutórias transversais observadas nos textos de chegada a nível da palavra e da frase. Foi nesta parte que o estudo dos textos mais evidenciou a sua vertente comparativa e interlinguística, bem como a dificuldade de manter o discurso tradutológico entre as fronteiras da descrição pura, afirmando tão-só *o que são e como se apresentam* as traduções, em termos empíricos, sem fazer incursões no terreno do discurso normativo-prescritivo e teorizações da competência dos filósofos da tradução. Apesar da demarcação discursiva estabelecida por Toury (1995/2012), considera-se que a permeabilidade das fronteiras discursivas em tradução trouxe benefícios à investigação porque permitiu alargar o contexto dos fenómenos tradutórios à teoria e ao comentário bem como à transmissão de traduções paralelas e de soluções tradutórias alternativas às apresentadas pelos tradutores.

Se bem que os Estudos Descritivos de Tradução não tenham propósitos didático-pedagógicos, a IV Parte da tese oferece aos tradutores de polaco-português europeu a

possibilidade indireta de poderem tomar consciência de diferentes práticas tradutórias e de aprender com os exemplos analisados que são ilustrativos dos mais diversos fenómenos tradutórios. Com cerca de 260 exemplos apresentados em tabelas, a tese afigura-se como repositório ilustrativo de diversas técnicas de tradução, que vão alfabeticamente da amplificação à transposição. Todavia, a deteção de lacunas nas listas de técnicas de tradução, elaboradas pelos teóricos que orientaram a investigação, deu origem a propostas de alargamento das mesmas, designadamente, à introdução da técnica da *idiomatização* no seio das técnicas semântico-lexicais, bem como das técnicas da *deslocação à esquerda clítica* e da *construção de clivagem* no âmbito das técnicas sintáticas. Em relação a estas últimas, deixa-se em aberto um campo a explorar no futuro, que vise averiguar até que ponto a construção de topicalização com deslocação à esquerda clítica e a construção de clivagem constituem técnicas características da tradução direta polaco-português europeu ou se, também, são técnicas sintáticas aplicadas na tradução para português (i) a partir de outras línguas eslavas, cuja ordem de constituintes da frase se apresenta igualmente como livre ou flexível, e (ii) a partir de outras línguas, cujo padrão de ordenação básico é SVO.

De um modo geral, o apuramento das tendências predominantes na tradução literária polaco-português europeu, enquadra-se no ramo dos Estudos Descritivos de Tradução; não obstante, as tendências observadas podem também constituir uma base de dados de grande utilidade nos Estudos de Tradução Aplicados, porquanto as descrições dos fenómenos tradutórios são passíveis de serem aproveitadas com propósitos pedagógico-didáticos, intenções crítico-avaliativas e cariz normativo.

Da heterogeneidade dos tópicos tradutórios abordados ressalta à vista que a tradução é um mundo inesgotável e que os temas selecionados constituem uma pequena seleção das potencialidades que os textos de partida e de chegada oferecem ao investigador. Entre os tópicos aqui abordados encontram-se assuntos já estudados, como a tradução por correspondência (tradução direta) e por equivalência (tradução oblíqua), a tradução de unidades fraseológicas e de provérbios ou os lapsos de tradução; mas também são explorados assuntos menos discutidos como a intertextualidade tradutória sob a forma de expressões decalcadas do cânone literário da cultura de chegada ou a tradução de provérbios com a técnica da tradução da letra.

A vasta extensão dos tópicos de natureza lexical e sintática, analisada no estudo, resultou na exploração de um número reduzido de fenómenos tradutórios. Fazemos nossas as palavras de Wisława Szymborska (WS1: 144) que, no poema *Wielka liczba* [Um grande número], reconhece as limitações humanas que nos impedem de abarcar todos os mundos e nos obrigam a selecionar, excluindo, o que implica «perdas incontáveis»:

É rejeitando que escolho, não há outra maneira,
mas é mais numeroso o que rejeito,
mais denso, mais obsessivo do que nunca.
Pelo preço de perdas incontáveis – um minúsculo poema, um suspiro (JG: 145).

Assim também, no âmbito do presente estudo, foi preciso selecionar tópicos, excluindo muitos mais que, agora, se deixam em aberto para os continuadores da investigação em tradução polaco-português.

Entre os inúmeros problemas tradutórios a nível do tecido lexical das obras e das traduções, prestou-se particular atenção às palavras que constituem redes de significantes e estruturam os TP do ponto de vista lexical e concetual (Berman, 1997). Apesar da legitimidade atestada de que, na tradução do léxico, as técnicas semânticas envolvem a tradução por sinónimos, antónimos, hipónimos, hiperónimos, conversivos, etc. (Chesterman, 1997), a presente investigação analisou algumas das possíveis consequências que tais práticas acarretam a nível macrotectual. Foi assim que se detetaram redes de significantes que apontam ora para a conceção literária dos escritores, p. ex., o termo *vista* e a ação de *ver* na poesia de Szymborska, ora para a concetualização do mundo pelos diferentes povos, conforme exemplificado com a palavra *las* para os polacos. Nos casos, em que a tradução literal (correspondência) se impõe por força da natureza concetual e categorial dos termos em questão, o recurso a técnicas de tradução semântica (equivalência) adultera o tecido lexical das obras de partida (Berman, 1997). Porém, não é só a diversificação vocabular que altera o tecido lexical das obras, mas também o seu oposto, *i. e.*, a uniformização lexical da variedade dos termos que compõem determinados campos de palavras. Este último procedimento foi também observado com regularidade nas traduções do *corpus* reunido, tendo o tópico sido aprofundado num estudo de caso sobre o variado campo lexical dos sons, patente em inúmeros hipónimos dos textos de partida, que a tradução por hiperonímia reduziu, empobrecendo o tecido lexical das obras.

Por sua vez, a questão da intertextualidade *tradautoral*, que surgiu na sequência da identificação de memórias das leituras literárias dos tradutores, congrega aspetos lexicais e sintáticos, que ilustram como é, por vezes, difícil classificar fenómenos tradutórios fronteiriços e analisá-los à luz de uma única categoria gramatical. A identificação de fenómenos tradutórios que deixam transparecer tópicos e construções sintáticas da cultura portuguesa, presentes na memória coletiva dos portugueses, representa uma análise pouco explorada nos Estudos de Tradução em Portugal, tornando visível a pessoa do tradutor e as suas experiências de leitura. Já o inverso, *i. e.*, o não reconhecimento da intertextualidade autoral conducente ao apagamento da remissão para outros textos na tradução, deixa transparecer leituras que os tradutores não fizeram ou, entretanto, esqueceram.

No âmbito do léxico, a investigação privilegiou as questões relacionadas com as unidades fraseológicas que remetem para elementos linguísticos e culturais comuns aos povos polaco e português, mas também para visões e categorizações do mundo diferentes e específicas a cada um dos povos. Neste passo do estudo, foram apresentadas as técnicas de tradução aplicadas pelos tradutores na conversão de unidades fraseológicas e, apesar dos muitos exemplos explorados, outros tópicos ficaram por analisar. Por conseguinte, uma vez concluída a investigação, abre-se caminho para o estudo de itens de especificidade cultural, os *culturemas*, bem como para o alargamento do âmbito da pesquisa sobre unidades fraseológicas, p. ex., no que toca às categorias ANIMAL e PARTES DO CORPO que entram na composição de muitos fraseologismos. Querendo estreitar o vasto campo das UF, uma futura pesquisa pode debruçar-se apenas sobre comparações fixas em polaco e em português, sobretudo, aquelas que apontam para experiências culturais diferentes, p. ex., *zdrowy jak rydz* ‘saudável como um míscaro’ e *são que nem um pero*.

A área da paremiologia mereceu lugar de destaque no presente estudo, permitindo testar e aplicar a teoria bermaniana da tradução de provérbios. Na secção dedicada à tradução de provérbios, a pesquisa foi além dos objetivos dos Estudos Descritivos de Tradução, porquanto, ao invés de descrever unicamente o modo como os tradutores verteram os provérbios polacos para português europeu, expôs e pôs em prática a teoria de Berman (1985/2007), o que proporcionou a apresentação de opções alternativas às opções dos

tradutores. Partilhar com o referido teórico francês a convicção de que traduzir um provérbio pelo seu equivalente cultural significa fechar as portas ao imaginário e à cultura do Outro, implicou provar, através de um exercício tradutório com diferentes propostas de tradução, que é possível traduzir provérbios sem equivalentes na língua de chegada, mantendo tanto a sua imagética como alguns aspetos formais, conforme foi exemplificado com a tradução para português do provérbio: *Só com os males os polacos aprendem*.

Por último, atendendo ao elevado número de erros e lapsos observados nas traduções e à sua regularidade no seio de determinadas categorias lexicais, agruparam-se e sistematizaram-se as ocorrências de modo a facilitar o lançamento de hipóteses explicativas. Muito embora o modelo de investigação de Toury (1995/2012) evite abordar o problema, quer porque erros e lapsos não derivam de normas de tradução quer porque a sua análise implica uma atitude normativa e prescritiva, o facto é que erros e lapsos também se prestam à descrição e explicação, constituindo a sua abordagem um instrumento de consciencialização dos tradutores face aos perigos que podem surgir na tradução polaco-português europeu. Partindo do pressuposto geral de que os erros se cometem por ignorância e os lapsos por ação do subconsciente, constatou-se que os segundos se destacam pela sua frequência e transversalidade, dando azo a explicações do foro psicanalítico, conforme se ilustrou oportunamente.

No seio do estudo das normas operacionais a nível da tradução de palavras e frases, dedicou-se um capítulo de transição entre as duas categorias gramaticais, o qual aborda uma classe de palavras, o *imiestów przymiotnikowy czynny* [particípio adjetival ativo], maioritariamente traduzido por uma construção sintática, o que se coaduna com a classificação morfológica de ambas as línguas. Conforme exposto na I Parte, as línguas sintéticas, como o polaco, que possuem um riquíssimo sistema morfológico e flexional, expressam por amálgamas diferentes categorias gramaticais, enquanto as línguas analíticas, como o português, menos ricas morfológicamente, fazem mais uso de construções sintáticas e perifrásticas. O caso do *imiestów przymiotnikowy czynny* ilustra a importante função que a morfologia desempenha no polaco. A sua tradução no par de línguas polaco-português europeu constitui um exemplo do cruzamento do léxico, da morfologia e da sintaxe que evidencia o modo como as duas línguas resolvem as diferenças

estruturais existentes entre si. A análise demonstrou que, excetuando o uso minoritário do particípio presente residual e da omissão, o item lexical em estudo nos textos de partida tende a ser maioritariamente traduzido para português através de construções sintáticas. Assim sendo e de um modo geral, pode concluir-se que o português tende a expressar através da sintaxe, aquilo que o polaco exprime por meio da morfologia.

Uma das áreas mais penalizadas com a seleção dos fenómenos tradutórios é a da morfologia verbal que, à semelhança do problema surgido com o uso do *imiestów przymiotnikowy czynny* em polaco, oferece ampla matéria para um estudo interlinguístico, do qual se destacam os valores aspetuais e semânticos de alguns dos prefixos verbais mais produtivos em polaco (*roz-*, *prze-*, *przy-*, *na-*) e os seus equivalentes na tradução para português, situados entre os polos da tradução por correspondência e por paráfrase. Também não houve espaço para aprofundar a questão pertinente das técnicas utilizadas pelos tradutores para transmitir a informação aspetual dos verbos polacos, nem para sistematizar os problemas tradutórios oriundos da riquíssima formação de palavras em PL por meio de sufixos muito produtivos, problemática que pode e deve ser cruzada com a categoria do aspeto. Espera-se que a lacuna aqui detetada vá ao encontro do interesse de investigadores vindouros.

Um futuro estudo sobre os prefixos verbais do polaco afigura-se, aqui, como pertinente na medida em que poderá confirmar a tendência observada no Capítulo II da IV PARTE de que, sendo o polaco uma língua sintética recorre com mais frequência a soluções morfológicas para expressar valores aspetuais e semânticos do que o português que tende a apresentar expressões analíticas ou soluções sintáticas para esses mesmos valores.

Por último, no capítulo dedicado à análise da tradução da ordem dos constituintes da frase na tradução direta de polaco para português europeu, procurou-se descrever, explicar e categorizar fenómenos sintáticos com base nas técnicas adotadas pelos tradutores quando confrontados com os padrões da ordem dos constituintes da frase, específicos da língua polaca. Apesar de o polaco apresentar seis padrões de alinhamento sintático, que topicalizam tanto o sujeito como o objeto e o verbo, observou-se que os tradutores não descuraram a importância da ordem de palavras na frase polaca, ao recorrer a construções sintáticas diversas do português que, de alguma forma, constituem soluções para a

flexibilidade sintática da língua de partida, tais como, inversão, voz passiva, mudança de perspectiva, deslocação à esquerda clítica e construções de clivagem.

Neste ponto, importa realçar a importância dos resultados aqui alcançados na medida em que algumas das técnicas aplicadas pelos tradutores de polaco-português europeu não constam das listas dos autores referenciados ao longo da investigação. Se existem técnicas de tradução sintáticas, como a *inversão*, a *voz passiva* e a *modulação*, consideradas recorrentes em diferentes pares de línguas, já as técnicas de tradução da *deslocação à esquerda clítica* e das *construções de clivagem*, observadas no *corpus* de polaco-português europeu, carecem de investigação continuada, sobretudo, no que diz respeito à tradução para português a partir de outras línguas com ordem de palavras livre. Não obstante, entende-se que a presente investigação contribuiu para o alargamento da lista das técnicas de tradução sintáticas com o apuramento da *construção de topicalização com deslocação à esquerda clítica* e das *construções de clivagem* no par de línguas polaco-português europeu.

Importa ainda assinalar que as regularidades tradutórias identificadas, descritas e explicadas com recurso a normas de tradução, constituem hipóteses explicativas, lançadas a partir de fontes textuais e teorias tradutológicas de diferentes quadrantes, que carecem de triangulação extratextual (Chesterman, 2006). Este é um campo que se deixa em aberto para investigadores vindouros com o objetivo de se testarem as propostas metodológicas de Chesterman (2006). A triangulação dos resultados implica recorrer a métodos, que se prendem com a consulta de peritextos (prefácios e notas), epitextos (recensões críticas, entrevistas, questionários, depoimentos proferidos por editores, críticos e tradutores), na medida em que os mesmos podem indiciar a existência de normas de tradução. Conforme adverte o próprio Chesterman (2006), os testes podem não ser conclusivos mas, ainda assim, podem reforçar ou enfraquecer as hipóteses formuladas.

Outra linha de investigação, apenas aflorada na presente tese, constitui o estudo da tradução em equipa (Pokorn, 2005: 37). O presente *corpus* de traduções apresenta três pares de tradutores – Charchalis e Charchalis, Milewska e Neves; Szymaniak e Leão –, cuja metodologia de trabalho pode ser estudada através de fontes textuais e extratextuais, bem como com recurso a procedimentos interativos, como entrevistas e questionários.

Atendendo à escassa publicação de estudos literários interlinguísticos entre o polaco e português europeu, parece legítimo reconhecer que o presente trabalho apresenta vários tópicos recorrentes e originais, no âmbito da tradução neste par de línguas, contribuindo para o desenvolvimento dos Estudos de Tradução, principalmente, no que toca à história interna da tradução. Apesar de surgir como um estudo com as suas limitações, entende-se que a tese contribui para o alargamento do âmbito do estado-da-arte relativo à tradução literária polaco-português europeu, tanto mais que se não encontraram quaisquer estudos, artigos ou comunicações de teor tradutório ou linguístico, relativos às traduções do *corpus* em análise. Acresce ainda lembrar que, atendendo ao facto de algumas das obras do *corpus* aqui estudado se encontrarem traduzidas para português do Brasil, surge mais uma possibilidade de pesquisa na área dos *corpora* paralelos.

Por fim, a aplicação integral do paradigma de investigação de Toury (1995/2012) comprovou que, sendo exequível, o estudo aqui apresentado pode ser replicado, quer em outros *corpora* bilingues semelhantes, quer em traduções individuais e respetivos textos de partida.

NOTA FINAL

Na epígrafe da presente tese, ouvem-se os suspiros da poetisa polaca, Wisława Szymborska, que, comparando as dádivas do mundo a presentes de aniversário, reconhece tanto a efemeridade como incapacidade do ser humano para desfrutar tudo o que recebe.

Assim também a tradução é um mundo que nenhum investigador consegue abarcar.

Um mundo habitado por moreias e morenas, arborizado com pinheiros e sobreiros, sobrevoado por libelinhas e andorinhas, enriquecido com águas gasosas e pedras preciosas. Um mundo repleto de pó, poeira e grãos de areia, cheio de canseiras e trabalhadoras, apinhado de gentes, pessoas e entes; um mundo de ventania e cleptomania, onde as vistas e as paisagens se abrem a quem as quiser ver, visionar, vislumbrar.

Tão grande é o mundo da tradução que não há bilha ou vasilha, barril ou covil que acolha a correspondência e a equivalência, a inversão, a compressão e a amplificação presentes, patentes e evidentes num só texto de saída, num só texto de chegada. Onde está o recipiente abrangente e urgente para colocar tudo isto?

Se a topicalização, em si, já é uma realidade valiosa, o que dizer então da focalização, da domesticação e da estrangeirização. Onde, quando e como há de o investigador arrumar tudo isto? Se há limites de espaço, de tempo e de modo? E a vida é só uma, os semestres só seis e as páginas, quatrocentas?

O mundo da tradução, mesmo a mais pequena aldeia, é demais, demasiado para um ser humano só. É tarefa que se afigura como abarcar o céu com as mãos, tapar o sol com a peneira, lutar contra os moinhos de vento. E, no final, a colheita é parca e a receita fraca, e leva à suspeita se valeu a pena. Se muito foi dito e feito, mais ainda ficou por dizer e fazer.

Diz o poeta: *Tudo vale a pena se a alma não é pequena*; replica a poetisa: *Mais vale assim do que de modo nenhum*. O alento de tão sábias palavras não escusa as imperfeições do trabalho efetuado que, agora, chega ao fim sem ter terminado. Legítima tão-só a ousadia de o apresentar na crença de não poder exigir-se que a goiabeira dê laranjas.

GLOSSÁRIO

ACEITABILIDADE

Estratégia que submete o TP às normas linguísticas e textuais da CC. Tradução que resulta num texto mais livre com um estilo mais natural do que a tradução adequada. (Toury, 1995/2012).

ADAPTAÇÃO

Técnica baseada na equivalência contextual, que consiste em substituir um item de especificidade cultural da LP por um item característico da CC.

ADEQUAÇÃO

Estratégia que submete a tradução a normas que regem a LP, o TP e a CP, o que resulta numa tradução mais literal do que a tradução aceitável, com tendência para o *decalque* e a *interferência* (Toury, 1995/2012).

AMPLIFICAÇÃO

Técnica que consiste em introduzir informação não formulada implícita ou explicitamente no TP.

CAMPO LEXICAL

Conjunto de palavras associadas, pelo seu significado, a um determinado domínio conceptual (DT).

CATEGORIZAÇÃO

Identificação, classificação e denominação de diferentes entidades tidas como membros de uma mesma categoria (categoria que não é organizada por condições necessárias e suficientes) mas com base em *protótipos* (Evans e Green, 2006).

CENA

Situação, estado ou evento, proveniente de um *esquema* e adstrita a um *guião* (Fillmore, 1982).

CLÍTICO

Pronomes pessoais de objeto direto (acusativo) e indireto (dativo) que ocorrem junto de um verbo.

COERÊNCIA

Organização lógica da informação no texto.

COESÃO

Relação entre os elementos do texto – repetição, substituição, pronominalização, elipse, uso de conetores, etc.

COMENTÁRIO

No binómio *tópico-comentário*, o *tópico* é o primeiro constituinte da frase (que pode não coincidir o sujeito) e o *comentário* é o que se diz acerca do tópico (a informação nova).

COMPRESSÃO

Técnica que consiste em exprimir o mesmo significado com menos palavras no TC.

CONSTRANGIMENTO

Fator que limita a liberdade de escolha dos tradutores.

CONSTRUÇÃO DE CLIVAGEM (CdC)

Construção sintática, que permite destacar o sujeito, os complementos e os modificadores através de uma construção de *ser... que*, p. ex., *Foi o João que/quem comeu o bolo*.

CONVERSIVOS

Técnica que consiste em usar um dos pares de estruturas verbais que expressam o mesmo estado de coisas a partir de pontos de vista opostos, p. ex. *dar/receber*.

CORPUS COMPARÁVEL

Corpus constituído por traduções numa determinada LC e não-traduções (textos originais escritos nessa língua), pertencentes ao mesmo género para fins de comparação (Baker, 1995).

CORPUS PARALELO

Corpus constituído por TP e suas traduções para uma língua e/ou outras.

CORRESPONDÊNCIA

No binómio *equivalência-correspondência*, correspondência é a relação de igualdade (aproximada) formal e/ou funcional entre elementos de dois sistemas linguísticos. É uma instância da *langue* ou do sistema. (Williams e Chesterman, 2002/2007)

DECALQUE

Técnica que consiste em traduzir sem alterações uma palavra, um sintagma ou uma frase típicos da LP diretamente para a LC.

DESAUTOMATIZAÇÃO

Procedimento aplicado a UF para as alterar. As variações desautomatizadoras são criações do ato da fala ou da escrita (Zuluaga, 1999).

DESLOCAÇÃO À ESQUERDA CLÍTICA (DEC)

É uma construção de topicalização do objeto direto ou indireto que envolve a retoma do tópico marcado por um pronome clítico, havendo um nexos gramatical muito forte entre um e outro (Duarte, 2013). O coelho, matou-o o caçador.

DIFICULDADE TRADUTÓRIA

Dificuldade subjetiva que têm a ver com a pessoa do tradutor, a falta de conhecimentos linguísticos e as condições de trabalho (Nord, 1991). Podem dar origem a erros de tradução e a omissões.

DOMESTICAÇÃO

Estratégia de tradução que consiste em adaptar a tradução aos modelos de escrita da CC de modo a que o texto traduzido seja fluído e transparente, parecendo não uma tradução mas um texto originalmente escrito na LC (Venuti, 1995).

DOMINANTE SEMÂNTICA

Principal construtor de sentido num poema – característica do conteúdo ou da forma que, identificada como dominante semântica (rima, léxico, jogo de palavras, etc.), é o fator que o tradutor deve conservar na tradução (Barańczak, 1992).

DOMÍNIO

Entidades cognitivas ou conceituais: estruturas através das quais os falantes organizam cognitiva e linguisticamente o conhecimento do mundo (Langacker, 1987).

EMPOBRECIMENTO QUALITATIVO

Substituição de termos, expressões e modos de dizer do TP por termos, expressões e modos de dizer que não têm a mesma riqueza sonora, significativa e icónica (Berman, 1885).

ENOBRECIMENTO

Técnica que consiste em substituir palavras de um registo menos formal por palavras de um registo mais formal e/ou literário, tornando a tradução mais nobre do que o original (Berman, 1985).

ESTUDOS DESCRITIVOS DE TRADUÇÃO (EDT)

Corrente dos ET que vê a tradução como fenómeno linguístico, literário e cultural, com um papel na CC. O objetivo dos EDT é descrever e explicar o que são e como se apresentam as traduções em si e em comparação com os TP e

com textos paralelos (Holmes, 1972 e Toury, 1995/2012).

EQUIVALÊNCIA

Conceito normativo-prescritivo, que vê a relação entre o TP e o TC em termos de igualdade ou semelhança, ancorada numa invariante, sujeita à avaliação de certo/errado (Pym, 2010).

No binómio *equivalência-correspondência*, é a relação entre duas instâncias do uso da língua, p. ex., dois enunciados paralelos do TP e TC. É uma instância da *parole* ou do uso linguístico (Williams e Chesterman, 2002/2007)

Conceito descritivo, que permite estudar, descrever e explicar as relações entre TP e TC, em termos de tipos e graus de equivalência, abstendo-se o investigador de afirmações avaliativas e prescritivas (Toury, 1995/2012).

Técnica que opera com a tradução do sentido e não das palavras (Vinay e Darbelnet, 1958/1977).

EQUIVALÊNCIA DE ESTILO

Equivalência a nível estilístico entre o TP e o TC (Nida, 1964).

EQUIVALÊNCIA DINÂMICA OU FUNCIONAL

Estratégia, através da qual a tradução pretende alcançar na CC o mesmo efeito ou função que o TP tem na CP (Nida, 1964).

EQUIVALÊNCIA FORMAL

Estratégia, através da qual a tradução preserva as construções sintagmáticas e sintáticas do TP (Nida, 1964).

ERRO BINÁRIO

Implica a oposição radical entre certo/errado, sem dúvidas entre um e outro (Pym, 1991).

ERRO NÃO BINÁRIO

Resulta de situações em que não há uma separação nítida entre certo/errado (Pym, 1991).

ESTRANGEIRIZAÇÃO

Estratégia que visa preservar na tradução características linguísticas e culturais do TP. Na dicotomia *domesticação/estrangeirização*, Venuti (1995) pronuncia-se a favor da segunda, considerando a sua escolha um dever ético do tradutor contra o domínio de estratégias domesticadoras na prática tradutória nos países de língua inglesa.

ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO

Procedimento tradutório global que opera a nível da macroestrutura do texto e designa a escolha prévia feita pelo tradutor em resposta à pergunta «como traduzir este texto?» (Chesterman, 1997). Estratégias dicotómicas: equivalência formal e dinâmica (Nida, 1964); domesticação e estrangeirização (Venuti, 1995); aceitabilidade e adequação (Toury, 1995/2012).

ESQUEMA

Representação mental estruturada, na qual a parte remete para o todo, relacionando-se com determinadas situações de interação (*cenar*), enraizadas em escolhas linguísticas (*guiões*) (Fillmore, 1982).

EXPLICITAÇÃO

Técnica que consiste em introduzir explicitamente no TC informação que no TP está implícita no contexto ou na situação (Molina e Albir, 2002).

FALSOS AMIGOS

Falsos amigos são palavras com alguma semelhança formal na LP e LC, mas com significados diferentes (Vinay e Darbelnet, 1958/1977).

FIDELIDADE

Noção reformulada a partir da expressão horaciana *fidus interpres*, que remete para um tipo de tradução próxima da forma e do conteúdo do TP. Levanta questões acerca do seu objeto: ser fiel a quem (ao autor, ao editor, ao leitor), ser fiel a quê (à palavra, à frase, à letra, ao espírito)?

FOCALIZAÇÃO

Deslocação de um constituinte frásico para o final (da esquerda para a direita) do enunciado – o foco (Silva, 2000).

FRASE

Enunciado de sentido completo, unidade mínima de comunicação que pode ser constituída por uma só palavra (*Silêncio!*) ou não conter um verbo (*Que lindo serviço!*) (Cunha e Cintra, 1984/2014). *Frase* distingue-se de *oração*, porque esta última é um enunciado estruturado com base num V.

GENERALIZAÇÃO

Técnica que consiste em escolher um termo mais geral (hiperónimo) do que o existente no TP (hipónimo) (Molina e Albir, 2002).

GLOSA

Tradução palavra-a-palavra que representa o tipo mais extremo da tradução feita por *equivalência formal*. Não tem objetivos comunicativos mas didáticos, tendo como propósito dar a conhecer a forma e o conteúdo do TP sem a intervenção das técnicas de tradução. (Nida, 1964). O mesmo que *tradução interlinear* (Benjamin, 1923/2004)

GUIÃO

Conjunto de meios lexicais e sintáticos disponíveis e adequados para referir/construir uma *cena*. (Fillmore, 1982).

IDIOMATIZAÇÃO

Técnica que consiste em traduzir enunciados formulados no TP com linguagem do discurso livre através de linguagem própria do discurso repetido – UF da LC (Coseriu, 1977). Uso de expressões idiomáticas, não motivadas pelo TP, no TC.

IDIOSSINCRASSIA

Temperamento ou característica comportamental peculiar a uma pessoa ou grupo (DHLP). Numa linha continua, as *normas* (intersubjetivas), situam-se entre *regras* (mais objetivas) e idiossincrasias (mais subjetivas). Em ET, as idiossincrasias dizem respeito a comportamentos tradutórios característicos de um tradutor ou de um grupo de tradutores. As idiossincrasias tradutórias apuram-se no produto da tradução sob a forma de *marcas tradutorais*.

INTERFERÊNCIA, Lei da

Processo através do qual fenómenos da configuração do TP são transferidos para o TC. É observável em aspetos lexicais e sintáticos que deixam transparecer decalques da LP, dando ao leitor a sensação de estar a ler uma tradução. É negativa, quando dá origem a erros e ambiguidades; positiva, quando nela transparece a maneira do autor se exprimir sem violar as normas do código da LC (Toury, 1995/2012)).

INVERSÃO

Técnica que consiste em alterar a ordem sintática das palavras do TP no TC com o objetivo de obter uma frase natural na LC (Molina e Albir, 2002). Figura de estilo que se refere à troca de posição entre o S e o V (Ribeiro, s. d.).

Regra gramatical que dita a troca de posição entre o S e o V, p. ex., em orações interrogativas e imperativas (Cunha e Cintra, 1984/2014).

INVISIBILIDADE

Efeito de transparência no discurso traduzido, fruto da manipulação da LC por parte do tradutor, levando os leitores a encarar a tradução como se fosse um texto originalmente escrito na LC. Critério segundo o qual as traduções são avaliadas, o que faz com que uma tradução seja considerada boa quando o texto é transparente e a sua leitura fluente. Quanto mais transparente e fluente a tradução, *i. e.*, mais em conformidade com as normas da CC, mais invisível se torna o tradutor (Venuti, 1995).

LAPSO DE LÍNGUA

Formações com origem na intervenção do inconsciente, que surgem como resultado de esquecimento momentâneo de uma forma correta e na emergência, em lugar desta, de uma palavra incorreta gerada por uma ilusão da memória (Frota, 2006).

LEIS DA TRADUÇÃO

Hipótese geral sobre uma tendência possivelmente universal de comportamentos tradutórios, formulada nos seguintes termos: *em condições Y, é previsível que o problema de tradução X tenda a ser resolvido pelos tradutores por meio de Z* (Toury, 1995/2012). A existência de leis de tradução baseia-se no pressuposto de que os textos traduzidos apresentam características universais e diferentes dos textos não-traduzidos, ditos originais. A identificação cumulativa de normas de tradução permite a formulação de leis probabilísticas da tradução.

LES BELLES INFIDÈLES

Estratégia tradutória no Classicismo francês que visava adaptar os TP ao cânone, ao gosto literário e à moralidade do público-alvo. As traduções eram belas do ponto de vista da forma, mas infiéis do ponto de vista do conteúdo, porque o tradutor tomava liberdades, omitindo cenas, consideradas indecorosas ou sangrentas, e introduzindo comentários (Baker e Malmkjær, 1998).

MARCA TRADAUTORAL

Expressão utilizada na presente tese para designar as idiossincrasias apuradas nos textos traduzidos pelos tradutores individuais. O seu apuramento implica a presença de singularidades (subjativas e regulares). O estudo das *marcas tradautorais* (cf. Lopes, 2010) pretende demonstrar que a tradução não é só um facto da CC mas também um facto produzido pelos agentes da tradução.

MODULAÇÃO

Técnica que consiste em alterar o ponto de vista, foco ou categoria cognitiva no TC em relação ao TP, podendo a mudança ser lexical ou estrutural (Molina e Albir, 2002), p. ex., o uso da voz passiva e de *conversivos*.

MUDANÇA TRADUTÓRIA

Mudança linguística efetuada no processo de tradução que marca as diferenças existentes entre o TP e TC, resultantes da aplicação de técnicas de tradução. Implica afastar-se da correspondência formal ou da tradução literal, quer devido a constrangimentos entre a LP e LC, quer devido a opções dos tradutores (Catford, 1965).

NORMA

Valores ou ideias partilhados por uma comunidade que constituem instruções e/ou constrangimentos para os comportamentos humanos. Perspetivar a tradução como uma atividade regulada por normas implica observar e estudar as regularidades dos comportamentos dos agentes da tradução (editores, tradutores e leitores) que as manifestam, bem como o contexto cultural que as explica (Toury, 1995/2012).

NORMA INICIAL

A escolha prévia feita pelo tradutor antes de iniciar o ato de tradução em resposta à pergunta de como traduzir determinado TP, levando em conta os constrangimentos impostos pelas LP e LC e pela CC (Toury, 1997/2012). As normas iniciais são intersubjetivas e oscilam entre duas orientações opostas *aceitabilidade* e *adequação*.

NORMA LINGUÍSTICO-TEXTUAL

Regula as relações entre o TP e o TC, influenciando a microestrutura do texto traduzido e as escolhas tradutórias a nível lexical, gramatical e estilístico. O cotejo dos textos permite identificar as técnicas usadas pelos tradutores (Toury, 1995/2012).

NORMA MATRICIAL

Regula a relação entre a estrutura e a configuração do TC com o TP, refletindo-se na macroestrutura da tradução (tradução integral, parcial, adaptada; divisão do texto em capítulos, parágrafos, estrofes, etc.) (Toury, 1995/2012).

NORMA OPERACIONAL

Normas que guiam as decisões tomadas pelo tradutor durante o ato de tradução. Afetam a

matriz do texto, *i. e.*, os modos de distribuição do material linguístico, a configuração textual e as formulações verbais. Regem também as relações entre o TP e o TC, determinando o que será preservado e o que será modificado. Dividem-se em *normas matriciais* e *normas linguístico-textuais* (Toury, 1995/2012).

NORMA PRELIMINAR

Precede a norma inicial, permite situar as traduções no sistema da CC, aferir o seu papel e posição no polissistema. Prendem-se com duas linhas de investigação: (i) normas respeitantes à existência e à natureza de uma política de tradução e (ii) normas relacionadas com a escolha da tradução direta ou indireta (Toury, 1995/2012).

NORMALIZAÇÃO

Termo usado na presente tese para designar a técnica tradutória que transforma as ordens marcadas do polaco OSV, OVS, SOV, VOS e VSO na ordem canónica SVO do português.

NORMALIZAÇÃO, Lei da

Diz que, estilisticamente, as traduções tendem a ser mais normalizadas, padronizadas e menos marcadas do que os TP. Indiretamente refere-se à perda de características da LP e do TP, visto que a tradução é feita em conformidade com os padrões da LC e os modelos de escrita da CC. (Toury, 1995/2012). Termos afins: tradução etnocêntrica, padronização, naturalização e domesticação.

OBJETO (O)

Constituinte frásico que constitui o complemento direto (O) ou indireto (OI) de um verbo transitivo.

OMISSÃO

Supressão de itens lexicais do TP na tradução. Considerada erro por Deslile (1993). Não tendo representação linguística lexical, não é técnica, mas procedimento ou recurso. Pode ser um modo de evitar a redundância natural e característica das línguas e um modo de evasão a problemas e dificuldades tradutórias.

ORAÇÃO

Enunciado com sentido que se estrutura com base num V. São termos essenciais da oração o *sujeito* e o *predicado*. (Cunha e Cintra, 1984).

ORDEM CANÓNICA ou BÁSICA

A ordem canónica das frases é a ordem pela qual aparecem os constituintes básicos das frases de

uma língua: sujeito, verbo, objeto. No português, a ordem básica é SVO (sujeito, verbo, objeto).

ORDEM DE PALAVRAS

A expressão, um decalque do inglês *word order*, designa um parâmetro de classificação tipológica das línguas que tem em conta a posição relativa dos elementos de uma frase simples. Com base nos constituintes básicos das frases – *sujeito*, *verbo* e *objeto* – e no seu padrão de ordenação, assim são classificadas as línguas em tipos como SVO, VOS, SOV, etc. (Eliseu, 2008).

ORDEM (DE PALAVRAS) FIXA

É a ordem característica das línguas do tipo do português e do inglês, em que existe um padrão de ordem básico, SVO, no qual as funções sintáticas são ditadas pela posição dos constituintes na frase (Eliseu, 2008).

ORDEM (DE PALAVRAS) LIVRE

É a ordem característica das línguas do tipo do latim e do polaco, em que são aceitáveis diversas ordens sintáticas, porque a função sintática não depende tanto da posição dos constituintes na frase como da marcação do caso (Eliseu, 2008).

PADRÃO DE ORDENAÇÃO

Ou padrão de alinhamento morfossintático é o modo como as palavras (os constituintes) se ordenam na frase nas diferentes línguas. Existem dois padrões de ordenação principais: *ordem fixa* e *ordem livre* (Eliseu, 2008).

PAREMIOLOGIA

A paremiologia é a ciência que estuda provérbios, ditados e outros enunciados, cuja intenção é transmitir conhecimento tradicional baseado na experiência dos povos.

PARÁFRASE

Tradução feita a partir do sentido das frases, que viabiliza ao tradutor a possibilidade de rivalizar com o autor (Quintiliano, *apud* Duarte, 2005).

Técnica que consiste em efetuar alterações lexicais e sintáticas que tornam o TC mais longo que o TP sem alterar o sentido da frase (Molina e Albir, 2002).

POLISSISTEMA

Sistema complexo composto por subsistemas que estabelecem entre si relações e hierarquias. O estudo do sistema literário implica a abordagem

conjunta da língua, da literatura, da tradução no seio da sociedade e da cultura (Evan-Zohar, 1976).

PONTE ASSOCIATIVA

Relação que ocorre na mente do sujeito entre duas palavras, a palavra lida e a palavra associada (Frota, 2000a).

PONTE VERBAL

Relação que ocorre na mente do sujeito entre duas palavras com semelhança material, fonética ou gráfica (Frota, 2000a).

PROBLEMA TRADUTÓRIO

É um problema objetivo que qualquer tradutor tem de resolver durante o processo de tradução, independentemente do seu nível de competência e das suas condições de trabalho. De um modo geral, os problemas são resolvidos com soluções e negociações tradutórias (Nord, 1991).

PROCEDIMENTO

Designa as mudanças tradutórias efetuadas na conversão do TP em TC (Vinay e Darbelnet, 1958/1977).

PROTÓTIPO

Representação mental de entidades consideradas exemplares mais representativos das categorias linguísticas, que reúnem os atributos-chave que melhor as representam (Evans e Green, 2006).

REDUÇÃO

Cf. *Compressão*.

REGISTO

Variada da língua definida pelo contexto situacional: oral/escrito; formal/informal; literário, poético, etc.

REGULARIDADE

Fenómenos tradutórios que ocorrem com frequência, procedentes do comportamento dos tradutores, em situações recorrentes, que podem apontar para a existências de *normas* tradutórias ou *idiosincrasias*. Em princípio, as regularidades são o resultado da atividade das normas e podem ser tomadas como evidência direta da sua atividade (Toury, 1995/2012).

REPERTOREMA

Qualquer signo (palavra, expressão, construção sintática, etc.) pertencente a um repertório

(sistema) linguístico institucionalizado. Os repertoremas atualizam-se em usos linguísticos concretos como *textemas*. Em tradução, os textemas da LP tendem a ser convertidos em *repertoremas* da LC ou da CC (lei da normalização) (Toury, 1995/2012).

REPERTÓRIO

Conjuntos de itens codificados, *i. e.*, um agregado regido por relações sistémicas que determina a potencialidade do uso dos seus itens em situações concretas de comunicação no seio da cultura a que pertencem (Evan-Zohar, 1990).

Conjunto de itens linguísticos e culturais – signos, regras linguísticas e modelos textuais (Toury (1995/2012).

SUJEITO NULO

A omissão do sujeito gramatical explícito em orações finitas. Nas línguas de sujeito nulo, como o polaco e o português, o sujeito pode ser omissa quando é suscetível de ser inferido gramatical e pragmaticamente (Lobo, 2013).

TÉCNICA DE TRADUÇÃO

Procedimento tradutório observável a nível microtextual, que evidencia a resposta do tradutor à pergunta de como traduzir esta palavra, expressão, estrutura, ideia, etc.? (Chesterman, 1997). Caracteriza-se por apresentar cinco características: afeta o resultado da tradução; é classificada em comparação com o TP; afeta microunidades do texto; é discursiva, contextual e funcional (Molina e Albir, 2002).

TENDÊNCIA

O termo *tendência* surge numa linha contínua entre *normas* e *idiosincrasias*. Chesterman e Williams (2002/2007), considerando que as hipóteses descritivas são tentativas de generalização e não leis de tradução, propõem que as mesmas sejam formuladas como tendências e não como afirmações universais.

Sierra (2011), constatando que os ET não estabeleceram o número de ocorrências necessárias para que se possa falar da existência de uma norma tradutória, propõe o termo *tendência tradutória* para regularidades detetadas na tradução de um texto, efetuada por um tradutor, ou num conjunto de textos traduzidos por um grupo de tradutores e *norma tradutória* para a atuação recorrente de uma determinada tendência tradutória apurada num

vasto conjunto de textos traduzidos por um grupo mais alargado de tradutores.

TEXTEMA

Atualização de um *repertorema*. Quando um repertorema é retirado do repertório a que pertence para ser usado num enunciado ou num texto particular, passa a estabelecer uma rede de relações específicas no seio desse enunciado ou texto. Estas relações conferem ao repertorema funções textuais únicas que o convertem em textemas.

TEXTO DE CHEGADA (TC)

É a tradução de um texto de partida, *i. e.*, o produto final de um processo tradutório que envolve duas línguas e duas culturas.

TEXTO DE PARTIDA (TP)

Texto original a ser traduzido por um tradutor para outra língua e cultura. A diferença subtil entre *texto original* e *texto de partida* tem a ver com o facto de um *texto original* poder ter diversas versões. Já o *texto de partida* é a obra definitiva a partir da qual o tradutor executa o seu trabalho.

TEXTO(S) COMPARÁVEL(IS)

Também designados como *corpus* comparável, visam comparar traduções com não-traduções, *i. e.*, textos semelhantes escritos originalmente na mesma língua com o objetivo de verificar de que modo as traduções tendem a diferir dos textos escritos na LC e de que modo tendem a ser menos naturais (Williams e Chesterman, 2002/2007).

TEXTO(S) PARALELO(S)

Também designados como *corpus* paralelo, visam comparar diferentes traduções de um mesmo TP a fim de averiguar de que modo diferem a nível micro e macrotectual (Williams e Chesterman, 2002/2007).

TIPOLOGIA DE GREENBERG

Tipologia sintática que agrupa as línguas de acordo com o padrão de ordenação das palavras (SVO, VSO, SOV, VOS, OVS e OSV) que, na frase, têm as funções de sujeito e objeto e verbo (Greenberg, 1966).

TOPICALIZAÇÃO

Deslocação de um constituinte frásico para o início (da direita para a esquerda) do enunciado – o tópico (Silva, 2000).

TÓPICO

Noção resultante da observação de que o primeiro constituinte da frase nem sempre coincide com o sujeito, o que, por sua vez, conduziu à necessidade de complementar a distinção aristotélica entre *sujeito* e *predicado* com a distinção entre *tópico* e *comentário*. No binómio tópico-comentário, o tópico é a expressão linguística sobre a qual se diz alguma coisa» (Duarte, 2014).

TRADUÇÃO

Processo e produto. Como processo é a transferência de um texto escrito numa LP para uma LC, executada por um tradutor num determinado contexto sociocultural. Como produto é o TC resultante do processo *supra*, que circula e funciona numa CC. Na íntegra abarca processos cognitivos, linguísticos, visuais e culturais ao serviço de um ato comunicativo. (Hatim e Munday, 2004)

TRADUÇÃO DA LETRA

Distingue-se de tradução literal (que remete para a tradução das palavras ou palavra-a-palavra), porque representa um procedimento tradutório que opera com duas dominantes: a tradução das palavras constituintes dos enunciados e a tradução da sua forma (estrutura sintática e prosódia). A tradução da letra tem enfoque no jogo das dominantes semânticas, dos significantes, da forma e do conteúdo. Visa abrir na LC um espaço que acolha a língua e a cultura do Outro, como forma de fazer chegar até ao leitor da obra traduzida a maneira de pensar e de se expressar do autor do TP que, por sua vez, reflete a língua e a cultura do seu povo (Berman, 1985).

TRADUÇÃO DIRETA

Estratégia de tradução que opera com uma correspondência exata a nível lexical e estrutural, fazendo uso da tradução literal, do decalque e do empréstimo. Contrapõe-se a *tradução oblíqua* (Vinay e Darbelnet, 1958/1977).

TRADUÇÃO LITERAL

Técnica de tradução que se verifica quando a tradução apresenta correspondência a nível lexical e sintático entre TP e TC.

Em certos contextos, a *tradução livre* pode ser considerada a técnica oposta. Cf. *tradução palavra-a-palavra*.

TRADUÇÃO DO SENTIDO

Noção afim de *tradução livre*, criada na Antiguidade Clássica em oposição a *tradução da palavra* para designar uma estratégia de tradução que leva em conta o sentido da frase, e não o das palavras individuais, a fim de promover fatores facilitadores da comunicação e da recepção dos textos traduzidos na CC.

TRADUÇÃO LIVRE

Estratégia que reproduz o conteúdo do TP sem contemplar a sua forma (Newmark, 1988), dando prioridade à equivalência funcional ou ao efeito de equivalência

TRADUÇÃO PALAVRA-A-PALAVRA

Expressão atribuída a Cícero para designar o que também se denomina como *tradução literal* em oposição a *tradução do sentido* ou *tradução livre* e em oposição a *tradução da letra* (Berman, 1985/2007). A tradução palavra-a-palavra pode produzir tanto um texto equivalente como um texto inaceitável. p. ex., a tradução de UF (Newmark, 1988). Por isso, se distingue *tradução literal de tradução palavra-a-palavra*.

TRADUÇÃO POLÉMICA

Tipo de tradução na qual, de modo intencional, os procedimentos do tradutor se concretizam como (contra-)resposta aos procedimentos efetuados por outro tradutor sobre a mesma tradução (Toury, 1995/2012).

TRADUÇÃO OBLÍQUA

Procedimento de tradução que opera com *mudanças tradutórias* quer a nível lexical quer sintático. A tradução oblíqua recorre, entre outras, às técnicas da *modulação*, *transposição*, *equivalência* e *adaptação*. Contrapõe-se a *tradução direta* (Vinay e Darbelnet, 1958/1977).

TRADUTÓRIO

Adjetivo empregue na aceção de “relativo a tradução” ou “da tradução” no contexto de processos, produtos, fenómenos, regularidades, estratégias e técnicas (tradutórias). Outros adjetivos empregues nos mesmos contextos e aceções são: *translatório*, *tradutivo*, *traducional*.

TRADUTOLÓGICO

Adjetivo empregue na aceção de “relativo à Tradutologia” ou em substituição do SP “sobre tradução”, no contexto de teoria, pensamento, reflexão (tradutológica).

TRANSPOSIÇÃO

Técnica de tradução que implica alterar a categoria gramatical de uma palavra. Consiste em mudar a classe das palavras, p. ex., traduzir um verbo por um nome (Molina e Albir, 2002).

UNIDADE DE TRADUÇÃO (UT)

É a unidade linguística com a qual o tradutor trabalha. Não é uma unidade estática e independente, mas funcional e contextual, podendo ser uma unidade mínima como a palavra e/ou máxima como o texto (Newmark, 1988).

UNIDADE FRASEOLÓGICA (UF)

Expressão usada em vez de *expressão idiomática*. As UF são unidades lexicais formadas por duas ou mais palavras, lexicalizadas, fixas, rígidas, frequentemente usadas pelos falantes de um língua e amiúde com um significado idiomático (Pastor, 1996). As UF incluem locuções, colocações e enunciados fraseológicos como parémias e fórmulas de rotina.

UNIVERSAL/UNIVERSAIS DE TRADUÇÃO

Princípios gerais do comportamento tradutório, fenómenos tradutórios comuns a todos os tipos de texto traduzido, aferidos com base na comparação de traduções com não-traduções na mesma língua. Baker (1996) propõe os seguintes universais para a tradução: (i) explicitação, a tendência para prestar informação que no TP é implícita; (ii) simplificação, a tendência para simplificar a linguagem utilizada no TP, a nível lexical e sintático; (iii) normalização, tendência para empregar características da LC e adaptar o TP aos padrões convencionais da escrita na LC; (iv) nivelamento, a tendência da tradução para gravitar em direção ao centro de um *continuum*. Cf. *leis de tradução*.

BIBLIOGRAFIA

1. *Corpus*

GRABIŃSKI, Stefan. 1919/1999. *Demon ruchu*. Warszawa. Lampa i Iskra Boża.

GRABIŃSKI, Stefan. 2003. *O demónio do movimento*. Trad. de Maria José e Wojciech Charchalis. Lisboa: Cavalo de Ferro.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 1978. *Cesarz*. Kraków: Kolekcja Gazety Wyborczej.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2004. *O imperador*. Trad. de Włodzimierz J. Szymaniak e Isabel Ponce de Leão. Porto: Campo das Letras.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2005. *O império*. Trad. de Włodzimierz J. Szymaniak e Isabel Ponce de Leão. Porto: Campo das Letras.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2007. *Andanças com Heródoto*. Trad. de Włodzimierz J. Szymaniak e Isabel Ponce de Leão. Porto: Campo das Letras.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2009. *O outro*. Trad. de Włodzimierz J. Szymaniak e Isabel Ponce de Leão. Porto: Campo das Letras.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 1993/2013. *Imperium*. Warszawa: Czytelnik.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2004/2013. *Podróże z Herodotem*. Kraków: Wydawnictwo Znak.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2006/2013. *Ten inny*. Kraków: Wydawnictwo Znak.

LASKIER, Rutka. 2006. *Pamiętnik Rutki*. Kraków: Dziennik Zachodni.

LASKIER, Rutka. 2007. *O diário de Rutka*. Trad. de Maria Milewska Rodrigues. Lisboa: Sextante.

MIŁOSZ, Czesław e SZYMBORSKA, Wisława. 2004. *Alguns gostam de poesia*. Trad. de Elżbieta Milewska e Sérgio das Neves. Lisboa: Cavalo de Ferro. (Edição bilingue).

STRYJKOWSKI, Julian. 1982. *Tommaso del Cavaliere*. Warszawa: Państwowy Instytut Wydawniczy.

STRYJKOWSKI, Julian. 1990. *Tommaso del Cavaliere*. Trad. de Zbigniew Wódkowski. Lisboa: Edições Cotovia.

SZYMBORSKA, Wisława. 1996. *Widok z ziarnkiem piasku*. Poznań: Wydawnictwo A5.

SZYMBORSKA, Wisława. 1998. *Paisagem com grão de areia*. Trad. de Júlio Sousa Gomes. Lisboa: Relógio d'Água. (Edição bilingue).

SZYMBORSKA, Wisława. 2002. *Chwila*. Kraków: Znak.

SZYMBORSKA, Wisława. 2006. *Instante*. Trad. de Elżbieta Milewska e Sérgio Neves. Lisboa: Relógio d'Água. (Edição bilingue).

2. *Corpus* comparável e *corpus* paralelo

ANDERSON, Sophia de Melo Breyner. 2004. *Cem poemas*. Sintra: Visão/Jornal de Letras.

FERREIRA, David Mourão. 1988. *Duas histórias de Lisboa*. Lisboa: Editorial Labirinto.

HELDER, Herberto. 1961/1981. *A colher na boca*. In *Poesia toda*. Lisboa: Assírio e Alvim.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 1998. *Mais um dia de vida: Angola – 1975*. Trad. de Ana Saldanha. Porto: Campo das Letras.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2001. *Ébano. Febre africana*. Trad. de Maria Joana Guimarães. Porto: Campo das Letras.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2005. *Meine Reisen mit Herodot*. Trad. de Martin Pollack. Frankfurt am Main: Eichborn Verlag.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2006. *Mes voyages avec Hérodote*. Trad. de Véronique Patte. Paris: Plon.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2006. *Minhas viagens com Heródoto*. Trad. Tomasz Barciński. São Paulo: Companhia das Letras.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2006. *Viajes con Heródoto*. Trad. de Agata Orzeszek. Barcelona: Anagrama.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. 2007. *Travels with Herodotus*. Trad. de Klara Glowczewska. London: Penguin.

PESSOA, Fernando. 1934/2010. *Mensagem*. Porto: Porto Editora.

QUEIRÓS, Eça de. 2000. *Contos*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.

SZYMBORSKA, Wisława. 1981. *Sounds, Feelings, Thoughts: Seventy Poems by Wisława Szymborska*. Trad. de Magnus J. Kryński e Robert A. Maguire. Princeton University Press.

SZYMBORSKA, Wisława. 1995. *View with a grain of sand*. Trad. de Clare Cavanagh e Stanisław Barańczak. New York: Harcourt Brace.

- SZYMBORSKA, Wisława. 1997. *Ausblick mit Sandkorn*. In *Die Gedichte*. Trad. de Karl Dedecius. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- SZYMBORSKA, Wisława. 1997. *Vista amb un gra de sorra : antologia poética*. Trad. de M. de Sagarra. Barcelona: Columna.
- SZYMBORSKA, Wisława. 1997. *Vue avec un grain de sable*. Trad. de Piotr Kamiński. Paris: Fayard.
- SZYMBORSKA, Wisława. 1998. *Poems new and collected 1957- 1997*. Trad. de Clare Cavanagh e Stanisław Barańczak. New York/Toronto/London: Harcourt Inc.
- SZYMBORSKA, Wisława. 1998. *Vista con granello di sabbia*. Trad. de Pietro Marchesani. Milano: Adelphi
- SZYMBORSKA, Wisława. 2003. *Chwila / Moment*. Trad. de Clare Cavanagh e Stanisław Barańczak. Kraków: Wydawnictwo ZNAK.

3. *Corpus* de entrevistas e questionários

- DEUS, Diogo Madre. 2015. Questionário via correio eletrónico.
- RODRIGUES, João Duarte. 2015. Entrevista presencial.
- SZYMANIAK, Włodzimierz Józef. 2015. Questionário via correio eletrónico.
- WÓDKOWSKI, Zbigniew. 2015. Questionário via correio eletrónico.

4. Referências

- AHMADI, Sahar e KETABI, Saeed. 2011. "Translation procedures and problems of color idiomatic expressions in English and Persian: cultural comparison in focus". In *The Journal of International Social Research*, Vol. 4, nº 17. 9-39.
- ALEKSANDER, Lloyd. 1971. "High Fantasy and Heroic Romance". In *The Horn Book Magazine*. December 1971. http://www.hbook.com/magazine/articles/1970s/dec71_alexander.asp (20-08-2015).
- ALVES, Fernando Ferreira. 2012. *As faces de Jano: contributo para a cartografia identitária e socioprofissional dos tradutores da região Norte de Portugal*. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho.

- ARNAUD, Pierre J. L. 1991. "Réflexions sur les proverbes". In *Cahiers de Lexicologie*, nº 59. 5-27.
- AZUAGA, Luísa. 1996. "Morfologia". In Faria *et al.* (org.). 1996. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho. 215-244.
- BAKER, Mona. 1992. *In other words. A coursebook on translation*. London/New York: Routledge.
- BAKER, Mona. 1996. "Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead". In Harold Somers (ed.) *Terminology, LSP and Translation. Studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 175-186.
- BAKER, Mona e MALMKJÆR, Kirstin (eds.). 1998. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London/New York: Routledge.
- BARAŃCZAK, Stanisław. 1992. "Mały, lecz maksymalistyczny manifest translatologiczny" [Manifesto de tradutologia pequeno mas maximalista]. In *Ocalone w tłumaczeniu. Szkice o warsztacie tłumacza poezji z dołączeniem małej antologii przekładów* [Salvo na tradução. Esboço obre a oficina do tradutor de poesia com o anexo de uma pequena antologia de exemplos]. Poznań: Wydawnictwo a 5. 23-26.
- BARRENTO, João. 2002. *O poço de Babel. Para uma poética da tradução literária*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BARSLUND, Chatlotte. 2011. "The Translation of Literary Prose". In Kirsten Malmkjær e Kevin Windle (eds.). *The Oxford Handbook of Translation Studies*. Oxford University Press.
- BARTNICKA, Barbara e SATKIEWICZ, Halina. 2010. *Gramatyka języka polskiego. Podręcznik dla cudzoziemców*. Warszawa: Wiedza Powszechna.
- BASSNETT, Susan e LEFEVERE, André. 1990. *Translation, History and Culture*. London: Printer Publishers.
- BASSNETT, Susan. 2014. *Translation*. London / New York: Routledge.
- BATORÉO, Hanna Jakubowicz. 1989. *A categoria linguística aspecto no discurso conversacional de uma criança bilingue aos cinco anos de idade*. Tese de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.

- BATORÉO, Hanna Jakubowicz. 2000. *Expressão do Espaço no Português Europeu Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*. Lisboa: FCT e Fundação Calouste Gulbenkian, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 2000 [Dissertação de Doutoramento, Lisboa: FLUL, 1996].
- BATORÉO, Hanna Jakubowicz. 2004. *Linguística Portuguesa: Abordagem Cognitiva*. Lisboa: Universidade Aberta. CD-ROM Galardado com O Grande Prémio Internacional de Linguística de Lindley Cintra 2005.
- BATORÉO, Hanna Jakubowicz. 2010. "O Diálogo Linguístico e Cultural na Diversidade Linguística da Escola Portuguesa: o Papel das Línguas Eslavas". In *Anuário IberoSlavica*, Lisboa: Compares, CLEPUL-5. 2010. 73-85.
- BATORÉO, Hanna Jakubowicz. 2014a. "Leonard Talmy's Schematic System of Perspective". In *International Journal of Cognitive Linguistics* Vol. 5, Issue 1, Nova Science Publishers Inc. 2014. 53-54.
- BATORÉO, Hanna Jakubowicz. 2014b. "Perspective point (viewpointing) and events of motion in European Portuguese". In *International Journal of Cognitive Linguistics* Vol. 5, Issue 1, Nova Science Publishers Inc. 2014. 55-74.
- BEDNARCZUK, Leszek (ed.). 1989. *Języki indoeuropejskie*. Warszawa: Państwowe Wydawnictwo Naukowe. Vol. 1.
- BENJAMIN, Walter. 1923/2004. "The task of the translator". In Lawrence Venuti (ed.). *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge. 13-25.
- BERMAN, Antoine. 1984. *L' épreuve de l'étranger. Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Paris: Gallimard
- BERMAN, Antoine. 1985/1997. "Analítica da tradução e a sistemática da deformação" In *Tradutor dilacerado*. Guilhermina Jorge (coord.). Lisboa: Edições Colibri. 41-56.
- BERMAN, Antoine. 1985/1999. *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*. Paris: Seuil.
- BERMAN, Antoine. 1985/2007. *A tradução e a letra ou O albergue do longínquo*. Trad. de Marie-Hélène C.Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras.
- BIBLIA SAGRADA. 1981. Lisboa: Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos).

- BIKONT, Anna e SZCZĘSNA, Joanna. 1997. *Pamiętkowe rupiecie, przyjaciele i sny Wisławy Szymborskiej*. Warszawa: Prószyński i S-ka.
- BROWNLIE, Siobhan. 1999. "Investigating norms". In Jeroen Vandaele (ed.). *Translation and the (Re)location of Meaning*. Selected Papers of the CETRA Research Seminars in Translation Studies 1994-1996. Leuven, Belgium: CETRA. 7-22.
- BROWNLIE, Siobhan. 2003. "Berman and Toury: The Translating and Translability of Research Frameworks". In *TTR: traduction, terminologie, redaction*, vol. 16, nº1, 2003. 93-120.
- BRZOSOWSKI, Jerzy. 2008. "Le problème des strategies du traduire". In *Meta* LIII, 4. 765-781.
- CAMPO DAS LETRAS. s.d. <http://www.campodasletras.pt/> (15.08.15)
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Campo_das_Letras (15.08.15).
- CÂNDIDO, Hanna Marta Pięta. 2013. *Entre Periferias – Contributo para a História da Tradução Externa da Literatura Polaca em Portugal (1855-2010)*. Tese de doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- CASANOVA, Pascale. 2002. "Consécration et accumulation de capital littéraire. La traduction comme échange inégal." In *Actes de la recherche en sciences sociales* 144. 7–20.
- CASANOVA, Pascale. 2004. *The World Republic of Letters*. Trad. de M. B. Debevoise. Cambridge: Harvard University Press.
- CASARES, Julio. 1992. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones científicas.
- CASTRO, Ivo. 2013. "Formação da língua portuguesa". In Raposo *et al.* 2013. *Gramática do Português*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. 7-14.
- CASTRO, Maria Lília Dias de. 1995. "Pseudoprovérbios e ditos sob ótica enunciativa". In *Organon* v. 9, n. 23. 71-78.
- CATFORD, John Cunnison. 1965. *A linguistic theory of translation: an Essay in Applied Linguistics*. London: Oxford University Press.
- CATFORD, John Cunnison. 1965/2004. "Translation shifts". In Lawrence Venuti (ed.). *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge. 141-147

CAVALO DE FERRO. s. d.

<http://www.cavalodeferro.com> (20.08.15)

http://www.cavalodeferro.com/index.php?action=product_info&products_id=48 (20-08-2015).

https://pt.wikipedia.org/wiki/Editora_Cavalo_de_Ferro (20.08.15).

CHESTERMAN, Andrew. 1993. "From 'Is' to 'Ought': Laws, Norms and Strategies in Translation Studies". *Target*, 5. 1-20.

CHESTERMAN, Andrew. 1997. *Memes of Translation. The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

CHESTERMAN, Andrew. 2006. "A note on norms and evidence." In Jorma Tommola e Yves Gambier (eds.). *Translation and interpreting – training and research*. Turku: University of Turku, Department of English Translation Studies. 13-19.

CHRISTIE, Richard Colpley. 1969. *Etienne Dolet. Le martyr de la renaissance. Sa vie et sa mort*. Trad. de Casimir Stryiński. Genève: Slatkine Reprints.

CIBERDÚVIDAS. s. d. *Distinção entre floresta, bosque e mata*.

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/bosque-floresta-e-mata/1224> (20-02-2015).

CIBERDÚVIDAS. s. d. *A origem da expressão «Ir para os quintos dos infernos»*.

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-da-expressao-ir-para-os-quintos-dos-infernos/30698> (23.10.2015)

COILLIE, Jan van e VERSCHUREN, Walter P. (eds.). 2006. *Children's Literature in Translation – challenges and strategies*. London/New York: Routledge.

CORDER, Stephan Pit. 1967. "The significance of learner's errors" In *International Review of Applied Linguistics*, v. 5, n.º 4. 161-170.

CORDER, Stephan Pit. 1973. *Introducing Applied Linguistics*. Middlesex: Penguin Education.

COSERIU, Eugen. 1977. *Principios de semántica estructural*. Madrid: Gredos.

CRESPO, Miguel A. Jiménez. 2011. "A corpus-based error typology: towards a more objective approach to measuring quality in localization". In *Perspectives, Studies in Translatology*, 19 (4). 315-338.

CULLER, Jonathan. 1986. *Ferdinand de Saussure*. Itaca, New York: Cornell University.

- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. 1984/2014. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DANIELL, David. 2003. *The Bible in English: Its History and Influence*. New Haven/ London: Yale University Press.
- DAVIS, Alan. 2003. *The native speaker: myth and reality*. Clevedon/Buffalo/Toronto/Sidney: Multilingual Matters.
- DELISLE, Jean. 1993. *La traduction raisonnée. Manuel d'initiation à la traduction professionnelle de l'anglais vers le français*. Ottawa: Presses de l'Université d'Ottawa.
- DERRIDA, Jacques. 1972. *Marges de la Philosophie*. Paris: Les Editions de Minuit.
- DIAS, Maria Isabel Correia. 1994. *O inquérito por questionário: problemas teóricos e metodológicos gerais*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- DOMOSŁAWSKI, Artur. 2010. *Kapuściński – non-fiction*. Warszawa: Świat Książki.
- DUARTE, Inês. 2013. "Construções de Topicalização". In Raposo *et al.* 2013. *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 401-426.
- DUARTE, João Ferreira. 2000. "The Politics of Non-Translation: A Case Study in Anglo-Portuguese Relations". In *TTR : traduction, terminologie, rédaction*, vol. 13, n° 1. 95-112.
- DUARTE, João Ferreira. 2005. "Do binarismo em tradução". In *Relâmpago* nº 17. 21-46.
- ECO, Umberto. 2003/2005. *Dizer quase a mesma coisa. Sobre Tradução*. Trad. de José Colaço Barreiros. Algés: Difel.
- ELISEU, André. 2008. *Sintaxe do Português*. Lisboa: Caminho.
- EMBAIXADA DA POLÓNIA EM LISBOA s. d. "Lista de tradutores"
http://www.lizbona.msz.gov.pl/pt/consulares/traducoes_tradutores/lizbona_pt_a_63;jsessionid=89CFA3F7BB216149CD0330804D65CF46.cmsap6p (15-08-15).
- EVANS, Vyvyan e GREEN, Melanie. 2006. *Cognitive linguistics. An Introduction*. Edinburgh University Press.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. 1976/2004. "The Position of Translated Literature" In Lawrence Venuti (ed.). *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge. 192-197.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. 1990. "Polysystem Studies". *Poetics Today* 11 (1).
<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/ez-pss1990.pdf> (20-02-15).

- FARIA, Isabel Hub, PEDRO, Emília, DUARTE, Inês, GOUVEIRA, Carlos A. M. (eds.). 1996. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.
- FERREIRA, Virgílio. 1999. "A Voz do Mar". In *Espaço do Invisível 5*. Lisboa: Bertrand. 83-84.
- FIGUEIREDO, Olívia Maria e FIGUEIREDO, Eunice Barbieri de. 2005. *Prontuário actual da língua portuguesa*. Porto: Edições Asa.
- FILMORE, Charles J. 1977. "Scenes-and-frames semantics". In A. Zampolli (ed.). *Linguistic Structures Processing*. Amsterdam: North-Holland. 55-81.
- FILMORE, Charles J. 1982. *Frame Semantics*. In *Linguistics in the morning calm. Selected papers from SICOL 1981*. Seoul: Hanshin Publishing Company. 111-137.
- FLOR, João Almeida, et al. 1983. *Problemas da tradução: escrever, traduzindo. II Jornada de Estudos sobre a Tradução*. Lisboa: Guelf.
- FOLKART, Barbara. 1999. "Poetry as knowing". In *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, vol. 12, nº 1, 31-55.
- FREUD, Sigmund. 1901/1996. "Sobre a psicopatologia da vida cotidiano". Trad. de Vera Ribeiro. In Jayme Salomão (org.). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. VI. Rio de Janeiro: Imago.
- FROTA, Maria Paula. 2000a. "A singularidade do desejo: diferença não-subjetivista, mas além do social". In *Cadernos de Estudos Linguísticos*, (38) Jan./Jun. 2000. Universidade Estadual de Campinas: UNICAMP. 25-38
- FROTA, Maria Paula. 2000b. "A escrita singular do tradutor" In *A singularidade na escrita tradutora*, Campinas, SP: Pontes.
- FROTA, Maria Paula. 2006. "Erros e lapsos de tradução: um tema para o ensino" In *Cadernos de Tradução*. v. 1, n. 17. Universidade Federal de Santa Catarina. 142-156. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6859>. (10-01-16)
- FURLAN, Mauri. 2003. "Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente. I. Os Romanos". In *Cadernos de Tradução* nº VIII. Florianópolis: PGET, 11-28.
- FURLAN, Mauri. 2014. "Plínio, o Jovem, e a Tradução na Antiguidade – *Epistulae* VII, 9; IV; V, 15 (Séc. II) – Plinius Minor – Mauri Furlan (tradutor). In *Scientia Translationis*, nº 15. 171-177.
- GARAVELLI, Bice Mortara. 1988. *Manual de retórica*. Madrid: Catedra.

- GENZTLER, Edwin. 1993/2001. *Contemporary Translation Theory*. London/New York: Routledge.
- GILE, Daniel. 1998. "Observational Studies and Experimental Studies in the Investigation of Conference Interpreting". *Target* 10 (1): 69-89.
- GILE, Daniel. s. d. "Hypotheses and research questions in empirical TS research". In http://www.est-translationstudies.org/resources/research_issues/hypothandresquest.htm (11-06-15).
- GŁOWIŃSKI, Michał (org.). 1998. *Słownik terminów literackich*. [Dicionário de termos literários] Wrocław/Warszawa/Kraków: Zakład Narodowy Imienia Ossolińskich Wydawnictwo.
- GREENBERG, Joseph H. 1966. "Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements". In: Greenberg, Joseph H. (ed.) *Universals of Language* (2nd edition), Cambridge: MIT. 73-113.
- GRUSZCZYŃSKI, Włodzimierz e BRALCZYK, Jerzy (eds.). 2002. *Słownik gramatyki języka polskiego*. [Dicionário de gramática da língua polaca]. Warszawa: Wydawnictwa Szkolne i Pedagogiczne.
- GRZEGORCZYKOWA, Renata, *et. al.* 1984. *Morfologia*. Warszawa: Państwowe Wydawnictwo Naukowe.
- GUTT, Ernest-August. 1991. *Translation and relevance: cognition and context*. Oxford: Basil Blackwell.
- HANSEN, Gyde. 2010. "Translation errors". In Yves Gambier e Luc van Doorslaer (eds.). *Handbook of Translation Studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 385-388.
- HATIM, Basil e MUNDAY, Jeremy. 2004. *Translation. An advanced resource book*. London/New York: Routledge.
- HEILBRON, Johan. 1999. "Toward a Sociology of Translation: Book Translations as a Cultural World-System". In *European Journal of Social Theory* 2 (4). 429-444.
- HEILBRON, Johan. 2010. "Structure and dynamics of the World-System of Translations". International Symposium "Translation and Cultural Mediation". UNESCO. Paris. 22-23. <http://portal.unesco.org/culture/es/files/40619/12684038723Heilbron.pdf/Heilbron.pdf> (2-10-15).

- HEJWOWSKI, Krzysztof. 2004. *Kognitywno-komunikacyjna teoria przekładu*. [Teoria cognitivo-comunicativa da tradução]. Warszawa: Wydawnictwo Naukowe PWN.
- HERMANS, Theo. 1996. "The translator's voice in translated narrative". In *Target: International Journal of Translation Studies*, 8(1). 23-48.
- HERMANS, Theo. 1999. *Translations in Systems. Descriptive and System-oriented Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- HERMANS, Theo. 2007. "Literary Translation". In Kuhiwczak, Piotr e Littau, Karin (eds.) *A Companion to Translation Studies*. Clevedon: Multilingual Matters LTD. 77-91.
- HLIBOWICKA-WĘGLARZ, Barbara. 1998. *Processos de expressão do aspecto na língua portuguesa*. Lublin: Editora da Universidade Marie Curie-Skłodowska.
- HLIBOWICKA-WĘGLARZ, Barbara. 2016. "O mundo das formas. Inter-relação do tempo, do aspeto e do modo nas formas temporais do verbo português e polaco". In *Língua Portuguesa. Unidade na diversidade*. Barbara Hlibowicka-Węglarz, Justyna Wiśniewska e Edyta Jabłonka (eds.). 2016. Lublin: Editora da Universidade Marie Curie-Skłodowska. Volume I. 21-30
- HOLMES, James S. 1972/2004 "The name and nature of translation studies". In Lawrence Venuti (ed.). *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge. 170-185.
- HOLMES, James S. 1988. *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*. Amsterdam/Atlanta, GA: Editions Rodopi B. V.
- HOUSE, Juliane. 2016. *Translation as communication across languages and cultures*. New York: Routledge.
- IAVE - Instituto de Avaliação Educativa. s. d. <http://www.examesnacionais.com.pt/exames-nacionais/9ano/2016-1fase/Portugues-91-Criterios.pdf> (6-07-16).
- ILARI, Rodolfo. 2013. "O português: uma língua indo-europeia, românica e ibérica". In Raposo *et al.* 2013. *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 50-54.
- INDEX TRANSLATIONUM UNESCO
- TOP 10 Author for "original Language = pol"
- <http://www.unesco.org/xtrans/bsstatexp.aspx> (31-07-2015).
- TOP 10 - Original language

- <http://www.unesco.org/xtrans/bsstatexp.aspx> (31-07-2015).
- TOP 50 –Original languages.
- <http://www.unesco.org/xtrans/bsstatexp.aspx?crit1L=3&nTyp=min&topN=50> (31-07-2015).
- TOP 10 - Publisher in Portugal
- <http://www.unesco.org/xtrans/bsstatexp.aspx> (31-07-2015).
- JAGODZIŃSKI, Grzegorz. 2008. "Kolejność wyrazów" In *Gramatyka języka polskiego*.
<http://grzegorj.w.interiowo.pl/gram/pl/skladnia22.html> (20-08-15)
- JAKOBSON, Roman. 1959/2004. "On linguistic aspects of translation". In Lawrence Venuti (ed.). *The Translation Studies Reader*. London e New York: Routledge. 113-125
- JARNIEWICZ, Jerzy. 1999/2007. "Tytuł w przekładzie" [O título na tradução] In Edward Bałcerzan e Ewa Rajewska (eds.). *Pisarze polscy o sztuce przekładu 1440-2005* [Os escritores polacos sobre a arte da tradução 1440-2005]. Poznań: Wydawnictwo Poznańskie. 410-417.
- JAUSS, Hans Robert. 1978. *Pour une Esthetique de la Reception*. Paris: Gallimard.
- JERÓNIMO, São. 395/1995. *Carta a Pamáquio sobre os problemas da tradução*. Introdução, trad. e notas de Aires A. Nascimento. Lisboa: Edições Cosmos.
- JONES, Michelle H. 2014. *The beginnings translator's workbook or the ABCs of French to English translation*. Lanham: University Press of America.
- KAMUF, Peggy. 1991. *Signatures ou l'institution de l'auteur*. Paris: Gaillée
- KAROLAK, Stanisław. 1995. "Szyk" [A ordem]. In *Encyklopedia językoznawstwa ogólnego* [Enciclopédia de linguística geral]. Wrocław/Warszawa/Kraków: Ossolineum. 540-542.
- KLARE, Johannes. 1986. "Lexicologia e fraseologia no português moderno". In *Revista de Filologia Románica*, IV. Madrid: Editorial de la Universidade Complutense.
- KLEMENSIEWICZ, Zenon. 1985. *Historia języka polskiego I* [História da língua polaca I]. Warszawa: Państwowe Wydawnictwo Naukowe.
- KOSZTOLÁNYI, Dezső. 2016. *O tradutor cleptomaniaco e outras histórias de Kornél Esti*. Tradução de Ladislao Szabo. São Paulo: Editora 34.
- KUHIWCZAK, Piotr e LITTAU, Karin (eds). 2007. *A Companion to Translation Studies*. Clevedon/Bufalo/Toronto: Multilingual Matters Ltd.

- KWIECIŃSKI, Piotr. 2001. *Disturbing strangeness: foreignisation and domestication in translation procedures in the context of cultural asymmetry*. Toruń: Wydawnictwo Edytor.
- LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. 1980/2003. *Metaphors we live by*. London: The University of Chicago Press.
- LAMBERT, José e GORP, Hendrik van. 1985. "On describing translations". In Theo Hermans (ed.). *The manipulation of literature. Studies in literary translation*. London/ Sidney: Croom Helm. 42-53.
- LANDERS, Clifford E. 2001. *Literary Translation – A practical guide*. Clevedon/Buffalo /Toronto: Multilingual Matters LTD.
- LANGACKER, Ronald W. 1987. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. 1, *Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press.
- LARSON, Mildred L. 1984/1998. *Meaning-based translation. A Guide to Cross-Language Equivalence*. New York: University Press of America.
- LATHEY, Gillian (ed.). 2006. *The translation of children's literature. A reader (Topics in translation)*. Clevedon/Buffalo/Toronto: Multilingual Matters Limited.
- LIPIŃSKI, Mirosław. s. d. *The Stefan Grabiński website*. <http://www.stefangrabinski.org/> (25-08-15).
- LIVROS COTOVIA ou EDIÇÕES COTOVIA <http://www.livroscotovia.pt/> (15-08-15).
- LOBO, Maria. 2013. "Sujeito nulo: sintaxe e interpretação". In Raposo *et al.* 2013. *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2309-2335.
- LOPES, Alexandra. 2010. *Poéticas da Imperfeição. Autores e tradutores na primeira metade de oitocentos: Walter Scott e A. J. Ramalho e Sousa*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- LUTERO. 1530/2013. "Epístola sobre a Tradução". Trad. de Valdemar de Azevedo Ferreira. In *A scholar for all seasons. Homenagem a João de Almeida Flor*. Júlio Carlos Viana Ferreira *et al.* (eds.). Lisboa: Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa.
- MALMKAJER, Kirsten e WINDLE, Kevin (eds.). 2011. *The Oxford Handbook of Translation Studies*. Oxford: Oxford University Press.

- MARTINS, Ana Cláudia Moreira. 1915. *“entrante aa noite” O participio presente no português antigo*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- MATEUS, Maria Helena Mira, Brito, Ana Maria, Duarte, Inês, Faria, Isabel Hub, et al. 1989/2003. *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª edição, revista e aumentada). Lisboa: Editorial Caminho.
- MAURANEN, Anna. 2004. “Corpora, universals and interference”. In Anna Mauranen e P. Kujamäki (eds.). *Translation universals: Do they exist?* Amsterdam/Philadelphia. John Benjamins. 65-82.
- MeLLANGUE WP4 *Translation Error Typology* (version 01-08-2006)
http://mellange.eila.jussieu.fr/Annotation_Schemes/current_translation_error_tree_29.jpeg. (5-06-2015).
- MIEDER, Wolfgang. 2004. *Proverbs: A Handbook*. London: Greenwood Press
- MIRANDA, Carlota e PINTO, Alexandre Dias. 2009. “Traduzir em vésperas do Estado Novo: a tradução literária em Portugal entre 1930 e 1932” In Teresa Seruya, Moniz e Rosa (eds.). *Traduzir em Portugal durante o Estado Novo*. Lisboa: Universidade Católica Editora. 87-100.
- MOISÉS, Massaud. 2004. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Editora Cultrix.
- MOLINA, Lucia e ALBIR, Amparo H. 2002. “Translation Techniques Revisited: a Dynamic and Functionalist Approach”, *Meta*, XLVII, 4. 498-512.
- MOTA, Maria Antónia Coelho da. 1996. “Línguas em contacto”. In Faria et al. (org.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho. 505-533.
- MOUNIN, Georges. 1963/1998. *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris: Gallimard.
- MUNDAY, Jeremy. 2001. *Introducing Translation Studies. Theories and applications*. London/New York: Routledge.
- MUÑOZ, Julia Sevilla. 1989. *Hacia una aproximación conceptual de las paremias francesas y españolas*. Madrid : Editorial Complutense.
- MUÑOZ, Julia Sevilla e MUÑOZ, Manuel Sevilla. 2005. “La aplicación de las técnicas de la ‘traducción paremiológica’ a las parémias populares relativas al vocablo pez em espanhol, inglés y francês” In *Revista de Literaturas Populares*. V-2. 349-368.
- NECKEL, Filipe. 2012. “Breve introdução ao pensamento tradutológico de Jiří Levy”. In *Scientia Translationis*. Nº. 11.

- NEWMARK, Peter. 1981. *Approaches to translation*. Oxford: Pergamon.
- NEWMARK, Peter. 1988. *A Textbook of Translation*. New York/London: Prentice Hall.
- NIDA, Eugene A. 1964. *Toward a Science of Translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: E. J. Brill.
- NIDA, Eugene. 1964/2004. "Principles of Correspondence". In Lawrence Venuti (ed.). *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge. 126-140.
- NIDA, Eugene e TABER, Charles. 1969/2003. *The Theory and Practice of Translation*. Leiden: Brill publishers.
- NORD, Christiane. 1991. *Text Analysis in Translation. Theory, Method, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Amsterdam/Atlanta GA: Rodopi.
- NOVAIS, Noémia Malva. 2012. Entrevista a Júlio Sousa Gomes. <http://www.tsf.pt/programa/portugal-ativo/emissao/julio-sousa-gomes2849353.html> (20-08-2015).
- ORTEGA Y GASSET, José. 1937/2013 "Miseria y esplendor de la traducción". In *Scientia Traductionis*, nº. 13. Universidade Federal de Santa Catarina. 5-50. <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2013n13p5> (5-10-15).
- PALUMBO, Giuseppe. 2009. *Key terms in translation studies*. London/New York: Continuum.
- PARSONS, Talcott e SHILS, Edward A. (eds.). 1951. *Toward a General Theory of Action*. Harvard University Press.
- PASTOR, Gloria Corpas. 1996. *Manual de fraseología española*. Madrid: Gredos.
- PAZ, Octavio. 1971. *Traducción: literatura y literalidad*. Edição digital a partir de *El reverso del tapiz : Antología de textos teóricos latinoamericanos sobre la traducción literaria*, Budapest, Eötvös József, 2003, 157-166. (27-02-16). <http://www.cervantesvirtual.com/obra/traduccion-literatura-y-literalidad/>
- PEACOCK, Georges M. 2009. *Unlocking the idioms*. Utah: CFI
- PINHO, Jorge Almeida e. 2014. *A tradução para edição. Viagem ao mundo de tradutores e editores em Portugal (1974-2009)*. Porto: U. Porto

- PINILLA, José António Sabio e SÁNCHEZ, María Manuela Fernández. 1998. *O discurso sobre a tradução em Portugal. O proveito, o ensino e a crítica. Antologia (c. 1429-1818)*. Lisboa: Edições Colibri.
- PISARKOWA, Krystyna. 1994. "Szyk" [A ordem] In *Encyklopedia języka polskiego* [Enciclopédia da língua polaca]. Wrocław, Warszawa, Kraków: Ossolineum. 350-351.
- PISMO ŚWIĘTE [Sagrada Escritura]. 1995. Trad. coletiva sob os auspícios dos Beneditinos de Tyniec. Poznań/Warszawa: Wydawnictwo Pallottinum.
- PLATAFORMA DeGóis. s. d. - Isabel Ponce de Leão <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=8816943227958411> (20-08-15).
- POKORN, Nike. 2004. "Challenging the myth of native speaker competence in translation theory: the result of a questionnaire". In *Claims, Changes and Challenges in Translation Studies*. Gyde Hansen, Kirsten Malmkjær e Daniel Gile (eds.). Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- PORBASE. S. d. – Catálogo Colectivo em linha das Bibliotecas Portuguesas (BNP) <http://porbase.bnportugal.pt/> (2.05.2016)
- PRIA, Albano Dalla. 2006. "Tipologia Linguística. Línguas Analíticas e Línguas Sintéticas" in *SOLETRAS*, Ano VI, nº. 11. São Gonçalo: UERJ, jan./Jun. 2006. 113-122. http://www.filologia.org.br/soletras/11/ano6_11.pdf (29-01-15).
- PRZYSŁOWIA POLSKIE [Provérbios polacos] - <http://przyslowia.net/index.php> (10-08-2015).
- PYM, Anthony. 1991/1992. *Translation error analysis* and the interface with language teaching. In C. Dollerup e A. Loddegaard (eds.) *Teaching, translation and interpreting. Training, talent and experience. Papers from the First International Language Congress*. Elsinore, Denmark. 1991. Amsterdam: Benjamins. 279-288. http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/training/1992_error (23-11-16)
- PYM, Anthony. 1993. *Epistemological problems in translation and its teaching – seminar for thinking students*. Calaceit: Ediciones Caminade.
- PYM, Anthony. 1995. "Schleiermacher and the Problem of Blendings". In *Translation and Literature* 4/1. 5-30.
- PYM, Anthony. 1998. *Method in Translation*. Manchester: St Jerome Publishing.

- PYM, Anthony. 2008. "On Toury's laws of how translators translate". In Anthony Pym, M. Schlesinger, D. Simeoni (eds.). *Beyond Descriptive Translation Studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 311-328.
- PYM, Anthony. 2010/2013. *Teorias Contemporâneas da Tradução: uma abordagem pedagógica*. Trad. de Ana Maria Chaves, Eduarda Keating e Fernando Ferreira Alves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PYTLAK, Magdalena. 2013. *Polifoniczność w przekładzie*. Kraków: Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego.
- RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva. 2013. "Estrutura da frase". In RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. 2013. *Gramática do Português*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. 303-398.
- RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. 2013. *Gramática do Português*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian. 303-398.
- RELÓGIO D'ÁGUA. s. d. <http://www.relogiodagua.pt/a-editora1.html> (15-08-15).
- RIBEIRO, Guilherme. s. d. *Recursos estilísticos*. http://esjmlima.prof2000.pt/figuras_estilo/figuras_estilo.html (5-01-16).
- RICOEUR, Paul. 2004/2005. *Sobre tradução*. Trad. de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Cotovia.
- ROBINSON, Douglas. 2002. *Western Translation Theory from Herodotus to Nietzsche*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- RODRIGUES, Graça Almeida. 1980. *Breve História da Censura Literária em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Ministério da Educação e Ciência.
- ROSCH, Eleanor e LLOYD, Barbara B. (eds.). 1978. *Cognition and Categorization*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- RUSINEK, Michał. 2016. *Nic zwyczajnego. O Wisławie Szymborskiej*. [Nada de vulgar. Sobre Wisława Szymborska]. Kraków: Wydawnictwo Znak.
- SALDANHA, Gabriela e O'BRIEN, Sharon. 2013. *Research Methodologies in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- SANROMÁN, Álvaro Iriarte. 2000. *A unidade lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas*. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho.

- SCHÄFFNER, Christina. 2010. "Norms of translation." In Yves Gambier e Luc Van Doorslaer (eds.) *Handbook of Translation Studies*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 235-244
- SCHLEGEL, August W. de. 1818. *Observations sur la langue et la littérature provençales*. Paris: Librairie Greque-Latine-Allemande. <https://archive.org/stream/observations-sur00schlgoog#page/n8/mode/2up> (14-05-15).
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. 1813/2003. *Sobre os diferentes métodos de traduzir*. Trad. de José Miranda Justo. Porto: Porto Editora - Elementos Sudoeste.
- SÉGUINOT, Candace. 1989. "Understanding Why Translators Make Mistakes". In *TTR (Traduction, Terminologie, Rédaction)* 2 (2). 73-102.
- SERUYA, Teresa. 2005. "A tradução como espaço de interculturalidade na vida literária do Estado Novo: o caso das colecções." In *Actas do VII Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa*. Lisboa: União Latina/FCT. 35-44.
- SERUYA, Teresa. 2009. "Introdução a uma bibliografia crítica da tradução de literatura em Portugal durante o Estado Novo". In Teresa Seruya, Maria Lin e Alexandra Assis Rosa (eds.). *Traduzir em Portugal durante o Estado Novo*. Lisboa: Universidade Católica Editora. 69-86.
- SEXTANTE. s. d. <http://www.sextanteeditora.pt/a-editora/> (15-08-15).
- SIEROTWIŃSKI, Stanisław. 1986. *Słownik terminów literackich*. Wrocław: Ossolineum.
- SIERRA, Juan José Martínez. 2011. "De normas, tendencias y otras regularidades en traducción audiovisual" In *Estudios de Traducción*. Vol. 1. 151-170.
- SIERRA, Juan José Martínez. 2015. "Revisiting Toury. Translation Tendencies" In *SKASE Journal of Translation and Interpretation*. Vol. 8, nº. 1. 26-59.
- SIESICKA, Krystyna. 2003. *Słownik pisarzy polskich* [Dicionário de escritores polacos]. Kraków: Zielona Sowa.
- SILVA, Augusto Soares da. 1997. "A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística". *Revista Portuguesa de Humanidades* 1. 59-101.
- SILVA, Augusto Soares da. 2006. *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina.

- SILVA, Flávia Santos da. 2014. "As palavras e a frase: o funcionamento de fraseologismos". In *Domínios de Lingu@gem*. Vol. 8, nº. 2 (jul/dez. 2014). 25-40. <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem> (1-04-16).
- SILVA, Marcelo Lopes da. 2000. "A sintaxe e a variação". In *Recortes Linguísticos*. Lins, M. Penha P. e Silva, Alacir A. (orgs.) Vitória: Saberes Instituto de Ensino. 171-182.
- SIN-WAI, Chan e POLLARD, David E (eds.). 2001. *An encyclopaedia of translation*. Hong-Kong: The Chinese University Press.
- SNELL-HORNBY. Mary. 2006. *The Turns of Translation Studies – New paradigms or shifting viewpoint?* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- STEINER, George. 1975/2002. *Depois de Babel: aspectos da linguagem e tradução*. Trad. de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Editora Relógio d'Água.
- STRAUSS, Anselm e CORBIN, Juliet. 1998. *Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory*. London: Sage.
- SWIATKIEWICZ, Teresa Fernandes. 1998. "A alegria da criação: Wisława Szymborska". In *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Ano XVIII – nº 733. 4/17-11-1998. 28-29.
- SWIATKIEWICZ, Teresa Fernandes. 2000. *A ironia em vista com grão de areia: um estudo da poesia de Wisława Szymborska*. Tese de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras Universidade de Lisboa.
- SWIATKIEWICZ, Teresa Fernandes e BATORÉO, Hanna J. 2015. "Como traduzir a ordem das palavras na frase? – Estudo interlinguístico sobre a topicalização do complemento direto na tradução polaco-português". In *Diacrítica*. N.º 29/1. 5-26.
- SWIATKIEWICZ, Teresa Fernandes. 2016. "A missão dos poetas polacos do pós-guerra: escrever poesia depois de Auschwitz". In Fábio Mário da Silva e Beata Ciszynska (eds.). *A missão e o messianismo nos contextos eslavos e ibéricos*. Lisboa: Clepul. 209-228.
- TCHOBÁNOVA, Iovka Bijílova. 2007. "As comparações fixas na língua portuguesa: essência, estrutura, função, relações semânticas, classificação". In *XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 649-661.
- TOURY, Gideon. 1976/2004. "The Nature and Role of Norms in Translation". In *The Translation Studies Reader*. Ed. Lawrence Venuti. New York: Routledge. 198-211.

- TOURY, Gideon. 1995/2012. *Descriptive translation studies and beyond: Revised edition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- TULLI, Magdalena. 2001/2007. "Milimetr nad tekstem" [Um milímetro acima do texto]. In Edward Bałcerzan e Ewa Rajewska. (eds.). *Pisarze polscy o sztuce przekładu 1440-2005* [Os escritores polacos sobre a arte da tradução 1440-2005]. Poznan: Wydawnictwo Poznańskie. 432-433.
- VALDEZ, Susana. 2009. *O autor anónimo: a invisibilidade do tradutor no contexto português*. Tese de mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- VELUPILLAI, Viveka. 2012. *An Introduction to Linguistic Typology*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- VENUTI, Lawrence. 1995. *The Translator's Invisibility*. London: Routledge.
- VENUTI, Lawrence. 1998. "Strategies of translation". In Mona Baker e Kirsten Malmkjær (eds.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge. 240-244.
- VENUTI, Lawrence (ed.). 2004. *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge.
- VERMEER, Hans. 1987. "What Does it Mean to Translate?". *Indian Journal of Applied Linguistics*. 13-2. 25-33.
- VILELA, Mário. 2002. "As Expressões Idiomáticas na Língua e no Discurso". *Atas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, Vol. 2. Porto: Universidade do Porto
- VINAY, Jean-Paul e DARBELNET, Jean. 1958/1977. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier.
- WILLIAMS, Jenny e CHESTERMAN, Andrew. 2002/2007. *The map: A beginner's guide to doing research in Translation Studies*. Manchester: St. Jerome Publishing.
- WILSON, Edmund. 1965. *The Strange Case of Pushkin and Nabokov*. <http://www.nybooks.com/articles/archives/1965/jul/15/the-strange-case-of-pushkin-and-nabokov/> (24-09-15).
- WIŚNIEWSKA, Justyna. 2014. *As estratégias gramaticais de expressão da iteratividade em português*. Lublin: Editora da Universidade Marie Curie-Skłodowska.

- WIŚNIEWSKA, Justyna. 2016. *Tempos do pretérito – erros dos aprendentes polacos na aprendizagem do Português Língua Estrangeira*. In *Língua Portuguesa. Unidade na diversidade*. Barbara Hlibowicka-Węglarz, Justyna Wiśniewska e Edyta Jabłonka (eds.). Lublin: Editora da Universidade Marie Curie-Skłodowska. Volume II. 263-276.
- ZULUAGA, Alberto. 1980. *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt: Peter D. Lang.
- ZULUAGA, Alberto. 1999. “Traductología y Fraseología”. In *Paremia*. Madrid. 537-549.

5. Dicionários unilingues e bilingues de português e polaco, dicionários terminológicos e enciclopédias com respetivas siglas

Dicionário de sinónimos. 1995. Porto: Porto Editora. **DS**

Dicionário de termos linguísticos. www.portaldalinguaportuguesa.org (2014-2016). **DTL**

Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. 2002. Antônio Geraldo da Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. **DENFLP**

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 2003. Lisboa: Temas e Debates. **DHLP**

Dicionário Polaco-Português, Português-Polaco. 2002. Cezary Długosz. Porto: Porto Editora. **DPL-PT**

Dicionário Terminológico. <http://dt.dgicd.min-edu.pt/> (2014-2016). **DT**

E-Dicionário de Termos Literários. Carlos Ceia (org.) <http://www.edtl.com.pt> (2014- 2016). **EDTL**

Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo-Americana. 1992. Espasa-Calpe S.A.: Madrid – Barcelona. T. II. 155-6. *Provérbios*. **EUIE-A**

Grande Dicionário da Língua Portuguesa. 1981. José Pedro Machado (org.). Lisboa: Amigos do Livro Editores. **GDLP**

Słownik frazeologiczny języka polskiego [Dicionário fraseológico da língua polaca]. 2002. Stanisław Skorupka (ed.). Warszawa: Wiedza Powszechna. **SFJP**

Słownik frazeologiczny języka polskiego [Dicionário fraseológico da língua polaca]. Ściaga.pl. [http://sciaga.pl/slowniki-tematyczne/12736/frazeologiczne-zwiazki/\(14-05-2015\)](http://sciaga.pl/slowniki-tematyczne/12736/frazeologiczne-zwiazki/(14-05-2015)). **SFLP- Ściaga.pl**.

Słownik języka polskiego [Dicionário da língua polaca]. 1982. Mieczysław Szymczak (ed.)
Warszawa: PWN. 3 v. **SJP**

Słownik polsko-portugalski [Dicionário polaco-português]. Antoni Śliwiński e Leokadia
Tyszkiewicz-Śliwińska. 1983. Warszawa: Wiedza Powszechna. **SPL-PT**

Słownik wyrazów bliskoznaczących [Dicionário de palavras sinónimas]. 1971. Stanisław
Skorupka (ed.). Warszawa: Wiedza Powszechna. **SWB**

Słownik wyrazów obcych [Dicionário de palavras estrangeiras]. 1971. Jan Tokarski (ed.).
Warszawa: Państwowe Wydawnictwo Naukowe. **SWO**

Wielki słownik wyrazów obcych [Grande dicionário de palavras estrangeiras]. PWN.
<http://sjp.pwn.pl/slowniki/Wielki-s%C5%82ownik-wyraz%C3%B3w-obcych-PWN.html>
(15-07-16). **WSWO**